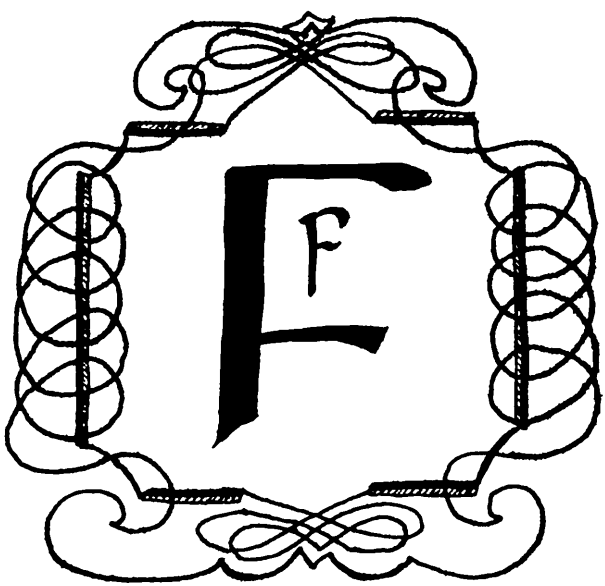
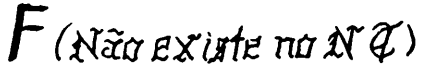


1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C.	grego ocidental, 800 A.C.	latino, 50 D.C.
		

2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



3. Formas Modernas

F *F* f *f* F F f f F *F* f *f* *F f*

4. História

F é a sexta letra do alfabeto português. Historicamente, deriva-se da letra semítica *waw*, «gancho». As modernas letras F, U, V, Y e W derivam-se dessa antiga letra semítica. Os gregos modificaram-na para a sua letra *dígamma*, que numeralmente representava o número «6». Essa letra assemelhava-se ao «F» moderno, mas soava como o «W». Esse fonema, «w» desapareceu do idioma grego, como também sua representação simbólica, o *dígamma*. No latim, o *dígamma* tinha o valor de F, de onde passou para muitos idiomas modernos.

5. Usos e Símbolos

F é a quarta nota musical, também chamada **fá** na escala do Dó. Essa letra representa *Fahrenheit*, uma das escalas de temperatura; e também é símbolo de *fêmea* e de *forte* (na música). *F* simboliza o *Codex Boreelianus*, descrito em um artigo separado *F*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin

F (CODEX BOREELIANUS)

Esse é um manuscrito do grupo da Família E. Tem estado na biblioteca da Universidade de Utrecht desde 1830. Seu nome deriva-se de Johannes Boreel, um embaixador holandês que servia na corte de Tiago I, da Inglaterra. O manuscrito contém os quatro evangelhos, com algumas lacunas. Representa um antigo estágio do tipo de texto bizantino comum e provém do século IX D.C. Publiquei um livro sobre esse manuscrito e seus aliados, chamado, *Family E and Its Allies in Matthew* (Studies and Documents, Salt Lake City, Utah, 1966). Meu amigo e colega, o Dr. Jacob Geerlings, publicou estudos desses mesmos manuscritos, quanto aos evangelhos de Marcos, Lucas e João. Publicações como essas ilustram a história da transmissão do texto e demonstram como o mesmo foi fundido, até que se chegou ao Textus Receptus, uma versão posterior do tipo de texto bizantino. Ver o artigo geral sobre *Manuscritos do Novo Testamento*.

F(p)

Esse manuscrito, também identificado como F(2), intitulado *Codex Augiensis*, é um manuscrito do século IX, das epístolas paulinas. Contém escrita em duas colunas, uma dando o texto grego e a outra o texto latino, mas a epístola aos Hebreus tem somente o texto em latim. O manuscrito já pertenceu ao mosteiro de Reichenau, perto de Constança, que atualmente é conhecido por Augia Maior, o que explica o seu nome. Acha-se agora na biblioteca do Trinity College, em Cambridge, na Inglaterra. F.H.A. Scrivener publicou esse texto em 1859. Os estudos demonstram que o manuscrito pertence ao grupo ocidental de manuscritos. Ver o artigo geral sobre *Manuscritos do Novo Testamento*.

FABER, JACOBUS

Foi um humanista francês e reformador calvinista, que fez notáveis estudos bíblicos. Porém, tornou-se melhor conhecido por sua tradução do Novo Testamento para o francês. Sua tradução tornou-se a base de todas as traduções subseqüentes do Novo Testamento para aquele idioma.

FABRICANTE DE ÍDOLOS

Ver o artigo geral sobre a **Idolatria**. A idolatria sempre constituiu um bom negócio, uma boa fonte de renda, na antiguidade e nos tempos modernos. Isso pode ser facilmente comprovado pelo grande número de santuários, grutas e cidades santas que existem. A fabricação de ídolos tornou-se uma arte tão especializada que foram necessários artífices profissionais para fazê-los. Os homens primitivos satisfaziam-se com uma pedra com algumas poucas marcas, ou com alguma imagem crua de madeira. No entanto, os artífices começaram a fabricar ídolos de madeira, de pedra, de metal e até de pedras preciosas. Ídolos em miniatura, com a forma de amuletos, escaravelhos e jóias exigiam considerável habilidade em sua fabricação. Os ídolos de prata ou de ouro geralmente eram fundidos ocos, porquanto um ídolo sólido ficava caríssimo, quando feito desses metais preciosos. No entanto, os indivíduos abastados e muitos templos pagãos tinham seus ídolos feitos de ouro ou de prata sólidos. — Outras vezes, um revestimento de metal precioso recobria um cerne feito de chumbo. A prata e o ouro também eram batidos até formar folhas finas, que então recobriam formas feitas de madeira, de pedra ou de metais menos dispendiosos (ver Isa. 30:22). Os ídolos eram decorados com pedras preciosas e com cadeias decorativas (Isa. 40:19). Nas residências antigas havia deuses da família, com freqüência feitos de cerâmica, moldados à mão e decorados como se fossem figurinhas de Baal ou de outras divindades, espíritos, seres animalescos ou parecidos com homens. Os arqueólogos têm encontrado muitas dessas figurinhas em Gaal, na Síria. As mais impressionantes dentre elas consistiam em algum metal de valor inferior, recoberto com folhas de ouro. O trecho de Isaías 44:13 fornece-nos alguma idéia sobre a fabricação de ídolos de madeira. O versículo subseqüente revela-nos como a madeira das árvores era usada nessa técnica, envolvendo, especialmente, o cedro, o olmeiro e o carvalho, as madeiras mais nobres. Sabemos que as diversas divindades tinham suas árvores sagradas especiais.

Os homens sempre se sentiram fascinados pelos animais, atribuindo aos mesmos certas qualidades divinas. Assim, temos a imagem do bezerro (de ouro, no caso que envolveu Aarão, Êxo. 32:2-4), e que Jeroboão duplicou em seus bezerros de ouro, postos em Betel e em Dã (I Reis 12:28,29).

Alguns intérpretes têm ficado desolados diante do fato de que a Bíblia menciona os ídolos que pareciam tão importantes para *Raquel* (Gên. 31:19,34,35). Paulo provocou tremendo levante em Éfeso, quando ameaçou o lucro dos ourives, que fabricavam pequenos nichos da deusa Diana. Colhe-se a impressão de que aqueles ourives estavam muito mais interessados em não perder sua fonte de renda do que na honra de sua deusa. Ver Atos 19:23 *ss*. Um dos piores escândalos da cristandade tem sido a manufatura, o comércio e a veneração prestada a ídolos de santos. Respeitando devidamente o bem que tais pessoas têm feito em outros aspectos de suas atividades, o comércio com os ídolos constitui uma corrupção quase inacreditável, que continua sendo promovido por pessoas que deveriam saber e agir muito melhor do que o fazem. A idolatria é demonstração de que o indivíduo se afastou de Deus, no seu próprio coração. «...andavam transviados, desviados de mim, para irem atrás dos seus ídolos...» (Eze. 44:10).

FABRICANTE DE TENDAS

Atos 18:3: *e, por ser do mesmo ofício, com eles morava, e juntos trabalhavam; pois eram, por ofício, fabricantes de tendas.*

As palavras «*...eram do mesmo ofício...*» mostram-nos que Paulo, Áquila e Priscila se aliaram, não porque fossem todos judeus de raça, o que já lhes dava um laço comum, e nem porque fossem todos eles cristãos, mas especialmente porque, entre os judeus, pessoas de uma mesma profissão, aparentemente, se reuniam e viviam juntos, até mesmo em territórios judaicos. Quanto a essa particularidade Edersheim, em sua obra *Jewish Social Life*, nos brinda com o seguinte comentário: «As guildas judaicas sempre se mantinham unidas, sem importar se o faziam nas ruas ou nas sinagogas. Em Alexandria, os indivíduos de diferentes negócios se assentavam nas sinagogas arranjados em guildas; e assim o apóstolo Paulo não deve ter tido qualquer dificuldade em encontrar-se, no bazar de seu negócio, com Áquila e Priscila, que eram da mesma formação que ele».

As profissões se revestiam de extraordinária importância na cultura judaica. Todos tinham de aprender alguma profissão. «Já que aos rabinos judaicos era vedado possuir terras como sua propriedade, era comum a prática, entre eles, de ensinar alguma profissão aos seus filhos. 'O que se ordena a um pai no tocante a seu filho?' pergunta um escritor talmúdico. 'Circuncidá-lo, ensinar-lhe a lei e ensinar-lhe uma profissão'. Diz o rabino Judá: 'Aquele que não ensina ao seu filho uma profissão, é a mesma coisa que se lhe ensinasse a ser ladrão'. E o rabino Gamaliel declara: 'Aquele que conhece uma profissão, a que se assemelha? Assemelha-se a uma vinha cercada com uma sebe'». (*Conybeare and Howson*, i. pág. 58).

Tal costume, pois, prevalecia na sociedade judaica daquela época. Assim é que o grande rabino, Hilel, era um madeireiro, enquanto que o seu, não menos famoso rival, Shammai, era carpinteiro. Algo um tanto similar sucedia a todos os personagens bem conhecidos do judaísmo antigo.

Em seu ministério de evangelização, Paulo costumava sustentar-se *pessoalmente*. Existem mesmo referências neotestamentárias que nos dão substancialmente a idéia de que isso era um costume seu, e não meramente algo que ele praticava apenas em certas ocasiões (ver Atos 20:34). Além disso, em I Cor. 9:12 e *s*, vemos que ele trabalhou em Éfeso; em II Cor. 7:2 lemos que trabalhou em Corinto; e em I Tes. 2:9 e II Tes. 2:8 percebemos que ele também trabalhou em Tessalônica. A passagem de I Cor. 9:12 e *s*, demonstra que Paulo considerava que o costume judaico, que foi incorporado ao cristianismo, de receberem os ministros ajuda econômica da parte daqueles para quem ministravam, — era uma norma legítima e correta aos olhos de Deus, e até mesmo recomendada nas Escrituras, desde os tempos do A.T. No entanto, Paulo geralmente não aceitava ofertas em dinheiro enviadas pelas igrejas cristãs, e muito menos ainda as exigia (ainda que algumas ofertas voluntárias lhe tivessem sido enviadas pelos crentes de *Filipos*), porquanto ele queria que as igrejas locais funcionassem livres de quaisquer responsabilidades, em seu caso pessoal, a fim de que também pudessem servir desembaraçadamente.

O mesmo trecho de I Cor. 9:12 e *s* parece indicar que o apóstolo Paulo assim agia em parte para não ter de prestar contas a quem quer que fosse, mas tão somente a Deus. Ora, as obrigações financeiras sempre serão forças poderosas. Queria ele ser um liberto de Deus, não tendo de dar contas senão somente a Cristo. (Ver I Tes. 2:9, que expressa esse mesmo sentimento de Paulo). É provável que um fator psicológico por detrás de tudo isso fosse o pensamento sempre presente, na mente de Paulo, acerca de como ele perseguira à igreja de Deus. Fora conduzido aos pés de Cristo pela pura e imerecida graça divina, e resolveu que tudo quanto porventura viesse a fazer pelos crentes seria inteiramente gratuito, tal como ele mesmo fora gratuitamente perdoado. Além disso, Paulo também era impelido por forte senso de *orgulho pessoal*, ainda que não da qualidade negativa, o que o obrigava a não ter de depender de quem quer que fosse quanto ao seu sustento. Por isso é que tudo quanto fazia em prol de Cristo, na forma de serviço prestado aos seus seguidores ou na forma de novos convertidos ganhos para o Senhor, ele fazia motivado por puro amor a Deus, de tal modo que jamais alguém suspeitasse que ele trabalhava meramente a fim de receber auxílio pecuniário das igrejas, podendo viver assim facilmente, conforme é costume entre os falsos pastores. (Ver I Cor. 9:15, e a totalidade desse nono capítulo, a começar pelo sexto versículo, que contém essas diversas inferências).

Qual teria sido a profissão do apóstolo Paulo? Entre os estudiosos não há concórdia geral a respeito dessa particularidade, porquanto o vocábulo grego usado para traduzir *fabricante de tendas*, também podia significar outras coisas. Abaixo encontramos uma lista das idéias que têm sido expostas:

1. Um pendurador de cortinas, conforme eram usadas nos teatros e nos edifícios públicos. No grego clássico, —o vocábulo em apreço tem sido encontrado com esse significado.

2. Uma espécie de **fabricante de guarda-chuvas.**

3. Um *pintor de paisagens*, embora essa idéia mui provavelmente se tenha originado da confusão entre essa palavra grega e outra que lhe é similar.

4. Um fabricante de *tendas*. O material usado podia ser ou pêlo de cabras tecido, com o que comumente se fabricavam tendas, ou podia ser usado um material heterogêneo, composto de peles de diversos animais, costuradas umas com as outras. Diversos tipos de tendas eram assim fabricados, incluindo pequenas tendas portáteis, usadas pelos viajantes e pelos militares. O pano de pêlo de cabras era um importante produto de exportação da província nativa de Paulo, a Cilícia; e isso poderia dar algum apoio à interpretação sobre o seu ofício. Políbio (6,28,3; 14,1,15) apresenta esse uso da palavra em foco, isto é, fabricante de tendas. Vincent (*in loc.*) diz-nos que esse ofício não era altamente considerado, e que era mal remunerado. Sem dúvida alguma, se fosse essa, realmente, a profissão de Paulo, ele deve tê-la aprendido com seu pai, de conformidade com o costume judaico dos pais ensinarem a seus filhos o seu próprio ofício.

5. Outros eruditos, entretanto, insistem que o vocábulo aqui envolvido significa mais um *trabalhador em couros*, o que parece ser a indicação da tradução siríaca com base no texto grego. Pelo menos não há dúvidas de que o vocábulo grego em apreço pode significar isso.

Nossa escolha recai entre a quarta e a quinta possibilidades. A idéia mais aceita, tradicionalmente, é que Paulo era um fabricante de *tendas*, embora não haja qualquer prova conclusiva sobre a questão.

Quão honroso é que os ministros da Palavra de Deus trabalhem para o seu sustento próprio!

«É óbvio que, naquela época, não era reputado um opróbrio a um homem aliar o ensino público a uma profissão honesta e útil. E por que motivo assim se imaginaria hoje em dia? Um homem que adquiriu perfeito conhecimento do caminho evangélico da salvação, não poderia explicar esse caminho a seus semelhantes menos bem informados, embora seja ele um fabricante de tendas... ou um sapateiro, ou outra coisa parecida? Até mesmo muitos daqueles que consideram um pecado cardeal a um mecânico pregar o evangelho, costumam prover para si mesmos e seus familiares do mesmo modo. Quantos e quantos elementos do clero, além de outros ministros do evangelho, são fazendeiros, criadores, mestres escolas...e *sócios* de diferentes profissões e atividades comerciais! Um fabricante de tendas, dentro de seu mister, é tão útil como qualquer um dos outros profissionais. Não se deve ridicularizar de um mecânico porque ele prega o evangelho da salvação aos seus semelhantes, a fim de que alguém não venha a dizer, numa linguagem que certos intelectuais jactam-se de haver aprendido, mas que um mecânico não aprendeu: '*Mutato nomine, de te fabula narratur*'». (Adam Clarke, *in loc.*). Essa citação latina

significa, mais ou menos, o seguinte: «Mediante uma mudança de nome, uma história te é narrada», com o que esse autor evidentemente deseja dizer que as palavras pesadas que um intelectual pode proferir contra um mecânico que prega o evangelho, com a mesma razão poderiam ser ditas a esse intelectual, simplesmente pondo o seu nome em lugar do acusado por ele.

O valor físico, e mesmo braçal, tem grande valor. Isso é reconhecido até mesmo por muitíssimos eruditos, conforme se depreende da seguinte citação de Theodore P. Ferris (*in loc.*): «De acordo com o registro do Livro de Atos, Paulo foi um operário na cidade de Corinto, antes de ter sido um evangelista. Seria extremamente difícil calcular o número de tantos outros líderes religiosos que têm encontrado recreação no labor físico; e quão bem-aventurados se têm sentido ao poderem trabalhar na companhia de pessoas que se mostram simpáticas e acolhedoras. Para a maioria das pessoas, a vida diária seria intolerável à parte de suas íntimas associações humanas. Essas associações aquecem um indivíduo, tal como uma lareira acesa aquece uma casa».

FABRICANTE DE TIJOLOS

Ver o artigo detalhado sobre **Tijolos**. Este artigo descreve diversos métodos empregados pelos povos antigos na fabricação dos tijolos. *Construir* com tijolos representa, metaforicamente, as realizações de uma pessoa. O artigo mencionado comenta sobre isto também.

FÁBULA Ver também, Fábulas.

No grego, **mûthos**, palavra que ocorre por cinco vezes: I Tim. 1:4; 4:7; II Tim. 4:4; Tito 1:14; II Ped. 1:16. O vocábulo pode indicar um gênero literário que envolve alguma história curta, usualmente com elementos impossíveis, como animais que falam, ou coisas inanimadas que adquirem vida, ensinando alguma lição moral ou alguma verdade espiritual. Espécimes desse tipo de gênero literário têm sido encontrados em várias culturas antigas, como na suméria e na acadiana. Também podemos distinguir a fábula da parábola. Primeiramente, pelo modo de apresentação; pois a parábola, apesar de também ser fictícia, não contém elementos impossíveis como no caso de uma fábula. Além disso, as fábulas procuram ensinar, principalmente, alguma virtude moral, como a indústria, a previsão, a prudência, a sabedoria, a castidade, a perseverança, etc., ao passo que a parábola, embora também envolva todas essas coisas, adiciona sempre alguma verdade espiritual. Todavia, esse ponto não é uma característica absoluta, em qualquer sentido. No Antigo Testamento encontramos somente uma fábula — Juízes 9:8-15 — onde as árvores dialogam umas com as outras. É feito o convite a várias árvores, para aceitarem a liderança entre as espécies vegetais, mas todas se recusam, e o importante cargo teve de ser ocupado por um espinheiro indigno. O ponto da fábula é que Jotão estava repreendendo o povo por haver escolhido como líder um indivíduo indigno, como era seu irmão, Abimeleque, depois de ter assassinado setenta dos filhos de Gideão e de ter-se mostrado um administrador incapaz.

Em II Reis 14:9 existe uma metáfora fabulosa. Amazias, rei de Judá, desafiou Jeoás, rei de Israel, a um combate. Jeoás respondeu comparando isso a um cardo que queria enfrentar um cedro do Líbano, pedindo-lhe que lhe desse a sua filha em casamento; mas, naquele instante, uma fera do Líbano passou e esmigalhou o cardo. Amazias não ficou impressionado diante da fábula e entrou em combate de qualquer modo, mas foi terrivelmente derrotado.

No Novo Testamento, em algumas traduções (como a nossa versão portuguesa) é usada a palavra «fábula», em II Ped. 1:16, para indicar as invenções e falsidades da doutrina gnóstica. Essas fábulas diziam respeito, principalmente, às supostas emanações e ordens dos *aeons* (seres angelicais), aos espíritos do ar e a outros mitos similares, tão típicos do gnosticismo. Ver também as outras referências neotestamentárias onde aparece o termo grego (ver acima), quanto a outros dados sobre essas questões. Essas idéias são chamadas por Paulo de «fábulas profanas e de velhinhas caducas» (I Tim. 4:7). E Pedro diz que são «fábulas engenhosamente inventadas» (II Ped. 1:16). Talvez possamos incluir, dentro dessa classificação, as histórias fantasiosas que podem ser encontradas em alguns livros apócrifos do Novo Testamento, produções dos gnósticos.

Antes da produção do Novo Testamento, encontramos o mesmo tipo de atividade nos apocalipses judaicos, como no *haggada* (parábolas e anedotas) do Talmude. Tito 1:14 diz «fábulas judaicas». Podemos supor que certos teosofistas judeus estavam envolvidos no movimento gnóstico, ou que indivíduos isolados ou grupos estavam associados entre si, chamando-se de «gnósticos». Podemos nomear especificamente o *Livro dos Jubileus* e as *Antiguidades Bíblicas* (de Filo), como obras literárias judaicas que contêm fábulas. É possível que a alusão a Janes e a Jambres, em II Tim. 3:8, aponte para as lendas do *haggada*.

Paulo não nos advertia no sentido que não devíamos tomar conhecimento de ilustrações tipo «fábula» e seu uso em lições e sermões. Antes, ele se preocupava com as doutrinas que se derivam desse tipo de atividade, fomentada por grupos que se opunham ao evangelho cristão e ao cristianismo primitivo.

FÁBULAS Ver também, Fábula

Fábulas. No grego temos **mûthos**, que significa «mito», «fábula». Essa palavra ocorre nas «epístolas pastorais». Ver I Tim. 1:4; 4:7; II Tim. 4:4 e Tito 1:14. No resto do N.T., aparece apenas em II Ped. 1:16. Na Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã) aparece em Sabedoria de Salomão 17:4 e em Eclesiástico 20:19, sempre nos livros apócrifos. Deve-se observar que, no trecho de Tito 1:14, a alusão é às «fábulas judaicas». Mas essa referência, sem qualquer qualificativo, é incerta. Provavelmente Paulo se referia a histórias fabricadas, supostamente dotadas de valor religioso e espiritual, baseadas em heróis judeus da fé, como Abraão e os outros patriarcas da narrativa do A.T. Esse tipo de atividade era bastante evidente nas várias tradições, proeminente nos «apocalipses judaicos». O *haggada* (parábolas e anedotas) do Talmude também ilustram as histórias «inventadas», cujo desígnio era servir de instrução religiosa. O livro dos Jubileus, que procura reescrever a história primitiva do ponto de vista da lei, fazendo com que ela já fosse conhecida e praticada até mesmo entre os anjos, e então desde o começo mesmo do livro de Gênesis, fornece várias narrativas míticas. O livro das Antiguidades *Bíblicas* (atribuído a Filo), uma crônica lendária da história do A.T., desde Adão até Saul, datado do primeiro século da era cristã, também encerra tais fábulas. A alusão a *Janes e Jambres*, em II Tim. 3:8, mui provavelmente é derivada dessas «haggada» lendárias.

Outros eruditos têm pensado que os mitos «gnósticos», concernentes à natureza e à atividade dos «aeons» angelicais é que são aludidos em I Tim. 1:4, ou ainda outras narrativas lendárias de origem pagã. É perfeitamente possível que tanto os mitos «pagãos» como os mitos «judaicos» sejam aludidos em I Tim. 1:4, sem que um exclua o outro. É provável que Filo tenha descrito corretamente essa espécie de atividade, de que tanto os mestres gnósticos gostavam, no tocante a essas fábulas, embora não tenha ele escrito diretamente a respeito deles. (Ver *De Vit.* Contempt. § 3), que diz: «Eles lêem as Escrituras e explicam a filosofia de seus pais de maneira alegórica, considerando as palavras escritas como símbolos da verdade oculta que é transmitida através de figuras simbólicas obscuras». É também possível que, nesse ensinamento «mítico» dos gnósticos houvesse interpretações alegóricas do A.T., além de uma imensa mistura de narrativas puramente inventadas e imaginárias, de vinculação com certos episódios do A.T. e com conceitos pagãos.

FACA

Quatro palavras hebraicas estão envolvidas nesse verbete, a saber:

1. *Maakeleth*, «faca de mesa». Embora na antiguidade não houvesse talheres, conforme hoje os conhecemos, podemos traduzir esse tipo de faca assim, porquanto era usado para cortar alimentos. Essa palavra é usada por quatro vezes: Gên. 22:6,10; Juí. 19:29; Pro. 30:14.

2. *Chereb*, «espada», «adaga». Termo hebraico muito comum, usado por mais de quatrocentas e dez vezes, como, por exemplo: Jos. 5:2,3; I Reis 18:28; Eze. 5:1,2; Juí. 3:16,21,22.

3. *Sakkin*, «lanceta». Palavra usada apenas por uma vez, em Pro. 23:2.

4. *Machalap*, «faca». Palavra hebraica usada apenas por uma vez, em Esd. 1:9.

Variedade de Facas. Os arqueólogos têm encontrado uma variedade quase interminável de facas, feitas de muitos materiais, em muitos formatos e dimensões. As mais antigas facas que têm sido encontradas vêm do Egito, feitas de pedra. Facas de cobre, de bronze e de ferro vieram mais tarde. Heródoto (ii.86) menciona facas de pedra e de ferro, o que parece sugerir que assim que o homem aprendeu a trabalhar com metais, as facas de pedra, mais antigas, foram abandonadas, mas não imediatamente. Certas lascas de pederneira podiam transformar-se em facas afiadíssimas (Jos. 4:2), embora não fossem tão duráveis quanto as de metal. Algumas antigas facas de metal eram inscritas e decoradas. Em Laquis foi encontrada uma antiga faca dos hicsos, decorada. Vários formatos de adagas hititas têm sido encontrados em Bete-Seã, de cerca de 1470 A.C. Algumas vezes, as facas tinham cabos de marfim ou cravejadas de jóias. No Antigo Testamento, as facas de pederneira estavam ligadas aos rituais, como o da circuncisão (Êxo. 4:25; Jos. 5:2,3). Alguns intérpretes supõem que uma vez que os metais começaram a ser usados, as facas mais antigas, de pederneira (descobertas até bem dentro da era do bronze) continuaram sendo usadas para propósitos rituais, religiosos.

A maioria das facas que têm sido descobertas são adagas, usualmente com lâminas retas, com até 25 cm de comprimento. Algumas facas, entretanto, têm lâminas curvas, e são maiores do que as facas retas. A alusão à automutilação dos sacerdotes de Baal (I Reis 18:28) quase certamente diz respeito a adagas curtas. As traduções geralmente fazem confusão entre as facas e as espadas. Provavelmente foi uma espada curta, usada para cortar alimentos, que Abraão esteve a pique de usar para sacrificar a Isaque (Gên. 22:6,10). Algumas facas tinham um único fio cortante, mas outras tinham dois fios. As podadeiras provavelmente eram facas curvas (Isa. 18:5).

Usos. Os judeus, tal como outros povos orientais, tinham facas de mesa para cortar carnes. O pão, entretanto, era partido em pedaços, com as mãos. Para a operação da circuncisão era usada uma faca (Jos. 5:2,3; Êxo. 4:25). Quando embalsamavam um cadáver, os egípcios usavam uma faca de pederneira, para fazer incisões (Heródoto ii.86). Os escribas hebreus afiavam o estilo de escrever com uma pequena faca, ou canivete (Jer. 36:23; no hebraico, *taar sopher*). Herodes, o Grande, costumava usar uma faca para cortar frutas, e tentou suicidar-se com a mesma, segundo Josefo (*Anti.* 17:7,1). A faca servia para cortar alimentos — como também era um instrumento para abater e tirar a pele dos animais. Pequenas facas eram usadas como navalhas (Núm. 6:5; Eze. 5:1). As podadeiras de Isaías 18:5 e Joel 3:10 provavelmente eram facas longas e curvas. Além disso, não nos esqueçamos da guerra, quando a faca era o instrumento mais universalmente usado para matar os inimigos. Homero falou sobre a falta de misericórdia do bronze. Ver o artigo geral sobre *Armas, Armadura.*

Usos Figurados. A faca é um excelente símbolo para indicar a violência e a matança. Em Provérbios 30:14, simboliza a atitude ávida, gananciosa. Se você é um glutão, então o trecho de Provérbios 23:2 recomenda que você ponha uma faca na garganta, para que deixe de comer tanto. Nesse simbolismo, a faca representa uma ameaça à vida e um fator restringidor de atos indesejáveis. Os sonhos e as visões apresentam facas para simbolizar coisas brilhantes, agudas e perfurantes, que podem incluir as qualidades de uma *mente arguta.* Duas facas juntas podem representar o desejo que alguém morra, ou então a tentativa suicida de livrar-se de alguma situação aflitiva em extremo. Nesse caso, uma faca apontará para aquele que causa a aflição, e a outra para a pessoa que está sendo afligida. Freud opinava que qualquer instrumento aguçado ou pontudo, que apareça em um sonho, pode simbolizar o pênis, servindo de símbolo erótico. Entretanto, Freud limitou em demasia todos os impulsos humanos aos impulsos eróticos.

FACÇÕES NA IGREJA

I Cor. 3:22: seja Paulo, ou Apolo, ou Cefas; seja o mundo, ou a vida, ou a morte; sejam as coisas presentes, ou as vindouras, tudo é vosso.

Com a presente lista das coisas que nos pertencem, podemos comparar a lista das coisas que não nos podem separar de Cristo, conforme se lê em Rom. 8:38,39. Existem diversas duplicações. O apóstolo dos gentios não tenta apresentar-nos uma lista completa das bênçãos que possuímos em Cristo Jesus, mas antes, emprega alguns termos bem amplos, que têm por intuito ser todo-inclusivos, visto que ninguém pode fazer uma estimativa dos tesouros que temos em Cristo, como também ninguém pode fazer uma descrição exata sobre os mesmos.

«Paulo, Apolo, Cefas». Esses eram os mestres cristãos que haviam sido escolhidos como «heróis» pelas diversas facções existentes na igreja cristã de Corinto. No entanto, esses mestres eram presentes de

Deus para aquela comunidade cristã (ver Efé. 4:7 e *ss*). A igreja de Cristo não pertencia a eles, mas, pelo contrário, pertencia a Cristo. Gloriar-se um crente ou um grupo de crentes em um mero homem qualquer é dar a entender que esse homem é o grande benfeitor, a origem da vida eterna e do bem-estar espiritual. No entanto, nenhum daqueles três líderes mencionados apresentara jamais qualquer reivindicação de representar tal coisa para a igreja cristã. Eles mesmos eram inquiridores, como o são todos os demais crentes, sendo instrumentos na mão de Deus, que o Senhor utilizava para que se concretizassem os alvos da vida cristã. Deveriam ser seguidos somente naquilo em que também estivessem seguindo a Jesus Cristo, encaminhando os crentes para os pés do Senhor,—em vez de serem glorificados como se fossem o alvo na direção do qual devem avançar os remidos.

«Os crentes de Corinto vinham afirmando a sua lealdade aos homens. Essa atitude deveria ser revertida. Os mestres pertenciam a eles, e não eles aos mestres. Portanto, não havia necessidade de se limitarem a um só mestre. A comunidade cristã precisava tirar proveito de tudo quanto eles tivessem para contribuir. Se o apóstolo Paulo tivesse podido olhar para os séculos vindouros, como não teria ampliado aquela lista, condenando àqueles que agora dizem: 'Eu pertenço a Lutero, ou a Calvino, ou a Wesley, ou a Campbell, ou a algum outro grande servo da igreja de Cristo... *'tudo é vosso'*. Mas Paulo não incluiu qualquer figura fora do grupo apostólico, como Sócrates, Platão, Aristóteles ou Psidônio. Teria sido um lapso seu, ou agiu assim propositadamente? Seria isso evidência da ignorância, da estreiteza de Paulo, ou seria a sua concentração para com os crentes, a todo o tempo, conforme devem ser as coisas?» (C.T. Craig, *in loc.*).

FACE

Esboço:

1. Termos Originais
2. Usos Literais
3. Usos Metafóricos

1. Termos Originais

As palavras hebraicas traduzidas na Bíblia por «face» falam sobre o próprio rosto, sobre o nariz, sobre os olhos e sobre o aspecto geral da fisionomia. A principal dessas palavras é *panim*, usada por mais de quinhentas vezes, com os mais variados sentidos, como «face», «ira», «frente», «pessoa», «presença», «vista», etc. Quanto ao sentido de «face», ver por exemplo, Gên. 1:2,29; 2:6; 4:14; 6:1; 9:23; 16:8; 17:3,17; Êxo. 2:15; 10:28,29; Lev. 9:24; Núm. 6:25; Deu. 1:17; Jos. 5:14; Juí. 6:22; Rute 2:10; I Sam. 5:3,4; II Sam. 22:22; I Reis 8:14; II Reis 4:29,31; I Crô. 12:8; II Crô. 25:17,21; Esd. 9:6,7; Est. 7:8; Jó 1:11; Sal. 5:8; Pro. 7:15; Ecl. 8:1; Isa. 6:2; Jer. 1:8; Lam. 2:19; Eze. 1:6,8; Dan. 1:10; Osé. 5:5,15; Joel 2:6,20; Amós 5:8; Miq. 3:4, Naum 2:10,11; Hab. 1:9.

As palavras gregas são duas: *a. Ópsis*, «aspecto», «face», usada por três vezes: João 7:24; 11:44 e Apo. 1:16. *b. Prósopon*, «rosto», «face», usada por setenta e quatro vezes, desde Mat. 6:16,17 até Apo. 22:4.

2. Usos Literais

O rosto das pessoas é freqüentemente mencionado de modo literal, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 3:19 e Tiago 1:23. Mas também há alusão à face dos rebanhos (embora isso não transpareça em nossa versão portuguesa); à face dos seres angelicais, os serafins (Isa. 6:2) e à face das criaturas vivas, que estavam em redor do trono de Deus (Apo. 4:7). Todavia, devemos atentar ao fato de que as alusões à face de Deus são expressões antropomórficas, representando, usualmente, a sua presença. Ver Núm. 6:25. Quanto a isso, ver o terceiro ponto, abaixo.

3. Usos Metafóricos

a. **As alusões à face de Deus são antropomórficas e metafóricas.** A expressão indica a presença de Deus, ou alguma manifestação divina, possivelmente por meio de uma *teofania*. Era doutrina comum, entre os judeus, que ninguém podia ver a face de Deus e continuar vivo (Gên. 32:30). Contudo, nessa mesma referência, percebe-se que Jacó viu a face de Deus e sobreviveu. O trecho de João 1:18 assevera enfaticamente que ninguém jamais viu a Deus. Na passagem altamente antropomórfica de Êxo. 33:22 *ss*, temos uma manifestação de Deus a Moisés. Ali é dito que Moisés não pôde ver a face de Deus, de tal modo que, quando passou diante dele a glória divina, Moisés só contemplou o Senhor pelas costas. Tais passagens só têm sentido se as interpretarmos misticamente e não literalmente; pois, de outra maneira, Deus teria de ser como um ser humano, dotado de rosto e de costas. Ora, os mórmons ensinam precisamente isso, dizendo que Joseph Smith viu a Deus, literalmente. Deus teria um corpo um tanto semelhante ao nosso, embora não possa haver uma definição precisa a respeito. Os céticos e os fundamentalistas digladiam-se, apelando para toda a forma de argumento inútil, e muitos intérpretes da Bíblia têm vindo engrossar a confusão. O que realmente está envolvido são diversos graus da glória divina, manifestados aos homens, e não se vemos alguma porção do suposto corpo de Deus. Na verdade, não sabemos o que significa ver o ser de Deus, e até que ponto isso é concebível. Os homens tateiam em busca de maneiras de expressar o que significa experimentar a presença de Deus, e o que eles *dizem* pode ser contraditório. As experiências místicas são inefáveis, sobretudo quando são de elevada ordem, e qualquer tentativa de expressá-las mediante a linguagem humana lançará uma luz duvidosa sobre a sua natureza real. A afirmação de João 1:18 reconhece essa verdade fundamental, pelo que afirma categoricamente que ninguém jamais viu a Deus.

b. *A Promessa*. Os eleitos verão a face de Deus. Essa é uma promessa que envolve a *visão beatífica* (que vede). No artigo assim intitulado, procuramos definir o que sabemos e o que não sabemos sobre o assunto. A passagem de Mat. 5:8 afirma que os limpos de coração verão a Deus. E Apocalipse 22:4 confirma que os servos do Senhor verão a sua face.

c. *A Face de Cristo*. Em II Coríntios 4:6 lemos sobre a luz de Deus, que resplandece em lugar tenebroso. Essa luz brilha em nossos corações e ilumina as nossas vidas. Essa é a mensagem da *encarnação* (que vede), aquela revelação divina que nos foi conferida mediante a encarnação do Logos divino, em forma humana. Ver João 1:14,18, quanto a essa mensagem.

d. Deus às vezes *oculta* a sua face (Jó 13:24), como quando a sua presença é aparentemente retirada, sem importar por que motivo isso aconteça. Ver também Sal. 27:9. Nesses períodos de trevas, os homens passam por grandes testes; mas estão sempre sujeitos à iluminação divina, à ajuda do Senhor, quando a disposição dos acontecimentos torna isso apropriado. O perdão dos nossos pecados é expresso por meio dessa mesma fórmula (Sal. 51:9).

e. A oposição que Deus faz ao mal e aos homens malignos é expressa através da idéia de que ele volta o seu rosto contra eles (Jer. 44:11).

f. A luz da face de Deus, voltada na direção de uma pessoa, indica que o Senhor mostrou o seu favor divino para com aquela pessoa. Ver Sal. 44:3; 67:1 e Dan. 9:17.

g. A face de Deus também pode voltar-se *contra* alguém, que seja alvo de sua ira e de seu desprazer. Ver Apo. 6:16; Gên. 16:6,8; Êxo. 2:15.

h. Os pães da proposição, arrumados sobre a mesa que havia no Santo Lugar do Tabernáculo, são chamados de «pães da face» ou «pães da presença» (Êxo. 25:30), o que indica a presença de Deus, simbolizada sob forma concreta. Ver o artigo geral sobre a *Presença*, que inclui também idéias sobre a *face*.

FACHO

No hebraico, **lappid**. Essa palavra é usada por quinze vezes, das quais apenas quatro com o sentido de tocha, a saber: Juí. 15:4; Naum 2:3 e Zac. 12:6. Também aparece com outros sentidos, como «lâmpada» e «relâmpago».

Uma tocha era feita com madeira resinosa, para queimar bem.

O método mais usual de comunicação à distância, em tempos de paz ou de guerra, na antiguidade, era por meio de sinais luminosos, com fachos. Esse método é mencionado no Antigo Testamento (Jer. 6:1, por exemplo), e nos registros escritos achados em Amarna e Laquis. Mas também eram usados pendões ou bandeiras, para indicar quais dos hebreus usavam o vocábulo *nes*, que ocorre por vinte vezes no Antigo Testamento, como em Núm. 21:8; Isa. 49:22; 62:10; Jer. 4:6,21; 51:12,27.

A noção de sinais de guerra ou de paz faz parte significativa das predições dos profetas de Israel. No hebraico é empregado o verbo *assobiar*, no original, *sharaq*, para indicar a convocação de homens e de animais, em zombaria pela destruição sofrida por alguma cidade ou nação, família ou indivíduo (para exemplificar: I Reis 9:8; Jó 27:23; Isa. 5:26; 7:18; Jer. 19:8; Lam. 2:15,16; Eze. 27:36; Sof. 2:15; Zac. 10:9).

A idéia profética do assinalamento é transportada para as narrativas do evangelho, onde as alusões aos profetas veterotestamentários usualmente contêm o termo grego *semaíno*, «reportar», «indicar de antemão». Embora esse termo tenha o seu sentido ampliado para indicar algum portento miraculoso, continua significando sinais de origem divina, tendo em vista resultados cataclísmicos e eternos.

O termo grego *semaíno*, indica «de antemão», ocorre por seis vezes no Novo Testamento: João 12:33; 18:32; 21:19; Atos 11:28; 25:27; Apo. 1:1. O substantivo *semeíon* aparece por setenta e duas vezes, de Mat. 12:38 até Apo. 19:20.

FÁCIL CREÍSMO

Há uma nítida diferença entre a crença em alguma *doutrina* e a crença na *pessoa* de Jesus Cristo. A crença em doutrinas nada tem a ver com a salvação da alma. Isso não significa, contudo, que aquilo em que cremos não seja importante. No entanto, ninguém tem a sua alma transformada segundo a imagem de Cristo, que é a substância da salvação, meramente porque acredita em certas coisas acerca de Cristo. Alguns evangelistas tiram de seu contexto o trecho de I João 4:2 e supõem que meramente porque alguém crê na *encarnação* de Cristo, esse alguém automaticamente foi regenerado pelo Espírito e, portanto, está salvo. Porém, o ponto visado pelo texto é que os gnósticos negavam o valor da encarnação, tendo trazido para o seio da cristandade uma heresia que negava a missão e as propriedades essenciais do Cristo. Portanto, a crença na encarnação tornou-se uma espécie de teste que permitia ver «de que lado» estava uma pessoa; do lado da Igreja apostólica ou do lado da heresia gnóstica. Portanto, crer ou não na encarnação de Cristo servia apenas para averiguar de que lado da controvérsia estava uma pessoa, e não um teste para detectar a presença do Espírito. Ficava entendido que aqueles que abandonassem a doutrina apostólica não seriam pessoas convertidas.

A crença em Cristo envolve a outorga da alma aos seus cuidados, e não meras crenças a respeito dele. A salvação importa em filiação, e a filiação é efetuada através do poder transformador do Espírito, — que nos confere a natureza e a imagem do Filho (Rom. 8:29; II Cor. 3:18), e, finalmente, a participação genuína na natureza divina (II Ped. 1:4 e Col. 2:10). Podemos crer em todos os pontos ortodoxos a respeito de Cristo e nada conhecer do poder espiritual transformador. O abuso acerca das confissões, na Igreja, tem produzido o *fácil creísmo*. Um pastor convida pessoas a virem a frente e confessarem a Cristo. — O que tem lugar é uma simples confissão de várias doutrinas a respeito de Cristo. E então aquelas pessoas são declaradas salvas e seguras para sempre. Poucos param a fim de indagar se o Espírito Santo se fez presente para realizar a sua obra de transformação. Na Igreja ocidental há sacramentos que, supostamente, fazem a alma ficar segura. Os católicos romanos melhor iluminados, entretanto, sabem que nenhum sacramento tem qualquer valor, a menos que haja a atuação correspondente do Espírito, e a menos que a pessoa se entregue aos cuidados de Cristo. No nível popular, entretanto, encontramos autênticas artes mágicas. Outro tanto se verifica no nível popular das igrejas evangélicas, com sua confissão pública de Cristo. Na verdade, essa confissão veio substituir o batismo dos católicos romanos. Portanto, temos aí dois caminhos fáceis para uma alma converter-se e ser salva: na Igreja Católica Romana e outras, o batismo em água; nas igrejas evangélicas, a confissão pública de fé. Ambos os métodos são falsos. A salvação real depende da obra transformadora do Espírito Santo, com a paralela outorga da alma aos cuidados de uma Pessoa, e não uma série de crenças *a respeito* dessa Pessoa.

FAIA

No hebraico, berosh, palavra usada por vinte e uma vezes. As traduções têm interpretado essa palavra como alusiva ao cipreste, ao pinheiro e à faia. As referências bíblicas são: II Sam. 6:5; I Reis 5:8,10; 6:15,34; 9:11; II Reis 19:23; II Crô. 2:8; 3:5; Sal. 104: 17; Cant. 1:17 (onde aparece em sua forma plural, *berothim*); Isa. 14:8; 37:24; 41:19; 55:13; 60:13; Eze. 27:5; 31:8; Osé. 14:8; Naum 2:3 e Zac. 11:2. Podem estar em foco espécies como o pinheiro de Alepo (*Pinus halepensis*), um tipo de cipreste (*Cupressus sempervirens*), ou o *Pinus tinaster*. A primeira dessas espécies pode atingir uma altura de dezoito metros e, devido à natureza de suas folhas, pode resistir a considerável período de seca. Medra abundantemente nas áreas montanhosas da Palestina. A última dessas três espécies atinge o dobro dessa altura e produz uma resina muito útil. A madeira dessa espécie é muito procurada, por ser forte e duradoura. Os portões de Constantinopla foram feitos com essa madeira e duraram por mais de mil anos. Se essa é a árvore em

foco, então podemos compreender por que motivo os caibros da casa do rei e sua esposa foram feitos dessa madeira (Can. 1:17). O soalho do templo de Jerusalém também foi feito dessa madeira (Eze. 27:5); e Davi mandou fazer instrumentos musicais dessa mesma madeira (II Sam. 6:5; onde nossa versão portuguesa usa a tradução «faia»). Provavelmente, esses instrumentos eram harpas e flautas. O tronco dessa árvore era usado para fabricar mastros de navios. Todavia, dentre as três espécies aludidas acima, a mais provável candidata é o cipreste (*Cupressus sempervirens*). Ver também o artigo *Cipreste*.

FAIXAS

No hebraico, **chathal**, palavra usada no plural apenas por uma vez, em Eze. 16:4 e que nossa versão portuguesa traduz por «envolva em faixas». Nesse caso, a ausência das faixas, simbolicamente falando, por ocasião do nascimento de Jerusalém, representava que ela fora rejeitada. A forma nominal aparece em Jó 38:9, sob a forma de «fraldas», dentro da frase com paralelismo poético, segundo o modelo hebraico: «...quando eu lhe pus as nuvens por vestidura, e a escuridão por fraldas?» Na tradução da Septuaginta, em ambos os trechos é usada a palavra grega *spárgana*, a qual também aparece em Lucas 2:7,12, onde nossa versão portuguesa a traduz por «enfaixar» e por «faixa», respectivamente, o que talvez seja um reflexo do uso que Ezequiel fez dela.

FALÁCIA

A falácia é um argumento que envolve alguma forma ilegítima de raciocínio. Por exemplo: Este homem repudia a discriminação racial; o comunismo também repudia a discriminação racial; logo, este homem é um comunista. Talvez seja verdade que o tal homem seja comunista. Mas isso não pode ser demonstrado com base no silogismo acima. Portanto, tal argumento é falaz. De acordo com um uso popular, a palavra falaz pode significar apenas falso, errôneo, equivocado. Na linguagem da filosofia, porém, as falácias apontam para classes específicas de erro.

Há três classes gerais de falácias, a saber: 1. Aquelas que alteram o sentido de uma palavra ou frase, a fim de que signifique coisa diferente, em diferentes contextos. 2. Falácias de relevância. Em seu argumento, uma pessoa afasta-se do ponto, tentando provar um argumento à parte do mesmo, mas, supostamente, com base no mesmo. 3. Falácias de estrutura, ou seja, falácias de *distorção*. O indivíduo deixa de seguir e de aplicar as regras da lógica, não levando em conta os seus requisitos.

Algumas Falácias Comuns:

1. **Palavras ou idéias ambíguas** podem ser interpretadas de mais de uma maneira. Para exemplificar: Abraão foi um homem fiel em todos os seus caminhos, obedecendo a todos os mandamentos do Senhor. Deus ordenou um sacrifício humano, no caso de Isaque. Portanto, o sacrifício de seres humanos é um ato de fidelidade.

2. *Falácia de composição*. Uma pessoa pode argumentar com base em um único elemento de um todo, e então supor que poderá fazer aplicação ao todo. Por exemplo: Este homem trabalha o dia inteiro em um pomar. Ele não deveria ficar cansado, pois, afinal, juntar frutas não é um trabalho exaustivo.

3. *Falácia de alusão indireta* (*argumentum ad populum*). Uma conclusão é forçada contra uma pessoa, mediante o apelo às emoções, e não aos fatos. Talvez coisa alguma seja tão comum nos tribunais de lei como as falácias.

4. *Falácia de divisão*. As propriedades de um todo são aplicadas a cada uma de suas partes. Por exemplo: Este estado é rico; portanto, o sr. José, que reside neste estado, deve ser um homem rico, e não deveria queixar-se de problemas financeiros.

5. *Falácia de concretização*. Uma forma comum desse tipo de falácia é a *personificação*, quando são atribuídas a alguma coisa qualidades pessoais. Por exemplo: As flores sempre são usadas nas celebrações; isso é assim porque elas falam a linguagem do amor e da animação.

6. *Falácia de definição imprópria*. Uma pessoa dá uma definição toda pessoal e única a alguma palavra, insistindo em usá-la. Por exemplo, para ela, um *erudito* é um homem de fé. Para exemplificar: O Sr. Ferreira fez uma importante descoberta científica, mas ele não é um verdadeiro erudito, pois não é homem de fé. Ou então: Você me disse que São Paulo tem cinco milhões de habitantes; mas, de fato, tem quase catorze milhões de habitantes. Portanto, você é um *mentiroso*. Nesse caso, a palavra mentiroso é confundida com idéias mais apropriadamente ligadas ao termo «equivocado». Uma pessoa pode estar equivocada, sem ser mentirosa.

7. *Envenenamento do poço*. Os fatos envolvidos em um caso são ignorados, e faz-se uma calúnia, que seria julgada adequada para contrabalançar qualquer evidência. Por exemplo: Este homem parece estar com toda a razão; mas, lembrem-se que, quando ele tinha quinze anos de idade, furtou um televisor de uma loja próxima. Se ele fez isso, então é capaz de muitos outros atos desonestos. Portanto, as atuais evidências em favor de sua boa conduta devem ser postas em dúvida.

Os tratados sobre lógica alistam trinta tipos ou mais de falácias. Apresentamos aqui somente alguns exemplos, para ilustrar a questão, sem tentar qualquer coisa como uma descrição completa a respeito. Abaixo, oferecemos mais um caso, que se aplica, especialmente, à fé religiosa.

8. *Falácia de premissa falsa*. Podemos criar uma série de premissas, as quais *se verdadeiras*, requerem absoluta fidelidade quanto às conseqüências que delas derivam. — Porém, se as próprias premissas forem falsas, então dali só poderão derivar-se falácias. Por exemplo, a doutrina católica romana, em que há uma *infalível* autoridade investida em concílios, tradições e declarações papais. Os grupos protestantes rejeitam esses elementos como premissas falsas, de onde não podem ser extraídas conclusões absolutas. Porém, os protestantes caem no mesmo ardil quando supõem que as próprias Escrituras são perfeitas em todos os aspectos possíveis, pelo que poderiam e deveriam ser a única e absoluta regra de autoridade. Isso ignora os seguintes fatores:

a. As próprias Escrituras não fazem tal reivindicação, ela surgiu como uma idéia *a priori* dos homens. b. Nenhum livro ou coleção de livros pode conter toda a verdade de Deus; pelo que nenhum livro ou coleção de livros pode revestir-se de autoridade absoluta. c. O estudo gramatical dos livros da Bíblia, mesmo no original, demonstra que há erros de linguagem e a investigação histórica e científica exibe outros tipos de erros. d. Ninguém faz a Deus um favor, criando uma doutrina falaz, sem importar quão piedosa ela possa parecer. e. O manuseio das Escrituras sempre envolve a questão da *interpretação*, e, portanto, uma declaração sobre a autoridade absoluta das Escrituras

deve incluir, necessariamente, uma interpretação aprovada das mesmas. f. É outra declaração *a priori* a noção que diz que a revelação divina terminou, pois a própria Bíblia nunca diz isso. O trecho de Apo. 22:19 refere-se somente ao próprio livro de Apocalipse; e outros livros do Novo Testamento foram produzidos depois do Apocalipse, o que mostra que não está provado biblicamente que a revelação terminou. Finalmente, essa falácia não reconhece que as Escrituras são uma coletânea heterogênea, que não segue uma única linha teológica. Portanto, a investigação, o aprendizado e o crescimento são essenciais na pesquisa da verdade. Os textos de prova, apesar de úteis na argumentação, são apenas uma maneira de pesquisar a verdade, e não a maneira absoluta de fazê-la. Obtemos provas disso quando vemos as grandes diferenças entre o Antigo e o Novo Testamentos, ou mesmo entre os escritos de Tiago e de Paulo. Além disso, *muitas denominações* têm sido criadas por *diferentes interpretações* dos mesmos livros e conceitos. Isso só pode ter sido possível porque dentro dos próprios livros, há várias abordagens doutrinárias sobre um certo número de assuntos, o que permite a formação de vários sistemas de pensamento teológico. Dizendo a mesma coisa de modo bem simples: Não poderia haver tão grande número de denominações evangélicas, cada qual afirmando-se a intérprete mais correta das Escrituras, a menos que, dentro da própria Bíblia, houvesse mais de uma base doutrinária para vários assuntos. É que a verdade é exposta na Bíblia gradualmente. Um intérprete pode preferir fixar-se em uma das fases da revelação, e outro, em outra fase. O ideal seria que todos pudessem avançar até à fase mais avançada. Para isso, torna-se mister um desenvolvimento espiritual, muito elevado, e sempre haverá um número mais abundante de noviços do que de intérpretes experientes. Resultado: uma grande gama de interpretações. Se juntarmos a isso as interpretações equivocadas, ou mesmo as abertamente falazes, poderemos compreender melhor a causa da heterogeneidade de interpretações, entre os evangélicos e demais cristãos. O estudo da teologia é um constante processo de reajustes, à medida que vamos podendo incluir novos dados da revelação, em nossos sistemas. Qualquer crente regenerado e, portanto, sincero, já descobriu isso, se não é um recém-convertido.

Temos exposto apenas duas ilustrações básicas de falácias que começam com premissas falsas. No campo religioso, há muitas falácias. Isso não significa, entretanto, que não tenhamos dominado grandes verdades reveladas; mas somente que certas pessoas, em sua necessidade psicológica de disporem de certas verdades, que lhes conferem *conforto mental* têm arquitetado argumentos persuasivos, mas com base em premissas falsas. Devemos identificar e evitar esse tipo de abordagem falaz da verdade revelada. tanto quanto possível, empenhando-nos nisso à medida que nosso conhecimento bíblico se amplia e aprofunda.

FALÁCIA DAS MUITAS PERGUNTAS

Essa expressão alude às perguntas que, tacitamente, já antevêem uma resposta falsa, ou pelo menos, duvidosa, para alguma pergunta que se tenha feito. Um exemplo tradicional e engraçado disso é a célebre pergunta: «Quando você deixou de espancar a sua mulher?» Se tal indagação for feita a um homem solteiro, ou a um homem que nunca bateu em sua esposa, então terá pressuposto uma situação que, na verdade, nunca existiu. Esse tipo de pergunta pode provocar falsos juízos sobre os motivos da pessoa alvejada. Tornando a exemplificar: um filho convida o seu pai para ir com ele a um certo restaurante. Mas o pai responde: «Você está tentando encontrar-se novamente em segredo, com a sua namorada?» porquanto supõe ser essa a única razão pela qual o rapaz estaria interessado em convidá-lo a jantar fora de casa.

Uma outra forma possível dessa falácia, sugerida pelo termo «muitas», que faz parte da expressão «falácia das muitas perguntas», consiste no emprego de muitas perguntas retóricas, para as quais, ao que se presume, é difícil responder, e que supõe que mediante o acúmulo de muitas perguntas, fica automaticamente provada a contenção de quem faz tantas indagações. Ver sobre *Lógica*.

FALÁCIA GENÉTICA

Trata-se do falso argumento de que em vista de certa coisa ou condição *atual* ter certas características, que *sempre* haverá de ser desse modo. Ou então trata-se do argumento de que em vista de algo ou de alguma condição, *no passado*, ter tido certas características, assim haverá de ser *agora*. Além disso, condições passadas ou presentes são transferidas para o futuro, com uma falsa previsão de que certa coisa ou condição será desta ou daquela maneira.

Ilustrações: 1. Se, de acordo com a teoria da evolução, o homem emergiu da família dos macacos superiores, então, agora, o homem nada mais seria do que um macaco. Se os macacos mostravam-se livres em seus hábitos sexuais, sem famílias estabelecidas, então seria claro que tal situação é a ideal para o homem atual. 2. O governo do Estado veio à existência por causa do desejo de alguns para forçar outros a se moldarem a seu padrão de ação. Logo, todos os governos nada mais são do que agentes opressivos. —No campo da *religião*, visto que Deus revelou a sua vontade a Moisés, Cristo deve ser um impostor. Por igual modo, o conhecimento que nos foi transmitido nos documentos sagrados, visto que nos foram revelados por Deus é um conhecimento final, não havendo margem nenhuma para novas revelações em qualquer época.

FALÁCIA LÓGICA POR ACIDENTE

Essa é a falácia lógica que consiste em argumentar com base em um princípio *qualificado*, e daí partindo para um princípio *não qualificado*, ou procurando estabelecer a veracidade de uma declaração geral, por meio de uma declaração específica. Para exemplificar: «Nunca é errado matar em autodefesa». Nesse caso, o princípio qualificado — em autodefesa — transmuta-se em um princípio qualificado — nunca é errado matar. Ou então a falácia pode funcionar de outra maneira. Uma pessoa pode argumentar com base em um princípio geral, passando para um princípio particular, fazendo alguma falsa aplicação. Por exemplo: «É bom ter algum tempo de lazer» (geral), para «É bom nunca trabalhar» (uma aplicação particular de um princípio geral). Nesses casos, os *acidentes* ou fatores condicionadores são ignorados. Toda falácia por acidente confunde o que é acidental com aquilo que é essencial. As falácias por acidente fazem parte da classificação maior de *falácias materiais*, que envolvem uma distorcida apresentação dos fatos. As falácias podem ser classificadas quanto à matéria, quanto ao fraseado e quanto ao processo de inferência. Ver o artigo geral sobre *Falácias*.

FALÁCIA NATURALISTA Ver Naturalismo.

FALAR EM LÍNGUAS

Nesta enciclopédia há três artigos que abordam o assunto. Ver *Movimento Carismático*; ver *Dons Espirituais*: IV. 14. Mas, especialmente, ver o artigo intitulado *Línguas* (*Falar em*).

FALASHAS

Esse é o nome de um povo de pele escura, que se considera judeu, e que tem vivido na Etiópia há muitos séculos. Apesar da origem dessa gente ser desconhecida, — presume-se que tiveram origem camita, talvez descendentes de uma colônia judaica que se estabeleceu em Alexandria, no Egito, no século III A.C., e que, posteriormente, chegou até o norte e o nordeste da África. Eles se afirmam descendentes da rainha de Sabá e de Salomão; mas coisa alguma se sabe, com certeza, quanto a essa possibilidade. Além disso, eles divergem, em alguns pontos, da prática judaica, apegados a uma forma de judaísmo tipo mosaico, com base em uma versão etíope do Pentateuco. Vivem em comunidades separadas dos nativos que os cercam. Seus líderes estão divididos em *menokassie* (nazireus), *kakens* (sacerdotes) e *habteras* (homens sábios), todos eles leigos. Dão a si mesmos o nome de *Beta-Israel*, ou seja, Casa de Israel, mas seus vizinhos chamam-nos de exilados ou imigrantes. Seguem o código de Levítico, sem qualquer mistura com o judaísmo posterior. Há cerca de duzentos mil deles, muitos dos quais têm sido absorvidos por Israel, desde o rompimento da fome generalizada na Etiópia, na década de 1980. Trabalham essencialmente na agricultura e com metais.

FALCÃO

No hebraico, **ayyah**, que figura por três vezes no Antigo Testamento: Lev. 11:14; Deu. 14:13 e Jó 28:7. Há considerável dificuldade quanto à identificação de animais e plantas na Bíblia, porque os antigos não os classificavam cientificamente, conforme se faz hoje em dia. Mesmo assim, os intérpretes concordam, de modo geral, que esse termo hebraico refere-se a essa ave de rapina, que pertence à família das águias, dos gaviões e dos milhanos (que vede).

Há cerca de dez espécies diferentes de falcões, na Palestina atual. Algumas dessas espécies são o falcão peregrino, o falcão de Lanner e o falcão francelho. Os maiores falcões atingem cerca de 45 centímetros de envergadura. Eles caçam somente presas vivas, como várias aves, pequenos roedores, lagartos e insetos. Cerca da metade dessas espécies vive permanentemente na Palestina, ao passo que a outra metade são aves migratórias.

FALDAS DE PISGA

No hebraico, **fontes de Pisga**. Esse nome indica certas nascentes e ravinas do monte Pisga (ver Deu. 3:17; 4:49; Jos. 12:3 e 13:20). A região ficava localizada em Moabe. (S Z)

FALIBILIDADE (FALIBILISMO)

Peirce (vide) afirmava que a busca do homem pela solução de questões difíceis leva ao *desassossego*, porque escapa-lhe qualquer solução completamente satisfatória. Nunca sabemos quais novas evidências poderão modificar as nossas conclusões, mesmo nos casos em que pensamos que já chegamos à plena verdade. Quanto aos casos difíceis, sabemos, o tempo todo, que as nossas respostas são parciais, e que muitas delas simplesmente estão erradas.

A mente religiosa luta contra o *falibilismo* e procura estabelecer alguma *autoridade*, que lhe forneça todas as respostas. Os itens escolhidos são as Escrituras Sagradas, os apóstolos, os pais da Igreja, as tradições eclesiásticas, os concílios da Igreja e as declarações *ex cathedra* dos papas. Os católicos romanos contam com uma boa variedade de absolutos. Os protestantes, entretanto, preferem ficar somente com as Escrituras, de acordo com suas respectivas interpretações, naturalmente. Meus amigos, lamento ter de dizer que ainda não podemos descansar quanto à busca da verdade. O *falibilismo* é um fato, que nenhuma autoridade é capaz de fazer desaparecer. Na verdade, a inquirição pela verdade é uma aventura, e não algum acontecimento isolado, determinado por alguma autoridade. Não obstante, dispomos de algumas grandes verdades e de fragmentos de verdades, sobre os quais podemos alicerçar as nossas vidas, em plena confiança acerca da natureza otimista de nossa existência. Ver o artigo separado sobre a questão da *Autoridade*. Não nos cabem a infalibilidade e o descanso. Provavelmente, a nossa inquirição pela verdade nunca terminará, visto que a verdade de Deus é infinita e nós somos finitos. Somente para Deus a verdade é infalível. A busca eterna está aberta diante de nós. Provavelmente, essa é uma verdade infalível!

FALICISMO, FÁLICO

Essas palavras falam sobre a adoração aos órgãos de reprodução humana, especificamente o pênis, ou falo, no interesse de preservar a continuidade e prosperidade da raça humana. A prática era generalizada nas culturas antigas, sendo um tema constante da religião, geralmente associada aos cultos de fertilidade. O *lingam* (vide), como emblema do deus hindu, Siva (vide), serve de exemplo disso. Os estudiosos insistem em que há vestígios desse tipo de religião, até mesmo nas religiões mais desenvolvidas, embora sob formas veladas. Naturalmente, os exageros modernos das funções sexuais, a par com uma vasta indústria de literatura e filmes pornográficos, é uma variedade secular do *falicismo*.

FALSIDADE CONTINGENTE

Ver o artigo sobre *Verdades Necessárias e Verdades Contingentes*. Ver também o artigo geral sobre a *Contingência*.

FALSIFICAÇÃO

Nesta enciclopédia temos interesse nas falsificações religiosas. Ver o artigo sobre os *Livros Apócrifos Modernos*.

FALSIFICAÇÃO (NA FILOSOFIA)

Ver o artigo paralelo sobre a **Verificabilidade**. O nome de Karl Popper tem estado vinculado a esse assunto. Ele repudiava o positivismo, que usa a verificabilidade como o único critério para a determinação de valores significativos. Ele também promovia a falsibilidade como meio de determinar valores significativos. Uma série cuidadosamente arranjada de argumentos, *em favor* de alguma coisa, pode ser falaz. É possível prover um exemplo ou mais, por meio da experimentação, que mostre a falsidade do caso. Todavia, é mister usar de cautela, quanto a esse particular, porquanto uma boa teoria pode ser

parcial, e não exatamente falsa; e a falsificação pode requerer a modificação de uma teoria, e não a sua pura e simples eliminação.

Popper pensava que esse critério também é útil para se distinguir entre a ciência verdadeira e a pseudociência. Seja como for, tal critério não é uma posição rival da verificação positiva e, sim, um suplemento para a mesma, como um método científico. Todavia, deveríamos lembrar que a fé religiosa apela para meios de conhecimentos racionais, intuitivos e místicos, que vão além dos meios científicos capazes de verificar a autenticidade ou a falsidade de qualquer conceito ou teoria. Não obstante, é possível falsificar as crenças religiosas com evidências apropriadas, científicas ou não. Os sistemas fechados de crença têm o cuidado de evitar o escrutínio da falsificação. Assim fazendo, eles preservam os seus sistemas parciais em detrimento da verdade.

FALSO PROFETA

Visões das Sete Personagens, Apo. 12:1-13:18.

A Besta Saída da Terra (13:11-18). O *Falso Profeta*

Os intérpretes disputam sobre se o anticristo será a besta saída do «mar» ou a besta saída da *terra*, e se é a mesma personagem identificada no segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses. Em espírito e ação geral, ambas podem ser identificadas com a figura daquele capítulo; mas o mais provável é que ali haja uma alusão específica à besta saída do «mar», pois parece ser o poder maior, recebendo a ajuda e a exaltação conferidas pela outra. A besta saída do *mar* parece que será uma figura política, ao passo que a outra será uma figura religiosa, um *falso profeta*, o *João Batista* do anticristo. Alguns intérpretes, porém, preferem pensar que a segunda besta é que será o anticristo. O ponto não é muito importante. Haverá uma figura política de grande autoridade militar, um ditador mundial, mas que governará especificamente uma federação de dez nações, — que servirá de trampolim para seu domínio mundial. Cremos que essa figura será o anticristo. Mas haverá um seu ajudante, que fará a propaganda do anticristo. E esse ajudante será a besta saída da *terra*. Também é provável que *terra*, neste caso, aponte para a nação de *Israel*, ao passo que o *mar* aluda às nações gentílicas. *A primeira besta*, pois, será produto das *nações*, o maior e mais horrendo pagão de todos os tempos. A segunda será produzida por *Israel*, sendo largamente proclamada como se fosse o *Messias* ou Cristo, porquanto será considerada como um grande profeta.

As predições dos místicos contemporâneos indicam que um indivíduo do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, agirá como uma espécie de *João Batista* do anticristo. E esses místicos afirmam que o anticristo já está vivo. O seu *João Batista* espalhará a sua fama por toda a parte, por intermédio dos meios de comunicação em massa. Parece-me que essa será, entretanto, uma «terceira figura». Essas questões são obscuras porque ainda não começaram a se cumprir para que as possamos entender. Os eventos lançam sombras à sua frente, e quanto mais se aproximam, mais bem definidas ficam essas sombras. Cremos que o anticristo e seu falso profeta já estão vivos, e que pelo começo da década de 1990 saberemos quem são eles. Devemos estar preparados para tal evento.

Há muita disputa, naturalmente, quanto aos símbolos usados acerca de ambas as *bestas*; e nada de dogmático dizemos sobre isso. Confiamos, porém, que quanto mais se aproximar o tempo, mais o futuro definirá as coisas. Há aqui uma trindade satânica: o próprio Satanás, a besta saída do mar e a besta saída da terra. Ou então essa trindade poderá ser formada pelo *João Batista* do anticristo (a besta saída do *mar*; a besta; e a besta saída da *terra*). O certo é que o texto que ora consideramos deixa claro que o papel da besta saída da *terra* será apoiar e promover a causa da besta saída do *mar*. Não devemos ver nisso o *papa*, conforme têm dito alguns intérpretes protestantes e, sim, uma nova forma de apostasia, que terá seu falso Cristo, e que quase certamente receberá o apoio de várias denominações cristãs apóstatas, bem como o apoio de Israel, como nação.

A besta saída do mar seria o anticristo. Em favor dessa idéia poderíamos asseverar os seguintes fatos:

1. Essa besta virá *em seu próprio nome*, conforme foi predito acerca do anticristo, segundo se lê em João 5:43. A segunda besta, porém, promoverá à primeira, e não a si mesma.

2. O trecho de Apo. 16:13 nos fornece a trindade ímpia — o dragão (Satanás), a besta e o falso profeta. Um «profeta» fala em lugar de outrem, e não por si mesmo; e o *profeta*, neste caso, definidamente é a segunda besta, dando a entender que se tratará de um subordinado. De maneira alguma poderíamos atribuir tal subordinação ao anticristo, apesar de que poderíamos atribuir tal coisa aos «anticristos» secundários, personagens satânicas de menor envergadura.

3. O segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses fala sobre o anticristo. Ali vemos que ele será *adorado*. Isso sucederá no caso da *primeira* besta. A segunda apenas *promoverá* a adoração à primeira, pelo que a segunda não poderá ser *o* anticristo. Ver o décimo segundo versículo do presente capítulo.

4. É provável que a primeira besta, devido ao seu grande poder político, seja a figura focalizada em Dan. 9:27, que estabelecerá um pacto com a nação de Israel, somente a fim de desrespeitá-la. Apesar de que poderíamos conceber aqui a segunda besta, envolvida em atividades políticas, é mais provável que esteja em pauta a primeira besta, a personagem política forte. A figura profética do anticristo, Antíoco IV Epifânio, que aparece nos capítulos oitavo e décimo primeiro do livro de Daniel, se coaduna melhor com a «primeira besta», e não com a segunda.

5. Satanás ofereceu a Cristo os *reinos* deste mundo (ver Mat. 4:8), mas o Senhor repeliu essa oferta, segundo as condições de Satanás. Esse mesmo oferecimento será feito ao *«anticristo»*. Assim sendo, somente a besta saída do «mar» tem estatura suficiente para ser uma figura universal e para cumprir o papel previsto para o anticristo, com seu reino universal de maldade e apostasia. (Ver Apo. 19:19, onde há uma óbvia alusão à primeira besta e seu tremendo poder). Esse terá de ser «o anticristo».

6. A tradição cristã sempre viu o anticristo como quem, pelo menos, teria seu centro em Roma, embora talvez não se originasse dali. Mas não há razão para duvidarmos de que ele também operará em Jerusalém apesar de Roma ser a verdadeira capital. Isso se harmoniza com a primeira, mas não com a segunda besta, pelo que esse será o anticristo. Esperava-se que *Nero redivivo* fosse o anticristo, e os trechos de Apo. 13:3 e 17:9 e *ss*, quase certamente refletem essa tradição antiga.

7. Notemos, em Apo. 13:2, que é a primeira besta quem incorporará em si mesma todos os impérios pagãos anteriores. Ela será a concretização do que há

de pior na humanidade, em revolta contra Deus. Portanto, esse será, específica e inequivocamente O *anticristo*, apesar de que pode haver muitos outros anticristos, entre eles, o falso profeta.

Identificação da **besta saída da terra**. Há certo sentimento que favorece a idéia de Judas Iscariotes reencarnado como esse homem, tal como alguns pensam em *Nero reencarnado*, como a besta saída do mar. A idéia acerca de Judas envolve o fato de que ele é chamado *filho da perdição*, dando a entender que ele era tal em sentido elevado ou até mesmo exclusivo. Notemos, porém, que isso é dito acerca do *anticristo*, em II Tes. 2:3. E alguns estudiosos, por causa disso, pensam que a segunda besta é tanto o anticristo quanto Judas Iscariotes revivido. Mas talvez não devamos dar importância demasiada a esse «título», forçando qualquer identificação por meio dele. As passagens de Luc. 22:3 e João 6:70 indicam haver uma malignidade especial em Judas, o que poderia indicar que lhe está reservada uma futura missão diabólica, tão grande seria a sua estatura maligna. Atos 1:25 fala do fato de Judas ter ido para *seu próprio lugar*, o que poderia indicar que a sua alma não foi tratada como outras almas, mas foi preservada e guardada em lugar especial, a fim de ressurgir em alguma manifestação futura. Porém, isso pode ser um refinamento demasiado, estranho ao texto sagrado. Por esse motivo, é melhor dizer que simplesmente nada sabemos com certeza, ainda que a idéia da reencarnação de Judas Iscariotes, na qualidade de «besta saída da terra», não é nenhum absurdo. Alguns têm sentido que em face do *anticristo* vir a ser uma *imitação* do verdadeiro Cristo, será ele essencialmente um *profeta falso*, e não um político ou militar; e isso favorece a idéia da segunda besta ser o anticristo. Que os próprios acontecimentos futuros definam para nós esses problemas.

FALSO TESTEMUNHO

Um falso testemunho é uma inverdade solenemente dita em tribunal ou, informalmente, em público ou de uma pessoa para outra, ou seja, uma mentira. O intuito é sempre prejudicar a outrem e tirar disso um benefício próprio. O Antigo Testamento proibia essa prática com linguagem severa (Êxo. 20:16; 23:1; Deu. 5:20).

De acordo com a lei do «olho por olho», ou seja a *lex talionis*, conforme a vemos em Deu. 19:16-21, uma testemunha falsa deveria receber a mesma penalidade que esperava que sobreviria ao falsamente acusado, se fosse condenado. Em dois trechos do Antigo Testamento é dito que Deus odeia as falsas testemunhas (Pro. 16:19 e Zac. 8:17). Jeremias (5:2) condenou às falsas testemunhas, que se fingiam piedosas e que diziam «Tão certo como vive o Senhor». Jesus referiu-se a essa prática como um dos principais pecados morais, tendo-o alistado juntamente com o homicídio, com o adultério, com o furto, com a fornicação e com a calúnia (Mat. 15:19). O falso testemunho é um pecado contaminador (Mat. 15:20). O trecho de Mat. 26:59 *ss*, mostra-nos que Jesus foi vítima dessa prática pecaminosa. Outro tanto sucedeu a Estêvão (Atos 6:13). Jesus deixou claro que os seus discípulos sofreriam todos os abusos que também O haviam vitimado (João 15:18 *ss*). Quanto a essa conexão, ver I Ped. 3:16.

FALSOS CRISTOS

Contra a falsa parousia, Mateus 24:23-28.

Se alguém vos disser: *Eis aqui o Cristo...não acrediteis...* (vs. 23). A começar deste ponto até o vs. 28, encontramos diversas advertências contra as falsas *parousias*, isto é, contra o aparecimento de falsos cristos. Os vss 23 e 24 são paralelos de Mar. 13:21,22 (e a fonte informativa dos mesmos é o «protomarcos»); mas esse material parece ser uma forma variante do material «Q», que encontramos nos vss 26 e 27 deste capítulo, como também em Luc. 17:23-34. (Ver o artigo sobre o *Problema Sinóptico*).

Mat. 24:23: **Se, pois, alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis;**

A mensagem geral desta seção é que a vinda (ou *parousia*) do Filho do homem não será uma ocorrência secreta e, sim, *universal* e bem conhecida. Portanto, é tolice alguém dizer, por necessidade de provocar agitação revolucionária, etc., «Cristo está na casa de certo zelote, no outro lado da cidade; vamos reunir-nos a ele para podermos resistir aos inimigos; e então ele se revelará a todos». Jesus advertiu contra as *falsas auroras*. Lê-se que nas áreas árticas, após a longa noite de seis meses, algumas vezes surge a aurora; mas então as trevas engolfam tudo novamente. Finalmente, porém, aparece a verdadeira aurora, mas somente no tempo certo. Assim sucederá quando da vinda de Cristo — haverá muitas auroras falsas, muitas reivindicações ilegítimas, muitos movimentos e milagres, muitos sinais e prodígios, mas todos eles anunciando falsas *parousias*.

É interessante observar que os falsos profetas (vs. 11) é que criarão as dificuldades, e que em seguida os falsos cristos (vss 23 e 24) oferecerão saídas para essas dificuldades. Suas vítimas iludidas criarão religiões e lançarão o grito: *Ei-lo aqui!* Contudo, os «eleitos» terão o discernimento necessário para não dar ouvidos a tais indivíduos.

A passagem que se encontra em Luc. 21:24 (no trecho paralelo) indica os elementos de tempo que circundarão a vinda do verdadeiro Cristo: «Cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações; e até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles». Olhando as coisas de nosso ponto privilegiado, podemos ver *claramente* agora que Jesus predisse que haveria um considerável *intervalo* de tempo antes de seu reaparecimento, quando vier para livrar o povo de Israel do domínio gentílico. Do ponto de vista privilegiado daqueles que viveram durante o primeiro século de nossa era, eles devem ter percebido, ao menos, que essa «parousia» não seria imediata, mas que primeiramente se passaria algum tempo. Por conseguinte, não deveriam dar ouvidos a falsas notícias que indicassem que Cristo «aparecera». Naturalmente que os crentes do primeiro século não podiam fazer idéia do tempo exato em que aconteceriam essas coisas; e todos os crentes, de todas as épocas, não têm podido precisar o tempo exato de tais acontecimentos. Essa é a bendita esperança, a esperança que purifica, e que deve animar a igreja de todos os séculos. Deus não encara o tempo conforme nós o encaramos, pois a grande realidade é que para o Senhor — os intervalos — de tempo não são uma consideração importante. Os tempos e as épocas estão em suas mãos, conforme o trecho de Atos 1:7 nos ensina. Não obstante, Jesus indicou que devemos esperar determinados períodos de tempo, e que, chegando o tempo certo, todos reconhecerão que nada é feito em segredo. Jesus também quis ensinar-nos que a destruição de Jerusalém (que haveria de ocorrer pouco tempo depois que ele falou) não deveria ser considerada como o fim da atual ordem de coisas ou o arauto da *parousia*. Porém, apesar desse aviso, muitos entenderam

erradamente o sentido da destruição dessa cidade, e esperaram a volta de Cristo para imediatamente depois dessa catástrofe. O certo é que uma maior tribulação será o verdadeiro arauto da «parousia». Mas esse acontecimento ainda jaz no futuro. Todavia, será de proporções tão gigantescas que ninguém deixará de compreender as implicações das ocorrências. Entre as populações judaicas do primeiro século, alguns chegaram a considerar Vespasiano como o «Messias», porquanto ele era o imperador de Roma ao tempo da queda de Jerusalém.

Mat. 24:24: *porque hão de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.*

Porque surgirão. Essas duas expressões, *prodígios* e *sinais*, não denotam necessariamente duas manifestações sobrenaturais, olhadas de pontos de vista diferentes (ver João 4:48; Atos 2:22; 4:30; II Cor. 12:12). O vocábulo *sinal* pode indicar as habilidades sobrenaturais de alguém. O termo «prodígio» pode indicar a reação do espectador ante o «sinal» operado. Alguns comentaristas se têm equivocado neste ponto, julgando que está em vista aqui uma fraude. Não há motivos para crermos que todos os milagres realizados fora da igreja aprovada sejam obrigatoriamente fraudulentos. De fato, em nossos próprios dias, lemos relatórios e vemos fotografias de milagres especiais e não há razões para duvidarmos de que temos nisso expressões de poder, ou expressões de naturezas humanas, com poderes altamente desenvolvidos, ou expressões de ajuda de poderes espirituais superiores, demoníacos ou angelicais, que levam os homens a fazerem coisas que de outro modo seriam impossíveis. Outrossim, não há qualquer indicação, neste texto, que tais milagres, sinais e prodígios serão *falsos*.

Aconteceu realmente, naquele tempo, que surgiram muitos homens capazes de exercer certos poderes; mas seus milagres eram prodígios falsos, que visavam enganar um povo já confuso. Josefo fala de tais manifestações (*Ant.* liv. xx. c.). Entre os indivíduos que operaram tais coisas poderíamos citar Simão Mago e Dositeu. (Ver no NTI as notas em Mat. 24:5 quanto a mais pormenores). Jerônimo fala de um certo Barcocabe que fingia vomitar fogo da própria boca. Esse homem foi recebido por muitos como um genuíno messias, e o famoso rabino *Akiba* chegou mesmo a consubstanciar a reivindicação messiânica desse indivíduo. Porém, um exército romano pôs fim a essas manifestações e, nesse processo, ele e muitos de seus seguidores foram mortos. Inicialmente ele foi chamado de *Barcocabe*, que significa «filho de uma estrela», mas depois os judeus chamaram-no de *Barcoziba*, que tem o sentido de «filho de uma mentira».

Toda essa descrição exposta por Jesus, neste ponto, naturalmente é profética sobre aquele indivíduo realmente grande operador de milagres, prodígios e sinais, a saber, o próprio anticristo. É nele que o mistério da iniqüidade terá o mais pleno desenvolvimento, porquanto por intermédio dele o mundo realmente adorará a Satanás em pessoa, e isso representará a apostasia em seu desenvolvimento máximo. A passagem de II Tes. 2:9 diz-nos que ele terá grande «poder», operando sinais e prodígios, e que esses serão operados mediante a agência do próprio Satanás. Através desses sinais ele iludirá a muitos, e tão grande será o seu poder que somente os eleitos não serão enganados por ele. Ver os artigos separados sobre o *Anticristo* e *Satanás*

Vede que vo-lo tenho predito. Jesus sabia quais condições prevaleceriam ao tempo da destruição de Jerusalém, e que muito depois dessa tribulação, já nos últimos dias, elas se repetiriam com muito maior intensidade, até que finalmente se manifestaria o próprio anticristo. Jesus considera a sua profecia uma advertência suficiente, e uma advertência suficiente deveria prover preparo suficiente contra a crença em falsas reivindicações, maravilhas mentirosas de enganadores, que asseveram possuir atributos messiânicos. Por meio dessas palavras, Jesus acrescenta um *nota bene* ao seu discurso. Cada crise, quer política, quer religiosa, produz os seus falsos líderes, que oferecem soluções falsas. Tais homens, ou por visarem vantagens econômicas ou por desejarem poder, exploram o temor e a incerteza de seus semelhantes.

Sumário dos Falsos Cristos Históricos:

1. **Os mestres gnósticos eram chamados anticristos** porque promoviam um sistema que apequenava ou mesmo negava o evangelho e a religião cristã (I João 2:18,22; 4:3; II João 7). Apesar de que nenhum deles podia ser intitulado de «o anticristo», eles operavam de maneira parecida com ele, no sentido de que eram prejudiciais para a causa cristã, procurando roubar o ofício de Cristo. O gnosticismo (que vede) perseguiu a Igreja cristã por cerca de cento e cinqüenta anos, durante os seus anos formativos.

2. *Teudas* **(cerca de 44 D.C.; ver Atos 5:36).** Ele foi uma figura de segunda categoria, que liderou uma revolta contra Roma, fazendo reivindicações messiânicas. Roma cuidou para que ele tivesse uma carreira curta.

3. *Barcocabe* **(*Bar Cochba*, c. 132 D.C.), heb. «filho de uma estrela», presumivelmente cumpriu a predição** de Núm. 24:17. Ele obteve uma glória temporária, conquistou Jerusalém e se manteve no poder durante algum tempo. Foi chamado de rei e de messias. Os romanos, porém, derrubaram-no. Foi morto em Biter, juntamente com quinhentos ou seiscentos seguidores.

4. *Moisés Cretense* (cerca de 440 D.C.). Ele se dizia um segundo Moisés, e conseguiu controlar a ilha de Creta. Alguns judeus aceitaram suas reivindicações. Ele prometeu fazer um caminho pelo meio do mar, desde Creta até à Palestina, a fim de que seus seguidores cruzassem com os pés enxutos, presumivelmente para que eles pudessem chegar à Terra Prometida em poder e glória. Porém, o mar recusou-se a cooperar e certo número de judeus morreu afogado, em seu fanatismo. Esse segundo Moisés acabou desaparecendo de cena e um outro fanático demente perdeu o controle dos acontecimentos.

5. *Davi Alroy* (cerca de 1160 D.C.). Ele foi um judeu persa, que liderou uma revolta dos judeus contra os islamitas. Mas não houve nenhum bom resultado dessa revolta e um outro falso messias desapareceu.

6. *Asher Lammlein* (1502). Foi um rabino que vivia na Itália, que afirmou ser precursor de um esperado Messias. Prometeu produzir uma coluna de nuvem e de fogo, para conduzir os judeus italianos à Palestina. Mas, nada de especial veio a suceder.

7. *Sabbethai Zebi* (1625-1676). Foi intitulado «rei de reis», em Esmirna. Conseguiu reunir um grupo de fanáticos, conforme sucede a todos os falsos mestres. Finalmente, bandeou-se para a fé islâmica; mas foi decapitado pelo governo turco, como um elemento inconveniente. Alguns de seus seguidores, contudo, tentaram manter viva a fraude messiânica em torno

de seu nome.

Há um certo número de outras personagens de estatura menor, que também têm feito reivindicações messiânicas. Nem nos devemos preocupar em alistar todas elas. Esses homens surgiram em cena com diferentes motivações e inspirações. Alguns deles tiveram motivos políticos e quase todos apelaram para alguma forma de violência, a fim de atingir os seus alvos. Nunca foram adeptos da fé cristã neotestamentária. Alguns eram homens que exerceram grande influência sobre outras pessoas, dotados de dons psíquicos e de manifestações carismáticas.

O futuro anticristo será o maior de todos os falsos cristos. Ver o artigo sobre o *Anticristo*.

FALSOS DISCÍPULOS E PROFETAS

Os falsos discípulos e profetas são descritos em Mat. 7:21-23. É material peculiar a Mateus, pelo que a fonte informativa é «M». Os falsos profetas podem ser os fariseus e saduceus, mas a menção à *profecia* sem dúvida é um colorido feito pela igreja, e os primeiros hereges cristãos estão em foco, talvez até exclusivamente. Este versículo reflete a época do próprio Mateus, segundo também se vê em Mat. 24:5,11,24. (Cf. Didache 11-12, sobre os impostores na igreja primitiva). Mateus alude a alguma heresia no seio da igreja, porquanto eram —ovelhas falsas — que estavam em foco. Talvez o *gnosticismo* (vide) esteja aqui em foco, mesmo que parcialmente. Essa era a mais ativa entre as primeiras heresias, e nada menos de oito livros do N.T. foram escritos contra a mesma (Col., I e II Timóteo, Tito, as três epístolas Joaninas e Judas). Os gnósticos se vangloriavam de seu misticismo, mas este não os transformava moralmente, coisa que só o verdadeiro misticismo é capaz de realizar.

Mat. 7:21: *Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.*

Os vss 21-23 são tão instrutivos quão *problemáticos*: Jesus não nega que grandes obras foram feitas ou possam ser feitas, e nós também não precisamos negar o fato. As pesquisas sobre os fenômenos psíquicos demonstram a capacidade de certas pessoas em prever o futuro, curar, falar línguas estrangeiras sem nenhum estudo, expulsar maus espíritos e exercer outros poderes espantosos, mesmo fora de qualquer seita religiosa, ou como demonstração de muitas e diferentes religiões. Esses poderes parecem — fazer parte — da expressão da personalidade humana (em seu aspecto espiritual), pois o homem, acima de tudo, é um ser *espiritual*, dotado de poderes espirituais. Tais atos podem ser feitos pelo poder dos demônios, que também são seres espirituais, em geral dotados de mais poder do que os homens. A grande lição é que o poder e sucesso que o mundo vê não servem de *critério legítimo* sobre o conhecimento que alguém tem de Cristo, e nem mesmo da relação que mantém com ele. Pesquisas feitas sobre essa questão mostram que tais poderes sempre foram comuns a todas as civilizações, mesmo as separadas de qualquer fé cristã. Portanto, cabe aqui uma palavra de cautela dirigida a todos: a própria existência dos fenômenos de natureza verdadeiramente sobrenatural, não é prova de cristianismo autêntico, pois esses fenômenos têm várias fontes, ou seja, a própria personalidade humana, em sua porção espiritual, o poder dos demônios e o poder do Espírito de Deus.

Reino dos céus. Provavelmente Jesus fala do aspecto futuro desse reino, e talvez com o mesmo sentido empregado por João: «...quem não nascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus» (João 3:5). Ver também Mat. 3:2 quanto ao reino dos céus e o reino de Deus.

Faz a vontade. É possível que alguém realize milagres e curas, preveja o futuro, expulse demônios e, no entanto, não esteja fazendo a vontade de Deus. Os falsos profetas fizeram (e fazem) tais milagres. Talvez os «frutos» dos falsos profetas e de seus discípulos incluam milagres. Geralmente, entre os homens, o ato milagroso automaticamente serve de prova da presença da mão de Deus, mas Jesus mostra que tais coisas podem estar fora da *vontade* de Deus.

Senhor, Senhor. Notemos que os que assim falam são *cristãos*, isto é, chamam a Cristo de «Senhor». Falam como cristãos, agem como cristãos, reconhecem que Cristo é o Senhor, mas a realidade é que ele não é o Senhor deles. Se não fora esse elemento, este versículo teria interpretação mais fácil. Será possível que alguém chame a Cristo de Senhor, ao mesmo tempo que trabalha pelo poder dos demônios? Obviamente sim. A cautela que precisamos exercer, pois, é enorme. Devemos ter cuidado em distinguir entre homens e grupos que usam o nome de Cristo, aparentemente adoram esse nome, mas, ao mesmo tempo, não são cristãos verdadeiros.

Alguns mss, como W Theta e algumas versões siríacas (s, c) ajuntam a este versículo: «...esse é o que entrará no reino dos céus». Essa adição, porém, é uma anotação que procura salientar ou estender o que já se encontra no texto. Entre as traduções, somente *F* traz essa adição.

FALSOS PROFETAS

O Antigo Testamento via os falsos profetas com grande severidade. Descobertos, deveriam sofrer a pena capital (Deu. 13:1-4). Algumas vezes, na história de Israel, os profetas falsos tomavam conta da cena, temporariamente. A adoração pagã foi ativamente promovida durante o reinado de Acabe. Oitocentos profetas falsos promoviam o culto pagão, mormente a adoração a Baal e a Asera (I Reis 18:20). Profetas mentirosos diziam aos reis de Israel o que eles queriam ouvir, e não a verdade (I Reis 22:6-23). Os verdadeiros profetas denunciavam os profetas falsos, juntamente com suas supostas visões (Jer. 29:21-23).

No Novo Testamento, os falsos profetas eram muitos (I João 4:1). Eram chamados *anticristos*. Jesus também caracterizou-os como lobos vestidos em peles de ovelhas (Mat. 7:15). Paulo feriu com cegueira ao falso profeta, Bar-Jesus (Atos 13:6,11). Jesus predisse que muitos profetas falsos surgiriam e realizariam milagres (Mat. 24:24; Mar. 13:22). O sétimo capítulo de Mateus mostra que os crentes deveriam ser bons imitadores dos profetas autênticos, para não serem confundidos com os falsos profetas.

O maior dos falsos profetas será o precursor do **anticristo** (vide). Ver Apo. 13:12-14 e o comentário sobre ele, no NTI. O falso profeta proverá poderosos sinais (milagres), em confirmação da autoridade do anticristo. Ver o artigo separado sobre o *Falso Profeta*.

Mat. 7:15: *Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas inteiramente são lobos devoradores.*

Acautelai-vos dos falsos profetas. Para evitar entrar pela porta larga, que corresponde à religião errada, o homem deve escolher determinado tipo de vida, caracterizado pela fé; e também deve evitar

entrar no «caminho espaçoso», que é o curso de vida que inclui os anelos da existência terrena. Precisamos tomar cuidado com aqueles que advogam a vida errada, ensinando doutrinas pervertidas, os quais encorajam os homens a entrar pela porta larga, podendo assim caminhar pelo caminho espaçoso. As interpretações em torno dos *falsos profetas* são: 1. As autoridades religiosas dos judeus, como os fariseus. 2. Os impostores, como Judas da Galiléia (ver Atos 5:37; Josefo, de Bell Jud. 2:13,47). 3. Os profetas falsos da época cristã (Mat. 24:11,24; ver também os vss 21-23 deste capítulo). 4. O ensino de Deus é geral, e por isso inclui todas essas idéias — qualquer indivíduo que mostre e ensine coisas que façam outros entrarem no caminho espaçoso. Provavelmente essa é a idéia de Jesus, neste caso. Ver também Atos 20:29, 30 e II Ped. 2:1,2.

Disfarçados em ovelhas. Vestidos como ovelhas. Aqui há alusão à veste dos profetas, descrita em 3:4 e também em Heb. 11:37. Todavia, Jesus não fala literalmente de roupas, mas usa essa expressão a fim de indicar a natureza da ovelha, isto é, que ela é gentil e mansa. Apresentando-se como ovelha, o lobo consegue intrometer-se entre elas. Mas come a carne das ovelhas. O profeta *falso* pode até viver literalmente das ovelhas (dinheiro), comendo assim a sua carne e vestindo-se com a sua lã. O *Didache* (ensino dos apóstolos) refere-se a certas pessoas, intitulando-as comerciantes de Cristo, pois da religião de Cristo fazem um meio de vida, um meio de ganhar dinheiro, como se fora qualquer outro negócio. De outra feita o Senhor Jesus falou desse tipo de espertalhão: «Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores» (João 10:8). E mais adiante, no mesmo capítulo, fala acerca do «mercenário», que não é pastor verdadeiro e, por isso mesmo, não cuida das ovelhas.

Lobos roubadores. Indivíduos que não cuidam das ovelhas; pelo contrário, destroem-nas e não as salvam. Para conseguir os seus objetivos, vinculados ao dinheiro ou ao sentimento de grandeza, etc., estão prontos a sacrificar as ovelhas. (Ver II Cor. 11:2,3,13,15, onde Paulo fala de tais pessoas).

Os lobos são mais perigosos do que os cães e os porcos selvagens (vs. 6). Os cães e os porcos se apresentam como inimigos hostis aos discípulos do reino. Os lobos, sendo animais selvagens mais perigosos, bravos e fortes, aparecem como profetas e se apresentam no meio das ovelhas. Na história da igreja lemos que apareceram no tempo oportuno, como judaizantes (ver II Cor. 11:13), e em vários lugares apareciam no mundo dos gentios, onde fora estabelecida alguma igreja cristã, na forma de gnósticos (ver I João 4:1; II Tim. 4:1). Tais lobos sempre encontram as suas vítimas.

Mat. 24:11: *Igualmente hão de surgir muitos falsos profetas, e enganarão a muitos*;

Ver o vs 5. A diferença entre aqueles descritos no vs 5 e os que são mencionados aqui é que os primeiros são essencialmente uma espécie de falsos messias, ou pelo menos que se fazem líderes de movimentos tipos messiânicos, freqüentemente com ligações políticas. A maioria daqueles mencionados neste versículo, os *falsos profetas*, tem-se levantado no seio da própria igreja. Alguns deles têm sido *antinomianos*, isto é, são libertinos que exageram as declarações do apóstolo Paulo de que o crente está livre da lei de Moisés. Muitos dos *gnósticos* pertenciam a essa classe, dizendo que não tem importância o corpo, por ser ele o guardião do mal e que a morte do corpo é a única coisa capaz de livrar a alma, para que ela, então, siga para a inocência completa. Os que se guiavam por tais idéias, pouco se importavam como tratavam o corpo ou quantos pecados de natureza carnal eram praticados, sem qualquer escrúpulos de consciência. Alguns desses homens tornaram-se líderes nas igrejas. Foi desses tipos que Paulo falou quando escreveu, «Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherzinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões» (II Tim. 3:6). O ponto principal em foco não é tanto a atitude libertina, mas o fato de que havia mestres, nas igrejas, que ensinavam que não há mal algum nessas coisas, porque envolvem apenas o corpo que não tem importância alguma para a natureza moral do homem. Acerca dos tais disse também o apóstolo: «Tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, poder. Foge também destes» (II Tim. 3:5).

Além disso, e por outro lado, havia também os gnósticos e outros de ação contrária, que enfatizavam o *ascetismo*, isto é, que maltratavam os seus próprios corpos e que se deixavam orientar por uma interminável lista de proibições contra uma multidão de coisas, seguindo um tanto a atitude dos fariseus. Havia aqueles que diziam: «Não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquiloutro» (Col. 2:21). Tinham regras quanto ao uso dos alimentos, observavam dias especiais, mostravam-se contrários ao casamento e proibiam qualquer uso do sexo, mesmo legítimo. Paulo sentiu-se obrigado a advertir aos seus ouvintes e leitores que esses, igualmente, eram falsos profetas.

Outrossim, havia também os *judaizantes*, que eram legalistas que pervertiam as doutrinas da graça e que tentavam conservar a igreja sob a lei de Moisés. O evangelho segundo aos Hebreus (um evangelho apócrifo) parece ter sido escrito com o propósito definido de fazer da igreja uma instituição judaica, ignorando as revelações recebidas por Paulo e negando-as, revelações essas que dão à igreja o seu caráter distintivo. As epístolas de Paulo aos Efésios e aos Colossenses foram escritas a fim de combater diversas formas de heresia, incluindo a forma de gnosticismo que ensinava que Cristo era apenas *um ser* pertencente à ordem dos *anjos*, mas não divino.

A Apostasia dos Últimos Dias

O anticristo enganará quase toda a igreja, e através dele, o próprio Satanás será adorado em todo o mundo. Então, se realizará a *grande apostasia*. Ver os artigos separados sobre *Apostasia* e *Anticristo*.

FALTO NO FALAR, INCULTO

No grego temos uma palavra, **idiótes**, que aparece por cinco vezes (Atos 4:13; I Cor. 14:16,23,24 e II Cor. 11:6). Esse vocábulo não aponta para alguém com inteligência abaixo da média, como se dá com a palavra portuguesa que dali se deriva, «idiota», e, sim, para alguém destreinado quanto à educação escolar. Nossa versão portuguesa traduz a palavra por «incultos», na referência de Atos, e por «indoutos» nas referências de I Coríntios; e por «falto», em II Coríntios, na expressão «falto no falar». Este último caso merece alguma explicação. Os gregos admiravam muito a eloqüência e a precisão de linguagem. Mas Paulo não pregava «com ostentação de linguagem, ou de sabedoria» (I Cor. 2:1). Por isso, alguns elementos que eram contrários a ele na igreja de Corinto, criticavam-no por não ser tão bom orador quanto Apolo, por exemplo. Paulo defende-se da acusação, em II Cor. 11:6, dizendo que, «embora destreinado no falar, não sou (destreinado) no

conhecimento». Outro tanto se aplica ao caso de Pedro e João, em Atos 4:13. Os apóstolos não eram uns «ignorantes», conforme o vulgo interpreta a passagem; tão-somente não haviam sido treinados nas escolas rabínicas. As Escrituras jamais valorizaram a ignorância, sobretudo a ignorância quanto ao texto da Bíblia, conforme muitos crentes de poucas luzes pensam, consolando-se e justificando-se de sua ignorância e preguiça.

FAMÍLIA

Esboço:

I. Definição
II. As Principais Funções da Família
III. A Origem da Família
IV. Práticas de Casamento
V. Alguma Informação Veterotestamentária sobre a Família
VI. O Novo Testamento e a Família
VII. Metáforas Espirituais e a Família
VIII. A Família e os Símbolos nos Sonhos e nas Visões

I. Definição

A palavra **família** usualmente refere-se a um grupo de pessoas relacionadas entre si por laços de parentesco ou de matrimônio, como os pais e seus filhos, que vivem juntos em uma mesma residência. Um grupo assim usualmente pratica uma economia em comum, havendo um ou mais membros que contribuem para o sustento de todos. Por extensão, a palavra também indica algum grupo de pessoas com um mesmo antepassado; ou mesmo um grupo atualmente vivo, composto por muitas unidades familiares individuais. *Metaforicamente*, o vocábulo também é usado para indicar pessoas que não estão biologicamente relacionadas entre si, como sucede nas fraternidades, nos clubes sociais, compostos por pessoas que não têm qualquer conexão racial umas com as outras. O *clã*, por sua vez, é uma unidade familiar maior. Em certas culturas, os vínculos que formam um clã são bastante fortes. Embora não com exclusividade, os povos semitas são os que mais dão valor ao sistema.

II. As Principais Funções da Família

Cinco principais funções da família podem ser mencionadas, a saber:

1. *Relações sexuais*. O ideal da maioria das religiões (que também faz parte das leis civis de muitos países) é que as atividades sexuais limitem-se ao âmbito da família. As leis judaicas contra os desvios sexuais, como o adultério, visavam, principalmente, a proteger a unidade da família.

2. *Reprodução*. É mister um longo tempo para fazer a prole humana tornar-se **madura e auto-suficiente**. A família é a unidade de incubação e treinamento, com esse propósito. A reprodução fora dessa unidade representa um sério problema pessoal e social. A herança genética é um dos principais, se não mesmo o principal fator que determina o sucesso ou não de uma criança, neste mundo.

3. *Questões econômicas*. A luta pela sobrevivência econômica, com freqüência, depende da solidariedade da unidade da família. Uma pessoa que ganhe um bom salário pode sustentar o grupo inteiro; e mais de um sustentador pode prover à família conforto e prosperidade material. A necessidade de sustentar os membros da família é a motivação por detrás do trabalho e das profissões, que são elementos básicos em qualquer sociedade.

4. *Educação*. A maioria das sociedades alicerça-se sobre a educação básica que a família provê para os seus membros, começando pela aquisição e aperfeiçoamento do idioma. Uma criança entra no sistema escolar público com vantagens ou desvantagens, tudo dependendo da qualidade da educação doméstica com que chega ali. A educação religiosa também começa no seio da família. Ver o artigo separado sobre a *Educação Cristã*.

5. *Provisões e proteção*. Não é fácil uma criança ficar só e enfrentar o mundo, contando apenas com suas próprias forças e recursos. Na escola, uma criança encontra forças no fato de que *mamãe* está em casa, disposta a ajudar, e que o *papai* pode resolver todos os problemas que a avassalem. Além disso, um irmão maior poderá protegê-la das ameaças de outras crianças. Acresça-se a isso que também há o orgulho de família. A posição de uma família, no seio da sociedade, pode inspirar uma criança a procurar fazer tudo o melhor possível. Essa questão, todavia, pode ser exagerada, quando os filhos de certos pais são favorecidos, em vista do prestígio e poder econômico de certas famílias.

6. *Afeto*. Ninguém vive bem sem o amor e o apoio de outras pessoas. As relações afetuosas começam no seio da família.

III. A Origem da Família

Os primeiros capítulos do livro de Gênesis mostram que a família foi a primeira das instituições divinas. Os evolucionistas e antropólogos têm dúvidas a esse respeito, supondo que a família humana emergiu da ascensão evolutiva do homem, provavelmente por razões econômicas ou de proteção mútua. A extrema dependência da prole humana, em seus tenros anos, ensina-nos, pelo menos, que, desde o princípio, deve haver mães que cuidem de seus filhos, o que já constitui uma unidade básica da família. De outro modo, a raça humana não poderia sobreviver. As evidências arqueológicas demonstram o fato de que onde existiu o homem, também existiu a família. Portanto, qualquer coisa dita em contrário, não passa de especulação. Mesmo que os primeiros relacionamentos entre os sexos tivessem sido promíscuos, de tal maneira que não fossem formadas famílias, conforme atualmente as conhecemos, deve ter havido mães protetoras; e, podemos supor, pelo menos ocasionalmente deve ter havido pais protetores e provedores, que muito devem ter contribuído para a criação dos filhos. Isso deve ter acontecido mesmo quando os homens tivessem outras mulheres que, com seus filhos, fossem objeto das atenções deles.

IV. Práticas de Casamento

Fornecemos um artigo separado sobre esse assunto, intitulado *Matrimônio*. As formas básicas do casamento são a *monogamia* (um homem e uma mulher); a *poligamia* (um homem e mais de uma mulher); a *poliandria* (uma mulher e mais de um homem) e o *casamento em grupo* (não há casais fixos e as crianças são criadas pela comunidade inteira). Normas sociais, econômicas, filosóficas e religiosas é que determinam a forma predominante de casamento, em qualquer sociedade. A poliandria é rara; mas, quando ocorre, usualmente irmãos, pais e filhos recebem os favores sexuais de uma mesma mulher. O casamento em grupo, sugerido por Platão para as classes de elite da sociedade, e praticado em algumas comunidades utópicas de nosso tempo, como nas comunidades hippies, também é uma forma muito rara de matrimônio.

V. Alguma Informação Veterotestamentária sobre a Família

A Família

••• ••• •••



Paz Esteja Sobre Esta Casa

Jesus Abençoa as Crianças

As crianças são suas, ó Senhor.

••• ••• •••

●●● ●●● ●●●

Um pai vale mais do que cem mestres.
(George Herbert)

●●●

Quem honra seu pai viverá longos dias.
(Ecles. 3:6)

Instrue ao menino no caminho em que deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele.
(Prov. 22:6)

Ao Senhor eu o entreguei por todos os dias que viver. (I Sam. 1:28)

●●●

Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo.
(Efé. 6:1)

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor.
(Efé. 5:22)

Vós, maridos, amai vossas mulheres como Cristo também amou a igreja.
(Efé. 5:25)

Deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher, e serão os dois numa carnę. Grande é este mistério: digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja.
(Efé. 5:31,32)

●●● ●●● ●●●

1. O Antigo Testamento, no começo do livro de Gênesis, e os ensinos da Tora falam sobre a família como uma instituição divina para o desenvolvimento físico e espiritual da raça humana. O Antigo Testamento não tem uma palavra específica para indicar a idéia de «família», mas usualmente emprega a palavra «casa» quando alude à família (Rute 4:11; I Crô. 13:14; II Crô. 35:2,12; Sal. 68:6).

2. Na qualidade de *instituição divina*, a família está sujeita às ordenanças e às leis; e, em escala maior, a sociedade, composta de todas as famílias de uma comunidade, também está sujeita a essas normas. A monogamia, que vem desde o jardim do Éden (Mar. 10:6-9), tornou-se o grande ideal da família; mas quase nunca é praticada na sociedade.

3. O *Decálogo* (Êxo. 20:14,17) e o grande número dos preceitos levíticos (ver Lev. 18:6-18; 20:14-21; 21:7-15) governavam a formação da família e a vida doméstica, entre os israelitas. Esses preceitos incluem questões como dotes, festividades, noivado, casamento, educação dos filhos, etc.

4. A família é a *unidade básica* da sociedade humana e de qualquer nação. Os pactos do Antigo Testamento foram estabelecidos com essas unidades maiores, existentes na humanidade. Ver o artigo separado sobre os *Pactos*. Todavia, apareceram dificuldades. Ló acabou se envolvendo com uma sociedade pagã (incluindo o homossexualismo e a total promiscuidade sexual prevalentes em Sodoma); Israel tornou-se um povo cativo no Egito. Apesar dessas coisas, o *êxodo* (que vede) foi o acontecimento histórico que possibilitou a continuação da relação do pacto estabelecido com Deus.

5. *A poligamia e o casamento levirato*. O livro de Gênesis mostra que a poligamia começou bem cedo, no gênero humano: «...Lameque tomou para si duas esposas...» (Gên. 4:19). Todos os patriarcas das primeiras gerações eram polígamos. As concubinas, incluindo aquelas que vinham da classe social dos servos, eram um elemento importante nas sociedades antigas. As leis da Babilônia, de Nuzi e de Hati demonstram a base comum que havia quanto a essas questões, que as sociedades mesopotâmicas compartilhavam, de modo geral, com a cultura dos hebreus. Destarte, a família tornou-se uma grande salada, com inúmeros meio-irmãos, com unidades e subunidades. Os intérpretes consideram isso uma erosão da ordem própria da família. Deveríamos considerar um fator que é freqüentemente esquecido. As grandes matanças e intermináveis guerras e conflitos armados, naturalmente, deixam como saldo um grande número de mulheres solteiras. Ora, onde houver uma maioria de mulheres, a poligamia torna-se uma prática viável, e, talvez, até necessária, para a sobrevivência da sociedade e para seu bem, se não para a sua boa ordem. O papa João Paulo II tem-se mostrado especialmente preocupado acerca desse problema, e, por ocasião do sínodo de 1986, reagiu com consternação diante da declaração de um bispo católico romano da África, de que é impossível eliminar a poligamia na sociedade africana. No entanto, a experiência tem demonstrado que quando os missionários cristãos impõem a monogamia sobre católicos romanos que até então tinham vivido polígamos, as esposas que são descartadas tornam-se prostitutas, por faltar-lhes a educação e os meios para participarem da sociedade como mulheres responsáveis e independentes. Assim, quando lemos o Antigo Testamento e vemos a dilapidação constante da população masculina, devido a intermináveis conflitos, até que chegamos a simpatizar com a poligamia, como um meio de proporcionar às mulheres algum tipo de vida em família, ainda que não seja a situação *ideal*. Em qualquer sociedade, onde haja um número bem maior de mulheres do que de homens, a poligamia não oficial não demora a tornar-se a prática comum. A despeito de tudo isso, o ideal do casamento monógamo é louvável (Pro. 5:15-19), mesmo que quase nunca tenha sido posto em prática na sociedade hebréia.

O casamento levirato, segundo o qual um irmão ficava com a esposa viúva de um seu irmão falecido, se aquele casal não tivera filhos, tinha o intuito de preservar o nome, a posteridade e a herança da família. Ver Deu. 25:5-10 e o artigo separado sobre a *Lei do Levirato*.

6. Por quase todas as páginas da Bíblia evidencia-se a *responsabilidade da família* em treinar a criança no caminho da espiritualidade. Que essa é a substância do ensino do Antigo Testamento, ver Provérbios 22:6. Paralelamente, a família também era uma escola profissional, de tal maneira que os filhos tivessem um meio de vida. Ver o artigo separado sobre as *Escolas*.

7. *A condição da mulher*. A antiga cultura judaica não provia para as mulheres uma posição muito elevada, — com algumas notáveis exceções, naturalmente. Alguns rabinos chegaram ao extremo de debater se as mulheres tinham alma ou não. Um famoso ditado entre os rabinos, dizia: «É preferível queimar a lei do que ensiná-la a uma mulher». Nas cidades, as mulheres eram praticamente mantidas reclusas. Seus companheiros mais constantes eram os escravos e as crianças. Nas áreas rurais, onde a ajuda das mulheres era necessária no trabalho do campo, a liberdade delas era bem maior.

Já vimos como a poligamia era a norma, e não a exceção. Os reis de Israel, de Salomão em diante, contavam com haréns elaborados e muitos filhos. Ver o artigo sobre *Davi*, onde há um quadro que mostra que, por onde ele ia, recolhia mais algumas mulheres como esposas ou concubinas, de tal modo que o autor sagrado nem tenta dar os nomes de todas elas. Quanto a informações mais detalhadas sobre esse assunto em geral, ver o artigo intitulado, *Mulher, Posição da*.

8. *A autoridade do homem*. Não há que duvidar que, nas sociedades antigas, o pai era o cabeça da família. Essa norma estava à raiz da sociedade patriarcal (Gên. 3:16; I Cor. 11:3-10). Um pai de família tinha direitos de vida e morte sobre os membros de sua família (Deu. 21:18-21). O mais idoso pai sobrevivente, dentro da estrutura da família (bisavô, avô) retinha seu poder e autoridade, dentro da sociedade patriarcal (Gên. 9:25,27; 27:27-40; 48:15,20; 49). O pai era o responsável pela instrução religiosa e secular dos membros de sua família (Êxo. 12:26; Deu. 6:20). A desobediência poderia resultar em punição capital (Deu. 21:18).

VI. O Novo Testamento e a Família

1. **A família de Jesus é a única família que é** especificamente descrita no Novo Testamento; mas, mesmo assim, há muitas especulações acerca da natureza exata da família de Jesus. Aqueles membros da família que são mencionados como seus irmãos e irmãs seriam filhos somente de José (não de Maria), de um casamento anterior? Seriam primos? ou seriam filhos de José e de Maria, e, portanto, meio-irmãos de Jesus (visto que ele era filho somente de Maria)? Ver o artigo separado sobre a *Família de Jesus*, quanto a informações sobre esse assunto.

Podemos supor que a típica família judaica, dos dias de Jesus, não diferia muito das famílias antigas

de outras nações, excetuando a questão da educação. Através da sinagoga, foi desenvolvido um sistema bastante elaborado de educação para os *meninos*, mas não havia idêntica instrução para as meninas. Nos tempos helenistas, havia escolas que promoviam os estudos das ciências e da filosofia, embora isso nunca tivesse sido uma característica importante da cultura judaica. Ver o artigo separado sobre a *Educação*, que fornece descrições detalhadas sobre essa questão, no que tange a uma comparação à cultura judaica e a outras culturas.

2. *Jesus e a Família*. Jesus apelou para os ditames originais da criação como diretriz quanto à organização da família, incluindo a idéia da monogamia (Mat. 5:27-32; 18:19,20). Jesus utilizou-se da família a fim de ilustrar as principais qualidades éticas, como o amor, o perdão, a longanimidade de Deus e a paternidade de Deus. Também utilizou-se das crianças para ilustrar as qualidades da simplicidade e da inocência, a par com uma confiança profunda e implícita, com o intuito de ilustrar como devem ser os membros do reino de Deus (Mat. 19:13-15). Vários dos milagres de Jesus estiveram ligados às famílias, às provações que elas sofrem, às cargas que elas precisam suportar. Ver Mat. 8:1-15; 9:18-26; 15:21-28; João 2:1-11; 4:46-54; 7:11-17; 11:1-46; 21:6-11.

3. *Instruções Apostólicas*. Trechos neotestamentários relativos à família são: I Cor. 7:1-28; 11:3; II Cor. 6:14 *ss*; Efé. 5:22; Col. 3:18; I Tim. 5:8; I Ped. 3:1-7. No sétimo capítulo de I Coríntios, Paulo mostra que preferia o celibato à vida de casado, para aqueles que tenham o dom de Deus para tanto. Ele via o casamento como um meio para o crente ter uma vida sexual legítima, incluindo como um resguardo contra a fornicação e o adultério. O homem é o cabeça da mulher, tal como Cristo é o cabeça do homem. Os casamentos deveriam ser contraídos somente dentro dos limites da fé espiritual comum e nunca com incrédulos. Se falarmos em termos de conceitos principais, temos os seguintes: o homem deve amar à sua esposa, cuidando dela; a mulher precisa reverenciar seu marido e ser-lhe submissa; os filhos devem obedecer a seus pais.

No casamento há elementos místicos que fazem os cônjuges tornarem-se uma só carne, combinados de uma maneira misteriosa, que envolve suas energias vitais e espirituais. A união entre Cristo e a sua Igreja também é chamada de um *mistério*, em Efésios 5:32. A sujeição da mulher ao marido, no casamento, talvez seja o grande tema isolado mais enfatizado, e isso dentro de um contexto espiritual. No dizer de Paulo, isso é «como convém no Senhor» (Col. 3:18). O chefe da família tem o dever de prover o necessário para a sua família (I Tim. 5:8). O trecho de II Cor. 12:14 proíbe a exploração das crianças (em sentido financeiro, e, podemos supor, em outros sentidos, igualmente) por parte dos pais, que poderiam ser tentados a viver explorando-as. Antes, os pais devem prover o necessário para os filhos. Todavia, isso não elimina o dever dos filhos cuidarem de seus pais, quando eles ficarem idosos (Mar. 7:11 *ss*), mas regulamenta a conduta geral dos membros de uma família no tocante ao dinheiro. A família, como um todo, é objeto da instrução cristã (Atos 5:24 e 20:20). Tal como nas famílias judaicas, a instrução espiritual reveste-se de capital importância nas famílias cristãs. Passagens como as de Colossenses 3:18 *ss* e o quinto capítulo da epístola aos Efésios indicam que as famílias eram alvos de uma instrução especial; e podemos estar certos de que cada família cristã era uma escola, em si mesma. As igrejas locais, naturalmente, a princípio usavam as residências de certas famílias como lugares de adoração e de ensino. Ver Rom. 16:5,23; I Cor. 16:19; Col. 4:15; File. 2. Somente em séculos posteriores os cristãos começaram a construir edifícios separados com esse propósito, seguindo a idéia que já vinha sendo exemplificada pelas sinagogas (que vede).

VII. Metáforas Espirituais e a Família

1. A Igreja é a casa espiritual de Deus (Efé. 2:19; Heb. 3:1-6).

2. A Igreja é a casa da fé (Gál. 6:10).

3. A salvação consiste na *filiação* e os filhos de Deus chegam a participar da própria natureza de seu Pai celeste (Rom. 8:29; Col. 2:10; II Ped. 1:4).

4. Como membros da família espiritual de Deus, somos *herdeiros* das riquezas celestiais e espirituais (Rom. 8:15-17).

5. Ter Deus como *pai* significa que devemos buscar as suas perfeições (Mat. 5:48), como membros da família divina e isso implica em muitas e grandes responsabilidades morais e espirituais.

6. — Ter Deus como pai também significa que contamos com os seus cuidados. Aquele que nota até a queda dos pardais, cuida de cada um de seus filhos (Mat. 10:31). Ver também Mat. 6:8. O Pai sempre tem consciência de nossas necessidades. Esse é o pensamento introdutório da oração do Pai Nosso, no sexto capítulo de Mateus. Ver o artigo separado sobre a *Paternidade de Deus*.

7. Cristo é o Filho e o herdeiro da casa de Deus, e, através dele, também somos filhos e ele é o Filho mais velho da casa de Deus (Gál. 3:23 — 4:7; Rom. 8:15-17).

8. Os crentes também são servos e mordomos na casa de Deus (I Cor. 9:17; I Ped. 4:10).

9. Os laços matrimoniais envolvem elementos místicos, com a comunicação de energias vitais, conforme presumimos. Assim, de algum modo misterioso, — os cônjuges tornam-se uma só carne. Isso ilustra o mistério ainda maior da comunhão que há entre Cristo e a sua Igreja, — que é chamada de sua noiva. Ver Efé. 5:30 *ss*.

10. O trecho de Apo. 21:2,9 mostra-nos que a futura glória da Igreja pode ser comparada a uma *noiva* que se prepara para seu noivo. Portanto, o casamento pode ilustrar a união que vincula Cristo (o noivo) à Igreja (a sua noiva).

11. *Disciplina*. Todos os filhos cometem erros; e os pais, em determinadas ocasiões, precisam disciplinálos. Outro tanto ocorre na família celestial. Os filhos legítimos estão sempre sujeitos à disciplina do Senhor. Todavia, essa disciplina existe com a finalidade de beneficiar os filhos, e não meramente de castigá-los. Esse princípio é apresentado em Heb. 12:5 *ss*. Creio que esse princípio aplica-se a qualquer juízo divino. Pois, apesar dos juízos de Deus parecerem severos (serão tão severos quanto for necessário), seu propósito é beneficiar os julgados, mesmo no caso dos incrédulos. Certamente isso fica entendido em I Pedro 4:6, onde vemos que o juízo produzirá certa medida de vida espiritual; e o contexto (I Ped. 3:18 — 4:6, a descida de Cristo ao hades; que vede) ensina-nos que estão em foco *os desobedientes* e não crentes. Ver o artigo separado sobre o *julgamento*. Deus é o Pai de todos os seres vivos, e não apenas dos seus eleitos. Logo, é natural esperarmos que o seu amor, expresso por meio de julgamento, venha a aplicar-se a todos.

12. A família dos remidos não é a única família que

pertence a Deus. Ver Efé. 3:15. O versículo anterior, desse mesmo capítulo, refere-se a Deus como Pai. Além disso, aprendemos que há famílias compostas de seres inteligentes (as quais, provavelmente, formam muitas ordens diversas), que não são seres humanos, que também têm Deus como Pai. A criação de Deus é muito vasta; a vida é imensa. Mas o amor de Deus permeia a todas as coisas.

VIII. A Família e os Símbolos nos Sonhos e nas Visões

Os membros de uma família mantêm entre si um relacionamento intenso, íntimo, mas, às vezes, infelizmente, hostil. Isso provê material para todos os tipos de representação simbólica, na vida dos sonhos. Amar, a necessidade de ser amado, rivalidades, a necessidade de comunhão e de independência, etc., entram nos sonhos e são ilustrados por várias relações domésticas.

1. *O Triângulo*. Em primeiro lugar, temos o triângulo constituído por pai, mãe e filho. Apesar de que no seio das famílias haja grande comunhão e amor, a rivalidade, com freqüência, vem fazer parte do quadro. Um marido pode sentir-se desprezado por parte de sua mulher, se esta der demasiada atenção a um filho pequeno. Uma esposa pode sentir-se desprezada por seu esposo, se este trabalha demais e negligencia seus deveres domésticos. Os sonhos, pois, podem refletir tanto o afeto quanto a hostilidade inerente nesse triângulo doméstico normal. Mas há um triângulo pior, formado por marido, mulher e amante. Os sonhos que envolvem conflito e rivalidade podem refletir o mesmo. Algumas vezes, um sonho representa um amante como uma força destrutiva, advertindo sobre o iminente desmantelamento do casamento. — Outras vezes, a coisa funciona ao contrário. A esposa (ou o esposo) é representada nos sonhos como um fator divisório, que impede ou ameaça destruir o amor conjugal.

2. *Os Complexos de Édipo e de Electra* (ver os artigos separados sobre ambos esses complexos) também são representados nos sonhos, usualmente por meio de símbolos ameaçadores, ou que provocam o senso de pejo. Quando uma pessoa se enamora de alguém que não é membro de sua família (se há oposição ao romance), então o novo amor pode ser simbolizado por um encontro *incestuoso*, em um sonho, simplesmente porque tal amor é proibido.

3. *Sonhos de Morte dos Pais*. Uma criança pode sentir-se sufocada pelo amor dominador do pai, da mãe ou de ambos; e então pode sonhar com a morte de um ou de ambos os pais, o que simboliza o seu intenso desejo de libertar-se das limitações impostas pela família. Um sonho desse tipo pode indicar, para a criança, a necessidade de separar-se de sua família. É como se o sonho dissesse: «É chegado o tempo de você levar a sua própria vida neste mundo».

4. *Sonhos que Lançam os Pais no Descrédito*. Um filho pode ser dependente demais de seus pais, ou por motivo de afeto ou por motivo de dinheiro e segurança. A criança pode sonhar que seu pai é um alcoólatra ou dotado de caráter desprezível, quando o pai não é nada disso. Tais sonhos tentam lançar os pais no descrédito, na esperança de romper com a exagerada dependência que o filho tem diante de seus pais.

5. *Sonhos de Parricídio ou Matricídio*. Um filho pode ter um sonho horrível assim quando precisa desesperadamente de independência. Naturalmente, tal sonho também pode ser um reflexo de seus sentimentos de hostilidade — para com os seus genitores.

6. *Sonhos de Rivalidade Entre os Filhos*. Esse tipo de sonho pode refletir a competição pelo amor e pela atenção da parte dos pais, ou então pode refletir aquelas rivalidades naturais que surgem nas situações domésticas. O ato de matar a um irmão ou irmã, em um sonho, pode subentender hostilidade em relação à pessoa morta no sonho, ou então o desejo de libertar-se de restrições representadas por tal pessoa. Consideremos a história de Caim e Abel.

7. *Arquétipos*. A mãe pode representar a força da vida; ou, negativamente, uma mãe terrível, superpossessiva e destruidora. O pai pode representar autoritarismo, opressão; ou então, positivamente, a autoridade na família e a proteção paternal.

8. *O Filho ou a Filha como se Fosse o Próprio Trabalho*. Um sonho comum é aquele que se utiliza da figura de um filho ou de uma filha como se fosse o próprio trabalho da pessoa, ou então o ideal que o sonhador está procurando trazer à realidade. É como uma espécie de nascimento. Ademais, trabalhar em um projeto assemelha-se a criar uma criança. Mesmo as pessoas sem filhos usam o símbolo da criança, em seus sonhos.

Bibliografia. Ver o artigo sobre o *Matrimônio*, e também AM CHE E H JUD ND

FAMÍLIA DE JESUS

Mat. 12:47: *Disse-lhe alguém: Eis que estão ali fora tua mãe e teus irmãos; e procuram falar contigo.*

Os *mss* que contêm vs. 47 são CDEFGKMSUV Gama Fam Pi; as traduções KJ NE PH BR (duvidosa) WY ASV AC AA IB F e M. Os mss Aleph BL e as versões latinas *ff*, k e ambas as versões mais antigas do siríaco (Si cs) omitem esse versículo, como também as traduções RSV WM e GD. O texto original em Mateus omitia esse versículo, conforme o demonstram a maioria dos mss mais antigos. Foi adicionado à base de Mar. 3:32, por assimilação harmonística.

«Sua mãe e seus irmãos». Paralelos em Mar. 3:31-35 e Luc. 8:19-21. Devemos analisar essa visita da família de Jesus juntamente com as palavras que se encontram em Mar. 3:20,21: «Então ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluiu de novo, de tal modo que nem podia comer. E quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si». O ministério de Jesus aumentou de tal maneira que nem tinha tempo para comer, e pode-se imaginar que, devido às múltiplas curas e à intensificação das controvérsias com as autoridades religiosas, a agitação chegou, algumas vezes, a um estado de furor. A família de Jesus, como é evidente, compreendeu algo da situação, e, ouvindo ainda mais acerca dos acontecimentos, supôs que ele fora mentalmente afetado. Não há que duvidar que pensaram estar fazendo um ato de misericórdia, prendendo a Jesus e levando-o para casa. É certo que não foram até ali a fim de atrair a atenção do povo, dizendo: «Somos parentes deste grande e famoso homem». Pelo contrário, queriam livrá-lo de sua própria insanidade, bem como das ameaças das autoridades. A intenção deles, apesar de errada, pelo menos era honesta. Esse incidente da vida de Jesus ilustra quão pouco a sua própria família o compreendia, e também quão pouco compreendia a sua missão.

Marcos menciona por nome *quatro* irmãos de Jesus (6:3), bem como um número *indeterminado* de irmãs. Muitos discutem a questão dos irmãos de Cristo, aqui mencionados. Alguns, pretendendo preservar a doutrina da perpétua virgindade de Maria, inventada pelos homens, apresentam as

seguintes explicações: 1. Esses «irmãos» de Jesus eram seus primos, e não irmãos no sentido literal, como podem indicar as palavras grega e hebraica para «irmãos». Alguns sugerem que eram filhos de Alfeu e de Maria, a irmã de Jesus. 2. Seriam filhos de José mediante um casamento anterior. 3. Seriam filhos de José mediante um casamento posterior; e José teria contraído essas núpcias a fim de criar os filhos de um irmão seu, já falecido. Todas essas idéias tiveram início bem cedo na história eclesiástica, e até hoje perduram.

Os argumentos enumerados abaixo favorecem a idéia de que os irmãos e as irmãs de Jesus eram filhos de José e Maria, em seu sentido literal.

1. João 7:5 parece *excluir* «seus irmãos» do número dos «doze», mesmo porque não eram realmente filhos de Alfeu, pai de Tiago, o apóstolo. Atos 1:14 também os menciona em separado dos doze. Portanto, esses homens (os irmãos) não poderiam, realmente, ser primos de Jesus e estar no número dos doze apóstolos. Os nomes Tiago, Judas e Simão eram nomes muito comuns, e é provável que alguns dos primos de Jesus tivessem os mesmos nomes de seus irmãos literais. As Escrituras também indicam que seus irmãos não tiveram fé nele senão após a sua ressurreição (João 7:5).

2. Das quinze vezes em que esses irmãos são mencionados (dez nos evangelhos, uma em Atos e algumas vezes nos escritos de Paulo) quase sempre são mencionados em companhia de Maria, mãe de Jesus. É estranho que os *primos* de Jesus andassem sempre em companhia de sua tia, que nesse caso seria Maria, mãe de Jesus, em vez de andarem em companhia de sua própria família.

3. Em *nenhuma porção* das Escrituras é indicado que eles fossem primos de Jesus ou filhos somente de José, e não de Maria. Tais suposições são especulações humanas para estabelecer e firmar uma *teologia humana*.

4. A não ser por motivo de *preconceito teológico*, não há razão para não acolhermos essas palavras em seu sentido mais natural, isto é, eram filhos de José e Maria, em sentido literal. A elevação de Maria à estatura de deusa é uma tradição romanista, contrária ao próprio tratamento de Jesus à sua mãe (Mat. 12:47, onde ele não reconhece qualquer relação especial, devido à ligação física) e contrária à idéia que diz que Jesus era o único de sua espécie entre os homens, posição essa que ele jamais dividiu com sua mãe. Finalmente, devemos notar que a doutrina da *perpétua virgindade* de Maria não é apoiada nas Escrituras. A preservação dessa doutrina forma a base dos argumentos que explicam erroneamente esses «irmãos», como se não fossem irmãos literais de Jesus; e também não goza de base alguma nas Escrituras. Parece razoável que uma doutrina dessa natureza, caso tivesse tanta importância como alguns afirmam, pelo menos fosse apoiada por uma *pequena afirmação* bíblica nesse sentido.

FANA

Essa palavra é usada para indicar o estado de êxtase dos místicos sufi (que vede). Esse estado tem sido traduzido como «a eliminação da personalidade humana», quando a pessoa fosse absorvida pela divindade. Todavia, isso não importaria na cessação da existência e, sim, na obtenção de um nível superior de existência. Ver o artigo geral sobre o *Misticismo*.

••• ••• •••

FANATISMO

Esse termo vem do vocábulo latino **fanaticus**, «divinamente impulsionado», «louco». Vem da raiz *fanum*, «templo». Essa é a palavra usada para indicar o zelo excessivo e irracional, o que tem certas características: 1. com freqüência mostra-se irracional; 2. ausência de autocrítica; 3. arrogância; 4. estribado em uma mentalidade imatura; 5. intelectualmente embotado; 6. originador de atos brutais, como quando os fanáticos perseguem e até eliminam os seus oponentes; 7. geralmente, é acompanhado por uma moral baixa, embora se exalte em altos termos, piedosos, **santarrões**; 8. por muitas vezes está associado a um estreito sistema de crenças, que o fanático supõe exprimir toda a verdade; 9. nunca permite a liberdade de pensamento e expressão, quando obtém o poder.

Na *psicologia*, os fanáticos são descritos como indivíduos dotados das seguintes características: 1. agressividade; 2. preconceitos vários; 3. estreiteza mental; 4. extrema credulidade quanto ao próprio sistema, com incredulidade total quanto a sistemas contrários; 5. ódio; 6. sistemas subjetivos de valores; 7. intenso individualismo. O ascetismo pode produzir certa modalidade de fanatismo. O fanatismo torna-se perigoso quando se torna uma atitude de multidão, ou quando é empregado na defesa de alguma suposta causa santa. A política, igualmente, tem os seus fanáticos. A história das religiões está repleta de casos de fanatismo, que são uma desgraça para a humanidade. Podemos lembrar a inquisição e a execução de bruxas na fogueira, ou como as guerras religiosas da Europa, entre 1618 e 1648. Nos tempos modernos, os maus exemplos dados pelo Irã e seus xiitas e pela Irlanda, com seus fanáticos protestantes e católicos romanos, demonstram que essa perversão psicológica nunca descansa.

Exemplos Bíblicos. Balaão era um fanático (I Reis 18:28). Outro tanto pode ser dito em relação aos judeus que exibiram tanta hostilidade gratuita contra o Senhor Jesus (João 19:15), ou àqueles que apedrejaram Estêvão (Atos 7:57 *ss*). Saulo de Tarso, antes de sua conversão, também mostrou-se um tremendo fanático (Atos 8 e 9:1).

Cura do Fanatismo. As virtudes comuns do amor, do respeito e da tolerância poderiam remover todo o fanatismo. O estudo das religiões comparadas também amplia os horizontes do indivíduo, demonstrando que a maioria dos grupos cristãos, embora tão diversos, tem algo com que contribuir. Quanto mais avançamos no conhecimento de Deus e da Bíblia, mais ficamos convictos de que ninguém é dono de *toda* a verdade.

FANO

No grego, **phano**. Essa palavra não aparece na Bíblia. Trata-se de uma peça ornamental que os sacerdotes católicos romanos e o papa usam sobre os ombros. Tem a forma de um colarinho, e deriva-se de uma peça de vestuário da Idade Média. Antes disso, o termo era usado para referir-se a várias peças de tecido, usadas em conexão com a adoração religiosa, como o manto dos padres, o véu dos ombros dos subdiáconos, as abas da mitra do bispo e o lenço usado pelos membros comuns da Igreja Católica Romana, ao apresentarem suas ofertas de pão.

FANTASMA

Fantasma. Tradução de AC, AA e IB, que é melhor do que *espírito*, conforme dizem algumas traduções,

pois o grego diz «fantasma» e não «pneuma». Esta última é que se pode traduzir corretamente como «espírito». A palavra aparece somente em Mat. 14:26 e no paralelo em Mar. 6:49, no N.T. É vocábulo comum na literatura grega, e pode significar *aparição* sem substância real, visão ou aparição de um espírito humano ou sobre-humano. É interessante observar que os discípulos aceitavam a antiga idéia dessas aparições, até mesmo no caso que envolveu a Jesus. A aparição de «fantasmas» usualmente era reputada como um mau agouro, especialmente entre os marinheiros. Pode ser que os discípulos tivessem pensado que o «fantasma» quisesse destruí-los, mediante a violência do mar ou contra as rochas da costa, e, naturalmente, ficaram aterrorizados.

O comentário de *Ellicott* diz: «Os discípulos, ainda presos às superstições de seus compatriotas, pensavam que fosse um fantasma». Bruce escreve: «Um toque de superstição dos marinheiros». Em contraste com isso, Adam Clarke, o principal expositor do metodismo, opina: «Que os espíritos dos mortos *podem aparecer*, e, de fato, aparecem, tem sido doutrina aceita pelos homens mais santos; essa é uma doutrina que os caviladores, os livres-pensadores e outros, que não se dispõem a aceitar idéias diferentes de suas próprias crenças, jamais foram capazes de refutar». John Gill acha que o terror dos discípulos foi causado pela crença comum entre os judeus de que os demônios geralmente andavam à noite, procurando fazer mal aos homens. Certa citação, extraída da literatura judaica, diz: «É proibido saudar um amigo à noite, porque pensamos que possa tratar-se de um demônio» (*T. Bab. Megella*, fol. 3:1, *Sanhedrin*, fol. 44:1). Outros se referem a um demônio feminino que se chamava *Lilith*, que andava à noite com rosto humano, procurando especialmente crianças para roubar e matar. Em face dessas idéias sobre «fantasmas» podemos compreender o medo dos discípulos naquela ocasião.

As pesquisas psíquicas demonstram que não somos tão sábios quanto pensamos e afirmamos, e que neste mundo há muitas coisas sem explicação, e que de fato, *fantasmas* de algum tipo (ou tipos), de alguma origem (ou origens), existem. Portanto, é possível que a idéia de Adam Clarke, conforme citação acima, contenha uma parte da resposta. Precisamos lembrar que essa questão será uma ciência do século XXI, portanto pouco sabemos sobre a verdadeira natureza do imenso universo em que existimos. Pode ser que nossas idéias venham a sofrer grande revolução e que a nossa cosmologia venha a alterar-se extraordinariamente. Uma boa regra é não negarmos aquilo que não compreendemos, ou acerca das quais pouco temos estudado.

A Natureza Humana. As pesquisas científicas no campo da antropologia metafísica demonstram que o homem é uma complexidade de pelo menos três formas de energias distintas. 1. O *corpo*, uma energia física. 2. A *vitalidade*, uma energia semifísica. 3. A *alma* (*espírito*), uma energia espiritual, supostamente fora do campo atômico. O *fantasma* evidentemente é a *vitalidade*, que anteriormente fez parte do complexo humano. Esta vitalidade é capaz de certos atos que exigem uma baixa inteligência, e de natureza mecânica. Todavia, o texto aqui está falando da suposta manifestação de um *espírito* desencarnado.

••• ••• •••

Identificação dos Fantasmas. — Que os homens têm visto e continuarão vendo coisas que poderiam ser chamadas de «fantasmas» é óbvio, se seguirmos a história de todas as culturas, incluindo a história das culturas modernas. Não tão óbvia, porém, é a identificação dos *fantasmas*. Abaixo relacionamos as idéias que têm sido aventadas:

1. Alguns estudiosos pensam em *espíritos humanos* genuínos. O destino da alma não fica determinado no momento da morte biológica. Ver I Ped. 4:6. Algumas vezes, os espíritos dos mortos voltam a esta vida. Isso não significa que deveríamos transformar em religião a busca ou pesquisa por tais fenômenos. A incerteza que circunda a identidade dos espíritos sempre coloca a pessoa em uma situação potencialmente perigosa, quando começa a buscar os tipos de fenômenos a que chamaríamos de espíritos. No entanto, temos na própria Bíblia a história do retorno do espírito de Samuel (I Sam. 28:7 *ss*). Se alguém quiser negar a validade dessa visita, ainda assim terá de enfrentar a questão da visita de Moisés ao monte da Transfiguração (Mat. 17). Pessoas de todas as convicções e denominações religiosas, incluindo evangélicas, têm recebido visitas dessa natureza. Algumas vezes, tais visitas são triviais e aparentemente sem significado. Mas, outras vezes, é comunicada alguma mensagem importante. Deixamos isso ao encargo da vontade de Deus, não procurando explorar tais coisas, mesmo que esses fenômenos, pelo menos em alguns casos, sejam genuínos.

2. *Espíritos não humanos* poderiam estar envolvidos. O mundo espiritual deve ser, pelo menos, tão complexo quanto o mundo físico. Deve haver muitas *espécies* de espíritos, desde os *elementares*, que seriam os símios do mundo espiritual, dotados de menos inteligência e poder que o espírito humano, até às mais elevadas ordens de espíritos *angelicais*. Supomos que alguns espíritos sejam malignos, aos quais podemos chamar de demônios, embora os demônios também pertençam a muitas classes, e não somente a classes de anjos caídos (uma das espécies de demônios). Outros espíritos, por sua vez, são santos, nunca havendo experimentado a situação de pecado. Outros, ainda, são como nós, meio bons, meio maus. em várias proporções. Os espíritos demoníacos poderiam ser confundidos com espíritos humanos. É provável que alguns demônios sejam espíritos humanos desencarnados, que se tenham tornado subservientes ao poder satânico.

---

3. *A Vitalidade*. O complexo humano de energias parece ser composto de quatro energias distintas. Primeiramente, temos o *superego*, o verdadeiro ser, que pode ser classificado segundo a ordem dos anjos guardiães, exceto que esse espírito é a pessoa real, em seu desenvolvimento máximo. Além desse, temos a *alma*, a pessoa que conhecemos, a porção espiritual de nossos seres, a qual, como é evidente, está sujeita ao controle do superego. Em terceiro lugar, vem a *vitalidade*, um tipo de energia mental que, por ocasião da morte, destaca-se tanto do espírito quanto do corpo físico. Essa energia mental pode manter, pelo menos durante algum tempo, uma espécie de existência separada. É dotada de baixa mentalidade, e tende por repetir ações em que o complexo humano de energias se ocupava, quando o espírito ainda estava encarnado. Provavelmente, essa forma de energia explica a maioria dos casos de fantasmas e de casas assombradas. Quando chega a ser vista, aparece em preto e branco, ao passo que a alma é colorida. Pode-se comunicar com essa energia mental; mas ela

está fixa no tempo, é dotada de baixo poder de raciocínio e, como é bem claro, não é um espírito humano, embora antes tivesse estado associada à pessoa humana real. Finalmente, há o *corpo físico*, que representa a energia atômica, material. Suponho que quase todas as histórias de fantasmas envolvem a vitalidade, um complexo de energias mentais que pode envolver-se no chamado corpo mental, sendo utilizado pelo mesmo, a fim de operar. Essa manifestação parece tender a dissipar-se, com a passagem do tempo.

4. Alguns fantasmas, mui provavelmente, nada são além das *alucinações* de quem os vê; nesse caso, teríamos de pensar em alucinações coletivas, em alguns casos em que os fantasmas têm sido vistos por mais de uma pessoa.

5. Alguns fantasmas, provavelmente, são apenas *projeções mentais*, ou de seres humanos vivos, ainda encarnados, ou de espíritos desencarnados, ou de outras espécies de espíritos. Isso significaria que não está sendo visto nenhum ser por detrás do fenômeno, mas apenas um tipo de imagem, projetada por aquele ser. Assim, a mera telepatia, em alguns casos, poderia explicar a aparição de um fantasma, pelo que o que é experimentado é uma imagem visual, e não um ser mentalmente percebido. Em outras palavras, seria um *pensamento* projetado sobre a mente.

6. Alguns fantasmas poderiam ser *imagens de sonhos* vistos visivelmente, enquanto a pessoa está desperta.

7. Alguns fantasmas poderiam ser o espírito ou a vitalidade de uma pessoa, projetados naquele estado que se chama *projeção da psique* (vide).

8. Há fantasmas que não passam de *invenções mitológicas* de pessoas que gostam de contar histórias de fantasmas.

9. Alguns fantasmas podem ser as *formas de pensamento* de pessoas encarnadas, de pessoas desencarnadas, ou mesmo de espíritos não-humanos. Há alguma evidência em favor da idéia que diz que os pensamentos podem assumir certa existência individual, tornando-se então em *espíritos elementares*. Em outras palavras, os pensamentos podem ser atos criativos, trazendo à existência certas formas de vida de baixa qualidade, capaz de se manifestar de forma perturbadora.

10. Finalmente, alguns fantasmas podem ser *fragmentos* da própria personalidade que os vê, de cujos fragmentos tornam-se visíveis mediante a manipulação mental. Seria uma espécie de extensão visível do fenômeno da *múltipla personalidade*. Ver o artigo sobre *Múltipla Personalidade*.

••• ••• •••

FANTASMA
Ver **Coruja**.

FANTASMA NA MÁQUINA

Essa expressão foi usada pela primeira vez na filosofia no livro de Gilbert Ryle, *The Concept of the Mind* (1949). Tem sido usada para refutar o dualismo da mente-corpo, de Descartes. Descartes sugeria que o corpo é apenas uma máquina completa, que se torna uma pessoa somente quando unida a uma alma incorpórea. Para Descartes, a principal característica da alma seria a *consciência*. No entanto, embora seja claro que os seres irracionais têm consciência, nem por isso Descartes afirmava que eles tinham alma. Apesar dessa falha, Descartes não chegou ao extremo de afirmar que os animais irracionais são insensíveis.

Uma Ilustração. Um homem chega a uma universidade e indaga: «Onde está a universidade?» Levam-no ao departamento de matemática. Mas ele torna a perguntar: «Onde está a universidade?» Conduzem-no a diversos outros departamentos, mas ele insiste em sua indagação. É que tal homem não entendeu que uma universidade é o complexo de seus departamentos, e *não alguma outra coisa*.

Os filósofos têm aplicado essa ilustração à alma. Dizem eles que a pessoa é o corpo físico, em suas diversas porções, e que não há nenhum *fantasma na máquina*, ou seja, nada mais existe além das complexidades do corpo material. No entanto, nas discussões da moderna física teórica, como nos estudos de Max Planck, onde o universo assemelha-se muito mais a uma Grande Idéia do que a uma Máquina Complexa, somos instruídos que, até mesmo no campo da ciência, continua sendo legítimo indagar onde se encontra o fantasma na máquina. Aquilo que é evidente para os nossos sentidos físicos ainda não é «a realidade». Os próprios átomos parecem ser uma concentração de energias psíquicas; e as energias psíquicas, por sua vez, dependem da Mente, para poderem existir. As provas sobre a existência da alma e sua sobrevivência ante a morte física, também confirmam a validade da suposição de que a máquina conta com um fantasma, por um elemento que não pode ser detectado, mas que, não obstante, está lá. Ver os artigos sobre a *Imortalidade* e sobre as *Experiências Perto da Morte*, quanto a um estudo científico sobre a alma, que enfoca aquilo que acontece no momento da morte física.

FANUEL

No grego, **Phanouél**. Um homem da tribo de Aser, pai da profetisa Ana, que se encontrava no templo de Jerusalém, quando o infante Jesus era ali apresentado por Maria e José. O nome de seu pai provavelmente significa «face de Deus», pois parece derivar de Penuel. Viveu em cerca de 80 A.C. Seu nome ocorre exclusivamente em Lucas 2:36.

FAQUIR

Essa é a transliteração da palavra árabe, para o português, que significa «pobre». Refere-se a um monge islamita, embora também indique qualquer indivíduo asceta, homem santo itinerante ou operador de milagres. O vocábulo *dervixe* (que vede) também deriva-se desse vocábulo árabe, sendo um sinônimo que se refere a monges islamitas que pertencem a alguma ordem religiosa. Mas também pode apontar para os mendicantes independentes.

FARABI, AL
Ver sobre **Al-Farabi**.

FARAÓ

Esboço:

I. O Título e sua Origem

II. O Ofício de Faraó

III. Os Faraós Mencionados na Bíblia

I. O Título e sua Origem

Faraó era o título dos reis do Egito. Trata-se de uma transliteração, para o hebraico, de um vocábulo egípcio que significa «casa grande». A princípio foi usado para referir-se ao palácio real da corte egípcia. Tal uso prevaleceu durante os reinos Antigo e Médio (ver o artigo sobre o *Egito*). As datas envolvidas foram o terceiro milênio e a primeira metade do segundo milênio A.C. Mas, pela metade da XVIII Dinastia (cerca de 1450 A.C.), o termo passou a ser aplicado ao próprio monarca, como uma espécie de sinônimo de «Sua Majestade». A arqueologia tem podido confirmar esse uso em relação aos reinados de Tutmés III, Tutmés IV, Aménofis IV e Aquenaton. A partir da XIX Dinastia em diante, encontramos muitas referências literárias ao nome. Isso tem paralelo nas referências bíblicas dos livros de Gênesis e Êxodo. A partir da XII Dinastia em diante (945 A.C.), o título com freqüência aparecia vinculado a um outro, para efeito de distinção, como Faraó Sesonque, que foi encontrado em uma estela. No Antigo Testamento há paralelos a isso, como Faraó-Neco e Faraó-Hofra.

Os reis egípcios eram chamados por uma elaborada fieira de nomes, que incluía um nome pessoal, freqüentemente relacionado ao nome de uma divindade ou poder divino. *Faraó* parece ter sido a maneira mais popular de designar o monarca egípcio, quando era inconveniente repetir toda a catena de nomes.

II. O Ofício de Faraó

O conceito do direito dos reis era vital para os egípcios. Faraó era tido como a personificação de algum deus em particular, ou dos deuses. Portanto, ele seria uma espécie de deus entre os homens, e de homem entre os deuses, possuidor de um ofício divino humano. Pelo menos em determinado período da história do Egito, sentia-se que o rei era um deus encarnado. Com o tempo, porém, foi diminuindo essa elevada posição de Faraó. Como filho de Rá, Faraó era retratado como pessoa poderosíssima; mas, visto que Rá estava sujeito a outros deuses, por isso mesmo a posição de Faraó foi decrescendo cada vez mais. No tempo do Novo Reino, esperava-se que os reis do Egito cumprissem as ordens dos deuses ou do deus, especialmente Amom, mantendo de pé o *maat*, ou seja, a ordem justa e correta de coisas, garantindo uma sociedade eqüitativa e estável. Visto que o Faraó era representante da divindade, também era o único sumo sacerdote da religião egípcia. Muitas descobertas arqueológicas têm ilustrado as funções religiosas de Faraó. Algumas das mais importantes funções religiosas eram efetuadas pelo próprio Faraó, por ocasião da celebração da festa em honra ao deus Amom, em Tebas, no começo do reinado de cada monarca. Porém, a maioria das funções religiosas era deixada ao encargo dos sacerdotes comuns.

As fortes tradições nacionais e religiosas investidas nos Faraós, sem dúvida alguma, foram responsáveis pelo fato de que, nas monarquias egípcias, talvez tenhamos o mais estável governo jamais produzido na história da humanidade. Poucas das dinastias egípcias foram perturbadas por lutas internas pelo poder.

Outras funções de Faraó incluíam o sepultamento condigno de seu antecessor, a regulamentação e organização geral da sociedade, a proteção do Estado, a preservação das tradições políticas, culturais e religiosas.

A elevada posição de Faraó e sua íntima ligação com os deuses, ajudam-nos a entender melhor o problema que Israel enfrentou no Egito. Não foi questão pequena aquela massa de gente abandonar o país, contra a vontade expressa de Faraó e, presumivelmente, contra a vontade dos deuses do Egito. Também não foi coisa de somenos essas imaginárias divindades perderem a batalha para Yahweh. Foi apenas natural, pois, que mesmo depois do Egito ter sofrido tanto no conflito, um exército ter sido enviado atrás dos israelitas, na tentativa de forçá-los a voltar. Porém, isso apenas armou o palco para a cena mais humilhante para os egípcios e seus deuses.

III. Os Faraós Mencionados na Bíblia

1. *No Tempo de Abraão.* Ver Gên. 12:12-20. Datar a época de Abraão tem sido uma tarefa difícil, visto que os estudos modernos têm mostrado quão indigna de confiança é a prática de datar por meio das genealogias. Se Abraão tiver de ser posto dentro do segundo milênio A.C. (2000 — 1800 A.C.), então isso o tornaria paralelo ao Reino Médio, talvez, mais especificamente, na XII Dinastia (1991 — 1786 A.C.). Nesse caso, os Faraós envolvidos seriam Amenemes (I — IV) ou Sesostris (I — III). Durante esse tempo, a capital do Egito ficava em Itete-Tawy, imediatamente ao sul de Mênfis. Os Faraós desse período também mantinham residência em Gósen.

2. *No Tempo de José.* Se situarmos José, filho de Jacó, em cerca de 1700 A.C., então teremos de dizer que ele viveu nos fins da XIII Dinastia, na época dos reis hicsos. Isso não combina com a cronologia massorética e alguns estudiosos têm sugerido Amenemes (I — IV) ou Sesostris (I — III) como prováveis candidatos. Se estiveram envolvidos reis hicsos, então a mudança de uma dinastia para outra (em cerca de 1650 A.C.), poderia explicar a declaração bíblica de que o novo Faraó não conhecia a José (Êxo. 1:8).

3. *No Tempo da Opressão de Israel.* Alguns estudiosos pensam que nos capítulos primeiro e segundo do livro de Êxodo estão em foco dois Faraós, ao passo que outros pensam apenas em um. Muitos supõem que o Faraó da opressão foi um, e que o Faraó do êxodo já foi outro. As identificações dependem das datas dessas ocorrências. Por isso, os eruditos continuam debatendo sobre a questão. Se aceitarmos a data anterior para o êxodo (cerca de 1441 A.C.), então o Faraó teria sido Tutmés III (cerca de 1482 — 1450 A.C.), ou algum dos Faraós opressores. Porém, aqueles que falam em uma data posterior para o êxodo, preferem pensar em Seti I (cerca de 1319 — 1301 A.C.), ou Enófis III, o que desconsidera a cronologia dos massoretas. Ver a discussão sobre a *Data do Êxodo*, no artigo sobre esse segundo livro da Bíblia.

4. *No Tempo do Êxodo de Israel.* Ver os capítulos quinto a décimo segundo do livro de Êxodo. Se favorecermos a data mais antiga para o êxodo, então deveremos pensar sobre Amenófis II, da XVIII Dinastia (cerca de 1440 A.C.). Ele era filho do famoso construtor do império, Tutmés III. É significativo, porém, que não existam registros egípcios sobre esse período que aludem aos desastres do Egito, como aqueles que são narrados na Bíblia, em torno do êxodo de Israel. Nem há ali qualquer alusão à saída de um grande número de gente. Se Amenhotepe II foi o Faraó desse período, então seu filho mais velho pereceu na décima praga, mencionada em Êxodo

12:29. Os registros provam que Tutmés IV (cerca de 1425 — 1412 A.C.) foi o filho mais velho de Amenhotepe II, pelo que ele não esteve envolvido no incidente. Os eruditos modernos, em sua maior parte, parecem preferir situar o acontecimento um tanto mais tarde, sugerindo que Ramisés II, predecessor de Mernepta, é o mais provável candidato. Se essa opinião está certa, então estamos às voltas com a primeira metade do século XIII A.C.

5. *O pai de Bitia*, que se tornou esposa de Merede (ver I Crô. 4:18). Visto que não é possível determinar a data de Bitia, também é impossível identificar esse Faraó.

6. *Nos Dias de Davi*. O Faraó dos dias de Davi recebeu o príncipe, ainda menino, Hadade, de Edom, como refugiado, quando Joabe estava devastando o território de Edom (I Reis 11:14-22; cerca de 1010 — 970 A.C.). Davi foi contemporâneo da XXI Dinastia egípcia. Essa dinastia terminou com Psusenes II (cerca de 959 — 945 A.C.). Os Faraós que governaram durante os dias de Davi foram Amenemope, Osorcom e Siamum. Muitos eruditos pensam que Siamum e Tier Amenemope foram um mesmo Faraó. A história não nos tem deixado muitos detalhes concernentes a eles, pelo que não há como verificar se essa opinião está ao lado da verdade.

7. *Um dos Sogros de Salomão*. O harém de Salomão chegou a contar com princesas da casa real do Egito. O Faraó envolvido era um firme aliado de Israel, nessa época (cerca de 960 — 922 A.C.). Ele pode ter sido Siamum ou Psusenes II, da XXI Dinastia. A arqueologia tem descoberto um relevo quebrado de Siamum, ferindo um homem asiático que, provavelmente, reflete uma ação político militar, para manter em ordem os seus domínios. Isso teve lugar na Filístia e, em cerca do mesmo tempo, ele pode ter capturado a cidade de Gezer. Portanto, ele pode ter tido contactos com Israel, o que levou ao casamento, afinal. Gezer foi dada como dote à filha de Faraó que se casou com Salomão (I Reis 9:16).

8. *O Faraó Referido em I Reis 14:25,26.* A alusão mais provável é a Sisaque I, que fundou a XXII[a] Dinastia do Egito. Ele era de origem líbia.

9. *Zerá, Vencido por Asa* (II Crônicas 14:9-15). Provavelmente ele não foi um Faraó, pelo que os eruditos modernos não mais o identificam com Osorcom, conforme se chegou a pensar no passado.

10. *Um Contemporâneo de Oséias*. Oséias solicitou ajuda da parte de Faraó, a fim de escapar dos ameaçadores assírios (II Reis 17:4). Ele não é chamado Faraó em parte alguma da Bíblia, mas é possível que tenha sido o obscuro Osorcom, da XXII[a] Dinastia.

11. *A XXV[a] Dinastia Egípcia foi Débil.* Sebitcu enviou seu irmão, Tiraca, para a Palestina, na vã tentativa de fazer frente ao poder dos assírios, conforme é refletido em Isaías 30:1 ss. Ver também Isa. 36:6 e 37:9. Isso ocorreu por volta de 701 A.C.

12. *Tiraca* foi contemporâneo de Ezequias e Senaqueribe (Isa. 37:9), ajustando-se bem dentro da situação descrita no ponto anterior.

13. *Neco* foi o segundo rei da XXV[a] Dinastia egípcia. Derrotou e matou Josias, rei de Judá, quando este último tentou impedir sua intervenção, no conflito entre a Assíria e a Babilônia (II Reis 23:29). Porém, não foi capaz de consolidar suas conquistas na Palestina, visto que Nabucodonosor, da Babilônia, foi quem acabou dominando aquela região.

14. *Hofra* também pertencia à XXV[a] Dinastia. Ele é mencionado diretamente na Bíblia somente em Jer. 44:30; mas outras referências podem tê-lo em mente. Encorajou Zedequias, de Judá, a revoltar-se contra Nabucodonosor, mas não lhe deu o auxílio militar necessário, no momento da crise. Foi derrotado na Líbia e, posteriormente, foi destronado e morto, conforme Jeremias (44:30) havia predito.

15. Em Cantares 1:9 há uma *referência poética* à agilidade dos carros de combate do Egito. Faraó dirigia um cavalo escolhido dentre mil alasões. Ver o artigo geral sobre o *Egito*, quanto a informações completas e bibliografia.

FARAQUIM

Foi o cabeça de uma família de servos do templo, que retornaram do cativeiro babilônico juntamente com Zorobabel (I Esdras 5:31). Seu nome não é incluído nas listas paralelas de Esd. 5:12 e Nee. 7:53.

FAREL, GUILLAUME

Suas datas foram 1489-1565; um reformador protestante, que nasceu e foi educado na França. Como pregador, ele se mostrava ousado, eloqüente e poderoso. Trabalhou em prol da Reforma Protestante na Basiléia, Neuchatel e outras cidades da Suíça. Foi ele quem tornou possível o controle de Genebra, por parte de João Calvino (que vede). Ver os artigos separados sobre *Calvino, João* e sobre o *Calvinismo.*

FARFAR

No hebraico, «rápido». Esse rio é mencionado na Bíblia somente em II Reis 5:12. Sua localização é desconhecida atualmente, embora possa ter sido um dos dois tributários do El-Barara, que atravessa a cidade de Damasco. Todavia, também pode ter sido um dos dois rios principais, o El-Barara ou o El-Awaj. Nesse caso, o termo «Damasco», que aparece naquele texto bíblico, refere-se à planície inteira onde ficava a cidade de Damasco. O termo hebraico é similar ao árabe, que também significa «rápido», «ligeiro». Se está em foco o El-Awaj, então estamos falando sobre um rio com cerca de sessenta e cinco quilômetros de extensão, que tem cerca de uma quarta parte do volume do El-Barara. Atravessa o wady el-Ajam, «o vale dos persas».

A Bíblia considera que a declaração de Naamã, de que os rios de Damasco eram melhores para alguém mergulhar neles do que nos lamacentos rios de Israel, referia-se especificamente ao rio Jordão (II Reis 5:10). Porém, os milagres de Deus ocorrem das maneiras mais inesperadas, capazes de consternar-nos, até que os aceitamos como eles são.

FARISEUS

Esboço:

I. O Nome e Descrições
II. História e Caracterização Geral
III. Doutrinas Distintivas
IV. Denúncias da Parte de Jesus e Pontos Positivos

I. *O Nome e Descrições*

Os Fariseus: essa palavra se deriva do vocábulo hebraico que significa «separados», embora alguns estudiosos considerem o termo como de significação incerta. Apareceram, pela primeira vez, como um grupo distinto, pouco depois da revolta encabeçada pelos Macabeus (que libertou os judeus do governo sírio opressivo), em cerca de 140 A.C. Os fariseus usualmente vinham dentre a massa de povo comum, e

nisso faziam contraste com os saduceus, que geralmente eram provenientes da aristocracia. O movimento desse nome, no princípio, envolvia uma espécie de grupo reformador, que tencionava purificar e defender a crença ortodoxa. Eram os porta-vozes das opiniões da maioria das massas populares. Após alguns anos se intrometeu nas fileiras do farisaísmo uma grande quantidade de atitudes legalistas e ritualistas, e isso serviu apenas para obscurecer os propósitos originais do grupo. Embora continuassem ortodoxos em suas palavras, gradualmente foram perdendo a presença e a aprovação de Deus, e se tornaram representantes inadequados da porção melhor do judaísmo.

Sob a orientação de *João Hircano* (134-104 A.C.) exerceram grande influência e gozaram do apoio geral da população judaica. (Ver Josefo, *Antiq.* XIII.10.5-7). Porém, quando romperam com ele, João Hircano se voltou para os saduceus. Em face disso, os dois grupos se tornaram adversários daí por diante, especialmente no tocante às questões do poder político, mas também no que diz respeito às questões religiosas. Os fariseus fizeram oposição a Alexandre Janeu (103-78 A.C.), e chegaram ao extremo de apelar para a ajuda do rei selêucida, Demétrio III. Por causa disso é que, quando Janeu triunfou, vingou-se deles, crucificando cerca de oitocentos dos líderes dos fariseus. (Ver Josefo, *Antiq.* XIII.14.2). No leito de morte, entretanto, aconselhou à sua esposa que permitisse a reinstauração do grupo no poder político; e então, a partir dessa data começaram a dominar o sinédrio, o principal tribunal religioso e civil da época, entre os judeus, o que continuou até à destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C.

Apesar de exercerem notável autoridade, na realidade os fariseus eram um grupo de minoria.

II. História e Caracterização Geral

Os fariseus, pelo menos em certo sentido, representavam a continuação dos ideais de Esdras, visto que eles eram mestres (com freqüência, escribas) que tentavam levar avante o ministério de ensino, fazendo-o com grande meticulosidade. No começo do século II A.C., eles eram chamados *hasidim*, «santos de Deus». O termo hebraico *perushim* (fariseus) é de origem incerta, embora seja claro que um grupo com essa denominação surgiu após a revolta dirigida pelos Macabeus. Esse nome ocorre pela primeira vez nos textos que tratam sobre os reis sacerdotes hasmoneanos. Grande parte da história do farisaísmo trata a respeito da oposição que eles exerciam contra aquilo que consideravam forças transigentes.e destrutivas do judaísmo, o partido dos saduceus (vide). Os saduceus representavam a abastada classe sacerdotal, ao passo que os fariseus eram os conservadores bíblicos, até mesmo fanáticos. Em certo sentido, o farisaísmo foi uma força democratizante dentro do judaísmo, que tentava salvar o sistema do controle rígido da classe sacerdotal dos saduceus. Os fariseus eram os porta-vozes das massas oprimidas, visto que, essencialmente, pertenciam a essa classe. Portanto, entre eles apareceram figuras radicais, que se opunham ao governo estrangeiro, ao passo que os saduceus, felizes e satisfeitos com o poder e a prosperidade material de que dispunham, preferiam conservar o *status quo*.

Como um todo, o farisaísmo pode ser recomendado por seu senso de justiça e de elevados valores éticos. O Novo Testamento, contudo, alude a eles como hipócritas e descendentes de víboras, embora devamos relembrar que isso era aplicado a alguns poucos líderes moralmente pervertidos entre eles. Muitos dos primeiros líderes da Igreja se converteram dentre os fariseus (Atos 15:5). O nobre Gamaliel (vide), que fora um dos mestres de Paulo, era fariseu. Naturalmente, o próprio Paulo pertencia a esse grupo e, em Atos 23:6, em sua defesa, ele declarou: «Eu sou fariseu, filho de fariseus...»

Os fariseus sempre foram um grupo minoritário. Nos dias de Herodes eles eram um pouco mais de seis mil indivíduos (Josefo, *Anti.* 17:2,4). O grupo não era totalmente homogêneo. Shammai (vide) foi uma figura severa que interpretava tudo de acordo com o rigor da letra. Era de uma família rica e aristocrática. Hilel (vide), em contraste, era homem do povo, e interpretava as questões com brandura, favorecendo as debilidades do povo. A maioria dos escribas pertencia ao partido dos fariseus, e deles foram surgindo aqueles ensinos exagerados que circundavam a lei e as observâncias legalistas. Ver o artigo separado sobre os *Escribas*. Eles determinaram que a lei contém seiscentos e treze mandamentos, dos quais duzentos e quarenta e oito positivos e trezentos e sessenta e cinco negativos. Além disso, cercaram essas leis com um complexo e, com freqüência, exagerado sistema de interpretação, que fazia pesar consideravelmente sobre os homens as suas responsabilidades morais e religiosas. Para exemplificar, eles determinaram trinta e nove tipos de ação que, supostamente, eram proibidos para o dia do sábado. Além dessas elaborações, eles também aumentavam a importância da lei, criando *analogias*, de tal modo que coisas que muitas pessoas sérias nem levariam em conta, eles transformavam em questões importantes. Em sua ignorância, após tantos acréscimos feitos por eles, ainda afirmavam que sua doutrina era antiga, procedente de Moisés, como preceitos dados no monte Sinai. Ver Marcos 7:3. O Novo Testamento serve de testemunho sobre alguns desses exageros dos fariseus, mas a história também nos revela que havia pontos bons entre eles. A nossa avaliação sobre qualquer grupo jamais deveria deixar de ver os dois lados, sempre que possível.

III. Doutrinas Distintivas

As diferenças quanto às crenças doutrinárias, entre os fariseus e os saduceus, conforme é frisado pelo historiador Josefo, eram as seguintes (ver *Guerras dos Judeus*, II.8.14): Os fariseus criam na imortalidade da alma, que haveria de reencarnar-se. Isso poderia envolver uma série de reencarnações (doutrina essa muito comum naquela época, que evidentemente também era defendida pelos essênios; ver nota em Luc. 1:80 e Mat. 3:1 no NTI), mas também incluía a idéia de que a alma haveria de animar o corpo ressurrecto. Criam fortemente na sorte ou determinismo, no universo, bem como na existência dos espíritos. Os fariseus aceitavam como canônico o conjunto completo do V.T., ao passo que, com freqüência, os saduceus aceitavam como canônicos apenas os primeiros *cinco livros* ou *Pentateuco*, ainda que, provavelmente, houvessem divergências pessoais, entre os saduceus, acerca desse particular. Os saduceus enfatizavam a adoração no templo, o que os fariseus também faziam. Mas estes últimos punham mais ênfase no desenvolvimento individual e ético do que o faziam os saduceus. Os fariseus criam que os exílios haviam sido causados pela desobediência às leis de Deus, e eles se puseram a interpretar essa lei, desenvolvendo assim os comentários que foram incorporados no *Talmude*. Esse zelo pelo ensino e pela interpretação chegou aos exageros tão familares a qualquer leitor do N.T. E a sede dos fariseus pelo poder político, além de sua resistência natural a

qualquer coisa que ameaçasse interromper o seu domínio religioso e a sua influência sobre o povo comum, fizeram deles inimigos naturais de Jesus. Juntamente com os saduceus, os fariseus constituíam o sinédrio, o mais elevado tribunal civil e religioso da nação judaica.

Embora Josefo não nos diga tal coisa, sabemos que os fariseus aceitavam a comum e complexa angelologia do judaísmo helenista. Isso reflete-se, por exemplo, em Atos 23:8. Sem dúvida, isso incluía uma elaborada demonologia, visto que ambas as idéias são comuns na literatura apocalíptica e pseudepígrafa, do período que fica entre o Antigo e o Novo Testamentos. Eles eram democratas que defendiam os direitos do povo. Opunham-se aos aristocratas dentre os saduceus; e alguns historiadores acreditam que isso nos leva a entender a essência mesma do farisaísmo.

IV. Denúncias da Parte de Jesus e Pontos Positivos

As denúncias de Jesus contra os exageros dos fariseus encontram-se em Mateus 23:13-30 e Marcos 7:9 (comparar com Mat. 15:3). O próprio Talmude também denunciava a hipocrisia deles (Sotah, 22b), onde a similaridade com as denúncias feitas por Jesus é evidente. Naturalmente, o Novo Testamento também elogia a vários fariseus, como Nicodemos (João 3:1 *ss*), que falou com retidão em defesa de Jesus (João 7:50), mesmo depois que os próprios discípulos de Jesus haviam fugido (João 19:50). José de Arimatéia também fora fariseu (Mar. 15:43), sendo altamente elogiado no Novo Testamento. Gamaliel era homem nobre, que argumentou em prol da tolerância para com os cristãos primitivos (Atos 5:34 *ss*). Outros avisaram ao Senhor Jesus de que queriam tirar-lhe a vida (Luc. 13:31), e alguns fariseus mostraram-se hospitaleiros para com ele (Luc. 7:36 e *ss;* 11:37; 14:1). — Paulo havia sido fariseu, antes de sua conversão (Fil. 3:5), não se tendo envergonhado de poder repetir: «Eu sou fariseu, filho de fariseus...» (Atos 23:6).

FARRAR, FREDERIC WILLIAM

Nasceu em 1831 e faleceu em 1903. Foi um clérigo anglicano, cânone de Westminster e deão de Canterbury. Nasceu na Índia. Estudou em Cambridge, na Inglaterra. Foi mestre-escola em Harrow e Marlborough, antes de ir para a abadia de Westminster. Tornou-se conhecido por seus escritos sobre a Bíblia, especialmente em seus aspectos históricos. Escreveu livros sobre a história eclesiástica, sobre a vida de Cristo e sobre estudos bíblicos em geral.

FASAILUS

Nome pessoal que vem do latim, **Phaseal**. Esse é o apelativo de dois homens associados aos tempos bíblicos, embora não sejam diretamente mencionados nas Escrituras.

1. O filho do idumeu Antípater (que foi nomeado governador da Judéia por Júlio César, após a derrota de Pompeu, em Farsalo, em 48 A.C.). Era irmão mais velho de Herodes, o Grande. Pompeu fez os dois irmãos serem tetrarcas, e eles puderam arrancar muito dinheiro dos judeus, a fim de agradar a seu patrocinador. Antígono era rival de Fasailus e, tendo vindo à frente de forças partas, derrotou-o e conquistou Jerusalém, tendo então aprisionado Fasailus. Em desespero, este cometeu suicídio. Herodes, porém, escapou. Algumas construções receberam o nome de Fasailus em honra a ele, incluindo a torre de Davi.

2. Um filho de Fasailus também recebeu esse nome. Foi pai de Cípria, a esposa de Agripa I.

FASCINAR

No grego temos **baskaino**, «encantar», «fascinar», palavra usada somente em Gál. 3:1; e *eksístemi*, «tirar o bom senso», «confundir», palavra usada por dezessete vezes (Mat. 12:23; Mar. 2:12; 3:21; 5:42; 6:51; Luc. 2:47; 24:22; Atos 2:7,12; 8:9,11,13; 9:21; 10:45; 12:16; II Cor. 5:13).

No trecho de Gálatas está em foco um ato natural dos falsos mestres, que convencem a quem lhes dá ouvidos a crerem naquilo que não é verdadeiro. Todavia, a palavra também tinha um sentido sobrenatural, no original grego. A outra palavra grega era usada tanto em bom sentido, de «admiração», como em sentido negativo, de «ilusão». Assim, em Mat. 12:23, o povo admirava-se da cura de um endemoninhado, cego e mudo, por Jesus, levando-os a perguntar se ele não seria, afinal, o filho de Davi. Mas em Atos 8:9,11, Lucas informa-nos que Simão, o mágico, «iludira» o povo com mágicas. Todavia, logo adiante, lemos que Simão admirava-se diante dos milagres operados por Filipe (Atos 8:13).

Forças naturais ou sobrenaturais podem ofuscar ou lançar um encantamento sobre as pessoas, levando-as a agirem de modo como não agiriam normalmente. É que podemos ser psicológica ou espiritualmente iludidos, quando então a nossa mente fica confusa. Geralmente sentimo-nos confusos diante daquilo que não entendemos, sobretudo quando parece haver um elemento sobrenatural envolvido. E isso, por sua vez, mostra-nos a necessidade de pedirmos discernimento espiritual, o que tanto nos é dado através de um sólido conhecimento das Escrituras como através de um dom espiritual, que lança mão dos poderes do Espírito. (Ver Col. 2:1-9; I Cor. 12:1-11). (ID UN Z)

FASCISMO

A raiz latina dessa palavra é **fascis**, «feixe de varas», como a lâmina de um *machado*, ressaltada para fora. Esse feixe de varas era brandido pelos lictores romanos (que vede), como símbolo da autoridade que neles estava investida. A palavra *fascismo* foi aplicada à organização política italiana, fundada por Mussolini, em 1919, mediante a qual guindou ao poder na Itália, em 1922. Os filósofos italianos Gentile (que vede) e Ugo Spirito (que vede) contribuíram para a filosofia por detrás dessa forma de governo.

Por causa do tipo de governo baseado sobre certas teorias, a palavra *fascismo*, por extensão, passou a ser aplicada a qualquer sistema de governo autoritário, antidemocrático e anticomunista, de acordo com o qual o controle econômico é rigidamente mantido pelo Estado, a educação visa, particularmente, uma elite e o poder militar mantém a estrutura inteira. De acordo com esse sistema, toda oposição política ou não existe ou é totalmente abafada; e uma polícia secreta e poderosa, de algum tipo, controla a população geral, a fim de evitar atividades secretas e a deserção.

De acordo com essa forma de governo, o indivíduo fica subjugado ao Estado, sob a suposição de que isso visa ao bem da sociedade. Quando consideramos essas características, vemos claramente que o comunismo é uma espécie de fascismo. Na verdade, o fascismo é o genitor do comunismo, e este é o filho mais bem-sucedido daquele. Esse tipo de governo é ajudado, quanto a seu estabelecimento, por uma

ideologia reacionária, pelo fanatismo político e pela ênfase exagerada sobre as glórias e a supremacia da nação, quanto ao seu passado e quanto ao seu presente. O que o fascismo propõe é uma espécie de regeneração nacional, que inevitavelmente assume uma postura arrogante. Sua ênfase sobre a disciplina, a autoridade dominadora, a devoção completa à causa e o patriotismo mostra-se muito atrativa para pessoas religiosas. Porém, os seus vícios e defeitos, que incluem a destruição da liberdade individual, uma característica violência, o militarismo, a ditadura e a deificação da nação são ou deveriam ser repugnantes para os cristãos bíblicos.

FASELIS

Esse é o nome de uma antiga colônia grega, uma cidade-estado da Lícia, fundada por Rodes, no século VII A.C., quando começou a colonização helênica. Fazia parte da liga de Delos, controlada por Atenas (de 454 a 417 A.C.). Ficou sob o governo dos Ptolomeus, durante o período helenista (309-197 A.C.), então passou para a órbita dos selêucidas. O lugar era estrategicamente situado para os romanos, quando perceberam que não podiam deixar de se envolver na parte oriental do mar Mediterrâneo (I Macabeus 15:16-24). Ficava localizado na costa da Lícia, perto de uma importante rota comercial. Piratas da Cilícia costumavam usar essa cidade como base de atividades, naquela parte do Mediterrâneo. Mas o romano Servílio Isáurico pôs fim a essas atividades, em 77 A.C.

FA-SHEN

Ver o artigo sobre as **Sete Antigas Escolas Budistas Chinesas**, segundo ponto.

FASIRON

Jônatas conquistou essa tribo obscura. Ficava localizada no deserto, perto de Betebase, talvez governada por um chefe nabateu. Acerca dessa tribo, porém, nada se sabe com certeza. Ver I Macabeus 9:66.

FATALISMO, SORTE

Segundo o uso popular, não há distinção alguma entre os dois termos que dão nome a este verbete. Porém, um uso mais erudito diz que *fatalismo* aponta para a inevitabilidade dos acontecimentos, com ou sem causas conhecidas. Mas a *sorte* leva em conta uma relação de causa e efeito. Isso posto, o *fatalismo* é similar ao *indeterminismo* e ao acaso sem controle, que com freqüência resulta em acontecimentos perniciosos. Por esse motivo é que o fatalismo tem sido descrito como *cego*. O resultado lógico do fatalismo é o *pessimismo* (que vede).

Alguns pensadores vêem a *sorte* como a força que há por detrás do fatalismo, ainda que desconhecida.

A Sorte. Essa palavra expressa a crença de que todos os eventos são determinados por uma série de causas. Ver o artigo geral sobre o *Determinismo*. Ver também sobre a *Predestinação*. A mente religiosa gosta de pensar que se Deus está por detrás de todos os acontecimentos, então devemos pensar em *predestinação*, e não em *sorte*. Assim, a sorte é considerada como algo que tem base em causas mecânicas, sem sentido, ao passo que a predestinação alicerça-se sobre a mente divina. Essa distinção, apesar de útil, não é necessariamente ajudadora. Pois, se Deus é a causa de todas as coisas más que acontecem, e não aplica aos homens a sua benevolência e amor, então, para *a maioria* dos homens, a sorte não seria melhor do que a predestinação.

A Palavra Grega e seu Uso. A palavra portuguesa equivale ao latim, **fatum**, cujo paralelo grego é **moira**. Ambas essas palavras eram aplicadas às *declarações proféticas dos oráculos*, ou seja, a eventos que ainda aconteceriam. De acordo com a mitologia grega, a sorte seria determinada por decretos de Zeus. Na mitologia romana, Júpiter é quem baixaria os decretos fatais. Várias deusas pagãs, chamadas *Fata*, em latim, e *Moirai*, em grego, é que determinariam os destinos. Uma das deusas ficaria fiando o fio da vida; e a outra o torceria; ainda uma terceira, o cortaria. A *necessidade* era um importante conceito para os gregos, tanto na filosofia quanto na mitologia. Os próprios deuses estariam sujeitos à Sorte, à Necessidade Universal.

Dentro da filosofia grega encontramos menções à idéia de sorte, nos escritos de Heráclito e de Platão. Mas, no *estoicismo* (que vede) a sorte tornou-se um ensinamento central. A sorte teísta torna-se a vontade de Deus; e, dentro do estoicismo, essa vontade aparece como absoluta e inexorável. A única coisa que os homens seriam capazes de controlar seria suas reações emocionais, diante de acontecimentos necessários, mas nunca os próprios acontecimentos.

Os problemas criados pela sorte-determinismo-predestinação-livre-arbítrio são amplamente discutidos nos artigos sobre o *Livre Arbítrio* e o *Determinismo*. Também preparamos um artigo sobre a *Predestinação*, que examina diversos problemas relacionados ao assunto e oferece algumas soluções tentativas para os problemas postulados.

FATIHAH

Transliteração de uma palavra árabe que significa «abrir». Refere-se ao breve capítulo inicial do Alcorão (que vede), chamado *Sura*. Os islamitas usam essas palavras por muitas vezes, em suas orações diárias. Essas orações significam para eles, mais ou menos o que a oração do Pai Nosso significa para os cristãos, ou seja, uma oração modelo.

FATO-VALOR, DISTINÇÕES

Hume argumentava contra os filósofos racionalistas, os quais afirmavam não bastar definir um valor. E nem a razão isolada poderia ser base de aprovação a alguma questão moral, conforme eles também diziam. Com base nessa filosofia é que surgiu a idéia de separar as asserções de valor das asserções de fato. Uma das armadilhas, quanto a essa questão, é supor que é errado fazer juízos de valor porque são assertivas subjetivas, que pouco têm a ver com os fatos. Contudo, deveríamos relembrar que os fatos, em si mesmos, têm valor e subentendem valor, pelo que também, declarar um fato, sobre qualquer coisa, ao mesmo tempo é fazer uma asserção de valor. Ademais, os valores podem ter um caráter factual. Portanto, um julgamento de valor pode ser um julgamento de fato, embora também possa ser uma mera avaliação subjetiva, com pouca realidade por detrás dela. Os valores, pois, teriam de ser determinados por múltiplos testes: experimentação, raciocínio, intuição e informações da parte das revelações que porventura existam a respeito.

••• ••• •••

FATOR RELIGIOSO

Essa expressão é usada para indicar qualquer propriedade determinadora do destino, que tenha um ser ou objeto, algum tipo de poder que opera de modo a afetar a duração da vida, o curso da vida, a fortuna ou o destino. Tal fator pode ser considerado natural, sobrenatural ou espiritual. No homem, a alma algumas vezes é mencionada como um *fator religioso*. No campo da biologia, trata-se daquela força que controla o desígnio, de tal modo que o conceito de sorte pode ser evitado. Dentro do universo material, o poder de Deus para determinar e guiar pode receber esse nome.

FA-TSANG

Suas datas foram 643-712 D.C. Ele foi um filósofo budista e líder religioso. Nasceu na China e foi o fundador da escola Hua-yen. Com cerca de vinte e oito anos de idade, ele se tornou monge, tendo sido altamente favorecido pela imperatriz Wu. Mostrou-se muito ativo quanto à produção literária, tendo sido o autor de sessenta obras diferentes. Esses livros tornaram-se as principais fontes dos ensinos ministrados na escola *Hua-yen* (que vede). Os principais títulos foram: *Tratado sobre o Leão Dourado; Cem Portas para o Mar das Idéias das Esplendorosas Escrituras Floridas*.

FAVAS

No hebraico, **pol**, palavra que figura somente em II Sam. 17:28 e Eze. 4:9. Essa palavra pode apontar para o feijão ou para a ervilha. Muitos estudiosos opinam que a planta envolvida é a *Faba vulgaris*, que produz uma flor fragrante, semelhante a uma ervilha, seguida por longas e grossas vagens. Essa planta cresce até cerca de 90 cm de altura. A leguminosa dentro da vagem é redonda, graúda, e quando madura, é negra ou marrom. Os campos plantados com essa espécie podem ser reconhecidos de longe, devido à fragrância característica, a começar em janeiro até meados de março. A leguminosa pode ser moída até tornar-se uma farinha, mas também pode ser cozida como um legume. O produto vem desde a antiguidade, tendo sido encontrado em ataúdes do Egito. Também servia-se o produto aos animais. O trecho de II Samuel diz que entre os alimentos trazidos a Davi e seus homens estavam as favas. E o trecho de Ezequiel refere-se às favas como o material usado no fabrico de pães, quando faltava o trigo, em períodos de fome. (ND S UN Z)

FAUNA

Ver os artigos separados sobre *Animais, Adoração aos; Animais, Direitos e Moralidade dos; Animais no Antigo e no Novo Testamentos*. Cada animal mencionado nas Escrituras é comentado individualmente.

FAUNO

Essa palavra portuguesa vem do latim **faunus**, derivado do verbo *faveo*, «favorecer», «proteger». Esse é o nome que era dado a certas divindades rústicas e brincalhonas, um tanto parecidas com os *sátiros* dos gregos. O deus latino, *Faunus*, era o doador da frutificação e da provisão. Era identificado com o deus Pan, dos gregos. Daí a sua representação como um homem dotado de chifres e de pés de cabra. É desse nome que os *faunos* derivaram o seu nome.

FAVOR

No hebraico, em Oséias 2:1, **Ruhamah**, «favorecido». Um nome simbólico dado pelo profeta a Israel, para indicar o retorno da misericórdia divina para com o seu povo. Há no versículo um jogo de palavras, pois a segunda filha de Gomer, essa adúltera de Oséias, recebeu da parte de Deus o nome de *Lo-ruhamah*, «desfavorecida» (ver Osé. 1:6,8), para indicar que Deus havia voltado as costas a seu povo de Israel, em face da apostasia do mesmo.

FAVORINO

Filósofo grego que viveu entre 80 e 150 D.C. Nasceu em Arelato. Foi professor de retórica. Provavelmente estudou com Epicteto e Díon Crisóstomo (ver os artigos sobre eles). Era amigo de Plutarco e membro do círculo de amigos de Adriano. Na filosofia ele se mostrava eclético, combinando idéias de Platão, de Aristóteles, do ceticismo e do pirronismo. Tornou-se bem conhecido por seu bom humor e por seu espírito arguto. Dois exemplos servem como ilustração: Adriano o havia derrotado em uma argumentação. Seus amigos ficaram perplexos diante da derrota do filósofo, em um debate. Indagáram-lhe sobre a questão. Favorino respondeu que é tolice tentar vencer o chefe de trinta legiões de soldados. Havia uma estátua em Atenas, que o representava; mas, quando os atenienses ficaram insatisfeitos com ele, derrubaram-na. E Favorino observou que se Sócrates tivesse tido uma estátua em sua honra, em Atenas, talvez tivesse escapado da morte por envenenamento com a cicuta.

Escritos. *Sobre Epicteto; Figuras de Linguagem Pirroneanas*, e alguns poucos fragmentos.

FA-WEN

Essa foi uma das sete mais antigas escolas budistas chinesa (que vede, no quarto ponto sobre o artigo a respeito).

FÉ

Vários artigos são apresentados nesta enciclopédia, que abordam a questão da fé. Ver os seguintes artigos: 1. *Fé;* 2. *Fé* (*Para os Filósofos e Teólogos*); 3. *Fé* (*Posições Católica Romana e Protestante*); 4. *Fé Salvadora;* 5. *Fidelidade*; 6. *Fideísmo*.

FÉ

Esboço

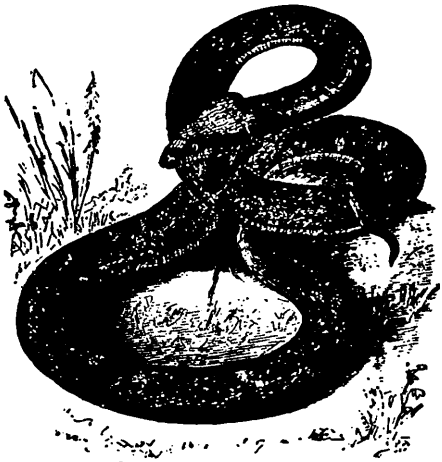
1. Tipos de Fé, nas Páginas do N.T.
2. Ponto de Vista Distintivo da Epístola aos Hebreus Sobre a Fé
3. A Fé é um Atributo da Alma
4. Significação e Função da Fé
5. Como Pode Ser Desenvolvida a Fé?
6. Ilustração Sobre a Natureza da Fé
7. A Fé é um Dom e uma Operação do Espírito
8. Há Idéias Variegadas sobre a Fé
9. A Fé nas Escrituras
10. A Fé e as Obras

1. Tipos de fé, nas páginas do N.T.:

a. A fé objetiva; esse é o «objeto» da fé, aquilo «em que se crê», o sistema dos princípios religiosos, como é o caso do cristianismo. Esse tipo de fé está confinado quase inteiramente, se não mesmo exclusi-



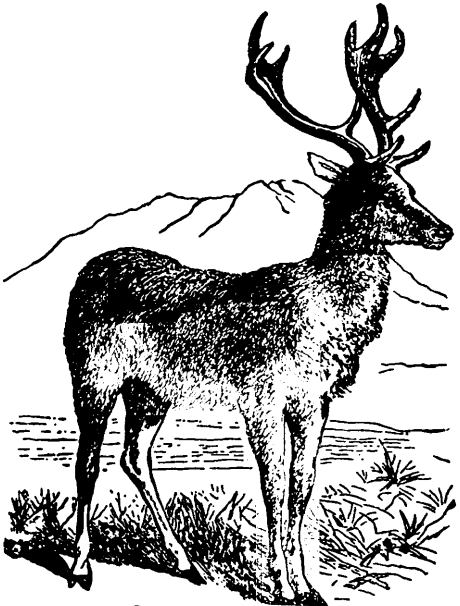
Avestruz — Jó 39:13



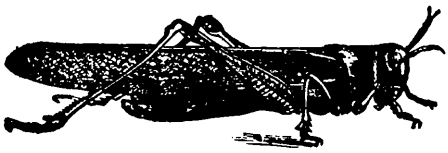
Áspide — Sal. 91:13



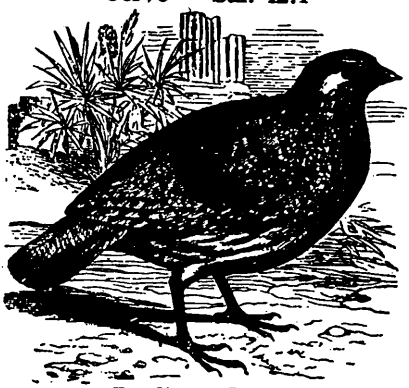
Bode — Dan. 8:8



Cervo — Sal. 42:1



Gafanhoto — Mat. 3:4



Perdiz — Jer. 17:11



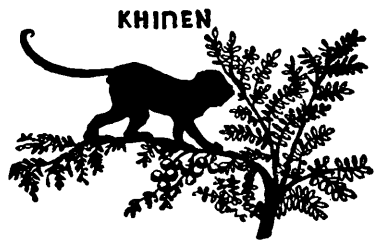
Pardal — Sal. 102:7



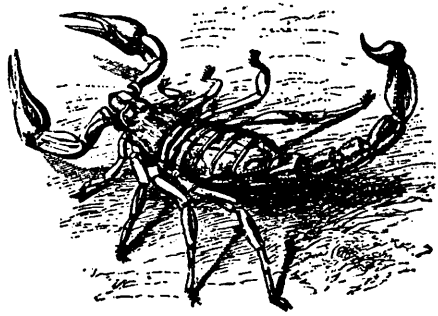
Rola — Lucas 2:24



Ovelha — Is. 53:6



Macaco de um mosaico



Escorpião — Jó 34:7



Codorniz — Êxo. 16:13



Jumento — Gên. 24:35

vamente, às epístolas pastorais, onde seu emprego é mais freqüente.

b. A fé como virtude: na vida cristã podem desenvolver-se muitas «virtudes» ou qualidades espirituais. A fé é uma delas (ver Gál. 5:22). A fé, como virtude, é apenas a fé «subjetiva» em ação, na vida diária do crente. É a contínua «outorga da alma a Cristo», que é o princípio orientador da vida cristã.

c. A fé subjetiva: — é o exercício da fé, por parte do homem espiritual, a crença ativa, a dependência a Cristo, em que o indivíduo deixa a sua alma aos cuidados do Senhor. É como se o crente dissesse: «Cristo é o alvo de minha vida e existência diária; quero participar de sua imagem moral e metafísica; e entrego minha alma a seus cuidados, visando esse destino». Trata-se da total dedicação da alma a Cristo, a fim de que, através do seu Santo Espírito, possa fazer de nós seres muitíssimo superiores ao que somos agora, que compartilhem de sua própria santidade, participantes de sua natureza. É desse modo que o homem passa a receber «toda a plenitude de Deus», (ver Êfé. 3:19 e Col. 2:10; — assim, ele chega a — participar — do mesmo tipo de vida que Deus tem, a sua vida necessária e independente (o que é comentado em João 5:25,26 e 6:57 no NTI), bem como de sua divindade (ver II Ped. 1:4). A fé subjetiva é o «meio» da justificação (ver Rom. 5:1) pois quando um homem toma essa atitude de outorga a Cristo, este lhe envia o seu Santo Espírito para dar início ao processo transformador. Nesse processo estão incluídas *a Justificação* (ver o artigo), a *Santificação* (ver o artigo) e a *Glorificação* (ver o artigo). Isso também envolve a participação na «natureza» do Filho, dentro da família divina (ver Heb. 2:10 e *ss*). A fé *subjetiva* é o tema de Heb. 11:1.

Ainda há outros sentidos, conferidos à palavra «fé», a saber: 1. às vezes a fé aparece como uma *capacidade espiritual* (ver Gál. 3:11). Nessa categoria podemos classificar o «dom da fé» (ver I Cor. 12:9), alicerçado sobre uma confiança incomum em Cristo; é uma das manifestações do Espírito Santo. Pode realizar grandes obras espirituais. 2. A fé aparece como uma *resposta*, uma faceta da fé subjetiva (ver Gál. 2:20 e 3:2). 3. A fé aparece como *confiança*, uma outra faceta da fé subjetiva (Gál. 2:16). 4. A fé é *um pacto* (ver Gál. 3:15-22). 5. A fé aparece como *crença*, mas não meramente em algum credo, mas antes, como dependência à pessoa de Cristo (ver Gál. 2:20). 6. A fé também figura como uma *aventura* (ver Gál. 5:5,6).

2. Ponto de vista distintivo da epístola aos Hebreus sobre a «fé». Isso pode ser facilmente entendido quando nos lembramos da forma particular da metafísica ou «ponto de vista mundial» que era sustentado pelo autor deste tratado. Ele cria em uma realidade em «dois andares». O primeiro andar consiste no mundo físico, que é temporal e se desintegra, sujeito ao mal. O segundo andar consiste no mundo celestial, nas realidades espirituais daquelas dimensões. Nestas realidades, Cristo aparece como o *supremo*. O andar inferior, *este mundo físico*, é uma «cópia» do mundo celeste, e até mesmo as formas de adoração que temos aqui, como sucedia ao culto ensinado no A.T., eram apenas imitações das realidades do mundo superior. Esse era um «ponto de vista mundial» comum nos dias do autor sagrado. Baseia-se sobre a metafísica platônica, mediada pelo judaísmo, e que chegou ao cristianismo através da influência de Filo. Os judeus levavam essa questão a extremos. Imaginaram o arcanjo Gabriel, vestido como simples operário, a trazer a Moisés os objetos que deveriam ser copiados para uso no tabernáculo. Assim, tais objetos seriam cópias daqueles existentes no templo celestial. O autor sagrado, entretanto, não tinha idéias tão materialistas sobre a questão; mas cria que o tabernáculo terreno era uma «cópia» das verdades espirituais atinentes a Deus e à sua esfera celeste. (Quanto a comentários explicativos sobre essa questão, ver o artigo sobre este livro, em sua seção V), intitulada «Idéias Religiosas *e Filosóficas*», que influenciaram a expressão e o conteúdo deste livro.

Portanto, há uma esfera espiritual, ou melhor, há esferas espirituais, pois os antigos nunca concebiam a criação celeste como constante de um único céu. Há muitas dimensões espirituais (ver Heb. 7:6 e Efé. 1:3). Essas esferas celestiais são as regiões da realidade final, da verdade espiritual; e o que se sabe sobre a terra, acerca da verdade, é apenas uma «imitação» daquela verdade superior. A alma reconhece essa verdade por *intuição*; e o *reconhecimento dessa verdade* recebe o nome de «fé». Quando um homem se entrega às «realidades espirituais», particularmente a Cristo, que é a grande concretização da verdade, então está «exercendo fé». Mas esse exercício se alicerça sobre o conhecimento e sobre a apreciação da alma quanto à importância dessas realidades. A fé consiste em *prestarmos lealdade* ao «mundo eterno», em que o indivíduo passa a viver segundo as «dimensões eternas».

Vários dos pais alexandrinos da igreja (de fato, a maioria dos pais gregos, como Pantaeno, Clemente de Alexandria e Orígenes) criam na preexistência da alma. A alma, segundo eles pensavam, antes da queda, que teria ocorrido por ocasião da revolta dos anjos, já tinha habitado nas regiões celestiais; portanto, a alma conheceria, em primeira mão as grandes verdades espirituais, incluindo o Senhorio e a posição de Cabeça, ocupada pelo Verbo eterno, a quem chamamos de Jesus Cristo, em sua encarnação. A alma, pois continuamente veria e entenderia essas grandes verdades espirituais. Antes, a alma lhe prestara lealdade. Após a queda, essa lealdade foi interrompida. A fé, por conseguinte, seria apenas o *novo reconhecimento* dessas verdades e a *restauração* da antiga lealdade, em nova outorga aos cuidados do Verbo eterno. Segundo os pais gregos da igreja, pois, a fé seria a *revivificação da lealdade* e a «restauração ao estado anterior», e não uma nova ação. Seria uma espécie de «recordação» da alma, uma ação de dedicação com base nessa memória.

Sem importar se cremos ou não na preexistência da alma, a definição da fé, como reconhecimento do mundo superior e como dedicação ao mesmo, é uma definição válida. É precisamente essa definição que aparece em Heb. 11:1. «A fé é a certeza das coisas pelas quais esperamos, a prova da realidade das coisas que não podemos ver» (Heb. 11:1—tradução inglesa de Williams, aqui vertida para o português). A fé nos fala sobre o «mundo eterno», convencendo-nos de sua realidade, portanto, «vivemos segundo a dimensão eterna».

A fé consiste no exercício da alma, em que esta se entrega aos cuidados do Verbo divino, para que o indivíduo seja transformado segundo a sua imagem (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:28). A fé é *um dos atributos da alma*, é a atitude geral da alma para com as realidades espirituais; é o conhecimento da alma e a sua nova conduta, em face dessas realidades. A fé nos transforma segundo os moldes da maior de todas essas realidades, o próprio Cristo.

3. A fé um atributo da alma. É o conhecimento espiritual e íntimo das Forças Criativas do universo.

Assim como tomamos conhecimento do corpo físico, através dos sentidos, assim também podemos tomar conhecimento da alma, mediante a atividade de seus atributos. A fé pode ser negada ou repelida até deixar de existir dentro da consciência da mente física. E pode ser reconhecida e exercida ao ponto de remover montanhas. Aquilo que é levado à consciência, através da atividade das forças espirituais, manifestando-a, através da força espiritual do indivíduo, torna-se a essência mesma da fé. Portanto, tem sido dito por muitos que a fé, a fé pura, aceita ou rejeita sem base na razão, ou além da perspicácia e escopo daquilo que é percebido—daquilo que o **homem traz em sua atividade — pelos cinco sentidos.**

A fé é substância das coisas esperadas, a prova das coisas invisíveis (Heb. 11:1). A fé sabe que já recebeu e age segundo isso, de nada duvidando. É a construtora do aparentemente impossível. É aquilo que trouxe à manifestação tudo quanto já existiu. Deus é, a fé é. É a evidência do cumprimento da promessa de Deus. O divino privilégio do homem é aceitar, usar, desenvolver e desfrutar dos frutos da fé.

No mundo material, com freqüência confundimos confiança com fé. Inclinamo-nos por depender de nossos sentidos físicos, esquecidos que são ilusórios. Isso não é fé, mas confiança—pois a confiança vem através dos sentidos físicos. Quando surgem as provas e os desastres, que parecem fora de nosso controle, começamos a afundar e imediatamente, em desamparo e aflição, clamamos: Senhor, ajuda-me, que pereço! E é então que fala a Voz: Homem de pouca fé. (Ver Luc. 12:28).

Examinemos a nós mesmos para ver se estamos nos apegando à fé ou à confiança.

Como se Desenvolve a Fé

A fé se desenvolve **mediante o uso.** Não pode ser ensinada ou forçada, e nem pode ser destruída a verdadeira fé. Mediante o exercício da fé, somos capazes de dar luz a outros.

a. *Que haja em nós a mesma mente de Jesus,* o Cristo; então haverá fé suficiente para cada necessidade, até mesmo aquela fé que remove montanhas, que modifica o destino das nações, sim, e que traz mundos à existência. Cremos nisso? Então, como pode isso ser realizado?

(*resposta*) Abrindo nossos corações, na meditação sobre as forças invisíveis que circundam o trono da graça, da beleza e do poder, e, ao mesmo tempo, lançando ao nosso redor a proteção achada no pensamento de Cristo. É assim que se pode realizar isso.

b. *Acrescentemos à nossa fé as obras* que mostram os atributos que são expressões do Espírito de Cristo no mundo. Assim se desenvolverá a nossa fé, tornando-se para nós a prova de coisas invisíveis. Precisamos mostrar, por nossas ações, em nossas vidas diárias, que cremos, que temos fé, e que sabemos que se usarmos a fé que possuímos, mais fé nos será dada.

c. Somente no coração liberto de amor egoísta é que pode aninhar-se a fé que sustentará o crente em todas as condições da vida.

d. Quando a fé nos habita no íntimo, temos verdadeira liberdade e a certeza de que não temos outro senhor além de Jesus, o Cristo, e que somos protegidos pelo braço forte do Pai. O sentimento de segurança, de proteção e de paz que ultrapassa todo o entendimento não pode ser encontrado noutro lugar. A fé é a promessa enviada de antemão para mostrar que tudo quanto pedirmos, teremos.

4. Significação e função da fé.

a. *A fé é um atributo da alma*; não é algo que possa ser aprendido pela experiência física. Não vem mediante o exercício dos cinco sentidos. Não é algo que se aprende na experiência humana. Por exemplo, não é fé esperar o recebimento de um cheque no mês seguinte—se estivermos trabalhando e costumamos receber nosso salário desse modo. Isso é confiança, e não fé. Confiamos que receberemos mais um cheque, e a confiança se baseia na experiência humana, através dos cinco sentidos. Um outro exemplo—não é a fé que nos faz sentar numa cadeira, sem testá-la (exemplo abusado pelos pregadores). Isso também é confiança—pois já temos aprendido pela experiência humana, através dos cinco sentidos, que as cadeiras ordinariamente agüentam o peso do corpo humano. Portanto, sentar-se em uma cadeira sem testá-la primeiro, não é fé.

b. A fé é, —em vez disso, um atributo da alma—que não depende da experiência física que nos vem mediante o exercício dos cinco sentidos. A fé tem sua base no conhecimento. Esse conhecimento é diretamente intuitivo, sobre as realidades espirituais, como a existência eterna da alma, a realidade de Deus, a realidade das coisas espirituais, o governo de Deus, o firme destino da alma que se acha em Deus, etc. A alma é o elo entre Deus, as coisas espirituais e a consciência humana. A alma conhece a realidade de Deus e das coisas espirituais, bem como o seu próprio destino. *A alma sabe, portanto, crê.* A fé, pois, é um atributo da alma. O problema consiste em como permitir que a alma entre em comunicação com a mente consciente. É neste ponto que o homem bloqueia o conhecimento natural e intuitivo de seu ser interior (a alma). Ele bloqueia esse conhecimento com pensamentos e ações carnais, enfatizando o que é físico e negligenciando as coisas do espírito. O homem perdeu o conhecimento de como entrar em contacto com sua própria porção superior, ao ponto de algumas vezes negar a existência dessa porção superior, dizendo que a alma não existe.

c. O plano de Deus na criação foi o de dar ao homem a capacidade de conhecer o seu Criador, bem como o de ser capaz de conhecer as realidades espirituais em geral. Deus criou de tal modo a alma humana que ela pode, por dotes naturais, entender tais coisas. Esse conhecimento provém da alma. A alma age como transmissor para a mente consciente. A fé não pode ser destruída, tal como não pode ser destruída a alma. A fé, porém, pode ser ocultada pela mente consciente, devido à perversão do indivíduo, ou podemos negligenciar-lhe o desenvolvimento nas coisas espirituais. Tão completo pode ser esse bloqueio da fé que nenhum único raio de luz venha a iluminar a mente física, a consciência. Assim, um homem pode chegar a nem mesmo crer na existência de sua própria alma, ou na existência do seu Criador. No entanto, a alma sabe da verdade dessas coisas, a fé continua existindo—mas não pode esse conhecimento ser transmitido ao indivíduo consciente.

5. Como pode ser desenvolvida a fé?

a. Deve ter ficado claro, por meio daquilo que foi dito, que tanto o desenvolvimento como o reconhecimento e a realização da fé, devem começar pelo esforço de entrar em contacto com a própria alma, que é o elo dado por Deus para entrarmos em contacto com ele. O desenvolvimento da porção espiritual do homem, isto é, da alma, aumenta e torna mais agudo o conhecimento natural da alma sobre as coisas espirituais, e assim a fé aumenta e é fortalecida. Há níveis variegados da fé, pois há níveis

variegados de desenvolvimento da alma.

b. Desimpedimos o caminho da alma, para que entre em contacto conosco, mediante a *oração e a meditação*. Através desse tipo de exercício espiritual tanto amortecemos as forças carnais como, ao mesmo tempo, salientamos as forças espirituais. Ao assim fazermos, aumenta o poder da alma de entrar em contacto conosco, e as forças físicas diminuem. Ao assim fazermos, também aguçamos a capacidade da alma em receber a verdade da parte de Deus. Ao fazermos assim, pois, agradamos a Deus, — que, portanto, torna-se mais pronto para entrar em contacto com a alma. E assim aumentam o escopo e o poder da fé.

c. O elemento principal, pois, é o *desenvolvimento espiritual*. Contudo, precisamos entender o que seja a oração e a meditação reais. De fato, a oração e a meditação autênticas são impossíveis enquanto estivermos frisando a porção física, em nossas vidas—enquanto usarmos todo o nosso tempo em atividades mundanas (por mais legítimas que elas sejam). A alma de Jesus com freqüência entrava em contacto direto com o Pai, ele conhecia o grande poder do Pai, conhecia bem as realidades das dimensões espirituais, a realidade dos seres espirituais, a realidade do poder espiritual, portanto, vivia transbordante de fé; e locomover uma montanha não era problema para ele. Jesus sabia no que consistem a oração e a meditação. Ele orava, proferindo palavras, palavras de louvor e solicitação ao Pai. Ele meditava, dando ouvidos ao Pai, ouvindo o Pai entrar em contacto com sua pessoa, abrindo suas faculdades espirituais para dar acolhida à mensagem dele. Sua alma vivia saturada com o ser do Pai, e, portanto, ela era forte na fé. — Jesus mantinha abertos os canais de sua mente consciente—e a essa consciência sobrevinha, em catadupas, tudo quanto a alma sabe sobre Deus e sobre as realidades espirituais. Por conseguinte, Jesus andava transbordante de fé; e sua vida e suas obras foram uma grande demonstração desse fato. Ele mostrou o caminho, além de ser esse caminho. *Esse é o caminho da fé.*

d. *A fé é desenvolvida pelo seu uso.* Esse uso se dá entre os homens, bem como em relação para conosco mesmos. Antes de tudo, devemos eliminar os apetites carnais, pois bloqueiam a entrada da fé até à mente consciente. Devemos descontinuar o pecado que nos circunda, pois este bloqueia a concretização da fé na mente consciente, onde precisamos de tal operação. As boas obras entre os homens são uma das expressões da fé. Jesus curava e fazia muitas coisas em benefício de seus semelhantes humanos. Quando a fé é usada assim, é fortalecida; e o elemento físico do homem gradualmente deixa de ser um empecilho para a expressão da alma, isto é, da fé.

6. Ilustração sobre a natureza da fé.

A fé testifica sobre essa dimensão

DIMENSÃO DAS REALIDADES ESPIRITUAIS (Dimensão Eterna) como Deus, dimensões espirituais, existência eterna da alma humana, conhecimento sobre a vontade e as obras de Deus; a Palavra Eterna, e a necessidade de ser transformado segundo a sua imagem.

A alma é o elemento do homem que transmite a mensagem

O ELO. A alma. A alma conhece as realidades do alto, embora talvez imperfeitamente; e é testemunha à mente física (mente consciente) acerca delas. Esse conhecimento cria a fé, pois a fé se baseia nesse conhecimento. A alma sabe, a alma crê. Deus forneceu esse elo consigo mesmo, dentro da personalidade humana. Mediante o exercício da oração e da meditação, bem como do serviço ao próximo, desenvolvemos e fortalecemos esse atributo da alma, *a fé.*

Os empecilhos podem impedir que qualquer raio de luz chegue à mente consciente

OS EMPECILHOS. Vidas pecaminosas, saliência demasiada a coisas físicas (mesmo que legítimas), falta de interesse pelo próximo, egoísmo. Falta de crescimento espiritual. Educação proposital da mente consciente para que não creia, não se permitindo, assim, que o testemunho da alma chegue à mente consciente.

A concretização prática, e até mesmo a percepção da fé, se dão na mente consciente. A fé pode ser real, mas a mente consciente pode desconhecê-la de todo.

A MENTE CONSCIENTE. Ela receberá ou não a mensagem da alma, dependendo do desenvolvimento ou da eliminação dos *empecilhos*, e também de como desenvolvemos nossas almas e suas qualidades espirituais.

Há fé que faz parte do destino
Para alguns de nós—algo que não pode ser ensinado,
Tal como a cor dos nossos olhos.
Já fazia parte de mim quando nasci.
(E.A. Robinson)

7. A fé é um dom e uma operação do Espírito.

A fé é isto, mas também é uma reação favorável da alma. É uma estrada com duas pistas: a humana e a divina. O poder divino é que a cria; é um dom de Deus; mas a vontade humana, no nível da alma, deve receber e apropriar-se da fé, e então aplicar a «outorga aos cuidados de Cristo». (Ver Efé. 2:8; Col. 2:12 e Heb. 12:2, quanto ao fato de que a fé é uma operação divina. O trecho de Gál. 5:22 mostra-nos que se trata de um dos aspectos do «fruto do espírito», ver também Fil. 1:29; II Tes. 2:13 e João 6:29 acerca desse tema).

8. Há idéias variegadas sobre a fé.

Informações extraídas de Chafer, **Systematic Theology**, vol. VII, pág. 148. Poder-se-á notar que a maior parte do que é dito abaixo, já foi incluso nas notas anteriores; mas este sumário é digno de nossa atenção:

«Em seu uso mais amplo, a palavra 'fé' representa pelo menos quatro idéias:

1. Tal como acima, pode indicar a fé pessoal em Deus. Esse é o aspecto mais comum da fé,— que pode ser subdividido em três características: a. A fé salvadora, que é a confiança insuflada, nas promessas e provisões de Deus, no tocante ao Salvador, o que leva o indivíduo a estribar-se e a confiar naquele que é o único capaz de salvar. b. A fé servidora, que contempla como autêntico o fato dos dons divinamente conferidos e todos os detalhes concernentes às determinações divinas para o serviço. Essa fé é sempre uma questão pessoal, e nenhum crente deve ser o modelo para outro. A fim de que tal fé, com sua característica pessoal, possa permanecer inviolável, o apóstolo escreveu: 'A fé que tens, tem-na para ti mesmo perante Deus' (Rom. 14:22). Grande prejuízo resulta quando um crente tenta imitar a outro em questões de nomeação para o serviço. c. A fé santificadora ou sustentadora, que se apega ao poder

de Deus quanto à vida diária. Trata-se da vida vivida em dependência a Deus, operando um novo princípio de vida. (Ver Rom. 6:4). O indivíduo justificado, que se tornou o que é, devido à fé, deve prosseguir e viver segundo o mesmo princípio de total dependência a Deus.

2. A fé também pode ser um anúncio doutrinário, na forma de credo, que algumas vezes é distinguida como 'a fé'. Cristo fez a seguinte indagação: 'Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará porventura fé na terra?' (Luc. 18:7; conf. Rom. 1:5; I Cor. 16:13; II Cor. 13:5; Col. 1:23; 2:7; Tito 1:3 e Judas vs. 3).

3. A fé pode significar fidelidade, o que subentende que o crente é fiel para com Deus. Essa é uma característica insuflada por Deus, pois aparece como uma das nove graças que, juntas, compõem o fruto do Espírito (ver Gál. 5:22,23).

4. A fé pode ser também um *título* pertencente a Cristo, conforme se vê em Gál. 3:23,25, onde Cristo é visto como o objeto da fé.

Apesar de que a fé, basicamente considerada, deve ser divinamente insuflada, sempre vai aumentando, segundo o avanço do conhecimento de Deus e a experiência da comunhão com ele. É natural que Deus não se agrade daqueles que nele não confiam (ver Heb. 11:6). De fato, a fé vindica o caráter de Deus e libera o seu braço para agir em favor daqueles que nele confiam. Assim, por causa das riquezas celestiais elevadíssimas que a dependência nos garante, esta é chamada por Pedro, em certo ponto, de 'preciosa fé'».

9. A fé nas Escrituras:

a. A fé é que nos leva a reconhecer a realidade das coisas espirituais, entregando nossas vidas a elas. (Ver Heb. 11:1).

b. A fé é ordenada; e isso significa que é possível para todos os homens. (Ver Mar. 11:22 e I João 3:23).

c. Os objetos da fé, são: o mundo eterno (ver Heb. 11:1); Deus (ver João 14:1); Cristo (ver João 6:29; Atos 20:21 e Heb. 12:2); as Escrituras (ver João 5:46; Atos 26:27); o evangelho (ver Mar. 1:15); as promessas de Deus (ver Rom. 4:21 e Heb. 11:13).

d. A fé em Cristo é um dom de Deus (ver Rom. 12:3; Efé. 2:8; 6:23 e Fil. 1:29); é operação de Deus (ver Atos 11:21 e I Cor. 2:5); é preciosa (ver II Ped. 1:11); é santíssima (ver Judas 20); é frutífera (ver I Tes. 1:3); é acompanhada pelo arrependimento (ver Mar. 1:15 e Luc. 24:47); juntamente com o arrependimento, a fé forma a «conversão» (ver Atos 20:21; ver o artigo sobre *Conversão*); — é seguida pela conversão (Atos 11:21); tem Cristo como objeto e autor (ver Heb. 12:2).

e. A fé é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22); é dom do Espírito (ver I Cor. 12:9).

f. As Escrituras visam produzir a fé nos seus leitores (ver João 20:31 e II Tim. 3:15).

g. A pregação da Palavra é um dos meios que produz a fé (ver João 17:20; Atos 8:12; Rom. 10:14,15,17 e I Cor. 3:5).

h. A fé nos traz a remissão dos pecados (ver Atos 10:43); a justificação (ver Atos 13:39; Rom. 5:1 e Gál. 2:16); a santificação (ver Atos 15:9; 26:18 e II Tes. 2:13); a luz espiritual (ver João 12:36,46); a vida espiritual (ver João 20:31 e Gál. 2:20); a vida eterna (ver João 20:31); o descanso celestial (ver Heb. 4:3); a adoção (ver João 1:12; Gál. 3:26); o acesso a Deus (ver Rom. 5:2 e Efé. 3:12); a herança das promessas (ver Gál. 3:22 e Heb. 6:12); o dom do Espírito Santo (ver Atos 11:15-17; Gál. 3:15 e Efé. 1:13).

i. A fé é o guia da vida espiritual (ver Rom. 1:17 e Heb. 10:38).

j. Sem fé é impossível agradar a Deus (ver Heb. 11:6).

l. A fé é o meio do recebimento do evangelho (ver Heb. 4:2).

m. A fé é necessária para a guerra espiritual bem-sucedida (ver I Tim. 1:18,19; 6:12).

n. A fé torna o evangelho eficaz para seus ouvintes (ver I Tes. 2:13).

o. A fé elimina a autojustificação (ver Rom. 10:3,4); a jactância (ver Rom. 3:27).

p. A fé opera pelo amor (ver Gál. 5:6; I Tim. 1:5; File. 5).

q. A fé produz a esperança (ver Rom. 5:2); a alegria (ver I Ped. 1:8); a paz (ver Rom. 15:13); a confiança (ver Isa. 28:16; I Ped. 2:6); a ousadia na pregação (ver Sal. 116:10 com II Cor. 4:13).

r. A fé é um elemento necessário para a oração eficaz (ver Mat. 21:22 e Tia. 1:6).

s. Pela fé vivem os crentes (ver Gál. 2:20); como também se firmam (ver Rom. 11:20; II Cor. 1:24); andam (ver Rom. 4:12 e II Cor. 5:7); obtêm bom testemunho (ver Heb. 11:2); vencem o mundo (ver I João 5:4,5); resistem o diabo (ver I Ped. 5:9); vencem a Satanás (ver Efé. 6:16); são sustentados (ver Sal. 27:13 e I Tim. 4:10).

t. Os crentes deveriam exibir fé sincera (ver I Tim. 1:5); ser abundantes na fé (ver II Cor. 8:7); continuar nela (ver Col. 1:23); ser fortes na fé (ver Rom. 4:20-24); estar firmados e arraigados nela (ver Col. 1:23); apegar-se à fé (ver I Tim. 1:18).

u. A verdadeira fé é demonstrada pelas suas obras (ver Efé. 2:10 e o décimo primeiro capítulo da epístola aos Hebreus).

v. Sem as obras da fé, a fé está morta (ver Tia. 2:17,20,26).

x. A fé vence todas as dificuldades (ver Mat. 17:20; 21:21 e Mar. 9:23); o que é feito sem fé, é pecado (ver Rom. 14:23); a prova de fé opera a paciência (ver Tia. 1:3).

z. Os ímpios podem professar fé (ver Atos 8:13,21); mas, na realidade, estão destituídos dela (João 10:25; 12:37; Atos 9:9 e II Tes. 3:2).

10. A fé e as obras

A fé não é alguma nova espécie de obra que agrade a Deus mais do que as obras legalistas, de tal modo a tornar-se em «mérito», sobre cuja base Deus nos daria a salvação. Pois a verdadeira base da salvação é a graça, e isso por causa da expiação pelo sangue de Cristo (ver Efé. 2:8 e Rom. 3:25). A fé é o instrumento que recebe tal bênção, não sendo base ou mérito para tal recebimento. A fé é, naturalmente, *produtiva* por sua própria natureza inerente, pelo que produz o fruto das boas obras. Não existe tal coisa como fé sem santificação; pois a santificação é o meio mesmo da salvação (ver II Tes. 2:13). A fé estéril não é a fé salvadora. A fé não é *credal*, mas é a operação do Espírito de Deus, feita no homem interior, mediante o que começa a ser efetuada a transformação do crente segundo a imagem de Cristo.

FÉ

Oh, mundo, não escolheste a melhor parte;
Não é sábio ser apenas sábio,
E fechar os olhos para a visão interior,
Mas é sabedoria acreditar no coração.
Colombo achou um mundo, e não tinha mapa,
Salvo o da fé, decifrado nas estrelas;

Confiar na empresa invencível da alma
Era toda a sua ciência, toda a sua arte.
Nosso conhecimento é uma tocha fumegante
Que ilumina o caminho um passo de cada vez,
Através de um vazio de mistério e espanto.
Ordena, pois, que brilhe a luz terna da fé,
A única capaz de dirigir nosso coração mortal
Aos pensamentos sobre as coisas divinas.
(George Santayana)

Fé em Hebreus 11:1

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem.

A palavra «fé» ocorre por duzentas e quarenta e quatro vezes nas páginas do N.T.; mas o conceito de fé, mediante o uso de outros termos, ainda é mais freqüente. A fé, em seus muitos aspectos, conforme é demonstrado acima, é um dos princípios mais importantes do N.T. Por toda a parte se insiste sobre essa qualidade e se requer a mesma. A fé indica a apropriação de tudo quanto Deus nos oferece por meio de Cristo. É a completa outorga da alma aos cuidados do Senhor.

A fé é a certeza de coisas que se esperam. O grego, aqui traduzido por «certeza» é **upostasis**, palavra grega comum para indicar a «natureza real» ou «natureza essencial» de alguma coisa, com freqüência traduzida por «substância». Significa a «realidade» de algo, em contraste com seus meros «acidentes». Este último termo indica algo «não essencial» à existência de qualquer coisa como a cor e outros aspectos superficiais. No trecho de Heb. 1:3, esse vocábulo é usado para falar sobre o ser de Cristo, que é a exata «substância» do ser do Pai, o que é indicação extremamente clara de sua divindade. (Ver o artigo sobre a *Divindade de Cristo*). O uso dessa palavra por parte do autor parece indicar que ele encarava a fé como algo que dá «substância» às realidades invisíveis, em nosso consciente. A fé «consubstancia» o mundo eterno e invisível para nós, trazendo até nós as suas realidades, como se ele realmente se fizesse presente, embora continue ausente. A fé é o meio que dispomos para «ver», «aceitar» e «aplicar» o mundo invisível; é o meio através do qual «vivemos segundo as dimensões eternas». Portanto, a fé é mais do que «certeza». Esta é um dos resultados da fé. Temos certeza e convicção sobre o mundo espiritual e suas exigências, a nós impostas; e isso nos vem pela fé; mas a fé nos traz essa «realidade», que fica «consubstanciada», ao passo que, para outras pessoas, tal realidade permanece uma teoria, ou mesmo um sonho louco.

O Mar da Fé

O Mar da Fé
Antes também esteve cheio, e em volta da praia da terra
Jazia como as dobras de um brilhante cinto enrolado
Mas agora ouço somente
Sua melancolia, seu longo e retirado rugido,
Retrocedendo, para o hálito
Do vento noturno, descendo pelas vastas beiradas
E pelos cobreiros nus deste mundo.

Ah, amor, sejamos sinceros
Uns para os outros! pois este mundo, que parece
Estender-se à nossa frente qual terra de sonhos,
Tão variegada, tão bela, tão nova,
Na realidade não tem alegria, ou amor, ou luz,
Ou certeza, ou paz ou ajuda para a dor;
E nos encontramos aqui como em uma planície escura
Eivada de alarmes confusos de luta e fuga,
Onde exércitos ignorantes se chocam de noite.
(Matthew Arnold, *Dover Beach*)

FÉ (PARA OS FILÓSOFOS E TEÓLOGOS)

Ver o artigo geral sobre Fé. Oferecemos aqui alguns pontos de vista específicos sobre várias personagens bem conhecidas do mundo da filosofia e da teologia, quanto a essa questão.

Essa palavra vem da raiz latina *fidere*, «confiar». Na filosofia, usualmente essa palavra indica uma atitude de confiança que vai além das evidências empíricas disponíveis, embora possam manifestar-se evidências da razão, da intuição e do misticismo. O **inter-relacionamento entre a fé,** razão e o empirismo tem uma longa história na filosofia.

1. Nos escritos de *Paulo*, a fé consiste em uma espécie de outorga da alma aos cuidados de Cristo, uma certa disposição interna, espiritual, insuflada pelo Espírito de Deus, que põe fim ao modo legalista da justificação, que parecia transparecer no Antigo Testamento.

2. *Tertuliano* (que vede) não acreditava que a fé precisa de evidências racionais ou empíricas, visto que, segundo sua estimativa, a doutrina de Deus pode parecer absurda a alguém, mas, mesmo assim, continuar sendo verdadeira. Com base nessa atitude é que temos a sua famosa declaração: *Credo quia absurdum est*, ou seja, «Creio, porque é absurdo».

3. *Agostinho* (que vede) via a fé como um pré-requisito do entendimento. A mente cética deixa seu possuidor em trevas espirituais. Por isso, ele dizia: *Credo ut intelligam*, ou seja, «Creio, a fim de entender». Vários outros filósofos teólogos da antiguidade refletiram esse sentimento, incluindo Anselmo (que vede).

4. *Tomás de Aquino* (que vede) pensava que a fé e a razão se complementam, que a razão dá apoio à fé, quando as idéias são razoáveis. Entretanto, existem algumas grandes doutrinas, como a da trindade, através da revelação bíblica, que não são irracionais, a despeito de não estarem sujeitas à análise racional (por serem superiores à nossa capacidade de raciocínio).

5. *Boaventura* (que vede) pensava que a fé é essencial para que alguém postule as perguntas certas e para que sejam evitadas as alternativas falsas, nos casos em que é mister fazer escolhas.

6. *Herbert de Cherbury* (que vede) acreditava no primado da razão, supondo que a mesma serve de norma segura para a verdade. Da razão procederíamos para uma fé aceitável para toda a humanidade.

7. *Pascal* (que vede) cria que o coração tem suas razões (por meio da intuição) que a razão desconhece inteiramente.

8. *John Toland* (que vede) supunha que a verdadeira fé pode e deve ser confirmada pela razão. De outra sorte, a fé poderia estar crendo em alguma coisa que não corresponde à verdade dos fatos.

9. *Ritschl* (que vede) asseverava que a fé e a razão ocupam esferas diferentes no campo do conhecimento, e que cada qual é autônoma em sua própria esfera.

10. *Troeltsch* (que vede) acreditava no depósito sempar do conhecimento da fé cristã. A fim de aprender sobre a natureza desse depósito, ele postulava uma espécie de dialética entre os estudos e as experiências históricas e os estudos e as experiências religiosas.

11. *Unamuno* (que vede) encarava o conflito contínuo e sem solução, entre a fé e a razão, como algo que conduz o indivíduo ao «senso da tragédia da

vida».

12. *Buber* (que vede) substituía a confiança incondicional por qualquer tipo de fé que precise da ajuda da razão e de outros meios.

13. *Tillich* (que vede) baseava a razão sobre a fé. A esse tipo de raciocínio ele chamava de *theonomous* (da lei divina), em contraste com as formas de razão designadas autônoma e herônima.

14. *Nos escritos de muitos teólogos*, bem como no cristianismo popular, a fé consiste na crença em certo número de doutrinas. E o conjunto dessas doutrinas recebe o nome coletivo de «fé».

15. *William James* (que vede) referia-se à «vontade de acreditar», mediante essa atitude a pessoa poderia ir além das evidências disponíveis. Esse ato seria efetuado quando alguém busca verdades tentativas que possam tornar-se úteis para a estrutura intelectual do indivíduo, quando podem ter aplicações práticas para a vida diária. Mesmo que eu não tivesse certeza sobre a existência da alma, e mesmo que não houvesse evidências adequadas para comprovar a sua existência, ainda assim eu deveria acreditar nela, porque a crença na imortalidade é muito útil e reveste-se de grande caráter prático na vida. Tal crença nos fornece um senso de confiança, de valor na vida, de esperança quanto ao futuro, além de ser a base mesma da moralidade.

16. *George Santayana* (que vede) referia-se à necessidade de uma *fé animal*, de acordo com a qual verdades tentativas são aceitas sem quaisquer provas empíricas. Essa fé isentaria o indivíduo de todos os solipsismos e dilemas.

17. *Tennant* (que vede) acreditava que a fé é um elemento volitivo que se faz presente em todo tipo de conhecimento.

FÉ (Posições Católica Romana e Protestante)

1. Na Teologia Católica Romana. Na doutrina católica romana, a fé equivale ao assentimento diante da verdade divinamente revelada. A fé é ali definida pela Igreja, por meio da autoridade nela investida. Portanto, haveria somente uma fé, a qual não seria deixada ao sabor de qualquer indivíduo ou grupo, para ser interpretada ou reinterpretada. A interpretação da *fé* processar-se-ia através das Escrituras, dos concílios, das tradições e dos decretos papais, os instrumentos divinamente determinados para salvaguardar a interpretação da verdade que nos foi dada em Cristo. Alguns itens da fé transcendem à razão (a maioria não faz isso), mas, nesses casos, a verdade não se mostra irracional. Naturalmente, nem todos os intérpretes católicos têm crido na racionalidade necessária da fé. Ver o artigo sobre *Fé* (*Para os Filósofos e Teólogos*). —Mas, de acordo com Tomás de Aquino (o principal teólogo filósofo dos católicos romanos), a fé consiste em uma atitude e em um ato razoáveis, e não em um salto no escuro, que deixa alguém crendo no que não é verdade. Mas, sendo o homem uma criatura decaída, precisa da ajuda divina para adquirir fé. Portanto, a fé precisa ser divinamente inspirada. É mister que a virtude seja insuflada no homem, para que ele tenha a fé salvadora. A fé explícita é a aceitação inteligente da definição da verdade, por parte da Igreja, incluindo suas várias categorias e subcategorias. Mas também existe a *fé implícita*, que seria natural a todos os homens, sem qualquer inspiração divina, incluindo a crença básica na existência de Deus, e no fato de que ele recompensa o bem e castiga o mal. Esse tipo de fé não salva, mas põe o indivíduo *no caminho da salvação*, preparando-o assim para as virtudes infundidas. O trecho de Hebreus 11:6 apresenta um mínimo de fé implícita: Deus existe, recompensa e castiga. Isso ainda não salva, mas orienta a pessoa na direção da salvação.

2. Na Teologia Protestante. Quando questões de fé e de crença são deixadas aos cuidados do indivíduo, e não aos cuidados de algum grupo religioso, a fragmentação inevitavelmente tem lugar. A teologia protestante clássica deposita uma grande dose de confiança na Bíblia, que é a Palavra de Deus, e também no poder que o Espírito tem para interpretá-la corretamente. Cada indivíduo torna-se a sua própria autoridade, embora a opinião da comunidade evangélica seja útil para ajudar cada indivíduo a interpretar corretamente a Bíblia. Por outra parte, as decisões dos concílios, as tradições, etc., são apenas sugestões interpretativas, para serem respeitadas, mas não para serem seguidas rigidamente. Os grupos protestantes proclamam em alto e bom som, que *somente as Escrituras* são a fonte da fé e das crenças; mas, na prática real, o que realmente vale é o que o meu grupo particular *interpreta* sobre as Escrituras. Isso explica as opiniões tão diferentes, sobre muitos pontos de doutrina, entre os grupos protestantes. Isso significa, por sua vez, que não existe tal coisa como fé sem uma interpretação embutida, explícita ou implícita, proclamada ou não proclamada. Ver o artigo geral sobre a *Autoridade*, quanto a sugestões que orientam nossos pensamentos acerca da questão.

Os teólogos protestantes sempre enfatizaram que a fé envolve um certo relacionamento pessoal com Cristo, como parte da conversão (constituída por arrependimento e fé), tudo como operação do Espírito. Essa é a ênfase correta, que impede que caiamos vítimas da teologia popular (católica romana ou protestante), segundo a qual a fé degenera em mero assentimento a um conjunto de crenças (ou credo), que, presumivelmente, teriam poder salvador, se fossem crenças *ortodoxas*. Apesar da fé envolver um conjunto de crenças, quanto menos estiver vinculada a credos, mais provavelmente essa fé será vital.

De acordo com a *teologia protestante*, a razão desempenha um papel menos pronunciado do que na teologia católica romana. Os protestantes têm simpatizado com a declaração de Tertuliano: «Creio porque é absurdo», supondo que a fé ultrapassa à razão, podendo até mesmo contradizer a razão humana. O perigo envolvido nessa posição é a *subjetividade*. Muitos caem nesse abismo, acreditando verdadeiramente que aquilo que sentem subjetivamente, necessariamente, reflete a própria verdade. Disso é que se origina o fanatismo. Confiança de todo o coração é o fundamento do *pietismo* (que vede). A crença rígida em algum credo é a fé do evangelicalismo popular. Como conseguir o ponto de equilíbrio entre a confiança de todo o coração e a ortodoxia é um dos principais problemas da teologia. (Ver o artigo geral sobre a *Fé*).

Os protestantes também têm se mostrado simpáticos com a abordagem de Emanuel Kant, de acordo com a qual, a fé não requer provas empíricas. Os católicos romanos crêem que a existência de Deus (e outros importantes itens da fé) está sujeita a demonstrações racionais e empíricas. Mas os protestantes pendem mais para a posição kantiana de que as asserções metafísicas não estão sujeitas à demonstração, precisando ser postuladas por meio de afirmações intuitivas e místicas. (C E EP P TIL)

••• ••• •••

FÉ, MEIO DA SALVAÇÃO

Mediante a fé, Efé. 2:8. O fato de que a graça e a salvação são *mediadas* pela fé é doutrina paulina comum; e o fato de que isso se dá de modo «independente» das obras humanas também é doutrina de Paulo. (Ver o artigo sobre *Fé* e as referências em: Rom. 3:22,24; 4:3,5; 5:1; Heb. 11:1). Acerca das presentes palavras, devemos considerar os pontos abaixo:

1. A fé não é alguma nova forma de «mérito», em substituição às «obras», como se a fé agradasse a Deus mais do que a obras, sendo aceita em lugar delas. É verdade que o ato de exercer fé, de ter uma alma receptiva para com a verdade espiritual, é algo agradável aos olhos de Deus; mas ninguém «agrada a Deus» de tal modo que só por isso venha a ser aceito no Amado. (Ver Efé. 1:6).

2. O *meio* da salvação não é a fé humana. Esse meio é aquilo que Cristo realizou mediante sua vida, morte e ressurreição. Portanto, a «fé» não é a «causa» da salvação. A graça divina é que é essa causa, aquele fator que confere favor e dons espirituais gratuitos aos homens, conforme Efé. 2:8 deixa claro. (Ver Efé. 1:7 no NTI em suas notas expositivas, quanto ao *meio* da salvação, onde é frisada a «expiação». E Rom. 5:11 conta com a nota de sumário sobre esse tema). A passagem de Rom. 6:3 mostra-nos que a ressurreição de Cristo nos dá vida, e isso por causa de nossa comunhão mística com ele. Tais questões estão envolvidas no «meio» da salvação, em suas «causas».

3. A fé não é a «substância» da nossa salvação, porquanto é a justiça de Deus que provoca a nossa transformação metafísica segundo Cristo (ver Rom. 3:21 e 8:29).

4. A fé serve mais de *instrumento* da salvação; em outras palavras, é aquilo que traz a salvação aos homens, aquilo que faz os homens receberem-na. A fé e o arrependimento são os dois lados da «conversão», o que é amplamente comentado em João 3:3-5 no NTI. A fé é o reconhecimento, por parte da alma, daquilo que Cristo é, e por causa do que ela entrega aos cuidados dele, todos os desejos e o destino da própria existência. Assim, quando a alma se entrega aos cuidados de Cristo, e dá-se o «arrependimento» por causa disso, então o indivíduo se «converteu». Esse é o primeiro passo da salvação, e o seu impulso é a «fé». Portanto, o justo *vive pela fé*, e também *de fé em fé* (ver Rom. 1:17), de tal modo que o processo inteiro da salvação, em seus muitos aspectos, da santificação à glorificação, é recebido e concretizado para o indivíduo mediante uma fé sempre crescente. E essa fé, basicamente, indica a outorga ativa da própria alma aos cuidados de Cristo, com base no reconhecimento de sua pessoa e das obrigações que Cristo impõe aos homens.

A mão de um homem é capaz de trabalhar e de realizar muitas coisas. Entretanto, a mão não funcionará a menos que seja impulsionada pelos músculos e pelos nervos. E os músculos e os nervos operam por causa de sinais enviados pelo cérebro. Por igual modo, para que a salvação ocorra, é mister o «impulso» da fé, de sua «instrumentalidade», porque, de outra maneira, nada poderá ser efetuado.

Uma tradução exata de Efé. 2:8 diria: *mediante a graça*, destacando o artigo definido. Pois aqui a graça é definida e limitada, e essa limitação é expressa neste texto, nos vss. 4-6. Considere os pontos seguintes: 1. A *misericórdia* e o *amor* de Deus, ambos abundantes, formam, juntamente, a graça divina. 2. A nossa ressurreição em Cristo, ou seja, a nossa comunhão mística com a sua vida, aplica a graça divina às nossas vidas. 3. A nossa glorificação em Cristo haverá de completar a operação da graça. É «essa graça» que envolve os elementos sobre os quais Paulo falava, a grande obra de Cristo, em seus variegados aspectos, feita graciosamente em favor dos homens, com base na misericórdia e no amor de Deus. Essa é «a graça» a respeito da qual Paulo falava.

FÉ, UTILIDADE DA

Rom. 4:22: *Pelo que também isso lhe foi imputado como justiça.*

Quanto as notas expositivas sobre aquela «justiça» que é de Deus, e que o Senhor dá e implanta no coração dos remidos, ver Rom. 3:21 no NTI. E sobre como essa justiça produz a nossa «justificação», ver os trechos de Rom. 3:24 e 28. E sobre como essa operação justificadora de Deus se baseia na «expiação pelo sangue de Cristo», ver Rom. 3:25. Quanto à demonstração da retidão de Deus, ao tratar com os homens segundo esse método de justificação «pela fé», ver Rom. 3:25. Acerca de como esse princípio da «fé» exclui o princípio das «obras», isto é, como um sistema torna o outro impossível, ver Rom. 4:4,14. Quanto ao fato de que a justificação necessariamente inclui o «arrependimento e o perdão dos pecados», ver Rom. 4:7. E, finalmente, quanto ao ensino bíblico sobre a «imputação», ver Rom. 4:3.

Somente a fé mais genuína é autêntica, aquela formada por meio da atuação do Espírito Santo, pode servir de base da justificação; e, no trecho de Rom. 4:18-21, o apóstolo Paulo tomou por propósito demonstrar quando essa fé é genuína. Essa demonstração consiste na observação de sua operação prática, porquanto é somente através desse meio que a fé pode ser demonstrada. A fé autêntica deve ser algo mais do que a mera aceitação mental de determinados fatos sobre Jesus; deve ser mais do que a mera profissão pública de fé em algum credo. Deve provir do nível da própria alma, como parte real da expressão da alma, acompanhada de evidências práticas na vida diária.

Naturalmente, o apóstolo Paulo deixa entendido que a mera obediência ao princípio da lei jamais pode produzir um caráter da natureza daquele que teve Abraão; mas antes, essa suprema vida de fé, que tanto os judeus admiravam, é produto da renovação do ser interior, da regeneração, que é uma *operação viva*, efetuada pelo Espírito Santo na alma do indivíduo. Paulo deixou claro que a vida alicerçada sobre o princípio da obediência legalista pode-se caracterizar pela «incredulidade», a despeito de suas pretensões, e que isso não obtém favor algum aos olhos de Deus. Abaixo citamos algumas proposições de *João Bunyan*, que contrastam a fé com a incredulidade:

«Desejo apresentar neste momento, ao leitor cristão, uma descrição mais particular sobre as qualidades negativas da incredulidade, confrontando-a com a fé, nos seguintes pontos particulares:

1. A fé confia na Palavra de Deus, mas a incredulidade põe em dúvida a certeza da mesma.

2. A fé põe crédito na Palavra, porque ela é verdadeira; mas a incredulidade dela duvida, porque ela é verdadeira.

3. A fé vê mais ajuda na promessa de Deus do que impedimentos que poderiam se apresentar; mas a incredulidade, a despeito da promessa de Deus, pergunta: Como podem suceder essas coisas?

4. A fé nos leva a perceber o amor, no coração de

Cristo, quando ele, com a sua boca, nos repreende; mas a incredulidade imagina a ira no coração de Deus quando, com a sua boca e em sua Palavra ele declara que nos ama.

5. A fé ajuda a alma a esperar em Deus, ainda que Deus adie a doação; a incredulidade, porém, dá de ombros e rejeita a tudo, se porventura Deus se demora mais um pouco.

6. A fé nos outorga consolo, em meio mesmo aos temores; mas a incredulidade provoca temores em meio mesmo aos consolos.

7. A fé sente a doçura da vara de Deus; mas a incredulidade não se pode consolar ante as maiores misericórdias divinas.

8. A fé torna leve as maiores cargas; mas a incredulidade torna as cargas leves em intoleravelmente pesadas.

9. A fé nos ajuda quando nos sentimos desanimados; mas a incredulidade nos desanima em meio ao sucesso.

10. A fé nos aproxima de Deus, mesmo quando estamos afastados dele; mas a incredulidade nos afasta de Deus, mesmo quando estamos próximos dele.

11. A fé leva um homem para debaixo da graça divina, mas a incredulidade nos segura sob a ira de Deus.

12. A fé purifica o coração; a incredulidade, porém, nos mantém poluídos e impuros.

13. A fé torna nossas obras aceitáveis a Deus, por intermédio de Cristo; porém, todos quantos são incrédulos vivem no pecado, porque sem fé é impossível agradar a Deus.

14. A fé nos outorga paz e consolo na alma; mas a incredulidade provoca a *angústia* e a agitação tão grande como a das ondas bravias do mar.

15. A fé nos capacita a ver a preciosidade de Jesus Cristo; mas a incredulidade não vê nele nem forma e nem beleza alguma.

16. Pela fé a nossa vida é cheia da plenitude de Cristo; mas, devido à incredulidade podemos morrer famintos e ressequidos.

17. A fé nos outorga a vitória sobre a lei, sobre o pecado, sobre a morte, sobre Satanás e sobre todos os males; mas a incredulidade nos torna sujeitos a todas essas coisas.

18. A fé nos exibe a maior excelência naquelas coisas que se não vêem do que naquelas que são visíveis; mas a incredulidade vê muito mais nas coisas *que agora são* do que nas coisas do porvir.

19. A fé torna os caminhos de Deus agradáveis e admiráveis; a incredulidade, contudo, torna-os pesados e enfadonhos.

20. Pela fé, Abraão, Isaque e Jacó possuíram a terra da promessa; mas, devido à incredulidade, nem Aarão, nem Moisés e nem Miriã puderam chegar até ali.

21. Pela fé, os filhos de Israel passaram pelo mar Vermelho; mas, por causa da incredulidade, praticamente todos eles pereceram no deserto.

22. Pela fé, Gideão realizou mais, com trezentos homens e alguns poucos cântaros vazios, do que todas as doze tribos de Israel poderiam ter feito, devido à sua incredulidade, pois não criam em Deus.

23. Pela fé, Pedro andou sobre as águas do mar; porém, devido à incredulidade, começou a *afundar*».

(João Bunyan, em uma lista parcial, extraída de seu livro, *Vinde e Dai as Boas Vindas a Jesus Cristo*).

«A fé é a única faculdade mediante a qual nós podemos agarrar em Deus. Pois assim lemos em Isa. 27:5: 'Ou que homens se apoderem da minha força, e façam paz comigo; sim, que façam paz comigo'. Todavia, não podemos chegar à sua grandeza, porquanto somos pó. Não podemos olhar para o seu rosto, pois ele habita em luz inacessível. Não podemos apreender a sua sabedoria, pois ela é infinita, incompreensível, e os 'raciocínios dos sábios (no que diz respeito a Deus) são vãos'. Por conseguinte, como podemos nos agarrar a Deus? 'Confiando' nele! O mais fraco dos homens pode 'crer' naquilo que Deus lhe diz! Louvado seja o seu bendito nome! A fé, a simples fé, nos liga com o Deus Todo Poderoso». (Newell).

FÉ DE ABRAÃO, Rom. 4:16 ss

Qual teria sido o objeto da fé de Abraão? Em que se teria escudado, ao exercer essa fé? Consideremos os pontos abaixo:

1. Abraão creu que existe um Deus pessoal que se revela, um Deus operador de maravilhas, que tem o poder de produzir nova vida e salvação da alma.

2. Abraão creu que a promessa que lhe fora feita por Deus se cumpriria.

3. Abraão creu que essa promessa dizia respeito particularmente ao fato de que a sua descendência se tornaria uma *numerosa* nação, — e que ele mesmo, espiritualmente falando, se tornaria progenitor de todos os crentes, de todos os homens regenerados, incluindo a igreja de Cristo.

4. Abraão confiou no tocante à promessa do nascimento de Isaque, e então, posteriormente, confiou no tocante à sua ressurreição, uma vez que Isaque fosse sacrificado. Tudo isso simbolizava Cristo, naturalmente.

5. Abraão se entregou genuinamente de alma ao princípio divino, e é disso que consiste a fé (ver o artigo sobre a *Fé*).

6. Ele pôde entrever a Cristo, e alegrou-se ante o conhecimento que obteve de Cristo. Essa é a fé evangélica (ver João 8:56). Não sabemos até que ponto era clara essa visão de Abraão, mas o fato é que ela envolvia discernimento profético.

Todas essas considerações capacitam-nos a entender que o apóstolo Paulo asseverava ter havido, por parte de Abraão, uma fé do tipo *evangélico*, ainda que a fé dele deva ser considerada — imperfeita, comparativamente com a revelação divina de que dispõem os crentes atualmente.

FÉ E CONHECIMENTO

Quanto a inter-relacionamento que há entre a fé e o conhecimento, ver os artigos, **Fé (Para os Filósofos e Teólogos, e Conhecimento e a Fé Religiosa.**

FÉ EXPLÍCITA

Durante a Idade Média, era requerido um padrão de clero mais alto, que exigia a aceitação inteligente (intelectual) das doutrinas aceitas pela Igreja. Isso incluía a concordância com o claro delineamento dos detalhes dessas doutrinas. Contrastar com a *fé implícita* (que vede).

FÉ IMPLÍCITA

De acordo com a teologia católica romana, pressupõe-se a existência da fé em qualquer indivíduo que satisfaça duas condições básicas da crença: 1. que

Deus existe; 2. que Ele galardoa àqueles que O buscam. Se uma pessoa agir segundo essa fé inerente, poderá entrar no *caminho* da salvação de tal modo que, finalmente, venha a exercer plena fé cristã. A fé implícita ainda não garantiria a salvação mas possibilitaria aos homens galgarem a uma fé mais elevada. Essa doutrina, naturalmente, está alicerçada sobre a declaração de Hebreus 11:6: «...porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam». Ver sobre a *Fé Explícita*, que consiste na aceitação das doutrinas da Igreja, conforme ensina a Igreja Católica Romana.

FÉ SALVADORA

Em contraste com a ênfase católica romana não sofisticada sobre a fé, como se fosse, primariamente, uma submissão intelectual às doutrinas cuja veracidade é garantida pela autoridade supostamente infalível da Igreja (o amor seria o princípio animador da fé e a Igreja seria o padrão de toda a crença), os teólogos protestantes sempre afirmaram que só pode haver a *fé que salva* quando o conhecimento da Palavra de Deus (*notitia*) e o reconhecimento de que a Palavra é veraz (*assensus*), combinam-se com a confiança pessoal (*fiducia*) na graça salvadora de Deus, em Cristo Jesus. Outrossim, a confiança pessoal é considerada como um produto (ou inspiração) do Espírito Santo, de tal maneira que a fé é uma obra divina, e não um esforço humano. Contudo, no protestantismo não sofisticado a fé também tem sido reduzida à crença em um credo ortodoxo (tal como no catolicismo romano), atitude essa que prevalece poderosamente no mundo evangélico dos nossos dias. Por outra parte, a teologia católica romana sofisticada, apesar de continuar enfatizando a autoridade da Igreja, como aquela que define todas as questões de fé e de prática, inclui, em seu sistema, as mesmas coisas que temos descrito acima (a *notitia*, o *assensus* e a *fiducia*). Ver o artigo geral sobre a *Fé*.

FEBE

Rom. 16:1: *Recomenda-vos a nossa irmã Febe, que é serva da igreja que está em Cencréia*;

O apelativo feminino «...*Febe*...» (cujo sentido grego é *brilhante*), como epíteto da deusa Artemisa, deusa da lua e da caça, é aqui o nome de uma crente que supostamente foi a portadora da epístola aos Romanos. Ela poderia ter sido a portadora dessa epístola aos Romanos ainda que este décimo sexto capítulo não fizesse parte integrante da epístola que ela transportou consigo. (Quanto a uma discussão completa sobre esse problema, cujo conhecimento é algo absolutamente necessário para que se compreenda este décimo sexto capítulo, ver a introdução a este décimo sexto capítulo no NTI).

Febe, que talvez estivesse de viagem para a cidade de Roma, poderia ter sido escolhida para ser a portadora da epístola aos Romanos. E Paulo pode ter escrito também uma carta de apresentação para ela, que seria o nosso atual décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos, tendo-a endereçado para igrejas cristãs da Ásia Menor, onde as atividades de Febe se concentrariam mais. Não obstante, nada mais sabemos acerca dela e do que este versículo primeiro subentende. É possível que ela fosse uma mercadora ambulante, mais ou menos da mesma categoria de Lídia, a vendedora de púrpura, sobre quem lemos em Atos 16:14,40. As viagens de Febe talvez a levassem sobretudo a localidades da Ásia Menor, que seria também sua pátria de origem. Mas a capital do império também poderia ser uma cidade que ela visitava com freqüência. Tendo ela passado por Corinto, onde se encontrava então o apóstolo Paulo, é possível que esse apóstolo lhe tenha solicitado que fosse a portadora da epístola aos Romanos, como um favor especial.

Por causa dessa circunstância, pois, é que a carta de apresentação, que é a *pequena epístola*, embora visasse especificamente localidades da Ásia Menor, terminou por ser vinculada à «epístola maior», — que denominamos de epístola aos Romanos.

Precisamos admitir, entretanto, que essa idéia não se reveste de grandes probabilidades. Parece muito mais lógico, e de conformidade com a própria epístola, com suas muitas saudações e com sua advertência acerca dos falsos mestres, supormos que essa «pequena epístola» foi puramente uma epístola de saudações às igrejas cristãs da Ásia Menor, que visava mais particularmente, talvez, a igreja de Éfeso. Neste último caso, este décimo sexto capítulo não teria conexão alguma com a epístola aos Romanos.

Não obstante, em favor daquela primeira idéia, temos a observar que o vigésimo segundo versículo do décimo sexto capítulo menciona «Tércio» como o amanuense que realmente escreveu o que Paulo lhe ditara. Pois teria realmente o apóstolo se utilizado de um amanuense para escrever tão minúscula epístola? Parece muito mais provável que Paulo se tivesse utilizado de Tércio para escrever tanto a epístola mais longa como a epístola mais breve, a nossa epístola aos Romanos, até o seu décimo quinto capítulo, e a carta de introdução ou apresentação de Febe, que é o nosso décimo sexto capítulo de Romanos.

Depois de toda essa exposição de argumentos favoráveis e contrários, precisamos confessar que não existe qualquer maneira adequada de encontrar solução para esse problema.

Nada sabemos a respeito de Febe senão aquilo que nos é dito **aqui**, em Rom. 16:1,2. Ela desempenhava um papel ativo na igreja de Cencréia, como diaconisa, o que provavelmente indica uma posição oficial feminina, similar à dos diáconos. Febe também se mostrava generosa em sua hospitalidade, tendo ajudado a muitos crentes, incluindo o próprio apóstolo dos gentios. Entre outras coisas, mui provavelmente isso indica assistência financeira e obras de caridade.

No entanto, para alguns estudiosos, o termo «diaconisa» subentende um período posterior ao período apostólico, não sendo uma das características do governo eclesiástico dos dias de Paulo. Nesse caso, Febe teria sido assim chamada para indicar que ela era pessoa extraordinariamente generosa, não visando qualquer sentido oficial, mas tão-somente alguém que costumava ser de grande ajuda para os irmãos na fé. Não há maneira, além disso, de determinarmos o tipo de *negócio* ou atividade comercial que ela explorava e o que a teria levado a fazer aquela viagem a Roma. (Ver Romanos 16:2). — Todavia, é possível que seu negócio se assemelhasse ao de Lídia (ver Atos 16:4,40), uma negociante em objetos de interesse feminino.

Paulo forneceu a Febe uma carta de apresentação, pelo menos por três razões:

1. Naquela época abundava um grande número de impostores, que se fingiam cristãos. Esses elementos exploravam a boa vontade dos crentes, obtendo abrigo e, algumas vezes, até mesmo doações em dinheiro, narrando histórias fraudulentas, a fim de obterem a simpatia de um povo inocente, já

naturalmente simpático para com todos quantos se diziam cristãos. Há uma *sátira*, escrita no segundo século da nossa era, pelo escritor pagão Lúcio («*A Passagem do Peregrino*»), que aborda exatamente esse tema. Essa sátira mostra-nos como certo impostor explorou a credulidade de certos grupos cristãos, para benefício próprio. Ora, cartas de apresentação serviam de garantia contra tais indivíduos.

2. Havia a necessidade da hospitalidade cristã, em favor de irmãos na fé, porquanto as antigas hospedarias viviam infestadas de prostitutas, assaltantes e outros elementos desagradáveis e perigosos.

3. Evidentemente a irmã Febe tinha necessidade de alguma ajuda específica, em qualquer negócio que a forçava a viajar de um lugar para outro.

Diaconisas na igreja cristã primitiva? Não possuímos qualquer informação segura que nos permita saber se esse era um cargo oficial e formal, no tempo dos apóstolos, conforme certamente chegou a ser em séculos subseqüentes. Alguns eruditos opinam que o trecho de I Tim. 3:11, onde lemos «Da mesma sorte, quanto a 'mulheres', é necessário que sejam respeitáveis», etc., é uma referência direta à existência de «diaconisas» na igreja primitiva, tal como a porção anterior desse mesmo capítulo tece considerações sobre os «diáconos», bem como sobre os outros ofícios ocupados por varões nas congregações cristãs.

Há evidências de que em cerca de 111 D.C. o cargo de *diaconisa* existia oficialmente na igreja cristã. Plínio, governador da Bitínia, registrou que interrogara, sob torturas, duas mulheres que eram chamadas «diaconisas», na igreja cristã. Seu interrogatório dizia respeito à natureza dos «ritos» cristãos. (Ver Epístola xci). Evidentemente Plínio procurava provas sobre supostas práticas de canibalismo, o que, sem dúvida, fora uma suspeita provocada por uma interpretação pervertida, da parte de alguns pagãos, no que tange à Ceia do Senhor.

Por semelhante modo, as chamadas *Constituições Apostólicas*, que pertencem a uma época posterior, mencionam a existência de *diaconisas* nessa época, nos fins do segundo século da era cristã. Mais tarde ainda, esse encargo se tornou oficial na igreja cristã. (Ver Constituições Apostólicas 2.26 e 3.7,15). Nesse mesmo documento aprendemos que algumas funções, existentes na igreja primitiva, eram consideradas melhor ocupadas por mulheres, como no caso do batismo de outras mulheres, certos serviços sociais que requeriam aos crentes que entrassem nas câmaras das mulheres, ou como a apresentação de mulheres ao diácono ou pastor das igrejas locais. As Constituições Apostólicas, por igual modo, descrevem a «ordenação» de tais mulheres, tal como certos varões eram ordenados para diversos dos ofícios eclesiásticos. Essas Constituições Apostólicas consistem em oito volumes, os quais abordam questões litúrgicas, doutrinárias e instruções morais, com data do século III D.C., ou quando muito, dos fins do segundo século de nossa era.

As responsabilidades dessas *diaconisas*, conforme se mencionou mais acima, se centralizaram em torno dos membros femininos das igrejas cristãs. Eram elas as «supervisoras» de mulheres, de uma maneira que homens não poderiam fazer. Também lhes cabia o cuidado pelos pobres, ministrando aos enfermos, cuidando dos mártires e confessores nas prisões, instruindo aos catecúmenos, batizando outras mulheres, e fazendo outras coisas de natureza semelhante. Provavelmente, a maioria dessas *diaconisas* provinha de mulheres de mais idade, certamente sendo quase todas pertencentes à classe das viúvas.

Crisóstomo (407 D.C.), quando era pastor da igreja de Constantinopla, contava, como seus assistentes, com quarenta diaconisas e oitenta diáconos. Depois de sua época, devido ao desenvolvimento do eclesiasticismo no meio cristão, houve a gradual substituição desses diáconos e diaconisas por freiras e diáconos, os quais representam ofícios de natureza mais puramente clerical, mais formal. Até os tempos de Vicente de Paula (1576-1660), tais pessoas viviam em clausura. Vicente, entretanto, formou uma sociedade de mulheres não enclausuradas, para funcionarem como diaconisas, que ministravam aos pobres e enfermos, as quais, com o tempo, vieram a receber o título de «irmãs de caridade».

Depois da Reforma Protestante, alguns grupos protestantes retiveram o encargo oficial de *diaconisas*, como sucedeu entre os menonitas, na Holanda, como também entre alguns grupos da igreja anglicana. Posteriormente, alguns grupos luteranos também adotaram essa prática. Em 1940, havia cerca de cinqüenta mil diaconisas luteranas na Alemanha, na Holanda, na Escandinávia, na Suíça e nos Estados Unidos da América do Norte. Existem outros grupos protestantes modernos, como alguns grupos presbiterianos, metodistas e anglicanos, que têm formado diaconisas, visando, especialmente, a trabalhos que envolvam questões de misericórdia e caridade.

Sem importar se esse ofício de *diaconisa* existia ou não como uma função oficial, nos dias do apóstolo Paulo, o certo é que veio a existir nos séculos posteriores a ele; mas somente novas descobertas arqueológicas nos poderão informar com mais certeza acerca dessa questão. Não obstante, algumas mulheres, entre os cristãos primitivos, como Febe, trabalhavam definidamente no espírito de tal ofício, ainda que talvez o fizessem não oficialmente. É óbvio que há necessidade de tal ofício, ainda que vários segmentos das modernas igrejas evangélicas tenham ignorado tal necessidade.

Se Febe foi realmente a portadora desta epístola aos Romanos, é interessante observarmos que, entre as dobras das vestes de uma mulher, estava sendo levado o documento fundamental da fé cristã ao centro do mundo civilizado de então, isto é, à cidade de Roma, capital do império romano.

Cencréia (vide). Paulo escreveu esta epístola aos Romanos na cidade de Corinto. Cencréia ficava cerca de catorze quilômetros de Corinto. Podemos concluir, portanto, que se Febe foi realmente a portadora da epístola aos Romanos, ela deveria estar de visita a Corinto quando Paulo entregou essa epístola, tendo ela concordado cortesmente em atender a seu pedido. A igreja cristã de Cencréia, mui provavelmente, era uma filha da igreja de Corinto, ou então, fora iniciada por um núcleo que viera do centro maior de Corinto. Nesse caso, provavelmente havia íntima comunhão entre os crentes de Corinto e os de Cencréia. Cencréia era cidade que servia de porto marítimo oriental de Corinto.

FEBRE

Ver o artigo geral sobre **Enfermidades na Bíblia**.

FEBRONIANISMO

Esse título deriva-se do pseudônimo **Febronius**, usado por N. von Hontheim, bispo auxiliar de Trier (1701-1790). Em sua obra, *De Status Ecclesiae* (1763), ele declarou que o primado do papa está

limitado pelos concílios gerais da Igreja. Essa obra tornou-se a base dos movimentos nacionalistas e das posições antipapais, como aqueles dos arcebispos alemães e do imperador José II.

FECHADURA

Ver **Trancar (Cadeado, Fechadura, Pino)**.

FEIGL, HERBERT

Nasceu em 1902. É um filósofo austríaco-norte-americano. Nasceu em Reichenberg, na Áustria. Educou-se na Universidade de Munique. Ensinou em Viena, Iowa e Minnesota, estas últimas duas, estados norte-americanos. Tem mostrado ser um positivista lógico (empirista lógico).

1. Favorecendo o *behaviorismo* (que vede), ele supunha que o indivíduo pode passar de meros objetos observáveis para *estados centrais*. Esse processo dar-se-ia através da experiência direta, dependendo de condições neurofisiológicas.

2. Princípios últimos não seriam susceptíveis à justificação cognitiva. Os princípios podem ser vindicados em termos práticos ou pragmáticos. Há dois tipos de justificação, a saber: a. a *validação*, através dos princípios da dedução, da indução e dos juízos morais. b. A *vindicação*, que é uma justificação pragmática. Aquilo que funciona bem seria bom e verdadeiro. As considerações práticas e de avaliação devem fazer parte do quadro. Os princípios de validação devem ser sujeitos à vindicação, para que se revistam de qualquer validade.

Feigl, como um empirista lógico, naturalmente ignorava os tipos de conhecimento que, segundo se afirma, viriam através da razão pura, da intuição e das experiências místicas. Isso posto, ele apresentava um ponto de vista provincial do conhecimento, conforme fazem todos os empiristas.

Escritos. Leituras em Philosophical Analysis; Readings in the Philosophy of Science; Minnesota Studies in Philosophy of Science; New Readings in Philosophical Analysis.

FEITIÇO, FEITICEIRO

No hebraico, **kashaph** e termos cognatos. Esse vocábulo aparece por seis vezes nas páginas do Antigo Testamento: Êxo. 7:11; Dan. 2:2; Mal. 3:5; Êxo. 22:18; Deu. 18:10; II Crô. 33:6. No grego temos duas palavras a considerar: 1. *Pharmakeía*, «feitiçaria». Palavra usada por três vezes: Gál. 5:20; Apo. 9:21; 18:23. O substantivo *pharmakeús*, «feiticeiro», aparece por duas vezes: Apo. 9:21; 18:23. E o adjetivo *pharmakós*, «encantador com drogas» ocorre por apenas uma vez, em Apo. 22:15. 2. *Mageía*, «mágica». Termo que ocorre somente em Atos 8:11. O verbo *mageúo*, ocorre somente em Atos 8:9. E o adjetivo *mágos* por seis vezes: Mat. 2:1,7,16; Atos 13:6,8.

A palavra inglesa correspondente, *sorcery*, vem do latim, *sors*, «sorte», porquanto alude às adivinhações por meio do lançamento de sortes. Mas o termo inglês *sorcery* é aplicado a todas as formas de ocultismo e adivinhação, com todas as suas ramificações. O termo português *feitiço* deriva-se de *feito* + *iço* (iço, um sufixo que tem o sentido de ação, tendência, modo de ser). Esse vocábulo também pode significar *falso*, encantamento, fascínio, e também *bruxaria*, de modo geral ou como os malefícios feitos pelos feiticeiros. Ver o artigo geral e detalhado sobre *Bruxaria e Mágica*, e também sobre *Adivinhação*. Ver também sobre *Demônio, Demonologia*.

É simplista atribuir toda *bruxaria* à atividade dos demônios. Existem poderes humanos naturais que podem se manifestar e sempre haverá o fraude. Não obstante, não se pode duvidar que espíritos *malignos* existem, incluindo espíritos humanos desencarnados, que participam dessa atividade.

FEL

Ver **Absinto**.

FELICIDADE

No grego, **eudaimonia**, um termo que, no grego clássico, indicava a possessão de um bom demônio, ou seja, de uma divindade. No Novo Testamento, o termo escolhido é *makarismós*, que ocorre somente por três vezes: Rom. 4:6,9; Gál. 4:15, e que aparece com o sentido de «felicidade espiritual», de «bem-aventurança». A forma adjetivada e o verbo ocorrem por mais cinqüenta e duas vezes no Novo Testamento, destacando-se ali o uso da palavra no começo do sermão da montanha, de Jesus, nas «bemaventuranças». O termo grego *eudemonia* era usado, por exemplo, para indicar o alvo da vida, que seria a felicidade, nos escritos de vários filósofos. Embora o termo não seja usado no Novo Testamento, sem dúvida, deixa transparecer um bom discernimento, pois somente a presença de uma boa divindade é capaz de injetar felicidade à alma humana, às voltas com o pecado e com as misérias e males deste mundo.

1. *A Felicidade na Ética.* As teorias éticas usualmente apontam para algum alvo específico, ou mesmo para vários, como se houvesse um ou vários objetos da conduta ideal. Esse objetivo pode ser o prazer (posição do *hedonismo*), pode ser a virtude ou função (como nos escritos de Aristóteles), pode ser a glorificação de Deus (como no cristianismo), ou pode ser a *felicidade*, entre outras coisas. Se a felicidade é escolhida como o principal valor a ser buscado, então tal filosofia será chamada *eudaimonística*. Aristóteles opinava que se um homem realiza bem a sua função, dentro da sociedade, estará exercendo a sua *virtude*; e que se ele exercer apropriadamente essa virtude, então será *feliz*. Epicuro também buscava a felicidade em sua filosofia, embora a definisse como um *prazer mental*. Tomás de Aquino seguia, em linhas gerais, a regra de Aristóteles, embora acrescentando a isso a dimensão teológica cristã de que Deus, afinal de contas, é a fonte originária da felicidade.

2. *No Campo do Utilitarismo* (vide). Para essa posição filosófica, o alvo mesmo da vida seria a maior felicidade para o maior número possível de pessoas. Ali a felicidade é definida como a maior somatória possível de prazeres, de todas as variedades imagináveis. As variedades de prazer que sejam capazes de produzir a maior felicidade, deveriam ser buscadas e experimentadas na vida do indivíduo. Bentham (vide) era promotor dessa teoria; porém, antes de morrer, percebeu que precisava adicionar a lei do amor como força motivadora, porquanto o prazer, por si mesmo, embora seja bom, não soluciona todos os problemas, e nem satisfaz o coração humano.

3. *Norris* (vide) concordava com os teólogos cristãos, ao asseverar que a suprema felicidade consiste no amor contemplativo a Deus.

4. *Emanuel Kant* (vide) vinculava entre si a virtude e a felicidade, como um par que não pode ser separado. Essa combinação conferia-lhe base para postular a existência tanto da alma humana quanto de Deus. Essas realidades promovem tanto a virtude quanto a felicidade.

5. Nos escritos de *Agostinho* e de outros teólogos cristãos, a felicidade é o alvo da existência humana, embora sua mais elevada expressão só possa ser

atingida na Visão Beatífica (vide). Dizemos popularmente: «Há alegria no serviço que prestamos a Jesus». A nossa teologia e os nossos sermões apelam para o bem-estar que o evangelho promete aos convertidos. A nossa doutrina do julgamento exorta-nos a evitar a dor e a buscar a alegria da salvação celestial. A Confissão de Westminster sugere que o propósito da vida humana é, em primeiro lugar, glorificar a Deus e, em segundo lugar, desfrutar dele para sempre, o que é a própria felicidade. A vida diária demonstra que aquilo que mais as pessoas buscam, na maioria de seus esforços, é a obtenção da felicidade, embora não saibam defini-la e nem onde encontrá-la. Por isso mesmo, nessa busca, muitos aportam na infelicidade, -em vez de chegarem ao porto seguro da felicidade!

Aristóteles exprimiu que não buscamos a honra, o prazer, o entendimento e todas as outras virtudes *somente* por causa delas mesmas. Mas nós as buscamos *também*, porque nelas encontramos a felicidade. (*Nic. Ethics*, I, 7.1097, b1-6).

6. *A Complexidade da Felicidade*. A filosofia tem-nos ensinado que vocábulos importantes, como «felicidade», por exemplo, não admitem apenas uma definição. De fato, não somos capazes de defini-los. Antes, apenas os descrevemos. Portanto, podemos falar sobre virtudes, honra, bem-estar, fortuna, sorte, autocontrole, coragem, liberalidade, prosperidade, atividade intelectual, atividade física, etc. E, através de todos esses termos, podemos apresentar alguma noção do que a felicidade significa para nós. No caso do homem espiritual, a essas coisas devemos adicionar os elementos da felicidade e do bem-estar espirituais, em vista do perdão de nossos pecados, em vista da fé, da esperança e do amor, que são elementos preponderantes em nossa vida cristã. Para nós, os remidos, o bem-estar da alma é mais importante do que o bem-estar do corpo físico, pelo que a visão beatífica (vide) deve ser a consideração primária daquilo que a felicidade humana pode e deve ser. A salvação nos está conduzindo à visão beatífica, — que envolve iluminação e transformação profundas, de tal maneira que haveremos de compartilhar da própria natureza divina, conforme se lê em II Pedro 1:4: «...nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina...»

Ser **feliz**, de acordo com os dicionários, é ser abençoado, bem-aventurado, animado, afortunado, alegre, próspero, saudável, bem-sucedido, radiante, esperançoso. Por outra parte, ser *infeliz* é ser afligido, desanimado, desencorajado, melancólico, miserável, lamuriento, desapontado, triste e perturbado. Agostinho asseverava que todos os homens desejam encontrar a felicidade (*De Trin.* 10.5,7; *De Civ. Dei* 14.25). Prazeres de toda a modalidade, sem dúvida alguma, são fontes de satisfação e felicidade, mas a felicidade jamais poderá ser definida somente em termos de prazer (hedonismo). A sabedoria também é uma fonte de felicidade para a alma, e Cristo é a nossa *sabedoria* (ver I Cor. 1:30). A *graça* divina (vide) é outra fonte de uma grande e desmerecida felicidade. Não fora o princípio da graça divina — todos nós seríamos muito miseráveis e infelizes.

FÉLIX DE URGEL

Faleceu em cerca de 818. Foi um bispo espanhol, conhecido por sua posição teológica adocionista. Ver sobre o *Adocionismo*. Seus ensinos foram refutados por Alcuíno (vide), tendo sido condenados pelos sínodos de Ratisbona (792), Frankfort (794) e Aix-la-Chapelle (799). Urgel foi deposto e perseguido, e entregue à custódia de Leidrad, bispo de Lyons. Faleceu aparentemente arrependido e ortodoxo. Abogard (que vede), entretanto, descobriu um tratado que demonstrava que sua retratação fora superficial.

FÉLIX, MARCUS ANTONIUS

Foi procurador romano, diante de quem Paulo fez a defesa de sua vida e de seus ensinamentos (Atos 24).

1. *História*. Ele havia sido um escravo que, por motivo de algum serviço ou razão desconhecida, foi libertado por Cláudio, imperador romano. Quando Ventidius Cumanus foi banido, Félix foi nomeado procurador da Judéia, pelo imperador (Suetônio, *Claud.* 28; Tácito, *Hist.* 5:9). Tácito chamou-o de Antônio, mas também é evidente que ele era conhecido como Cláudio, por causa de seu benfeitor. Encontrou a Judéia às vésperas da rebelião, e as medidas que ele tomou para acalmar os ânimos, serviram somente para inflamar ainda mais as paixões. Josefo assevera que ele se saiu muito mal, na tentativa de controlar a situação, de maneira tal que as condições pioraram radicalmente na Judéia (Josefo, *Anti.* 20:8,5). O país ficou repleto de indivíduos violentos e impostores, além de ladrões, os quais facilmente conquistaram seguidores dentre a população simples. Félix chegou a promover vários assassinatos, a fim de consolidar o seu poder e tentar solucionar os seus problemas. Tácito informa-nos que ele cometeu muitas atrocidades e injustiças. Os *sicários* (assassinos religiosos profissionais) eram encorajados pela sua conduta, a cometerem a sua própria forma de violência, na esperança de assim ajudarem na derrubada do poder romano. Em 55 D.C., Félix dispersou os seguidores de um fanático messiânico, de origem egípcia; mas, o próprio impostor conseguiu escapar. O tribuno Cláudio Lísias confundiu o apóstolo Paulo com esse homem, depois que rebentou um levante em Jerusalém, por causa de Paulo. A narrativa fica em Atos 21:27 *ss*, e a referência a esse egípcio em Atos 21:38. A história desse egípcio é contada por Josefo (*Anti.* 20.8 e *Guerras* 2.13,5).

2. *Uma Vida Pessoal Duvidosa*. Servindo ainda como procurador da Judéia, Félix apaixonou-se pela bela Drusila, filha do rei Herodes Agripa, que estava casada com Azizo, rei de Emessa. Simão, um mágico, foi contratado por Félix para persuadir Drusila a abandonar seu marido, a fim de unir-se a ele. Embora tivesse algum sangue judeu, Drusila tomou essa atitude. Nasceu do novo casamento um filho, chamado Agripa. A história secular revela-nos que a mãe e filho pereceram na erupção do vulcão Vesúvio, que teve lugar nos dias de Tito. Ver Josefo, *Anti.* 20.7,2. O Vesúvio estivera em inatividade durante cerca de dez séculos; mas, a 24 de agosto de 79 D.C., irrompeu em atividade com tanta violência que sepultou as cidades de Herculano e Pompéia. Desde então, tem entrado periodicamente em erupção, e continua ativo.

3. *Encontro com Paulo*. Paulo foi detido em Jerusalém e foi enviado pelo comandante Cláudio, acompanhado de uma carta, a Félix, o governador, em Cesaréia. Ali, Paulo foi confinado no salão de julgamento de Herodes, esperando pela chegada dos seus acusadores, para que pudesse ser julgado. Esses acusadores, finalmente, chegaram em companhia de Tértulo, um advogado, a fim de ser o mediador da causa deles. Ele teve a audácia de expressar a boa vontade do povo judaico para com Félix, tendo dito a mentira quase inacreditável de que eles haviam

desfrutado de grande tranqüilidade, durante o seu governo, e que dele tinham recebido muitos benefícios (Atos 23 e 24). Paulo fez uma excelente defesa. Posteriormente, ele foi convocado a outra audiência particular, com a presença de Drusila, entre outros. Nessa segunda oportunidade, Paulo foi pregador da retidão. Paulo discorreu sobre a justiça, o controle próprio e o julgamento vindouro. O governador Félix tremeu diante da mensagem, estribada como estava no poder do Espírito. Porém, embora profundamente impressionado, não fez justiça ao apóstolo e deixou-o aprisionado. Lucas informa-nos que ele assim fez, principalmente porque esperava tirar algum lucro no caso, pois talvez os amigos de Paulo lhe oferecessem dinheiro, subornando-o, para que o soltasse. Contudo, a inocência de Paulo era óbvia. Paulo teve vários outros encontros com Félix, mas o governador nada fazia, permitindo que dois anos inteiros assim se esgotassem. A história está registrada em Atos 24:24 *ss*.

4. *História Subseqüente*. Félix continuou mostrando ser um mau administrador, e os judeus continuaram se queixando dele. Nero acabou nomeando Pórcio Festo para ser o governador substituto de Félix. Ver sobre *Pórcio Festo*. Mas, a fim de tentar obter o favor dos judeus, Félix deixou Paulo encarcerado. Após essa injustiça, Paulo apelou para César, para que seu caso fosse, finalmente, julgado. E assim, foi transferido para a cidade de Roma. O caso de Félix, todavia, piorava cada vez mais. Ele teria sido mesmo banido ou executado, não fora o fato de que seu irmão, Pallas, tinha grande influência dentro do governo romano central; e assim Félix conseguiu sair livre. A partir desse momento, a história de Félix cessa. Todavia, sabemos que todo homem tem de enfrentar um julgamento divino, de conformidade com as suas obras, embora esse julgamento não seja apenas retributivo, mas também remedial. Assim sendo, os piores pecadores estão sujeitos à eterna misericórdia de Deus (I Ped. 4:6). Mas também sabemos que somente os eleitos de Deus serão salvos.

FÊMEA

Ver sobre **Mulher**.

FEMINISMO

Ver dois artigos: **Mulher, Posição da.** E também o artigo geral a respeito da **Mulher.**

FENDA

Uma grande fissura ou profunda cavidade na superfície do globo terrestre, formando um abismo, uma garganta ou um canhão. Essas fendas são comuns em regiões onde há falhas geológicas, como aquelas existentes no vale do Jordão e em suas cercanias. Ali, falhas sucessivas rebaixaram o nível básico dos riachos que drenam a região, disso resultando profundas gargantas. O wadi Hasa é um exemplar desse fenômeno, pois o mesmo se aprofundou na terra até cerca de 1.750 metros. A ação das águas superficiais, bem como das geleiras, também está envolvida na formação das fendas terrestres.

FÉNELON

Seu nome completo era François de Salignac de la Mothe. Suas datas foram 1651-1715. Foi arcebispo de Cambrai, tendo-se tornado muito conhecido por causa de um livro seu, *Telémaque*, que foi muito lido na França. Ele adotou e desenvolveu as idéias quietistas de mademoiselle Guyon (que vede). Essa obra foi condenada, e ele foi censurado pela Sé Romana. Também foi autor de várias outras obras de caráter religioso.

FENÍCIA

Esboço:

I. Nome, Raça e Caracterização Geral
II. Localização Geográfica
III. História
IV. Comercialismo
V. Arte e Literatura
VI. Religião

I. Nome, Raça e Caracterização Geral

Ver o artigo separado sobre *Canaã, Cananeus*.

A Fenícia não era chamada por esse nome por seus habitantes. Eles chamavam todo o seu território (que cobria uma boa parte do que hoje é a Síria, o Líbano e a Palestina) de *Canaã*, e eles mesmos, de *cananeus*. Esses são os termos empregados na Bíblia. Os gregos é que chamavam aqueles que viviam próximo das costas do Mediterrâneo oriental, que comerciavam com eles, de *fenícios*, uma alusão ao *corante púrpura* ali produzido e ao tecido tingido com esse corante. Já desde os dias de Homero (Odisséia), em cerca de 750 A.C., encontramos o vocábulo grego *phoiníke*, de onde nos veio o termo «fenícios», na Ilíada. A palavra grega *phoinix* indica o corante púrpura. Essa palavra tem sido encontrada em tabletes escritos em miceniano linear B, de cerca de 1200 A.C. A palavra parece estar baseada no termo semítico *kenaani*, que também significa «corante púrpura». O vocábulo hurriano *kenaan* significava terra da púrpura, tendo sido aplicado, primeiramente, à terra e, em seguida, ao povo de Canaã. Outros estudiosos pensam que por detrás de tudo está o termo *phoinos*, que apontaria para a cor bronzeada dos habitantes da região. Ainda outros supõem que esteja em foco a *phoinix*, a «palmeira». Nesse último caso, os fenícios seriam os habitantes do «lugar de palmeiras». A maioria dos eruditos prefere a derivação do nome daquele corante, havendo também quem não veja qualquer vinculação entre os termos grego e semítico, embora ambos fossem usados para indicar os habitantes da região, de tal-maneira que dizer «fenício» ou dizer «cananeu», é uma mesma coisa.

Seja como for, esse povo pertencia a uma onda migratória que trouxe tribos beduínas do deserto, mais para o oriente, e as dispersou em várias áreas da Palestina. Essas migrações começaram em cerca de 3000 A.C. Em suas divisões geográficas, eles tornaram-se os amorreus do norte da Síria e os cananeus da mesma área geral, posto que mais ao sul. Os arameus penetraram na região em uma posterior onda migratória, que incluiu os futuros hebreus.

Quanto ao idioma os cananeus eram um povo semita, pois seu idioma fazia parte do ramo ocidental desse grupo de línguas. O aramaico era uma língua irmã, tal como também o hebraico. O fenício era um dialeto cananeu. O idioma fenício tem a distinção de ter sido o primeiro a empregar, exclusiva e eficazmente, um sistema alfabético de escrita. Isso faz com que se torne a língua genitora de todas as línguas que adotaram um sistema alfabético em sua escrita. Esse alfabeto foi adotado pelos hebreus, pelos arameus, pelos árabes, pelos gregos e pelos romanos. Na tabela das nações (ver Gên. 10:8-12), Canaã aparece como nome dos descendentes de Cão, e não

de Sem. Com base nisso, alguns estudiosos têm pensado que eles não eram, originalmente, semitas e, sim, camitas, mas que vieram a adotar, em algum período remoto de sua história, uma fala semítica. Acompanhar a história primitiva dos povos é uma tarefa quase impossível, e todas as evidências de que dispomos mostram que os cananeus eram um povo de origem semita.

II. Localização Geográfica

O território dos fenícios, quando o mesmo se consolidou, era uma estreita faixa de terras que se estendia desde o rio que atualmente é chamado de Nahr el-Kebir, no extremo norte, até o monte Carmelo, ao sul, cobrindo uma distância de cerca de cento e noventa quilômetros. Em seu ponto mais largo, essa estreita faixa media apenas cerca de oito quilômetros, que ia desde o mar Mediterrâneo, a oeste, até os sopés das montanhas do Líbano, a leste. As principais cidades dessa área eram Tiro, Sidom, Sarepta, Caná, Aczibe, Biblos, Aco, Bete-Anata e Acsafe. Não obstante, o país nunca teve fronteiras bem definidas, e os cananeus nunca estiveram restritos a essa estreita faixa territorial. O antigo território fenício envolvia o que agora é a República do Líbano com a porção sul das costas sírias. A orla marítima dessa região é interrompida por rios e por agudos promontórios, que avançam mar adentro. Uma estreita mas fértil planície é limitada pela cadeia ocidental do Líbano, que atinge a altura máxima de 3000 m. Os rios incluem o Eleutero, atualmente denominado al-Mah al-Kabir, que forma a fronteira entre o Líbano e a Síria; o Qadisha, que desemboca no mar, perto de Trípoli; o Ibrahim al-Kalb e o Leonte (atualmente chamado Litani ou al-Litani), que desembocam perto de Sidon. Na antiguidade, muitas espécies vegetais cobriam aquela planície, incluindo cedros, pinheiros, ciprestes e vários tipos de junípero, sem falarmos no sândalo, que era um importante item comercial. Na época, o Líbano era densamente coberto de florestas; porém, a contínua exploração da madeira de construção, sem qualquer plano de replantio, acabou com as reservas florestais. Atualmente, há apenas algumas poucas centenas de árvores, confinadas a minúsculos bosques. A área geográfica em que viviam os fenícios encorajou-os a se atirarem às lides do mar. Por isso é que os fenícios tornaram-se os mais famosos marinheiros da antiguidade, o que é mencionado no vigésimo terceiro capítulo do livro de Isaías.

III. História

1. Supõe-se que as **primeiras migrações** que levaram esse povo à Palestina tiveram lugar em cerca de 3000 A.C. Heródoto (*Hist.* 1:1; 8:89) pensava que os fenícios haviam chegado por via terrestre, vindos do golfo Pérsico, então atravessaram o mar Vermelho e, tendo chegado, fundaram Sidon e outras cidades costeiras, ou próximas da orla marítima. Antes da chegada deles, recuando até 3500 A.C., a região era ocupada por uma raça mediterrânea, que vivia em cabanas circulares e sepultava os seus mortos em urnas de barro, conforme tem sido demonstrado por escavações em Gebal (Biblos). Esse povo foi sendo gradualmente substituído por semitas, chamados amorreus, embora esse nome não deva ser confundido com o dos amorreus mencionados no Antigo Testamento. Em cerca de 1800 A.C., havia um ativo comércio que se efetuava entre essa gente e os egípcios. Colônias foram então estabelecidas pelos fenícios em Ugarite, Acre, Dor e Jope. Além dessas, foram fundadas outras cidades, como Sidon, Tiro, Arvade, Beirute, Sumar e Uluza. Todas essas eram cidades estado, uma cidade que controlava a área circundante, incluindo suas aldeias. Biblos (no latim, *Byblus*), também chamada Gebal, manufaturava o papiro, que era transformado em papel, de cujo nome surgiu a designação que usamos para indicar as Escrituras Sagradas, Bíblia. Biblos é a única cidade fenícia que foi totalmente escavada pelos arqueólogos. Navios de Biblos são representados nos relevos egípcios datados do tempo de Saúre, da V Dinastia, cerca de 2500 A.C.

2. *Dominação Egípcia.* Durante alguns séculos, os fenícios estiveram sob a hegemonia egípcia. De fato, houve um controle quase militar do território, durante as Dinastias egípcias XVIII e XIX (1570-1200). Cartas dirigidas por Rib-Adi, de Biblos, e de Abi-Milki, de Tiro, a Amenófis III, em Amarna, no Egito, mostram que, em cerca de 1400 A.C., Sumar e Beirute tinham obtido certo grau de independência e, juntamente com Sidon (que parece ter sido capaz de manter boa dose de independência o tempo todo), estavam fortificando as cidades cananéias contra os ataques de estrangeiros.

A soberania egípcia foi interrompida pelo advento dos hicsos, que, durante certo tempo, dominaram a Síria-Palestina e o Baixo Egito. Tutmés III, da XVIII Dinastia (1490 — 1436 A.C.), livrou-se dos hicsos e restaurou a supremacia egípcia. Seus relatórios acerca do que ele encontrou na Palestina permitem-nos saber como era a vida naquela época. Suas listas de despojos incluem vasos, panelas, facas de ouro, tabletes e cadeiras de marfim e objetos de luxo, feitos de ébano, entalhados a ouro.

3. *Começo do Século XIV A.C.* Os hititas e os amorreus invadiram as costas da Fenícia, tendo encontrado pouca resistência por parte dos egípcios. Os reis da região ficaram divididos em sua lealdade, pois alguns continuaram aliados dos egípcios, enquanto que outros bandearam-se para os invasores. Tiro queria ficar ao lado dos Faraós, mas Simira e Sidon juntaram-se aos invasores. Na época, o rei do Egito era o herético Amenhotepe IV (Icnaton, que reinou entre 1370 e 1353 A.C.). Seus arquivos foram descobertos em Tell el-Amarna, e a atividade literária ali representada confere-nos muitas informações quanto à natureza da época. Amenhotepe estava por demais ocupado com assuntos religiosos para preocupar-se com batalhas que estavam tendo lugar na Fenícia. Foi dessa maneira que ele e seus débeis sucessores da XVIII Dinastia perderam o controle sobre seus domínios fenícios. Ramsés II (1290 — 1233 A.C.) restaurou algum poder egípcio na região mas não perdurou por muito tempo.

4. *Independência.* A região obteve um estado de independência que perdurou por cerca de três séculos (1200 — 900 A.C.). Então passaram a existir várias cidades-estado com seus próprios monarcas. Estes governavam sob a idéia do direito divino dos reis, com a ajuda de uma classe aristocrática. Algumas vezes era obtida a união de forças, quando se levantava algum inimigo comum; mas, em sua maior parte, cada cidade estado era independente, comerciando de forma competitiva umas com as outras. Gradualmente foi surgindo uma confederação, com Sidom e, mais tarde, Tiro, como cabeças da mesma. Durante esse período, a área prosperou e o comércio, as artes e o artesanato atingiram a mais elevada expressão. Além disso, efetuava-se um intenso comércio marítimo, o que resultou em um quase exclusivo monopólio fenício. Os fenícios descobriram o Oceano Atlântico, um de seus feitos marítimos mais notáveis. Posteriormente, conseguiram circunavegar a África. Torna-

ram-se pescadores, negociantes e agentes de ligação internacionais. Eles guiavam-se pela Estrela Polar. Os gregos aprenderam com os fenícios a arte da navegação e chamavam a Estrela Polar de *Estrela Fenícia*. O mar Mediterrâneo tornou-se assim um lago fenício. Os países às margens do Mediterrâneo ressentiam-se da falta de madeira de construção, trigo, azeite e vinho, e o comércio fenício supria aos mesmos desses produtos vitais. Porém, muitos outros produtos também estavam envolvidos nesse comércio, como o algodão, o vidro, os metais, os têxteis e o corante púrpura.

5. *A Fenícia como Senhora dos Mares*. Sidon e Tiro tornaram-se centros todo-importantes do comércio na área do mar Mediterrâneo. Homero e os autores do Antigo Testamento chamavam os fenícios de *sidônios*. Ver *Ilíada*, liv. 6, 1.290. Homero mencionou vários itens do comércio deles, como ricas vestimentas, bordados e outros itens de luxo. O vigésimo sétimo capítulo de Ezequiel dá-nos uma descrição gráfica de Tiro como um porto e centro comercial. O mais bem conhecido monarca de Tiro foi Hirão (séc. X A.C.). Foi ele quem ofereceu a Salomão os arquitetos e os operários especializados para a construção do templo de Jerusalém, bem como a madeira de cedro necessária para a obra (I Reis 5:5-11; 7:13-34; II Crô. 2:1-16). O templo de Israel foi decorado de acordo com motivos tipicamente cananeus, e seus sistemas rituais e sacrificiais eram similares aos dos cananeus. Salomão construiu uma flotilha com a ajuda dos tírios, tendo sido a primeira marinha mercante que os israelitas tiveram. Foram enviadas expedições em torno das costas da Arábia e da África Oriental (I Reis 9:26-28; 10:11; II Crô. 9:10). Uma princesa tíria (sidônia), de nome Jezabel, casou-se posteriormente com o rei Acabe (que reinou entre 875 e 853 A.C.), e introduziu no reino do norte as práticas idólatras dos cananeus. E uma filha de Jezabel, Atalia, casou-se com Jeorão, rei de Judá. A casa de marfim, de Acabe (ver I Reis 22:39) tinha painéis de marfim cinzelado, bem como outras decorações, executadas por artífices fenícios.

6. *Colônias*. Como já seria de esperar, a comercialização do mundo antigo, por parte dos fenícios, resultou no fato de que eles estabeleceram colônias em muitos lugares. Havia inúmeras colônias, desde a Cilícia até o Egito, passando pela Sicília e pela Espanha, com alguns pontos na Gália e na Numídia, no norte da África. Várias ilhas do Mediterrâneo também receberam ocupantes fenícios. Foi dessa maneira que muitas palavras de origem semítica foram adotadas por outros idiomas, sobretudo nomes próprios locativos, como Malta (no semítico, «refúgio»), Cartago (no semítico, «cidade nova»), e Cadmo (no semítico, «recém-chegado»). A irmã de Cadmo era *Europa*, que se tornou o apelativo de todo o continente europeu, afinal de contas. A Cadmo se tem creditado a introdução do alfabeto em outros países, bem como a construção da cidade de Tebas.

7. *Cartago*. Essa foi a mais rica e saudável de todas as colônias fenícias. Foi fundada em cerca de 814 A.C., por colonos tírios. Chegou a ampliar sua esfera de influência por larga porção do norte da África e do sul da Espanha. Manteve o seu poder até o começo do século VII A.C., quando o poder assírio começou a dilapidá-la. Não obstante, Cartago assumiu o papel de protetor das outras colônias, tendo-se tornado um pequeno império (segundo os padrões modernos), que se estendia desde a Cirenaica até à península ibérica.

8. *O Avanço dos Assírios*. Entre 884 e 859 A.C., sob Assurbanipal, a Assíria começou a exercer pressão sobre as cidades da Fenícia. Assurbanipal foi capaz de extrair tributo de Tiro, Sidon, Gebal e Arvade, recolhendo produtos como tecidos, corantes, metais preciosos, marfim e madeiras nobres. Salmaneser III enviou tropas armadas para a região e chegou a subjugá-la militarmente, em 841 A.C. Os portões de bronze do templo assírio, em Balawate, mostram como Tiro e Sidon tiveram de oferecer muitos presentes e produtos. Adade-Nirari III reduziu Tiro e Sidon ao estado de vassalagem, em 803 A.C. Hiramu, de Tiro, e Sibiti-Biili, de Gubla (Biblos), tiveram de enviar tributos a Tiglate-Pileser III, durante o seu ataque contra Arpada, em cerca de 741 A.C. Ao mesmo tempo, também sujeitou a Menaém, rei de Israel. Tiro e Sidon caíram sob a supervisão direta de um oficial assírio, e pesadas taxas foram impostas, sob a forma de produtos e de metais preciosos. Em 734 A.C., Tiglate-Pileser capturou a fortaleza de Caspuna, que guardava os caminhos que levavam a Tiro e a Sidon, e que se tinham tornado aliadas para efeito de defesa mútua. Sargão continuou suas invasões da costa fenícia e obteve vários triunfos militares. Há relevos no Museu Britânico, provenientes de Nínive, que ilustram essas aventuras assírias. Esar-Hadom saqueou Sidon e transportou os seus habitantes para outra área, na nova cidade de nome Esar-Hadom, ou para aldeias das proximidades. Tiro foi destruída e saqueada por Assurbanipal, em 664 A.C. e, em vista disso, sucumbiu toda a esperança de autogoverno, por parte dos fenícios. Porém, não muito tempo depois, o próprio império assírio entrou em colapso, após a queda de sua capital, Nínive, em 612 A.C. O grande feito foi conseguido mediante o ataque conjunto dos medos, vindos do norte, e dos neobabilônios, vindos do sul.

9. *Os Neobabilônios*. Os herdeiros do poder assírio, os neobabilônios, resolveram tomar conta das costas marítimas fenícias. O Egito, pensando ainda em termos imperialistas, quis opor-se a isso. Em uma batalha que houve às margens do rio Eufrates, o exército egípcio foi derrotado por Nabucodonosor (605 A.C.). Então foram enviadas tropas babilônias para o sul, contra Jerusalém, a qual foi ocupada em 597 A.C. Assim Nabucodonosor destruiu o reino de Judá, e então atirou-se contra a Fenícia. Foram necessários treze longos anos para ele conquistar a cidade de Tiro (585-573). Isso resultou, finalmente, na vitória de Nabucodonosor, que os arqueólogos têm encontrado celebrada em duas estelas, encontradas perto do rio Dogue. Não houve mais nenhuma oposição interna, mas, como é usual, acabou se levantando um outro poder, a saber, a Pérsia.

10. *A Pérsia*. Ciro, o Grande, e seu exército persa (em 538 A.C.), destruiram o estado neobabilônico e assim ele obteve domínio sobre toda a Palestina, de um golpe só. A Palestina, pois, tornou-se uma das satrapias de seu vasto império. Sidon foi feita capital dessa satrapia, bem como a residência de um governador persa. Durante o período persa, o idioma aramaico tornou-se uma espécie de língua franca, e negociantes arameus acabaram substituindo os fenícios. Os negociantes gregos também interromperam seus negócios com eles, o que pôs fim a uma grande época comercial. Durante cerca de dois séculos, os persas foram todo poderosos; mas então surgiu no horizonte Alexandre, o Grande, da Macedônia.

11. *Alexandre e Seus Sucessores*. Entre as muitas e abrangentes conquistas de Alexandre, destaca-se a captura da cidade de Tiro, por meio de um mole de terra especialmente construído com esse fim. Ale-

xandre obteve a vitória. A destruição foi grande; mas a cidade, com o tempo, acabou se recuperando; e, à semelhança de Sidon, tornou-se próspera durante os períodos helênico e romano. O trecho de Mateus 15:21 fornece-nos alguns indícios nesse sentido. Suas conquistas ocorreram no século IV A.C., e o resultado das mesmas foi que a língua grega tornou-se o idioma internacional, o que continuou pelo império romano adentro, até que já no século II D.C., o latim, finalmente, sobrepujou, de todo, o grego. Após a morte prematura de Alexandre, a Fenícia tornou-se parte do reino sírio, governada pelos monarcas selêucidas. A porção sul era contestada pelos monarcas ptolomeus, do Egito.

12. *Os Romanos*. Em 66 A.C., o governo dos reis selêucidas foi substituído pelo governo dos romanos. Agora não havia mais cidades-estado fenícios, mas tão-somente uma grande província romana naquela região. Novas estradas foram construídas, o comércio internacional foi encorajado, impostos foram abrandados e uma relativa paz foi mantida pelas tropas romanas, posicionadas em Beirute e em Baalbeque. Alguns habitantes daquela região eram seguidores de Jesus (ver Mar. 3:7 *ss*; 7:24 *ss*). A primitiva missão evangelizadora dos cristãos estendeu a Igreja até aquela área (ver Atos 11:19; 15:3 e 21:2).

IV. O Comercialismo

Tão grande foi o poder comercial dos fenícios, que a palavra «comércio» quase chega a ser sinônimo de «fenício». A história do povo fenício, conforme damos na terceira seção, acima, ilustra isso.

Fatores que encorajaram essa atividade:

1. Os fenícios perderam muito terreno para Israel, tendo sido forçados a obter a maior parte de seus recursos ocupando-se no comércio. Temos um caso moderno análogo no Japão, — que, embora pobre em recursos naturais, tem-se tornado uma das nações mais industrializadas e comerciais do mundo, a despeito do exíguo território de que dispõe.

2. As montanhas confinavam o território dos fenícios a uma estreita faixa de terra, forçando-os a voltarem toda a sua atenção para o mar. Foi dessa forma que eles desenvolveram as habilidades próprias da vida marítima, tendo podido lançar muitas colônias, próximas ou distantes.

3. Os fenícios dispunham de amplo suprimento de madeira, de todas as variedades, incluindo o pinheiro, o cipreste e o cedro, que eles empregavam na construção de navios (Eze. 27:9). Eram grandes conhecedores da indústria de extração de madeira (I Reis 5:6). No entanto, esqueceram-se de replantar os densos bosques que iam derrubando, de tal modo que lhes restou somente uma região estéril, onde antes havia grandes florestas. Eles fizeram da madeira um de seus produtos mais importantes. Seus dois grandes portos marítimos eram Tiro e Sidom, embora Biblos, Arvade, Arca, Sarepta e Ugarite também fossem portos importantes.

V. Arte e Literatura

As formas de arte dos fenícios combinavam elementos semitas, egípcios e hurrianos, porquanto sempre foram muito voltados para o sincretismo. Eles negociavam com muitos países e esse espírito também penetrou em suas atividades artísticas. Eles manufaturavam e trocavam jóias, vasos, peças de cerâmica de toda a espécie, com o Egito, com a ilha de Creta, com a Grécia, e até com lugares bem distantes. Tornaram-se excelentes fabricantes de objetos de cobre, de bronze, de marfim e de vidro. Entre seus contemporâneos, não havia quem se lhes igualasse no trabalho com metais. Ao que parece, eles foram o primeiro povo a decorar vasos de metal com flores artificiais. A arqueologia tem demonstrado que as obras gregas do século VIII A.C., sofriam a influência das formas de arte dos cananeus.

A *literatura dos fenícios*, ao que parece, foi bastante volumosa. No entanto, somente fragmentos dos relatos mitológicos de Sanchuniaton, da Babilônia e da história de Menandro, de Tiro, foram preservados até nós. Supõe-se que a atividade literária dos gregos foi influenciada pela correspondente atividade fenícia. É uma ironia que o povo que inventou o alfabeto, tenha deixado tão escassa literatura, mas isso deve-se à frágil natureza do material de escrita que eles usavam (principalmente o papiro) e não por falta dessa forma de atividade. Em Ugarite, foi feita uma grande descoberta de tabletes de argila, entre 1929 e 1933. Tais tabletes datam do século XIV A.C. Esse material é de natureza essencialmente religiosa e ritualista. Há notável paralelismo com as idéias dos hebreus e de sua literatura. Há elementos nos livros bíblicos de Jó, Salmos e Cantares de Salomão que muito se assemelham ao que dizem esses tabletes. O Baal de Ugarite «cavalga pelo céu», tal como Yahweh (ver Sal. 68:4). O trovão é a voz de Baal, tal como é dito a respeito de Yahweh (ver Sal. 29:3-5; Jó 37:2-4). E o Salmo 29 é similar a certas outras expressões fenícias. O empréstimo de idéias e de formas literárias é uma constante entre as culturas, antigas e modernas; e, por essa razão, coisas desse jaez não nos deveriam surpreender.

VI. Religião

O pluralismo da religião fenícia era bem pronunciado, e suas práticas idólatras foram condenadas pelos profetas hebreus (ver I Reis 18 — 19; Isa. 65:11). Pertencentes ao período mais antigo, conforme temos descoberto evidências, os textos de Ras Shamra falam sobre um elaborado culto e mitologia, em torno de Baal, também chamado *Meleque* (que significa «rei»). Nessa literatura também achamos menção a Sapis, um deus-sol, e a Quesepe (Mical), uma divindade do mundo inferior. Os cultos de fertilidade de Anate (Astarte) eram sincretistas, envolvendo elementos egípcios e semitas. Essa mescla produziu o culto de Adônis e de Tamuz, o primeiro dos quais tem sido identificado com o Osíris dos egípcios. O deus da cura era chamado Esmun (equivalente ao grego Asclépio). Cada cidade denominava de *Baal* ao chefe de seu panteão, uma palavra que significa «senhor», ou «proprietário». Pelo menos em nome, esse culto emprestava uma espécie de unidade à religião idólatra dos fenícios. O chefe do panteão de Ugarite era El. Esse nome, que significa «força» ou «poderoso», era um dos nomes para Deus, no hebraico. Ver o artigo acerca de *El*. Ele tinha uma esposa de nome Elate, um filho de nome Alian e uma filha de nome Astarte. As *esposas* de Baal eram chamadas *baalates*. Elas quase sempre apareciam em duplas. Istar (no grego, *Astarte*), era a *baalate* de Biblos. A adoração a ela incluia a prostituição sagrada. Esse tipo de atividade, a propósito, é condenado em Lev. 18; I Reis 1 e 19 e Jer. 3:2. Em seus elementos fundamentais, o relato de Osíris e Ísis é a história sobre Tamuz e Istar. Quanto às formas mais remotas de adoração cananéia, contamos com os textos em escrita cuneiforme, compostos em acádico e ugarítico, com data entre 1600 e 1200 A.C. Algumas alusões a isso aparecem no Antigo Testamento e nos escritos de Filo de Biblos e de Eusébio, o historiador eclesiástico, — que citou o primeiro, além de um outro autor, para nós desconhecido, chamado *Sanchuniaton*. Uma divin-

dade extremamente popular era *Hade*, o filho de Dagan, que também era chamado *Baal*, «senhor». Além disso, temos o deus-mar, Iam; o deus da morte, Mote; o deus-lua, Iari; e o deus dos marinheiros, Melcarte. (ALBR AM GY LAM ND UN Z)

FÊNIX

1. Nome de um pássaro místico das lendas egípcias, que se deixou consumir voluntariamente nas chamas, mas ressuscitou de suas próprias cinzas, a fim de ganhar uma vida renovada, jovem. A história que circunda esse pássaro é que o mesmo habitava na Arábia, e que ali viveu por quinhentos anos ou mais. Era sagrado para o deus sol Rá, e era adorado em Heliópolis. Ouvimos falar pela primeira vez a seu respeito nos escritos de Heródoto (*Hist.*), no século V A.C. Uma variação da história é que esse pássaro nasceu diretamente do cadáver de sua mãe. Para os egípcios, a fênix representava a imortalidade. Todos os pontos finais seriam apenas começos de novos ciclos, de tal modo que não há tal coisa como finalidade absoluta. A morte física também se assemelha a isso. — É apenas um novo nascimento. Tertuliano (*De Ressur.* 13:6; *I Clemente* 25) fazia da fênix um símbolo da ressurreição, tendo empregado o trecho de Sal. 92:12 como um texto bíblico em apoio a esse uso, visto que ali temos a *phoinix* ou «palmeira»: «O justo florescerá como a palmeira...» Naturalmente, as duas palavras têm uma pronúncia similar, exatamente a circunstância que provocou a comparação. Por isso mesmo, tanto a fênix quanto a palmeira tornaram-se símbolos da imortalidade e da ressurreição, servindo de temas comuns da arte cristã antiga.

2. *Fenice* também é um porto marítimo da ilha de Creta. Em nossa versão portuguesa, aquela palavra grega é transliterada sob essa forma, *Fenice*, -em vez de ser traduzida. O trecho de Atos 27:12 mostra-nos que esse porto proveu um abrigo seguro para o inverno, melhor que o de Bons Portos, o local onde o navio em que Paulo viajava estava ancorado. Paulo havia advertido aos oficiais do navio, incluindo o centurião que o acompanhava, como prisioneiro que era, que não seguissem viagem. Porém, o mestre do navio ansiava por encontrar um lugar melhor para eles invernarem; e assim, contra o bom senso, e visto que as condições atmosféricas pareciam clarear um pouco, resolveu-se tentar chegar a Fenice. Mas, conforme o apóstolo tinha avisado, o navio foi apanhado por um tufão que o levou para além da ilha de Clauda (ver Atos 27:16), cada vez mais para oeste, na direção da distante ilha de Malta. E foi defronte desta última que, finalmente, o navio naufragou (ver Atos 27:27 *ss*).

A localização do porto de Fenice tem sido disputada. Estrabão (*Geogr.* 10:4, 3) localizava-o no lado sul de um trecho mais estreito da ilha de Creta. Mas Ptolomeu e os geógrafos egípcios localizavam-no na costa sul dessa ilha, em qualquer ponto entre a extremidade ocidental e a extremidade oriental da mesma (3:17,3). Isso sugere um pequeno trecho da pequena península rochosa de Cabo Mouros, que se projeta cerca de um km. e meio, mar adentro. No lado oriental dessa projeção há uma aldeia chamada Lutro, que tem um porto de águas mais profundas; e, no lado ocidental há uma baía maior e mais aberta. Parece que esse é o lado que parece ajustar-se melhor à idéia do antigo porto de Fenice. Esse porto até hoje tem o nome de *Fineca*, que lembra muito o antigo nome. Contudo, alguns intérpretes acham difícil aceitar essa identificação, por causa das direções que aparecem em Atos 27:12, que parecem indicar um porto voltado para a direção oeste, ao passo que Lutro fica voltada para a direção leste. Por isso mesmo, alguns estudiosos pensam que Lucas compreendeu mal a narrativa de Paulo sobre a questão, e aludiu a uma direção oposta. Mas outros opinam que o antigo porto de Fenice não mais existe, devido a mudanças na linha costeira, o que é apenas natural, especialmente se houve tremores de terra, sem falarmos no desgaste natural das costas, devido à ação das ondas. Em meio a argumentos e contra-argumentos, ficamos na dúvida quanto à localização exata desse antigo porto. Mas, coisas como essa, embora interessantes, não se revestem de qualquer importância decisiva para a historicidade de uma narrativa.

FENO

No hebraico, **chatsir**, «erva», que ocorre por vinte e uma vezes no Antigo Testamento. Visto que o feno nunca foi cultivado na Palestina, é errada a tradução «feno» para *chatsir*. Contudo, as traduções, aqui ou ali, traduzem esse termo por «feno». As ocorrências de *chatsir* são: Pro. 27:25; Isa. 15:6; I Reis 18:5; II Reis 19:26; Jó 40:15; Sal. 37:2; 90:5; 103:15; 104:14; 129:6; 147:8; Isa. 35:7; 37:27; 40:6-8; 44:4; 51:12; Jó 8:12; Núm. 11:5. Nossa versão portuguesa da Bíblia traduz por «feno», esse vocábulo hebraico, somente em Pro. 27:25. Interessante é que na última dessas referências, Núm. 11:5; a mesma palavra é traduzida por «alhos silvestres». Tanto no primeiro como no segundo desses dois casos que destacamos, temos uma interpretação, e não uma tradução.

A palavra grega correspondente a *chatsir* é *chórtos*, «erva», «relva», que figura por quinze vezes: Mat. 6:30; 13:26; 14:19; Mar. 4:28; 6:39; Luc. 12:28; João 6:10; I Cor. 3:12; Tia. 1:10,11; I Ped. 1:24 (citando Isa. 40:6,7); Apo. 8:7 e 9:4.

O feno era secado e cortado, a fim de servir de ração para o gado. Por conseguinte, era um produto preparado. O trecho de I Coríntios 3:12 talvez indique o feno, embora o sentido primário da palavra grega *chórtos*, daquele texto, seja *erva*, fazendo contraste entre a vegetação silvestre e as plantas cultivadas.

FENOMENALISMO (FENOMENISMO)

Ver **Fenomenologia e Husserl** que oferecem mais detalhes.

Vem do grego *phainomenon*, «aparência». Esse é o nome do ponto de vista que diz que só podemos tomar conhecimento dos fenômenos, e não das coisas mesmas que, aparentemente, produzem-nos. Qualquer tentativa de falar sobre a verdadeira natureza das coisas é rejeitada, e a natureza dos fenômenos é descrita. O que sabemos é somente a experiência dos sentidos, e não a essência mesma das coisas.

1. *Berkeley* identificava o ser com o ser percebido, e assim criou o primeiro sistema fenomenalista. Ele rejeitava a separação concebida por Locke entre um objeto e sua mera semelhança.

2. *Hume* aplicava o ceticismo às origens dos fenômenos e pensava que todas as idéias partem das impressões. Nesse caso, terminamos no ceticismo gnosiológico, porquanto ficamos reduzido a um cortejo de sensações ou impressões.

3. *John Stuart Mill* definia os objetos materiais como possibilidades permanentes das sensações. Quando um objeto é percebido, então é atualizado, embora nunca cheguemos à coisa propriamente dita.

4. *Kant* e seus sucessores eram fenomenologistas pois não pensavam que se encontra a coisa propriamente dita (a natureza real das coisas) na

experiência de todos os dias. *Renouvier* (vide) é considerado um bom representante desse sistema. Ele era um neokantiano.

5. *Mach* e vários membros do Círculo de Viena (vide), e também A. J. Ayer, juntamente com os positivistas lógicos, promoveram formas diversas de fenomenalismo, visto que a busca pelas definições metafísicas, acerca da verdadeira natureza das coisas, foi abandonada por eles.

A refutação dessa posição inclui os seguintes conceitos:

a. É preciso uma grande dose de não querer saber para que alguém se contente somente com o conhecimento dos meros fenômenos. A pesquisa científica tem investigado muito mais os objetos do que os fenômenos que eles produzem, mesmo que esse conhecimento seja apenas parcial. Sabemos *algo* sobre as coisas propriamente ditas.

b. O fenomenalismo é empirismo extremado. Mas há outras maneiras de sabermos das coisas, como a razão, a intuição e as experiências místicas, que nos conferem algum conhecimento sobre a natureza das coisas, ultrapassando os fenômenos que as coisas produzem.

c. Não faz muito sentido falar sobre os fenômenos que se originam dos objetos, sem que primeiro entendamos alguma coisa sobre os próprios objetos.

FENÔMENO

No grego, **phainomenon**, que significa «aparência». Kant usava esse vocábulo para contrastar com as manifestações da *nous*, isto é, do *noumenon*, que não se presta para as nossas percepções físicas, devendo ser investigadas pela razão, pela intuição e pelas experiências místicas. Aqueles que acreditam na capacidade que os seres humanos têm de conhecer as coisas, à parte dos fenômenos materiais, supõem que o empirismo não é a única maneira de tomarmos conhecimento das coisas. Muitos empiristas, entretanto, supõem que só podemos tomar conhecimento do mundo através dos fenômenos que podemos observar. Devemos relembrar, entretanto, que até mesmo as manifestações espirituais, algumas vezes, ocorrem mediante fenômenos visíveis e audíveis. Além disso, há também os *fenômenos psíquicos* (vide), que são manifestações mentais e espirituais, dando a entender a existência de entidades não materiais, incluindo a alma humana.

FENÔMENO DA VOZ

Muitas pessoas têm podido gravar vozes de entidades invisíveis em gravadores de fita ordinários. Além de vozes, também música, até de tempos antigos, como hinos da antiguidade, têm sido assim registradas. Friedrich Juergenson, em nosso próprio tempo, descobriu esse fenômeno quando gravava outras coisas. As vozes misturaram-se com aquilo que ele estava gravando. Konstantine Raudive, discípulo de Carl Jung, antes de sua morte, que ocorreu há poucos anos, registrou mais de cem mil desses casos. Essa narrativa é feita no livro *O Inaudível Feito Audível*. Essas entidades que se comunicam podem interagir com aquele que está fazendo as gravações, mostrando que estão fazendo observações. Um desapontamento com esse tipo de fenômeno é o baixo nível de intelectualidade demonstrado. Isso sugere que estamos tratando apenas com a vitalidade da personalidade humana, e não com espíritos humanos verdadeiros. Essa vitalidade é uma espécie de energia que vincula a porção espiritual do homem à sua porção física, capaz de certo tipo de comunicação mecânica, depois que a morte física separou as várias energias que compõem um ser humano. Usualmente, embora nem sempre, essa energia é aquela envolvida nos casos de fantasmas, como também em muitas sessões espíritas. Todavia, há gravações que ultrapassam esse nível tão baixo e, aparentemente, refletem um nível mais alto de ser e inteligência. Apesar de alguma atividade demoníaca poder estar envolvida, isso explica apenas uma pequena porcentagem da totalidade dos casos. O mesmo pode ser dito no caso de espíritos humanos genuínos, desencarnados. O mais provável é que estejam envolvidos *vários tipos* e níveis de seres. A importância desse fenômeno jaz na promessa que o mesmo dá de que pode ser provada a existência **de inteligências não-materiais.**

Não sabemos dizer, no momento, até onde irão essas investigações. Entretanto, trata-se de um fenômeno que deveria ser cientificamente estudado, visto que a ignorância, por sua própria definição, nada vale. A British Broadcasting System tem investigado esse fenômeno. Colocou microfones unidirecionais em uma sala vazia, cuidadosamente guardada. Esses microfones só registravam sons diretamente dirigidos para eles, pelo que eram imunes a sons vindos de qualquer outra direção. A interferência radiofônica foi assim eliminada, anulando uma objeção que com freqüência se fizera. No entanto, dentro de apenas dezoito minutos, mais de duzentas vozes se fizeram gravar nas fitas, como que se competissem para dizer alguma coisa. Alguns experimentadores estão convencidos de que, desse modo, os espíritos dos mortos procuram comunicar-se com os vivos. Contudo, o baixo nível intelectual dessas vozes contribui para pôr essa opinião em descrédito. Se isso realmente acontece, então podemos dizer que parece que isso comprova, pelo menos em parte, a idéia de que, no estado intermediário, as almas que não foram nem para o céu e nem para o inferno, pairam em um mundo intermediário. Porém, seria ridículo fazer da questão uma prática religiosa; mas também seria ridículo determinar a cessação dessas experiências. Deus, afinal de contas, é o possuidor de todo o conhecimento. Não há razão alguma pela qual o homem não deva procurar saber mais. O conhecimento, por si mesmo, é neutro. Pode ser usado de maneira errada, mas também pode ser usado corretamente. Ver sobre *Parapsicologia*.

FENÔMENO PSÍQUICO

Ver o artigo sobre **Parapsicologia.**

FENOMENOLOGIA

Essa palavra vem do grego **phainomenon**, «aparência», e *logos*, «conhecimento», «estudo de», dando a entender o estudo dos fenômenos.

I. Definições: Husserl

Basicamente, a fenomenologia indica a análise dos fenômenos que povoam a consciência das pessoas. A inspeção escrupulosa da própria consciência e do processo intelectual é efetuada, com a identificação das causas externas mais latas e suas conseqüências. Essa identificação visa pôr de lado, ou não levar em conta. Uma vez manuseadas assim as questões da existência, as *essências* dos fenômenos podem ser examinadas. Husserl insistia que se tratava de uma investigação *a priori* acerca das essências dos significados comuns ao pensamento de mentes diferentes, e não de um programa de introspecção psicológica. Por conseguinte, se a palavra é usada

em contraste com a *ontologia*, o estudo do ser, parece que a mesma expressa um sistema que busca descobrir a essência do ser.

Husserl procurava aplicar o método de Descartes da dúvida rigorosa de maneira a eliminar tudo, exceto os fenômenos, conforme os mesmos impressionam a consciência pura. Toda relação entre os fatos e o mundo exterior, empírico, era por ele identificada. É importante observar, nesta altura, que, assim sendo, ele dependia da intuição a fim de compreender a essência das coisas, tendo a confiança de que a mente humana é capaz dessa atividade. Na intuição fenomenológica vemos um objeto como *eidos*, ou essência, ou seja, conforme o mesmo deve ser, e conforme o mesmo não pode ser. Ele acreditava que a mente humana é capaz de intuir diretamente a essência das coisas.

Na análise das essências haveria dois pólos: a *noema*, ou pólo objetivo, e o *noesis*, ou pólo subjetivo. Husserl, pois, supunha que é possível desenvolver uma ciência *a priori* com base na consciência pura, que proveria a base para todo o conhecimento e para toda a ciência. Parece que ele retrocedeu para o idealismo, deixando assim, sem resposta, a posição dos objetos da intuição, em seu relacionamento com o ego transcendental. Ver o artigo separado sobre *Husserl*.

II. Outras Idéias e Usos

O termo «fenomenologia» foi introduzido na filosofia por J.H. Lambert (vide), como se fosse uma *teoria das aparências*, um de seus quatro sistemas básicos (juntamente com as teorias da verdade, da lógica e da semiótica). Mas o termo também tem recebido outras interpretações, segundo se vê nos pontos abaixo:

1. Kant usava o vocábulo para aludir às características gerais dos fenômenos.

2. Hegel empregava o termo para indicar os fatos particulares que exprimem o progresso da mente desde as formas inferiores de experiência até os estágios mais elevados do pensamento absoluto.

3. William Hamilton (vide) pensava sobre a fenomenologia empírica como o ponto inicial do conhecimento objetivo.

4. Eduardo von Hartmann usava a palavra como sinônimo para indicar a *pesquisa geral* sobre qualquer assunto, uma atividade que deve anteceder às conclusões filosóficas.

5. Max Scheler (vide) aplicou a palavra às explorações detalhadas sobre a natureza dos valores.

6. Heidegger (vide), que estudou com Husserl, dirigiu esse tipo de análise, que empregava esse termo designativo, para a atividade mediante a qual ele tinha a esperança de redescobrir o *Ser*, mediante a compreensão da natureza humana.

7. Sartre, em seu *Ensaio sobre a Ontologia Fenomenológica*, empregou o termo para indicar a idéia de Heidegger, procurando passar da análise da situação humana para as considerações ontológicas.

FÉRETRO

No hebraico, **mittah**, «cama» e no grego, **soros**, «esquife». A palavra hebraica é usada por vinte e nove vezes, e apenas por uma vez, em II Samuel 3:31, podemos pensar em um «ataúde», onde o corpo de Abner, recém-assassinado por Joabe, em um ato traiçoeiro, estava sendo conduzido. Porém, é mais provável que se tratasse mesmo de um leito leve, como havia na antiguidade. A tradução portuguesa «féretro» evita definir o que seria o objeto.

A palavra gr. *sorós* aparece exclusivamente em Luc. 7:14. O corpo do filho único da viúva estava sendo transportado em uma maca, tal como até hoje se vê nos funerais de islamitas pobres onde os cadáveres são transportados sobre simples tábuas. Algumas vezes havia, para esse propósito, uma armação de vime. Naturalmente, os ricos tinham esquifes melhores do que os pobres. No grego clássico, a palavra em foco pode significar a *urna* onde eram guardados os ossos de um morto; mas seu uso, no evangelho de Lucas, deve apontar para a *mittah* dos judeus.

FEREZEUS Ver Perezeus (Ferezeus).

FERGUSON, ADAM

Suas datas foram 1723-1816. Foi um filósofo escocês. Educou-se nas Universidades de St° André e de Edimburgo. Seguia a escola do bom senso escocês, de Thomas Reid, que defendia o realismo singelo, que diz que as coisas são apenas aquilo que elas parecem ser. Ver o artigo sobre *Conhecimento*; sobre o *Conhecimento e a Fé Religiosa*, e sobre o *Realismo*. Os estudos mais importantes de Ferguson dizem respeito às questões éticas, nos quais ele introduziu um certo conceito de *perfeição* como o critério do certo e do errado e como guia na ética pessoal e social. Seu sistema moral era essencialmente estóico. Ele acreditava na obediência às leis civis, quanto à ética social, e na obediência às leis naturais, quanto à ética individual. Ele acreditava que o homem pode descobrir os seus deveres nas leis naturais. A liberdade seria necessária para o cumprimento apropriado dos deveres e das aspirações dos homens.

Escritos. Institutas da Filosofia Moral; Princípios de Moral e da Ciência Política.

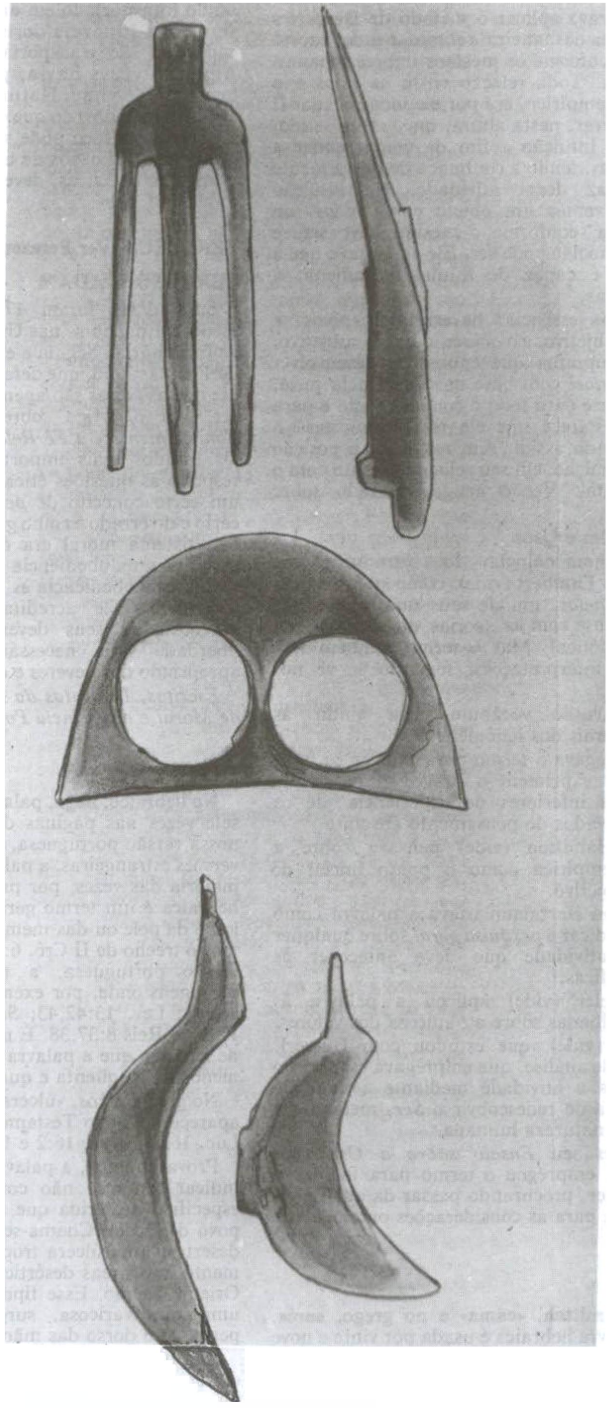
FERIDA

No hebraico, **nega**, palavra que ocorre por setenta e sete vezes nas páginas do Antigo Testamento. Em nossa versão portuguesa, tal como em muitas outras versões estrangeiras, a palavra tem sido traduzida, na maioria das vezes, por praga. Mas, como a palavra hebraica é um termo geral que se refere a qualquer lesão da pele ou das membranas mucosas, aproveitamos o trecho de II Crô. 6:29, onde aparece, em nossa versão portuguesa, a tradução «chaga». Outras passagens onde, por exemplo, essa palavra hebraica ocorre: Lev. 13:42,43; Sal. 38:11; Pro. 6:33; Gên. 12:17; I Reis 8:37,38. É nos capítulos treze e catorze de Levítico que a palavra hebraica aparece por nada menos de cinqüenta e quatro vezes.

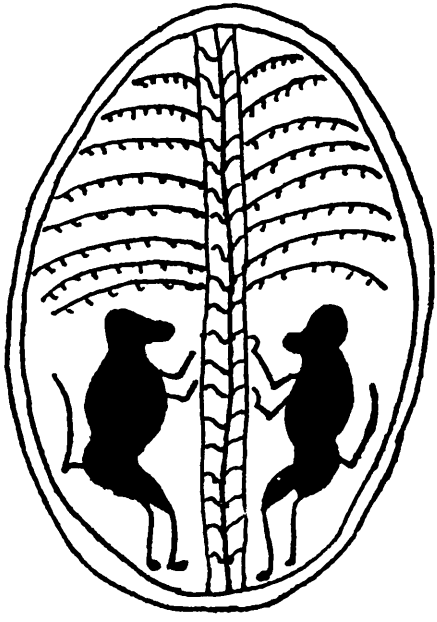
No grego, *élkos*, «úlcera», «abcesso». Esse vocábulo aparece no Novo Testamento por apenas três vezes: Luc. 16:21; Apo. 16:2 e 11.

Provavelmente, a palavra hebraica era usada para indicar (embora não com exclusividade) um tipo específico de ferida que se tornara comum entre o povo de Israel. Chama-se modernamente «úlcera do deserto», uma úlcera tropical que ocorre, principalmente, nas áreas desérticas do norte da África e do Oriente Médio. Esse tipo de úlcera assemelha-se a uma veia varicosa, surgindo principalmente nas pernas, no dorso das mãos e no rosto.

Nos dias bíblicos as úlceras e chagas deviam ser extremamente comuns, razão pela qual essa aflição é tão freqüentemente mencionada nas Escrituras. O caso de Jó é um exemplo típico. Davi culpou a si mesmo por suas chagas. «Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas, por causa da minha



Ferramentas antigas — Cortesia, Zondervan Publishing House



Arte egípcia — babuínos e a palmeira de tâmaras

Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

loucura» (Sal. 38:5).

Em Israel, de acordo com a legislação mosaica, havia regras muito rígidas no tocante ao diagnóstico de todas as feridas. Em muitos casos, os pacientes eram forçados a total isolamento. É verdade que algumas dessas regras pareciam duras demais, mas a verdade é que elas ajudavam a retardar a propagação de doenças contagiosas, em uma época quando ainda nem se sonhava com antibióticos e com os modernos recursos da medicina.

Não sabemos dizer muita coisa sobre os medicamentos usados na antiguidade na cura das feridas, exceto que o bálsamo de Gileade é mencionado por repetidas vezes. O bálsamo de Gileade era uma resina muito fragrante, com a consistência de mel de abelhas. Era obtida de árvores arbustivas na margem leste do rio Jordão. Aqueles que têm trabalhado com os índios, norte e sul-americanos, dizem que eles também usam resinas similares, que aliviam as dores, estimulam o tecido são em torno da ferida e ajudam a destruir os organismos que causam a infecção.

FERIMENTOS, OS CINCO SAGRADOS

Esses seriam os ferimentos recebidos pelo Senhor Jesus quando de sua crucificação: em ambas as mãos, em ambos os pés, e no seu lado. A devoção a esses ferimentos faz parte das memórias dos sofrimentos de Cristo, e tornou-se um culto virtual durante a Idade Média. Na verdade, uma festa especial dos Cinco Ferimentos era celebrada em muitos lugares na quarta e na quinta-feiras da quaresma.

FERIR, QUEBRAR, MOER

Por detrás desses verbos portugueses temos uma série de verbos hebraicos e gregos, a saber:

1. *Daka*, «ferir», palavra que ocorre por dezoito vezes (para exemplificar: Isa. 53:10; Sal. 89:10).

2. *Daqaq*, «triturar», palavra que ocorre por doze vezes (por exemplo: Isa. 28:28; Miq. 4:13).

3. *Rea*, «quebrar em pedaços», palavra que aparece por uma vez somente: Dan. 2:40.

4. *Shuph*, «ferir», palavra que ocorre por quatro vezes (para exemplificar: Gên. 3:15).

5. *Maak*, «esmagar», palavra que ocorre por três vezes, como em Lev. 22:24.

6. *Ratsats*, «esmigalhar», palavra que aparece por dezenove vezes (por exemplo: II Reis 18:21; Isa. 42:3; Deu. 28:33; Amós 4:1).

7. *Thraúo*, «quebrar em pedaços», palavra grega que aparece por apenas uma vez, em Luc. 4:18, citando Isa. 58:6.

8. *Suntríbo*, «esfregar com», palavra grega que ocorre por sete vezes: Mat. 12:20, citando Isa. 42:3; Mar. 5:4; 14:3; Luc. 9:39; João 19:36, citando Sal. 34:21; Rom. 16:20 e Apo. 2:27.

Há ainda muitas outras palavras hebraicas e gregas, que devem ser examinadas sob o verbete *Quebrar*. Mas as palavras dadas acima têm sido traduzidas com os sentidos de esmagar (Isa. 28:28), injuriar, oprimir (Lam. 4:18), afligir, punir (Isa. 53:5), etc. Estritamente falando, deve-se pensar em um ferimento do qual a vítima consegue recuperar-se, mediante liquefação gradual e absorção dos tecidos danificados, durante cujo processo a área afetada muda de cor, no desenvolvimento da cura. Mas as referências bíblicas não incluem somente esse tipo de ferimento superficial, porquanto envolvem até mesmo a pulverização, a trituração, o esmigalhamento, etc.

Usos Figurados: 1. A alma ferida indica dúvidas, temores, angústia e tribulações internas, por causa do pecado (Mat. 12:20). 2. A nação cheia de contusões aponta para as iniqüidades que a marcam (Isa. 1:6; Jer. 6:14). 3. Cristo foi moído por causa dos nossos pecados, indicando os Seus sofrimentos vicários (Isa. 53:5,10). 4. Cristo esmagou a cabeça de Satanás, quando destruiu as conseqüências de seus ímpios desígnios e de seus atos malignos (Gên. 3:15; Rom. 6:20). 5. Os santos fracos são feridos quando ofendidos ou afligidos por Satanás ou falsos mestres, mas são divinamente protegidos (Isa. 52:3; Luc. 4:18). 6. O rei do Egito foi comparado a uma cana esmagada, em vista do estado debilitado de seu reino (II Reis 18:21). (HA S)

FERMENTO Ver também, Fermento e seus Simbolismos.

Mat. 13:33: *Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou com três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.*

Parábola do fermento (paralelo em Luc. 13:20,21). Talvez nenhuma outra parábola tenha sido alvo de tantas interpretações radicalmente *divergentes* entre si como esta. Infelizmente, Jesus não deu sua interpretação, porquanto isso teria eliminado muito papel que se tem gasto no debate sobre o que está implicado nesta parábola. A maior dificuldade gira em torno do sentido do símbolo do fermento. As principais idéias apresentadas são as seguintes:

1. Fermento é símbolo de *maldade*—é a influência penetrante do pecado, quer do diabo, da religião falsa, da política maliciosa ou dos homens em geral. Naturalmente que os escritos judaicos estão repletos desse símbolo, provavelmente por causa da conexão do fermento com a páscoa, porque nesse tempo era vedado até mesmo ter fermento em casa, e todos os pães eram feitos sem fermento, durante tal período anual. Por muitas vezes os rabinos usaram o fermento para indicar um desejo pervertido. O próprio Jesus aludiu a coisas más usando esse símbolo: «...acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus. Então entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento dos pães, mas da doutrina dos fariseus e saduceus» (Mat. 16:11,12). Em Mar. 8:15, Jesus usou do mesmo simbolismo ao referir-se a Herodes, e nesse caso, não se referia a doutrinas, e, sim, ao caráter maligno dessa personagem. Paulo também empregou o vocábulo em I Cor. 5:8 a fim de indicar a malícia de alguma grande maldade moral. As aplicações do símbolo com sentido mau são numerosas. Eis alguns exemplos: a. o papado e a Igreja Católica Romana (interpretação protestante). b. Influência do protestantismo (interpretação católica). c. Diversos elementos falsos, através da história da igreja. d. O pecado original inerente à natureza humana. e. A apostasia na igreja. f. A corrupção geral da igreja, moral e doutrinariamente. g. A influência do diabo sobre a igreja. Talvez haja muitas outras interpretações, — inumeráveis —, mas pelo menos esses exemplos nos dão idéia de quão diversificada tem sido a interpretação e aplicação desta parábola.

2. *Outros acham* que o fermento indica, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da *maldade* na igreja, bem como o fato de que esse desenvolvimento seria grande; ou ainda, a influência do pecado original na igreja, porém, lado a lado com a graça gratuita de Deus, e que tais influências formam o caráter geral da igreja. Pode ser que isso seja verdade, mas dificilmente podemos ver esse sentido nestas palavras de Jesus.

3. *Respeitando* os intérpretes que tomam o fermento como símbolo do mal, devemos afirmar que, neste caso, não se deve entender isso. Provavelmente Jesus usou de ousadia para *alterar* o sentido comum do símbolo do fermento, a fim de que significasse coisa boa, isto é, o *notável desenvolvimento* do reino dos céus. Apresentamos as seguintes razões em defesa dessa interpretação: a. Nem sempre as Escrituras usam o fermento como símbolo de coisa má. Diz Lev. 23:17: «Das vossas habitações trareis dois pães de movimento: de duas dízimas de farinha serão, levedados se cozerão: primícias são ao Senhor». Dificilmente podemos entender que essas «primícias» de Deus são coisa má. b. A análise do *adágio* mostra que o reino dos céus é comparado ao fermento; não está em foco apenas a influência exercida pelo reino. O fermento caracteriza o reino. Aqui, uma vez mais, seria difícil afirmar que o caráter principal do reino (o cristianismo no mundo) é mau. O fermento não é apresentado como elemento do reino, mas como o caráter mesmo do reino. Fica salientada somente a forma de desenvolvimento do reino ou da influência da igreja no mundo, em seu caráter permeador e penetrante. c. Por diversas vezes outros símbolos são usados de maneiras diversas, como, por exemplo, o próprio fermento, conforme já notamos em Lev. 23:17. Nestas parábolas, a semente simboliza primeiramente a «palavra» (do semeador); mas, na parábola do joio, simboliza o produto da palavra, a saber, «os filhos do reino», o que indica que houve uma modificação no uso desse símbolo. O símbolo do leão é usado para designar Satanás, em I Ped. 5:8, mas é empregado para indicar Jesus Cristo, em Apo. 5:5. As aves são usadas como símbolo mau, conforme se vê em Mat. 13:19 (Satanás), mas o próprio Jesus lançou mão desse símbolo para expressar o caráter manso e simples dos apóstolos (Mat. 10:16). Portanto, nem sempre se deve entender que cada símbolo tenha sempre o mesmo sentido, porque a verdade é que não têm aplicação universal.

4. *Reputar o fermento* como símbolo mau, neste caso, seria ir de encontro à mensagem geral das parábolas que ilustram o desenvolvimento do reino, como a parábola da mostarda e a da semente que cresce inconscientemente (Mar. 4:26-29). Todas essas três parábolas ilustram certo aspecto do *desenvolvimento* do reino. A parábola do grão de mostarda ilustra esse crescimento observado do lado de fora; a do fermento, o crescimento visto pelo lado de dentro, como poder penetrante do reino. E a parábola que se encontra em Mar. 4:26-29 ilustra o crescimento inconsciente, que não é encorajado nem observado pelo homem. Por conseguinte, o caráter geral do texto sugere que, neste caso pelo menos, o fermento não simboliza algo mau.

5. *Finalmente*, não é provável que essa parábola tenha tido por escopo ilustrar a falha do reino no mundo, interpretação essa quase necessária se insistirmos que o símbolo do fermento sempre indica algo perverso, posto que o fermento espalha sua influência pela massa inteira. Mat. 13:33 diz: «até ficar tudo levedado». *Não é provável* que Jesus tenha descrito a influência de sua igreja com tais termos. A explicação mais provável, portanto, é que o fermento, neste caso, simboliza o desenvolvimento da influência da igreja no mundo, uma penetração derivada do poder do caráter da igreja, a ponto de permear o mundo inteiro, capaz de mudar o caráter do mundo, tal como o fermento muda o caráter do pão. Naturalmente que a parábola não ensina que a igreja converterá o mundo todo, conforme ensinam os pós-milenistas, os quais evidentemente *exageram* o sentido do símbolo. Devemos evitar as interpretações que ensinam significados estranhos e exagerados, e que obviamente ultrapassam a simples intenção das palavras do texto. As misturas de questões complexas de teologia e de história eclesiástica ou de história universal não têm papel legítimo na interpretação destas parábolas.

FERMENTO E SEUS SIMBOLISMOS, I Cor. 5:8

1. **Velho fermento.** O fermento da maldade e da malícia. O apóstolo dos gentios já havia deixado claro que a «imoralidade» é um mau fermento na comunidade cristã. Porém, existem muitas outras modalidades de pecado que também têm efeitos malignos, corruptores, insidiosos, que se espalham como câncer. Tais pecados incluem todas as formas de maldade, malícia e impiedade. — Examinando até o décimo primeiro versículo deste capítulo, também se poderia incluir, especificamente, o furto, a idolatria, a cobiça, as críticas iracundas e o vilipêndio contra os outros, além do alcoolismo. Com os praticantes dessas formas de pecado não devemos ter campanhia, nem ao menos para tomarmos refeições com eles.

Contudo, existem ainda outros pecados que atuam como fermento, no seio da igreja cristã, a saber, as obras da carne, conforme a lista que encontramos no trecho de Gál. 5:19,20. Todas as obras da carne, que são fomentadas segundo o princípio do mal que há no mundo, servem de fermento para o cristianismo bíblico. Finalmente, entretanto, todos nós, os remidos, seremos totalmente purificados. Mas para tanto é necessária a atuação do Espírito Santo, – que, ao mesmo tempo, implantará os aspectos positivos do fruto do Espírito Santo. (Ver Gál. 5:22,23). Então é que seremos dignos de Cristo, a nossa páscoa que foi sacrificada por nós; porque assim, a casa não somente terá sido expurgada de todo o fermento, mas também será enfeitada e decorada com todas as formas da justiça positiva do Senhor Jesus.

2. Possui propriedades difusivas, pelo que pode ilustrar como o pecado se propaga e corrompe (ver I Cor. 5:6).

3. Estava associado à páscoa original, pelo que veio a ilustrar o princípio da separação para longe dos ímpios e do mal (ver Êxo. 12:15-20).

4. Ilustra, de maneira positiva, a rápida propagação do evangelho (ver Mat. 13:33).

5. Pode ilustrar a doutrina falsa (ver Mat. 16:6), bem como os mestres ímpios (ver I Cor. 5:6,7), ou mesmo a malícia (ver I Cor. 5:8).

••• ••• •••

FERRAMENTAS

Ver sobre **Artes e Ofícios.**

Nas Escrituras, as ferramentas de trabalho são referidas de maneira apenas incidental, e usualmente, em conexão com as atividades próprias das artes e dos ofícios. Os hebreus não eram, usualmente, destros no emprego de ferramentas de trabalho. Antes de terem migrado para o Egito, eles formavam um clã pastoril. Chegando ali, não demorou muito para perderem sua liberdade, sendo reduzidos a uma condição de grande dependência, com nenhum vagar para se dedicarem às artes ou às profissões liberais. Por isso mesmo, quando da construção do tabernáculo, no deserto, o Espírito de Deus conferiu habilidades a certos homens, como Bezalel e Ooliabe (ver Êxo. 31:1-11;

35:30 — 36:1), a fim de que tal trabalho pudesse ser executado. Mas, mesmo depois que os israelitas conquistaram a Terra Prometida, eles nunca se tornaram os melhores artesãos. Na época de Salomão, cerca de seiscentos anos depois da época de Moisés, tiveram de ser contratados artífices e operários fenícios, na construção do templo de Jerusalém. Ver I Reis 7:13. Todo esse atraso nesse campo de atividades impedia que os israelitas desenvolvessem suas próprias ferramentas. Na maioria das vezes, eles imitavam as ferramentas egípcias. Como lhes faltou o ferro durante muito tempo, suas ferramentas perdiam em qualidade em relação às ferramentas, utensílios e armas de outros povos, como os fenícios e os filisteus, para exemplificar.

Os que trabalhavam em madeira usavam serras de metal, provavelmente, do tipo egípcio de puxar, com os dentes voltados na direção do cabo. Essas serras também eram usadas para cortar pedras (cf. I Reis 7:9; Isa. 10:15). Há uma tradição antiga que diz que Isaías, o profeta, foi executado ao ser serrado pelo meio (ver Heb. 11:37). O mais provável é que os hebreus usassem malhos, na carpintaria e não martelos (ver Juí. 4:21; cf. 5:26). No entanto, nove palavras hebraicas diferentes são traduzidas como «machado», o que indica que havia diversos tipos desses úteis instrumentos de trabalho pesado. A lâmina desses machados corria paralela ao cabo, ou então, formava um ângulo reto com o mesmo. E o próprio cabo podia ser mais longo ou mais curto. Lê-se na Bíblia que havia ferramentas de pedra, de bronze e de ferro; e os métodos de ajustar essas peças a seus cabos variavam consideravelmente (cf. Deu. 20:19 e 19:5 com II Reis 6:5 e Jer. 10:3). Os machados também eram usados, com bastante freqüência, como armas de guerra (Juí. 9:48; Jer. 46:22). Aliás, isso não se dava somente entre os hebreus. Os gauleses, por exemplo, gostavam muito de usar machados de guerra, e é fato bem conhecido entre nós que muitas tribos indígenas norteamericanas faziam o mesmo. Os carpinteiros também usavam raspadoras, plainas e formões, para obter diversos efeitos (ver Isa. 44:13), além de empregarem sovelas e verrumas para o ato de perfurar (ver Êxo. 21:6 e Deu. 15:17).

A faca era de uso o mais generalizado possível, sendo empregada para toda espécie de trabalho. Usava-se a linha, com uma pedra ou um peso de chumbo em uma das extremidades, para servir de prumo; ou então sem esse peso, a fim de fazer medições. Sabe-se que os hebreus também usavam o compasso e algum tipo de esquadro, permitindo a obtenção de ângulos retos perfeitos. Também havia réguas, para o traçado de linhas retas. Há muitas referências bíblicas a esses itens e a esses atos.

Os pedreiros hebreus utilizavam-se de muitas das ferramentas que já mencionamos, embora também usassem uma certa variedade de martelos e marretas (ver I Reis 6:7 e Jer. 23:29). Formões, cunhas, pedras de abrasão, níveis, roletes e guindastes primitivos, também eram conhecidos entre eles. Poderíamos adicionar a essa lista moldes para tijolos, vários modelos de colher de pedreiro e picaretas (cf. o artigo sobre a *Inscrição de Siloé*, onde se vê que nessa inscrição há menção de umas poucas ferramentas não aludidas no Antigo Testamento).

Os ferreiros, em adição a algumas das ferramentas acima mencionadas, como o malho, também lançavam mão de um tipo especial dessa ferramenta, que figura em Isaías 41:7 (onde a nossa versão portuguesa a traduz por «martelo»). Sem dúvida, eles também contavam com a bigorna, com a fornalha, com os foles, com moldes diversos, com conchas para o metal derretido, com limas, com brocas, etc. Por igual modo, eles também deviam conhecer as tenazes e até mesmo a bancada para fixar as peças a serem trabalhadas.

Na agricultura, as ferramentas usadas pelos hebreus incluíam o arado, a foice, o ancinho, o gancho, o aguilhão, o enxadão, o forcado, a pá, a peça de trilhar e o machado (ver I Sam. 13:21; I Reis 7:40,45; Joel 3:13). As ferramentas de corte eram afiadas, quase sempre, mediante o uso de pedras próprias ou de limas (ver I Sam. 13:21). Os ferreiros conseguiam afiar os seus instrumentos também de outra maneira: aqueciam o metal, batendo então com um malho ou martelo, as beiradas da parte cortante de suas ferramentas.

Os oleiros hebreus dispunham de seu próprio conjunto de ferramentas, que incluía a roda do oleiro, o forno, as pás para mexer e retirar a massa, os raspadores, os buris, os cinzéis, etc. Também havia outros ofícios, como o dos tecelões, dos tintureiros, dos pintores, dos fabricantes de tendas, dos joalheiros, dos gravadores, dos escultores, dos bordadores, dos costureiros, etc., cada um dos quais com suas ferramentas e seus equipamentos especiais, condizentes com suas respectivas necessidades.

Essas ferramentas e utensílios, entre os antigos hebreus, como é óbvio, pouco tinham de sofisticação e precisão. Eles nunca tiveram coisa alguma parecida com o torno, com a fresa, com a serra elétrica, além de muitos outros equipamentos modernos comuns, pois o fabrico dessas ferramentas requer grande avanço tecnológico. Todavia, mesmo em comparação com outros povos da antiguidade, os hebreus deixavam muito a desejar. Eles foram muito mais um povo agrícola e pastoril, cuja grande produção sempre foi a literatura sagrada e as atividades religiosas, no que foram imbatíveis. As ciências, como a matemática, a engenharia, a medicina, a astronomia, e muitas outras, nunca ocuparam um lugar cêntrico nos interesses deles. Até mesmo a filosofia só entrou no horizonte deles quando começaram a helenizar-se e, portanto, na época de Alexandre, o Grande, em diante.

Usos Metafóricos

Ferramenta é qualquer coisa que o homem pode empregar para realização de alguma tarefa material ou para concretização de algum ideal. No sentido espiritual, a espiritualidade do indivíduo é essa ferramenta, porquanto, através dela, a pessoa pode cumprir sua missão na terra. Além disso, existem instrumentos como a preparação, a educação, a experiência profissional e o *conhecimento* ou *know how*.

FERRARA-FLORÊNCIA, CONCÍLIO DE

O concílio de Basiléia, de 1421, somente criou inimizades entre aqueles que insistiam — na idéia da suprema autoridade do papa e aqueles que pensavam que essa autoridade suprema cabia aos concílios. Por esse motivo, o papa Eugênio IV transferiu a sua facção para Ferrara, na Itália, onde foram efetuados concílios de 1437 a 1439. A principal finalidade dessas convocações era a de unificar a Igreja Oriental e Ocidental; porém, não se chegou a nenhum acordo. O concílio foi transferido novamente de localidade, dessa vez para Florência. Ali foi admitida a cláusula *Filioque* (que vede) do credo niceno, como representante da posição da Igreja Ocidental. Mas, com o reparo que isso deveria ser interpretado que o Espírito Santo procede «do Pai, *através do* Filho», e não «do Pai *e* do Filho», a Igreja Oriental acabou divergindo, de alguma maneira, da

Igreja Ocidental. Todavia, essa e outras concessões haviam sido virtualmente forçadas, porquanto os gregos haviam chegado ao concílio buscando, acima de tudo, ajuda militar em sua luta contra os turcos. Por isso mesmo, tiveram de fazer concessões quanto a questões doutrinárias, na esperança de obter essa ajuda. As negociações resultaram no *Ato da União*, de 6 de julho de 1439. Dessa maneira, pensou-se que o *Grande Cisma* (que vede), entre a Igreja Ocidental e a Igreja Ocidental havia terminado oficialmente. Contudo, os bizantinos, em sua grande maioria, recusaram-se a reconhecer o decreto. E após a captura de Constantinopla, que ocorreu a 29 de maio de 1453, pelas forças turcas, esse decreto tornou-se nulo. Seja como for, a Rússia nunca aceitou esse decreto, pelo que também todo o esforço desses concílios reduziu-se a nada, o que, por tantas vezes, sucede nas disputas teológicas.

FERREIRO

Ver sobre **Ofícios**. Há três palavras hebraicas envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Charash*, «artífice», «gravador». Palavra hebraica que ocorre por vinte e nove vezes; como, por exemplo, em I Sam. 13:19 e Isa. 54:16.

2. *Charash barzel*, «trabalho em ferro», que aparece somente em Isa. 44:12.

3. *Masger*, «ferreiro». Esse termo aparece por quatro vezes com esse sentido, em II Reis 24:15,16; Jer. 24:1,2.

O originador desse ofício foi Tubal-Caim (Gên. 4:22). O contexto de I Sam. 13:19 refere-se aos ferreiros filisteus, que foram os primeiros a trazer para a Palestina a arte de trabalhar com o ferro. O profeta Isaías fornece-nos uma boa descrição do trabalho de um ferreiro, em Isa. 44:12; mas a passagem encontra-se em meio a um trecho que descreve o fabrico de ídolos, mas nenhum ídolo de ferro foi encontrado até hoje. O trecho de Isaías 54:16 refere-se ao fabrico de certo artefato de ferro, embora esse artefato não seja especificado de modo definido, embora a versão portuguesa diga que o ferreiro fabricou uma *arma*; mas essa tradução tem por base o contexto, que possibilita tal tradução.

A palavra «ferreiro» (no hebraico, *masger*) é usada para descrever certa classe de artífices levada para a Babilônia por Nabucodonosor, por ocasião do exílio de Judá para aquele país; mas o sentido exato do termo heb. é desconhecido hoje; entretanto, essa tradução, na verdade, não passa de uma conjectura (ver igualmente, II Reis 24:24,16 e Jer. 24:1 e 29:2).

FERRETE

Ver sobre **Crimes e Castigos**.

FERRO

Há uma palavra hebraica, uma palavra aramaica e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Barzel*, «ferro», palavra hebraica que ocorre por setenta e cinco vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 4:22; Lev. 26:19; Núm. 31:22; Deu. 3:11; Jos. 6:19,24; Juí. 1:19; I Sam. 17:7; II Sam. 12:31; I Reis 6:7; II Reis 6:6; I Crô. 20:3; II Crô. 2:6,14; Jó 19:24; Sal. 2:9; Pro. 27:16; Ecl. 10:10; Isa. 10:34; Jer. 1:18; Eze. 4:3; Amós 1:3; Miq. 4:13.

2. *Parzel*, «ferro», palavra aramaica que só aparece no livro de Daniel, por dezenove vezes (2:33-35,40-43; 4:15,23; 5:4,23; 7:7,19).

3. *Sideros*, «ferro», palavra grega usada somente por uma vez, em Apo. 18:12. A variante *sidéros*, «feito de ferro», ocorre por mais cinco vezes: Atos 12:10; Apo. 2:27; 12:5; 19:15.

O ferro, em sua forma natural, como nos fragmentos de meteoritos, é conhecido pela raça humana há milênios. Porém, passou-se muito tempo antes do homem desenvolver a tecnologia adequada para a produção de ferro, a partir do minério de ferro. A primeira alusão bíblica ao ferro aparece em Gên. 4:22, que antecede à Idade do Ferro. É provável que o ferro, como meteorito, esteja em foco. Essa referência no livro de Gênesis mostra que o ferro era utilizado em objetos feitos desse metal, para o fabrico de instrumentos; mas devemos presumir que tal metal não existia em quantidade muito abundante. Algum ferro podia ser extraído da lava dos vulcões, aumentando um pouco a sua quantidade disponível.

Ao que parece, os hititas foram os primeiros a solucionar o problema da redução do minério de ferro em ferro, que então podia ser usado para fabricar implementos agrícolas, instrumentos, armas de guerra, etc. Os filisteus levaram a arte do trabalho em ferro à Palestina, havendo evidências arqueológicas que demonstram que esse tipo de trabalho foi extensamente desenvolvido e usado pelo povo. Os trechos de Juízes 1:19 e I Samuel 13:19-22 mostram que Israel, por esse motivo, encontrava-se em grande desvantagem militar, porquanto os filisteus possuíam armas e carros de combate feitos de ferro. Porém, durante os reinados de Davi e Salomão, o povo de Israel alcançou os seus vizinhos, no progresso do uso do ferro (I Crô. 29:7). Naturalmente, antes do ferro, houve o uso extensivo do bronze, o que assinalou uma era arqueológica (2700 A.C.). O ferro marcou uma outra era. A era do ferro é datada entre 1200 e 300 A.C. Homero tem muitas referências ao ferro, em seus escritos, o que indica que, desde tempos bem remotos, os gregos sabiam explorar e usar o ferro. A arqueologia e as referências literárias antigas também mostram que os etruscos, os egípcios e os assírios sabiam trabalhar o ferro. Têm sido encontrados na região da antiga Assíria instrumentos de bronze, recobertos de ferro. Quando o ferro começou a ser empregado, o cobre e o bronze continuaram sendo usados em armas de defesa, como os escudos; mas as armas ofensivas, como espadas, facas e lanças, eram feitas de ferro, porquanto esse metal é mais duro e pode receber um fio ou uma ponta mais permanente do que o bronze.

Nos dias de Davi, o ferro passou a ser usado em Israel em maior abundância do que o bronze. As conquistas militares dos filisteus serviram para dar aos israelitas o conhecimento do uso do ferro (ver I Sam. 13:19-22). Os filisteus tinham instalações de mineração e de fundição de ferro, em Gerar. Os trechos de Isaías 44:22 e Eclesiastes 38:28 nos dão alguma idéia sobre o trabalho de forja, em Israel. Alguns eruditos têm falado em termos do progresso do ferro, em Israel, nos dias de Davi e Salomão. O ferro era abundante, juntamente com o cobre, na **Arabá**, a região entre o mar Morto e o golfo de Ãcaba, e as minas dali produziam minério de ferro durante o reinado de Salomão. Outros depósitos de ferro incluíam áreas próximas do monte Carmelo, do monte Hermom, a sudoeste de Midiã, em vários lugares da Síria, na ilha de Chipre, na costa do Ponto da Ásia Menor, e nas ilhas do mar Egeu.

Usos do Ferro, Segundo Referências do Antigo Testamento: entre os despojos de guerra (Núm. 31:22; II Sam. 8:8); na fabricação de carros de guerra,

provavelmente veículos recobertos com placas de ferro, com rodas recobertas de ferro (Jos. 17:16,18; Juí. 1:19; 4:3,13); o leito do rei Ogue (Deu. 3:11); a ponta da lança de Golias (I Sam. 17:7); os ferros de machados e machados de guerra (Deu. 19:5; II Reis 6:5,6; Isa. 10:34); instrumentos feitos para cortar pedras (Deu. 27:5); serras, arados, etc. (II Sam. 12:31); um estilete para gravar (Jó 19:24; Jer. 17:1); algemas e correntes (Sal. 105:18; 107:10).

O ferro é um dos mais abundantes metais da crosta terrestre, um pouco mais de cinco por cento do material que forma essa crosta. O ferro natural ou nativo é raro como material da crosta terrestre e, quando é encontrado como tal, resulta da lava despejada pelos vulcões em erupção. A maioria dos meteoritos consiste em uma liga de ferro e níquel: 91% ferro e 8,5% níquel. Os cientistas também acreditam que o núcleo do globo terrestre também é uma combinação desses dois metais. Jóias encontradas no Egito pré-dinástico (antes de 3400 A.C.) exibem o uso de ferro e do níquel, provavelmente derivados de fragmentos de meteoritos. Quando o ferro é misturado ao níquel, torna-se infenso à ferrugem, o que explica sua longa duração, com pouca desintegração. A ferrugem, sem qualquer níquel, associado ao cobre, em instrumentos encontrados no Egito, pertence a uma data como 2700 A.C. Isso pode sugerir que ali havia fundições de minério de ferro, desde épocas bem remotas. Isso é confirmado por remanescentes de antiqüíssimas manufaturas de ferro, em locais da Síria e do Iraque. Uma data tão antiga quanto 7000 — 6000 A.C. tem sido sugerida para a descoberta inicial do ferro, visto que, no Egito, contas de ferro oxidadas, têm sido encontradas, quase com essa antiguidade. Algumas contas, encontradas em El Gerzeh, datam de cerca de 4000 A.C., e instrumentos de ferro começaram a ser feitos na IV Dinastia egípcia (cerca de 3100 A.C.). Alguns desses instrumentos têm sido encontrados no interior da grande pirâmide de Cufu, em Gizé. Supõe-se que instrumentos de ferro eram necessários para serem gravados os hieroglifos em pedras duras. Seja como for, a manufatura *comum* de armas, instrumentos e ornamentos, feitos de ferro, só começou já na Idade do Ferro (cerca de 1200 A.C.).

Usos Figurados. A força e a resistência físicas assemelham-se ao ferro (Deu. 33:25; Miq. 4:13; Jó 40:18; Dan. 7:7,19). A quarta besta da visão de Daniel tinha dentes de ferro, e aparece como um animal de ferro, no segundo capítulo do livro de Daniel. O seu reino é visto como tendo artelhos compostos de ferro e barro, ou seja, com um ponto de fortaleza e um ponto de fraqueza. O império romano, em seu futuro reavivamento final, é assim retratado. Qualidades morais, como a inflexibilidade, de boa ou de má qualidade, também são assim retratadas (Jer. 1:18; Isa. 48:4). Isso pode ser comparado com a metáfora de pessoas de dura cerviz, teimosos em seus caminhos malignos (Êxo. 32:9; 33:3,5; I Crô. 30:8). A seca prolongada produz um solo duro como o ferro (Lev. 26:19). A escravidão é simbolizada por algemas de ferro (Deu. 28:48). A aflição é simbolizada por uma fundição (Deu. 4:20). O castigo divino é simbolizado da mesma maneira (Eze. 22:18,20). Assim como o ferro pode ser usado para afiar o ferro, assim também um amigo melhora a fisionomia de um seu amigo. Em outras palavras, um amigo torna seu companheiro melhor em muitos sentidos. Os crentes aguçam-se mutuamente em suas graças e dons espirituais. Os mestres aguçam as mentes de seus alunos. A panela de ferro, de Ezequiel 4:3, parece indicar defesas contra o inimigo, como trincheiras, parapeitos, fortificações, etc. Para Israel, isso servia de sinal de que o cativeiro babilônico avizinhava-se cada vez mais, e que os judeus precisavam preparar a sua defesa, o que, entretanto, seria inútil. Também falamos sobre uma vontade de ferro, indicando uma resolução firme, inflexível.

FERROLHO

No hebraico, **naal**, «fechar». A palavra aparece por seis vezes. Indicava a tranca das portas de madeira ou de ferro que os hebreus usavam para fechar portas de casas (II Sam. 13:17,18; Can. 5:5), portas de cidades (Nee. 3:3,6, 13-15), portas de prisões (Isa. 45:2) etc. A raiz dessa palavra era idêntica ao vocábulo que se referia ao couro ou às sandálias. Talvez por isso a semelhança com a palavra para ferrolho, pois tinham a forma de lingueta. É verdade que também havia portas dotadas de trancas de madeira ou de metal, mas também eram conhecidos os ferrolhos tipo lingueta. Ver Nee. 3:3,6,13-15. Portanto, havia dois sistemas: um deles precisava ser posto no lugar pelo lado de dentro (trancas); e o outro, por meio de uma chave, podia ser destravado pelo lado de fora (Juí. 3:23 *ss*). Ver também *trancas* e *fechaduras*.

FERRUGEM

No hebraico, **chelah**, «zinabre»; no grego, **brosis**, «desgaste» ou «alimento», pois é palavra com duplo sentido, e *iós*, «ferrugem» ou «veneno». A oxidação de certos metais produz um depósito à superfície dos mesmos que, dependendo de sua natureza, chamamos de *zinabre* ou «ferrugem». A palavra hebraica aparece por cinco vezes, em Eze. 24:6,11,12; *brosis*, com o sentido de «desgaste», aparece em Mat. 6:19,20; e *iós* aparece por três vezes, Rom. 3:13; Tiago 3:8 e 5:3.

Nas referências bíblicas, a idéia tem conotações simbólicas. O zinabre que se forma em um tacho de bronze, onde a comida é preparada, torna-se símbolo da iniqüidade não expurgada dos habitantes de Jerusalém, dentro da parábola de Ezequiel (24:6-13). Nos trechos do Novo Testamento, uma acusação similar é feita contra os acumuladores de riquezas mal adquiridas, sob o simbolismo do «desgaste» ou da «ferrugem» que ataca as moedas. Quanto a *iós*, nossa versão portuguesa a traduz por «veneno», em Rom. 3:13 e Tia. 3:8; e por *ferrugem*, em Tia. 5:3. Em qualquer um dos casos, a questão é se a ferrugem testifica sobre a duração passageira das riquezas materiais, ou se está em foco o testemunho de que os ricos preferem acumular riquezas, permitindo que as mesmas se estraguem, do que beneficiar seus semelhantes. Talvez esta última idéia ajuste-se melhor ao contexto, pois, no simbolismo apocalíptico, a ferrugem sempre é uma força viva vingativa (ver TDNT, III, pág. 335).

No hebraico, *yeraqon*, «palidez», «esverdeado». As referências bíblicas a certo fungo comum, que atacava as plantações, na Palestina, devido à umidade atmosférica. Se uma plantação sofreu tal ataque, isto constituiu uma calamidade, pelo que a ferrugem era considerada um castigo divino. Essa palavra heb. aparece por cinco vezes, em Deu. 28:22; I Reis 8:37; II Crô. 6:28; Amós 4:9; Ageu 2:17. O trecho de I Reis 8:37 registra uma oração feita por Salomão, no sentido de que Israel fosse livrado dessa praga. A condição oposta era o sopro dos ventos quentes, em tempos de seca. Ver Deu. 28:22-24; I Reis 8:37; II Crô. 6:28. Ambos os extremos eram indesejáveis e todos os extremos usualmente são indesejáveis.

●●● ●●● ●●●

FERTILIDADE, CULTOS DE

Era apenas natural que os homens celebrassem a fertilidade dos campos, dos animais e dos seres humanos em meio a observâncias especiais, sacrifícios e culto religioso, porquanto a sua própria existência depende dessas coisas. Nas religiões primitivas, deuses e deusas representavam ciclos de vida e de fertilidade. Assim, no caso de divindades concebidas como do sexo masculino, a sua vida, as suas forças, o seu casamento e os seus ciclos de vida eram vinculados às estações do ano: a primavera, ao nascimento ou à ressurreição do deus; o verão, ao seu florescimento máximo; o outono, ao seu declínio; e o inverno à sua morte e perda da fertilidade. Um importante mito antigo consistia na busca, feita pela deusa terra, por seu filho ou amante perdido (de acordo com diferentes representações). As lendas de Istar e Tamuz, na Babilônia, de Ísis e de Osíris, no Egito, e de Demeter e Persefone, na Grécia, representam todas elas o ciclo anual de decadência e reavivamento da natureza, ou de nascimento (ou ressurreição) e morte, com uma interminável repetição desse mesmo processo, ano após ano. Um importante livro sobre esse assunto, foi publicado em 1906. Seu autor, James G. Frazer, procurou provar que certo número de cultos promoviam a fertilidade das plantações, dos animais e dos homens, celebrando a morte e a subseqüente ressurreição do mesmo deus. Também havia o casamento sagrado de um deus com uma deusa, com a subseqüente geração da vida, o que também era um tema muito comum nas religiões antigas.

1. *No Egito*. Osíris teria sido morto por seu irmão, Sete; mas, teria sido reanimado por sua esposa, Ísis. Por isso, Osíris passou a ser associado à idéia da ressurreição.

2. *Na Mesopotâmia*. O deus sumério *Dumuzi* (no acádico, *Tamuz*), que originalmente foi apenas um rei de Ereque, mas depois deificado e feito consorte da deusa Inana, faleceu. Então Inana (ou Istar) teria descido ao hades, a fim de ali ressuscitar a seu amante. Essas duas divindades, pois, também estavam envolvidas em uma lenda de matrimônio sagrado. É verdade que histórias sobre descidas ao hades são comuns em muitas culturas antigas; e isso deve ser ligado à percepção humana de que a morte não é o fim de toda a oportunidade, e que há possibilidade de avanço espiritual e de renovação, mesmo após a morte física. Assim também, nos livros apócrifos do Antigo e do Novo Testamentos encontramos relatos de descidas ao hades; e esse conceito reaparece em I Pedro 3:18 — 4:6 e em Efésios 4:8 *ss*. Ver o artigo separado sobre a *Descida de Cristo ao Hades*.

3. *Na Grécia*. Ali, a deusa Persefone (Core), representava o debilitamento da vegetação. Lemos que ela teria sido seqüestrada e conduzida ao hades. Sua mãe, Demeter, ficou a lamentar por ela. Uma religião misteriosa desenvolveu-se em torno da história, a saber, os *Mistérios de Core*, celebrados em Elêusis.

Zeus teria enviado Hermes, a fim de trazê-la de volta à terra. Porém, visto que ela comera parte de uma romã que lhe fora dada por Hades, seu marido, ela só podia passar dois terços do ano, no mundo visível, em companhia de sua mãe. A outra terça parte do ano ela tinha de passar no hades, como deusa da morte. Naturalmente, isso corresponde, de certo modo, às estações do ano, e o tempo em que Persefone ficaria no hades corresponderia ao inverno. Isso posto, essa história de uma descida ao hades expõe um sucesso apenas parcial; mas, pelo menos, ali é embalada a esperança de que, por esse meio, a vida pode ser restaurada. Na mente grega, a imortalidade aparece ligada a essa história, o que se tornou uma parte dos mistérios eleusianos.

A história de Adônis é outro exemplo grego que ilustra o motivo da morte-hades-ressurreição. Adônis, intensamente amado pela deusa Afrodite, teria sido morto na metade do verão por um javali. Ao chegar o inverno, ele seria muito lamentado, através das desolações resultantes, próprias dessa estação do ano. Afrodite ficaria inconsolável e faria formas de vida vegetal renascerem com base no sangue de Adônis. Ela simplesmente não queria desistir dele. E fez pressão sobre Zeus, para que o enviasse de volta do hades à terra. Entrementes, Persefone se enamorara de Adônis. Em vista disso, Zeus resolveu o problema com uma meia-medida. Decretou que Adônis deveria viver metade do ano na terra, com Afrodite; e a outra metade do ano no hades, com Persefone. Uma vez mais, encontramos a situação da primavera-inverno, ou seja, da morte e da ressurreição. A morte de Adônis era lamentada intensamente no culto dos gregos; e a sua ressurreição era celebrada em meio a grandes festividades e muita licenciosidade. Uma das características dessas festividades eram os *jardins de Adônis*. Eram expostos vasos com plantas; mas essa vida dissipava-se rapidamente, outra vez, mostrando como Adônis ficaria transitando entre a terra e o hades. Alguns eruditos supõem que o trecho de Isaías 17:10 refere-se aos jardins de Adônis, quando ali lemos sobre «plantações formosas».

O homem anela por livrar-se definitivamente da morte e do hades. Essas são aspirações humanas comuns, ocultas no mais secreto recesso de seu espírito. Suas próprias religiões e mitos tentam resolver esses problemas, mediante uma esperança profética.

4. *Yahweh e o Casamento Sagrado*. Alguns estudiosos têm pensado que uma parcela dos ensinos sobre Yahweh, de Israel, envolve idéias tomadas por empréstimo dos cultos de fertilidade dos cananeus. Nesse caso, Yahweh teria tido um casamento sagrado, conforme se via, por exemplo, na adoração a Baal. Eles acreditam que o simbolismo usado no Antigo Testamento, de Yahweh como um noivo, e de Israel como uma noiva, seria um reflexo desse antigo culto pagão. E outros também supõem que os conceitos fundamentais da imortalidade, do servo sofredor e da paternidade de Deus derivam-se desses antigos motivos e das idéias dos cultos de fertilidade.

5. *O Novo Testamento e Esses Motivos Antigos*. Alguns estudiosos, naturalmente, não crêem na ressurreição literal de Jesus Cristo. Alguns poucos supõem que o relato do Novo Testamento é a mera continuação do tipo de coisas que descrevemos acima. Cristo seria apenas uma outra figura, parecida com Adônis e Osíris. É inútil tentar negar o motivo da ressurreição, nas religiões antigas, segundo têm negado alguns eruditos conservadores. Mas, aqueles que estudam os escritos clássicos têm plena confiança desse fator, no pensamento grego. Na realidade, porém, a nossa atitude deveria ser diametralmente oposta a isso. Se os povos antigos anelavam por não ser deixados no hades, mediante a descida de algum poder divino, até àquele lugar subterrâneo, quão profundamente nos deveríamos regozijar de que, em Cristo, ambos esses anelos do espírito humano tiveram cumprimento! Karl Jung demonstrou que a psique humana abriga diversos motivos fundamentais. Esses motivos transparecem através da arte, da literatura, da religião e dos mitos. As estórias que os

homens contam são apenas lendárias, mas a realidade que provoca esses mitos é algo perfeitamente real. Anelamos por receber a vida e o livramento. Por essa razão é que a literatura envolve noções de ressurreição e histórias de descidas ao hades. Há algo de grandemente significativo no fato de que o Novo Testamento promove ambos esses conceitos, assegurando-nos que essas coisas, realmente, eram anunciadas pelos primitivos ministros cristãos. Ver o artigo separado sobre *Baal* (*Baalismo*). Talvez ali tenhamos uma antiga narrativa sobre morte e ressurreição, vinculada às estações do ano, com a morte do inverno e a ressurreição da primavera. Nesse artigo há uma descrição sobre a idéia de como esse culto a Baal pode ter influenciado certas crenças do povo de Israel. Não há sentido em tentar negar as aspirações dos povos antigos, que incluíam os motivos da morte-hades-ressurreição. Devemos perceber como essas aspirações foram perfeitamente cumpridas na experiência de Jesus Cristo. (AM E OS Z)

FERVOR (QUALIDADE MORAL)

Ser fervoroso é ser intenso, zeloso e resoluto no propósito tomado. Uma pessoa fervorosa caracteriza-se por sentimentos e convicções profundas, o que é uma virtude bastante rara. Essa qualidade do espírito faz contraste com a atitude de superficialidade, fingimento e vacilação, tão comum em nossos dias. A maioria das pessoas mostra-se fervorosa em raras ocasiões; poucas mostram-se constantemente fervorosas. Jesus Cristo e o apóstolo Paulo servem de grandes exemplos neotestamentários de fervor. Mas, por outro lado, também há aqueles que se mostram férvidos na prática da maldade. Faraó era um homem intensamente maligno. Foi preciso muita coisa para desviá-lo de seus propósitos de destruição. Os ímpios podem ser inspirados por forças satânicas, que os tornam resolutos praticantes da maldade, ao passo que muitos homens bons podem ressentir-se da ausência de convicções fortes. O fervor espiritual progride por meio do desenvolvimento espiritual, porquanto consiste na intensidade da prática da bondade. Ver o artigo sobre *Desenvolvimento, Meios de*.

FESTA DAS SEMANAS

Ver sobre *Festas* (*Festividades*) *Judaicas*, II. 4. b.

FESTA DAS TROMBETAS

Ver sobre **Festas (Festividades) Judaicas**, II. 4. f.

FESTAS E COLHEITAS

Ver sobre **Festas (Festividades) Judaicas**.

FESTAS E FESTIVIDADES DA IGREJA

Ver o artigo separado sobre o *Calendário Eclesiástico*.

FESTAS (FESTIVIDADES) JUDAICAS

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Festividades do Antigo Testamento
III. Festividades Após o Exílio Babilônico
IV. Gráfico do Ano Sagrado dos Judeus
V. Festas e Festividades do Novo Testamento
VI. Festas e Festividades do Judaísmo Moderno

I. Caracterização Geral

As festas assinalam importantes momentos de transição ou acontecimentos de vulto na vida do indivíduo, de uma comunidade ou de uma nação. Datas importantes, como aniversários, aquelas que comemoram acontecimentos significativos, as estações do ano que envolvem a fertilidade, a colheita, ciclos anuais importantes, casamentos, nascimentos, falecimentos, circuncisão, a maioridade, supostos eventos na vida dos deuses, salvadores, heróis, santos, etc., geralmente os homens transformam em motivo para algum tipo de festa ou festividade. Visto que Israel era, essencialmente, uma nação que promovia o culto religioso e não as ciências e as artes, aquela nação desenvolveu muitas festividades importantes que refletiam aspectos de sua adoração religiosa. Além de ocasiões como as que sugerimos acima, o povo de Israel também comemorava coisas como o desmane de um filho ou de um herdeiro, a tosquia das ovelhas, além de ocasiões especiais para esta ou aquela família.

II. Festividades do Antigo Testamento

1. *Festividades Particulares*. Muitas das modalidades de festas alistadas no primeiro ponto deste artigo, acima, podem ser encontradas nas páginas do Antigo Testamento. Exemplos disso, são: casamentos (Gên. 29:22); o desmame de uma criança (Gên. 21:8); aniversários natalícios (Gên. 40:20); a chegada ou a partida de hóspedes (Gên. 19:3; 27:30); a tosquia das ovelhas (Deu. 18:4; I Sam. 25:2,8,36); os negócios de estado (II Sam. 3:20; Est. 1:3; Dan. 5:1); entretenimentos diversos (Est. 5:4,14; 7:2,7); qualquer ocasião especial (Jó 1:4,5; Isa. 5:12).

Festas Comunais. As festas que envolviam a nação inteira eram festividades comunais ou nacionais e são descritas abaixo:

2. *Festividades Semanais: o Sábado*. O dia de Sábado foi santificado pelo Senhor, a fim de comemorar o ato da criação (Gên. 2:1-3). Sua instituição formal teve lugar após o êxodo (Êxo. 16:23). Também relembrava o descanso que o Senhor conferiu a Israel, libertando esse povo da servidão aos egípcios (Deu. 5:12-15). Assim sendo, o sábado tornou-se sinal do pacto que Deus estabeleceu com Israel. O sábado era observado desde o pôr-do-sol (de nossa sexta-feira) até o pôr-do-sol (de nosso sábado) (Êxo. 20:12,13). Nenhum trabalho podia ser executado nesse dia, sob pena de morte (Êxo. 31:14). Essa provisão, todavia, foi exagerada pelas tradições judaicas até um ponto ridículo. Assim, alguns judeus, do período dos Macabeus, permitiram-se ser massacrados no dia de sábado, —em vez de defenderem, para que não o profanassem (I Macabeus 2:38-41). Ver o artigo separado sobre o *Sábado*. Ver também os artigos intitulados *Domingo, Dia do Senhor* e *Domingo, Identificação com o Sábado*, no tocante às atitudes cristãs a respeito desse dia de guarda.

3. *Festividades Mensais: a Lua Nova*. No início de cada novo mês lunar, ofertas especiais eram feitas, a fim de cumprir os requisitos da lei mosaica (Núm. 28:11-15; Esd. 3:5). Eram tocadas as trombetas (Núm. 10:10), as atividades normais cessavam e eram conferidas instruções religiosas (Isa. 1:13,14). Paulo, naturalmente, via todas essas festas como sombras das realidades espirituais vindouras e não recomendava essa observância para os cristãos e nem se opunha a ela (Col. 2:16). As fases sucessivas da lua nos fazem lembrar a contínua provisão de Deus e o seu dom do tempo.

4. *Festividades Anuais*. Os detalhes sobre essas festividades aparecem nos artigos separados, sobre os pontos abaixo discriminados:

a. *A Páscoa*. Ver o artigo separado com esse título.

Essa festa comemorava a última praga do Egito, do que resultou o livramento de Israel da servidão (Êxo. 21:11,21,27,43,48). A páscoa (ou festa dos pães asmos) era uma das três festividades anuais importantes, sendo observada no décimo quarto dia do primeiro mês do ano judaico. Por sete dias, só se podia comer pães sem fermento e nenhum trabalho podia ser realizado. O primeiro e o último dias eram dias de convocação solene e eram oferecidos holocaustos (Núm. 28:16-25; Deu. 16:1-8). Paulo alegorizava essa festa, vendo Jesus Cristo como nosso Cordeiro Pascal, que foi sacrificado por nós. Conforme ele mostra, em I Coríntios 5:7, o ato de evitar o fermento tipificava o abandono de toda insinceridade.

b. *Festa das Semanas ou Pentecoste*. Essa festa também era chamada *festa da colheita* e *festa das primícias* (Êxo. 23:16; 34:16,22; Núm. 28:26). Originalmente, era uma celebração da colheita. Posteriormente, tornou-se conhecida como *festa de Pentecoste* (que vede), porquanto era celebrada no qüinquagésimo dia a partir do sábado com que começava a páscoa. Fazia-se uma convocação do povo, e eram oferecidas as ofertas e os holocaustos determinados. O trecho de Tobias 2:1 diz que a festa de Pentecoste é a festa sagrada das sete semanas, o que explica a derivação desse seu último nome. No século II D.C., e daí por diante, essa festa tornou-se um memorial da outorga da lei, no monte Sinai, talvez cinqüenta dias após a páscoa (T.B. Pesahaim 68b). A outorga do Espírito Santo, de acordo com o registro do segundo capítulo do livro de Atos, ocorreu nesse dia festivo. Portanto, temos ali o Pentecoste cristão, que assinala o Espírito Santo como aquele que nos veio guiar na vida cristã, em substituição à lei mosaica. Ver o artigo separado sobre o *Pentecoste*.

c. *Festa das Tendas ou Tabernáculos*. Essa festa tinha lugar no sétimo mês do calendário judaico, cinco dias após o dia da Expiação e prosseguia por sete dias (Êxo. 23:16,17; 34:22). O primeiro e o oitavo dias desse período eram dias de descanso. Eram feitas tendas toscas, com ramos de palmeiras, folhas e raminhos; e, durante aquela semana, o povo habitava nessas tendas. Essa experiência comemorava como Israel fora forçado a viver, quando Deus os tirou do Egito (Lev. 23:33-43). Todas as famílias de Israel e a comunidade inteira, tinham um período de intenso regozijo, porquanto estavam celebrando a sua libertação (Deu. 16:13-15). Eram oferecidos sacrifícios especiais. Eram recolhidos frutos próprios da estação, em memória à provisão divina, que sempre fora adequada, mesmo nos momentos mais cruciais.

d. *Dia da Expiação*. Ver o artigo separado com esse título e também sobre *Expiação*. Essa observância ocorria no décimo dia do mês sétimo, Tisri (Núm. 29:7-11). Havia todo um cerimonial de expiação simbólica, do qual participavam os sacerdotes e o povo. Era enviado ao deserto o bode Azazel (que vede), — que simbolizava o ato de fazer dissipar os pecados do povo. Ver Lev. 16:8,10,26, no tocante a esse particular. Era um dia de ritual, de descanso e de jejum. Havia uma santa convocação e muito se lamentava pelos pecados, paralelamente à atitude de arrependimento.

e. *Dia do Ano Novo*. Os eruditos debatem se, no antigo Israel, havia mesmo ou não essa celebração. Em caso positivo, provavelmente seguia o modelo da festa babilônica *Akitu*, que ocorria na primavera de cada ano. Essa festa celebrava a renovação do reinado do deus *Marduque* sobre os seus seguidores. Alguns estudiosos acreditam que o reinado de *Yahweh*, sobre Israel, era similarmente observado. Esses vêem evidências para essa opinião em Salmos 47,93,96 — 99, os chamados «salmos de entronização». Se isso é verdade, então é possível que uma festa similar tenha sido realizada por Jeroboão, no oitavo mês do calendário judaico. Isso servia como festa alternativa, no reino do norte, para a festa que se celebrava em Jerusalém, no reino do sul, após a divisão do reino em dois, Israel e Judá (ver I Reis 12:32).

Contra essa teoria, temos o argumento de que não há qualquer menção clara, na Bíblia, a uma festa assim no primeiro mês do ano judaico. A festa das trombetas tinha lugar no sétimo mês e não no primeiro mês, ou Nisã. O trecho de Êxo. 12:2 mostra que Nisã era o primeiro mês judaico. Os livros apócrifos, bem como os escritos de Josefo e de Filo não mencionam qualquer festa do Ano Novo, embora faça parte dos informes dados em um tratado intitulado *Rosh Ha-Shanah* (no hebraico, «dia do ano novo»). Exatamente qual a antiguidade dessa observância e qual a sua natureza exata, permanecem pontos debatidos. Alguns intérpretes supõem que a festa das trombetas era, originalmente, a festa do Ano Novo, mas que foi transferida para o outono.

f. *Dia das Trombetas*. É possível que, no começo essa fosse uma festividade celebrada no Ano Novo, embora o ponto seja motivo de debates. Ver Núm. 29:1 e Lev. 23:24. Esse dia sempre caía em um sábado. Eram oferecidos sacrifícios e o labor cessava. Era também tempo de arrependimento e de exercícios religiosos. Era efetuada no primeiro dia do sétimo mês judaico. Alguns pensam que as trombetas referem-se à convocação do povo e que poderia ser um ato profético acerca do recolhimento e restauração do povo de Israel. A tradição não se mostra clara sobre o que o toque das trombetas indicava.

III. Festividades Após o Exílio Babilônico

1. **Purim.** Essa festa (ver o artigo separado a respeito) tinha lugar nos dias 14/15 do mês de Adar (mais ou menos, nosso mês de março). Comemorava o livramento de Israel por intermédio da rainha Ester. Ver Ester 9. Foi estabelecida por Mordecai, no tempo do rei Assuero, da Pérsia. Era dia de festas e alegria, que comemorava a derrota de Hamã. E isso fornece a eterna esperança de que o povo de Deus sempre será livre dos esquemas diabólicos. A observância dessa festa é confirmada em II Macabeus 15:36. Ali, essa festa chama-se *Dia de Mordecai*. Em tempos posteriores, passou a ser observada com a inclusão da leitura do livro de Ester, nas sinagogas. As pessoas comiam, bebiam, alegravam-se e trocavam presentes.

2. *Hanukkah ou Dedicação*. Essa era uma festa que não é mencionada no Antigo Testamento. Celebrava a recuperação e purificação do templo de Jerusalém, por Judas Macabeu, em 164 A.C., depois que fora contaminado por Antíoco IV Epifânio. Também é chamada de *Festa das Luzes*, porque começava com o acender de uma vela, no primeiro dia, com duas no segundo e assim sucessivamente, até haver oito velas, no último dia. Ver T.B. *Sabbath*, 21b. Começava no dia 25 de dezembro (mês de Quisleu, do calendário judaico). O trecho de João 10:22 chama-a de «festa da dedicação».

3. *Dia de Nicanor*. Depois de 160 A.C., no décimo terceiro dia do mês de Adar, havia uma comemoração da vitória sobre Nicanor, general sírio. Ver I Macabeus 13:51,52. Ver o artigo separado sobre *Nicanor*.

IV. Gráfico do Ano Sagrado dos Judeus

ANO SAGRADO JUDAICO

Mês	*Festa e Observação*
Nisã (abril)	14 — Páscoa 15 — Pães asmos 21 — Encerramento da Páscoa
Sivã (junho)	6 — Pentecoste, sete semanas após a a páscoa: outorga da lei mosaica
Tisri (outubro)	1 — Festa das Trombetas (*Rosh Hashanah*), 2 — Começo do ano civil 10 — Dia da Expiação 15 — Festa dos Tabernáculos 21
Quisleu (dezembro)	25 — Festa das Luzes (*Hanukkah*)
Adar (março)	13 — Festa de Nicanor 14 — Festa de Purim

V. Festas e Festividades do Novo Testamento

1. *Festas Judaicas Ali Mencionadas.* Sábado, páscoa, pães asmos (Mat. 26:17; Mar. 14:1; Luc. 22:1; João 7:2); tabernáculos, dedicação (João 10:22); pentecoste (Atos 2). São aludidas nada menos de quatro festas da páscoa, durante os dias do ministério de Jesus: João 4:45; 5:1; 6:4; 12:1 *ss*. Nessa ocasião, era costumeiro soltar algum prisioneiro (Mat. 27:15; Mar. 15:6).

2. *Interpretações Alegóricas.* a. Cristo é o nosso Cordeiro Pascal (I Cor. 5:7 *ss*). b. Sábados, luas novas e dias festivos eram apenas sombras das realidades superiores que nos são dadas em Cristo (Col. 2:16,17). c. O sábado simboliza o nosso eterno descanso e redenção em Cristo (Heb. 4:1 *ss*). d. A expiação refere-se ao sacrifício perfeito e final de Cristo, na qualidade de nosso Sumo Sacerdote (Heb. 8:1 *ss*).

3. *Fim da Observância de Festas Simbólicas.* Em Jesus Cristo não é mais necessário observar dias especiais; mas, se alguém quiser observá-los, tem a liberdade para fazê-lo. Se o crente quiser observar ou não, deve fazer tudo para agradar o Senhor (Rom. 14:4 *ss*).

4. *Festividades Gerais.* — Jesus repreendeu os fariseus porque tanto se preocupavam em ocupar os melhores lugares nas festas religiosas e nos banquetes, por quererem ostentar-se (Mat. 23:6). Havia festividades que comemoravam eventos especiais, à parte das festas nacionais mencionadas no Antigo Testamento, o que fica subentendido em Lucas 14:13. Jesus fez-se presente a uma festa de casamento, no decorrer da qual realizou o seu primeiro milagre (João 2:8 *ss*).

5. *Festas Pagãs.* As comunidades religiosas pagãs e as guildas comerciais tinham seus dias de comemoração, quando ofereciam carnes aos ídolos. Essas carnes eram expostas, durante algum tempo, no interior dos templos; e, em seguida, eram trazidas para os banquetes. Um cristão, que se fizesse presente a um desses banquetes, enfrentava uma questão de consciência, de difícil solução. O apóstolo Paulo permitia liberdade quanto a essa questão; mas eliminou totalmente o consumo de tais carnes e a participação em tais banquetes, se isso fosse ofensivo para algum irmão na fé (I Cor. 10:27). O trecho de Apocalipse 2:14,20 demonstra que, em alguns lugares, onde havia cristãos, essa prática era simplesmente proibida, uma posição mais radical que aquela expressa por Paulo.

6. *A Festa de Amor.* A Ceia do Senhor ou Eucaristia era celebrada, nos dias do cristianismo primitivo, juntamente com uma refeição e não consistia somente na ingestão de pequena quantidade de pão e de vinho. De fato, a palavra «ceia» indica uma refeição. Esse banquete era chamado *agapé*, no original grego. Ver o artigo sobre *Eucaristia*. Ver também sobre essa palavra grega, no NTI, nas notas expositivas sobre Judas 12.

7. *Festa de Casamento Espiritual.* Jesus lançou mão do símbolo de uma festa de casamento a fim de ilustrar a concretização futura do reino de Deus, entre os homens. Isso ele fez na parábola das dez virgens (Mat. 25:1 *ss*), do casamento do filho do rei (Mat. 22:2 *ss*) e do grande banquete (Luc. 14:15 *ss*). Jesus comparou o seu relacionamento com os seus discípulos com aquele vínculo de amizade que une um noivo e os seus convidados (Mat. 9:15). E João Batista aparece como o amigo ou padrinho do noivo, por ter sido o precursor desse relacionamento amistoso (João 3:29). No último livro da Bíblia também temos menção à festa de casamento do Cordeiro (Apo. 19), quando a Igreja, a Noiva de Cristo, entrará em sua glória, por ocasião da *parousia* (que vede). A universalidade da mensagem do evangelho é referida sob o simbolismo de um banquete que atrai seres humanos provenientes de todos os lugares, do Oriente e do Ocidente, para virem banquetear-se juntamente com Abraão, Isaque e Jacó (Mat. 8:11).

8. *A vida cristã inteira*, por causa de suas alegrias e múltiplas bênçãos, é apresentada sob a figura de uma festa (I Cor. 5:8).

9. *O Banquete do Juízo Final.* O julgamento divino é retratado como um banquete com sacrifícios (Isa. 34:5 *ss*, Eze. 39:17). Esse simbolismo também é empregado em Apo. 19:17 *ss*, referindo-se ao julgamento que ocorrerá por ocasião da *parousia*, quando então os ímpios serão julgados e suas carnes serão consumidas pelas aves. Está em pauta o *Armagedom* (que vede).

VI. Festas e Festividades do Judaísmo Moderno

-Sábado (cada sétimo dia, do pôr-do-sol a pôr-do-sol).

-Páscoa (*pesach*), mês de Nisã, dias 15-22. Quatro dias intermediários são observados por alguns judeus. Os judeus reformados observam somente o primeiro e o sétimo dias.

-Semanas (*shabuot*), mês de Sivã, dias 6 e 7. Os judeus reformados observam somente o primeiro dia. O nono dia do mês de Ab (Tishab' Ab), não é observado pelos judeus reformados.

-Expiação (*yom ha Kippurim*), mês de Tisri, décimo dia.

-Tabernáculos (*sukkot*), mês de Tisri, dias 15 a 20. Os dias intermediários são observados de vários

modos, por diferentes grupos judeus, como dias semifestivos. O primeiro e o oitavo dias são observados pelos judeus reformados, — em vez de observarem o primeiro, o segundo, o oitavo e o nono dias, conforme fazem outros judeus. Celebrações adicionais seguem-se ao vigésimo primeiro dia de Tisri: o Grande Hosana, não observado pelos judeus reformados, no dia 21. Há uma solene assembléia, no dia 22. Há regozijo por causa da lei mosaica, não observada pelos judeus reformados, no dia 23.

-Dedicação, uma festa religiosa de oito dias, que envolve semiferiados.

-Purim (*Ta'anit Esther*), no mês de Adar, dias 14 e 15, que não é observado pelos judeus reformados. Essa festa é combinada com a festa do lançamento de sortes.

Várias Festas Religiosas Secundárias. Lua Nova, Dia Menor da Expiação (um dia de jejum antes da lua nova); K Lag-Bo-omer, no dia 15 dos meses de Shebat e de Ab (no meio do inverno e no meio do verão, um tanto paralelo ao nosso Dia da Árvore). Há várias celebrações locais entre diferentes comunidades judaicas. Nenhuma dessas festas secundárias, contudo, é observada pelos judeus reformados. (AM E MOR ND Z)

FESTIVIDADES E DIAS SANTOS DA IGREJA

Ver sobre **Calendário Eclesiástico**.

FESTO, PÓRCIO

A passagem de Atos 24:27 mostra-nos que Pórcio Festo substituiu a Marcus Antonius Félix como governador da Judéia, tendo sido nomeado para o cargo pelo imperador Nero, em cerca do ano 60 D.C. Para que entendamos a situação em que ele entrou, no tocante a Paulo, ver o artigo sobre *Félix*. Paulo esteve na presença de Félix por várias vezes, a fim de defender-se das injustas acusações dos judeus incrédulos, por causa das quais ele fora detido em Jerusalém, então transferido para Cesaréia, a fim de ser protegido dos judeus fanáticos, que queriam tirar-lhe a vida. Félix deixou-o aprisionado durante dois anos, na esperança de receber algum suborno. Mas isso não sucedeu. Paulo cansou-se de ficar sofrendo a injustiça, e assim apelou para César, para ser julgado diante dele, como cidadão romano que era. Esse apelo foi feito ao governador Festo, — que, em vista disso, foi forçado a enviar Paulo a Roma.

Somente três dias depois de sua chegada em Cesaréia, ele subiu a Jerusalém, onde os oficiais judeus continuaram sua companha de perseguições contra o apóstolo Paulo, na tentativa de envenenar a mente de Festo contra Paulo. Eles exigiram que Paulo fosse levado a Jerusalém, para ali ser julgado. Porém, o verdadeiro propósito deles era assassinar Paulo no caminho para Cesaréia. Festo, contudo, se recusou a anuir aos desejos deles. Após oito dias, ele convocou Paulo e perguntou-lhe se ele estava disposto a ser julgado diante dele, em Jerusalém. Paulo percebeu imediatamente o golpe de astúcia; e, naquele momento, resolveu apelar ao tribunal de César. Foi durante aqueles dias que Herodes Agripa e sua irmã, Berenice (ver os artigos separados sobre eles) fizeram uma visita a Festo. Sendo um famoso prisioneiro, naturalmente, Paulo despertou a curiosidade deles. Assim, Paulo foi novamente convocado e, diante deles, entregou o seu famoso discurso de defesa, registrado em Atos 26. Paulo narrou a história de sua conversão, tendo impressionado profundamente aos seus nobres ouvintes. Agripa julgou-o inocente (Atos 26:32), tendo observado que, se ele não tivesse apelado para César, poderia ser libertado imediatamente. Não obstante, podemos ter a certeza de que o destino de Paulo estava sendo controlado o tempo todo e que a viagem para Roma, seu período em Roma, sua soltura, seu ministério subseqüente, seu novo aprisionamento e, finalmente, sua execução, faziam parte de sua missão neste mundo. Portanto, os «poderiam ser» dos homens, não se aplicam a indivíduos espirituais.

Alguns outros poucos fatos são conhecidos no tocante a Festo. Ele subjugou os sicários (assassinos do partido dos zelotes) à força. Também procurou livrar a Palestina dos ladrões e dos mágicos. Pôs-se ao lado de Agripa, contra os judeus, que haviam edificado uma elevada muralha para impedirem-no de ver o átrio do templo, desde a sua sala de jantar. Isso impediu que ele vigiasse aquela área do templo, e não foi uma providência aceitável para os romanos. Entretanto, quando o caso foi levado a juízo, o imperador Nero decidiu-se em favor dos judeus, e a parede continuou de pé. Festo morreu após ter ocupado o ofício de governador somente por dois anos.

FETICHISMO

Primariamente, o **fetiche** é um objeto natural, no qual, segundo alguns acreditam, habitaria um espírito; ou então é um objeto que representa um espírito que, através de certas cerimônias mágicas, ou ritos religiosos, pode ser atraído, a fim de fazer algo em favor do seu adorador. Portanto, o *fetichismo* é uma forma de religião em que são empregados fetiches, como uma parte importante do culto. Em segundo lugar, a palavra *fetiche* aplica-se a qualquer objeto, conceito ou pessoa a que uma pessoa tem grande devoção. Augusto Comte aplicava esse vocábulo à adoração à natureza; mas esse sentido é geralmente rejeitado hoje em dia. A palavra fetiche também tem sido usada como sinônimo de *ídolo*, pelo que, nesse sentido mais frouxo, o fetichismo é a mesma coisa que a idolatria. Se insistirmos em estabelecer alguma distinção entre idolatria e fetichismo, então diremos que, no fetiche, supostamente habita algum poder espiritual, ao passo que, na idolatria normal, não há tal idéia, pois o ídolo é apenas um *símbolo* de um deus ou de um poder espiritual. Por sua vez, o amuleto distingue-se do fetiche porque o primeiro supostamente teria um poder inerente, e não porque no mesmo habite algum espírito. Um amuleto, contudo, pode ser usado como um fetiche, se algum sacerdote ou shaman puder convencer um espírito a residir no mesmo.

Funções dos Fetiches. Supostamente, os fetiches têm muitas utilidades, em sentido geral, conferindo proteção, impedindo doenças ou mesmo curando-as, assegurando o sucesso, derrotando os adversários, provocando o nascimento de crianças e outorgando vantagens financeiras. Se um fetiche falha, então é lançado fora e substituído por outro. Em uma tribo ou comunidade, um fetiche, quando aparentemente logra bom êxito, assume a posição de um deus.

Na Psiquiatria. Nesse ramo da ciência, um fetiche usualmente refere-se a algum prazer sensual ou sexual derivado da fixação da atenção sobre alguma porção do corpo ou sobre alguma peça de roupa que pertence à pessoa que é objeto do desejo sexual. Se o indivíduo não der atenção especial àquela parte do corpo, ou a peças específicas de roupa, para tal indivíduo a satisfação sexual torna-se difícil, se não mesmo impossível. Trata-se de uma espécie de fixação, de

uma pequena aberração que, algumas vezes, chega ao ponto de ridículo.

FETICÍDIO

Essa palavra significa «assassinato de um feto». Teólogos, filósofos e médicos continuam discutindo sobre a grande seriedade do aborto provocado. Em um dos extremos, há aqueles que não vêem qualquer coisa de errado no aborto, chegando a supor que o feto sente pouca ou nenhuma dor, nesse processo. No outro extremo, há aqueles que pensam que o feto sente dores excruciantes, e que um feto já deve ser classificado como um ser humano. De acordo com esta última posição, o feticídio é um assassinato. Oferecemos um artigo detalhado sobre esse problema, sob o título *Aborto*.

FEUDALISMO

Esse foi um tipo de governo e de estado social que dominou a Europa entre os séculos IX e XV D.C. O poder político decisivo repousava sobre uma aristocracia latifundiária (os barões). O poder estava investido nos *feudos*, isto é, nas propriedades em forma de terra, manobradas por algum homem poderoso, que as usava como seus domínios. Essas concessões de terras com freqüência eram concedidas por alguma autoridade ainda maior, como o rei ou o papado, a um homem poderoso e capaz, que as administrasse. Por sua vez, o explorador das terras, ou barão, recompensava ao concessionário, sob a forma de taxas, emolumentos e serviços prestados. Os senhores feudais supriam homens para os exércitos do governo central, para que este pudesse declarar guerra às nações inimigas. O chefe de estado tinha vassalos, que o serviam, tal como ele mesmo servia ao poder superior. Isso estabelecia um sistema de *interdependência*.

Visto que a Igreja Católica Romana da Idade Média contava com muitas terras, viu-se muito envolvida no arranjo do feudalismo. Assim, a Igreja Católica Romana adquiriu um imenso poder secular e econômico, por meio desse sistema, chegando a rivalizar com os governos, que também estavam envolvidos no mesmo tipo de arranjo da sociedade. Dentro dos grandes movimentos econômicos do mundo, o feudalismo acabou sendo substituído pelo capitalismo. O feudalismo, visto que escravizava os homens, conforme fazem todos os sistemas econômicos, quando abusam dos direitos individuais, foi um degrau de melhoramento além da escravidão legalizada.

FEUERBACH, LUDWIG

Nasceu em 1804 e faleceu em 1872. Foi um filósofo hegeliano e teólogo. Nasceu na Alemanha. Educou-se em Heidelberg, Berlim e Erlangen. Em Berlim, estudou sob Hegel. Não se vinculou a nenhuma universidade, mas dava conferências públicas. Era financeiramente sustentado pelos interesses de sua esposa, na indústria de porcelana.

Idéias:

1. A religião seria criada quando os homens projetam qualidades humanas em algum objeto de sua adoração. Assim, a trindade divina refletiria faculdades humanas, como a razão, a vontade e o amor.

2. A divindade não seria transcendental, mas seria criada e estaria contida na autoconsciência humana. Portanto, sua teologia, na realidade, era uma forma de antropologia.

3. Quando deixamos de projetar qualidades que podem ser classificadas como divinas, então entramos no estado do ateísmo. Nesse estado, podemos avaliar com maior exatidão as nossas limitações e possibilidades humanas. No ser humano individual encontramos muitas limitações e imperfeições. Porém, a humanidade, considerada do ponto de vista de seu passado remoto, e projetada para seu futuro ilimitado, parece desconhecer limitações. Isso guinda o homem à divindade, e terminamos criando uma religião da humanidade. Para ele, a verdadeira imortalidade, para o indivíduo, não passava de um sonho sem substância.

4. Sua ontologia era basicamente materialista e sua gnosiologia estava alicerçada principalmente sobre a percepção dos sentidos, ligada ao seu uso da razão. Todas as declarações acerca de Deus eram por ele traduzidas como declarações acerca do homem.

Feuerbach exerceu considerável influência sobre o pensamento teológico e filosófico. Karl Marx e F. Engels tiraram proveito de alguns de seus temas. Porém, sempre que transformamos o homem em um deus, isso acaba resultando em uma profunda miséria. Até mesmo certas formas de ciência têm ultrapassado essa maneira de pensar.

Escritos. Thoughts on Death and Immortality; On Philosophy and Christianity; The Essence of Christianity; The Essence of Religion. (EP F P)

FIAÇÃO

Trata-se da antiga arte de torcer fibras naturais para formar um fio contínuo, mais tarde usado no fabrico de tecidos. Essa habilidade é mencionada tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Suas origens perdem-se na mais remota antiguidade. Os restos pertencentes à era paleolítica dão sinais de que os homens sabiam costurar e cerzir, sendo perfeitamente possível que a fiação já fosse também conhecida por eles. Desse período têm sido encontradas excelentes agulhas de ossos, com buracos bem feitos. Portanto, é possível que eles usassem fibras afiadas e não tendões ou tiras de couro bem finas. Desde a mais remota antiguidade havia fibras vegetais, sobretudo o algodão e o linho. É mesmo possível que a arte da fiação tenha surgido nas culturas à beira dos vales de rios onde essas plantas eram cultivadas. Os primeiros instrumentos, de uma era ainda não mecânica, foram o gancho, usado como um fuso e a vareta curta, usada como roca, onde o fio ficava enrolado. Visto que esses instrumentos eram feitos usualmente de madeira, não sobreviveram até nós e só aparecem ilustrados nas pinturas e gravuras dos túmulos antigos. Em certos lugares da Palestina também têm sido encontrados carretéis de pedra, onde o fio ficava enrolado. É possível que o raro vocábulo hebraico *kishor* seja uma alusão a um desses carretéis de pedra. Ver Pro. 31:19, onde a nossa versão portuguesa diz «fuso».

O verbo hebraico que significa «fiar» (*tavah*), aparece somente em Êxo. 35:25,26, dentro do contexto das ofertas feitas pelos israelitas para a ereção do tabernáculo, no deserto. Em Israel, a fiação era um trabalho tipicamente feminino. Por isso, as tradições rabínicas registram a admiração dos judeus quando encontraram homens babilônios que fiavam. E a literatura judaica profana refere-se aos vários tipos de fios, bem como o uso que tiveram na construção do tabernáculo e do templo de Jerusalém.

No Novo Testamento, o verbo grego *nétho*, «fiar»,

aparece somente por duas vezes, em Mat. 6:28 e em Luc. 12:27, sempre como ilustração acerca dos lírios do campo, que «não trabalham nem fiam». E esse verbo grego também é usado pela Septuaginta para traduzir as passagens do livro de Êxodo que falam em fiar, embora seja usada uma forma variante do termo grego, *néo*, «fiar».

Os gregos sabiam fiar, o que é ilustrado em um bom número de pinturas feitas em vasos antigos, além de ser uma arte aludida por grande número de autores clássicos, em verso e em prosa, entre os quais podemos citar Eurípedes e Aristófanes. Como já dissemos, entre os judeus, era um trabalho deixado ao encargo das mulheres. Jesus, em um de seus sermões, vincula a idéia à idéia de trabalho árduo. De fato, a fiação era um trabalho necessário e constante, na antiga cultura do Oriente Próximo e Médio.

FIADOR, JESUS COMO

Heb. 7:22; de tanto melhor pacto Jesus foi feito fiador.

Ver o artigo sobre *Pactos*.

Fiador. No grego é usado o termo *egguos*, «patrocinador», «fiador», termo usado somente em Heb. 7:22 em todo o N.T. É possível que a escolha dessa palavra, em vez de *mediador* (Heb. 8:6), talvez se tenha dado devido à influência da similaridade de som do termo grego que figura em Heb. 7:19, traduzido por «nos chegamos». Sim, chegamo-nos através do nosso fiador, Cristo. Essa palavra é formada por «en» (em) e «gualon» (a palma da mão). Portanto, um fiador é «algo posto na mão», como garantia de boa fé acerca da barganha feita. O vocábulo «eggue» indica a própria fiança, ao passo que «egguos» é o fiador. Mas, em sentido bem real, Jesus se tornou a fiança do cumprimento das provisões do novo pacto. Ele é a garantia, dada por Deus aos homens, porquanto Cristo é o Pioneiro do caminho. E, por ser o fiador, ele é também o mediador do pacto, o que é salientado em Heb. 8:6. Ora, tudo isso foi dito a fim de garantir aos leitores a certeza do acesso a Deus, a certeza do eterno bem-estar que nos é dado através da missão remidora de Cristo. O eterno Filho de Deus é quem garante isso. Ele é o «patrocinador» do plano, aquele que o executa. Muito ele sacrificou, visando o sucesso desse plano; ele não pode falhar. Ele viveu para garantir que o mesmo não falhará.

«Quando um homem de posses modestas entra em uma obrigação financeira, mas um amigo rico se torna seu 'fiador', então fica seguro. Outros também confiam nele e dele dependem. Esse é o único uso do termo *fiador*, em todo o N.T. A idéia não é que Jesus se tornou nosso fiador perante Deus. A posição é aqui revertida. Jesus é o 'fiador' de Deus para nós! Certamente a superioridade de Jesus, como garantia, não depende da interpretação do Salmo 110. Mas Jesus é a garantia de Deus perante os homens mediante tudo quanto ele era e é, mediante toda a autoridade espiritual que ele tem como Homem, mediante toda a sua profunda sabedoria, refletida em seus ensinamentos, mediante o seu completo sacrifício. Ele mesmo é a garantia de Deus de que o 'pacto' não será desfeito. 'Que mais poderia ele dizer-vos além do que já disse'?» (Cotton, em Heb. 7:22).

«Ele é, ao mesmo tempo, a garantia de Deus perante o homem e a garantia do homem perante Deus, e, por conseguinte, é o Mediador entre Deus e os homens (ver Heb. 8:6)». (Faucett, em Heb. 7:22).

É Cristo, em seu ofício de sumo sacerdote, que serve de «garantia» divina, dada ao homem, de que as provisões do pacto que levam os filhos de Deus à vida eterna, não podem fracassar. O exercício de seu ofício sumo sacerdotal garante tudo isso.

FIANÇA, FIADOR

No hebraico temos a considerar duas palavras e, no grego, uma, a saber:

1. *Arubbah*, «fiança», «garantia». Esse vocábulo ocorre apenas uma vez, em Pro. 17:18.

2. *Arab*, «garantia». Palavra empregada por vinte e uma vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 43:9; 44:32; Jó 17:3; Sal. 119:122; Pro. 6:1; 11:15 e 20:16.

3. *Égguos*, «garantia», «fiança». Termo grego usado somente por uma vez, em Heb. 7:22.

No Antigo Testamento, em todas as ocorrências das duas palavras hebraicas envolvidas, há alusão a alguma pessoa que se torna fiadora ou responsável por outra. De acordo com a legislação mosaica, um fiador era a pessoa que «intervinha» (no hebraico, *arab*) em favor do devedor insolvente e que assumia a responsabilidade pelo pagamento da dívida. Isso o fiador fazia conseguindo o pagamento por parte do devedor, ou desembolsando do próprio bolso a quantia devida.

O ato de intervenção era simbolizado pelo ato de «dar as mãos», conforme se vê, por exemplo, em Jó 17:3; Pro. 6:1, etc., embora a expressão nunca apareça em nossa versão portuguesa, talvez porque não seria entendida pelo leitor comum. De acordo com as passagens envolvidas, ninguém deveria tornar-se fiador de outrem, precipitadamente, isto é, sem antes considerar cuidadosamente se poderia ou não assumir a responsabilidade pela dívida da outra pessoa. O livro de Provérbios por várias vezes mostra a insensatez de quem se responsabilizava pela dívida de outrem.

No Novo Testamento (Heb. 8:22), Jesus intervém como o «garantidor» ou «fiador» das promessas de Deus que nos foram feitas como parte integrante do novo pacto. Em virtude de sua vida, morte expiatória, ressurreição e ascensão à glória celeste, Jesus Cristo tornou-se a garantia divina de que a salvação que foi iniciada em nossas almas, mediante a morte expiatória de Cristo, será necessariamente completada, até a salvação plena, ou seja, até a redenção do corpo. Ver Rom. 8:11: «Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito, que em vós habita». Ver também o artigo intitulado *Dívida, Devedor*.

FICCIONALISMO

Essa palavra exprime a idéia de **Hans Vaihinger** (que vede), de que entidades fictícias, além de conceitos e princípios imaginários, embora úteis, são a base da matemática, das ciências, da filosofia, da lei e da religião.

FICHTE, IMMANUEL

Suas datas foram 1797-1879. Era filho de outro homem famoso, Johann Gottlieb Fichte (que vede). Foi professor de filosofia em Bonn, e então em Tubingen, na Alemanha. Exigia o retorno da filosofia ao princípio da *personalidade*, acreditando que é errado pensar em Deus como um princípio universal, mas não pessoal. Ele enfatizava um teísmo ético que

envolve os homens em questões sociais.

FICHTE, JOHANN GOTTLIEB

Nasceu em 1762 e faleceu em 1814. Nasceu em Rammenku, na Lusácia superior. Estudou em Jena. Introduziu o pensamento kantiano em Leipzig. Viajou para conhecer Emanuel Kant e trocar idéias com ele. Escreveu uma *Crítica da Revelação*, incluindo idéias de Kant. Tornou-se, então, professor em Jena. Disse mais do que as autoridades queriam ouvir e tornou-se o fulcro de uma controvérsia, que, finalmente, levou à sua demissão do corpo de professores daquela universidade. Então fez conferências em Erlangen, Berlim e Konigsberg e, finalmente, serviu como reitor da Universidade de Berlim.

Idéias:

1. Embora fosse fortemente kantiano em suas idéias, no começo de sua carreira de filósofo, desviou-se de Kant quanto a alguns pontos. Ao fazer assim, tornou-se um precursor do idealismo absoluto de Hegel e antecipou algumas noções do *existencialismo* (que vede).

2. *O Ego*. O «ego» é uma entidade autônoma, é um ser ativo. Antes de tudo, postula a si mesmo, ou impõe-se, mediante um ato de consciência primitivo; e, em seguida, postula o *não ego*, ou seja, o mundo objetivo, com base nas aparências. O indivíduo não poderia afirmar que está percebendo um objeto, mas apenas que está pensando que o está percebendo. O indivíduo não pode observar a causalidade, mas somente supor que pode observá-la. Portanto, o indivíduo postularia a causalidade e o mundo externo por meio de procedimentos idealistas subjetivos.

3. Antes mesmo da postulação do «ego» e do «não ego», há o «ego absoluto». Esse «ego absoluto» seria a base de todas as postulações. As atividades da razão seguem a necessidade metafísica de postulação, contrapostulação e síntese. — Por isso é que temos a famosa tríada de Hegel, que, na verdade, se encontrava pela primeira vez, nos escritos e ensinos de Johann Fichte: tese, antítese e síntese. Essa seria a força atuante em todas as fases da existência, em todas as coisas. Essa atividade conquistou para ele o título de «pai do idealismo alemão».

4. *Deus*. Fichte identificava o «ego absoluto» do idealismo ético com a pessoa de Deus. Aparentemente, porém, ele pensava no Deus universal e impessoal, rejeitado por seu filho, Immanuel (ver o artigo anterior), exigindo o retorno da noção de personalidade, quando se fala a respeito de Deus. Portanto, o pai cria em um Deus impessoal e o filho acreditava em um Deus pessoal. Johann Fichte identificava Deus como a ordem moral do mundo, uma mera concepção subjetiva. Isso adquiriu para ele a acusação de ser *ateu*, forçando-o a renunciar a sua cadeira de professor da Universidade de Jena.

5. A atividade postuladora do «ego» requer a qualidade fundamental da *liberdade* na existência humana. A liberdade seria o princípio de toda a atividade existencial. Seria uma atividade livre e autodeterminante, e também um princípio da vida e da mente. Seria a força impulsionadora de todo o progresso e da própria civilização. O «ego», ao exercer a sua liberdade, impõe-se, asseverando a sua própria existência. Em seguida, ele postula o «não ego», ou seja, o mundo exterior a si mesmo. O «ego» e o «não ego» limitam-se um ao outro e interagem entre si. Ambos são expressões do «ego absoluto». E o universo, como um todo, seria um *espírito livre*, e não algo pertencente ao mundo da matéria. Portanto, temos aí o *idealismo* (que vede). O «ego» e o «não ego» seriam dois aspectos diversos do «eu transcendental» ou, meramente, «ego». Esse *ego* pensa sobre si mesmo das duas maneiras descrita (como «ego» e como «não ego»), e assim obtém a autoconsciência. O «ego absoluto», pois, divide-se em aspectos subjetivo («ego») e objetivo («não ego»). O «ego absoluto» é um processo eternamente incompleto, tendo Deus como seu alvo; mas, ao mesmo tempo, é Deus. O «ego absoluto» não é uma substância e, sim, um processo, e que luta para avançar na direção do seu alvo.

6. Visto que o conflito eterno para atingir um ideal faz parte das próprias atividades do «ego absoluto», segue-se que a liberdade é o princípio primário de qualquer *sistema moral*. Os homens são livres e responsáveis por aquilo que eles fazem e são. A autodisciplina é um processo moral, e o seu propósito é desenvolver o ideal da liberdade. A conduta ética é essencialmente social em sua origem, e pública em seu caráter e em sua manifestação. Os deveres são absolutos, devemos fazer o que é certo por sua própria causa, e não meramente por motivos utilitaristas. A razão é a norma dos atos morais e, quando é devidamente consultada, sabe qual é o dever do homem, e também o que é certo e o que é errado. O conceito aristotélico de *virtude* é o princípio normativo da ética de Fichte. Temos o dever de nos aprimorarmos ao máximo, a fim de melhor servirmos à sociedade. Nisso consiste a nossa *virtude*.

Escritos. Attempt at a Critique of All Revelation; On the Idea of a Theory of Science; The Foundations of Natural Rights; A System of Ethics; Way to a Blessed Life; Addresses to the German Nation. (AM E F EP MM)

FICINO, MARSILIO

Suas datas foram 1433-1499. Um filósofo italiano. Nasceu em Figlinas. Educou-se em Florença na Itália. Juntou-se à casa de Cosimo de Médici, que fez dele diretor da Academia Florentina, moldada segundo a Academia de Platão. Ocupava-se no ensino e na tradução das obras de Platão e de Plotino, para o latim. Com a idade de quarenta anos, tornou-se padre católico romano. Pregava na paróquia de Novoli, na catedral dos Anjos, em Florença.

Seu Propósito. Ele procurava unificar idéias cristãs e helênicas, por meio dos conceitos platônicos. Para ele, a verdadeira religião e a verdadeira filosofia seriam idênticas. Ele pensava que as revelações naturais, nos escritos de Platão, não difeririam das revelações especiais do cristianismo e encontrava muitos ensinos éticos comuns a essas duas revelações. Nesse esforço unificador, ele estava apenas secundando o que os pais platônicos da Igreja antiga já haviam feito. Ele acreditava que o alvo de ambas as filosofias é o mesmo: a união final com Deus, mediante uma ascensão interna, da alma. Salientava as *idéias inatas* (que vede), a doutrina platônica das *reminiscências* (que vede) e a imortalidade da alma. Ver sobre a *Imortalidade*.

Ele procurava fazer do platonismo uma espécie de introdução à fé cristã, para as pessoas cultas, da mesma maneira que o fizera Justino Mártir, tantos séculos antes dele.

Escritos. Comentário sobre o Simpósio de Platão; Sobre a Religião Cristã; Teologia Platônica; traduções das obras de Platão e de Plotino para o latim.

FIDEÍSMO

Esse é um conceito, comum à maioria das religiões,

que afirma que a fé antecede à razão, e que as doutrinas religiosas não podem ser estabelecidas mediante meios racionais; tão somente poderiam ser aceitas por atos de fé. No que concerne à metafísica, a razão pode aceitar, mas não pode descobrir e nem comprovar. Em sua forma extrema, temos a posição de Tertuliano, que disse: «Creio porque é absurdo»; ou também a posição de Kierkegaard, de que a religião requer a aceitação de doutrinas que parecem absurdas e contrárias à razão. Nos escritos de Agostinho, bem como de muitos teólogos cristãos, a razão é encarada como auxiliar e complementar, mas sempre sujeita à fé. Tomás de Aquino procurou ensinar que a fé religiosa pode vir através da razão, exceto nos casos de certas doutrinas elevadas, que não podem ser atingidas por meio da razão, embora não lhe sejam contrárias.

O fideísmo repousa sobre a simples fé na validade da revelação; mas mostra-se débil devido ao fato de que toda revelação precisa ser interpretada (pois toda interpretação envolve o uso da razão). Por conseguinte, é impossível separar a fé da razão. Além disso, se Deus nos criou dotados de razão, a fim de usá-la, para que tanto debate a esse respeito? Naturalmente, há experiências místicas que transcendem à razão, em cujos casos precisamos depender da intuição, para chegarmos a compreendê-las.

O vocábulo *fideísmo* só foi cunhado no século XIX, por A. Sabatier e seu círculo de protestantes modernistas, em Paris. Foi cunhado a fim de referir-se ao conceito kantiano de que a razão não pode comprovar as verdades da religião, pelo que os crentes dependeriam da fé, e não da razão. Visto que essa doutrina é contrária à posição do *tomismo* (que vede), a palavra tem sido usada, por alguns pensadores católicos romanos como um termo pejorativo para indicar teorias *subjetivas*, alicerçadas sobre experiências religiosas que desvalorizam o uso da razão, na teologia.

FIDELIDADE

1. *Definição Geral.* A *fidelidade* é caracterizada pela firmeza e pela certeza de propósitos, por uma atitude e uma conduta justas, pela devoção de alguém a uma pessoa ou a uma causa, pela incorruptibilidade, pela sinceridade, pela confiabilidade, pelo cumprimento das promessas e votos feitos e pela lealdade sincera.

As idéias contrárias à fidelidade são a infidelidade, a falsidade, a volubilidade, a duplicidade, a indignidade, etc.

2. *A Fidelidade de Deus.* As idéias básicas da fidelidade de Deus são que o Senhor não é arbitrário e nem displicente, mas antes, é sempre confiável quanto a tudo que diz e prometeu, pois suas palavras são verazes e seguras. Deus aplica essas suas qualidades para benefício dos homens. É um ponto fundamental da fidelidade de Deus que ele é *benévolo*. O amor de Deus é que governa a sua Fidelidade. Ele comprometeu-se em fazer o bem para os homens; e o evangelho mostra de que maneira. A fidelidade de Deus é grande (Lam. 3:23); é extensa (Sal. 36:5) e é permanente (Sal. 100:5). A fidelidade de Deus é demonstrada por sua lealdade aos *pactos* (que vede). Deus é leal aos seus pactos (Deu. 7:9). Contudo, Deus esconde o rosto daqueles que não têm fidelidade, ou seja, que não correspondem à sua própria fidelidade (Deu. 32:20).

Um atributo divino. A fidelidade, como um atributo divino, denota a certeza de que tudo quanto Deus declarou ser sua intenção fazer, terá pleno cumprimento. Isso diz respeito às bênçãos temporais (I Tim. 4:8; Sal. 84:11). Também diz respeito às bênçãos espirituais (I Cor. 1:9). Ajuda os homens a enfrentarem as aflições e as perseguições (I Ped. 4:12,13). A fidelidade de Deus está envolvida em aflições que purificam os homens (Heb. 12:4-12), capacitando-os a perseverar (Jer. 31:40). Finalmente, a fidelidade de Deus contribui para a glória eterna dos remidos (I João 2:25).

3. *A Fidelidade dos Homens.* Existem pessoas que cumprem as suas obrigações (Pro. 13:17), cuja palavra é veraz e digna de confiança (Pro. 14:5). Essa fidelidade deriva-se do próprio Deus (Hab. 2:4). Os homens participam da fidelidade de Deus, de modo a entrarem na glória eterna (I Cor. 1:9; I Tes. 5:24). Essa fidelidade capacita-os a triunfar sobre os sofrimentos (I Ped. 4:19). Esses participam da imutável felicidade de Deus (II Tim. 2:13), contanto que exerçam fé e sigam os padrões da emergente fidelidade divina. Os homens fiéis desincumbem-se de seus deveres com exatidão e entusiasmo (Mat. 25:21,23), como mordomos (Luc. 12:42; I Cor. 4:2), e como testemunhas (Apo. 2:13).

A fidelidade humana reflete-se no serviço prestado ao Senhor (Mat. 24 — 25), na declaração da Palavra de Deus (Jer. 23 — 28; II Cor. 2:17), na ajuda ao próximo (III João 5), sendo exercitada em todas as coisas (I Tim. 3:11). A fidelidade humana é uma qualidade rara (Pro. 20:6), é abençoada por Deus (I Sam. 26:23; Pro. 28:20). É demonstrada em situações que requerem a atitude de confiança (II Reis 12:15; Nee. 13:13).

4. *Homens Fiéis da Bíblia.* José (Gên. 39:22,23); Moisés (Núm. 12:7; Heb. 4:2); Davi (I Sam. 22:14); Hananias (Nee. 7:2); Abraão (Nee. 9:8; Gál. 3:9); Daniel (Dan. 6:4); Paulo (Atos 20:20,27); Timóteo (I Cor. 4:17); Tíquico (Efé. 6:21); Epafras (Col. 1:17); Onésimo (Col. 4:9); Silvano (I Ped. 5:12); Ântipas (Apo. 2:13).

5. *Declarações Fiéis.* As epístolas pastorais contêm cinco declarações que são chamadas de *fiéis*, a saber: I Tim. 1:15; 3:1; 4:9; II Tim. 3:11; Tito 3:8. Além disso, as palavras de Cristo são denominadas de fiéis e verdadeiras, em Apocalipse 21:5 e 22:6.

FIDENS QUAERENS INTELECTUM

Essa expressão latina significa «a fé que busca o entendimento». Agostinho, Anselmo e outros teólogos têm insistido que a compreensão só pode ser dada à mente que a busca por meio da fé, que abandonou o ceticismo. Assim, a fé é o solo onde a verdade pode ser cultivada. O ceticismo, por sua vez, é um deserto, destituído de fertilidade.

FIDES HISTÓRICA

Todos aqueles que se têm envolvido na vida religiosa têm plena consciência do fato de que os filhos de pais religiosos *herdam*, por assim dizer, a fé deles. — Sua fé não procede de experiências e convicções pessoais. Esse tipo de herança também deriva-se de grupos, da sociedade, das tradições religiosas, etc., isto é, de grupos maiores que a família imediata do indivíduo. Sem importar como tenha sido adquirida, a fé assim herdada, distinta da fé pessoal e viva, chama-se *fides historica*. A dificuldade quanto a esse tipo de fé é que ela não tem raízes autênticas, e nem é capaz de oferecer resistência contra os golpes adversos da experiência diária. Os adolescentes e jovens não demoram a abandonar esse tipo de fé

superficial, uma vez que tenham a liberdade de agir por conta própria. Alguns deles, contudo, retornam à igreja e, mediante um encontro real com Cristo, descobrem uma fé viva e pessoal.

A *fides historica*, apesar de suas debilidades, tem algum uso, porquanto pelo menos, injeta na mente alguns elementos religiosos, ainda que, nessa fase, esses elementos sejam estéreis. A responsabilidade dos pais consiste em instilar na alma de seus filhos uma fé mais vital do que essa. A pressão que se verifica nas igrejas evangélicas, de fazer as crianças «professarem a Cristo», levantando as mãos em alguma reunião, vindo à frente e proferindo alguma forma de confissão oral, para então dizer-se que essa criança foi «salva», é uma maneira segura de instilar nas crianças a *fides historica*. Um método muito superior consiste em *ensinar* a criança quanto ao caminho cristão, cultivando nela as virtudes cristãs.

FÍGADO Ver **Orgãos Vitais**, Ponto 4.

FÍGELO

No hebraico, «fugitivo» (?) Juntamente com Hermógenes, ele abandonou o apóstolo Paulo, em um momento em que este precisava de apoio (II Tim. 1:15). Isso pode ter acontecido em Roma ou na Ásia Menor, ou quando Paulo foi detido, ou quando requereu as presenças deles, como testemunhas, quando estava prestes a ser julgado em Roma. É claro que eles o abandonaram com medo de represálias, o que, sem dúvida, constituía uma possibilidade genuína. Não parece que a desistência deles tenha tido motivos doutrinários. Contudo, são contrastados com o leal Onesíforo, que agiu de modo exatamente oposto, tendo ido visitar a Paulo por muitas vezes, na prisão (vs. 16).

FIGUEIRA

No hebraico, há duas palavras envolvidas e, no grego, três palavras, a saber:

1. *Teenah*, «figo», «figueira». Palavra hebraica usada por trinta e oito vezes no Antigo Testamento, como, por exemplo, em Gên. 3:7; Deu. 8:8; Núm. 13:23; Juí. 9:10,11; II Reis 20:7; Sal. 105:33; Pro. 27:18; Isa. 34:4; 38:21; Jer. 5:17; 8:13; 24:1-3,5,8; Joel 1:7,12; Amós 4:9; Zac. 3:10.

2. *Pag*, «figo verde», termo hebraico usado somente em Can. 2:13.

3. *Sũkon*, «figo», termo grego que aparece por quatro vezes: Mat. 7:16; Mar. 11:13; Luc. 6:44 e Tia. 3:12.

4. *Sukẽ*, «figueira». Vocábulo grego usado por dezesseis vezes: Mat. 21:19-21; 24:32; Mar. 11:13,21; 13:28; Luc. 13:6,7; 21:29; João 1:49,51; Tia. 3:12 e Apo. 6:13.

5. *Ólunthos*, «figo verde». Palavra grega usada somente em Apo. 6:13.

Descrição. A **Ficus carica**, que é seu nome científico, é um receptáculo oco, expandido, que contém flores no seu interior e é uma fruta muito suculenta. As flores permanecem ocultas à vista, a menos que o fruto seja cortado ao meio. Há figos de várias espécies, que foram e continuam sendo um dos artigos favoritos na alimentação dos países do Oriente Próximo e Médio. É usado em estado natural ou como passa, numa forma seca. Até hoje, na Palestina, há figos cultivados e figos naturais. Se for bem cultivada, uma figueira pode atingir nove metros de altura, e o seu crescimento é muito rápido. Se for deixada sem cultivo, em um lugar seco e rochoso, a árvore permanece anã, espalhando-se por cima das rochas, sempre muito baixa. O figo tem um formato um tanto similar à pera. Suas dimensões dependem da espécie plantada. Na extremidade do pedúnculo, há uma pequena abertura por meio da qual certo inseto polinizador, chamado vespa do figo, pode entrar. Quando o figo maduro é ingerido, sementes granulosas são esmagadas pelos dentes. E essas sementes são o verdadeiro fruto da figueira. A parte comestível é apenas o receptáculo protetor, que contém os frutos, as *sementes*. No Oriente, há duas colheitas anuais distintas, a cada ano. Os figos de inverno amadurecem em maio ou junho, e os figos de verão amadurecem em fins de agosto ou em setembro. Visto que há duas colheitas anuais, é possível ficar recolhendo figos durante nove a dez meses, na Palestina. Ali, quando uma dessas colheitas falha, isso representa uma catástrofe agrícola.

Uma figueira, se não for atacada por insetos ou por certas enfermidades, pode sobreviver por quatrocentos anos. Plínio mencionou seis variedades, conhecidas em seus dias. Além dos figos, a figueira produz boa sombra, devido à massa compacta de suas grandes folhas verdes. A árvore geralmente é plantada à beira de poços, para manter fresca a água dos mesmos.

Usos Figurados:

1. *Independência financeira e posse de propriedades*. Um dos ideais dos israelitas consistia em que cada indivíduo tivesse sua própria vinha e sua própria figueira, dando a entender seu próprio lugar, com as necessidades básicas da vida à mão, em suas próprias terras, ou produzidas por seu próprio labor. Lemos em I Reis 4:25: «Judá e Israel habitavam confiadamente, cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, desde Dã até Berseba, todos os dias de Salomão». Naturalmente, textos assim aludem à *segurança* pessoal.

2. A figueira, portanto, é um sinal simbólico de *prosperidade* material.

3. Se a figueira não produz, então o resultado é a miséria e a aflição, segundo se vê em Salmos 105:33.

4. A *esterilidade espiritual* é representada pela figueira estéril (ver Luc. 13:6-9).

5. A esterilidade espiritual, oculta pela *ostentação*, é simbolizada pela figueira que tem muitas folhas, mas nenhum fruto (Mat. 21:19).

6. A figueira *amaldiçoada por Jesus* (Mar. 11:13,21) simbolizou a sua consternação diante de uma evidente esterilidade. Apesar de que esse incidente teve lugar em uma época do ano em que não era esperado que houvesse figos maduros (começo do mês de abril), é possível que houvesse figueiras que produzissem figos antes da época, quando localizadas em lugares favoráveis. Seja como for, a lição é clara: algumas pessoas produzem muitas folhas, como se fossem espiritualmente muito produtivas, embora isso não corresponda à sua realidade.

7. As figueiras, quando ainda jovens, para que frutifiquem como é mister, precisam ser adubadas com estrume (Luc. 13:8). Isso simboliza a *necessidade de cultivo* dos frutos do Espírito (Gál. 5:22,23).

8. Quando fracassa a safra dos figos, isso simboliza o *julgamento divino* (Isa. 34:4; Jer. 5:17; Joel 1:7; Osé. 2:12).

9. Ezequias utilizou-se de uma pasta de figos, a fim de curar uma úlcera que lhe apareceu no corpo (II Reis 20:7; Isa. 38:21). O símbolo disso é a *cura* da alma mediante os frutos espirituais.

10. Quando falhava a colheita dos figos, isso envolvia uma verdadeira calamidade nacional, para

Israel (Jer. 5:17; Hab. 3:17). Por igual modo, é uma calamidade pessoal o indivíduo não produzir frutos espirituais em sua vida.

11. Adão e Eva tentaram encobrir a sua nudez, com aventais feitos de folhas de figueira, costuradas umas às outras, depois de caírem no pecado (Gên. 3:7). Ali, o simbolismo é *negativo*. Eles tinham estado revestidos de luz, como seres imortais. Mas agora, foram forçados a ocultar sua nudez, produzida pelo pecado e pela consciência do mesmo, com uma cobertura muito humilde e malfeita, uma provisão inadequada. O homem, em sua queda e degradação, é reduzido a meios ridículos para tentar ocultar a sua má condição. Ele precisa de *redenção*, o que foi simbolizado pelo fato de que o próprio Deus revestiu-os com peles de animais (Gên. 3:21), sem dúvida representando a iniciativa divina na obra da redenção, como também o sangue de Cristo, vertido por nós, no Calvário.

FIGURA (FIGURAS) Ver **Metáfora, Metáforas (Simbolismo)** no índice onde uma lista extensiva é apresentada.

No grego, **antítupos**, «antítipo», «impressão correspondente». Esse vocábulo só aparece por duas vezes, em todo o Novo Testamento, em Heb. 9:14 e em I Ped. 3:21. Nossa versão portuguesa o traduz, respectivamente, por «figura» e por «figurando». Um *antítipo* é a realidade da qual o *tipo* é a representação simbólica ou metafórica. Muitas personagens, objetos e acontecimentos, no Antigo Testamento, segundo pensam os estudiosos, tipificam realidades referidas no Novo Testamento, como, por exemplo, certos aspectos do ministério de Jesus Cristo. No caso dessas duas passagens do Novo Testamento, em Hebreus o antítipo é o «céu», considerado como o lugar da maior manifestação gloriosa de Deus, e o tipo é o «santuário feito por mãos», a tenda da congregação, tantas vezes referida nas páginas do Antigo Pacto. E, no caso de I Pedro, o antítipo é a salvação com que Noé e seus sete familiares foram salvos do dilúvio, e o tipo simbólico é o «batismo» em água.

A tipologia, como método de explanação e interpretação, tem desfrutado de uma aceitação muito mais universal do que a alegoria. Ver os artigos separados sobre *Alegoria; Interpretação Alegórica* e *Tipo, Tipologia*.

FILACTÉRIAS

As filactérias eram cápsulas usadas no braço esquerdo, próximo ao coração e também sobre a testa. Continham um pedaço de pergaminho com quatro passagens das Escrituras, a saber: Êxodo 13:1-10; 11:16; Deuteronômio 6:4-9 e 9:13-21. As filactérias usadas sobre a testa tinham quatro compartimentos, cada qual com um pedacinho de pergaminho, com essas quatro passagens bíblicas. A filactéria usada no braço esquerdo tinha um único pedaço de pergaminho, com todas as quatro passagens. Alguns fanáticos (como certos fariseus, mencionados em Mat. 23:5) honravam tais caixinhas tanto quanto as próprias Escrituras Sagradas, e imaginavam, tolamente, que o próprio Deus também as usava. As dimensões dessas cápsulas demonstrava a medida do zelo de quem as usava. Além disso, os judeus chegaram a mostrar-se supersticiosos, usando as filactérias como instrumentos de encantamentos, para espantar o mal, incluindo os maus espíritos e os demônios.

O Nome. A palavra grega por detrás desse nome indica «salvaguarda», ou algum meio de proteção. Por sua vez, a palavra hebraica, *tephillin* (que significa «oração»), indica objetos seguros ao corpo mediante tiras de couro, usados durante as orações matinais. A prática judaica moderna segue, essencialmente, os ritos determinados na Mishnah, os quais, por sua vez, alicerçam-se sobre as injunções bíblicas de Êxodo 13:9,16 e Deuteronômio 6:8 e 11:18, onde é ordenado que o povo de Deus deveria ligar a lei de Deus às suas testas, entre os olhos, e sobre a mão, como sinal de inquirição espiritual séria e de obediência à lei. Essas caixinhas eram feitas de peles de animais. Cada filactéria era costurada à sua base mediante doze alinhavos, cada um representando as doze tribos de Israel. As caixinhas e as tiras de couro, que as amarravam ao corpo da pessoa, eram de cor negra. Essas tiras eram atadas na parte posterior da cabeça de tal modo que o laço tomasse o formato da letra hebraica *daleth*. E a laçada do braço deveria assemelhar-se à letra hebraica *iode*. E a letra hebraica *sin* era escrita em ambos os lados da caixinha usada sobre a testa. Isso posto, ali estavam as três letras que representavam um dos nomes de Deus, *Sadai*, o «Todo-Poderoso», que é um dos nomes do Senhor, no Antigo Testamento.

Um ritual elaborado estava envolvido na maneira como as filactérias eram atadas ao corpo. Aquela do braço era posta em primeiro lugar e, em seguida, a da testa, com maneiras certas de serem atadas as tiras. Várias orações e bênçãos eram proferidas durante o processo, incluindo a recitação do trecho de Oséias 2:19. Terminadas essas orações, os objetos eram removidos na ordem inversa, e então eram guardados em um saquinho ornamentado, usado exclusivamente para guardar as cápsulas. Um tipo de xale, no hebraico, o *tallit*, era posto dentro do saquinho, antes de qualquer outro objeto.

Os arqueólogos têm encontrado fragmentos de filactérias em Qumran; mas, ali os dez mandamentos também eram usados como coisas postas dentro do saquinho. Na Idade Média, todavia, não havia qualquer prática uniforme, embora todo o ritual tenha continuado a ser observado de várias maneiras. Até hoje os judeus ortodoxos continuam observando esses ritos, embora os judeus reformados tenham-nos abandonado, preferindo aludir aos valores espirituais, -em vez de usar meros símbolos externos.

Não é para admirar que Jesus tenha atacado esses tipos de exageros, quando não passam de uma exibição externa, sem qualquer realidade interna correspondente. Assim também, em nossos dias, é fácil venerar a Bíblia, mesmo com a ausência de qualidades espirituais que a Bíblia recomenda. Também é possível alguém rejeitar as insígnias externas, e também não ser dotado das realidades espirituais que as mesmas representam.

FILADÉLFIA

Esse apelativo significa **amor fraternal**, estando aqui o sétimo e último uso desse termo, no N.T. (Ver também Rom. 12:10; I Tes. 4:9; Heb. 13:1; I Ped. 1:22 e II Ped. 1:7 — este último, por duas vezes). No fim da era presente, quando a tribulação ameaçar o mundo, Deus se dirigirá à humanidade em amor, o que beneficiará a comunidade daqueles que derem lugar ao amor de Cristo em seus corações, assim amando-se uns aos outros. Haverá um refúgio que nos abrigará de toda a contenda; haverá calmaria para as águas agitadas; haverá um oásis no grande deserto espiritual do fim. Isso se encontrará na comunidade da Igreja do Amor Fraternal, cujo Senhor será o Cristo.

Filadélfia era uma cidade da província romana da Ásia, na porção ocidental do que agora é a Turquia Asiática. Ficava localizada a cento e vinte quilômetros a suleste de Sardes. Nos tempos do N.T., era a segunda cidade mais importante da Lídia. Originalmente, a cidade foi fundada por Eumenes, rei de Pérgamo, no século II A.C., tendo recebido nome de seu irmão, Atalo, cuja lealdade lhe ganhara o título de «Filadelfo». Filadélfia jazia perto do limiar de um trecho fértil da região do planalto, o que lhe dava grande parte de sua prosperidade. No ano de 17 D.C. a cidade foi destruída por um terremoto; mas uma doação imperial ajudou em sua restauração. Então adquiriu o nome de Neokaisareia e, posteriormente, sob o imperador Vespasiano, recebeu o nome imperial, Flávia.

Conforme se dava com a maioria das cidades daquela área, Filadélfia estava imersa na idolatria e, mais tarde, mergulhou no «culto ao imperador». Era famosa pelo número e grandiosidade de seus templos e de suas festividades religiosas.

Como é bem conhecido hoje em dia, a área geral onde estavam localizadas as sete igrejas do Apocalipse, e que recebeu originalmente esse livro, não é mais uma área cristã. Porém, dentre todas as sete igrejas, a de Filadélfia foi onde o cristianismo sobreviveu por mais tempo.

A localidade é agora ocupada por uma aldeia turca, *Allah Shehr*, nome que significa «Cidade de Deus». No dizer de Vincent (*in loc.*): «A situação é pitoresca, pois a aldeia ocupa quatro ou cinco colinas, estando bem suprida de árvores, e o clima é saudável. Acredita-se que uma das mesquitas ali existentes era o lugar das reuniões da igreja endereçada no Apocalipse. Uma coluna solitária, de grande antiguidade, com freqüência tem sido notada, lembrando as pessoas sobre as palavras de Apo. 3:12: 'Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus...'».

O geógrafo Estrabão (em 20 D.C.), observou a instabilidade geológica da região onde ficava essa cidade, porquanto estava sujeita a muitos tremores de terra. No entanto, aquele que é fiel, dentro da família de Deus, pode tornar-se como uma COLUNA que resiste firmemente a todos os ataques e problemas. Ver Apo. 3:12: «Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá...»

Filadélfia ficava em uma área fronteiriça de cultura, como portão de entrada para a Ásia Menor. Tinha um estilo cosmopolita de vida, não grego e não romano, ainda que, como é óbvio, fosse influenciado por ambos. Essa maneira «aberta» e irrestrita de viver pode ter inspirado o autor do livro de Apocalipse a falar sobre a «porta aberta» oferecida àquela igreja local, no campo das atividades missionárias. Ver Apo. 3:7,8.

Um versículo controvertido é Apocalipse 3:10. Alguns pensam que o mesmo é prova de que a igreja de Filadélfia (que representaria a Igreja evangélica de nossos próprios dias) é que será arrebatada, o que seria indicado pela expressão «...também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro...» Mas isso não precisa indicar mais do que o fato de que o Senhor protegeria aqueles crentes, em meio à tribulação que viria. A idéia é que o Senhor haveria de mantê-los na fidelidade ao Senhor. Todavia, penso que a questão continua aberta à investigação. Não penso que alguém realmente saiba a interpretação certa, com certeza. Nosso artigo sobre a *Parousia* presta maiores informações sobre esse particular.

O nono versículo desse mesmo terceiro capítulo do Apocalipse é uma ácida alusão às atividades dos judeus perseguidores. Os judeus dali tendiam por ser amargamente nacionalistas e defensivos, em razão do que ocorriam abusos.

A cidade de Filadélfia teve uma longa história subseqüente. No século XIV D.C., quando o Império Romano do Ocidente perdeu aquelas terras da Ásia Menor, devido às pressões dos islamitas, uma pequena comunidade cristã, representativa, resistiu em Filadélfia, demonstrando que eles se tinham tornado colunas inabaláveis (Apo. 3:12).

FILANTROPIA

Esse termo vem do grego **philia**, «amor», e *ánthropos*, «ser humano», ou seja, o amor demonstrado ao próximo mediante atos de benevolência. A filantropia consiste naquela disposição e esforço por promover a felicidade, a elevação social e o bemestar geral de outros, de maneira pública ou particular. Essa atitude tem produzido a organização de instituições de educação e de caridade.

A cultura hebréia reconhecia a necessidade da filantropia, com base na lei do amor do Antigo Testamento. Ver Lev. 19:18: «Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo: Eu sou o Senhor». O Senhor Jesus sempre aprimorava a legislação veterotestamentária, salientando os motivos por detrás dos meros atos. O próximo pode indicar «qualquer pessoa em necessidade» (ver Luc. 10:25 *ss*). Jesus também ampliou o escopo do amor, para que incluísse os próprios inimigos (Luc. 6:27). Além disso, a lei do amor precisa ser praticada sem qualquer expectação de recompensa (ver Luc. 6:29,30). Essa lei sempre insiste sobre a necessidade de um amor demonstrado na prática (Luc. 10:33 *ss*, e Tia. 2:14 *ss*).

A Igreja primitiva deu continuação às noções judaicas quanto a esse particular. Durante a Idade Média, a filantropia foi institucionalizada, e muitas organizações que começaram então sobrevivem até hoje. Ordens religiosas inteiras vieram à existência a fim de promover diversos aspectos da lei do amor. As igrejas reformadas, dotadas de recursos bastante menores, fizeram o que puderam para continuar essa ênfase, especialmente através das atividades de seus diáconos e diaconisas.

O reavivamento evangélico também teve seus aspectos sociais e caritativos. Wesley encorajou e apoiou Wilberforce em seus esforços em prol da abolição da escravatura. Cristãos individuais, como Abraham Lincoln, finalmente, concretizaram esse ideal. Na Inglaterra, o primeiro país grandemente industrializado, foram baixadas leis que controlavam os abusos do capitalismo. O historiador Lecky comentou que o espírito filantrópico do séc. XIX originou-se essencialmente, do reavivamento evangélico em certos países europeus e nos Estados Unidos da América do Norte.

No período final do século XIX, começaram a surgir instituições filantrópicas não religiosas, promovidas, principalmente, por ricos industriais e homens de negócios, que procuravam um lugar para usar seus recursos financeiros extras. Atualmente, em alguns países, como nos Estados Unidos da América do Norte, tais organizações são numerosíssimas, havendo constantes apelos para o recolhimento de fundos. Entrementes, a Igreja, em todas as suas divisões, promove as suas próprias causas humanitárias e de caridade.

O dia do julgamento incluirá um exame de como tivermos agido no que concerne à lei do amor (ver Mat. 25:31 *ss*). Ver o artigo geral sobre o Amor. As *experiências perto da morte*, sobre as quais oferecemos um artigo, com esse título, têm demonstrado que a revisão da própria vida, pelo Ser Luminoso, está especificamente centralizada sobre a maneira como cada um de nós tem amado ao próximo. A segunda grande coluna da espiritualidade consiste naquilo que tivermos aprendido e com que propósito tivermos aplicado o nosso conhecimento.

FILARCO

A palavra grega indica o chefe de uma **phulé**, uma divisão do exército grego. Em II Macabeus 8:32 a palavra é usada como se fosse um nome próprio, em algumas traduções. De fato, esse nome próprio existe na história; mas a maioria dos estudiosos pensa que a referência ali é ao ofício de algum comandante militar. Os judeus, sob o comando de Judas Macabeu, mataram a vários milhares de homens, sob as ordens de Nicanor. Um deles chamava-se Timóteo.

FILEFO, G. FRANCESCO

Suas datas foram 1398-1481. Era italiano. Esse homem serve de bom símbolo de um grande número de pessoas. Seu conhecimento da literatura grega não tinha igual, em seus dias. É bom as pessoas terem ricos conhecimentos; e também é bom quando as pessoas destacam-se em alguma coisa. Por outro lado, Filefo foi um bajulador da pior espécie, e também um chantagista dos mais astutos. Ele empregava com grande sucesso a sua capacidade de satirizar a fim de chantagear; e também distribuía elogios habilidosamente escritos, a fim de tirar proveito financeiro dos mesmos. Foi um dos mais famosos eruditos da Renascença. Tornou-se professor em Pádua, na Itália, com a tenra idade de dezoito anos. Também trabalhou em Nápoles, Veneza, Constantinopla, Florença e Milão.

FILEMOM

Esboço:

I. Autoria; Confirmação Antiga; Crítica Moderna
II. Data e Proveniência
III. Filemom e Onésimo
IV. Motivo e Propósitos
V. O Cristianismo e a Escravatura
VI. Qualidade Estética
VII. Conteúdo
VIII. Bibliografia

Dentro da coletânea paulina há vários agrupamentos de epístolas. Naturalmente, há aqueles lugares para onde Paulo escreveu mais de uma epístola, como Corinto, para onde provavelmente escreveu quatro epístolas, que foram reduzidas para duas; — duas foram escritas para Tessalônica; diversas aos filipenses (conforme Policarpo nos informa), das quais temos apenas uma, ou talvez mais de uma preservada em fragmentos; além disso, temos as epístolas pastorais, as quais, embora não tenham sido dirigidas apenas a uma pessoa, são epístolas que têm uma finalidade comum, tendo sido escritas praticamente ao mesmo tempo. Portanto, podemos distinguir a unidade formada por Colossenses, Efésios e Filemom, que foram escritas sob as mesmas circunstâncias, na prisão (sem importar se em Roma, em Cesaréia ou em Éfeso), e, naturalmente, escritas na mesma época, enviadas a igrejas ou pessoas da mesma área geral da Ásia Menor. A grande similaridade entre Efésios e Colossenses é bem conhecida; mas os dados pessoais na epístola a Filemom, em comparação com a epístola aos Colossenses, mostram-nos que essa pequena carta pertence ao agrupamento comum, junto com as outras duas citadas. Essa questão é devidamente ventilada no artigo sobre à epístola aos Colossenses, seção II, intitulada «Data e Proveniência». Por causa dessas circunstâncias, alguns estudiosos têm identificado *Filemom* com a epístola aos «laodicenses», mencionada em Col. 4:16; e isso faria de Filemom um laodicense, e não um colossense, conforme normalmente se supõe. Naturalmente que isso permanece na dúvida, embora alguns bons nomes do campo da interpretação neotestamentária também tenham apoiado a idéia.

Sete das epístolas da coletânea paulina são comumente chamadas de «epístolas da prisão», porquanto foram escritas pelo apóstolo, estando ele encarcerado. Essas epístolas são Efésios, Filipenses, Colossenses, as três epístolas pastorais, e Filemom. Tem sido costumeiro atribuir todas elas ao final das atividades de Paulo, pensando que foram escritas em Roma, ou em um dos períodos de aprisionamento, ou em dois períodos, com um intervalo entre os dois. Vários eruditos modernos, porém, crêem que o grupo formado por Efésios, Colossenses e Filemom seja produto de um período prévio de aprisionamento, menos sério, que não lhe ameaçou a vida, em Cesaréia ou Éfeso. A teoria do aprisionamento em *Éfeso* é a que parece mais recomendável. Os argumentos a favor são bons, embora não tenhamos qualquer informação histórica direta a respeito. Se essa idéia é a verdadeira, então esse grupo precede a outras epístolas da prisão por diversos anos. (Quanto às diversas teorias que parecem dar apoio a essa idéia, e quanto a um exame geral acerca do problema, ver o artigo sobre a epístola aos Colossenses, em sua segunda seção).

Com base em questões gramaticais e de estilo literário, uso de palavras e de temas, as epístolas aos Romanos, I e II aos Coríntios e Gálatas, são reputadas como os «clássicos paulinos», universalmente reconhecidas, ao ponto de nem mesmo os liberais mais radicais duvidarem de sua autoria paulina. A aceitação de uma delas, como paulina, requer a aceitação de todas as demais; e, em contraposição com isso, a rejeição de uma delas envolve a rejeição de todas, tão convincentes são as evidências internas do fato de que todas saíram da mesma pena. Outras cinco epístolas têm sido adicionadas a essa lista, com pouca hesitação, tanto por liberais como por conservadores. São as epístolas aos Filipenses, aos Colossenses, I e II aos Tessalonicenses e Filemom. Assim sendo, nove epístolas são aceitas com pouca disputa como pertencentes a Paulo. Na ordem de aceitação aparece em seguida a epístola aos Efésios, que virtualmente todos os eruditos conservadores aceitam como paulina, mas do que muitos liberais duvidam. Finalmente, as epístolas pastorais são adicionadas a essa lista pela maioria dos eruditos conservadores.

Quanto a um estudo mais amplo sobre a coletânea paulina, ver o artigo sobre Romanos, primeiros parágrafos, e seção II.

Quanto à epístola a Filemom, apesar dela poder ser agrupada juntamente com Colossenses e Efésios, por terem sido escritas no mesmo tempo e lugar, sob as mesmas circunstâncias, contudo, em seu conteúdo e propósito, é uma epístola ímpar. É o mais breve de todos os escritos de Paulo preservados

até nós, ocupando menos de uma página. É epístola altamente pessoal, escrita a um homem sobre uma questão delicada. É um escrito essencialmente não teológico, de cunho ético apenas indiretamente. Contudo, tem um interesse todo próprio, não sendo destituída de importância, sendo, talvez, a mais estética de todas as epístolas de Paulo. Isso foi reconhecido desde o princípio e, por essas razões, foi preservada, não tendo sido considerada indigna de figurar ao lado das grandes epístolas paulinas, formando uma só coleção.

I. Autoria; Confirmação Antiga; Crítica Moderna

Do ponto de vista do vocabulário e do estilo em geral, Filemom se posta ao lado de Romanos, Coríntios, Gálatas e Filipenses. A personalidade de Paulo transparece ali fortemente, e, nos tempos antigos, a sua aceitação como paulina era unânime. «Nenhum erudito moderno de reputação duvida de sua autenticidade... a epístola nos destaca um momento dramático na vida de Paulo, como nenhum escritor posterior teria a habilidade ou o motivo de inventar». (John Knox).

Confirmação antiga. Essa epístola foi incluída no «cânon» de Márcion, o que assinalou o começo da canonização dos livros do N.T. Também figura no *cânon muratoriano*, e é evidentemente aludida por Inácio (Efé. ii; Mag. xii; Polyc. vi), o que, embora um tanto vago, por ser revestida de linguagem levemente diferente, parece ser um autêntico «empréstimo». Inácio apela para um certo Croco, para que lhe fosse permitido permanecer em sua companhia, mais ou menos ao estilo em que Paulo apela em favor de Onésimo. Certamente trata-se de um empréstimo das idéias de Paulo em seu apelo. Embora o apelo de Inácio não fosse em favor de algum escravo fugitivo, mas simplesmente pelo privilégio de reter em sua companhia um bom obreiro, que o acompanhasse a Esmirna, tendo sido colaborador na igreja de Éfeso, contudo, a influência da epístola paulina a Filemom resplandece através daquela. A epístola de Inácio aos Efésios tem vinte e um capítulos; e apesar dessa influência parecer mais marcante no segundo e no terceiro capítulos, todavia, alguma influência pode ser discernida nos primeiros seis capítulos. Nesses capítulos há catorze referências a «Onésimo» (o bispo de Éfeso, naquele tempo, 110 D.C., aproximadamente), ou por nome ou por ofício. Por essa razão, pensa-se que foram feitas alusões propositais à epístola de Paulo a «Onésimo», o que teria impressionado o bispo de Éfeso que tinha esse nome. Alguns estudiosos crêem que esse Onésimo e aquele Onésimo citado por Paulo são uma só pessoa; e, nesse caso, as alusões freqüentes de Inácio, à epístola de Paulo que tinha esse nome, são bem naturais. Esse uso que Inácio faz da epístola a Filemom mostra-nos que ela era bem conhecida, pelo menos para alguns elementos da igreja primitiva. Era reputada como escrito paulino autoritário, ainda que na época não houvesse canonização formal de qualquer dos livros do N.T.

A versão siríaca antiga e a antiga versão latina trazem essa epístola como parte da coletânea paulina, o que nos dá testemunho a seu respeito desde 150 D.C. Tertuliano alude diretamente a ela, sendo o primeiro a fazê-lo (*Adv. Marc.* v.42). Orígenes declarou-se em favor dela (*Hom.* in Jer. 19; *Comm.* in Mat. *tract* 33,34), como também o fez Eusébio (*História Eclesiástica* iii.25), referindo-se àquela epístola como parte dos livros que todos aceitavam ser de autoria paulina.

Jerônimo nos apresenta a única nota discordante na antiguidade, não de sua própria feitura, mas ao mencionar que algumas pessoas, que ele não identificou, rejeitavam a autoria paulina da epístola a Filemom, sob a alegação de que não trata de assunto digno do grande apóstolo, não possuindo quaisquer instruções e doutrinas importantes. Jerônimo responde a essa objeção salientando que todas as epístolas autênticas de Paulo têm certa porcentagem de tal material. Informação similar nos é dada por Crisóstomo. Pode-se ver, pois, que a confirmação antiga da epístola a Filemom é igual àquela conferida às outras epístolas totalmente aceitas como de Paulo e nos tempos modernos, há uma confirmação similar.

Crítica moderna. O único ataque realmente sério contra a autenticidade paulina da epístola a Filemom foi feito por Baur (Ferdinand Cristian, da escola de Tubingen), cuja real razão para a sua rejeição parece ter sido que ele rejeitava como paulina as epístolas aos Colossenses e aos Efésios; e, posto que essa epístola faz parte do mesmo grupo, ele também a repelia. Sua objeção expressa é que ela não contém temas paulinos familiares, nem doutrinas, nem pontos éticos, o que é comum nos seus escritos, porém, em uma epístola tão breve como esta, que visa a um único propósito específico, dificilmente poderia conter algo que se assemelhasse à epístola aos Romanos, por exemplo.

A tendência de Holtzmann era a de aceitá-la, mas ele pensava que os versículos quarto a sexto mostram a mão do autor da epístola aos Efésios, e não a mão de Paulo. Weizsacker (Apostl. *Zeital.*, pág. 545), pensava que o jogo de palavras no nome *Onésimo* (*útil*), provava que essa epístola era uma alegoria. Steck cria que essa epístola foi essencialmente um empréstimo de alguma carta ou cartas de Plínio, o Moço. Todas essas idéias, porém, não têm sido aceitas com seriedade pela vasta maioria dos eruditos modernos, de qualquer escola que sejam eles, porquanto tais idéias são produtos do hipercriticismo ou da imaginação fantasiosa.

«De fato, essa breve epístola a Filemom é tão intensamente original, tão inteiramente inocente de preocupações dogmáticas, e a mente de Paulo deixou uma impressão tão vívida e indelével sobre ela, que só pode ser repelida por ato de violência. Vinculada desde o princípio às epístolas aos Colossenses e aos Efésios, é virtualmente a própria assinatura de Paulo, acrescentada como sua garantia, de que as acompanharia através dos séculos». (*The Apostle Paul*, Sabatier). É com esse parecer que praticamente todos concordam.

Importância da epístola a Filemom, em relação à «coletânea paulina». Alguns têm dito que se Onésimo foi bispo de Éfeso, antes e até 110 D.C., que a primeira tentativa de coligir os escritos de Paulo pode ter sido supervisionada por ele, e que, como uma espécie de «epístola de apresentação» da coletânea, Onésimo teria composto a epístola aos Efésios. A própria epístola a Filemom teria sido uma espécie de *assinatura* do colecionador, adicionada à coletânea inteira, já que envolvia a sua própria pessoa. Já a epístola aos Efésios teria sido a sua tentativa de encerrar, em um único documento, as principais idéias paulinas, dessa maneira revivendo e conservando o interesse pelas epístolas paulinas. Onésimo teria considerado a composição da epístola aos Efésios e o recolhimento das epístolas de Paulo, como um serviço devotadamente prestado ao apóstolo. Naturalmente, essa teoria jamais poderá ser confirmada; mas deixa subentendida a grande importância da pessoa de Filemom, que teria sido um forte impulso por detrás da formação do primeiro cânon; pois Márcion, ao

formar o seu *cânon*, provavelmente apenas se aproveitou da coletânea que Onésimo reunira. E assim Onésimo, que fora «útil» para Paulo (ver File. 11), pode ter-se tornado útil para ele, e para a igreja inteira, de maneira totalmente não antecipada por Paulo, pois ele deu ao mundo as epístolas de Paulo, uma contribuição de gigantescas proporções.

Contra essa idéia, porém, ergue-se o fato de que devemos supor que Onésimo foi poderoso escritor, tendo ultrapassado o próprio Paulo em alguns particulares, se realmente ele é considerado autor da epístola aos Efésios. Poderia ter sido ele homem de tão grande poder literário? Talvez seja possível, mas não é provável. Contudo, ele poderia ter sido o responsável pela coletânea, mesmo que a epístola aos Efésios já fizesse parte dela, não tendo sido escrita por ele, portanto. A preservação dessa minúscula epístola teria sido natural se o «colecionador» das epístolas paulinas fosse tema da mesma. Esse estaria interessado em sua preservação, ao passo que, se não fosse a sua influência, não teria sido reputada digna de ser preservada. Se há qualquer verdade nessa teoria, provavelmente nunca o saberemos. Se a primeira coleção das epístolas de Paulo teve lugar em Éfeso, e se o «Onésimo» de Inácio e o de Paulo eram uma única pessoa, então essa teoria provavelmente está com a verdade.

II. Data e Proveniência

Posto que as epístolas aos Efésios, aos Colossenses e a Filemom foram escritas na mesma prisão e sob as mesmas circunstâncias, além de terem sido produzidas praticamente ao mesmo tempo, formando uma tríada dentro da coletânea paulina, todas as três têm data e proveniência comum. (Ver o artigo sobre à epístola aos Colossenses, seção II, quanto a uma plena discussão a respeito). Se foram escritas em Éfeso, datam de cerca de 54 D.C. Porém, se foram escritas durante o primeiro período de aprisionamento de Paulo, em Roma, então já pertencem à época de 58-62 D.C. Ver o artigo sobre *Aprisionamento de Paulo em Roma—Uma ou Duas Vezes?*

III. Filemom e Onésimo

Filemom. Podemos supor que ele residia em Colossos (ver Col. 4:9, que identifica aquela localidade com Onésimo), embora alguns eruditos tenham conjecturado Laodicéia. Ele era o proprietário de Onésimo, o escravo fugitivo. O próprio Filemom se converteu através do ministério direto de Paulo, ou através de seu ministério em Éfeso, que ficava próximo, e onde Paulo permaneceu por quase três anos (ver File. 19). É possível que *Epafras* (ver Col. 4:12) tenha sido usado como instrumento de sua conversão. O próprio Paulo, até onde nos leva a narrativa do N.T., não visitara Colossos (ver Col. 2:1); mas o seu trabalho em Éfeso se espalhara por todas as regiões circunvizinhas da Ásia Menor, a moderna Turquia. Éfeso era a capital provincial da área (ver Atos 19:31), sendo ponto natural de comunicação com as áreas circunvizinhas.

Como é usual, a tradição preenche os hiatos com suas informações, às vezes corretas, mas mais freqüentemente, errôneas. Ali aprendemos que Filemom foi bispo de Colossos, tendo finalmente morrido como mártir, sob Nero.

Parece que Filemom era homem de amplos recursos financeiros, desde que é apresentado como cabeça de casa numerosa. Era homem de caráter nobre, conforme o indica essa minúscula epístola. Alguns inferem, com base nos versículos primeiro e segundo dessa epístola, que Áfia era sua esposa, e que Arquipo era seu filho; mas, acerca disso não há provas. Alguns têm pensado que a epístola realmente fora dirigida a Arquipo, que seria o cabeça da igreja em Colossos (ver Col. 4:24), ou da igreja próxima de Laodicéia; e isso indicaria que Onésimo era seu escravo, e não escravo de Filemom. Isso também significaria que a epístola deveria ser intitulada «a Arquipo», e não «a Filemom». Porém, visto que Filemom encabeça as saudações, na lista das mesmas, é mais provável que Paulo se tenha dirigido primordialmente a ele. Todavia, ele pode não ter sido o cabeça da igreja que se reunia na «casa», sendo possível que a casa mencionada fosse a de Arquipo, e não a de Filemom. Se porventura esses dois eram pai e filho, então era a casa de Filemom. Pequenos detalhes dessa espécie não podem ser claramente definidos, porquanto nos faltam quaisquer informações claras a esse respeito. Essa «casa» era mostrada às pessoas curiosas até os tempos de Teodoreto (420 D.C.), mas essa identificação, que serviria mais para atrair turistas, provavelmente nunca foi autêntica.

Onésimo. Ele era o escravo fugitivo de Filemom (ou de Arquipo?). Conheceu a Paulo em Éfeso (ou Roma? ou Cesaréia?), onde este último estava aprisionado, tendo sido convertido ao cristianismo pelo apóstolo. (Ver File. 10). Não demorou que se tornasse irmão digno de confiança, *útil* para Paulo (ver Col. 4:9 e File. 11). Seu nome significa *útil* (nome comum dado a escravos); e as observações de Paulo a esse respeito envolvem um jogo de palavras. Foi preciso que se convertesse a Cristo para que se tornasse digno de seu nome. Segundo as leis e as práticas do mundo daquela época, Onésimo poderia ter sido facilmente executado, e até mesmo crucificado; pelo que também Paulo apelou para o senso de humanidade de Filemom, a fim de que tratasse Onésimo com gentileza. É patente, na epístola a Filemom, que o intuito real de Paulo era o de obter a liberdade de Onésimo, a fim de que servisse como cooperador do apóstolo, e não meramente apelar à compaixão de Filemom (ver os versículos treze e catorze). Alguns supõem que o «ministério» que Arquipo deveria cumprir seria o de libertar Onésimo, a fim de que viesse servir em companhia de Paulo (ver Col. 4:17); mas essa é interpretação extremamente duvidosa sobre esse versículo, exigindo, igualmente, outros pensamentos duvidosos, como o que a epístola foi dirigida a Arquipo, e não a Filemom. Alguns dos que defendem essa teoria, pensam que a libertação de Onésimo visaria torná-lo o substituto de Arquipo, como supervisor de Colossos (ou de Laodicéia). Mas essa possibilidade parece ainda mais remota.

O trecho de Col. 4:9 indica que Onésimo, juntamente com Tíquico, fora portador das epístolas aos Efésios, aos Colossenses e a Filemom. As tradições fazem dele bispo de Beréia, onde se diz que ele sofreu o martírio (ver *Constituições Apostólicas* vii.46). Sua memória foi preservada pela igreja latina, na data de 16 de fevereiro, ao passo que a igreja grega prefere 15 de fevereiro; e esta última também lembra Filemom, Áfia e Arquipo, juntamente com Onésimo, 22 de novembro. — Várias tradições circundam esses personagens, segundo a *Acta Sanctorum* (ii, 855-859); mas poucas, ou mesmo nenhuma dessas tradições é autêntica.

Alguns eruditos têm identificado o Onésimo dessa epístola com o bispo de Éfeso do tempo de Inácio (110 D.C.). É possível que ele tenha vivido tanto tempo; e mesmo antes desse tempo pode ter-se mostrado ativo em vários lugares da Ásia Menor, até que chegou em Éfeso. Supondo-se que uma primitiva coletânea de epístolas paulinas tenha sido feita em Éfeso, é possível

que Onésimo tenha sido o poder por detrás da mesma. Seria natural, pois, que essa pequena epístola tivesse sido preservada, por ter sido escrita acerca da pessoa do *colecionador* da coletânea paulina, que posteriormente veio a ser canonizada, essencialmente conforme foi coligida. Se essas conjecturas dizem a verdade, então Onésimo teve a importante função de preservar as epístolas de Paulo para a igreja e para o mundo, como um dos primeiros fatores da canonização de todo o N.T. Todavia, tudo isso é pura conjectura, e, apesar de apoiada por nomes significativos, do campo da interpretação do N.T., nunca obteve qualquer coisa parecida com aceitação universal.

Se essa teoria é verídica, porém, então a epístola a Filemom, apesar de pequena, se reveste de singular importância, por ter sido aquela missiva que trouxe Onésimo até Paulo, produzindo a sua liberdade como ministro do evangelho. Em gratidão a isso, Onésimo teria exaltado a seu mestre, Paulo, tendo servido como instrumento de preservação de suas epístolas, como coletânea que posteriormente foi canonizada.

IV. Motivo e Propósitos

O primeiro fator, que produziu a escrita dessa epístola, se deu no momento em que Onésimo, sobrecarregado com os deveres de escravo, e não estando mais disposto a continuar sofrendo, resolveu furtar o seu senhor (ver o décimo oitavo versículo) e obter a sua liberdade mediante a fuga para Éfeso (ou Roma, ou Cesaréia; ver o artigo sobre à epístola aos Colossenses em sua segunda seção). Então, tendo-se convertido ao evangelho por meio de Paulo (ver o décimo versículo), e estando convencido de seu dever de fazer restauração, voltando a Filemom, precisava de uma carta de defesa para o seu senhor, — que, segundo a lei e as práticas vigentes, poderia puni-lo severamente, ou mesmo mandar executá-lo. Por isso, normalmente se pensa que essa epístola é uma apologia escrita por Paulo, na tentativa de levar Filemom a aceitar Onésimo de volta, sem aplicar-lhe nenhuma disciplina severa. Porém, se considerarmos os versículos treze e catorze, veremos que eles indicam claramente que o verdadeiro desejo de Paulo é que Onésimo fosse libertado, para que se tornasse ministro cristão, ajudando-o em seus labores, juntamente com outros homens dignos, cujos nomes decoram as epístolas de Paulo. Desse modo é que ele se tornaria realmente «útil» (ver o décimo primeiro versículo) ou «proveitoso», que é um trocadilho feito com o seu nome. Não somos informados sobre os meios através dos quais Onésimo entrara em contacto com o prisioneiro Paulo, mas talvez isso tenha ocorrido por intermédio de Epafras (ver Col. 4:12), que era da mesma cidade que o primeiro. Também parece que Paulo desenvolvera profundo afeto natural por Onésimo (ver os versículos décimo e décimo terceiro), tendo percebido nele excelente candidato para o ministério, e, no fervor dessas convicções, escreveu esta epístola singularmente bela.

V. O Cristianismo e a Escravatura

Natureza da instituição. Essa epístola levanta a questão da atitude cristã para com a prática da escravidão, porquanto aborda o caso de um escravo fugitivo. Apesar de que a natureza da servidão era determinada principalmente pelas ações pessoais dos senhores de escravos, contudo, em seus aspectos gerais, essa instituição, naquela época, era algo extremamente desumano. Os senhores que tratavam os seus escravos com humanidade formavam a minoria; os demais praticavam atos brutais quase inacreditáveis. A escravidão se tornara parte tão importante do império romano que se fizera a base econômica da sociedade, eliminando grande parte da livre expressão de todas as atividades comerciais. Não sabemos quantos escravos havia, mas o seu número deve ter sido enorme. Tácito informa-nos que houve grande terror no império romano, devido ao seu número desmesuradamente grande (ver *Anais* xvi.45), o que sempre apresentava a possibilidade de revolta em massa. Petrônio afirmou que nem a décima parte dos escravos conhecia os seus senhores, o que mostra o número gigantesco que devem ter sido. (Ver *Pet.* 37). Eram utilizados em tudo, em propriedades, nos campos ou em mansões das cidades, sendo-lhes dadas todas as tarefas imagináveis, ao ponto de nos provocar o sorriso. Eram criados caseiros, animais de carga, mas também eram pintores, poetas, músicos, escultores, bibliotecários, médicos e até mesmo leitores, que aliviavam o enfado de seus senhores, enquanto estes se banhavam ou se assentavam ociosos, ou comiam. Geralmente se pensava que as realizações de um escravo automaticamente eram lançadas no crédito da inteligência de seus senhores, fato esse que divertia a Petrônio.

A despeito da larga distribuição de escravos em todos os níveis da sociedade, bem como o fato de que eles ocupavam posições de responsabilidade, não nos podemos olvidar que, pela lei eles não passavam de propriedades, algo inventariado como bois ou carroças (Varrão, *De Re Rust.* i.17,1). Essa forma de tratamento era fator de «desumanização» dos escravos, tornando-os insolentes, dotados de baixo nível moral, potencialmente violentos e animalescos. A vida de um escravo estava absolutamente em poder de seu senhor. Podia ser vendido, trocado, punido ou mesmo morto, sem qualquer intervenção das autoridades. Juvenal (vi.28) registra as palavras infames de uma mulher da alta sociedade que crucificara a um seu escravo, pela única razão que isso lhe dera prazer.

A um escravo era permitido ter uma concubina, com quem podia continuar vivendo ou não. E essa concubina podia ser abusada pelo senhor a qualquer momento em que o quisesse fazer, sem qualquer lei regulamentadora. Nenhum escravo era reputado legalmente casado; de fato, isso era proibido segundo as leis romanas, pelo que também não tinha segurança de afeto, e nem controle sobre sua «esposa» ou sobre seus filhos.

A história mostra-nos que a disciplina e a punição dos escravos atingia níveis totalmente desumanos (ver Ter. *Phorm.* ii.1,17; Juv. viii.180). Com freqüência eram cruelmente açoitados, marcados a ferro em brasa em qualquer lugar do corpo, inclusive na testa. Eram crucificados ou lançados às feras vorazes. Não eram reputados como varões, nem tinham auto-respeito, e nem decência moral, porquanto esses eram itens inúteis para seu estilo de vida. A sociedade romana fazia dos escravos uns selvagens, uns vilões. Tácito fala sobre a insolência dos escravos e de suas freqüentes insubordinações. (Ver *Anais* xii.26,27). O fato de que tantos escravos se tinham tornado cristãos, o que lhes oferecia uma nova e elevada dignidade, era algo que os adversários do cristianismo usavam como arma contra os cristãos, o que foi feito por diversos escritores romanos; segundo pensavam esses escritores, a igreja cristã se tornara antro de pessoas desprezíveis, cuja fé não poderia atrair pessoas de respeito.

Havia aqueles casos excepcionais em que um escravo se tornava membro amado e respeitado da família; e muitos eram libertados, no testamento de seus senhores, ou, simplesmente recebiam a liberdade antes da morte daqueles. Assim é que Plínio, o Moço,

expressou profunda tristeza pela morte de alguns de seus escravos. (Ver *Ep.* viii.16). Vários filósofos se opunham à escravatura, e insistiam que os escravos deveriam ser tratados com humanidade. Sêneca chegou a asseverar que um escravo era apenas um acidente das circunstâncias, não estando isso de acordo com a real dignidade de um homem. Para ele, a escravidão consistia em estar alguém cativado por algum vício, ao passo que a liberdade consistiria em abster-se do mesmo. Porém, tais atitudes permaneciam como próprias de uma elite intelectual da sociedade, com pouquíssima aplicação na sociedade romana em geral.

O cristianismo (em relação à escravatura) não era uma força revolucionária. (Ver Efé. 6:5 e *ss*; I Tim. 6:1 e *ss*; Col. 4:1 e I Ped. 2:18 e *ss*, que são as passagens centrais sobre a escravatura, nas páginas do N.T.). Nenhuma delas ordena a emancipação dos escravos. Antes, aos senhores de escravos é recomendado que tratem de seus escravos com humanidade, ao passo que aos escravos é recomendada a obediência. E nem mesmo na comunidade cristã, onde senhores e escravos algumas vezes eram crentes, a emancipação destes últimos era sugerida ou praticada. É verdade que, em casos isolados, em algumas localidades, eram feitas coletas com o fim de libertar escravos crentes; e alguns senhores crentes reputavam isso seu dever. Mas tal movimento jamais se tornou universal, nem na igreja cristã, quanto menos na sociedade pagã. A sociedade judaica, apesar de praticar a escravização de «gentios» (e não de compatriotas judeus), tinha leis mais humanas; aos escravos, ali eram dados alguns direitos. Essa atitude mais tolerante veio a fazer parte do cristianismo, mas não havia como escapar do fato de que um escravo continuava sendo ali apenas uma propriedade. Infelizmente o cristianismo não avançou além do judaísmo, pois é razoável pensarmos que se um judeu não podia escravizar a outro, por serem «irmãos», como é que um cristão poderia ter como escravo a outro *irmão?* Não poderíamos exigir que uma igreja já perseguida, ainda se lançasse à tentativa de provocar uma revolução tendente a libertar os escravos; mas seria razoável que, dentro da própria comunidade cristã, não se permitisse que um crente conservasse a outra pessoa como escrava, sobretudo se essa outra pessoa fosse crente. O desejo que tinham os cristãos de obedecer aos oficiais do governo e às leis (ver o décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos) os impediam de tentar tal revolução; mas parece-nos que o mero *bom senso* teria eliminado a prática dentro do próprio cristinaismo.

O cristianismo poderia ter-se mostrado mais idealista. Com base na passagem de Gál. 3:28, que diz que em Cristo não há nem mulher, nem escravo e nem livre, mas todos são «um», a escravidão deveria ter sido eliminada do seio da igreja cristã. O fato de que assim não sucedeu mostra-nos que os primitivos cristãos, incluindo seus líderes mais proeminentes, realmente não aprenderam a verdadeira profundidade e aplicação de alguns de seus próprios preceitos. Tais preceitos eram idealistas, mas as ações da igreja eram totalmente pragmáticas. E isso nos deixa desapontados.

A *verdade transcende a qualquer aplicação local.* Embora existam ideais elevados, como aquele de Gál. 3:28, esses ideais não foram aplicados em todas as situações necessárias. Assim aprendemos que as verdades éticas e outros tipos de verdades transcendem a qualquer situação isolada, a qualquer época, a qualquer fé religiosa. Deus é infinito e conhecer a ele é o que ele exige são inquirições permanentes. É comum, hoje em dia, condenar-se a escravatura. Pelo menos nesse ponto temos melhorado nossos princípios éticos, em relação aos da igreja primitiva, havendo hodiernamente abundância de afirmações dogmáticas em favor dessa ética aprimorada.

A atitude de Paulo para com a escravatura. É inútil a suposição de que o próprio Paulo se opunha à escravatura, mas guardou silêncio. Antes, ele nunca mostrou a intenção de derrubar o sistema e é provável que não se sentisse compelido a fazê-lo. Provavelmente compartilhava da atitude de que se deveria usar de maior simpatia para com os escravos, de que falaram filósofos como Aristóteles, Zeno, Epicuro e Sêneca. Além disso, lembremo-nos da cultura dos hebreus da qual Paulo fazia parte, onde havia uma atitude mais humana para com os escravos. O trecho de Lev. 25:45,46 proibia que um israelita escravizasse a outro. As regulamentações do Talmude exigiam que aos escravos fossem dados os mesmos alimentos que consumiam os senhores, e que aqueles fossem tratados de maneira «fraternal» (*Kiddushin*, 20a). Sob a lei, um escravo fugitivo que fosse recuperado, não deveria ser morto, embora tivesse a responsabilidade de substituir qualquer prejuízo provocado, incluindo o tempo perdido, contra o seu senhor. É provável que Paulo visse sabedoria em tais regulamentos. Ver os trechos de Êxo. 21:2-11; Lev. 25:39-54; Deut. 15:12-18 e 23:16,17, quanto à atitude do A.T. acerca da escravatura. Tais leis chegavam a determinar a libertação final dos escravos.

Contudo, o cristianismo melhorou o tratamento dos escravos, — tendo sido finalmente destruído esse sistema. Vários intérpretes pensam que as leis romanas, que gradualmente foram sendo melhoradas, sofreram a influência cristã. Seja como for, foi o *amor cristão* que finalmente destruiu esse sistema, embora fosse necessário longo tempo para isso.

VI. Qualidade Estética

«Os tributos à beleza, à delicadeza e ao tato da epístola a Filemom vêm da parte de representantes de todas as escolas, de Lutero a Calvino, e então de Renan, de Baur e de von Soden... A epístola tem sido comparada com uma carta dirigida por Plínio, o Moço, a um amigo, em circunstâncias similares. Contudo, citando Lightfood, 'Se a pureza de dicção for excetuada, dificilmente haverá qualquer diferença de opinião em se dar a palma ao apóstolo cristão. Como expressão de simples dignidade, de cortesia refinada, de profunda simpatia e de caloroso afeto pessoal, a epístola a Filemom não tem rival. E sua proeminência se torna um tanto mais notável porque seu estilo é bastante frouxo. Nada deve às graças da retórica; seu efeito se deve exclusivamente ao espírito do escritor'. 'Deleitamo-nos com ela', diz Sabatier, 'em nossa atarefada estrada, descansando um pouco com Paulo, de suas grandes controvérsias e labores fatigantes, no oásis refrescante da amizade cristã. Estamos acostumados a conceber o apóstolo sempre preparado para a guerra, revestido de lógica e de argumentos contundentes. É delicioso encontrarmos a um Paulo em descanso, capaz de entregar-se, por alguns momentos, a uma conversa amigável, tão plena de liberdade e até mesmo de prazer'». (Vincent, introdução à epístola a *Filemom*).

«Essa epístola apresenta um exemplo encantador e magistral do amor cristão». (Lutero).

«Em parte alguma encontraremos a sensibilidade e o calor da amizade delicada de forma mais belamente mesclada com altos sentimentos de um intelecto superior, sim, de um mestre e apóstolo, do que nesta

epístola breve mas tão sentenciosa». (Ewald).

«Que consciência de dignidade apostólica, que profunda humildade e amor! Que elevação e plenitude de pensamento cristão, exibido no tratamento de um incidente pertencente à mais comum das relações da vida! Que poder de eloqüência! Que delicadeza de sentimentos, mas que argumentos incisivos!» (Wiesinger).

«Trata-se de preciosa relíquia de um grande caráter. Persegue seu objetivo com grande amor e sabedoria cristãos, com tanto tato psicológico, e sem renunciar à autoridade apostólica, de forma tão engenhosa e sugestiva, que essa epístola, vista meramente como espécime da elegância e da urbanidade ética, poderia ser posta entre as obras-primas epistolares da antiguidade». (Meyer).

«Essa epístola é importante ajuda, que nos capacita a entender a Paulo, ao seu caráter, aos seus dotes intelectuais, às suas qualidades de coração». (Burke).

«Se essa epístola não fosse considerada sob outros prismas além de uma mera composição humana, aïnda assim teríamos de reputá-la uma obra-prima». (Doddridge).

«Cícero nunca escreveu com maior elegância». (Erasmo).

«Foi escrita como elemento decorativo do evangelho». (Jerônimo).

«Admiremos a sua elegância». (Bengel).

A epístola similar de Plínio, o Moço (*Letters*, ed. F.C.T. Bosanquet, IX.21), é dada em seguida, para satisfazer à curiosidade do leitor:

«Teu liberto, a quem ultimamente mencionaste para mim com desprazer, esteve comigo; e se lançou a meus pés com submissão tal como poderia ter-se lançado aos teus. Com muitas lágrimas me rogou, e até com toda a eloqüência da tristeza silenciosa, que eu intercedesse por ele; em suma, convenceu-me, com toda a sua conduta, que sinceramente estava arrependido de sua falta. Estou persuadido que se reformou totalmente, devido ao fato de que parece sentir profundamente a sua culpa. Sei que estás indignado com ele, — e também sei que não é sem razão; mas a clemência nunca poderá ser exercida, com tanto aplauso, como onde há mais causa de ressentimento. Antes tinhas afeição por esse homem, e espero que novamente seja assim; nesse ínterim, permite-me solicitar-te apenas que o perdoes. Se porventura ele vier novamente a incorrer em teu desprazer daqui por diante, terás maior motivo para te justificares da ira, conforme também agora te mostras sumamente misericordioso para com ele. Concede algo a esse jovem, às suas lágrimas e ao teu temperamento naturalmente suave; não continues a deixá-lo intranqüilo, e, quero adicionar, não te intranqüilizes tu mesmo; pois um homem da bondade de teu coração não pode irar-se sem sentir grande agitação. Temo que se vier a juntar os meus rogos aos dele, pareça eu querer compelir-te a perdoá-lo. Contudo, não tenho escrúpulos por juntar meu pedido ao dele; e tanto mais fortemente porque o repreendi incisiva e severamente, ameaçando-o positivamente de nunca mais interceder novamente em seu favor. Porém, embora fosse apropriado dizer isso para ele, para induzi-lo a um maior temor de ofender, não o digo para ti. Talvez eu tenha novamente oportunidade de rogar-te nesse sentido, obtendo uma vez o teu perdão; supondo, quero dizer, que a sua falta seja tal que me seja próprio interceder por ele, e a ti, seja próprio perdoar. Adeus».

VII. Conteúdo

I. Saudação (vss. 1-3)

II. Ação de graças e oração, com base nas qualidades cristãs de Filemom (vss. 4-7)

III. Pedido em favor de Onésimo (vss. 8-21)

IV. Pedido de hospitalidade (vs. 22)

V. Saudações da parte de amigos de Paulo (vss. 23 e 24)

VI. Bênção (vs. 25)

VIII. Bibliografia: AM EN HRR I IB MOF NTI TI VIN

FILETO

No grego, «amado». Paulo dirigiu uma palavra muito amarga contra esse homem e Himeneu, como falsos mestres. Provavelmente não erramos quando supomos que eles ensinavam certa variedade do gnosticismo (vide), uma heresia que assediou a Igreja antiga por cerca de cento e cinqüenta anos. Ver II Tim. 2:16-18. Paulo asseverou que os ensinos deles haveriam de se propagar como a gangrena. Eles afirmavam que a ressurreição já havia ocorrido, talvez admitindo que Cristo realmente ressuscitara, mas supondo que isso poderia ser ou deveria ser duplicado nos crentes. No caso da Igreja, provavelmente, eles alegorizavam ou espiritualizavam esse ensino, dependendo somente da imortalidade da alma. Segundo a doutrina deles, a ressurreição não envolveria o corpo físico, mas somente sob a forma do conhecimento da vida e da revolução moral. Ofereço uma longa nota sobre os problemas envolvidos naquele texto, nas notas expositivas do NTI. Ver o artigo geral acerca da *Ressurreição*.

FILHA

No hebraico, **bath**, forma feminina de **bane** (filho). Esse termo é usado por mais de quinhentas e setenta vezes, no Antigo Testamento, com mais sentidos do que a nossa palavra portuguesa correspondente, «filha».

1. O sentido usual de uma *filha*, por geração natural, ou como filha adotiva (Gên. 11:29; 20:12).

2. Uma *sobrinha*, ou qualquer descendente do sexo feminino (Gên. 20:12; 24:48; Núm. 25:1; Deu. 23:17).

3. As mulheres em geral, de qualquer tribo ou nação, como as filhas dos filisteus (Isa. 3:16), ou as filhas de Sião (Isa. 3:16).

4. As mulheres que professam alguma fé religiosa, como as filhas de algum deus estrangeiro (Mal. 2:11). Também podemos incluir nisso as filhas de Sião, quando está em pauta a fé de Israel, e não meramente a nação (Isa. 3:16).

5. O povo de qualquer localidade, coletivamente falando, como as filhas de Jerusalém (Isa. 32:22; Sal. 45:13; Isa. 10:30).

6. *Usos Metafóricos*: a. As cidades menores, próximas das cidades maiores, com base provável na circunstância que, com freqüência, as cidades maiores dão origem às cidades menores, quando os subúrbios mais externos se expandem (Núm. 26:25; Isa. 23:12). Nesse mesmo sentido, uma colônia poderia ser chamada de filha de uma cidade-estado. b. A expressão «filha de noventa anos», que aparece, em algumas traduções, em Gênesis 17:17, simplesmente designa a idade de Sara. Nossa versão portuguesa diz somente «noventa anos». c. O crescimento e a prosperidade de uma família são expressos dizendo que as filhas da mesma se assemelham aos ramos de uma vinha que se espalham por uma parede (Gên. 49:22). d. As santas são filhas

de Deus, uma expressão que enfatiza o papel de Deus como pai, bem como as relações dentro da família divina (Sal. 45:10-14). e. As «filhas da música», que se vão diminuindo, conforme se lê em Eclesiastes 12:4, representam uma metáfora que indica os pulmões e os ouvidos, os instrumentos para produção e audição dos sons, e, portanto, da música, mediante o processo do envelhecimento. f. Os ramos e brotos de uma árvore são chamados «filhas», pelo menos em certas versões. Nossa versão portuguesa diz «galhos» (Gên. 49:22). Como símbolo de um sonho ou de uma visão, uma filha representa o trabalho, a profissão ou o projeto que alguém está procurando concretizar.

FILHO (FILHOS) Ver sobre **Família**.

FILHO DA PERDIÇÃO Ver **Perdição, Filho da.**

FILHO DE DAVÍ Ver **Messias**, V. 1. e.

FILHO DE DEUS

No grego, **uiòs theoû**. Ver também sobre **Cristologia**. Essa expressão constitui uma afirmação credal favorita da Igreja primitiva, que rapidamente se tornou parte de uma antiga confissão batismal de fé.

Esboço:

I. Origens Veterotestamentárias da Expressão
II. Uso nos Evangelhos Sinópticos
III. Uso no Livro de Atos
IV. Significado da Expressão no Mundo Pagão
V. Uso nas Epístolas Paulinas
VI. Evidências Joaninas
VII. Uso na Epístola aos Hebreus
VIII. Alguns Usos Bíblicos de Importância

I. Origens Veterotestamentárias da Expressão

No hebraico, a expressão «filhos de Deus» é usada frouxamente para descrever os seres angelicais que formam uma espécie de «corte celeste» de Yahweh. Essa, incidentalmente, é uma explicação possível da passagem arcaica de Gên. 6:2-4. (Ver também Jó 1:6 e 2:1, onde o próprio Satanás pode ser incluído nesse ajuntamento). A passagem de Jó 38:7 parece ser um antecedente veterotestamentário do cântico angelical que aparece em Luc. 2:14. E a passagem de Salmos 82.6, onde encontramos as palavras «Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo», também pode apontar para os «anjos». No hebraico, essa expressão é usada para indicar seres celestiais que, na qualidade de compartilhadores da natureza espiritual de Deus, poderiam ser chamados «filhos de Deus», de acordo com um semitismo comum e bem conhecido. O que importa observar é que, sem importar a origem dessa expressão, ela não envolve qualquer associação politeísta, nas páginas do Antigo Testamento. A relação entre Deus e esses seres, até mesmo em face do sentido da palavra «anjo» (no grego, «enviado»), é a de enviador e enviados. Essa explicação tem a vantagem de explicar outras instâncias similares do Antigo Testamento. Para exemplificar, Oséias, 1:10, que descreve Israel como «filhos do Deus vivo». Talvez a idéia por detrás de uma expressão como essa seja a da obediência amorosa, e não tanto a idéia de filiação ou descendência, ou mesmo a idéia de semelhança.

Quanto ao pano de fundo da cristologia neotestamentária, o uso do substantivo singular, «filho», é mais importante. O trecho de Oséias 11:1 registra que o povo de Israel, considerado coletivamente, é chamado por Deus de «o meu filho». Mas, no Novo Testamento, a passagem de Mateus 2:15 aplica isso diretamente a Jesus Cristo. É possível que «o amor do pacto» constitua o vínculo filial em ambos os lados. A alternância entre a forma singular e a forma plural (no singular está em destaque o sentido coletivo) é típica da teologia do Antigo Testamento; pois, embora o termo apareça ali no singular, não está em foco nenhum indivíduo especial como filho de Deus. Somente quando chegamos no Novo Testamento é que alguém ousou clamar «Aba, Pai», nesse sentido. Primeiramente assim fez o próprio Cristo, e então os cristãos (ver Mar. 14:36 e Rom. 8:15). O trecho de Sal. 2:7 descreve uma certa relação pessoal (ver sobre *Filho Unigênito*), que é aplicada à pessoa de Jesus em Atos 13:33 e em Hebreus 1:5. Esse é um salmo real, que vincula a filiação a Deus ao reinado davídico. A opinião mais provável a respeito é aquela que diz que o rei em foco representa a nação de Israel, que já havia sido descrita como «o filho de Deus».

Seja como for, essa expressão indica uma filiação por adoção, motivada na graça divina, conforme se deu no caso do povo de Israel. Talvez esteja ligada à natureza messiânica do rei, porquanto todos os reis de Israel eram «ungidos» do Senhor (I Sam. 24:6); e isso era duplamente verdadeiro, no caso dos reis da linhagem de Davi. Naturalmente, quando esse tipo cumpre-se na pessoa de Cristo, o sentido do termo ultrapassa em muito ao que diz aquele salmo, no tocante à filiação por natureza e geração. Quanto a um outro exemplo da idéia de *filiação divina*, ver Salmos 89:26,27. E ainda uma outra preparação para o uso do singular é a descrição das misteriosas figuras de Daniel 3:25, onde lemos: «um filho dos deuses». No entanto, a passagem de Daniel 3:28, portanto, três versículos adiante, explica que se tratava do «anjo» de Deus. Mas, com a progressão da revelação divina, a teologia posterior via nisso uma cristofania, à semelhança da interpretação cristã quanto a outras menções do «anjo de Yahweh» ou «anjo do Senhor», nas páginas do Antigo Testamento.

Precisamos entender, porém, que o antigo Testamento não podia desdobrar essa revelação cristológica mais do que isso, sob pena de pôr em perigo a sua própria doutrina fundamental da unidade de Deus. No entanto, tal como no caso da expressão «filho do homem», a expressão «filho de Deus» armou o palco onde a cena do Novo Testamento teria lugar.

II. Uso nos Evangelhos Sinópticos

a. Postulados Iniciais. O evangelho de Marcos, o mais primitivo de todos, abre com a expressão «Jesus Cristo, Filho de Deus». E as evidências textuais em favor da retenção das palavras «Filho de Deus», nesse versículo inicial de Marcos, são muito boas. Isso é tanto mais notável em face da cautela com que Marcos usou essa expressão ou título (cf. também Mar. 15:39). Os trechos de Lucas 1:32 e 35 conferem a Jesus o título de «Filho do Altíssimo» e de «Filho de Deus», respectivamente. A passagem de Mateus 1:23 cita a profecia sobre o Emanuel, de Isaías 7:14, como predição que teve cumprimento em Jesus; e o trecho de Mateus 2:15 aplica as palavras «o meu Filho», que se derivam de Oséias 11:1, diretamente a Jesus Cristo. No começo de todos os três evangelhos sinópticos, a filiação de Cristo é claramente postulada. Não há que duvidar que tanto Mateus quanto Lucas, em seus evangelhos, davam grande valor ao nascimento virginal de Cristo. Mateus via no nascimento virginal o cumprimento da profecia sobre o Emanuel, como um sinal de que, naquela Criança, Deus viera habitar entre os homens. Em Lucas 1:35, a filiação de Cristo é diretamente ligada a seu nascimento virginal, por meio do poder do Espírito Santo (embora a paternidade de Deus não deva ser compreendida em

sentido cru e literal). Os termos selecionados pelos diversos escritores sagrados do Novo Testamento ajudam a esclarecer esse ponto. Há dois vocábulos gregos que poderiam ser traduzidos como «filho», a saber, *téknos* e *uiós*. O primeiro indica um filho gerado naturalmente, e Jesus nunca é chamado de «téknos de Deus». O segundo significa um herdeiro, e Jesus é chamado «uiós de Deus».

Não se pode dizer que a doutrina do nascimento virginal de Cristo seja irrelevante para os escritores do Novo Testamento. Contudo, não foi meramente em razão de seu nascimento físico que ele foi declarado «filho de Deus», conforme se vê em Luc. 1:31,32. A razão fundamental pela qual Jesus foi declarado «filho de Deus», conforme Paulo deixa bem claro, foi mediante a «ressurreição dos mortos» (Rom. 1:4).

b. Declarações Batismais. A filiação de Cristo é reiterada quando da narrativa de seu batismo, por João Batista (Mar. 1:11 e paralelos). As palavras «Tu és o meu Filho amado...» constituem uma combinação da declaração de Salmos 2:7 (um rei messiânico) e de Isaías 42:1 (o Servo sofredor do Senhor). O contexto parece associar a idéia de filiação tanto com a possessão do Espírito Santo quanto com o poder de conferir o Espírito Santo a outras pessoas (Mar. 1:8).

Todavia, a cristologia judaica herética distorcia isso, no sentido adocionista, como se o homem Jesus tivesse recebido o Espírito, pela primeira vez, por ocasião de seu batismo, o que O teria transformado no Filho de Deus. No entanto, é evidente que Jesus recebeu o título de «Filho de Deus» muito antes até mesmo de ter nascido. Desde o Antigo Testamento há menções, posto que veladas, ao Filho. Dessas passagens, uma das mais claras é a de Isaías 9:6, onde se lê: «Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz».

A conexão entre a filiação de Cristo e o Espírito Santo é muito importante (cf. Gálatas 4:6). O batismo, sem importar seus outros sentidos, representa a aceitação pública de Jesus quanto à sua responsabilidade como Filho de Deus, — que, em razão da obediência à vontade do Pai, haveria de conduzir Jesus ao sofrimento e à morte e, em conseqüência, ao reconhecimento, por parte dos remidos, que ele é o Messias e Salvador. «Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel, de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo» (Atos 2:36). Disse Jesus: «Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser batizado...» (Luc. 12:50). E, quando da transfiguração, Moisés e Elias referiram-se à paixão e ao sacrifício de Jesus, que ele estava prestes a cumprir em Jerusalém (Luc. 9:31). Em face da centralidade dessa declaração batismal, pois, não nos podemos surpreender ante o fato de que, na Igreja primitiva, o batismo do crente também estava associado à confissão de Jesus como «o Senhor» ou como «o Filho de Deus» (Atos 8:37 e I Cor. 12:3). Apesar da opinião em contrário, de alguns estudiosos modernos, não parece que se possa fazer qualquer distinção entre essas duas confissões.

c. A Tentação de Jesus. Sempre que as tentações de Cristo são particularizadas na Bíblia (como em Mat. 4:1-11), elas são diretamente vinculadas à consciência que ele tinha de ser o Filho de Deus. Não fora isso, tais tentações perderiam inteiramente a sua força e tornar-se-iam destituídas de significado. Aparentemente, a tentação tinha um duplo alvo: fazer Jesus duvidar de sua própria filiação divina e fazê-lo abusar da mesma, mediante alguma exibição espetacular e egoísta de seu poder divino, o que importaria em uma falha de sua parte, no caminho da obediência. Se Jesus se tornasse um mero operador de prodígios, talvez estivesse qualificado, segundo as concepções pagãs, a ser considerado o Filho de Deus. Mas Jesus não almejava por esse reconhecimento apenas superficial. Talvez isso explique, pelo menos em parte, a sua relutância em exibir abertamente os seus poderes miraculosos, quando era desafiado pelos incrédulos a fazê-lo. — Mesmo às vésperas da crucificação, a tentação para ele evitar a vereda da obediência, como convinha ao Filho de Deus, continuava a fazer-se presente. Ver Luc. 22:42. Porém, visto que o próprio Senhor Jesus revelou aos seus discípulos acerca dessas tentações, precisamos concluir que o conceito de filiação deve ter sido algo que ele compreendia perfeitamente bem, o que envolvia a sua pessoa e o seu ministério. Assim sendo, podemos afirmar que o batismo foi o testemunho do Pai acerca do Filho; mas as tentações foram o testemunho de que o Filho tinha conhecimento próprio de que era o Filho de Deus.

d. Confissões por Parte dos Demônios. O testemunho dos demônios, que se verificou com certa freqüência, conforme é evidente para o leitor dos evangelhos, não era aceito por Cristo (embora ele nunca tenha negado a veracidade desse testemunho), provavelmente porque era um testemunho involuntário, não se originando nem da revelação divina e nem da fé, no sentido cristão. Todavia, era um testemunho sobrenatural e, por causa disso, revestia-se de importância e ficou registrado nas páginas sagradas. O trecho de Marcos 3:11,12, em paralelo com o de Marcos 1:23-25 (onde as palavras «o Santo de Deus» provavelmente têm o mesmo sentido que «o Filho de Deus»), deixa claro que esse testemunho demoníaco rejeitado foi comum durante o ministério de Jesus. E os trechos de Atos 19:15 e Tia. 2:19 testificam sobre dias posteriores, já bem dentro da época da Igreja. Nunca foi duvidado pelos cristãos que Cristo tinha autoridade para expelir os demônios. E nem mesmo os seus adversários puderam negar esse fato. A única questão que estes últimos enfrentavam era a origem desses poderes (Mar. 3:22). Portanto, não temos qualquer razão para duvidar do testemunho dos demônios acerca da filiação divina de Jesus Cristo.

e. Confissões Feitas pelos Discípulos de Jesus. Depois que Jesus acalmou a tempestade, os discípulos O «adoraram», dizendo: «Verdadeiramente és Filho de Deus!» (Mar. 14:33). É possível que esse tenha sido um reconhecimento superficial de homens atônitos — diante daquela exibição de poder sobrenatural; em outras ocasiões similares não houve nenhuma confissão teológica tão plena (ver, por exemplo, Mat. 8:27). Porém, sem importar a força desse testemunho dos discípulos, o fato é que, em Cesaréia de Filipe, Pedro prestou um testemunho ainda mais definitivo sobre a filiação divina de Cristo. Ver Mat. 16:13-16. Porquanto o testemunho de Pedro não foi feito sob o impulso da admiração causada por algum milagre operado por Jesus. De fato, esse foi um ponto culminante para os discípulos e para o próprio Jesus. Desse reconhecimento voluntário, dependia todo o sucesso da missão da futura Igreja. Quando Pedro respondeu: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo», mostrou que era dotado do discernimento espiritual que vem unicamente de Deus, e que também garante a vitória cristã. Foi o que João declarou, posto que com outras palavras: «...e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé» (I João 5:4).

Daquele momento em diante, Jesus podia ensinar

seus seguidores acerca do significado da *filiação*, bem como de seu caráter messiânico, em termos de sua obediência e morte (Mat. 16:21). E, a esta altura, podemos antecipar que, quando Jesus morreu e ressuscitou, ele foi capaz de ensinar-lhes a maravilhosa realidade da nossa própria filiação a Deus. De fato, as primeiras palavras que Jesus proferiu, depois que ressuscitou, segundo os registros dos evangelhos, foram o seu diálogo com Maria Madalena. E ele disse a ela: «...vai ter com os meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus» (João 20:17). Jesus não veio a este mundo apenas para mostrar aos homens que ele é o Filho de Deus. Isso já seria maravilhoso em si mesmo. Mas, além disso, Jesus veio remir os homens para que se tornem «filhos de Deus» no sentido mais literal dessa expressão. Esse aspecto da missão de Cristo, que tão de perto nos toca, foi expresso pelo escritor da epístola aos Hebreus, quando ele disse: «Eis aqui estou eu, e os filhos que Deus me deu» (Heb. 2:13).

Jesus sempre aceitou, sem fazer qualquer objeção, o título de Filho, reconhecendo esse título como uma prova de que Deus é quem havia iluminado os corações de seus discípulos (Mat. 16:17). Todavia, segundo se vê através do protesto de Pedro, em Mateus 16:22; o reconhecimento da filiação divina de Jesus não incluía, automaticamente, o reconhecimento de que ele era o Messias, o Servo sofredor do Senhor. A mesma combinação das idéias de filiação e de caráter messiânico transparece na confissão de Pedro (Jo. 6:69), bem como na pergunta que o sumo sacerdote fez a Jesus, quando do seu julgamento diante do Sinédrio. Ver Mar. 14:61. A raiz da combinação das idéias referidas por certo encontram-se nas páginas do Antigo Testamento, onde «Filho» e «Messias» aparecem juntos, no caso do Rei davídico prometido.

f. A Autoconfissão de Jesus. Essa confissão ficou implícita desde o batismo e a tentação de Jesus, mas foi feita explicitamente na chamada passagem «joanina», em Mateus 11:25-27 e paralelo em Lucas 10:21,22. Aquela exclamação de Jesus demonstra claramente que ele tinha consciência de sua relação sem-igual com o Pai, definida por ele mesmo como filiação ao Pai, e que consistia no mais íntimo conhecimento e familiaridade e mediação entre Deus e o homem. Tal autoconfissão também está envolvida na aceitação do título, quando usado pelos seus discípulos (Mat. 14:33; 16:16). Por igual modo, ao ser interrogado pelo sumo sacerdote, quando de seu julgamento diante do Sinédrio, Jesus admitiu o título imediatamente, embora fazê-lo fosse convidar a morte sob a acusação de blasfêmia. Na verdade, ter-lhe-ia sido impossível negar a sua própria filiação, porquanto isso teria sido negar a sua própria natureza. E também há outros trechos, nos evangelhos sinópticos, onde Jesus referiu-se a si mesmo, segundo o estilo joanino, como «o Filho», em contraste com «o Pai». O exemplo mais notável disso é o de Marcos 13:32. E nenhum crítico ousa pôr essa passagem em descrédito, como se tivesse sido inventada pela Igreja, visto que a mesma postula o problema do limite da onisciência.

g. A Confissão dos Adversários de Jesus. Tal como o testemunho dos demônios, essa confissão também era involuntária, no sentido que não se originava da percepção da fé. Todavia, não era algum testemunho sobrenatural, como o dos demônios. Apesar disso, é a mais definitiva prova possível da existência dessa reivindicação, por parte de Jesus. A pergunta feita pelo sumo sacerdote, quando do julgamento de Jesus (Mar. 14:61), e a zombaria daqueles que se acotovelavam diante da cruz (Mat. 27:43) destacam esse fato. Pois, a menos que fosse bem sabido que Jesus fizera ou, pelo menos, aceitara tal reivindicação, nem a indagação e nem as zombarias teriam qualquer sentido. Talvez o testemunho do centurião, diante da cruz (Mar. 15:39), também possa ser considerado como um testemunho desses. Tais palavras só poderiam ter aflorado aos seus lábios se ele tivesse conhecimento do que Jesus dissera sobre sua própria pessoa.

III. Uso no Livro de Atos

a. No Período Anterior a Paulo. Nos capítulos primeiro a décimo segundo do livro de Atos há somente uma ocorrência indiscutível da expressão «Filho de Deus». E até mesmo isso dentro de um contexto paulino. Isso nos surpreende, visto que o livro de Atos é a continuação do evangelho de Lucas e o terceiro evangelho contém essa expressão por várias vezes. A única explicação para isso é que a Igreja de Jerusalém, antes da conversão de Paulo, preferia não usar tal expressão, embora, sem dúvida, os primeiros cristãos dessem um alto valor à pessoa de Cristo (ver sobre *Cristologia*). Também é possível que o uso dessa expressão causasse uma colisão direta com os judeus, se fosse usada na pregação cristã. Ora, antes de Estêvão, os cristãos procuravam evitar tal choque. Em Atos 3:13 e 26 é empregado o termo grego *pais*, «servo», «criado». Se a idéia de «Filho» acha-se embutida nos Cânticos do Servo, em Isaías 42:1, então não há nenhum problema quanto à questão, e então o livro de Atos reflete um uso ambíguo da expressão, por parte da Igreja primitiva — o entendimento dos crentes prontamente veria em *pais* o «Filho de Deus»; e os incrédulos não se sentiriam ofendidos. A confissão feita pelo eunuco etíope, em Atos 8:37: «Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus», não se acha nos melhores e mais antigos manuscritos, pelo que não deve fazer parte do texto original. Portanto, a única instância segura é a de Atos 9:20, quando Saulo, depois que se converteu, passou imediatamente a proclamar Jesus, nas sinagogas de Damasco, como «o Filho de Deus», juntamente com provas bíblicas do seu caráter messiânico. Mas esse uso já pertence à próxima seção de nosso estudo.

b. O Período Paulino do Livro de Atos. Esse período é coberto pelos capítulos treze a vinte e oito, com a adição de Atos 9:1-30 (especialmente o versículo 20). Os judeus entenderam muito bem o alcance da pregação de Paulo, no tocante à divindade de Jesus. Isso é demonstrado pelo fato de planejarem tirar-lhe a vida (Atos 9:23). Entretanto, Paulo não temia entrar em choque com seus compatriotas incrédulos. Ele sempre foi conhecido como um «agitador», pelos seus adversários (Atos 17:6; 21:21; 24:5). Sua pregação em Antioquia da Pisídia (Atos 13:16-41) nos serve de modelo quanto à sua prédica nas sinagogas de Damasco e Jerusalém. Conforme já mostramos acima, Paulo não ligava a filiação divina de Cristo primariamente ao seu nascimento, nem ao seu batismo, mas à sua ressurreição, citando o Salmo 2:7, que é um salmo messiânico, como prova. Ver Atos 13:33. O nascimento, o batismo e a ressurreição se complementam; e Paulo não entendia a ressurreição de Cristo em sentido «adocionista», que diz que ele só se tornou Filho de Deus ao ressuscitar dentre os mortos. Antes, conforme Paulo deixa bem claro, por ocasião de sua ressurreição, Jesus «foi declarado» Filho de Deus (Rom. 1:4; onde nossa versão portuguesa, um pouco mais próxima do sentido original da palavra grega ali empregada, *orízo*, traduz por *foi designado*). Em outras palavras, a prova de que Jesus é o Filho de Deus é que a morte não conseguiu retê-lo no sepulcro. Esse é, igualmente, o sentido das

palavras de Paulo, «...o primogênito de entre os mortos...», em Col. 1:18. Em sua ressurreição, Jesus tornou-se o primeiro a receber um corpo ressurrecto e glorificado. Cabe a ele a primazia, ainda no dizer do apóstolo, o que significa que, no tempo certo, os «filhos de Deus» serão ressuscitados e glorificados segundo o modelo, que é Cristo. Mas, voltando ao livro de Atos, este não contém outros detalhes sobre a pregação de Paulo aos judeus, por ter sido ele o apóstolo dos gentios, para os quais o assunto não envolvia qualquer polêmica.

IV. Significado da Expressão no Mundo Pagão

Esse significado talvez explique a aparente ausência da expressão «Filho de Deus» na pregação paulina, em comparação com sua ocorrência freqüente em suas epístolas. Para os incrédulos, essa expressão não tinha o menor sentido. Nos tempos helenistas era usada a expressão «homens divinos» para indicar certos mestres religiosos e supostos operadores de milagres. E, na mente popular, haveria os «heróis», que seriam «filhos dos deuses». Paulo, pois, não podia dar a impressão de que apoiava tais idéias pagãs. Se adicionarmos a isso a idéia pagã que os monarcas eram divinos, então compreenderemos ainda melhor a cautela de Paulo, em sua pregação, para evitar tais idéias. Somente quando Paulo podia qualificar expressões como «Filho de Deus» (o que podia fazer em suas epístolas, mas não em sua pregação ao vivo, diante de uma audiência pagã e incrédula), é que ele as usava. Isso explica o uso da expressão em suas epístolas, mas não em sua prédica.

V. Uso nas Epístolas Paulinas

a. Nas Primeiras Epístolas. A primeira menção à expressão «Filho de Deus», nas epístolas de Paulo, acha-se em Gálatas 2:20. Desde então Paulo sentia-se capaz de caracterizar o caminho cristão como «fé no Filho de Deus» (cf. Atos 9:20). Essa fé está ligada ao sentido soteriológico de Cristo, pois Paulo logo ajunta as palavras «...que me amou e a si mesmo se entregou por mim». Romanos 1:3,4 é outra dessas passagens, sobre a qual já comentamos algo, acima. Ali Paulo faz retroceder a filiação divina até o seu nascimento, o que nos permite entender que ele não pensava que Jesus só se tornou divino ao ressuscitar, conforme têm afirmado, equivocadamente, alguns eruditos recentes. Mas Paulo ajunta que, por ocasião de sua ressurreição, a sua divindade foi designada, foi fixada, foi provada. Uma terceira ocorrência da expressão encontra-se em II Coríntios 1:19. Ali o apóstolo ensina que em Cristo há o «sim». Em outras palavras, a expressão «Filho de Deus» inclui a idéia de que nele se cumprem, positivamente, todas as promessas de Deus, mediante as quais Deus resolveu revelar-se. Isso significa que Cristo não é outro senão o próprio Deus revelado. Ora, isso Jesus deixara claro acerca de si mesmo e os judeus tinham entendido muito bem. Lemos em João 5:18: «Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus». A quebra do sábado, por parte de Jesus, já seria reputada como motivo suficiente, pelos judeus incrédulos, para ele ser condenado à morte. A isso, porém, Jesus acrescentava um crime ainda mais grave (segundo a opinião dos mesmos judeus incrédulos), ou seja, o de declarar-se «Filho de Deus». Isso equivalia a dizer que ele era «igual a Deus». Ora, esse ponto os seus discípulos entenderam muito bem e pregaram. Por essa verdade eles sofreram e alguns chegaram a morrer como mártires. Essa é a grande revelação do Novo Testamento: Deus manifestou-se em carne humana e viveu entre nós; e o nome dele era Jesus Cristo! Infelizmente, em todas as épocas da cristandade tem havido «cristãos» que não acreditam nisso, mas procuram atribuir a Jesus, quando muito, uma espécie de divindade secundária, uma noção inaceitável diante da Bíblia, a qual reconhece a existência de um único Deus. Ou Jesus é o «verdadeiro Deus» ou não é Deus coisa alguma. O que ele não pode ter sido é um «deus secundário». No entanto, muitos caíram nesse erro de concepção no passado e muitos continuam a cair no presente. Um dos mais claros exemplos dessa negação da plena divindade de Jesus é o das chamadas Testemunhas de Jeová, as quais reiteram idéias que os gnósticos pregavam nos primeiros séculos do cristianismo.

b. Nas Últimas Epístolas de Paulo. A passagem dos anos não debilitou as convicções de Paulo de que, na pessoa de Jesus, Deus manifestara-se em carne humana. O trecho de Efésios 4:13 representa uma teologia paulina mais amadurecida. Ali Paulo equipara o alvo da maturidade espiritual com o «pleno conhecimento do Filho de Deus». Quem é espiritual reconhece o Filho de Deus. Com isso poderíamos combinar o trecho de Lucas 10:22, que lhe é teologicamente paralelo. Nessa passagem do terceiro evangelho, Jesus mostra-nos que, em certo sentido, o mistério que cerca o Filho ainda é maior que o mistério do Pai. Se o Pai foi revelado na pessoa do Filho, somente o Pai conhece as verdadeiras dimensões do Filho: «Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai...» Somente Deus pode conhecer a Deus em toda a sua amplitude.

Nas epístolas paulinas, entretanto, a cristologia chega ao seu ponto culminante em Colossenses 1:15-20. Tudo quanto é dito ali, refere-se ao «Filho do seu amor», conforme lemos no vs. 13: As primeiras palavras desse trecho dizem quase tudo quanto nos interessa examinar neste verbete: «Ele é a imagem do Deus invisível...» Quando Deus apôs a sua assinatura, na obra da redenção, estava escrito: «Jesus, o Filho».

Em seguida, porém, Paulo acrescenta que Jesus, o Filho, não somente foi o agente preexistente da criação, mas também é o próprio alvo da criação: «Tudo foi criado por meio dele e para ele». O Filho provê sustentação e continuidade à criação inteira: «Nele tudo subsiste». O Filho é o cabeça da nova humanidade redimida: «Ele é a cabeça do corpo, da Igreja». O Filho é o protótipo da futura humanidade ressurrecta e glorificada: «Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos...» O Filho tem em si mesmo «toda a plenitude» divina, o que equivale a dizer que não existe Deus fora de Jesus Cristo. E, finalmente, o Filho, por intermédio de sua morte expiatória, reconciliou Consigo mesmo todas as coisas. Em outras palavras, o pecado de Satanás e seus anjos, bem como o pecado de Adão e seus descendentes, havia feito Deus repelir para longe de seu prazer a sua criação espiritual e material. Porém, em Cristo, Deus efetuou a reconciliação entre a sua pessoa e todas as coisas. E isso, por sua vez, abriu caminho para que possa haver a restauração final. Ver sobre a *Restauração*.

VI. Evidências Joaninas

a. No Quarto Evangelho. O evangelho de João não vai além da teologia expressa em Mateus 11:25,27, que também é indicada em vários outros trechos de tradição sinóptica. Porém, João arranjou seu material de outra maneira, trazendo à tona o pleno sentido de conceitos que, nos evangelhos sinópticos, tinham ficado apenas latentes, subentendidos. João dá início ao seu evangelho com uma vigorosa declaração da

teologia do Logos: Jesus Cristo é o Verbo preexistente de Deus, ativo na criação e originador de tudo. Esse papel é firmemente vinculado à sua filiação divina (João 1:14, que é a explicação de João 1:1-3). Quanto a uma discussão sobre a teologia do Logos, ver o artigo *Cristologia*. Nos escritos de João, a filiação divina de Jesus Cristo sempre é vista contra esse pano de fundo cósmico, e não apenas como uma realidade terrena, dependente de algum acontecimento em sua vida neste mundo. Para João, a tarefa do Filho, Jesus Cristo, consistia em mostrar a glória do Pai (João 1:14) e em tornar o Pai conhecido dos homens (João 1:18). A essência da filiação divina de Cristo consiste em ser ele o revelador do Pai. O caráter sem-igual da filiação divina de Cristo é destacado mediante o uso do termo grego *monogenés*, «único da espécie», que qualifica essa filiação (João 1:14-18; 3:16). Ver sobre o verbete *Gerado*. E um outro modo de distinguir a filiação de Jesus dos demais «filhos de Deus», é que João reservou para Jesus o termo grego *uiós*. Ele é chamado de «*uiós* de Deus». Mas aqueles que se tornam «filhos de Deus», por confiarem em Jesus, tornam-se os «tékna de Deus». Já nos referimos a isso no começo desta exposição. João fez uso desse esquema de modo muito coerente para que isso tivesse sido um mero acidente. Sem dúvida, ele estava pensando em estabelecer diferenças de categoria. Além disso, a situação permanente de Cristo como Filho é salientada: «...o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou» (João 1:18). Mas os crentes recebem «o poder de serem feitos filhos de Deus» (João 1:12). Na declaração joanina de João 1:18 três pensamentos básicos se destacam: a. Jesus é claramente chamado de Deus: «o Deus unigênito». b. A permanência e a eternidade dessa condição são afirmadas: «que está no seio do Pai». c. Deus só pode ser conhecido por nós se reconhecermos ao Filho: «é quem o revelou».

João não alude diretamente ao nascimento virginal. Mas isso concorda com o plano e o propósito de seu evangelho. Embora tivesse relatado fatos sobre o Jesus histórico, João retrocedeu até à eternidade passada. O que ele queria demonstrar, e realmente o fez, é que Jesus é *o verdadeiro Deus*: «Estes (sinais), porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome» (João 20:31). João recuou até à eternidade, e ali viu Cristo frente a frente com o Pai, em pé de igualdade: «...e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus» (João 1:1).

b. Nas Suas Epístolas. Nos escritos joaninos em geral, a filiação divina e o caráter messiânico de Jesus são vinculados estreitamente. Portanto, a idéia da filiação divina de Cristo tem ali um alvo soteriológico (João 3:16 e 5:25). E as epístolas de João reiteram essas verdades em termos ainda mais inequívocos, embora não precisemos fazer aqui um estudo sobre a cristologia joanina nas epístolas e no Apocalipse. Basta-nos considerar o trecho de I João 5:20: «Também sabemos que o Filho de Deus é vindo, e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna». Por mais que os incrédulos quisessem distorcer o sentido dessas palavras, quanto à divindade plena de Cristo, permanece de pé o fato de João ter falado: «o verdadeiro Deus». Para ele, esse era um fato que ele sabia e do qual estava convicto. Esse era o alcance e o significado da expressão «Filho de Deus».

VII. Uso na Epístola aos Hebreus

1. Princípios Gerais. Reservamos, mui propositalmente, o tratamento da cristologia na epístola aos Hebreus, no que tange ao uso da expressão «Filho de Deus», para o fim. Na opinião deste co-autor e tradutor, é nessa epístola que encontramos alguns dos mais claros ensinos sobre a plena divindade de Jesus. Em nenhuma outra epístola, paulina ou católica, há tantas considerações sobre o Filho de Deus, como nesse tratado aos Hebreus. Por nada menos de doze vezes o autor sagrado lança luz sobre a expressão «Filho de Deus», embora nem sempre tivesse usado essa expressão completa. Ver Heb. 1:2,5,8; 3:6; 4:14; 5:5,8; 6:6; 7:3,28 e 10:29. Na epístola aos Hebreus, pois, a divina filiação de Cristo não é somente afirmada, mas também é defendida e definida. Portanto, mais ainda do que nos escritos joaninos, nessa epístola a filiação divina de Jesus Cristo é claramente ensinada.

Tudo isso é ainda mais notável pelo fato de que foi um tratado dirigido a judeus convertidos ao cristianismo, mas que corriam o perigo de voltar atrás em sua nova fé. A periclitante fé deles girava em torno da plena divindade de Jesus, da qual duvidavam, e o autor sagrado percebeu isso claramente, bem como o remédio para essa dúvida. Ponto após ponto, o autor da epístola aos Hebreus demonstrou a superioridade de Jesus Cristo a todos os «mediadores» do antigo pacto, precisamente pelo fato de que só Jesus é o Filho de Deus. Isso torna-o superior a tudo e a todos. Vejamos:

a. Deus manifestara-se no passado através dos profetas, mas agora havia se manifestado no próprio Filho, criador e herdeiro de tudo (Heb. 1:1).

b. Nenhum mero anjo jamais foi intitulado «Deus» pelo próprio Deus. Mas o Filho mereceu essa designação, por ser uma realidade. E isso situa Jesus em uma categoria exclusiva (Heb. 1:5).

c. Só o Filho está entronizado para sempre. Só ele é o Senhor supremo, o governante de todas as coisas, cuja função não compartilha com nenhuma de suas criaturas (Heb. 1:8).

d. Moisés foi um servo fiel na casa de Deus. Mas Cristo, por ser o próprio Filho, é o proprietário da casa. Isso demonstra a superioridade de Jesus sobre aquele maior de todos os profetas (Heb. 3:6).

e. Os sumos sacerdotes levitas entravam no Santo dos Santos do santuário terrestre uma vez por ano, numa cerimônia que simbolizava a expiação dos pecados. Mas Cristo penetrou no próprio céu, por ser ele «o Filho de Deus», tendo obtido para nós uma eterna redenção (Heb. 4:14). Essa é a primeira vez em que a expressão completa, «Filho de Deus», é usada na epístola aos Hebreus. Está caracterizada a superioridade de Cristo sobre o sacerdócio levítico.

f. O Filho não se nomeou a si mesmo como Sumo Sacerdote celestial. Essa nomeação foi iniciativa de Deus Pai, o que mostra a origem celeste das funções sacerdotais de Jesus (Heb. 5:5).

g. A vida de Jesus neste mundo, caracterizada pela mais estrita obediência ao Pai, serviu-lhe de preparação para ser o Autor da salvação daqueles que nele confiam (Heb. 5:8).

h. Ou honramos a Cristo e a sua eterna expiação, mediante uma inabalável confiança nele, como «o Filho de Deus», ou então estamos nos condenando eternamente. A morte de Cristo é eficaz para a salvação, justamente, porque ele não é algum ser criado, mas é o próprio Deus (Heb. 6:6).

i. O Filho de Deus não teve começo dentro do tempo. Ele é o verdadeiro Deus desde a eternidade. E também está vivo para sempre. Isso demonstra a permanência do seu sumo sacerdócio e como ele é

insubstituível nessa função (Heb. 7:3).

j. Na qualidade de Sumo Sacerdote celeste, Jesus Cristo, o Filho de Deus, desconhece imperfeição. Isso resulta em segurança para os seus seguidores, mesmo porque ele foi nomeado nosso representante diante do tribunal de Deus mediante um juramento divino (Heb. 7:28).

l. A obra expiatória de Jesus Cristo, «o Filho de Deus», reveste-se de magnitude tal que, desprezá-la equivale à perdição eterna, sem qualquer apelação possível (Heb. 10:29). Encontra-se nesse versículo a última menção da expressão completa, «Filho de Deus», na epístola aos Hebreus.

2. Conclusão Geral

João Batista, o maior dentre todos os que nasceram de mulher, no dizer de Cristo (Mat. 11:11), veio a fim de dar testemunho sobre Cristo. Testificou ele, pois: «No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!... aquele, porém, que me enviou a batizar em água, me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza no Espírito Santo. Pois eu de fato vi, e tenho testificado que ele é o Filho de Deus» (João 1:29 e 33). Ora, o autor da primeira epístola de João deixou escrito: «Se admitimos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior...» (I João 5:9). Cumpre-nos, pois, dar ouvidos, acima de tudo, ao testemunho de Deus. E Deus testificou acerca de seu Filho, até de maneira audível, em várias ocasiões. Destacamos três delas:

a. Por ocasião do batismo de Jesus. «Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus, descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo» (Mateus 3:16,17).

b. Quando Jesus orava ao Pai, pedindo que este glorificasse o seu nome. «Então veio uma voz do céu: Eu já o glorifiquei, e ainda o glorificarei» (João 12:28). E o Senhor Jesus ajuntou: «Não foi por mim que veio esta voz, e, sim, por vossa causa» (vs. 29). Oh, a misericórdia divina!

c. Quando da transfiguração de Jesus. Atônitos, diante da imensa transformação e glória da pessoa de Jesus, Pedro tentava dizer alguma coisa. E lemos: «Enquanto assim falava, veio uma nuvem e os envolveu; e encheram-se de medo ao entrarem na nuvem. E dela veio uma voz, dizendo: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi» (Luc. 9:34,35).

Se o testemunho do Pai, acerca do Filho, não é suficiente para você, prezado leitor, então a sua incredulidade é invencível!

VIII. Alguns Usos Bíblicos de Importância

1. Problema em Marcos 1:1

Filho de Deus. Esta adição aparece nos mss ABDW, Fam Pi, Fam 1 e Fam 13, juntamente com certo numero de versões latinas e cópticas. É seguida pelas traduções ASV, AA, AC, BR (que a assinala como duvidosa), NE, IB, KJ, PH, RSV e WY. Tais palavras são omitidas pelos mss Aleph, Theta, 28 e pelos pais da igreja Irineu, Orígenes, Basílio, Víctor e Heráclito (em algumas citações). As traduções GD e W; também as omitem. A evidência objetiva infelizmente está dividida exatamente pela metade. A grande questão, e aquela que sem dúvida favorece o texto mais abreviado, mostrando que o evangelho original de Marcos não continha tais palavras, é: se essas palavras eram autênticas, por que foram elas omitidas? Não existe razão alguma pela qual algum escriba, mesmo parcialmente ortodoxo, haveria de omiti-las. Parece melhor dizermos, portanto, que essas palavras foram acrescentadas em uma data bem remota. Isso não significa, contudo, que Marcos não chame o Senhor Jesus de «Filho de Deus», em diversas outras oportunidades. Ver, por exemplo, Mar. 1:11; 3:11; 5:7 e 14:61. A questão básica, por conseguinte, não é se Jesus é considerado ou não como Filho de Deus, no evangelho de Marcos, — mas tão-somente se ele foi chamado ou não por esse título em Mar. 1:1. Alguns têm lutado pela autenticidade da expressão nessa passagem, — salientando que neste versículo existem seis genitivos singulares em sucessão, cada um deles terminando com as letras «ou», onde três ou quatro deles provavelmente apareciam na forma abreviada *uu*; por motivo dessa circunstância, pois, não teria sido difícil a algum escriba ter omitido a última dessa sucessão, o que seria uma espécie de haplografia. Apesar de admitirmos que isso poderia ser verdade, o sentido doutrinário dessas palavras é tal que não é provável que muitas cópias, e, subseqüentemente, bom número de pais da igreja, as tivessem omitido. A conjectura que fazemos é que tal omissão, que envolve uma expressão tão importante, deveria ter sido uma instância muito mais isolada, e não algo tão repetido nos manuscritos e nos escritos dos pais da igreja.

2. Jesus como Filho de Deus

Não é necessário que alguém faça um exame exaustivo sobre esse título do Senhor Jesus, quer nos evangelhos e quer na tradição cristã, a fim de perceber que era usado em sentido muito mais elevado do que meramente para designar a Jesus como o *Messias*, segundo esse termo aparece no V.T. Na realidade tenciona apresentar uma espécie de dupla cristologia, apresentando a idéia contrastante do que poderia ser compreendido no termo «Filho do homem». Jesus é o homem representativo, o verdadeiro homem, que sofreu os sofrimentos próprios dos homens, — que se identificou com eles em *todas* as questões essenciais, menos quanto ao pecado. (Ver o artigo sobre a *Humanidade de Cristo*). Ao mesmo tempo, ele é o 'Filho de Deus' distinto dos homens conforme eles se encontram atualmente, ou seja, dotado da natureza divina essencial. É bem provável que pelo tempo em que foi escrito o evangelho de Marcos, essa expressão fosse freqüentemente utilizada como um título divino.

É verdade que a própria expressão não indica, necessariamente, *divindade*, porquanto no V.T. foi usada para indicar Israel, reis e sacerdotes, e meramente dava a entender o modo especial pelo qual Deus estava com eles e os orientava. Porém, também é óbvio que em muitas referências, quando era aplicada a Jesus, significa muito mais do que uma mera relação especial, pois tenciona incluir a idéia de participação na essência divina; e é justamente neste particular que o cristianismo via muito além do que qualquer coisa que o judaísmo entendia com respeito à natureza do Messias. (Ver Mat. 11:27; Mar. 13:32; 14:36; João 20:17; 10:38; 14:10; 5:35; 3:16 e Heb. 1:2). As idéias centrais do termo são as seguintes:

1. Jesus é a personagem *profetizada* pelo V.T., mas em termos que ultrapassam a compreensão judaica ordinária sobre tais profecias.

2. Realmente ele mantém uma *relação especial* para com o Pai (o que também transparece em passagens como João 5:19,30; 16:32; 8:49,50 e Heb. 1:3).

3. Essa expressão tornou-se um termo que designa a *natureza divina* de Jesus. Assume uma natureza transcendental, e passa a ser um título que indica a

natureza divina e exaltada do Salvador dos homens. Na qualidade de Messias, segundo a compreensão cristã sobre esse ofício, Jesus é o filho de Deus no sentido mais absoluto. (Ver Mat. 27:43; 9:27; 24:36 e Mar. 13:32). Por causa dessa filiação, ele é o verdadeiro Messias, o Salvador qualificado a salvar, o alvo da criação, pois Deus está duplicando Cristo nos homens salvos. O apóstolo Paulo assevera que o próprio Deus se manifesta em Cristo, o que também é a grande ênfase do quarto evangelho, onde o Cristo é, igualmente, o Logos, o *Verbo* eterno, o criador. (Ver também Col. 1 e 2). Parece fazer parte do ensino do N.T. que, para que Cristo leve os homens a uma verdadeira e plena comunhão com Deus, é necessário que ele seja ao mesmo tempo verdadeiro homem e verdadeiro Deus, e não meramente uma personagem celestial, como os anjos, por exemplo.

A discussão sobre Jesus, na qualidade de «Filho de Deus» (isto é, participante da essência divina), ficaria incompleta se não mencionássemos aquela grande mensagem do evangelho, que é o desígnio de Deus de conduzir os homens a uma profunda união com Cristo, o Filho de Deus, união essa que requer a transformação moral e metafísica dos homens segundo a plena imagem de Cristo. Isso significa que os homens, ao serem transformados à imagem de Cristo, não somente deixarão transparecer a imagem ética de Deus, mas também, na realidade, serão transformados em seres que participam da essência divina (ver II Ped. 1:4) segundo ela aparece na pessoa de Cristo. Terminado esse processo, por conseguinte, os seres remidos pertencerão — a uma ordem extremamente mais elevada que a dos anjos, e podemos apenas conjecturar no que diz respeito ao sentido completo e perfeito de tal ensinamento. Como é que a natureza divina de Cristo (e, por conseguinte, da dos homens que serão transformados à sua imagem) difere da natureza divina de Deus Pai, não somos informados em porção alguma das Escrituras; e ainda que fôssemos informados, não possuíríamos a capacidade intelectual ou espiritual para apreender o sentido do que nos seria dito. Outrossim, no presente nem mesmo possuímos os meios intelectuais e espirituais para compreender o que significa sermos transformados segundo a imagem de Cristo; embora possamos perceber facilmente que essa é a mensagem mais elevada do evangelho, embora ande quase inteiramente esquecida por parte da igreja, — que se preocupa inteiramente com o simples perdão de pecados e com a mudança de endereço para o céu. Todavia, o evangelho envolve muito mais do que isso. Quanto a notas sobre a transformação dos homens à imagem de Cristo, ver no NTI, Rom. 8:29 e Efé. 3:19; ver também II Cor. 3:18; Col. 2:10.

Especulamos que a natureza da alma redimida compartilhará *verdadeiramente* da natureza *divina*, mas de modo *finito*. Ver o artigo sobre *Divindade, Participação dos Homens na*.

3. Na Confissão de Pedro

Mat. 16:16: *Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.*

Mas vós. Essa confissão é significativa. O grego usa o artigo definido antes de cada termo, *o Cristo*, «o Filho», «o Deus vivo». É provável que aqui, em contraste com o uso do grego «koiné», o artigo tenha a função de distinguir e demonstrar (como nossas palavras «este» ou «aquele»). Evidentemente o propósito do autor é distinguir Jesus de qualquer outro que pudesse ser chamado *Cristo* ou *ungido*, de qualquer outro que pudesse ser chamado de filho de Deus; e também, que «o Deus vivo» é o Deus de Israel, aquele que, através dos profetas, deu indicações sobre a vinda e as obras do Messias. Portanto, Jesus é o único Cristo verdadeiro, o Filho de Deus (mas não como outros podem ser filhos de Deus), e que foi enviado pelo Deus de Israel, o único Deus verdadeiro e vivo, em contraste com os deuses pagãos, que não têm vida nem inteligência. O contexto mostra que Pedro recebeu completamente e sem reservas a missão messiânica de Jesus, não concordando com as opiniões populares, que declaravam ser Jesus apenas um dos profetas «redivivo». Não é Jesus somente um dentre outros «cristos» ou «ungidos», mas é *o Cristo*, o Messias, profetizado no V.T., a personagem longamente aguardada pela nação de Israel. Jesus é a própria esperança de Israel e, nesse sentido, o único Filho de Deus. Pedro, por causa de sua associação com Jesus, havia aprendido diversas lições que lhe indicaram a autêntica identidade de Jesus, especialmente o fato do cumprimento das profecias relativas ao caráter do Messias. Contudo, somente a revelação divina pode ensinar tal lição de maneira mais profunda, como se vê nas palavras de Jesus, no vs. 17: «...porque não foi carne e sangue quem to revelou mas meu Pai que está nos céus».

Embora essa designação, que fora dada a Israel, a reis e sacerdotes, como um título, seja uma designação mais lata do que *Cristo*, e embora possa não ter nenhuma idéia de deidade ou de relação especial para com Deus, é óbvio, por causa do grande número de referências, que, uma vez aplicada a Jesus Cristo, tem em vista tanto uma relação especial com Deus como a própria deidade de Cristo. Ver as referências que ilustram esse fato em Mat. 11:27; Mar. 13:32; 14:36; Sal. 2:7; João 10:17; 10:38; 14:10; 5:35; 3:16; Heb. 1:2. As idéias contidas nesse título, são: 1. Jesus é o personagem profetizado no V.T. 2. Jesus mantém uma relação única com o Pai. O título não indica geração, conforme o entendemos geralmente, e, sim, uma relação sem-par. Ver notas detalhadas sobre essa idéia em Col. 1:15-19 no NTI. 3. Cristo é de natureza divina, dotado da mesma natureza do Pai (ver João 5:19,30; 16:32; 8:49-58 e Heb. 1:3,4; nesta última referência se encontra a nota detalhada sobre a divindade de Cristo; a nota sobre a humanidade de Jesus se acha no NTI em Fil. 2:7). Embora o termo fosse originalmente messiânico (sendo aplicado ao personagem profético), posteriormente assumiu uma natureza transcendental e tornou-se simplesmente um título de Cristo para indicar sua natureza exaltada ou divina.

Vemos, assim, que a idéia de Pedro e do N.T. sobre a missão messiânica de Jesus, *transcende* à idéia, comum entre os judeus, de que o Messias seria um homem comum, nascido de homem, embora escolhido por Deus para cumprir um ofício especial. Os escritos de Justino (*Mart. Dial.* § 48, pág. 144) mostram que essa era a idéia comum entre os judeus no tempo de Jesus.

Filho do Deus vivo, Mat. 16:16. Nota-se, nos paralelos, que a designação é levemente diferente. Mar. 8:29 diz simplesmente «Tu és o Cristo». Luc. 9:20 diz: «És o Cristo de Deus». Diversos expositores discutem sobre qual das três versões representa a declaração original. A designação *Deus vivo* era comum entre os judeus para indicar o seu Deus, em contraste com os deuses de pedra, metal ou madeira dos pagãos, que não tinham vida. Mas em Mat. 16:16 é usado como outro termo para salientar o valor do «Messias»; termo de grandeza, não para designar somente a simples existência do Deus do Messias. Sabendo que os judeus usavam o termo «Deus vivo» comumente, não há razão para não supormos que a

confissão original de Pedro e dos apóstolos em geral não tivesse incluído essa designação. Diversas confissões foram feitas (segundo se vê em Mat. 14:33), e, provavelmente foi usada grande profusão de termos. Pedro aumenta a estatura do Messias ao dizer que seu Deus é o Deus vivo, em contraste com os deuses sem vida dos pagãos, o Deus que possui a forma mais elevada de vida. Jesus era o Messias desse grande Deus.

Este texto evidentemente identifica Jesus com o texto de Dan. 7:13 («...filho do homem...») e com o *rei* de Dan. 2:35,44. Portanto, Jesus é o «Filho do homem», identificado com o homem em sua humanidade, mas também identificado com o «Filho do homem», cujas relações são com o «Ancião de dias», uma relação única e não transmissível com o Deus vivo, por ser o «Filho do Deus vivo». O texto mostra a singularidade de Jesus.

No grego, tanto o pronome *vós* como o pronome *tu* são enfáticos. O povo dizia que Jesus poderia ser «João Batista, Elias, Jeremias, um dos profetas», etc. mas a resposta dos apóstolos, subentendida no termo «vós», contrasta com as opiniões populares, pois os apóstolos disseram «Tu és...—não o que o povo afirma, mas—...o Cristo».

Neste ponto deve-se observar que essa confissão forma a base da fé cristã: 1. A confissão do Cristo como o núcleo do sistema cristão, da nova religião que se apresenta como a revelação das verdades mais profundas da criação. 2. O ensino da humanidade de Cristo, ainda que humanidade exaltada, segundo se deve compreender pelo termo «Filho do homem», que aparece neste texto. 3. O ensino da divindade de Cristo, que se deve compreender à base do título «Filho do Deus vivo». 4. O ensino da missão messiânica de Jesus. 5. O ensino de que o Deus do V.T. é o *único* verdadeiro e que este é o Deus do Cristo e da religião cristã. 6. Portanto, o Cristo é o homem verdadeiro, o que implica no ensino da encarnação. 7. A tarefa messiânica de Jesus implica em sua missão de Salvador. Ele é identificado com a esperança messiânica, mas é perfeitamente claro que Mat. 16:16 ensina mais do que essa simples identificação. A importância de Jesus é universal, estendendo-se à terra e aos céus, e dificilmente se limita às esperanças de uma única nação.

FILHO DE PERDIÇÃO Ver **Perdição, Filho de.**

FILHO DO HOMEM

Esboço:

I. Sentido da Expressão e Algumas Estatísticas
II. Origem Veterotestamentária
III. Uso da Expressão no Novo Testamento

I. Sentido da Expressão e Algumas Estatísticas

No hebraico, *ben-adam* (Sal. 8:4; 80:17; Dan. 7:13; Eze. 2:1-3). No grego, *o uiòs toũ anthrópou* (em Mateus, 32 vezes; em Marcos, 14 vezes; em Lucas, 26 vezes; em João, 12 vezes; em Atos, 7 vezes; em Hebreus, uma vez; no Apocalipse, duas vezes — um total de noventa e quatro vezes no Novo Testamento, sempre nos lábios do próprio Senhor Jesus, exceto em João 12:34, Atos 7:56; Heb. 2:6; Apo. 1:13 e 14:14). No hebraico a idéia é a de alguém que pertence à raça de Adão; no grego, a idéia é a de alguém que pertence à raça humana.

Tradicionalmente, essa expressão, «Filho do homem», designaria a humilde humanidade de Jesus Cristo, fazendo contraste com sua natureza divina. Esse sentido está envolvido na expressão; mas, quando examinamos o que a Bíblia tem a dizer a respeito, vemos que uma significação muito mais profunda é transmitida nas Escrituras Sagradas.

II. Origem Veterotestamentária

— **O texto de Salmos 8:4, «...que é o homem, que** dele te lembres? e o filho do homem, que o visites?» parece aplicar-se tanto aos homens mortais quanto a Jesus Cristo, em sua encarnação, quando ele se identificou com os homens. Em Salmos 80:17, encontramos o desejo expresso, durante um período de declínio nacional em Israel, pelo aparecimento de algum herói nacional que redimisse a Israel. Essas foram idéias iniciais que ajudaram a formar a consciência judaica acerca da necessidade do aparecimento do Messias. Ele seria o Homem por excelência, que serviria de modelo a todos os homens.

Em Ezequiel 2:1-3, a expressão «Filho do homem», que nesse livro aparece por um total de quarenta e cinco vezes, designa «um filho de Adão por motivo de descendência». Porém, a mais importante ocorrência da expressão «Filho do homem», no Antigo Testamento, encontra-se em Daniel 7:13. Muitos estudiosos estão certos de que ali a expressão alude, primariamente, à personificação do Israel ideal, ou então dos santos do Altíssimo; porém, com um sentido mais profundo, está em foco a figura do Messias prometido, contemplado já em sua glória futura. Lemos ali: «Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem, e dirigiu-se ao Ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído». Um homem a quem cabia uma glória que só a Deus pode ser atribuída, não poderia ser um mero homem. De fato, à proporção que avança a revelação bíblica sobre o Messias, mais claro vai se tornando que ele não seria apenas um homem extraordinário, ou algum grande guerreiro salvador de Israel de seus inimigos, mas seria o Deus homem, um figura ímpar e multifacetada. O que nos deixa admirados é que o povo judeu não tenha entendido isso, nem antes do aparecimento de Cristo, quando só havia expectações messiânicas, e nem quando do aparecimento de Cristo. Mas, se o povo judeu em geral não compreendeu quem era Jesus Cristo (como também não o entendem todos os gentios que permanecem na incredulidade), o remanescente eleito compreendeu. Quando Jesus estava no mundo, exclamou: «Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar» (Mat. 11:25-27). Compreender a verdade espiritual que cerca a figura do Filho do homem, Jesus Cristo, é uma questão de revelação divina, e não de perspicácia humana.

Alguns estudiosos têm dito que Jesus extraiu dos livros apócrifos e pseudepígrafos a idéia do «Filho do homem»; mas a opinião deles é insustentável. Bastaria esse trecho de Daniel 7:13,14 para derrubar essa idéia. O conceito do «Filho do homem» começa no Antigo Testamento, embora cautelosamente, ainda que inequivocamente. E só no Novo Testamento chega à sua plena fruição.

Mas, voltando ao Antigo Testamento, em Daniel 10:16, o profeta refere-se a «...uma como semelhança dos filhos dos homens me tocou os lábios». E, dois versículos adiante: «Então me tornou a tocar aquele

semelhante a um homem, e me fortaleceu». No hebraico, a expressão envolvida é «semelhante a Adão». Sim, aquêla figura ainda não era um Adão, um homem, porque ainda não se encarnara.

O termo hebraico *enosh*, «homem», algumas vezes é usado como sinônimo de *ben-adam*, «filho do homem» (ver, por exemplo, Jó 25:6; Sal. 8:4; 90:3; 144:3). Essa palavra hebraica ocorre por um total de quarenta vezes no Antigo Testamento.

O termo hebraico *geber*, «poderoso», empregado por cerca de setenta vezes no Antigo Testamento, foi usado por Jeremias de modo especial, quando disse: «Porque o Senhor criou coisa nova na terra: a mulher infiel virá a requestar um homem» (Jer. 31:22). Mais literalmente, essa passagem diria «uma fêmea envolverá um poderoso», cf. Isa. 7:14.

III. Uso da Expressão no Novo Testamento

Já vimos que das noventa e quatro ocorrências da expressão «Filho do homem», no Novo Testamento, apenas por cinco vezes não foi Jesus quem a usou. — Portanto, veremos abaixo as razões e o uso que Jesus fez da expressão, e depois examinaremos aquelas cinco ocorrências da expressão, usada por escritores do Novo Testamento.

1. Razões de Jesus no Uso da Expressão «Filho do homem». A primeira razão, naturalmente, é que Jesus estava cônscio de que era o Messias. E Daniel usara a mesma em um inequívoco sentido messiânico. Portanto, quando Jesus se chamou de «Filho do homem» (o que fez por oitenta e nove vezes), isso era o equivalente a dizer: «Eu sou o Messias». A segunda razão é que esse título permitia-lhe ocultar-se quanto à sua verdadeira identidade. O povo judeu não estava preparado para recebê-lo como o Messias. De fato, apenas por uma vez, nos evangelhos, Jesus declara-se abertamente o Messias. Isso ocorreu por ocasião de seu diálogo com a mulher samaritana. Lemos: «Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier nos anunciará todas as cousas. Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo» (João 4:25,26). A mulher samaritana aceitou Jesus como o Messias, ou Cristo, prometido. Quando ela foi falar com seus conterrâneos, indagou: «Vinde comigo, e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?» (João 4:29). Nunca mais Jesus deu a si mesmo o título profético de Messias. Mas fazia-o disfarçadamente, sempre que se intitulava «Filho do homem». Essas considerações permitem que concluamos que os títulos «Messias», «Filho do homem» e «Cristo» são sinônimos perfeitos. Quando entendemos isso, então toda a aura de mistério que circunda a expressão «Filho do homem» desaparece. Só para exemplificar isso, consideremos o diálogo entre certos judeus incrédulos e Jesus. Perguntaram eles: «Até quando nos deixarás a mente em suspenso? Se tu és o Cristo, dize-o francamente. Respondeu-lhes Jesus: Já vô-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome do meu Pai, testificam a meu respeito. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas» (João 10:24-26). O efeito da pergunta, sobre Jesus, teria sido o mesmo, se os judeus tivessem perguntado se ele era o Messias ou o Filho do homem. A resposta de Jesus foi afirmativa, mas ele também mostrou que não tinha ilusões a respeito deles. Jesus sabia que só as suas ovelhas, os seus escolhidos, chegam a crer nessa profunda verdade.

Uma terceira razão de Jesus, quando usou a expressão «Filho do homem», é que assim ele se identificava com a humanidade dependente (Mat. 8:20; Luc. 9:58). Essa idéia reflete Sal. 8:4: «...que é o homem, que dele te lembres? e o filho do homem, que o visites?» Temos aí a base do ensino da *kenosis*, ou humilhação de Cristo, quando de sua encarnação, e que Paulo se encarrega de desdobrar e explicar melhor. Ver Fil. 2:5-8. Nessa passagem aprendemos que a encarnação não fez com que o Filho de Deus deixasse de ser Deus, somente porque agora era também o Filho do homem. O que sucedeu, porém, é que Jesus «se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homem; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou...» Por essa razão é que Jesus viveu na dependência da orientação ao Espírito Santo, orou ao Pai e reconheceu que não sabia de tudo, como, por exemplo, não sabia a data de sua segunda vinda. Esse estado de apequenamento, pois, Jesus exprimia com o uso da expressão «Filho do homem».

Uma quarta razão é que a expressão «Filho do homem» indicava a sua missão remidora (Mat. 9:6 e Luc. 19:10). Sem importar como entendamos «as chaves do reino» (Mat. 16:19), Deus determinara exclusivamente para o Filho do homem a autoridade de perdoar pecados sobre a terra. Em outras palavras, Deus só se tornou Salvador dos homens quando se tornou homem, na pessoa de Jesus Cristo. É o que lemos em Hebreus 2:14: «Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou...»

Uma quinta razão é que a expressão «Filho do homem» indicava a completa vitória de Jesus Cristo como nosso Redentor (João 3:14). O Filho do homem não seria vencido nem na cruz e nem no sepulcro, porquanto haveria de ressuscitar dentre os mortos. E então, como homem perfeito, ele seria o nosso Mediador. Não é precisamente isso que nos diz Paulo? «Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem» (I Tim. 2:5).

Finalmente, a sexta razão pela qual Jesus lançou mão da expressão «Filho do homem», é que a mesma aponta para o Senhorio universal de Jesus Cristo (Mar. 14:62). Sendo Jesus o Filho do homem, uma vez ressuscitado, pouco antes de sua ascensão, ele exprimiu esse senhorio mediante uma palavra de ordem: «Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos em todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século» (Mat. 28:18-20). Cumpre-nos notar que o âmago da mensagem apostólica era precisamente o senhorio universal de Cristo. A palavra «Senhor», quando aplicada a Cristo, é usada por cento e dez vezes somente no livro de Atos. Na qualidade de Senhor, o Filho do homem é o Juiz de todos os homens (Mat. 13:41,42; 19:28). As qualificações de Jesus, para operar como Juiz de todos os homens é que ele era Deus encarnado, vitorioso sobre todos os adversários e sobre a própria morte, e se identificara perfeitamente com o gênero humano, ao ponto de conferir sua natureza divina aos homens que o aceitassem como Salvador. João retratou vividamente o desempenho do Filho do homem, no dia do juízo, em Apocalipse 20:11-15.

Resta-nos agora examinar as cinco vezes em que a expressão «Filho do homem» é usada por alguma outra pessoa que não o próprio Senhor Jesus.

2. Uso da Expressão por Outros que Não o Senhor Jesus. Conforme já dissemos, das noventa e quatro ocorrências da expressão «Filho do homem», nas

páginas do Novo Testamento, apenas cinco não foram usadas pelo Senhor Jesus. Vejamos:

a. João 12:34. «Replicou-lhe, pois, a multidão: nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre, e como dizes tu ser necessário que o Filho do homem seja levantado? Quem é esse Filho do homem?» Essa indagação da multidão reflete a ignorância sobre as predições bíblicas em que o povo judeu vivia. Já vimos que Cristo e Filho do homem eram sinônimos. No entanto, eles sabiam o que era o Cristo, mas não sabiam o que era o Filho do homem. A reação de Jesus a essa indagação foi apelar para que saíssem das trevas. E João ajunta: «Jesus disse estas cousas e, retirando-se, ocultou-se deles» (João 12:36). A incredulidade teimosa tem o seu próprio castigo.

b. Atos 7:56. «E disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus». Quem proferiu essas palavras foi Estêvão, o primeiro mártir cristão, momentos antes de ser executado por apedrejamento. Os adversários de Estêvão e de seu Senhor pensavam que estavam obtendo uma grande vitória sobre aquele crente que tanto os desconsertara. Mas o Cristo vitorioso conferiu a Estêvão a maior experiência que um ser humano pode almejar, a visão beatífica. Já vimos que um dos motivos do uso da expressão «Filho do homem», nos lábios de Jesus, indicava a sua vitória, como um ser humano, até mesmo sobre o último inimigo, a morte. Na visão de Cristo, pois, Estêvão pôde antecipar a sua própria vitória, no dia da ressurreição dos remidos!

c. Hebreus 2:6. «Que é o homem, que dele te lembres? ou o filho do homem que o visites? Fizeste-o, por um pouco, menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste... Todas as cousas sujeitaste debaixo dos seus pés». Nesse trecho, o autor da epístola aos Hebreus, dentro de seu argumento acerca da superioridade do Senhor Jesus sobre os anjos, cita o trecho de Sal. 8:4-6, sobre o qual já comentamos no corpo desta discussão.

d. Apocalipse 1:13. «...e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares, e cingido à altura do peito com uma cinta de ouro». Essas palavras fazem parte da descrição joanina da aparência do Cristo ressurrecto e glorificado, que lhe apareceu na ilha de Patmos, a fim de conferir-lhe as revelações para o maior livro profético e escatológico da Bíblia. Interessante é observar que Daniel também viu uma semelhança a filho do homem (ver Dan. 10:16). Era Jesus, o Filho, antes de sua encarnação. Agora, depois da ressurreição de Jesus, ele torna a aparecer ao apóstolo João como «um semelhante a filho de homem». Sim, Jesus voltara à glória que tivera junto com o Pai, antes que existisse mundo. Ele agora é o protótipo de todos quantos haverão de ressuscitar para a vida eterna.

e. Apocalipse 14:14. «Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada». Já glorificado, Cristo agora passa agir como o Juiz que está prestes a julgar este mundo. A coroa aponta para o seu direito de governar; a foice mostra que a vida de todos os homens está em suas mãos. Essa visão simboliza, antecipadamente, o juízo final que, no livro de Apocalipse, só é realmente relatado em Apo. 20:11-15. Ver os dois artigos que seguem:

FILHO DO HOMEM em Apo. 1:13

—no meio dos candeeiros um semelhante a filho de homem, vestido de uma roupa talar, e cingido à altura do peito com um cinto de ouro;

No meio dos candeeiros. Essas palavras subentendem os pontos seguintes: 1. a presença de Cristo com sua igreja; 2. sua proteção permanente e sua orientação. Ora, isso subentende o «teísmo», em contraposição ao «deísmo». O teísmo dá a entender que Deus não somente criou, mas também se faz presente em sua criação; ele intervém na história humana; ele recompensa e castiga. Com bases neotestamentárias, isso normalmente é feito por meio de Cristo, no tocante a seus contactos com os homens. Já o deísmo ensina que talvez exista uma pessoa ou princípio divino, que originou a tudo; mas que ele deixou a criação sobre as «leis naturais», não tendo qualquer contacto pessoal com sua criação. Não faria intervenção, nem recompensaria ou castigaria. (Ver Atos 17:27 quanto a várias idéias teológicas e filosóficas sobre Deus, em sua natureza e trato com os homens). «O Senhor é o meu pastor; nada me faltará» (Sal. 23:1).

Variante Textual. Os mss Aleph, 046, a Vg e alguns dos pais da igreja dizem «sete candeeiros». Mas os mss ACP, o Si, o Cop, o Etí, o Ara e os escritos de vários pais da igreja, omitem a palavra «sete». A omissão, mui provavelmente, é correta. O texto mais breve é, normalmente, o correto. Essa palavra foi suprida por empréstimo do décimo segundo versículo.

Filho de homem. Está em foco a pessoa de Cristo, segundo o simbolismo do A.T., o que se vê, por exemplo, em Dan. 7:13, onde se lê sobre o «Filho do homem» (um símbolo messiânico). «Essa designação do Cristo celestial é extraída direta ou indiretamente de uma descrição de Dan. 7:13: '...eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem...'» (Rist, *in loc.*).

Essa expressão é usada no primeiro livro de Enoque, uma compilação pré-cristã de materiais apocalípticos, apontando para o Messias. O trecho de I Enoque 46:1 apresenta o Cristo como uma figura transcendental, associada à história da humanidade. (Ver também I Enoque 46:2-8). Esse citado livro, como é óbvio, provavelmente baseia suas descrições em *Daniel*; e podemos supor que a doutrina do *Filho do Homem*, que fala sobre o Messias, era comum no judaísmo helênico. O N.T. utiliza o título «Filho do homem» com freqüência, apontando para Jesus, o Cristo. O próprio Senhor Jesus aplicou tal título a si mesmo. Salienta sua grande associação aos homens, embora também destaque sua natureza transcendental como o Messias—fala de sua humanidade, mas também alude à sua missão celestial. Esse título é amplamente comentado nos trechos de Mat. 8:20 e João 1:5 no NTI. Esse título também refere-se à sua imensa exaltação, conforme nos mostra Apo. 1:13. Esse aspecto pode ser comparado com o trecho de Mat. 26:64. O «Filho do homem» será visto «assentado à mão direita da majestade, vindo com as nuvens do céu». Em João 5:27 vemos que ao Filho do homem foi dada a autoridade de «executar julgamento», porque ele é o Filho do homem, ou seja, levido à sua íntima associação com os homens. (Ver Apo. 14:14). É o «Filho do homem» que usa a «coroa de ouro» (nele se encerram toda a divindade e toda a majestade). É ele quem brande a «foice», a qual simboliza juízo, o que se dará nos últimos dias, através de «julgamentos apocalípticos», incluindo a tremenda batalha de Armagedom.

«As igrejas são inseparáveis de seu cabeça e centro, Jesus, o qual se movimenta entre os fogaréus de seu templo com a dignidade e a autoridade de um sumo sacerdote». (Moffatt, em Apo. 1:13).

Semelhante. Temos aqui a linguagem própria das visões; o vidente contemplou o «Filho de Deus». Porém, apesar de ser «semelhante a um homem», e apesar de possuir a natureza humana, agora glorificada, era mais que mero «homem», já que esse termo é empregado para indicar a natureza humana comum. Mui provavelmente a idéia central no uso da palavra «semelhante» é declarar apenas que aquele que o vidente contemplou «se assemelhava» ao Filho do homem das revelações apocalípticas, pelo que se pode presumir que se trata do mesmo «filho do homem» referido no livro de Daniel. Ele se assemelhava a essa augusta figura; e sem dúvida era o mesmo, conforme o pensamento do autor sagrado.

FILHO DO HOMEM em Mar. 2:10

Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados (disse ao paralítico).

Filho do homem. Apesar dessa expressão poder ser usada para indicar um «homem típico», no N.T. e na literatura judaica com freqüência é messiânica, derivada de uma interpretação messiânica do trecho de Dan. 7:13-27. No livro de Enoque figura por várias vezes, e definidamente com sentido *messiânico*. Nos evangelhos sinópticos é um título favorito do próprio Jesus, e apesar de visar identificar a Jesus com a humanidade, como aquele que sofre com o homem—um homem típico, por assim dizer, pois sua humanidade era real e simpática—sem dúvida quase sempre é usado para subentender seus direitos messiânicos. O Filho do homem, na visão de Daniel, é uma personagem de grande autoridade, que substitui os quatro grandes poderes mundiais. Jesus usou o título para indicar que o Messias participa do dilema humano a fim de tirar dele os homens. Ele é o *segundo Adão*, uma personagem cheia de simpatia pelo homem, e redentor do mesmo. Sua vida comprovou a validade de sua autodesignação. O uso do título pela igreja primitiva certamente era polêmico. Muitos judeus estavam afeitos ao uso messiânico do termo, e reconheceriam o intuito de Jesus com esse termo. Ao registrar o título, a igreja dizia que Jesus é esse Filho do homem; e sua vida comprovava a assertiva, pelo que ele é o verdadeiro Messias.

«Na qualidade de *redentor* e libertador da humanidade, foi nomeado para anular o poder inteiro do mal entre os homens, ferindo-o nas raízes, bem como em seus ramos e gavinhas, e tanto em seus efeitos quanto em suas causas». (Gould, *in loc.*). A fim de fazer isso com eficácia, foi mister a encarnação. (Ver o artigo sobre Encarnação). Na encarnação o Messias foi devidamente chamado de «Filho do homem», e esse título subentende a missão inteira da encarnação. (Quanto a referência, no N.T., onde Jesus alude a si mesmo como «Filho do homem», ver Mar. 8:38; 13:26; 14:62; Luc. 17:24 e 21:27). O Filho do homem é humilde, mas somente em razão de sua missão messiânica. O mesmo título implica um grande poder vindouro, conforme o demonstra a origem do título em Daniel. (Ver Mat. 26:64 quanto a esse uso no N.T. Quanto ao uso do termo, no que subentende a participação no estado humano humilhado, com seus sofrimentos acompanhantes, ver Mar. 8:31; 9:31; 14:21,41; Luc. 18:31; 19:10; Mt. 20:18,18; 26:45). Ele veio para servir e não para ser servido e para dar sua vida como resgate por muitos (Mar. 10:45 e João 10:11,15).

No A.T., trata-se de um uso *não messiânico*, pois vê baixeza e fragilidade humanas, acompanhadas por sofrimentos, pelos precipícios comuns à humanidade. Assim é que Ezequiel é chamado por esse título por cerca de oitenta vezes. (Ver também Jó 25:6 e Sal. 144:3). Jesus tornou-se o homem representativo tanto em seus sofrimentos quanto em sua glória; tanto em sua vida quanto em sua morte; tanto na derrota quanto no triunfo. (Ver Sal. 8:4-8; Mat. 16:13; 20:18,23). Ele reintegra a glória do homem porque primeiro participou da vil condição humana. A glória humana será reintegrada mediante a participação na natureza divina de Cristo, tal como antes ele participou de nossa vil natureza (ver II Ped. 1:4; Col. 2:10; II Cor. 3:18; Efé. 3:19 e Rom. 8:29). No Filho do homem, pois, a raça humana acha não só simpatia, mas também destino, e finalmente, um tipo totalmente novo de natureza, elevado mui acima dos anjos. Suas relações absolutas com os homens, em sua missão terrestre, abriram caminho para nossas relações absolutas com ele, na qualidade de outros filhos de Deus, conduzidos à glória (ver Heb. 2:10 *ss*). Assim como ele se uniu a nós, assim seremos unidos a ele. Nele se concretiza o verdadeiro ideal da humanidade, mas não sem que primeiro ele tenha genuinamente participado de nossa natureza. Portanto, nossa participação em sua natureza também será genuína, ainda que ele participe infinitamente da natureza divina, e nós apenas finitamente. No entanto, a eternidade inteira terá por propósito propiciar continuamente nosso preenchimento com a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19). Somente Cristo encarna o Homem Ideal; mas os demais filhos haverão de ir crescendo eternamente em seu ideal. Não haverá limite ou fim nesse processo, porque já que teremos de ser preenchidos com a infinidade de Cristo, também infinito será o preenchimento.

FILHO, MENINO DO APOCALIPSE

Apo. 12:5: *E deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono.*

Filho varão. Qual é a «identificação» desse «filho»? Isso é respondido nos pontos abaixo:

1. Alguns dizem que se trata de «Cristo nascido nos homens». Em outras palavras, esse menino seria a «igreja». — Outros pensam que a mulher é que é a igreja. Assim sendo, a igreja, nascida de Deus, daria nascimento a certos homens, mediante a regeneração, o que faz com que Cristo nasça neles. Mas essa interpretação ignora o claro sentido do versículo. Pois somente de Cristo se pode dizer que governará as nações com vara de ferro, por ser esse o ofício do Messias, segundo tantas profecias bíblicas esclarecem.

2. O próprio Cristo é esse «filho varão». Não se trata de Cristo «misticamente concebido», nos membros da igreja. Esses fatos, sabemos com certeza em face das seguintes considerações:

a. Cristo é quem está destinado a reinar, isto é, a «pastorear as nações»; somente de modo secundário é que a igreja fará isso, e sempre em associação com Jesus Cristo. (Ver Apo. 3:21; 19:15,16 e 20:6). As predições do A.T. e os escritos rabínicos confirmam essa verdade.

b. Cristo é quem seria «arrebatado» até o trono, no qual também agora está assentado à mão direita de Deus. (Comparar isso com Atos 5:31; 7:55,56; Rom. 8:34; Efé. 1:20 e Col. 3:1). Esse «arrebatamento», mui provavelmente, é uma alusão à sua «ascensão aos céus». Ora, isso ocorreu exclusivamente com Cristo. (Ver Atos 1:6, e o artigo sobre a *Ascensão* de Cristo).

c. Apesar de que os remidos também se assentarão com Cristo, no trono do Pai (ver Apo. 3:21), isso deve ser aplicado primariamente ao próprio Cristo, por tratar-se de um simbolismo comum, ao passo que a idéia de seus discípulos se assentarem juntamente com ele, em seu trono, se limita ao trecho de Apo. 3:21.

d. O sentido geral deste versículo é que Cristo, mediante sua ressurreição e ascensão, frustrou os desígnios malignos e destruidores de Satanás. A igreja jamais poderia fazer tal coisa; esse poder pertence exclusivamente a Cristo. Conforme diz Lange (*in loc.*): «É manifesto que o Messias é aqui subentendido com o sentido literal do termo—e não em qualquer sentido metafórico. Essa verdade, porém, não invalida o caráter típico dos fatos expostos; o povo de Cristo, em quem ele nasce sobre a terra, tal como ele, será arrebatado para os céus, por meio de sofrimento e morte, sendo liberto dos esquemas satânicos, que visam à sua destruição». À guisa de aplicação, pois, pode-se ver a tentativa de Satanás destruir à igreja nos dias de Domiciano e nos tempos futuros do anticristo; mas a interpretação central aponta literalmente para Cristo, e não, «figuradamente», para a igreja.

3. Ainda há outras interpretações, que se desviam mais ainda da primeira das interpretações, acima mencionadas: Constantino, o Grande; a confissão nicena; a Igreja Católica Romana, etc. Mas nenhuma delas merece a nossa atenção.

Reger todas as nações. Temos aqui uma alusão ao governo milenar de Cristo, após a «parousia» ou segundo advento de Cristo (ver Apo. 20:6). A «vara» é de ferro, mas também aponta para o cajado de pastor, pois o original grego declara, neste ponto, mais literalmente, que ele «pastoreará» todas as nações. A linguagem foi tomada por empréstimo do segundo Salmo (ver especialmente Sal. 2:9). Ele governará como monarca absoluto, mas também será o Supremo Pastor. O grego diz *poimaino*, «pastorear» ou «cuidar». Essa palavra é empregada por onze vezes nas páginas do N.T. (Ver Mat. 2:6; Luc. 17:7; João 21:16; Atos 20:28; I Cor. 9:7; I Ped. 5:2; Jud. 12; Apo. 2:27; 7:17; 12:5 e 19:15). Obtemos a idéia de que esse «governo de ferro» também será um governo de «amor»; pois tal governo, embora extremamente severo, será bom para os governados, transformando-os em ovelhas de Cristo. Aprendemos, além disso, que nenhuma das medidas de Deus, por mais severa que seja, visa somente à vingança; antes, tudo tem finalidades benignas. Algumas vezes é mister a vara de ferro para que os homens percebam que o caminho de Deus é melhor. Quando isso acontece, o bem se realiza, Cristo é exaltado e os homens são aprimorados. Até mesmo os juízos divinos têm o seu propósito, o que se aprende em Col. 3:6.

O seu filho foi arrebatado para Deus até o seu trono. (Ver o segundo ponto, acima, quanto ao sentido geral dessas palavras). Temos uma óbvia alusão à «ascensão» de Cristo, aqui, e fica entendido, ao mesmo tempo, o poder de sua ressurreição. Assim é que, no livro de Atos, quando se lê sobre a ressurreição de Cristo, automaticamente fica subentendida a sua ascensão. (Ver Atos 2:32,33).

O segundo Salmo continua em foco. O Messias celeste é entronizado.

FILHO, REVELADOR DE DEUS

Heb. 1:2: *nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também o mundo;*

Nestes últimos dias.

Variante Textual. Essa forma aparece nos **mss** D(3)KLP. Mas os mss P(46), Aleph, ABDKLM, dizem «nos fins destes dias», o que é interpretado como «no fim destes dias», indicando os dias anteriores, em que muitas e variegadas revelações foram dadas. Essa expressão, na forma em que aparece aqui, é peculiar ao versículo. A segunda forma certamente representa o original, contando com o testemunho dos manuscritos mais antigos e dignos de confiança.

Ver o artigo sobre *Manuscritos*.

Essa expressão pode significar para nós «os últimos dias imediatamente antes do retorno de Cristo», conforme ela é algumas vezes usada no N.T. (Ver II Tim. 3:1; II Ped. 3:3 e Atos 2:17). Porém, é mais provável que o autor siga a divisão rabínica normal do tempo, em duas grandes épocas: 1. «estes dias», ou «esta era» é a primeira, incluindo tudo até à inauguração da era eterna; em Heb. 9:9 o autor alude a essa era como «época presente»; 2. também há a era eterna, o tempo em que se consumarão os propósitos divinos. Em Hebreus, temos a expressão *tempo oportuno de reforma* (9:10), isto é, *essa era, e o mundo que há de vir* (2:5) e «mundo vindouro» (6:5), que será inaugurado quando do segundo advento de Cristo. Assim, pois, os rabinos dividiam o tempo em dois grandes «períodos», ou «épocas»—o *presente e o vindouro*. O primeiro advento de Cristo e o período do evangelho (que não é antecipado como longo) são vistos como algo ocorrido «no fim 'destes dias'», em preparação para a «era vindoura», mas não como parte da mesma. Formam uma espécie de transição entre a era «presente» e a era «futura». O autor da epístola aos Hebreus continua antecipando a era em que se «cumprirão os tempos» (Heb. 9:26), que começará quando do retorno de Cristo.

Portanto, a expressão **nestes últimos dias** se refere àquele período em que Cristo foi revelado e ministrou, talvez até incluindo sua morte, ressurreição e ascensão, e até mesmo a «era do evangelho», tudo o que é visto como partes constitutivas dos últimos dias da grande primeira era, em preparação para a era vindoura. Todos esses acontecimentos sucedem «no fim» do primeiro período, mas fazem parte do mesmo. Levam a seu «ponto final» essa primeira era, e «introduzem» a nova. Porém, nenhum longo período de tempo foi antecipado como «era da igreja»; de fato, nem se pensava sobre essa era.

Falou pelo Filho. Heb. 1:2, em contraste à fala através dos profetas. Isso não significa apenas as palavras proferidas por Jesus, já que alude à revelação que há em Cristo, falada pessoalmente por ele e revelada mediante seus apóstolos e discípulos, em seu nome e por sua autoridade. Não há qualquer autenticação ao N.T. — que, por essa altura, ainda não tinha sido totalmente escrito, nem canonizado; mas há autenticação, em termos gerais, da revelação cristã, que posteriormente tomou forma concreta no N.T.

Notemos que a palavra *Filho*, no original, não tem artigo definido. Assim sendo, uma «qualidade» de revelação é tencionada. A revelação de Jesus foi uma «revelação de Filho», em contraste com a revelação dada mediante profetas humanos, que naturalmente estavam mais distantes de Deus Pai do que o Filho, em conseqüência do que suas revelações eram parciais e inferiores. A revelação de Deus tem por fito mostrar aos homens como podem compartilhar da *filiação*, através do *Filho*; e somente nele, portanto, podemos chegar a conhecer a plenitude do acesso a Deus. A revelação em Cristo ultrapassa os documentos

escritos, embora possa ser expressa por meio deles. Toda a experiência humana, presente e futura, temporal e eterna, deveria ser um aprendizado da revelação sobre a filiação, através do Filho. O Espírito Santo, o «alter ego» de Cristo, que habita em nós, é a revelação contínua e pessoal do Filho aos homens. Essa revelação pois, é viva e espiritual, e não meramente didática e literária. A revelação do Filho aos homens consiste em mais do que — simples «conhecimento» sobre quem é ele e de quão grande é a sua glória e poder.

A Revelação por Meio do Filho

1. Porquanto, através do Filho unigênito (o Logos, segundo a linguagem joanina), essa revelação tanto é superior quanto é final. Se porventura houver outras revelações, elas também serão «revelações pelo filho», como *continuações* da revelação no Filho, e não revelações subseqüentes e extraordinárias, independentes do Filho.

2. As revelações anteriores, através dos profetas, na forma de visões, sonhos ou por meio da natureza, eram todas revelações preliminares e inferiores. O A.T. cedeu lugar ao novo pacto.

3. Essa revelação «no Filho», alude, especificamente, a um «destino *em companhia* do Filho», e não meramente que uma revelação superior foi dada por seu intermédio. Nosso destino é compartilhar da imagem e natureza do Filho (ver Rom. 8:29), de sua plenitude (ver Efé. 1:23), e da plenitude do Pai (ver Efé. 3:19) e de sua própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). (Ver também Col. 2:9,10).

4. A revelação feita no Filho trouxe à luz a verdadeira natureza da salvação. A salvação consiste na filiação (ver Heb. 2:10 sobre isso, ver também o artigo sobre *Filiação*).

O autor sagrado adverte a seus leitores que se vierem a negligenciar, a ignorar ou a não se esforçarem após o benefício que é dado em Cristo, então não haverá esperança de acesso a Deus, e que os que assim fizerem correrão o perigo de total apostasia. Esse é o tema central da epístola aos Hebreus.

Essa revelação por meio do Filho, pois, consiste em: 1. O que ele e outros declararam e que nos ilumina quanto à natureza da realidade última; 2. o que ele é, em sua dignidade, divindade e autoridade; 3. mas também de como nos é conferida a salvação por seu intermédio, de modo a participarmos de sua própria natureza e de suas perfeições. Ele é o Filho, e nele chegaremos à autêntica filiação. O Pai e os filhos compartilham da mesma natureza e da mesma glória.

Esse livro prossegue a fim de descrever o Filho; e isso também nos indica quão grande é a nossa própria filiação, a saber:

1. Ele é o herdeiro de tudo, e nós participamos dessa herança. Ver Romanos 8:17 e Hebreus 1:12.

2. Ele é o *criador* de tudo (e somos parte integrante de sua criação espiritual) (ver Col. 1:16 e Heb. 1:2).

3. Ele é o *resplendor* de Deus e da sua glória (e haveremos de participar do mesmo). Ver II Cor. 3:18 e Heb. 1:3.

4. Ele é a *exata expressão* da substância divina do Pai (e, nele, chegaremos a compartilhar da mesma natureza e substância) (ver Efé. 3:19; Col. 2:9,10; II Ped. 1:4 e Heb. 1:3).

5. Ele é o *sustentador* de todas as coisas (e nele somos assim sustidos e nos tornamos sua própria plenitude, sendo ele aquele que preenche a tudo em todos) (ver Efé. 1:23; Col. 1:16 e Heb. 1:3).

6. Ele é quem nos *purifica* de todo pecado, dando-nos pleno acesso a Deus Pai (portanto somos feitos aptos para a vida nos lugares celestiais) (ver Efé. 2:1-6 e Heb. 1:3).

7. Ele *terminou sua obra*, realizou sua missão e se «assentou» à mão direita do Pai, participante de sua glória e autoridade (e sua completa missão nos dá acesso ao mesmo Pai). (Ver Efé. 2:21,22 e Heb. 7:3). Cristo entrou no Santo dos Santos, passando a ser o Caminho e o Pioneiro desse Caminho, aquele que nos conduz ao mesmo lugar de glória e bênção eternas. (Ver Heb. 9:24; 7:19-25; 4:14-16 e 10:19,20).

FILHOS (CRIANÇAS) DE DEUS

Ver o artigo separado sobre *Filhos de Deus*.

1. **Pessoas Assim Chamadas**. Essas são aquelas pessoas que, embora pertencentes à raça adâmica caída, são regeneradas e nascem de novo, tornando-se membros da família divina (João 1:12,13). Tais pessoas não nascem do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas *de Deus*. Ver o artigo geral sobre a *Regeneração*.

a. *A Linhagem Espiritual*. O novo nascimento dá ao indivíduo uma linhagem espiritual. A partir desse momento, ele torna-se filho de Deus em forma preliminar. Continuamente, daí por diante, tal homem vai sendo transformado segundo a imagem do Irmão mais velho (Cristo) (Rom. 8:29). Esse é um longo processo, que passa de estágio a estágio, de uma fase de glória para outra, tanto no tempo quanto na eternidade (II Cor. 3:18).

b. *Resultado Final*. O resultado final desse processo de transformação é a real participação na natureza divina (II Ped. 1:4). Essa participação consiste na obtenção da mesma natureza da de Deus, não sendo isso um símbolo da glória futura. Também não deveríamos reduzir esse ensino bíblico à participação moral nas virtudes divinas.

c. *Qualidade Metafísica*. Essa transformação envolve a participação metafísica na mesma natureza que Deus possui, pois essa natureza foi compartilhada pelo Filho, desde a eternidade, e será compartilhada pelos filhos de Deus (João 5:25,26). Essa participação sempre será finita em nosso caso, mas irá crescendo cada vez mais, e sempre estará em algum estágio de transformação.

d. *Um Processo Infinito*. Visto que há uma infinitude com a qual seremos enchidos, haverá um preenchimento infinito (Efé. 1:23). Esse enchimento é mútuo, porque Cristo, a cabeça, em seu ofício e estatura, continuará imaturo, até que o *seu corpo* torne-se perfeitamente maduro. Esse princípio garante, de modo absoluto, que a glorificação será um processo aperfeiçoador contínuo na eternidade futura. Em caso contrário, certos membros do corpo de Cristo continuariam débeis e enfermiços, o que é impossível de se imaginar. O trecho de Efésios 4:12,13 afirma esse princípio em termos absolutos: «...com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo...» Como é óbvio, esse processo já está em andamento, mas nunca cessará, porquanto jamais chegará tempo em que um homem atingirá a plena estatura de Cristo, o qual participa da infinitude do Pai.

e. *A Plenitude de Deus*. A passagem de Colossenses 2:9 mostra que toda a plenitude de Deus reside em

Jesus Cristo, em uma pessoa (conforme significa o termo que ali se acha, «corporalmente»). E o versículo seguinte mostra que essa mesma plenitude está sendo dada aos filhos de Deus, por meio de Cristo. Essa é uma elevadíssima doutrina, sobre a qual não se ouve falar com freqüência em nossos dias. O conceito faz parte do evangelho que era pregado por Paulo, uma noção bem mais iluminada do que aquela que transparece nos evangelhos ou no livro de Atos.

f. *Uma Obra do Espírito.* É o Espírito Santo, que em nós reside, e que nos é conferido em diversos níveis, que realiza a tarefa da concretização espiritual e do crescimento até à idade adulta, espiritualmente falando (Gál. 4:1-6).

g. *Em Relação à Restauração.* As Escrituras deixam claro que também existem os «filhos do diabo» (João 8:44). E isso significa que nem todos os homens estão sendo espiritualmente transformados à imagem de Cristo. De fato, o número dos salvos é relativamente pequeno, embora seja grande em números absolutos (ver Luc. 13:23,24 e Apo. 7:9 *ss*). Porém, em um sentido mais amplo, por direito de criação, todos os seres humanos são filhos de Deus. Visto que o amor envolve a criação inteira, e que todos os homens são alvos desse amor (João 3:16), haverá uma restauração de todos (Efé. 1:10). Mas isso não fará com que os perdidos se tornem filhos de Deus, no sentido da participação na natureza divina, que é o destino dos remidos. Quanto a informações mais amplas sobre esse conceito, onde a restauração é distinguida da redenção, ver o artigo sobre a *Restauração*. Deus *Pai* é maior e tem planos mais amplos do que a maioria dos crentes concebe ou ensina; e é isso que faz esta vida tornar-se otimista, e não algo horrendamente pessimista. Quanto maior for o conhecimento obtido pelas pessoas, tanto maiores esperanças elas terão. Esta vida seria uma grande confusão e tragédia, para a grande maioria dos homens, sem essa esperança.

2. Outros Usos. A expressão «filhos de Deus» também é empregada nas Escrituras com os seguintes sentidos: a. os seres angelicais (Jó 1:6; 2:1; 38:7; Sal. 29:1 e 89:6). Os anjos são uma espécie de filhos de Deus criados, porquanto há diversas *famílias* de tipos de seres que se derivam de Deus (Efé. 3:15). Alguns teólogos têm pensado que os anjos são *divinos*, pois concebem-nos como dotados de uma natureza similar à de Deus; e nesse caso, eles seriam filhos de Deus por natureza. Orígenes opinava que o espírito humano é da mesma espécie que os anjos, somente diferindo deles devido à queda, quando o espírito humano foi rebaixado na escala do ser, por causa do pecado e da rebelião. Essa é uma observação sugestiva, dotada de grande valor. Talvez, mais corretamente ainda, devêssemos dizer que há muitas espécies de anjos, ou mesmo de seres espirituais, da mesma forma que há muitos seres físicos, e que o espírito humano aproxima-se de uma ou de outra espécie de anjos. A redenção do espírito humano, conforme foi comentado acima, dá ao homem uma posição muito superior ao mais elevado arcanjo, porquanto eles não são filhos que participarão, afinal, na plenitude de Deus, como nós participaremos. Não obstante,-não sabemos que destino ou destinos Deus planejou para os anjos, pelo que também é possível que os seres angelicais venham a atingir um elevado destino, acima daquilo que já são. b. A expressão «filhos de Deus» também é usada no tocante aos homens que ocupavam o ofício de *governantes* ou *juízes*, os quais também são chamados *deuses*, porquanto ocupam ofícios divinos, que Deus lhes outorgou. Ver Êxo. 21:6 e João 10:34 *ss*. Esses textos quase certamente subentendem tudo quanto foi dito no primeiro ponto, acima, acerca da participação do homem na natureza divina. c. O povo de Israel também é considerado «filho de Deus», por ser o primogênito de Yahweh (Êxo. 4:22 *ss*; Jer. 31:9; Osé. 11:1). Nessa qualidade, esse povo é objeto especial do amor e dos cuidados de Deus, e também está sujeito a castigos divinos especiais. Israel é filho de Deus por direito de criação (Deu. 32; Isa. 64:8), por escolha divina (Deu. 7:7), por redenção (Isa. 43:1-6), e por motivo de pacto estabelecido (Deu. 14:1 *ss*). Esse conceito de pacto firmado é ressaltado por todo o Antigo Testamento. Ver o artigo geral sobre a *Aliança*.

3. Em Sentido Supremo, Jesus Cristo é o Filho de Deus (ver João 1:18; 3:16; Mat. 14:33; Mar. 1:1; Rom. 1:3; 5:10; I Cor. 1:9; II Cor. 1:19; Gál. 1:16; Efé. 1:6; 4:13; Col. 1:13; Heb. 1:2). Toda e qualquer revelação, bondade e benefício chegam à humanidade através do *Filho*, sendo essa a constante mensagem espiritual do Novo Testamento. A divindade de Cristo (que vide) fica implícita na expressão «Filho de Deus»; e os remidos são «filhos de Deus» por causa de sua vinculação ao *Filho*, porquanto Cristo haverá de elevar esses filhos até à participação na própria natureza divina, conforme foi anotado no primeiro ponto, acima. A paternidade de Deus é o arquétipo de todas as paternidades. O Novo Testamento encara a filiação de Cristo, dentro da Trindade (que vide) que é a origem e a garantia da verdadeira filiação a Deus. (I IB ID NTI WES)

FILHOS DE DEUS

Esboço

I. No Antigo Testamento
II. No Novo Testamento
III. Sumário de Usos
IV. Filiação, Sinônimo de Salvação

No hebraico temos três expressões diferentes, a saber: a. *bene ha-elohim*, «filhos de Deus» (Gên. 6:2-4; Jó 1:6; 2:1); b. *bene elohim*, «filhos de Deus» (Jó 38:7); e c. *bene elim*, «filhos do poderoso» (Sal. 29:1). No grego, *uioì theoũ* ou *uioì toũ theoũ*, ambas as formas com o sentido de «filhos de Deus».

I. No Antigo Testamento

O sentido da expressão, em Gênesis 6:1-4 é o centro de um dos mais complicados problemas exegéticos do Antigo Testamento. A questão pode ser enfeixada através da seguinte indagação: A quem se refere esse título: a divindades pagãs, a governantes pagãos, aos anjos ou aos descendentes da linhagem de Sete, filho de Adão? Embora divindades pagãs e governantes pagãos, na antiguidade, fossem intitulados «filhos de Deus», não há como provar ou não que tal sentido esteja vinculado a essa expressão do livro de Gênesis. Mas em algumas passagens como Jó 1:6 e 2:1, bem como Daniel 3:25, a expressão parece denotar anjos ou «seres angelicais». A idéia é que os anjos caídos tiveram relações sexuais com mulheres humanas e geraram filhos. No entanto, essa interpretação esbarra com uma formidável objeção — em parte alguma das Escrituras os anjos aparecem como corruptores da humanidade. Mais ainda, Jesus disse que os anjos são seres assexuados, segundo se depreende de Mateus 22:30.

Aqueles estudiosos que preferem pensar nos «filhos de Deus», em Gênesis 6:1-4, como descendentes de Sete, salientam que a expressão *ha-elohim*, em todas as outras passagens em que ela aparece no Novo Testamento regularmente aponta para o único e verdadeiro Deus, o que elimina da expressão

qualquer sentido pagão. Eles também argumentam que o Antigo Testamento não desconhece a idéia da relação entre Deus e seus adoradores, como a de um Pai e seus filhos. Isso pode ser visto em Deu. 32:5; Sal. 73:15 e Osé. 11:1, onde a palavra «filhos» ou «filho» relaciona seres humanos a Deus. Em Oséias 1:10, a frase «Vós sois filhos do Deus vivo» tem a mesma significação. Por todos esses motivos, a maioria dos eruditos modernos rejeita esse ponto de vista que interpreta a expressão «filhos de Deus» como seres sobrenaturais, comparando-a com outros trechos veterotestamentários onde aparece a mesma expressão, e que só apontam para seres humanos. Portanto, a fim de explicar a expressão, em Gênesis 6:1-4, alguns eruditos pensam que ela foi ali introduzida por um compilador, como uma introdução à narrativa sobre o dilúvio (vs. 5-8). No entanto, a intenção do escritor original era explicar o surgimento de uma raça de gigantes, na antiguidade. Por conseguinte, alguns especialistas evocam o testemunho de Judas 6 e 7, com paralelo em II Ped. 2:4 *ss.*, onde é destacado o pecado desnatural dos homens de Sodoma, — que seguiram «após outra carne». Ver sobre *Antediluvianos; Gigantes; Nefilim; e Refaim*.

II. No Novo Testamento

Há duas palavras gregas que têm sido traduzidas como «filho» e cujo sentido deve ser aqui distinguido. Uma delas é *téknon*, e a outra *uiós*. A primeira indica um filho por descendência natural, enquanto que a segunda olha a filiação mais do ponto de vista de uma mera relação legal. Referindo-se aos regenerados, João, que enfatiza a idéia de filiação por nascimento, usa *téknon*, mas Paulo, muito mais interessado em frisar a idéia de filiação pelo seu aspecto legal, ou seja, como uma adoção, uma prática bastante conhecida entre os romanos, mas inteiramente desconhecida entre os judeus, usa a palavra *uiós*, para indicar a mesma relação filial. Ver João 1:12; Rom. 8:14,16,19; Gál. 4:6,7 e I João 2:1,2.

Espiritualmente falando, os homens, por natureza, não são «filhos de Deus». Antes, aqueles que não estão em Cristo são «filhos da ira» (Efé 2:3), ou «filhos da desobediência» (Efé. 2:2). Os tais não são controlados pelo Espírito de Deus (Rom. 8:14), mas por uma atitude de desobediência e rebeldia (Efé. 2:2-4). Para que os homens se tornem «filhos de Deus», no sentido neotestamentário, é mister que se tornem tais, mediante a regeneração e a adoção, através da sua aceitação de Jesus Cristo como Salvador e Senhor (João 1:12,13; Gál. 3:26).

A fraternidade universal ensinada pelo Novo Testamento não se deriva do fato de que todos os homens descendem de Adão, embora esse aspecto também seja destacado (ver Rom. 5:12), mas está diretamente vinculada na fé no Senhor Jesus Cristo, como o único divino Salvador do mundo. Outro tanto se dá no caso da paternidade de Deus. Pois, se é verdade que todos dele «somos geração» (Atos 17:28), por força da criação, também é verdade que, espiritualmente, Deus só se torna o Pai dos regenerados pelo Espírito Santo.

A filiação espiritual já é uma possessão presente dos crentes em Cristo (I João 3:2). No entanto, ela só se completará quando da segunda vinda de Cristo (Rom. 8:23), quando então o homem interior do crente por assim dizer virá para fora, pois, até então, passa incógnito neste mundo, não sendo jamais reconhecido pelos seus semelhantes quanto à sua verdadeira identidade espiritual. Somente então serão revelados aos olhos de todos os filhos de Deus (II Cor. 5:10). E João deixou escrito: «Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é» (I João 3:2). Esse e os trechos que lhe são paralelos ensinam o mais elevado conceito bíblico sobre o que significa alguém ser um «filho de Deus».

As bênçãos próprias de quem é «filho de Deus» são por demais numerosas para serem todas descritas aqui, a menos que falemos em sentido bem abreviado. Os filhos de Deus são peculiarmente amados pelo Pai (João 17:23), e ele cuida deles com desvelo paternal (Luc. 12:27-33). Eles receberam o nome da família divina (Efé. 3:14,15 e I João 3:1), como também a aparência dos membros da família divina (Rom. 8:29). Foi derramado em seus corações o amor da família divina (João 13:35; I João 3:14). Todos os filhos de Deus recebem o espírito filial (Rom. 8:15; Gál. 4:6). E eles são preparados para prestar um serviço filial (João 14:23, 24 e 15:8). São castigados pelo Pai, quando erram (Heb. 12:5-11). São consolados pelo Pai (II Cor. 1:4) e a sua herança está à espera deles (Rom. 8:17 e I Ped. 1:3-5).

Entre as evidências de que alguém é um autêntico «filho de Deus», poderíamos citar: ser dirigido pelo Espírito de Deus (Rom. 8:14 e Gál. 5:18). Ser dotado de confiança infantil em Deus (Gál. 4:5). Desfrutar da liberdade do acesso a Deus (Efé. 3:12). Amar aos irmãos na fé (I João 2:9-11 e 5:1) e ser obediente ao Pai (I João 5:1-3).

III. Sumário de Usos

1. **Seres criados, em sentido geral, são chamados** «filhos de Deus». Os seres angelicais são assim denominados (Jó 1:6; 2:1; 38:7 e, talvez, Gên. 6:1-4).

2. Os *homens*, criados segundo a imagem de Deus, incluindo a raça humana inteira. Isso fica subentendido desde o relato da criação (Gên. 1:26-28), que ensina que o homem foi criado à imagem de Deus. Assim, Adão aparece como «filho de Deus» (Luc. 3:38). Os homens podem ser filhos de Deus obedientes ou filhos de Deus rebeldes (Eze. 20:21). O trecho de Atos 17:28 diz que todos os homens são «geração» de Deus.

3. *Israel*, como nação (Osé. 1:10; Jer. 3:14; 4:22; Joel 2:23; Gál. 4:28). O povo de Israel foi escolhido em Abraão, — para anunciar uma mensagem espiritual a todos os homens, a fim de que, mediante a salvação, os homens pudessem tornar-se filhos espirituais de Deus. Em um certo sentido espiritual, os israelitas eram filhos de Deus, e outros povos, não (Mar. 7:27). No entanto, o Filho do homem (Jesus Cristo) veio buscar os filhos perdidos (Luc. 19:9 *ss*). O amor paternal de Deus levou-o a amar a todos os homens, e a buscar a todos como filhos (II Ped. 3:9; Luc. 15:3-7). A verdadeira filiação encontra-se no relacionamento espiritual do homem diante de Deus, e não por motivo de criação (Mat. 3:9).

4. *Filhos de Deus mediante a fé* (João 8:44). No sentido espiritual, alguns são filhos do diabo (João 8:44). A filiação ocorre por meio da nossa transformação segundo a imagem do Filho (Rom. 8:29). Ver a quarta seção, onde esse pensamento é devidamente desenvolvido.

5. *O singular Filho de Deus* é o *Logos*, — que, em sua encarnação, veio a chamar-se Jesus Cristo (Heb. 1:2). Ver também João 1:3,14; 3:16; 10:36; Mat. 17:5. Apresentamos um artigo separado sobre esse tema, intitulado *Filho de Deus*.

IV. Filiação, Sinônimo de Salvação

Ser filho de Deus, no sentido espiritual, não é meramente um título poético. Mas significa estar

sendo transformado segundo a imagem do Filho de Deus, ou seja, ir adquirindo sua natureza moral e metafísica (Rom. 8:29). Trata-se da mesma coisa que participar da natureza divina, de maneira real, posto que finita (II Ped. 1:4), por meio do poder transformador do Espírito Santo, — que nos vai transformando de um estágio de glória para outro (II Cor. 3:18). Isso quer dizer que a alma humana acaba assumindo toda a plenitude da divindade, tal como sucedeu ao Filho (Col. 2:9,10). Mas, visto que há uma infinitude com que seremos enchidos, deve também haver um enchimento infinito. Aó dizermos essas coisas, estamos falando sobre o que está implicado na própria *salvação* (vide). — Trata-se de um processo eterno, visto que a sua mais elevada expressão, a *glorificação* (vide) é uma interminável transformação, segundo a qual o que é finito vai absorvendo o que é infinito. Ver os artigos separados: *Filhos (Crianças) de Deus; Filhos Espirituais de Deus; Filiação* e *Divindade, Participação na, pelos Homens*.

FILHOS DO AMIGO DO NOIVO

Ver o artigo sobre o **Matrimônio.**

FILHOS DO ORIENTE

Essa expressão é usada para descrever povos que viviam a leste da Palestina (Gên. 29:1), indicando, especificamente, os habitantes de Harã, na Mesopotâmia. É dito sobre Jó que ele era um deles (Jó 1:3). O trecho de I Reis 4:20 dá a entender que eles eram renomados por sua sabedoria. Os *magos*, referidos em Mateus 2:1, talvez fizessem parte dos filhos do Oriente.

FILHOS DOS PROFETAS

No hebraico, **bene ha-nablim**. Essa expressão hebraica figura por onze vezes nas páginas do Antigo Testamento, indicando os membros de alguma ordem ou guilda de profetas, dentro da comunidade antiga de Israel. Todavia, a expressão ocorre somente nos livros de I e II Reis, correspondendo à época dos profetas Elias e Eliseu. Não há qualquer idéia de descendência física, porquanto está em foco uma classe ou guilda.

Na verdade, haveria várias guildas ou ramos diferentes de uma mesma guilda, em várias localidades, a saber: a. em Betel (II Reis 2:3); b. em Jericó (2:5); c. em Gilgal (4:38); d. na região montanhosa de Efraim (5:22). No entanto, todas elas eram «dirigidas» pelo mesmo profeta, ao qual chamavam de «senhor» (II Reis 2:3,5; no hebraico, *adon*). O primeiro «senhor» foi Elias. Quando este foi arrebatado para o Senhor, foi substituído por Eliseu, que era membro de uma daquelas guildas. A promoção precisava ser reconhecida pelos demais membros da guilda, e a comprovação era se o novo «senhor» havia recebido ou não os poderes do antigo «senhor» (II Reis 2:8,14).

Muitos estudiosos das antiguidades judaicas acreditam que os «filhos dos profetas» tinham um tipo de vida monástica que se aproxima do monasticismo cristão. Assim, eles construíam edifícios para serem usados pela comunidade (II Reis 6:1 *ss*) e compartilhavam de uma mesa comum (II Reis 4:38-44). No entanto, sabe-se que alguns deles eram casados, o que significa que não havia entre eles um celibato obrigatório (II Reis 4:1 *ss*). Os filhos dos profetas trabalhavam sob as ordens do líder ou «senhor»; e, geralmente, buscavam a sua aprovação quanto àquilo que realizavam (II Reis 2:16-18; 6:1 *ss*). No entanto, também podiam agir por conta própria (I Reis 20:35).

Embora a expressão hebraica correspondente a «filhos dos profetas», que era uma expressão técnica, não ocorra fora dos livros de Reis, há outras indicações da existência de comunidades de profetas. Provavelmente, esse é o caso do «grupo de profetas», sobre o qual lemos nos dias de Saul e de Samuel (I Sam. 10:5 *ss*; 19:20). Por semelhante modo, nos casos em que algum numeroso grupo de profetas é mencionado (I Reis 18:4,19; 22:6), parece haver nisso alguma indicação de que se tratava de uma comunidade profética. Os grupos que agiam juntos, designados apenas como «profetas», no plural, provavelmente também eram comunidades de profetas (II Reis 23:2; Jer. 26:7,8,11). Portanto, embora chamados «filhos dos profetas» somente nos dois livros de Reis, essas comunidades proféticas continuaram existindo durante todo o período da monarquia.

Finalmente, a expressão «discípulo de profeta» (Amós 7:14; no hebraico, *ben nabi*), embora no singular, deveria ser entendida como alusão ao fato de que Amós negava ser membro de alguma comunidade de profetas.

FILHOS ESPIRITUAIS DE DEUS

Ver os artigos separados sobre *Filhos de Deus; Filhos (Crianças) de Deus;* e *Filiação.*

Esboço:

I. Pela Fé
II. A Imensidade da Salvação, Filiação e Salvação
III. Pelo Poder de Deus
IV. Significa a Participação na Natureza Divina

João 1:12: *Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*;

I. Pela Fé

Naturalmente, essa é uma das grandes declarações espirituais do N.T.

Considerações sobre a fé:

1. A fé aceita certas crenças sobre o Salvador, mas é imensamente mais do que uma crença.

2. É a dedicação (entrega) da alma às mãos de Cristo.

3. Essa dedicação efetua certa transformação metafísica na alma.

4. A alma dedicada torna-se luz, segundo o padrão da Luz.

5. A fé é uma qualidade, atributo ou expressão inerente à alma. É uma «decisão da vida» que produz a radical transfiguração do próprio ser.

6. Palavras chaves: crer, receber, renunciar (à velha vida), participar (da nova vida), conhecer (ao Filho), ser iluminado.

7. A fé é inspirada e criada pelo Espírito (Efé. 2:8), fazendo parte do dom da salvação; porém, requer a reação humana. Ver o artigo sobre *Fé*.

II. A Imensidade da Salvação: Filiação e Salvação

1. A salvação é efetuada pelo Espírito quando da conversão (mediante a fé e o arrependimento). Ver o artigo sobre o *Arrependimento*.

2. É santificação. A Luz vence as trevas, João 1:5.

3. É participação nas virtudes positivas de Deus (ver Gál. 5:22,23).

4. É transformação da alma segundo a imagem de Cristo, a fim de participar de sua forma de vida (ver

Rom. 8:29 e II Cor. 3:18).

5. É participação na vida independente e necessária do próprio Pai (ver João 5:25,26).

6. É a herança dos filhos (seremos co-herdeiros de Cristo, Rom. 8:17).

7. É glorificação (ver Rom. 8:30).

8. É participação na natureza de Deus, incluindo os atributos divinos (ver Efé. 3:19 e II Ped. 1:4).

9. É compartilhar da natureza, vida, herança e glorificação do Logos de Deus (João 1:12). Os remidos serão «logoi»!

III. Pelo Poder de Deus

O poder de serem feitos filhos de Deus. Os resultados desse «recebimento» demonstram certa modalidade do «poder» divino, o qual dá começo à transformação do crente em um verdadeiro filho de Deus, feito segundo a imagem de Cristo e a compartilhar da mesma essência divina.

Por esse motivo, somos forçados a rejeitar *interpretações inferiores*, que fazem com que esse «poder» seja tão-somente uma «possibilidade» (segundo de Wette e Tholuck), ou uma mera «capacidade» (segundo Bruckner e Godet), uma mera «dignidade ou vantagem» (segundo Erasmo e outros), ou mesmo um mero «direito» ou «privilégio» (segundo Meyer), embora o vocábulo, considerado isoladamente, possa significar exatamente isso. Pelo contrário, tratamos aqui com um «direito» que está apoiado (segundo o próprio texto demonstra) na faculdade espiritual que provê o princípio da regeneração; e isso nos conduz não meramente ao «título» real de filiação (como se via na adoção, segundo os costumes romanos), mas à verdadeira participação da própria essência divina, segundo ela se manifestou na pessoa de Jesus Cristo. Lange diz em João 1:12: «Essa filiação a Deus, por semelhante modo está vinculada ao «semen arcanum electorum et spiritualium» (contrariamente a Meyer, ver João 1:9)... Essa regeneração incipiente também, mui certamente, é de natureza ética, embora não somente ética: também afeta a substância. Cristo é o eterno e unigênito Filho de Deus, por razão de sua própria natureza; os homens se tornam filhos de Deus mediante a regeneração, isto é, um nascimento celestial. Comparar com João 3:3; I João 3:9; Gál. 3:26 e I Ped. 1:23. — Isso expressa a verdade do caso.

IV. Significa a Participação na Natureza Divina

II Ped. 1:4 declara exatamente isto. A idéia é essencial a Col. 2:10. Ver estes dois versículos explicados no NTI *in loc*. Esta participação é pelo poder transformador do Espírito, através de muitos estágios de glória, II Cor. 3:18. Traz para o homem a imagem e a natureza do Filho, o Irmão mais velho, Rom. 8:29. Será um processo eterno sendo que o finito nunca poderá possuir uma natureza *infinita*, mas sempre poderá continuar a aproximar-se dela. Salvação (que vide) é *filiação*, e filiação é uma participação real, mas secundária (finita) na natureza essencial do Pai e do Filho. Ver o artigo separado sobre *Divindade*, *Participação do Homem na*.

FILIA

Esse é um dos vocábulos gregos que significam *amor* (vide). Também pode ter o sentido de *amizade* ou *afeto*. A única ocorrência dessa forma nominal (o verbo é *philéo*), encontra-se em Tiago 4:4; onde é traduzida por «amizade». Ali há um uso negativo da palavra, visto que está em foco a amizade com o mundo. A forma verbal aparece por vinte e cinco vezes. O esforço para distinguir entre *agapáo* e *philéo* não é coroado com grande sucesso, pois o uso léxico dessas palavras justapõe-se um ao outro.

FILIAÇÃO

O Conceito da Filiação

1. Filiação é, na realidade, um termo sinônimo de *salvação*; pois somos salvos como filhos. A filiação descreve as condições e o fato da nossa salvação. (Ver o artigo sobre a *Salvação*).

2. Dois termos são usados para descrever a filiação: *uios*, que pode significar «filho por adoção». É questão vinculada a um antigo costume romano, o que nos dá algumas noções sobre o sentido da filiação. Envolvia a declaração de que alguém era «filho adulto», com plenos direitos à herança. (Ver Rom. 8:16). O outro vocábulo é *teknos*, que tem o sentido de «filho por geração natural». (Ver João 1:12). É verdade que, com freqüência, as duas palavras eram usadas como sinônimas, a despeito de que esses elementos podem ser distinguidos claramente em alguns casos.

3. A filiação significa que participaremos da própria natureza de Deus Pai, em sentido perfeitamente literal (ver II Ped. 1:4).

4. Dessa forma, chegaremos a possuir igualmente todos os atributos divinos (ver Efé. 3:19), ou seja, a sua «plenitude», com base na participação em sua natureza.

5. Por semelhante modo, possuiremos a «plenitude do Filho», o que é esclarecido em Col. 2:10, no NTI.

6. Já temos certa participação moral na natureza divina (ver Mat. 5:48), e também uma real participação quanto ao «tipo de vida» (o que é comentado em João 5:25,26 no NTI).

7. Por conseguinte, surgirá uma «nova espécie», muito superior aos anjos, porquanto os remidos participarão da própria natureza do Filho (ver Rom. 8:29). Essa nova espécie, comporá a família de Deus, em sentido bem real. A natureza do Pai, porém, é infinita, mas nós participamos de sua natureza em um sentido «finito». Todavia, a eternidade inteira será empregada em nosso progresso na direção de Deus, e iremos participando mais e mais de suas perfeições e atributos. Portanto, a glorificação será um processo eterno, e não um único ato instantâneo, imediatamente após a morte física.

A filiação a Deus garante a herança celeste e a nossa transformação segundo a imagem moral e metafísica do Filho de Deus; e era isso que Paulo queria que entendêssemos, porquanto esse é um dos mais elevados cumes da mensagem cristã, o que é comentado com abundância de detalhes em Rom. 8:29 no NTI. Os filhos de Deus desfrutam de comunhão mística com o Espírito Santo, que é o agente da transformação espiritual que se processa neles. A passagem de Gál. 5:18 enfatiza o fato de que aqueles que são guiados pelo Espírito Santo não estão mais «debaixo da lei»; e o oitavo capítulo da epístola aos Romanos, apesar de não ensinar essa verdade especificamente, deixa entendido que assim acontece, do princípio ao fim do mesmo. Agora existe uma «lei de vida» *superior* para o crente. Porém, a lei mosaica não é nem o Salvador e nem a regra de conduta do crente do N.T. Cristo é quem é o nosso Salvador, e a comunhão com o Espírito Santo, no homem interior, é que é a nossa «regra de vida», sendo uma regra extremamente superior a tudo quanto poderia ter sido imaginado, como resultado da observância legalista. O resultado dessa regra de vida é a vida vitoriosa, conforme é comentado por Ernest

De Witt Burton, em seu livro sobre a epístola aos *Gálatas* (pág. 302): «É claro pois, que a vida pelo Espírito constitui, para o apóstolo, uma terceira maneira de viver, por um lado distinta do legalismo, e, por outro lado, caracterizada pelo fato de que o crente não cede aos impulsos da carne. Sob hipótese alguma é um curso médio entre essas duas coisas, mas antes, é um caminho elevado, que está acima de ambas as coisas, uma vida de liberdade de meros estatutos, uma vida de fé e de amor».

FILIGRANA

Essa palavra portuguesa refere-se a trabalho ornamental feito com fios ou arames. Alguns estudiosos têm pensado que certos engastes de ouro, referidos em passagens como Êxo. 28:13,14,26; 39:6,16-18, envolvessem jóias e trajes especiais que empregavam filigranas. O trecho de Salmos 45:13, de acordo com alguns eruditos, deveria ser traduzido por «...a sua vestidura é adornada com filigrana dourada», em vez de «...a sua vestidura é recamada de ouro». A arqueologia tem ilustrado essa arte com exemplos encontrados no antigo Oriente, e também com exemplares descobertos no Egito, entre jóias funerárias. Símbolos divinos figuram em pedras semipreciosas, em intrincadas filigranas. Os próprios fios de metal são de ouro ou de prata. O termo latino *filum* significa «fio», «cordão», sendo essa a raiz da palavra portuguesa «filigrana».

FILIOQUE

No latim, **e o Filho**. Essa palavra latina foi inserida no artigo do credo niceno constantinopolitano, sobre o Espírito Santo, pela Igreja Ocidental. Isso resultou na declaração: «o qual (Espírito Santo) procede do Pai *e do Filho*». Isso produziu a doutrina da *dupla procedência* do Espírito Santo. Essa doutrina lançou raízes firmes no Ocidente, de Agostinho em diante, tendo sido incluída em declarações e documentos oficiais. Largamente aceita no Ocidente, foi oficialmente adotada pela Igreja Católica Romana. Entretanto, a Igreja Ortodoxa Oriental objetou à doutrina, por pensar que a procedência do Espírito Santo é somente de Deus Pai. A sua inclusão no credo e sua ampla aceitação no Ocidente foram entre as razões pelas quais, em 1054, as Igrejas Ortodoxas Orientais se separaram do Ocidente. A adição da palavra latina *filioque* ocorreu por causa da ânsia por refutar o *arianismo* (que vede). Na tentativa de conseguir a reconciliação entre a Igreja Católica do Ocidente e do Oriente, essa doutrina fora definida pelo concílio de Nicéia, em 787 D.C., com a fórmula: «procede do Pai, *através do* Filho». Entretanto, essa transigência não perdurou muito, visto que muitas das igrejas orientais e muitos prelados rejeitaram-na desde que ela foi lançada.

História. Originalmente, a idéia não fazia parte nem do credo niceno (325 D.C.), e nem do credo de Constantinopla (381 D.C.). Parece que veio a ser incluída, pela primeira vez, na declaração do concílio de Toledo (589 D.C.), que foi um concílio local. A partir de então, tornou-se amplamente aceita em todo o Ocidente. Os ortodoxos orientais apelaram para o trecho de João 15:26, para indicar a procedência do Espírito somente da parte do Pai. Seja como for, a adição da palavra latina *filioque*, ao credo niceno, nunca foi aprovada por qualquer concílio *ecumênico*, ou seja, representante de todos os segmentos da cristandade.

Em defesa dessa adição, podemos observar que ela salvaguarda o ofício do Filho de Deus em relação ao ministério do Espírito Santo. E o trecho de João 15:26 também pode ser assim interpretado. Diz o mesmo: «Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim...» Acrescente-se a isso que o Espírito de Cristo é o mesmo Espírito Santo (ver Rom. 8:9 e Gál. 4:6). Se o Filho é da mesma natureza e substância do Pai, então é apenas lógico supormos que o Espírito Santo procede tanto do Pai quanto do Filho. Entretanto, fica-se a indagar até que ponto é possível exagerar quanto a essas delicadas distinções, e se elas são suficientemente importantes para os cristãos dividirem-se uns dos outros, por causa das mesmas. Ver o artigo geral sobre a *Cristologia*, onde são descritos diversos desses debates teológicos, na tentativa que os teólogos têm feito para compreender melhor ao *Deus Homem*, Jesus Cristo.

FILIPE (APÓSTOLO)

Ver o artigo separado sobre os **Apóstolos**, que inclui uma descrição sobre Filipe, mencionando seu relacionamento com os demais apóstolos. O artigo descreve o ofício apostólico, que lhe fora dado pelo Senhor Jesus. Às informações ali providas, acrescentamos alguns comentários, neste verbete.

Seu nome significa «amante de cavalos», sendo um nome muito comum naquele tempo, provavelmente por causa de Filipe da Macedônia. O nome «Filipe» ocorre por trinta e oito vezes nas páginas do Novo Testamento, referindo-se a quatro homens diferentes.

O apóstolo Filipe, um dos doze apóstolos originais, deve ser distinguido do evangelista do mesmo nome (Atos 6:5). Ver sobre *Filipe* (o *diácono*). Este último nunca é mencionado nos evangelhos, mas somente no livro de Atos. O apóstolo Filipe era natural de Betsaida (João 12:21), uma pequena aldeia de pescadores, nas praias ocidentais do lago da Galiléia, que também era a aldeia nativa de André e de Pedro (João 1:44). Mui provavelmente, a princípio ele foi um dos discípulos de João Batista (João 1:43). Certa tradição, preservada por Clemente de Alexandria (Strom. 3.4,25; 4.9,73) faz dele o homem que pediu permissão para sepultar o seu pai, antes de seguir a Jesus, sobre quem se lê em Mateus 8:21. Uma outra tradição afirma ter sido ele da tribo de Zebulom. Tradições assim contêm alguma verdade, mas, com freqüência, são apenas adornos ou suposições. Foi Filipe quem apresentou Natanael a Jesus (João 1:45-49) —comento detalhadamente a esse respeito no artigo sobre os apóstolos. Jesus submeteu-o a um teste antes do milagre da multiplicação dos peixes, dizendo: «Onde compraremos pães para lhes dar a comer?» (João 6:5), indagação essa que tem sido interpretada como se apontasse para certa debilidade da fé de Filipe (Crisóstomo), ou como se refletisse a possível circunstância de que ele tivesse sido o homem que costumava fazer compras para o grupo apostólico (Bengel).

Filipe, ao exibir um espírito que deveria ser comum a todos os crentes verdadeiros, desejou receber uma revelação maior do Pai (João 14:8). Ele ainda não havia compreendido o significado da encarnação. Seu desejo se cumpriu de modo preliminar, visto que ele se encontrava entre aqueles que estavam no cenáculo, no dia de Pentecoste, e que receberam o enchimento com o Espírito (Atos 1:13).

Quanto a informações pós-neotestamentárias a seu respeito, temos uma declaração de Eusébio, o

primeiro grande historiador da Igreja, depois de Lucas. Eusébio informa-nos de que ele viveu como um dos brilhantes fachos de luz espiritual na Ásia (nossa Ásia Menor, uma parte da moderna Turquia), tendo sido sepultado em Hierápolis, juntamente com duas filhas virgens. Aparentemente, ele passou algum tempo na Frígia, antes de falecer, em Hierápolis. Papias (2:4) refere-se a ele como um dos *presbuteroi* (anciãos). Todavia, as tradições não se mostram unânimes acerca de como ele morreu.

Um Evangelho e um Atos apócrifos lhe são atribuídos, embora ninguém leve a sério tal opinião. Ver os artigos sobre *Filipe, Atos de* e *Filipe, Evangelho de*. Suas supostas relíquias estão na Igreja dos Apóstolos, em Roma. A Igreja Católica Romana comemora a sua festa religiosa a 1° de maio, mas a Igreja Ortodoxa Grega o faz a 14 de novembro. Seu símbolo é uma cruz com um pão de cada lado, sem dúvida inspirado pela idéia de João 6:7.

FILIPE (DIÁCONO)

É curioso que o Novo Testamento tem mais a dizer sobre Filipe, o diácono evangelista, e sobre Estêvão, do que sobre a maioria dos apóstolos. Portanto, o leitor não deveria achar estranho que os comentários abaixo ultrapassem, em volume, ao que escrevi sobre os apóstolos, como indivíduos.

A história de Filipe: Atos 8:4-40.

Muitos eruditos têm considerado incerta a conexão cronológica da história de Filipe. Alguns acreditam que a conexão cronológica real de Atos 8:4-40 estaria melhor ligada com os eventos que são relatados, no livro de Atos, após o trecho de 9:31. — Atos 8:4-40, por conseguinte, tratar-se-ia de uma inserção em um período anterior, porquanto Filipe e Estêvão devem ter esplendor juntamente, como os mais notáveis obreiros entre os recém-nomeados «diáconos». Nesse caso, a ordem seria por tópico, e não cronológica. O desejo que muitos têm manifestado de colocar este episódio um pouco mais adiante, na narrativa bíblica, parece apoiar-se no fato de que dá a impressão do mesmo estar mais intimamente vinculado às missões cristãs entre os gentios.

Harnack supõe que o trecho de Atos 8:4 pertence a uma fonte informativa na qual o interesse estava dividido entre Jerusalém e Cesaréia, ou seja, a fonte informativa «Jerusalém-Cesaréia», que tem prosseguimento nos trechos de Atos 9:32-11:18 e 12:1-24. Nesse caso, essa fonte informativa teria sido dividida e registrada em vários lugares da narrativa, em lugares que agradaram ao plano do autor sagrado, embora essa ação talvez tenha modificado um tanto a verdadeira ordem dos acontecimentos, a posição relativa dos mesmos, entre si, de modo a não nos permitir acompanhar os eventos na sucessão exata em que ocorreram. Pelo menos não pode haver dúvida alguma de que o autor sagrado contou com diversas fontes informativas, procedentes de Jerusalém, Cesaréia e outros centros da igreja cristã, onde haviam sido preservadas tradições históricas na forma de material escrito ou oral. Isso também nos mostra o fato de que Lucas, com freqüência, agiu mais como um compilador do que mesmo como um autor. Todavia, isso sempre se verifica em qualquer obra histórica de tamanha envergadura. O prólogo do evangelho de Lucas informa-nos claramente que o autor sagrado reuniu o seu material histórico em diversas localidades.

Outros intérpretes, entretanto, acreditam que esta seção inteira se deriva de uma fonte informativa composta, incluindo algum material petrino, posto que um de seus parágrafos diz respeito à visita que esse apóstolo fez a Samaria, bem como ao seu encontro com Simão Mago (ver Atos 8:14-24). Nesse caso, devemos supor uma fonte informativa pura, de Jerusalém. Alguns têm mesmo identificado essa fonte com a chamada fonte informativa «Jerusalém A» (separada de uma outra fonte informativa, um tanto posterior, intitulada «Jerusalém B»).

R.B. Rackham, em sua obra *Acts of the Apostles*, pág. 112 (Londres: Methuen and Co. 1901), salienta corretamente o caráter dessa história, que se escuda fortemente no A.T., porquanto em lugar de Filipe, poderíamos imaginar facilmente Elias ou Eliseu em ação. Filipe parece ter vagueado ao redor, em movimentos espontâneos, sobre a imediata influência do Espírito de Deus. A sua missão é importante porque representa a primeira invasão definida de território não judaico, com a mensagem do evangelho. Essa missão foi realizada por alguém que também era judeu «helenista», isto é, afeito à cultura e ao idioma gregos; e isso seria, naturalmente, de se esperar, porque, mais que um judeu puro de Jerusalém, sentiria ele a necessidade urgente de uma missão dessa categoria.

De conformidade com a tradição registrada por Epifânio (*Haer.* xx.4), corrente no quarto século da era cristã, juntamente com Estêvão, Filipe teria sido membro do grupo especial de *setenta* discípulos missionários, descritos no décimo capítulo do evangelho de Lucas. Todavia, essa tradição não conta com bases históricas e no presente não nos resta nenhum meio de averiguarmos a veracidade ou a falsidade dessa questão. (Ver o artigo sobre os diversos «Filipes» do N.T.). Após o martírio de Estêvão, quando começaram as perseguições contra os cristãos, Filipe levou o evangelho à Samaria, onde o seu ministério se mostrou extremamente frutífero (ver Atos 8:5-13). De Samaria ele foi para o sul, pela estrada de Jerusalém a Gaza, a fim de levar o eunuco etíope aos pés de Jesus Cristo, do que também se originou a igreja cristã no continente africano. (Ver Atos 8:26-38). Dali Filipe se dirigiu a Azoto, que os filisteus chamavam de Asdode e partindo dali ele dirigiu um ministério itinerante que o levou até Cesaréia (ver Atos 8:39,40), onde evidentemente se estabeleceu, conforme se pode depreender de Atos 21:8. Passou a ser então conhecido como *evangelista*, título esse que era usado para distingui-lo do apóstolo do mesmo nome. Filipe tinha quatro filhas que eram profetisas (ver Atos 21:9), e isso nos deixa perceber a elevada qualidade de vida em família que prevalecia no lar de Filipe.

Dentro da história eclesiástica, *Eusébio* e outros escritores antigos confundiram o apóstolo Filipe com o evangelista Filipe, cuja carreira começou como um dos sete primeiros diáconos da igreja de Jerusalém. Eusébio (*História Eclesiástica* iii.31,39, v.24) informa-nos que Filipe e suas filhas viviam em Hierápolis. Nos dias de Eusébio, o túmulo de Filipe e de suas filhas profetisas podia ser visto naquele lugar; e a essa informação Eusébio acrescenta a citação de Atos 21:8,9. Porém, essa referência visa bem definidamente o diácono evangelista, e não o apóstolo. Contudo, a maioria dos eruditos acredita que nesse caso está em foco o apóstolo Filipe, a despeito da confusão criada por Eusébio, — que talvez tivesse em vista o evangelista, e não o apóstolo. Histórias e tradições subseqüentes (que surgiram após ter sido escrito o livro de Atos) são confusas e discrepantes, sendo que também nada de certo se pode deduzir delas. Os martirologistas gregos faziam de Filipe, em data

posterior, bispo de Trales, na Lídia. Os escritores latinos, contudo, afirmam que ele permaneceu em Cesaréia, tendo ali terminado os seus dias. A verdade é que em todas as narrações antigas transparece certa confusão entre o apóstolo Filipe e o evangelista Filipe.

É interessante observarmos que, no livro de Atos, tanto Estêvão como o evangelista Filipe ocupam uma atenção maior do que aquela dada à maioria dos doze apóstolos, pois pelo menos muitas coisas nos são contadas sobre esses dois personagens, ao passo que o material dedicado aos apóstolos, excetuando os casos de Pedro e Paulo, é extremamente escasso.

FILIPE (Filho de Herodes, o Grande, e Cleópatra)

Esse Filipe é mencionado por Josefo (**Anti.** 17:1,3), —que afirma que ele foi criado em Roma. Cleópatra de Jerusalém, sua mãe, foi a quinta esposa de Herodes, o Grande. César Augusto nomeou-o tetrarca de Gaulanite, Traconite, Auranite, Batanéia e Ituréia (Luc. 3:1), de acordo com os dispositivos do testamento expresso de Herodes. Sua nomeação ocorreu em 4 A.C. Seu território ficava localizado a nordeste da Palestina, uma área pouco povoada, incluindo regiões que se estendiam para o norte e para o leste do mar da Galiléia, na direção da cidade de Damasco. Casou-se com Salomé, filha de Herodes Filipe I e Herodias. Esse Herodes era filho de Herodes, o Grande, e Mariamne, filha de Simão, o sumo sacerdote dos judeus. Discutimos a seu respeito sob o título *Filipe, Filho de Herodes, o Grande, e Mariamne*.

Em Lucas 3:1 há menção a uma parte de seu território. A Ituréia e a Traconite faziam parte do planalto da Transjordânia, que no Antigo Testamento é chamado de Basã e, modernamente, Haurã, ao sul da cidade de Damasco. A população do lugar era, quase inteiramente, de origem grega e síria; mas Herodes, o Grande, o colonizou, primeiramente com dois mil idumeus, e então com guerreiros judeus provenientes da Babilônia. Os evangelhos registram uma visita de Jesus à região, em Mat. 16:3 e Mar. 8:27.

Foi um dos melhores membros da família de Herodes, tendo governado quase sempre pacificamente, pelo espaço de trinta e sete anos. Faleceu em cerca de 34 D.C. Foi o primeiro rei dos judeus que usou efígies de imperadores romanos em suas moedas, o que causou uma onda de protestos entre os judeus. Josefo (*Anti.* 18:4,6) comenta sobre a moderação e a justiça de seu governo. – Ele também informa-nos de que esse Filipe fundou Cesaréia de Filipe (*Guerras* 2:9,1), mas isso deve ter sido mais um trabalho de reconstrução e decoração, que transformou Paniás (moderna Banias, perto do monte Hermon) após o que o seu nome foi alterado. Ver Mat. 16:13 e Mar. 8:27. Betsaida também foi reformada e rebatizada Julias, em honra à devassa filha de César Augusto. Foi essa cidade que ele escolheu para ser a sua capital. Foi a figura moral mais brilhante, embora não política, dentre a família de Herodes. Não foi maculado pelo espírito de intrigas e de traições, que assinalavam o seu irmão, e era amado pelo povo que governava. Todavia, morreu sem deixar herdeiro, e o seu território foi anexado à província romana da Síria. Esse arranjo perdurou por três anos (Josefo, *Anti.* 18:4,6). Então, em 37 D.C., esses territórios foram outorgados a seu sobrinho, Agripa I (37 — 44 D.C.). Esse homem é descrito em Atos 12:1 e 19:23. Era filho de Aristóbulo e neto de Herodes e Mariamne.

••• ••• •••

FILIPE (Filho de Herodes, o Grande, e Mariamne)

Esse homem também atendia pelo nome de Filipe Herodes I. Em Marcos 6:17 ele é chamado, simplesmente, de Filipe. Mariamne, sua mãe, era filha de Simão, o sumo sacerdote. Porém, não deve ser confundido com Filipe, o tetrarca. Josefo (*Anti.* 18:5,4), chamou-o de *Herodes*. Por algum tempo ele foi o provável sucessor de Antípater (Josefo, *Anti.* 17:3,2), mas essa condição acabou sendo anulada. Daí por diante, começou a viver como pessoa comum. Sua esposa foi Herodias, mãe de Salomé. Mas ela acabou abandonando-o para viver com Herodes Ântipas, seu meio-irmão (Mat. 14:3; Mar. 6:17). Filipe vivia na obscuridade, aparentemente, em Roma. A palavra *Herodes* é de origem grega, e significa *herói*, com a força de *heróico*. Ver o artigo geral sobre *Herodes*. Foi o nome de quatro «reis» da Judéia, subservientes a Roma.

FILIPE, ATOS DE

Essa é uma obra apócrifa de data bastante posterior, que mostra depender de outros atos, anteriores. Aparentemente foi compilada perto do fim do século IV D.C. Os evangelhos e atos apócrifos glorificam certos primitivos cristãos, usando seus nomes como autores; mas, na realidade, degradam-nos com muitas histórias fantásticas, obviamente fabricadas. Além disso, essas obras também serviram de veículos de doutrinas extras, não cristãs, geralmente da variedade gnóstica. Os Atos de Filipe têm o mesmo estilo dos Atos de Tomé. Muitas maravilhas operadas por Filipe são ali registradas, uma das quais conta como um leopardo, e até mesmo um cabrito, vieram a crer! Um curiosíssimo incidente aparece na narrativa sobre o martírio de Filipe, quando, no processo, ele perdeu a paciência e deixou-se vencer pela ira. Por causa desse lapso, teve de esperar por quarenta dias, após a sua morte, antes de obter admissão ao paraíso. Embora grotesco, pelo menos o livro entrete e é cheio de imaginação.

FILIPE, EVANGELHO DE

Essa obra, também chamada de **Pistis Sophia**, relata que uma das tarefas atribuídas a Filipe por Jesus foi o de registrar suas palavras e seus atos. A mente popular, em sua curiosidade, com freqüência deseja saber mais a respeito de Jesus, e muitos gênios criativos criam estórias ou escrevem livros. Era apenas natural que toda espécie de esforço literário se tivesse seguido, após a vida de Jesus Cristo. Além disso, havia os hereges, como os gnósticos, que procuravam expressar suas distorcidas doutrinas através de nomes famosos de cristãos primitivos. Isso explica porque existem dois evangelhos, somente no nome de Filipe. O primeiro deles é conhecido na atualidade somente por ter sido mencionado por Epifânio (*Heresias* 26:13,2-3). Essa citação refere-se à ascensão da alma, após a morte física. O segundo dos evangelhos que traz o nome de Filipe como autor não tem qualquer vinculação com o primeiro. Trata-se de uma obra de origem copta e que faz parte da biblioteca de *Nag Hammadi* (vide). Elementos desse segundo evangelho concordam com o gnosticismo de Valentino, do século II D.C., e poderia ser datado nos fins do século II ou no começo do século III D.C. Trata-se de uma coletânea de declarações e meditações com pouca ligação entre si, sendo mais um tratado do que mesmo um evangelho. Os seus temas incluem Adão e o paraíso, a criação e as apostas, os nomes de Jesus, algum material tipicamente neotestamentário, idéias

e incidentes. São também descritos os sacramentos dos gnósticos, que eram o batismo, a crisma, a eucaristia, a ablução (*apolútrosis*) e a câmara nupcial. Ver o artigo separado sobre o *Gnosticismo*.

FILIPE DE HESSE

Suas datas foram 1504-1567. Foi um eminente príncipe protestante da época da Reforma protestante. Tendo esmagado a chamada Revolução dos Aldeões, em 1525, ele tomou sobre si a tarefa de tentar unir os protestantes e proteger militarmente o movimento, com ajuda externa. Foi ele quem organizou o debate de Marburgo, entre Lutero e Zwínglio, em 1529, no interesse da proposta unida. E um esforço similar foi o da liga de Smalkald (vide), embora esta última visasse muito mais à proteção militar do que à concórdia doutrinária. Em 1534, obteve a vitória sobre o imperador Carlos V, em Laufen, e restaurou Ulrico de Wuertemberge ao seu ducado. Foi então que sucedeu algo muito curioso. Com o consentimento de sua esposa legal, Cristina da Saxônia, Filipe contraiu outro matrimônio, com Margarete von der Saale, com quem se casou em 1540. Isso fez dele um bígamo. Ele fizera um acordo com vários líderes protestantes de manter a questão em segredo, para, sob essa condição, continuar no movimento. Entretanto, não demorou muito para o arranjo vir à tona, o que produziu uma situação muito tensa entre ele e seus anteriores amigos e apoiadores. Com isso, seus adversários fortaleceram-se. Houve uma série de recuos e, finalmente, ele rendeu-se ao imperador, em 1547. Foi mantido prisioneiro até 1552, quando a derrota dos Hapsburgos, às mãos do genro de Filipe, Maurício da Saxônia, permitiu que ele retornasse a Hesse.

FILIPE II, DA MACEDÔNIA

Nasceu em Pela, Macedônia (382 A.C.); faleceu em Aegae (336 A.C.). Era o filho mais novo de Amintas II, e pai de Alexandre o Grande. Passou a juventude como hóspede em Tebas, que era então a cidade-estado grega dominante. Ali ele foi educado por Epaminondas, general e estadista tebano. Quando seu irmão, Pérdicas III morreu, ele retornou à Macedônia, casando-se com Olímpias, princesa egípcia, e reivindicou o trono. Reorganizou o exército e fez da Macedônia o poder supremo nos Bálcãs. Então, de acordo com seu plano de unificação da Grécia, foi derrotando, um por um, os outros estados gregos. Depois de capturá-los a todos, incorporou-os ao seu império. Assim, as cidades-estados gregas foram sujeitadas à hegemonia macedônia, condição que perdurou por quase cento e cinqüenta anos. Ele organizou a Grécia em uma Liga Helênica (337), tornando-se comandante-em-chefe do exército; e então planejou a invasão da Pérsia, inimiga tradicional da Grécia. Em um congresso realizado em Corinto, onde recebeu poderes militares supremos, e onde uma estatueta sua foi exibida, Filipe demonstrou ser apenas um mortal, ao ser assassinado por um jovem nobre que, aparentemente, tinha alguma queixa contra ele.

Seu filho, Alexandre, que seria cognominado «o Grande», agiu prontamente para garantir para si mesmo o poder, o que ele conseguiu. Em breve, haveriam de começar as famosas conquistas mundiais de Alexandre.

O corpo de Filipe foi cremado, e seus ossos foram sepultados juntamente com suas armas e tesouros, existentes no palácio real. Então as trevas encobriram a cena por vinte e três séculos.

Uma das maiores descobertas arqueológicas de todos os tempos. O arqueólogo Manolis Andrônico (Doutor em Filosofia pela Universidade de Salônica) descobriu o túmulo intocado de Filipe, em 1977, com seu esquife de ouro, encerrando seus ossos, e com uma delicada coroa de folhas e frutos de carvalho (um emblema religioso que simbolizava a árvore sagrada de Zeus). O exterior do túmulo estava ornado com uma pintura de caçada aos leões, esporte apreciado pela realeza macedônica. As portas do túmulo nunca antes haviam sido abertas. Também no interior do túmulo foram achadas cinco minúsculas cabeças esculpidas em marfim, com menos de 3 cm de tamanho, e três esculturas de homens e duas de mulheres. Dois desses homens eram Filipe e Alexandre, e as demais esculturas podiam ser de Olímpias e dos pais de Filipe. O crânio exibia um severo ferimento, na órbita do olho direito. Foi feito um molde de gesso, reconstituindo a cabeça. Foi conseguida uma boa representação da fisionomia de Filipe, com a adição de músculos e pele (por meio de moldes de gesso). Um texto literário do século I A.C., confirma que Filipe II recebeu um severo ferimento em seu olho direito, causado por uma flechada, quando do assédio de Metone, em 354 A.C. Esse item particular elimina todas as dúvidas quanto à sua identificação.

A descoberta foi feita em Vergina, uma pequena aldeia grega, a 64 quilômetros a sudoeste de Salônica, localização do antigo local de Aegae, sede da realeza macedônica, na época de Filipe e posteriormente.

Filipe II e o Novo Testamento. Ele não tem qualquer conexão direta com o Novo Testamento grego. Mas seu filho, ampliando as conquistas planejadas pelo pai, e finalmente, sujeitando o mundo civilizado inteiro ao poder grego, propagou o idioma grego por toda parte. Desse modo, esse idioma tornou-se a língua universal da época. Por causa dessa circunstância, o N.T. foi escrito em grego.

Uma figura em cera, representando o crânio de Filipe, incluindo o ferimento na órbita direita, pode ser vista no Museu de Manchester, na Inglaterra. (***Reader's Digest***, **março de 1985, «The One-Eyed King from the Golden Casket», págs. 167 *ss*).**

FILIPENSES

Esboço:

I. Autoria
II. Data e Proveniência
III. Motivo e Propósito
IV. Integridade da Epístola
V. Temas Principais
VI. Conteúdo
VII. Bibliografia

A igreja cristã de Filipos teve sua origem com os próprios esforços do apóstolo Paulo, durante a sua chamada segunda viagem missionária, conforme o registro histórico de Atos 16:12-40. Tendo ouvido o chamado místico «Passa à Macedônia e ajuda-nos» (Atos 16:9), Paulo alterou os seus planos tencionados de continuar labutando na Ásia Menor; e foi assim que nasceram a missão evangelista européia e a igreja cristã no continente europeu. Posto que a segunda viagem missionária tem sido datada entre 48 e 51 D.C., a visita à cidade de Filipos teria tido a necessidade de ocupar a porção inicial desse período.

Policarpo, em sua epístola aos Filipenses (3:2), indicou que o apóstolo dos gentios havia escrito

diversas cartas para eles. Não temos maneira de saber quantas dessas cartas foram escritas por Paulo, porém tem sido quase universalmente aceito que nossa epístola neotestamentária aos Filipenses representa uma ou mais das cartas genuínas do apóstolo Paulo àquela comunidade cristã. (Ver mais abaixo, «Autoria», quanto a autenticidade dessa epístola escrita por Paulo; e ver o ponto intitulado «Integridade da Epístola», acerca da discussão da possibilidade de termos na epístola aos Filipenses mais de uma epístola, que teria sido incorporada na formação da mesma).

Embora Paulo houvesse sido encarcerado e tivesse sofrido várias indignidades na cidade de Filipos, parece que esse apóstolo nutria afeição toda especial pelos membros da igreja cristã dali. A sua epístola aos Filipenses é a mais pessoal e espontânea de todas as missivas que conhecemos, saídas da pena de Paulo. Nessa epístola transparece um afeto que parece jamais ter sido perturbado por conflitos e disputas, especialmente acerca da questão legalista, o que se verifica em diversas outras das epístolas paulinas. Não obstante, podemos considerar a passagem de Fil. 3:1 e *ss*, que encerra uma advertência acerca dos perigos do legalismo.

Ordinariamente, Paulo se mantinha independente das igrejas locais, do ponto de vista financeiro, provavelmente devido ao fato de que anteriormente havia perseguido a igreja de Cristo, o que o levou a acreditar que não deveria servir de fardo para os crentes, mas antes, deveria prestar-lhes um serviço gratuito, abundante e voluntário. Não obstante, Paulo não rejeitou alguma ajuda financeira dos crentes de Filipos, mas recebeu, pelo menos por duas vezes, algum dinheiro, quando se encontrava na cidade próxima de Tessalônica. (Ver Fil. 4:10). Mais tarde, quando Paulo se encontrava aprisionado, os crentes filipenses se lembraram novamente do apóstolo, e, através de Epafrodito, um dos membros daquela igreja, uma vez mais lhe enviaram uma demonstração palpável de seu amor cristão por ele. Foi assim que, no retorno de Epafrodito a Filipos, o apóstolo lhes enviou a epístola aos Filipenses, — que é, essencialmente, uma missiva de agradecimento; mas Paulo também se aproveitou do ensejo para dissertar sobre vários temas, que ele julgou serem benéficos aos seus leitores, segundo se depreende de Fil. 2:25-28.

I. Autoria

Os quatro grandes livros clássicos de Paulo são as epístolas aos Romanos, aos Gálatas, I e II Coríntios. Praticamente nenhum erudito tem duvidado da autenticidade desses quatro livros do N.T. como obras genuinamente paulinas. Elas são tão semelhantes entre si, no que diz respeito ao estilo, ao vocabulário, à estrutura das sentenças e a todas as demais considerações literárias que é necessário aceitar ou rejeitar juntamente todas elas. Por esse motivo é que pouquíssimos estudiosos têm provocado qualquer debate em torno da autoria dessas quatro epístolas. Além dessas quatro, outras cinco epístolas têm sido aceitas como paulinas, com pouca disputa, a saber, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses e Filemom.

Ver comentos gerais sobre o *corpus paulino* no artigo sobre *Romanos*, primeiros parágrafos, e seção II.

A epístola aos Filipenses é aceita como paulina por quase todos os eruditos, embora alguns deles pensem que ela representa mais de uma epístola, sendo realmente uma composição de peças da correspondência paulina, mais ou menos como as epístolas de I e II Coríntios são tidas como representantes de pelo menos quatro missivas, mas que chegaram até nós agrupadas em apenas duas epístolas. (No tocante a esse problema, no que se relaciona a epístola aos Filipenses, ver o ponto IV deste artigo, — intitulado «Integridade da Epístola»).

Dentre as dez a treze epístolas neotestamentárias aceitas como paulinas, sete delas foram escritas na prisão, a saber, Filipenses, Efésios, Colossenses, Filemom, I e II Timóteo e Tito, embora seja quase certo de que nem todas as sete foram escritas da mesma cidade, e por ocasião do mesmo período de aprisionamento. (Quanto a notas expositivas sobre essa questão, ver a seção II do artigo sobre esta epístola, intitulada «Data e Proveniência», bem como os artigos sobre cada uma dessas epístolas, sob o título *Proveniência*).

A própria epístola aos Filipenses (1:1) reivindica a autoria paulina. Timóteo é ali apresentado como um de seus associados, o que sabemos estar de conformidade com a vida de Paulo (ver Fil. 1:1 e 2:19). Além disso, as referências ao seu aprisionamento concordam com aquilo que sabemos ser verdade acerca dos sofrimentos de Paulo (Fil. 1:7). O autor também se refere, de forma muito natural à sua anterior pregação na Macedônia (ver Fil. 4:15), bem como ao fato de que os crentes de Filipos lhe tinham enviado dádivas (ver Fil. 4:10 e 2:25-28), o que não é um elemento que um forjador tivesse querido incluir, porquanto ordinariamente era costume de Paulo viver independentemente das igrejas, quanto ao aspecto financeiro. O conteúdo geral, o estilo e o vocabulário dessa epístola, tudo aponta para a autoria paulina.

Os próprios assédios contra a integridade dessa epístola, ainda que consigam mostrar que nessa epístola está representada mais de uma missiva, não seriam capazes de provar que essa «coleção» não seria paulina. Contudo, os argumentos contrários à autoria paulina são os seguintes:

1. Uma suposta tentativa de mostrar afinidade para com as idéias do *gnosticismo*. (Ver Fil. 2:5 e *ss*). Entretanto, a tríplice divisão celeste, terrestre e do submundo, não tem sido bem recebida pela maioria dos eruditos como uma prova de influências gnósticas, porquanto tais idéias podem ser encontradas tanto na teologia judaica como na teologia cristã, correntes na época de Paulo.

2. A passagem, um tanto indelicada, que aparece no terceiro capítulo dessa epístola, e que chama os opositores de Paulo de «cães» e de «falsa circuncisão», na opinião de alguns estudiosos, seria indigna do grande apóstolo Paulo. Porém, se lermos a primeira epístola aos Coríntios e a epístola aos Gálatas, verificaremos que isso se transforma em uma prova favorável à autoria paulina, e não contrária a ela, pois Paulo não hesitava em falar de forma ousada e mordaz.

3. O trecho de Fil. 4:15, na opinião de alguns eruditos, contradiria os trechos de I Cor. 9:15 e II Cor. 11:9, sob a alegação de que se refere à coleta encabeçada por Paulo para os santos pobres de Jerusalém, que não chegou às mãos desse apóstolo, ou que não foi levantada no começo de seus labores na Macedônia (conforme a epístola aos Filipenses parece indicar), mas antes, no final de seus labores ali. Porém, essa dificuldade é facilmente solucionada quando observamos que essa referência não é ao papel deles na coleta geral para os pobres de Jerusalém, pois

Paulo se referia antes às dádivas pessoais que eles lhe tinham enviado; pois a epístola aos Filipenses, pelo menos em parte, visou agradecer o auxílio monetário que os crentes de Filipos haviam enviado ao apóstolo. O décimo sexto versículo desse mesmo capítulo deixa isso claro, onde se lê que o dinheiro, no dizer de Paulo, fora «...o bastante para as minhas necessidades», e não para os santos pobres de Jerusalém.

Todas essas três objeções, entretanto, não têm sido favoravelmente acolhidas pela grande maioria dos intérpretes, razão pela qual essa epístola tem continuado a ser considerada como genuinamente paulina.

A autoridade e a canonicidade da epístola aos Filipenses têm sido questões fixadas desde os tempos antigos. Ela usufrui da mesma autoridade, quanto a esses pontos de vista, que os demais livros clássicos paulinos, e podem ser aplicadas aqui as introduções às epístolas aos Romanos, aos Gálatas e a I e II Coríntios, onde se ventilam as questões do *cânon* e da autoridade antiga. Não houve nenhuma ocasião, na igreja cristã primitiva, em que qualquer pronunciamento sobre o «cânon» tivesse sido efetuado, que não incluísse também a epístola aos Filipenses. Márcion, um dos pais da igreja (150 D.C.), em seu *cânon* neotestamentário de onze livros, que se constituía de dez das epístolas paulinas e de uma forma mutilada do evangelho de Lucas, incluía a epístola aos Filipenses. Todos os demais pais da igreja, após Márcion, que falaram a respeito da questão, jamais deixaram de incluir essa epístola. E antes mesmo da época de Márcion, Policarpo, em sua epístola aos Filipenses, mencionou a correspondência que Paulo tivera com eles, citando o trecho de Fil. 3:11. Nessa coleção de epístolas paulinas, a epístola aos Filipenses evidentemente foi escrita antes de Colossenses e depois de Efésios. (Ver o artigo sobre à epístola aos Efésios, sob *Data*). Essa é igualmente a ordem como essa epístola aparece no cânon muratoriano. Os pais da igreja Inácio, Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano e Eusébio, todos citaram trechos da epístola aos Filipenses.

II. Data e Proveniência

A data dessa epístola aos Filipenses depende do lugar onde Paulo a redigiu, isto é, do aprisionamento particular durante o qual ele a escreveu. Que o apóstolo era um prisioneiro, quando a escreveu, é óbvio, segundo se vê em Fil. 1:7,12. Sabe-se que Paulo sofreu aprisionamento em Jerusalém, em Cesaréia, em Roma, e, na opinião de alguns, também em Éfeso. As cidades de Roma, Cesaréia e Éfeso, têm sido — sugeridas — como lugares de onde Paulo poderia ter escrito essa epístola. Sobre isso, convém que consideremos os seguintes pontos:

1. Até relativamente há pouco tempo, o aprisionamento de Paulo em Roma, como lugar de onde ele escreveu a epístola aos Filipenses, era a idéia tradicional. As alusões à «casa de César» (Fil. 1:13 e 4:22) e ao «pretório» eram consideradas como conclusivas em favor da proveniência da capital do império. Entretanto, têm sido encontradas pela arqueologia várias inscrições que mostram que os funcionários do governo e os representantes de Roma eram assim chamados, e que onde quer que eles residissem se tornava a *casa de César*. Esse termo era vinculado a muitas categorias de pessoas, como servidores, policiais, guardiães, bem como altos oficiais do governo. E o pessoal administrativo romano, em toda a cidade importante do império, era conhecido pelo termo de «pretório», que incluía todos os funcionários, — que, em Roma ou fora dela, eram designados pela alcunha de «servos de César». Portanto, essa expressão, que tradicionalmente se pensava dar apoio à idéia de que Paulo escreveu esta epístola aos Filipenses quando estava aprisionado em Roma, na realidade perdeu grande parte de sua força, pois o uso do termo é por demais amplo.

2. Outros argumentos têm sido apresentados em favor da cidade de Roma, como o lugar de onde Paulo redigiu a epístola aos Filipenses. Essa epístola parece antecipar sua possível morte (2:20-23), o que nos mostra que as acusações feitas contra Paulo eram sérias, e que o seu martírio poderia estar próximo. Ora, isso se harmoniza melhor com a situação de Paulo em Roma do que com qualquer outro período de aprisionamento. E isso se verifica especialmente porque, na qualidade de cidadão romano, não é provável que, sob tão adversas circunstâncias, o apóstolo Paulo não tivesse apelado para César, o que de fato fizera em Cesaréia, quando também se encontrava em grande dificuldade. Esse é o mais forte argumento em favor da cidade de Roma, embora se harmonize melhor com o segundo período de aprisionamento nessa cidade (conforme alguns eruditos têm postulado), e não com o primeiro período, porquanto o livro de Atos, em suas observações finais, não nos transmite a impressão de que havia qualquer ameaça tão séria como esta epístola aos Filipenses nos permite entender. Outrossim, Paulo pode ter enfrentado determinados perigos na cidade de Éfeso ou em outra localidade qualquer, sobre o que não temos conhecimento, e sob circunstâncias que talvez não permitissem um apelo fácil a César.

3. Em favor do aprisionamento em Roma também tem sido aduzido o argumento de que a igreja cristã de Roma corresponderia, quanto ao tamanho e à influência, às alusões constantes em Fil. 1:2 e *s*, que parecem indicar uma comunidade cristã considerável. Ora, outro tanto não se poderia atribuir facilmente a Éfeso, e, menos ainda, a Cesaréia.

4. A introdução de Márcion, à epístola aos Filipenses, identifica claramente a sua proveniência como a cidade de Roma. Mas é possível que isso não tenha passado da reiteração de uma opinião antiga, a qual pode estar equivocada visto que os escritos de Márcion datam de cerca de cem anos que tais acontecimentos transpiraram.

5. Outros estudiosos têm postulado a hipótese cesariana. Desde 1731 que Oeder, de Leipzig, sugeriu que Cesaréia teria sido o lugar onde a epístola aos Filipenses teria sido escrita. Essa idéia, entretanto, não é mais fácil de defender que a hipótese romana. Sobre isso, há algumas considerações que precisamos averiguar:

a. A custódia referida em Atos 13:35, que descreve o aprisionamento do apóstolo Paulo em Cesaréia, não sugere qualquer perigo iminente de martírio, conforme a epístola aos Filipenses dá a entender por toda a parte.

b. Outros estudiosos supõem que o tamanho e o prestígio da igreja cristã de Cesaréia não corresponderam àquilo que é descrito em Fil. 1:12 e *ss*.

c. Quando Paulo se encontrava em Cesaréia, esperava fazer ainda uma visita à cidade de Roma, e não outra visita a Filipos, que era o seu desejo, quando ele escreveu esta epístola, conforme se verifica em Fil. 2:24 e *ss*.

6. Há, finalmente, a **hipótese éfesia**. Embora não haja qualquer certeza no que diz respeito a algum período de aprisionamento de Paulo em Éfeso (a sua luta contra as «feras», que teria ocorrido ali, mencionada em I Cor. 15:32, pode ser uma alusão

alegórica, e não literal), essa idéia tem ganho algum apoio em anos recentes, não somente como o lugar onde Paulo teria redigido esta epístola aos Filipenses, mas também como o lugar onde ele escreveu as epístolas aos Efésios, aos Colossenses e a Filemom. Os seguintes argumentos são apresentados em favor dessa opinião:

a. Sua referência à sua tencionada visita imediata se torna muito mais inteligível, pois Éfeso ficava muito mais perto de Filipos do que de Roma. Além disso, com base na epístola aos *Romanos* sabemos que Paulo planejava fazer uma viagem missionária à Espanha, depois de ter passado por Roma, e não uma viagem ao território já explorado da Macedônia. Podemos considerar o trecho de Fil. 2:24, onde o apóstolo Paulo estava preparado para reiniciar seu trabalho pastoral entre eles; também se pode considerar o trecho de Rom. 15:23-25, onde se lê sobre intuitos inteiramente diferentes. Essa referência da epístola aos Romanos mostra-nos que Paulo reputava «completada» a sua tarefa no oriente, e que agora queria visitar o ocidente.

b. Existem evidências, nesta mesma epístola aos Filipenses de que foram feitas várias visitas entre esses dois pontos (onde ele se encontrava aprisionado) e Filipos. Os crentes de Filipos ouviram falar do aprisionamento do apóstolo e lhe enviaram Epafrodito com uma dádiva em dinheiro. Então foram enviadas notícias a eles de que seu mensageiro adoecera; e ele, por sua vez, recebeu uma mensagem que mostrava a preocupação daqueles irmãos. Mais tarde Epafrodito foi enviado a eles, levando-lhes esta epístola aos Filipenses.

Timóteo também foi envolvido nesses movimentos, de tal modo que, ao todo, precisamos pensar em quatro viagens pelo menos. Ora, Roma distava quase mil e trezentos quilômetros de Filipos, ao passo que Éfeso ficava a menos da metade dessa distância; portanto, as idas e vindas muito mais provavelmente teriam ocorrido entre Filipos e Éfeso do que entre Filipos e Roma, que ficava muito mais distante. (Ver Fil. 2:19-20).

c. *A menção da dádiva* de que os crentes de Filipos haviam enviado a Paulo parece indicar a passagem de pouco tempo desde que Paulo estivera com eles, e não um intervalo de talvez dez anos, o que teria sucedido, se tal dádiva tivesse sido enviada para ele em Roma.

d. É possível que a visita tencionada por Timóteo (ver Fil. 2:19) deva ser identificada com a visita mencionada em I Cor. 4:17 e Atos 19:22. Nesse caso, a própria revisita de Paulo àquele lugar poderia ser identificada com o que se lê em Atos 20:1-6, onde se veria então o cumprimento do seu desejo de visitá-los, conforme se lê em Fil. 2:24.

Contra a idéia do aprisionamento de Paulo em **Éfeso**, podem ser apresentados os **seguintes argumentos:**

1. Essa idéia é de natureza especulativa, porquanto nada pode ser provado nesse sentido, excetuando talvez a referência isolada que há em I Cor. 15:32.

2. A ausência de qualquer menção sobre a coleta para os santos pobres de Jerusalém parece ser um argumento forte quanto a isso, pois parece que Paulo estava obcecado acerca dessa questão durante esse tempo.

3. A mais séria objeção contra essa idéia é que a epístola aos Filipenses reflete um possível iminente martírio. Nesse caso, por que razão Paulo não apelou para César, o que realmente fez mais tarde, em Cesaréia, quando viu as coisas se complicarem contra ele? Para essa objeção realmente não há resposta.

Essa questão, pois, permanece na dúvida, porquanto nenhuma dessas idéias pode ser defendida de maneira inteiramente bem-sucedida. Porém, afinal de contas, a questão não se reveste de importância capital.

Se porventura a epístola aos Filipenses foi escrita em Éfeso, então teríamos de datá-la entre 53 e 54 D.C., o que significaria que foi escrita antes da primeira epístola aos Coríntios. Por outro lado, se Paulo a escreveu em Cesaréia, então sua data teria sido entre 56 e 58 D.C. E, se porventura, ele a escreveu em Roma, então deve ser datada depois de 58 D.C., que foi quando Paulo chegou pela primeira vez em Roma. No entanto, a epístola aos Filipenses poderia ter sido redigida tão tarde como 60 D.C., ou mesmo mais tarde, se supormos que o apóstolo a escreveu quando de seu segundo período de aprisionamento, talvez tão tarde como 64 D.C. Alguns eruditos datam a chegada de Paulo em Roma tão tarde como o ano de 62 D.C., e, se porventura essa opinião é correta, essa epístola aos Filipenses teria sido escrita de dois a quatro anos depois dessa data.

III. Motivo e Propósito

Embora não possamos ter qualquer certeza, no tocante ao lugar onde Paulo escreveu esta epístola aos Filipenses, podemos determinar facilmente, com base na própria epístola, quais os propósitos e as circunstâncias imediatos sob os quais Paulo a redigiu:

1. A igreja cristã de Filipos se preocupara com o bem-estar material do apóstolo Paulo, porquanto ouvira que ele se encontrava aprisionado; e assim se iniciou uma troca de cartas entre o apóstolo e aquela comunidade cristã. Paulo estava prestes a enviar-lhes Timóteo e Epafrodito, e essa epístola foi em parte mandada a fim de encorajar a boa acolhida a esses mensageiros. Parece que Paulo desejava desarmar qualquer crítica que talvez houvesse surgido com relação a Epafrodito, embora não se possa distinguir claramente por que razão tais críticas tiveram início. (Ver Fil. 2:19 e *s*).

2. Havia algumas dificuldades na igreja de Filipos, quase todas provocadas por questões pessoais, e com as quais Paulo queria tratar. Isso transparece com clareza no trecho de Fil. 2:1-4,14. No trecho de Fil. 4:2 isso é reiterado, sendo dados os nomes dos envolvidos na disputa. Paulo, pois, queria que a igreja se unisse, cessada a contenda, e aproveitou a viagem de *Epafrodito* até eles, a fim de cuidar do problema.

3. Os crentes filipenses, por diversas vezes, haviam enviado doações pessoais ao apóstolo (ver Fil. 1:5 e 4:10,14 e *ss*), o que nos mostra que essa missiva, entre outras coisas, foi uma carta de agradecimento.

4. No teor da própria epístola aos Filipenses há evidências que sugerem que os crentes de Filipos vinham sendo perseguidos, e que precisavam de encorajamento. Por essa razão Paulo os animou a se manterem firmes, dando testemunho vivo em prol de Cristo. (Ver Fil. 1:27; 4:1 e 2:15).

5. O trecho de Fil. 3:1 e *ss*, na opinião de muitos eruditos, seria fragmento de uma carta separada, pois parece inteiramente fora de sintonia com o restante da epístola. Trata-se de uma severa repreensão contra os legalistas de Filipos. Assim se pode dizer com certeza que a «correspondência com os filipenses», sem importar se nossa epístola aos Filipenses é uma única missiva ou representa uma pluralidade de cartas, incluiu o propósito de atacar o legalismo. Seja como for, esse problema provocou talvez a seção mais elevada da epístola, isto é, aquela na qual Paulo mostra quais eram as razões que ele tinha de ufanar-se com um orgulho farisaico, mas como Cristo

substituíra toda essa ufania, permanecendo o Senhor como sua única base de jactância e seu alvo único de perfeição.

6. Alguns estudiosos acreditam que havia um partido dos *perfeccionistas* naquela igreja, afirmando que eram superiores aos demais, devido ao orgulho espiritual. Por isso é que esses estudiosos pensam que nessa mesma seção do terceiro capítulo, onde Paulo mostra que nem ele mesmo já havia atingido seus propósitos de perfeição em Cristo, seria um repúdio indireto àqueles que pensavam já ter atingido a perfeição.

7. Não sabemos a gravidade do perigo em que se encontrava Paulo, mas existem várias indicações de que não seria de todo impossível que a sua vida fosse tirada naquela oportunidade, embora seu aprisionamento talvez fosse em Éfeso, e não em Roma. Ver Fil. 1:20, onde ele indica que a glória que poderia dar a Cristo viria pela vida ou pela morte, e que ele já havia ajustado os seus pensamentos à possibilidade distinta de sofrer aquela morte que, para ele, seria «lucro». (Fil. 1:21). Quer «vivo» quer «morto», conforme os homens mortais encaram a questão, o seu grande propósito era o de agradar a Cristo, embora o próprio Paulo desse sua preferência à «morte», pois, segundo declarou ele, estar com Cristo é muito melhor (ver Fil. 1:23). Não obstante, reconhecia a sua responsabilidade para com aqueles que havia gerado espiritualmente em Cristo e assim, por baixo de seu reconhecimento dos perigos que o ameaçavam, parece que Paulo sentia intuitivamente que o seu ministério se prolongaria por mais algum tempo, e que ele ainda teria oportunidade de dar prosseguimento à sua obra apostólica, até mesmo entre os crentes de Filipos (ver Fil. 1:24,25). Portanto, parece-nos que um dos propósitos de Paulo foi o de informar aos crentes de Filipos sobre os verdadeiros perigos que ele estava enfrentando, mostrando-lhes que se tivesse chegado o tempo dele sofrer o martírio, estava preparado para tanto, e que ele sentia que até isso seria bom para ele, e não seria uma tragédia, — como outros pensariam sobre a questão. Esse tipo de informação tinha por intuito aliviar as mentes de seus leitores acerca de sua segurança, e ao mesmo tempo, lhes dava coragem para enfrentar qualquer tribulação que fosse lançada contra eles, tribulação essa que esta epístola subentende que eles já estavam experimentando. Em tudo isso, pois, Paulo descreve qual deve ser a atitude cristã apropriada para com os sofrimentos, os quais podem ser tão severos que levem o crente ao martírio.

IV. Integridade da Epístola

Policarpo, em sua epístola aos Filipenses (3:2), indicou que Paulo lhes havia escrito diversas cartas. Não temos meios para determinar quantas foram essas missivas, embora seja universalmente aceito que nossa epístola aos Filipenses representa uma delas. Alguns eruditos crêem que nesse livro há fragmentos de mais de uma carta. Assim, pois, se a *integridade* da epístola é posta em dúvida por alguns estudiosos, isto é, se essa epístola representa uma única missiva ou mais de uma, que teriam sido combinadas, formando a que atualmente conhecemos, por outro lado a «autenticidade» dessa epístola, como genuinamente paulina, raramente foi posta em dúvida.

Assim sendo, a epístola aos Filipenses é vista mais ou menos como I e II Coríntios, as quais são aceitas por muitos eruditos como cartas compostas pelo menos por quatro epístolas, embora tivessem sido combinadas de uma forma a dar a entender que elas fossem só duas. —Assim, podemos supor que houve uma «correspondência de Paulo com Corinto» que envolveu várias epístolas; e partes das mesmas, ou talvez a totalidade de uma ou duas, mais porções de outras, foram combinadas em duas epístolas compostas. — Os artigos sobre I e II Coríntios explicam detalhadamente as várias especulações que há sobre essa questão. Por semelhante modo, alguns têm pensado ser a «correspondência de Paulo com Filipos».

No que tange ao problema dessa epístola aos Filipenses, muitos eruditos acreditam que o terceiro capítulo da mesma, ou pelo menos parte da mesma, pertenceria a uma epístola que Paulo escrevera anteriormente, que versaria sobre a controvérsia com os mestres judaizantes. De fato, esse capítulo é de espírito diferente do restante do livro. No primeiro capítulo Paulo alude aos seus opositores com uma atitude de esplêndida magnanimidade; porém, no capítulo terceiro, ele os denuncia em termos severos e os mais violentos. Além disso, esse terceiro capítulo parece ser uma espécie de conclusão de uma epístola, e não um argumento que se possa colocar com naturalidade no meio de uma epístola, conforme aparece em Filipenses. (Ver. Fil. 3:1-4).

Outros intérpretes, entretanto, asseveram que realmente havia dois grupos distintos, para os quais Paulo se referiu. Suas exortações suaves teriam sido dirigidas para aqueles que ele considerava verdadeiros crentes, ao passo que as exortações severas teriam sido feitas contra aqueles que Paulo reputava como falsos pastores, que precisavam de ser amargamente contrariados. É possível que entre esses estivessem alguns judeus *hostis*, que vaiavam os crentes e os deixavam perplexos embora esses não fizessem parte real da igreja de Filipos. Isso explicaria adequadamente a diferença de tonalidade, dentro dos limites de uma única epístola.

Outrossim, a palavra *finalmente*, que aparece em algumas versões (em nossa versão portuguesa, que usamos como base textual deste artigo, se lê «Quanto ao mais...»), no começo do capítulo terceiro desta epístola, não indica necessariamente que a epístola estava prestes a terminar. E mesmo que porventura tivesse sido assim, poderíamos crer que outros pensamentos invadiram a mente de Paulo, o que o teria impedido de encerrar sua epístola, na ocasião precisa em que essa idéia lhe ocorreu pela primeira vez. Qualquer pessoa que esteja acostumada a ouvir discursos ou sermões feitos por pessoas que não se atêm a notas escritas, sabe como suas mensagens podem estender-se, mesmo depois do orador ou pregador ter afirmado que estava prestes a terminar o seu discurso.

O trecho de Fil. 3:1 indica de forma definida que Paulo já havia escrito aos crentes de Filipos em outras ocasiões, e que já havia dito coisas que agora reiterava. Porém, a idéia de que a nossa epístola aos Filipenses contém fragmentos de tal correspondência, apesar de talvez expressar uma verdade, não é fácil de defender; e as defesas a essa teoria, contrariamente ao caso de I e II Coríntios, não são fortes. Assim é que, entre aqueles que consideram certas porções do terceiro capítulo desta epístola como interpolações, não há acordo sobre a extensão das mesmas. Alguns estudiosos põem-lhe ponto final em Fil. 4:3 (como K. Lake), outros em Fil. 4:1 (conforme A.H. McNeile, C.S.C. Williams e F.W. Bear), e ainda outros sugerem Fil. 3:19 (como J.H. Michael). Bear considera a epístola como composta por três elementos distintos, a saber, uma epístola de agradecimento, que reconhecia a dádiva dos Filipen-

ses através de Epafrodito (Fil. 4:10-20), e um fragmento interpolado que denuncia o ensinamento falso dos missionários judaicos—e o antinomianismo de certos crentes gentios (Fil. 3:2-4:1). Essa seção, na opinião de certos eruditos, teria sido dirigida a alguma outra igreja, mas que veio a ser vinculada à nossa epístola aos Filipenses, mais ou menos da mesma maneira que o décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos, segundo dizem certos estudiosos, teria sido uma carta de introdução de Febe, dirigida não para Roma, mas para algum outro lugar, como Éfeso. Além disso, como terceiro elemento de nossa epístola aos Filipenses, haveria o arcabouço geral dessa epístola, constituída pelos trechos de Fil. 1:1—3:1; 4:2-9,21,23.

Vários eruditos acreditam que essa foi a missiva final do apóstolo Paulo à igreja na terra, uma espécie de mensagem de despedida. Ainda outros estudiosos acreditam que o trecho de Fil. 2:5-11 seja pré-paulino ou pós-paulino, composto por outrem, em nome do apóstolo. Há também aqueles que pensam que essa passagem seja uma espécie de hino cristológico, acrescentado pelo próprio Paulo à sua epístola, ou adicionado mais tarde por alguém à correspondência entre Paulo e os crentes de Filipos. Embora algumas dessas especulações possam parecer um tanto plausíveis, a maioria dos eruditos, incluindo muitos de tendências liberais, **pensa** que essas especulações criam mais dificuldades do que resolvem; e esses eruditos tendem a considerar que a nossa epístola aos Filipenses representa essencialmente uma única missiva de Paulo, a despeito de seus níveis e de sua complexidade de material.

V. Temas Principais

A epístola aos Filipenses não pode ser reduzida a uma apresentação de seqüência lógica, porque se trataria de uma composição de várias missivas, de forma um tanto frouxa, que abordam diversos temas. Trata-se da mais pessoal das epístolas escritas por Paulo, a mais reveladora da emotividade do apóstolo dos gentios. Temos aqui uma combinação de notas pessoais, explosões de advertência, de ação de graças e de ternura, reflexões profundas e denúcias extremamente amargas.

1. O tema *da alegria* aparece de maneira mais pronunciada nesta epístola do que em qualquer outro dos escritos de Paulo. Isso pode parecer-nos estranho, considerando-se as circunstâncias tão adversas sob as quais essa epístola foi redigida, pois Paulo se encontrava aprisionado, e pairavam sobre ele tão graves ameaças que ele já pensava que o martírio era uma forte possibilidade. Porém, no capítulo final desta epístola Paulo diz-nos como já havia aprendido a estar contente, nas diversas vicissitudes da vida. Seria uma espécie de estoicismo cristão, produzido por uma vida de intensos e constantes sofrimentos, que o apóstolo sempre atribuía à vontade de Deus, como acompanhamento necessário tanto para a propagação do evangelho como para o desenvolvimento espiritual do crente. (Ver Fil. 1:3,4; 1:25; 2:1,2,16-18,28; 3:1,3; 4:1,4,5,10).

2. *A razão dos sofrimentos* e o triunfo deles sobre os mesmos é outro dos temas centrais desta epístola. O martírio de Paulo era considerado como algo possível, embora ele esperasse que o seu ministério se prolongasse por mais algum tempo, não para sua própria vantagem, mas para a vantagem deles. Sobre isso se manifesta a maior parte do primeiro capítulo, além dos trechos de Fil. 2:15,17 e 4:1. Paulo evidentemente pensava que os crentes de Filipos continuariam a enfrentar perigos similares àqueles que ele mesmo tinha de enfrentar, como perseguições e vários sofrimentos e abusos, incluindo a própria morte. (Ver Fil. 1:27-30). Não obstante, Paulo diz que os sofrimentos dos crentes fomentam o progresso do evangelho. (Ver Fil. 1:12).

3. Paulo sustenta nesta epístola a sua esperança no retorno de Cristo Jesus para breve. Ele foi capaz de olvidar os seus sofrimentos em vista da fé que a *parousia* (a segunda vinda de Jesus) haveria de apagar de vez a agonia do ódio e da hostilidade dos homens, soerguendo os crentes ao nível da glória de Cristo. Ele sabia que a sua morte ocorreria antes disso (ver Fil. 1:23), mas mesmo assim continuava embalando a esperança de que a segunda vinda de Cristo se desse durante sua vida terrena. (Ver Fil. 1:6,10; 2:10,11,16; 3:20,21 e 4:5).

4. Havia ainda a necessidade de exortar a igreja dos crentes de Filipos à coesão e à *humildade*, que consiste da participação na atitude mental de Cristo; e isso levou Paulo a compor sua mais profunda declaração concernente à humanidade de Cristo, à sua missão humana, à sua humilhação, ao seu triunfo em sua missão terrena e à sua exaltação aos lugares celestiais que redundará em sua supremacia sobre tudo quanto há na criação. Entre as epístolas de Paulo, essa é a mais completa afirmativa sobre esse assunto. (Ver Fil. 2:1-11). Nenhuma outra passagem paulina pode comparar-se com essa, sobre a humanidade de Jesus Cristo.

5. A *advertência contra os legalistas* ocupa a primeira porção do terceiro capítulo desta epístola, sendo uma das declarações mais amargas de Paulo acerca desses inimigos do evangelho, o que também constituía um dos principais problemas que havia na igreja cristã primitiva.

6. Essa necessidade de assim pronunciar-se contra o legalismo, levou o apóstolo Paulo a expressar sua própria *dedicação suprema* a Cristo, o seu alvo e os seus propósitos na vida, seus anelos espirituais mais profundos, tudo o que viera a fazer parte de sua vida, quando ele repelira o tipo de fé religiosa que caracterizava os legalistas, — que se orgulhavam em diversas relações humanas, como a descendência física ou como as realizações religiosas. É bem provável que essa seja a mais famosa e a mais usada das seções de todas as epístolas desse apóstolo, quando os pregadores desejam apresentar sermões de ensino para suas igrejas. (Ver Fil. 3:4-16). Não podemos ocultar que há certo aspecto apologético nessa seção, porquanto **Paulo repreendeu àqueles que continuavam confiando em uma forma de ufania** humana, a qual anteriormente o caracterizara como intenso fariseu que ele fora. Essa atitude errônea agora parecia atrair a certos crentes, que se imaginavam «perfeitos», assim enganando-se a si mesmos. Paulo nos mostra, na presente seção, que nem mesmo ele podia reivindicar qualquer coisa semelhante à perfeição nesta vida; antes, continuava a esforçar-se em direção ao alvo ideal e elevadíssimo, que ainda não havia atingido.

7. O trecho de Fil. 4:10-20 constituiria a *carta de agradecimento*. Os crentes de Filipos, em mais de uma ocasião, em contraste com tantas outras igrejas da época apostólica, haviam enviado algum dinheiro a Paulo, a fim de ajudá-lo em suas situações financeiras tão estreitas. Portanto, aqueles crentes haviam dado o exemplo de como a igreja cristã, em qualquer era, deve interessar-se por suprir ativamente às necessidades daqueles que «vivem do evangelho». O ideal do A.T. sobre uma casta sacerdotal, que vivia das ofertas voluntárias do povo, é aqui aprovado e confirmado;

mas não como uma espécie de esmola, conforme essa prática tem sido tão freqüentemente reduzida, e, sim, como dever da igreja local, interessada em obedecer os mandamentos de Cristo, para que fosse por todo o mundo e pregasse o evangelho a toda a criatura. As doações monetárias ao trabalho missionário da igreja é uma garantia de que Deus abençoará o doador e lhe suprirá as suas necessidades, conforme nos mostra a passagem de Fil. 4:19.

8. Paulo repreendeu também a contenda que surgira na igreja dos filipenses, resultante de certo orgulho e egoísmo, por parte de membros que tinham aprendido a desprezar a outros. Paulo conclamava aquela igreja local à unidade em Cristo, como meio seguro de eliminar desordens dessa natureza. (Ver Fil. 4:2,3).

9. A epístola de Paulo aos Filipenses contém uma das mais excelentes exortações quanto à pureza íntima, quanto à maneira de pensar, quanto ao estado de consciência,— que deve resultar em ações externas piedosas. Ver Fil. 4:8, onde encontramos a exortação para que os crentes se concentrassem naquilo que é honesto, justo, puro, amável, de boa fama, virtuoso e digno de louvor. É fato sobejamente conhecido que nossas ações procedem da maneira de pensar. Se tivermos de manter ações santas nesta vida, essas devem ter início na fonte, isto é, nos pensamentos. O crente está na obrigação moral de resguardar o santuário de sua mente e de sua alma, cultivando-o com a mensagem da graça de Cristo. Trata-se do mesmo conceito que foi desenvolvido em Rom. 12:1,2. Fica suposto que a vida interior dos pensamentos, se for cuidadosamente cultivada e resguardada, garantirá uma vida de pureza e utilidade nas mãos de Deus. Naturalmente que essa é uma idéia central de Cristo, que afirmou que todos os grandes pecados têm sua origem na mente, nos motivos, que finalmente produzem as ações malignas e erradas. Isso é o que também se aprende, em vários trechos do Sermão do Monte (ver Mat. 5—7). Com isso concorda aquela expressão que diz: *o homem é aquilo que pensa.*

VI. Conteúdo

I. Introdução (1:1-11)
  1. Endereço e saudação (1:1,2)
  2. Ação de graças, oração e confiança (1:3-11)
II. Paulo, um prisioneiro cheio de esperança e alegria (1:12-26)
III. O exemplo de Paulo era um consolo para os crentes que sofriam (1:27—2:18)
IV. Características da vida cristã (2:1-18)
  1. Humildade, segundo o exemplo de Cristo (2:1-4)
  2. A humildade e a encarnação de Cristo. Essa humilhação — resultou na sua exaltação Cristo tinha natureza humana verdadeira e foi exaltado por haver completado de forma magnífica a sua missão como homem (2:5-11).
  3. O supremo exemplo de dedicação, deixado por Cristo, leva o crente a aceitar várias obrigações morais (2:12-18)
V. Timóteo e Epafrodito são enviados. Deveriam ser acolhidos como representantes de Paulo e tratados como tais (2:19-30)

VI. A digressão contra os legalistas (3:1-21)
  1. Contra os judaizantes (3:1-3)
  2. Rejeição pessoal de Paulo aos legalistas e aos valores ditados pelo orgulho humano, paralelamente aos seus novos alvos espirituais em Cristo (3:4-16)
  3. Necessidade de uma vida cristã coerente (3:17-21)
VII. Admoestações finais variadas (4:1-9)
VIII. A carta de agradecimento e considerações sobre as dádivas cristãs (4:10-20)
IX. Saudações finais, encorajamentos, apreciações (4:21-23)

VII. Bibliografia: AM EN I IB LAN MOF NTI TI TIN VIN RO Z

FILIPISTAS

Esse é o título dado aos discípulos de Filipe Melancthon (vide), — que procurou modificar, em alguns pontos, a doutrina de Lutero sobre a justificação exclusivamente pela fé, e também sobre a natureza da eucaristia (procurando fazê-la harmonizar-se com a doutrina calvinista). Eles aceitaram o chamado Interim de Leipzig (vide), de 1548, que se opunha a certos aspectos do luteranismo, pelo que tornaram-se, por sua vez, alvos dos ataques dos luteranos leais e inflexíveis. Foram suprimidos em 1574 pelo eleitor da Saxônia. Comparar com a *Fórmula de Concórdia* (vide).

FILIPOS

Esboço:

I. Localização
II. História e Caracterização Geral
III. Sumário das Descobertas Arqueológicas
IV. Filipos e as Missões Cristãs
V. Observações Históricas Subseqüentes

I. Localização

Filipos ficava localizada na parte oriental da Macedônia, em uma planície a leste do monte Pangeus, entre os rios Estrimon e Nestos. Ficava perto do Gangites, um riacho de águas turbulentas, cerca de dezesseis quilômetros distante do mar. Isso posto, apesar de não ser um porto marítimo, visto que ficava relativamente perto do mar, lemos acerca de Paulo e seus companheiros, que «...navegamos de Filipos...» (Atos 20:6). Essa cidade ficava localizada em uma planície fértil, paralelamente à Via Inácia, não muito longe das minas de ouro que ficavam nas montanhas, mais ao norte. Esses fatores emprestavam grande importância estratégica à cidade.

II. História e Localização Geral

Atos 16:12: *e dali para Filipos, que é a primeira cidade desse distrito da Macedônia, e colônia romana; e estivemos alguns dias nessa cidade.*

A cidade de *Filipos* derivou o seu nome do genitor de Alexandre o Grande, — isto é, Filipe II, da Macedônia. Partindo dali, no ano de 334 A.C., é que Alexandre o Grande iniciou sua famosa carreira de conquista mundial. Otávio, já imperador, fez dessa cidade uma colônia romana. As colonias romanas eram pequenas réplicas da própria cidade de Roma. Usualmente um número regular de cidadãos romanos emigrava para uma cidade qualquer, a fim de assegurar a sua romanização. Era reputado como grande honra, para uma cidade, haver sido constituída colônia romana.

Lucas alude à cidade de Filipos como *primeira do distrito, e colônia*, o que nos mostra que era cidade de grande importância política. Evidentemente o autor sagrado do livro de Atos era nativo de Filipos. O vocábulo grego ***meris***, empregado por Lucas para

indicar uma *região* ou «distrito», na opinião de alguns eruditos, era antes considerado um erro da parte de Lucas. Mas os papiros descobertos nas areias de *Fayum*, no Egito, demonstraram que essa palavra era usada como expressão idiomática, para denotar as divisões de um distrito. Felibedjik (que significa *Pequena Filipos*) assinala o local das ruínas da antiga cidade. Nas escavações feitas, as estruturas romanas usuais têm sido encontradas, entre as quais podemos citar banhos, teatros, templos cristãos (embora não do período apostólico), um fórum de 150 por 75 metros de dimensões, etc. Acredita-se que um viaduto de arcos, do período colonial, situado a oeste da cidade, pertença aos dias do apóstolo Paulo. Provavelmente esse viaduto foi o caminho por onde os missionários «sairam» da cidade, o que é mencionado no trecho de Atos 16:13. Se assim realmente sucedeu, então o «...rio...» a cujas margens falou o apóstolo Paulo, era o rio Gangites.

Filipe da Macedônia ampliou a localidade (depois de 300 A.C.), tendo-a fortificado como defesa de suas fronteiras, para conter os trácios. Nesse tempo floresciam ali as minas de ouro, e moedas de ouro foram cunhadas em nome de Filipe, tornando-se facilmente reconhecidas como válidas nas áreas circundantes. Quando a Macedônia foi conquistada pelos romanos, tendo sido subseqüentemente dividida em quatro regiões, a cidade de Filipos foi incluída no primeiro desses distritos. (Ver *Lívio*, xlv. 17,18.29).

Alguns eruditos, neste ponto, têm querido emendar o texto sagrado, substituindo a palavra que aparece no original grego, *protes*, pelo vocábulo ordinário *proto*, fazendo com que Atos 16:12 diga: «...cidade da primeira divisão da Macedônia». Isso tem sido efetuado na tentativa de suavizar o problema criado pela declaração de Lucas, que aqui se encontra, de que Filipos era a «primeira» cidade do distrito; pois, na realidade, sabe-se que não era a cidade mais importante desse distrito. A honra do primeiro lugar cabia a Tessalônica e até mesmo a Anfípolis era maior do que Filipos.

Todavia, podemos aceitar a declaração lucana sem fazer-lhe qualquer emenda (e não há para isso qualquer precedente, nos próprios manuscritos), supondo que ele estivesse fazendo referência à questão da importância da cidade em termos muito latos, visto que manifestava assim seu interesse especial pela localidade, posto ser a sua cidade nativa. Ramsay declara acerca desse problema: «Anfípolis era considerada a primeira cidade por consenso geral; Filipos era primeira por sua própria opinião». (*«St. Paul, the Traveller»*, págs. 206-207).

Com base nos escritos que nos restam de Lívio (ver *Anais* xiv.29), ficamos sabendo que Filipos estava situada no «primeiro» distrito da Macedônia. Por isso mesmo é grande o esforço dos eruditos em tentarem dar solução ao problema da posição da cidade, criado pela declaração de Lucas, através de alguma emenda feita no texto sagrado.

Foi no ano de 42 A.C. que se deu a famosa batalha de Filipos, entre as forças de Antônio e Otávio, contra os exércitos de Bruto e Cássio. Subseqüentemente, chegaram muitos colonos àquela região, e a cidade, naturalmente, cresceu em número e importância. Sua proeminência aumentou ainda mais depois da batalha de Ácio, em 31 A.C., em que Otávio derrotou as forças aliadas de Antônio e Cleópatra. E visto que nessa cidade havia muitos que favoreciam a Antônio, a cidade foi forçada a render-se, entregando suas terras a Otávio. Em seguida, Otávio fez de Filipos uma cidade, em comemoração a essas suas vitórias militares. Foi o mesmo Otávio quem deu à cidade o seu título de «Colônia Julis Augusta Philippensis», conforme se vê gravado em muitas moedas. Desse modo, tendo-se tornado uma colônia romana, passou a gozar do «direito itálico» (IUS ITALICUM), o que significa que os colonos desfrutavam dos mesmos direitos e privilégios de que usufruiriam se estivessem vivendo em próprio território italiano.

Na epístola que Paulo escreveu aos crentes de Filipos, suas referências à *cidadania* (ver Fil. 1:27 e 3:20), dessa maneira, teriam se revestido de maior significação, porquanto a cidadania sem dúvida significava muito para eles. Após a primeira visita de Paulo e seu aprisionamento nessa cidade, ao ser solto, seus posteriores contactos com a cidade são inferidos em referências nos trechos de Atos 20:1,6, e I Tim. 1:3.

III. Sumário das Descobertas Arqueológicas

A antiga cidade de Filipos foi escavada pela Escola Francesa de Atenas, de 1914 a 1938. Entre as descobertas feitas estava o fórum, ao sul da antiga Via Inácia. Uma espaçosa tribuna foi encontrada ali, a qual talvez tenha estado ligada ao incidente em que Paulo e Silas, que haviam expelido um demônio de uma jovem que ganhava dinheiro para seus senhores, fazendo adivinhações, foram rudemente lançados na prisão. Ver a narrativa em Atos 16:16 *ss*. Foi assim que teve lugar o famoso aprisionamento de Paulo e Silas em Filipos. Dois grandes templos foram desenterrados, juntamente com muitos edifícios públicos e particulares, um teatro romano, etc., quase tudo do século II D.C. Uma arca foi encontrada perto do riacho Gangites. Essas arcas, com freqüência, assinalavam as linhas fronteiriças das antigas cidades. Para dentro desses marcos não podiam penetrar certas coisas, como cemitérios ou santuários de divindades não reconhecidas. Talvez isso explique a razão pela qual Paulo e Silas saíram da cidade, até à beira do rio, para participarem de uma reunião de oração (Atos 16:13). Seja como for, sabemos que os judeus gostavam de ter reuniões de oração à beira dos rios, ou à beira-mar, provavelmente por causa do fato de que a água simboliza a vida. Quanto a essa prática, ver Filo, *Flaccus* 14, e Josefo (*Anti.* 16:10:23).

IV. Filipos e as Missões Cristãs

Paulo deixou a Ásia Menor, a caminho de sua missão européia. Antes de tudo, ele pregou em Filipos, que assim tornou-se o portão de entrada das missões cristãs na Europa. Naturalmente, esse foi um importantíssimo acontecimento histórico, embora, na ocasião, provavelmente Paulo não fizesse idéia da magnitude da realização. Paulo e Silas, pois, foram aprisionados ali. O relato faz parte daquilo que, tradicionalmente, é chamado de Segunda Viagem Missionária de Paulo. De Filipos, eles foram a Tessalônica (Atos 16:12-40). Curiosamente, é nessa altura da narrativa do livro de Atos que a primeira pessoa «nós», é abandonada. Isso indica que Lucas não acompanhou o apóstolo, nessa fase de suas atividades missionárias. Mas o «nós» da narrativa retorna em Atos 20:5, quando Paulo já se encontrava em sua terceira viagem missionária. Lucas ou era nativo de Filipos, ou então estudara ali a medicina, e aparentemente ficou para trás, enquanto Paulo e outros prosseguiram, a fim de poder erigir a igreja local em Filipos.

Sabemos, através de referências neotestamentárias, como II Coríntios 8:1-6; 11:9 e Filipenses 4:16, que a igreja de Filipos mostrou-se generosa em suas doações financeiras às atividades missionárias cristãs, tendo deixado um exemplo positivo antigo desse tipo de

atividade. A epístola de Paulo à igreja cristã dali assumiu seu devido lugar entre os documentos imortais do Novo Testamento.

V. Observações Históricas Subseqüentes

No começo do século II D.C., Inácio, bispo de Antioquia, foi condenado à morte por haver-se professado cristão. Foi enviado a Roma, sob a guarda de Trajano. O grupo passou por Filadélfia, Esmirna e Tróia. Então dirigiu-se ao continente europeu, passando por Filipos. E, provavelmente, utilizando-se da Via Inácia, foi até Dirráquium. A igreja em Filipos acolheu prazeirosamente a Paulo. Então a Igreja enviou duas cartas. Uma delas foi enviada à igreja em Antioquia, a fim de oferecer-lhe consolo, por causa do que havia acontecido. A outra foi dirigida a Policarpo, requerendo que lhe fossem enviadas cópias dos escritos de Inácio. Quem nos dá essa informação é Policarpo, em sua *Epístola aos Filipenses*.

Bispos de Filipos fizeram-se presentes aos concílios de Laodicéia, Éfeso e Calcedônia.

FILISTEUS, FILÍSTIA

Esboço:

I. Nome e Caracterização Geral
II. Origem e Raça
III. Território
IV. História
V. Elementos de sua Cultura
VI. Arqueologia

I. Nome e Caracterização Geral

As palavras hebraicas usadas para designar os filisteus e seu território aparecem no singular, *pelisti* (usualmente com o artigo), no plural, *pelistim* e, com menor freqüência, *pelistiyyim*, sem o artigo. O território deles era chamado *'eres pelistim*, ou Filístia. E dessas palavras, naturalmente, é que temos a palavra moderna «Palestina». Alguns estudiosos têm sugerido que esse nome deveria ser identificado com o vocábulo egípcio *prst* (na escrita hieroglífica, o «r» substitui o «l»), bem como a palavra assíria, em escrita cuneiforme, *plastu*. Há referências egípcias que procedem desde Ramsés III (cerca de 1188 A.C.). Alguns eruditos não têm podido encontrar uma provável etimologia semítica, pelo que há quem os considere arianos ou, talvez, originalmente indoeuropeus. Todavia, há eruditos que pensam que eles teriam tido origem semita. As evidências arqueológicas apontam para uma origem micena (grega).

Entre 1200 e 1000 A.C., eles foram os principais inimigos do povo de Israel; e, com base nessa circunstância, sabemos bastante coisa sobre a história dos filisteus, o que, de outro modo, teria permanecido na obscuridade.

Os filisteus eram um povo aguerrido, que ocupava uma faixa de território na porção sudoeste da Palestina, chamada Filístia. Eles dominavam o mar daquelas costas e estabeleceram-se ao longo das costas marítimas do sudoeste da Palestina, desde Jope, mais ao norte, até Gaza, mais ao sul. Seus freqüentes ataques contra Israel tornaram-se a principal razão pela qual o povo judeu desejou tornar-se uma monarquia. Eles sentiam que essa modalidade de governo poderia organizar melhor a nação para enfrentar aquele povo tão hostil.

II. Origem e Raça

Os trechos de Gênesis 10:14 e I Crônicas 1:12 permitem-nos entender que os filisteus vieram de Casluim, filho de Mizraim (Egito), filho de Cão. Posteriormente, eles vieram de Caftor (Amós 9:7; Jer. 47:4). Há monumentos que mostram que os filisteus invadiram a Palestina, juntamente com outros povos do mar, na época de Ramsés III (1195 — 1164 A.C.). Ramsés foi capaz de oferecer-lhes resistência; mas os invasores sobreviveram na Síria e, finalmente, chegaram à porção suleste da Palestina. Tendo-se estabelecido ali, deram seu nome à *Filístia*, atual Palestina (Joel 3:4). Sabe-se que a área em redor de Gerar e de Berseba era ocupada pelos filisteus pelo menos desde a época dos patriarcas. Ver Gên. 21:32 e 26:1.

Há muitas controvérsias sobre a origem e a raça dos filisteus. Alguns eruditos pensam que Caftor é a mesma coisa que a ilha de Creta. O termo *queretitas* significaria *cretenses*, e o termo queretitas parece haver sido aplicado pelo menos a alguns deles. Ver I Sam. 30:14. Então em Eze. 25:16, os termos filisteus e queretitas são usados paralelamente. Os queretitas faziam parte da guarda pessoal de Davi, e isso poderia indicar que ele recrutou alguns poucos filisteus que, sem dúvida alguma, tinham-se convertido à fé judaica. Se os filisteus vieram, originalmente, das costas do mar Egeu, então, como é evidente, eles não eram semitas. Confirmando isso, os arqueólogos salientam que a cerâmica e outros artefatos dos filisteus eram do tipo principalmente miceno (não minoano), embora haja evidências de outras influências também. A palavra *miceneano* significa pertencente a Micenas, ou seja, a civilização que havia em certas partes da Grécia, na Ásia Menor, na Sicília e em outros lugares próximos, antes do avanço dos helenos. Segundo se pensa, eles teriam atingido o zênite de seu poder em cerca de 1400 A.C. Micenas ficava cerca de trinta e dois quilômetros a sudeste do local de Corinto.

Outros eruditos procuram defender a idéia de uma origem semita para os filisteus. Esses alicerçam-se sobre bases essencialmente lingüísticas. Os nomes de suas cidades eram tipicamente semíticos. O estudo dos monumentos assírios tem demonstrado que muitos nomes próprios de pessoas e lugares, relacionados aos filisteus, são de origem semita. Além disso, suas crenças religiosas tendem por classificá-los entre os povos semitas. Portanto, parece seguro que, pelo menos quanto ao idioma, mesmo que não quanto à origem racial, eles eram semitas. O peso das evidências arqueológicas, entretanto, põe-se em favor de uma origem não semítica para os filisteus. Ver a sexta seção, abaixo.

III. Território

Acompanhando o que foi dito acima, chegamos a uma localização às margens do mar Egeu, talvez incluindo a ilha de Creta, como o território originalmente ocupado pelos filisteus. Porém, alguns estudiosos associam-nos a Gerar, nas fronteiras do Egito (Gên. 21:32), como o lugar central de onde eles se propagaram. Seja como for, eles chegaram a ocupar cinco cidades principais, na faixa costeira da Palestina ou das proximidades, a saber, Azoto (Asdode), Gaza, Ascalom (Asquelom) (na costa marítima), Gate e Ecrom, estas duas últimas alguns quilômetros interior a dentro. Essas cidades constituiam a *pentápolis* dos filisteus. A região por eles ocupada era chamada *Filístia*. Esse território tinha apenas cerca de cem quilômetros de extensão, de norte a sul, e muito menos do que isso de largura, de leste a oeste.

IV. História

A história remota dos filisteus é obscura, tal como é obscura a origem deles. Portanto, é possível que eles fizessem parte da antiga história dos gregos, incluindo

a do mar Egeu e a da ilha de Creta. As migrações, pois, conduziram-nos até às fronteiras do Egito, em Gerar. Uma alternativa é que fossem um povo que já se encontrasse naquela região desde muito tempo, cuja história anterior perdeu-se completamente. Seja como for, foi naquela região que eles viviam, durante o período dos patriarcas hebreus. Tanto Abraão quanto Isaque negociaram com um rei filisteu chamado Abimeleque, em Gerar. Alguns estudiosos pensam que essa referência é anacrônica, por pensarem que os filisteus só começaram a migrar para a Palestina em 1200 A.C. Até o momento não há qualquer prova extrabíblica para confirmar a presença dos filisteus, na região onde também viveu Abraão, na Palestina. Ver Gên. 21:32; 26:1. Por outra parte, não há qualquer evidência em contrário.

Ramsés III, Faraó do Egito, defendeu-se com sucesso das invasões dos chamados *povos do mar*, incluindo os filisteus (cerca de 1188 A.C.). Mas também sabemos que, nos séculos XII e XI A.C., existiam colônias de filisteus no delta do rio Nilo e na fronteira sul entre o Egito e a Núbia. No entanto, a maior parte dos filisteus estabeleceu-se na porção sudoeste da terra de Canaã, o que comentamos na terceira seção, acima, chamada *Território*. Presume-se que eles absorveram quase todos os outros povos, que estavam no lugar, antes de sua invasão. Com base em sua *pentápolis* (ver acima), eles assediaram seus vizinhos; e, durante o período dos juízes de Israel, tornaram-se os mais ferrenhos adversários de Israel. Isso tomou forma principalmente em associação ao juiz Sansão (Juízes 13 — 16), o que ocorreu no começo do século XI A.C. Eles então controlavam certas áreas pertencentes às tribos de Dã e Judá (Juí. 14:4 e 15:11), e muitos da tribo de Dã mudaram-se mais para o norte, na tentativa de obter alguma tranqüilidade (ver Juí. 18:11,29).

Foi o conflito contínuo com os filisteus que, historicamente, forçou a formação da monarquia de Israel, o que ocorreu por motivos de proteção. Davi declarou guerra aos filisteus, tal como se deu com Salomão, seu filho, o que sujeitou totalmente os filisteus à nação de Israel. Davi conquistou Gate e os territórios circunvizinhos (I Crô. 18:1) e, segundo presumimos, debilitou tremendamente aos filisteus. Salomão sujeitou Gezer (I Reis 9:16). Salomão controlava um território que ia desde as margens do rio Eufrates até à terra dos filisteus, e até às fronteiras com o Egito (I Reis 4:21). Ao que parece, eles continuaram controlando suas três cidades costeiras, mas então deixaram de ser uma ameaça militar para Israel.

Após a divisão da nação de Israel em duas partes, os reinos do norte e do sul (respectivamente, Israel e Judá), Judá não mais foi ameaçada pelos filisteus, embora Israel tivesse sofrido algumas pressões. Durante o reinado de Acaz (o décimo primeiro rei de Judá), os filisteus, entretanto, conseguiram reconquistar algumas de suas antigas possessões (II Crô. 28:18 e Isa. 14:28-32). Todavia, um ano mais tarde, Tiglate-Pileser III subjugou os filisteus, por causa de sua deslealdade. Naquela altura dos acontecimentos, os assírios tornaram-se o poder dominante na Palestina. Samaria teve de vergar-se diante dos assírios, e Judá, sob o reinado de Acaz, tornou-se um reino vassalo, retendo uma precária e incompleta independência. O rei Ezequias revoltou-se contra tal situação. Em sua rebelião, ele também atacou os filisteus, em Gaza (II Reis 18:8). Ezequias é o último rei, mencionado nas Escrituras, a ter qualquer ligação com os filisteus. O rei da Babilônia, Nabucodonosor, conquistou as cidades da Filístia e deportou para outros lugares os habitantes da região. Isso assinalou o fim permanente dos filisteus. Durante o tempo dos Macabeus, o território que antes pertencera aos filisteus ficou novamente sob o controle do povo de Israel. Entretanto, Pompeu, o romano, anexou a região, transformando-a em uma parte da província da Síria.

V. Elementos de sua Cultura

1. Religião. Juntamente com tantos povos antigos, os filisteus eram um povo intensamente religioso. Suas vitórias militares eram celebradas na *casa dos deuses* (I Sam. 31:9), para mostrar que eles dependiam de suas divindades, para delas receber ajuda. Eles levavam ídolos de seus deuses, às suas batalhas (II Sam. 5:21). Sabemos que os filisteus tinham três deuses principais, pelo que formavam uma sociedade politeísta. Esses três deuses foram Dagom, Astarote e Baalzebube, todos os três dotados de nomes de origem semítica. Essa circunstância tem encorajado alguns eruditos a pensar que os filisteus eram semitas, conforme se salientou na segunda seção, acima. Eles tinham templos em Gaza (Juí. 16:21; 23:30) e em Asdode (I Samuel) e, mui provavelmente, em Bete-Seã (I Crô. 10:10), onde Dagom era venerado. A fim de honrar Astarote, templos foram construídos em Asquelom (Heródoto, *Hist.* 1.105). Mui provavelmente, essa adoração é enfocada em I Sam. 31:10. Um templo em honra a Beelzebube foi construído em Ecrom (II Reis 1:1-16). Dagom (nome derivado de *dag*, «peixe») era para eles um poderoso deus. Ele era representado dotado de rosto e mãos humanos, mas com a cauda de um peixe (I Sam. 5:4). Foi para o interior desse templo que a arca da aliança, tomada dos israelitas, foi levada (I Sam. 5:2). Foi a essa divindade que os filisteus agradeceram, quando Sansão foi, finalmente, dominado (Juí. 16:23,24). Os guerreiros filisteus usavam pequenas imagens desse deus, quando se dirigiam à batalha (II Sam. 5:21). De mistura com sua religião havia a mágica e a adivinhação (Isa. 2:6).

2. Governo. Um governo unificado predominava na **pentápolis** dos filisteus. Cinco senhores (no hebraico, *seranim*) eram as principais autoridades deles. Como chefes de cidades, eles controlavam poderes menores na Filístia. A autoridade de um desses senhores (príncipes) podia ser anulada pela autoridade dos demais, visando ao bem de todos (I Sam. 29:1-7). Eles atuavam como governantes e conselheiros (I Sam. 5:8). Eles possuíam autoridade em sentido geral (Juí. 16:5,8), bem como um poder civil, executivo (I Sam. 5:11). Em tempos de guerra eles tornavam-se chefes militares (I Sam. 7:7; 29:1-7). Cada uma das cinco cidades filistéias controlava a região circunvizinha, porquanto eram cidades-estados. Todavia, não sabemos dizer como os principais chefes filisteus obtinham o poder, como eram selecionados.

3. Linguagem. É óbvio que uma vez na Palestina, os filisteus ou perderam o seu antigo idioma e adotaram uma língua semita, ou então seu idioma absorveu muitas palavras de origem semítica, especialmente nomes próprios. Certamente, todos os nomes da Bíblia associados aos filisteus, são de origem semita. Alguns pensam que a palavra que significa «senhores» ou «príncipes» (*seranim*) pode ser associada à idéia de «tiranos», uma palavra de origem asiática ou pré-grega. Alguns selos (sobre tabletes de argila) descobertos em Asdode assemelham-se à escrita cipriominoana, o que nos fala de uma origem cretense. Porém, não temos certeza se esses selos devem ser associados ou não aos filisteus. A linguagem desses selos permanece incerta até mesmo

quanto à sua origem.

4. As descobertas arqueológicas (ver a seção VI, abaixo) ilustram alguns elementos da cultura dos filisteus. As descrições sobre a armadura de Golias mostram-nos que eles estavam já dentro do primeiro estágio da Idade do Ferro, sendo claro que eles controlavam as fundições de ferro e mantinham Israel destituído de ferreiros (I Sam. 13:19-22). Fundições de ferro têm sido encontradas apenas em lugares que, antigamente, eram ocupados por filisteus, a saber, em Asdode, Tel Qasile, Tel Jemmeh e Tel Mor. Os filisteus também eram ourives competentes (I Sam. 6:4,5). De modo geral, eram competentes em várias artes e ofícios e a arqueologia tem demonstrado que, do ponto de vista material, a cultura deles era superior à cultura dos israelitas.

VI. Arqueologia

1. Mineração e Fundição. Descrevi isso sob a quinta seção, ponto quatro.

2. Inscrições. Sob o nome **prst**, os anais de Ramsés III (1185 A.C.) referem-se a esse povo. Essas inscrições aludem a aventuras militares. Já desde o século XIV A.C., nas cartas de Tel el-Amarna, há menção aos povos do mar, que talvez incluíssem os filisteus. Relevos feitos no templo de Medinet Habu mostram que esses povos chegaram com seus familiares e seus pertences em vagões e embarcações, e podemos supor que os *prst* faziam parte do grupo. Um outro grupo humano, os *tkr*, também faziam parte dos recém-chegados, são retratados como quem usava turbantes feitos de penas de aves, que se elevavam verticalmente de uma faixa horizontal. Um turbante similar foi encontrado em um disco de argila, encontrado em Faístos, na ilha de Creta. Esse turbante foi atribuído ao século XVII A .C., embora alguns estudiosos pensem no século XV A.C. As inscrições assírias mencionam a Filístia como um de seus inimigos. Uma inscrição de Adade-Nirari III (810 — 782 A.C.) é a primeira dessas inscrições. As inscrições de Tiglate-Pileser III, **Sargão** e Senaqueribe também mencionam esse povo. Documentos em escrita cuneiforme, do tempo do exílio de Judá na Babilônia, mencionam os filisteus entre os povos que foram deportados.

3. Cerâmica. Na Filístia têm sido encontrados objetos de cerâmica desde o século II A.C. A decoração dessas peças é similar à do material encontrado nas regiões do mar Egeu. De fato, alguns eruditos têm classificado vários itens como pertencentes à arte cerâmica micena, isto é, derivações de originais da área do mar Egeu. Porém, também há outras influências, como a cipriota, a egípcia e a palestina local. Os principais itens são canecas de cerveja coloridas de amarelo, com bicos (o que sugere que os filisteus eram bebedores de cerveja), xícaras, vários modelos de jarras, com coloridos em vermelho e preto, e muitos desenhos em espirais e círculos concêntricos e entrelaçados, imagens de aves e de animais.

4. Costumes de Sepultamento. Nenhum cemitério verdadeiro tem sido encontrado nas cinco principais cidades dos filisteus. Todavia, túmulos retangulares têm sido desenterrados em Tel Fara, parecidos com os túmulos da época micena. Esquifes de argila, com uma das extremidades dotada de relevo moldado, incluindo uma representação da cabeça e das mãos do falecido, também têm sido achados. Algumas vezes também foram incluídos braços moldados, em relevo, sobre a tampa dos esquifes. Alguns deles trazem aqueles turbantes com penas, que antes mencionamos. Esquifes similares têm sido encontrados no Egito, notadamente em Tell el-Yehudieh, no delta do Nilo.

5. Relevos em Medinet Habu. Desenhos feitos pelos filisteus, sob a forma de relevos, têm sido encontrados no templo de Ramsés III, em Medinet Habu, perto de Tebas, no Egito. As figuras humanas são retratadas como homens bem barbeados, usando capacetes decorados com canas ou penas, similares aos capacetes emplumados de Creta. As vestes deles incluíam o saiote curto da área do mar Egeu. Aparecem armados de lanças, espadins, escudos redondos e adagas triangulares. Essas armas contam-nos uma grande parte da história desses povos, no tocante aos israelitas. Essa história consistia, principalmente em guerras, matanças e conflitos que, algumas vezes, favoreciam um lado, às vezes outro. Tudo isso serve de triste comentário sobre a natureza decaída do homem, exibindo o guerreiro tribal violento, com seus deuses, que o encorajavam a continuar a matança. Até hoje os homens continuam se mostrando violentos. (AM DOT KA KE (1970) ND UN Z)

FILMER, SIR ROBERT

Suas datas foram 1588-1653. Foi um escritor político, nascido na Inglaterra. Educou-se em Cambridge e foi nomeado cavaleiro pelo rei Carlos I, da Grã-Bretanha. Embora os parlamentares tivessem saqueado a sua casa por muitas vezes, em protesto contra as suas idéias, ele permaneceu um leal apoiador do rei e um notável porta-voz do conceito do direito divino dos reis. Esse conceito insiste que os monarcas recebem de Deus a sua autoridade, e tende por permitir que os reis atuem de modo arrogante, como se fosse impossível que eles errem. Naturalmente, essa doutrina política tem alguma base bíblica, conforme se vê no décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos. Por isso mesmo, Filmer apresentava a sua defesa sobre bases essencialmente bíblicas. Ele procurava traçar essa noção, historicamente, desde Noé até os governantes dos estados europeus. Os ensinos dele foram publicados em seus livros, intitulados, em inglês, *The Power of Kings, Patriarchs,* e outros escritos. Ver o artigo separado sobre o *Direito Divino*.

FILO DE LARISSA

Viveu entre o segundo e o primeiro séculos A.C. Foi um filósofo grego, discípulo de Clitômaco, chefe da quarta academia de Platão; dirigiu conferências em Roma e conheceu Cícero. Era cético moderado. Uma de suas doutrinas, chamada *dogmatismo*, era similar à moderna realidade do bom senso (vide). O ceticismo seria apenas uma metodologia, e não a negação da existência do mundo espiritual. Por detrás desse ceticismo existiria o *Eulogon*, — ou seja, aquilo que é provável ou razoável. Portanto, ele tinha uma abordagem pragmática do conhecimento, enquanto que o ceticismo ocupava o lugar de uma teoria. Mediante esse método, ele pensava que o homem é capaz de adquirir conhecimentos práticos e padrões morais, contanto que não nos ocupemos com a verdade última, que é insondável por parte do homem.

FILO JUDEU

Suas datas foram 30 A.C. até 50 D.C. Filo foi um importante filósofo-teólogo que estabeleceu um marco na história do judaísmo. Alguns têm dito que ele foi um

Moisés que falava o grego, ou um Platão que falava o hebraico. Ele foi um pouco de cada coisa. O que Tomás de Aquino representou para o cristianismo, Filo representou para a fé judaica. Ele procurou fazer uma espécie de reconciliação universal entre a erudição filosófica e a fé dos hebreus. Ele confiava que o *Logos* encontrou muitas maneiras de se comunicar, e que a revelação bíblica não é a única maneira de comunicação. Nesse caso, o raciocínio e a erudição filosóficos têm o seu lugar garantido, devendo ser incluídos em qualquer sistema filosófico-teológico inteligente. Dentro desse sistema, o estudo sobre o conhecimento é mais amplo do que o estudo meramente teológico e, desse modo, contribuições que não nos podemos dar ao luxo de perder de vista, são levadas em conta.

O sistema eclético e harmonizador de Filo combinava a antiga fé judaica com os modos helenistas (especialmente platônicos) de pensamento. De fato, Filo é o grande representante da atividade intelectual dos pensadores judeus da diáspora, no Egito helenizado. Seu trabalho não foi sistematizado, mas está contido em um comentário seu sobre as Santas Escrituras. Ele procurou demonstrar que toda a sabedoria dos gregos teve a sua origem nos ensinamentos de Moisés. Naturalmente, essa é uma tese impossível de ser confirmada; mas os labores de Filo trouxeram à tona muitas coisas em que podemos meditar com proveito. Ele explicava a relação entre Deus e o mundo em termos da doutrina do *Logos*. Quanto a isso, ele antecipou a posição do neoplatonismo. Ele repelia o ascetismo, declarando que não é o abuso contra o próprio corpo, mas o entusiasmo e o arrebatamento extático, ou seja, aquilo que ele denominava de *embriaguez sóbria*, é que pode transpor a distância entre o homem e Deus. Assim, ao mesmo tempo em que ele labutava para desenvolver princípios racionais, defendendo e expondo mediante os mesmos os assuntos iluminados pela revelação, também confiava nas experiências místicas, que fazem Deus tornar-se real para nós. Ver o artigo geral sobre o *Misticismo*.

A Interpretação Alegórica. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Filo apelava para a interpretação alegórica a fim de explicar muitas questões históricas do Antigo Testamento. Personagens e eventos históricos tornavam-se personificações de idéias abstratas, virtudes e verdades teológicas. Os aspectos históricos, pois, eram ou ignorados ou relegados a uma importância secundária. Filo foi membro da escola alexandrina; e tanto os judeus quanto os gentios que seguiam essa escola, incluindo os chamados pais alexandrinos da Igreja (Clemente, Orígenes, etc.), apreciavam muito a interpretação alegórica do Antigo Testamento.

Sumário das Idéias Básicas e da Abordagem de Filo:

1. Moisés teria inspirado os melhores aspectos da filosofia grega, especificamente o platonismo e o estoicismo. Filo alegorizava porções do Antigo Testamento no esforço para provar essa tese.

2. Filo foi o fundador do que tem sido chamado de *teologia negativa*. Deus aparece ali como o próprio Ser, dotado de transcendentalidade, incapaz de ser abrangido pelas nossas descrições. Poderíamos compreender melhor a Deus quando limitamos a declarações racionalistas, afirmando o que Deus não é, em vez de tentarmos dizer, racionalmente, o que ele é. Essa tentativa visava a evitar as descrições antropomórficas de Deus, sem importar quanto de verdade as mesmas continham, porquanto elas seriam, automaticamente, extremamente inexatas.

3. O contacto com Deus não se faz mediante proposições teológicas, e nem é atingido mediante o conhecimento íntimo dele. Antes, aproximamo-nos de Deus através de uma experiência mística, em arrebatamento e êxtase. Parte disso consiste no esforço do homem de se libertar da servidão ao pecado. A revelação é um modo válido de comunicação.

4. As *idéias* (universais) de Platão existiam desde todo o sempre na mente de Deus (pelo que teríamos um divino conceptualismo). O Logos é o mediador dos universais na criação. Isso posto, ele seria o criador e o diretor das emanações das idéias de Deus nos mundos físico e espiritual. Essa maneira de pensar é platônica, antecipando a posição do neoplatonismo (vide).

5. Filo promovia a idéia de uma hierarquia de seres espirituais, como a Sabedoria Divina, o Homem Divino, o Espírito, ordens de anjos, etc., idéias essas que têm paralelos no judaísmo sincretista, no gnosticismo, no neoplatonismo, e até mesmo em certos trechos do Novo Testamento, como em Efésios 1:21 e 6:12.

Escritos: *Concerning the Artisan of the World; The God is an Immutable Being; On the Contemplative Life; On the Eterning of the World.* (AM E EP P)

FILODEMO DE GADARA

Ele viveu durante o século I A.C. Foi um filósofo helênico, nascido na Síria. Estudou em Atenas, sob os cuidados de Zeno de Sidom e de Demétrio da Licaônia. Ele foi o chefe de um tipo de escola epicuréia, em Nápoles, na Itália. Promovia um método empírico de adquirir conhecimentos, em oposição geral aos estóicos. Ele considerava as regras da retórica como prováveis e sempre alicerçadas sobre a experiência. Sofreu alguma influência da parte de Cícero (vide). Sua principal obra escrita foi *Sobre Os Métodos de Inferência*.

FILOLAU

Um filósofo grego, discípulo de Pitágoras, nascido em meados do século V. A.C. Vinte fragmentos lhe são atribuídos, embora pareçam ser obras forjadas pós-aristotélicas. Ele sobreviveu ao incêndio provocado na escola pitagoreana em Crótona e levou a filosofia grega ao continente europeu. Sistematizou a doutrina pitagoreana, julgando que o fogo seria o elemento básico em todas as coisas. Ele supunha que a natureza é controlada e harmonizada pela oposição entre os princípios das coisas limitadas e das coisas ilimitadas. A alma humana seria uma prisioneira do corpo, uma entidade espiritual capturada pelo pecado, neste mundo material. Trabalhava manuseando números, como: 1 = ponto; 2 = linha; 3 = superfície; 4 = sólido. E pensava que os números eram a base de todas as coisas, o que representa um passo na direção da teoria atômica. Aos quatro elementos básicos tradicionais, a terra, o ar, o fogo e a água, ele acrescentava um quinto elemento, o *éter*. Ele pensava que a terra estava em movimento, reconhecia o sistema solar, e opinava que dentro do mesmo há um fogo central e uma terra secundária. Daquele fogo central teriam emergido a contraterra, a terra, a lua, o sol, os vários planetas e as estrelas fixas. Todos esses corpos celestes, incluindo o sol, rebrilhariam mediante luz refletida do fogo central.

••• ••• •••

FILÓLOGO

O vocábulo grego significa «amante da erudição», e talvez até «erudito». Foi o primeiro dos cinco cristãos aos quais Paulo enviou saudações (Rom. 16:15), presumivelmente da igreja de Roma, ou, talvez, da Ásia Menor, em Éfeso, se é que o 16º capítulo de nossa epístola aos Romanos faz parte de uma epístola distinta, que foi posta como apêndice da epístola original aos Romanos. Ver o artigo sobre a *Epístola aos Romanos*, oitava seção, *Integridade*, nos últimos parágrafos, onde o problema é abordado. Doroteu fez dele um dos setenta discípulos especiais, referidos no décimo capítulo de Lucas, quando afirmou que o apóstolo André o enviara a Sinope, no Ponto, para atuar como superintendente, naquele lugar. Tradições como essas usualmente têm pouco valor histórico, e são mais adições românticas, que visam preencher os hiatos em nosso conhecimento. É possível que esse homem tivesse uma igreja em sua casa. Visto que seu nome é vinculado ao de Júlia, ele pode ter sido seu marido ou seu irmão. Nereu e sua irmã, mencionados juntamente com eles, podem ter sido seus filhos. Novamente, porém, confessamos que estamos falando apenas conjecturalmente.

FILOPONO, JOÃO

Foi um filósofo helênico dos fins do século V e do começo do século VI A.C. Nasceu em Cesaréia. Foi um pensador neoplatônico tipo alexandrino, talvez um monofisista cristão. Ensinava o triteísmo, em vez do trinitarianismo. Desenvolveu idéias cosmológicas, de mescla com o pensamento cristão. Ele ensinava que Deus é o Criador de todas as coisas, tendo estabelecido as leis naturais para controlar as coisas; referia-se aos corpos celestes como perecíveis, e não divinos. Esboçou uma doutrina do ímpeto e falou sobre o fluxo da luz. Essas idéias contrariam os ensinos de Aristóteles e têm um toque de modernidade. Tais idéias influenciaram os filósofos islâmicos e escolásticos. *Seus Escritos*: *Sobre a Eternidade do Cosmos Contra Proclo; Sobre a Criação do Mundo; Comentários Sobre a Física de Aristóteles; Sobre a Geração e a Corrupção; Meteorologia; Sobre a Alma.*

FILOSOFEMA

Esse termo vem do grego **philosophema**. O vocábulo indica uma proposição ou demonstração filosófica. Aristóteles usava a palavra para indicar os raciocínios e demontrações filosóficas, em contraste com a retórica, a erística e a dialética.

FILOSOFIA

A filosofia tem-nos ensinado que termos sugestivos como beleza, justiça, amor, etc., não admitem definição. Quando muito, podemos apenas oferecer descrições a respeito, na esperança de que daí emerja alguma noção sobre o seu significado. Por certo, entre os termos indefiníveis, está a própria palavra «filosofia». Esta enciclopédia provê muitos artigos separados sobre os vocábulos e os sistemas filosóficos, como também sobre os próprios filósofos. Portanto, no presente artigo damos apenas uma generalização relativamente breve sobre o assunto.

Esboço:

I. A Palavra
II. Definições e Caracterizações
III. Sistemas Tradicionais
IV. Períodos Principais da História da Filosofia
V. A Filosofia e a Fé Religiosa

I. A Palavra

A palavra «filosofia» deriva-se de duas palavras gregas, *philein*, «amar», e *sophia*, «sabedoria». Ao que sabemos, o primeiro homem a usar essa palavra foi Pitágoras, em cerca de 600 A.C. Ele referiu-se a pessoas chamadas «sábias» (no grego *sófoi*), embora negando que qualquer ser humano fosse realmente sábio, ao dizer: «Nenhum homem é sábio, mas somente Deus. E as pessoas que têm interesse pelas coisas divinas são *buscadoras da sabedoria*», isto é, são os filósofos. De maneira similar, Platão declarou: «Fedro, o nome sábio me parece demasiado grande, adequado somente para a divindade. Mas o amigo da *sabedoria* (o filósofo), ou outro parecido, ir-lhes-ia melhor, e não destoaria tanto» (Fedro, 278 d).

Sócrates empregava a idéia de *buscadores da sabedoria* (amigos da sabedoria), em contraposição àqueles que prentendem possuir a sabedoria, mas que, na realidade, não são sábios, como os sofistas (segundo a sua estimativa).

Na antiguidade, o vocábulo filosofia referia-se tanto à atividade do filósofo como também aos sistemas segundo os quais essa atividade tinha lugar. O apego à sabedoria leva o homem a buscá-la, e é, então, que aflora o conhecimento sobre os princípios fundamentais em qualquer campo do conhecimento humano. Portanto, há uma filosofia específica para cada ramo do conhecimento, embora a filosofia tradicional encerre seis sistemas, que são caracterizados sob a seção III, abaixo.

II. Definições e Caracterizações

Entre as muitíssimas tentativas para definir a *filosofia*, temos escolhido algumas poucas mais representativas:

1. A *definição da filosofia* é decidida dentro da filosofia somente através de seus conceitos e meios. Ela é, por assim dizer, o primeiro dos seus próprios problemas. Cada sistema fornece uma definição tentativa para explicar a filosofia, através de olhos restritivos e especializados. Assim surgiram os sistemas da gnosiologia, da ética, da estética, etc., cada qual com uma definição especializada.

2. A *filosofia* é o saber a respeito das coisas, a direção ou orientação para o mundo e para a vida e, finalmente, consiste em especulações acerca da forma ideal de vida.

3. *Platão* concebia a filosofia como aquela atividade que leva ao descobrimento da realidade, ou verdade absoluta, obtida através da dialética.

4. *Aristóteles* acreditava que a filosofia começa com um senso de *admiração* e *respeito*, diante da vastidão e grandiosidade das coisas. E a atividade filosófica sonda o conhecimento em geral. Portanto, a totalidade do conhecimento humano, bem como os modos de se chegar a esse conhecimento, é que constituem a filosofia. Mas isso envolve apenas a filosofia geral. Para ele, a filosofia fundamental seria a *teologia*, que aborda os princípios e as causas últimas, o que inclui a idéia da divindade, que é o principal de todos os princípios, a Causa de todas as causas.

5. As definições restritas e clássicas ocorrem em pensadores de menor envergadura, como Hegesias (vide), os quais pensam que a filosofia é aquela atividade mental que nos ensina como buscar os prazeres e evitar a dor.

6. Para o *neoplatonismo*, a filosofia, na realidade, seria uma religião, mediante a qual o indivíduo aprende como buscar e obter a *união* com o divino.

7. Durante a *Idade Média*, para a maioria dos filósofos, a filosofia seria a grande serva da teologia, uma disciplina utilizada pela Igreja, mediante a qual os dogmas e as crenças religiosas são examinados, compreendidos e melhor defendidos. Para outros, porém, a filosofia é uma intrusa, que somente ameaça a fé biblicamente alicerçada. Para Tomás de Aquino, a filosofia teria sido uma provisão racional de Deus, para que pudéssemos compreender melhor as realidades religiosas, capaz de abordar todas as coisas, exceto a explicação dos verdadeiros e mais profundos mistérios. Para ele, onde o raciocínio filosófico cessa, a fé completa o curso a ser percorrido. Ele também pensava que a filosofia é aquele processo de raciocínio que examina o universo e obtém, acerca do mesmo, uma interpretação abrangente e plena.

8. Para *Descartes*, a filosofia é a elucidação da verdade final, através do método da dúvida e do conseqüente reexame. Só poderiam ser aceitas como verdadeiras aquelas coisas sobre as quais não restam mais dúvidas; e, mediante a teoria da coerência da verdade, outras proposições são então estabelecidas.

9. *Saint Simon* acreditava que a filosofia é aquele meio através do qual podemos pôr em harmonia, em nossa mentalidade, os elementos do mundo, que parecem desligados uns dos outros.

10. *Hegel* pensava que a função da filosofia é deduzir categorias, isto é, os conceitos básicos necessários para a interpretação de qualquer realidade ou ato, ou a natureza mesma das coisas. Todas as coisas, operando individual e coletivamente, expressariam o Espírito Absoluto, que atua através da tríada de tese, antítese e síntese.

11. *Cousin* opinava que a filosofia é aquela atividade que classifica e interpreta a experiência humana.

12. *Spencer* ensinava que a filosofia é uma disciplina sintética, que incorpora muitos campos de inquirição, unificando-os através de princípios universais. Ele acreditava que a evolução é básica, unificando as idéias de todos os campos do conhecimento, da experiência e do ser.

13. *Bergson* asseverava que a filosofia é, essencialmente, uma função intuitiva, que nos brinda com a compreensão sobre a realidade básica. Segundo ele pensava, a razão engendra muitas falácias.

14. Os *filósofos lingüísticos*, como Schilick, acreditam que a tarefa da filosofia consiste em explorar a lógica da ciência, produzindo a purificação da linguagem filosófica.

15. *C.D. Broad* distinguia entre a filosofia especulativa e a filosofia crítica. É tarefa da filosofia elaborar muitas explicações alternativas no tocante a qualquer assunto, e então, mediante a análise crítica, selecionar entre as melhores alternativas.

16. *Heidegger* pensava que a atividade dos filósofos tem por intuito *redescobrir* o significado do Ser, uma herança antigamente possuída (segundo ele pensava) pela filosofia grega.

17. *Bonhoeffer* distinguia entre o que ele chamava de filosofias da ação (que enfatizam o ser humano) e filosofias do ser (que enfatizam alguma divindade histórica).

18. *William James* descrevia a filosofia como «a tentativa para pensar de maneira clara e metódica, acerca de certas noções ou conceitos que sempre estão girando em nossos pensamentos, e que parecem necessários para nosso processo de pensamento, mas sobre os quais as ciências especiais nada nos dizem».

19. *G.T.W. Patrick* definia a filosofia como a tentativa para combinar as experiências comuns da vida, por um lado, com os resultados das ciências especiais, por outro lado, formando uma teoria mundial coerente e **harmônica**.

20. Os *positivistas* concebem a filosofia como aquela atividade que procura definir um sentido prático e fornecer uma devida ordem ao método científico, e não aquela fútil tentativa de chegar à verdade final e a um conhecimento certo.

21. Os *pragmatistas* pensam na filosofia como aquela atividade que descobre, dentro da experiência humana, aquilo que é prático, benéfico e útil, e não apenas o que é teoricamente certo, verdadeiro e perfeito.

22. *A definição mais básica* de todas: A filosofia é *a história das idéias*.

III. Sistemas Tradicionais

Todos os campos de pensamento e de atividades têm suas respectivas filosofias. Há uma filosofia da biologia, da educação, da religião, da sociologia, da medicina, da história, da ciência, etc.; mas os *seis sistemas tradicionais*, que entraram na filosofia por meio de Sócrates, de Platão e de Aristóteles, são os seguintes: 1. a Lógica; 2. a Estética; 3. a Ética; 4. a Política; 5. a Gnosiologia (ou Epistemologia); e 6. a Metafísica. Consideremos agora, particularmente, cada um desses seis sistemas:

1. A Lógica. Esse sistema aborda os princípios do raciocínio, suas capacidades, seus limites, seus métodos, seus erros e suas maneiras exatas de expressão. Trata-se de uma ciência normativa, que investiga os princípios do raciocínio válido e das inferências corretas, ou partindo do geral para o particular (lógica dedutiva), ou partindo do particular para o geral (lógica indutiva). A *lógica formal* é a arte do raciocínio dedutivo, aquele ramo da lógica que estuda somente a estrutura formal das proposições, bem como as operações mediante as quais deduzimos conclusões. A lógica *simbólica* ou *matemática* é um desenvolvimento da lógica formal, em que a ambigüidade das proposições verbais e das operações que se fazem com base nas mesmas, chega a ser reduzida a um mínimo mediante o uso rigoroso de símbolos, cada um dos quais tem apenas um ponto de referência, dentro de um dado contexto.

Comentários e Descrições:

a. A *lógica dedutiva* foi formulada por Aristóteles. Ali empregam-se os silogismos, conforme o exemplo abaixo:

Todos os homens são mortais;
Sócrates é um homem;
Logo, Sócrates é mortal.

Acima temos um silogismo legítimo. Mas também há silogismos que não são legítimos, como este outro:

Todos os gatos são animais;
Todos os cães são animais;
Logo, todos os gatos são cães.

Há dezenove formas legítimas de silogismo, além de um outro número, ainda maior, de silogismos ilegítimos. Um silogismo contém três proposições. As duas primeiras proposições (representadas pelas duas primeiras linhas), são as *premissas*; e a terceira proposição é a *conclusão*. A primeira premissa é chamada maior («todos os homens são mortais»); a segunda premissa é chamada menor («Sócrates é um homem»). O termo principal, nesse caso, é *mortal*; o termo menor é *Sócrates*; e o termo médio é *homens*. A lógica dedutiva ensina-nos quais formas e manipulações dos silogismos são válidas, e quais não o são, de acordo com leis específicas.

b. A *lógica indutiva* parte do particular para o geral. Emprega partículas de raciocínio e, com base

nas mesmas, tira uma inferência, que é a sua conclusão. Para exemplificar: a vibramicina tem sido submetida a muitos testes; cada teste contribui com sua informação acerca das circunstâncias, e em que extensão, esse medicamento pode curar certas enfermidades. Seus limites e efeitos colaterais foram determinados; quanto ao fator tempo, por quanto tempo pode ser usado, no caso de cada doença. Com base nesse grande número de *particularidades*, pode-se formular uma declaração acerca da capacidade de cura desse medicamento, que é a conclusão da questão.

c. A *lógica experimental* é o nome aplicado ao sistema filosófico de John Dewey (vide). A verdade que há em qualquer dada situação, ou o valor das idéias só pode ser determinado através de uma contínua experimentação, onde cada conclusão torna-se uma nova premissa, de tal modo que a experimentação nunca chega ao fim, e nem são descobertas verdades absolutas e finais. Cada verdade descoberta serve de motivo para novas investigações.

d. A *lógica simbólica* ou *matemática* é definida sob o primeiro ponto, *Lógica*, no começo deste artigo.

e. A *lógica metafísica*, como no sistema de Hegel (vide), pressupõe que há forças naturais que atuam através da tríada composta por tese, antítese e síntese, que fazem parte da dialética. O Espírito Absoluto manifesta-se em todos os seres, circunstâncias e instituições, mediante esse modo de operação. *Ilustração*: 1. As religiões orientais salientam a comunidade, ou aquilo que é universal; 2. a religião grega enfatizava o indivíduo; 3. o cristianismo resultaria da tensão entre esses dois pontos de vista religiosos (que seriam a tese e a antítese), e torna-se uma síntese do individual com o universal, enfatizando ambos os elementos como uma unidade e uma qualidade resultante.

2. A Estética. Esse vocábulo vem do grego **aisthesis**, «sensível», a palavra é empregada para designar a filosofia das belas artes: a música, a escultura e a pintura. Esse sistema procura definir qual seja o propósito ou ideal orientador das artes (a definição da beleza), apresentando descrições da atividade que apontam para certos alvos. Alguns dizem que arte consiste, essencialmente, em: a. adultos brincando com novos brinquedos; b. transmissão das emoções; c. discernimentos intuitivos quanto à natureza das coisas; d. uma maneira de experimentar o prazer, etc. Temos oferecido ao leitor um artigo separado sobre esse assunto, sob o título, *Arte*. —No seu segundo ponto, *Principais Teorias da Estética*, damos as vinte teorias básicas sobre o que seria a arte.

3. A Ética. Essa é a investigação no campo da **conduta ideal**, bem como sobre as regras e teorias que a governam. Apesar da própria palavra grega, *ethos*, referir-se a costumes e disposições, a ética formal assevera que existem regras permanentes que são impostas ao homem, supondo-se que o homem não é o originador das normas da ética. Por outra parte, existem aqueles filósofos que insistem em que o sentido básico da palavra indica a natureza essencial dessa atividade, e que as regras éticas são produtos da experiência humana, que opera através de tentativa e erro. Alguns pensam que o senso de *dever* é o guia da conduta ideal, enquanto que outros opinam que o *prazer* é esse princípio. A ética religiosa faz *Deus* ser o alvo de toda a conduta ideal. Mas também há aqueles que apontam para a *utilidade* e para os resultados práticos e benéficos como esse alvo. Temos apresentado um detalhado artigo sobre a *Ética*, com muitas teorias e ilustrações. O vocábulo português «moral» vem do latim, *mos, moris*, que significa «costume», «hábito», «voluntariedade», «capricho». E esse vocábulo, tal como o termo grego, *ethos*, aponta para o fator humano como o elemento mais importante na produção dos costumes éticos. Porém, alguns filósofos pensam que a nossa *moral* é divinamente ordenada.

4. A Política. Ver o artigo separado sobre a **Filosofia Política**. O vocábulo política vem do grego, *polis*, «cidade». A política, pois, procura determinar a *conduta ideal* do Estado, pelo que seria uma ética social. Ela procura definir quais são o caráter, a natureza e os alvos do governo. Trata-se do estudo do governo ideal.

5. A Gnosiologia (Epistemologia). Essa é a disciplina que estuda o conhecimento em sua natureza, origem, limites, possibilidades, métodos, objetos e objetivos. A palavra «gnosiologia» vem do grego *gnosis*, «conhecimento», e *logia*, «estudo», «consideração». E a palavra «epistemologia» vem do grego *episteme*, «conhecimento», e *logia*, «estudo». O uso dessas duas palavras é levemente diferente em inglês e em português. Em inglês, o termo *epistemologia* fala sobre a teoria geral da verdade, um sentido que, em português, é dado à palavra *gnosiologia*. Em nosso idioma, a *epistemologia* refere-se à filosofia do conhecimento científico. Nesta enciclopédia apresentamos dois artigos que ajudarão o leitor a compreender melhor a gnosiologia. Ver sobre o *Conhecimento e a Fé Religiosa* (que apresenta os principais sistemas e as principais teorias da verdade), e também *Epistemologia*, que oferece detalhes adicionais.

6. A Metafísica. No grego temos as palavras **metá**, «após», e **phisica**, «física». Essa palavra teve origem nas obras de Aristóteles, referindo-se simplesmente àquela seção de seus escritos que vinham após o seu tratamento sobre a física. Mas, visto que essa seção abordava assuntos que atualmente denominamos de *metafísica*, tal palavra veio a indicar o estudo das coisas que ultrapassam às entidades físicas. Basicamente, o termo refere-se à investigação quanto à *verdadeira natureza* de qualquer coisa. Popularmente, refere-se a considerações e especulações concernentes a entidades, agências e causas não materiais. A metafísica aborda assuntos como Deus, a alma, as causas, o propósito, o destino, a liberdade, o determinismo, o livre arbítrio, o monismo, o dualismo, o materialismo, o idealismo, a antropologia, a ontologia, a cosmologia, a imortalidade, a teleologia, o problema do mal, etc. Temos apresentado um artigo separado sobre a *Metafísica*, que inclui, em primeiro lugar, suas muitas definições.

Outra Divisão das Disciplinas Estudadas na Filosofia

A. Teoria do Conhecimento:
   1. Lógica
   2. Gnosiologia
   3. Epistemologia

B. Teoria dos Valores:
   1. Axiologia (teoria geral)
   2. Ética
   3. Estética
   4. Filosofia da Religião

C. Teoria do Homem e do Mundo:
   1. Antropologia
   2. Cosmologia (Metafísica)
   3. Teologia

IV. Períodos Principais da História da Filosofia

1. Filosofia Pré-Socrática (séculos VII a V A.C.). As principais investigações dessa filosofia diziam respeito ao desejo de distinguir os elementos básicos do Universo. Essa investigação poderia ter sido totalmente materialista, ou poderia ter sido pampsíquica. É provável que, nas mãos de outros filósofos, poderia ter sido uma coisa ou outra, ou ambas. Quando Tales (vide) afirmou que tudo estava *cheio de deuses*, ele pode ter querido dizer que nada existe que não tenha alguma força controladora divina ou psíquica, como elemento motivador. Ou apenas poderia ter usado um modo poético de exprimir poderes inerentes, naturais e materiais que atuam sobre as coisas. Xenófanes (vide) voltou sua atenção para a investigação de Deus e da ética social. E, na parte final desse período, os sofistas (vide) abandonaram a metafísica, fazendo da ética o alvo de suas investigações. Quanto a esse período ver os artigos separados sobre os seguintes filósofos: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Xenófanes, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras, Empédocles, Demócrito e Protágoras.

2. O Período Clássico, o período áureo da filosofia grega; Sócrates, Platão e Aristóteles (470 — 322 A.C.). Durante esse período desenvolveram-se os seis sistemas tradicionais da filosofia, pelo que a investigação filosófica cobria todas as possibilidades tradicionais de investigação. Sócrates foi, antes de tudo, um filósofo ético; Platão também o foi, mas adicionou a metafísica, a gnosiologia, a política e a estética, e antecipou a lógica em sua dialética e nos elementos de sua gnosiologia. Aristóteles deu continuação a essas investigações, tendo adicionado a lógica formal dedutiva. Ver os artigos separados sobre esses três gigantes do mundo da filosofia.

3. As Escolas Éticas, o Ceticismo, o Ecleticismo, o Helenismo (de 350 A.C. até à era cristã). Com Aristóteles terminaram os grandes sistemas especulativos da filosofia grega clássica. A vida política e social dos gregos começou a ruir. Então a filosofia voltou-se da busca pelos grandes mistérios para as preocupações humanitárias, para o homem em sua conduta, ideais e problemas. Alguns voltaram-se para as religiões orientais, em busca da definição do homem e de seu mundo; outros frisaram os sistemas e inquirições éticas. A filosofia salientava a ética acima de tudo o mais, e várias escolas surgiram em cena. Porém, o ceticismo também mostrava-se forte, tendo havido uma espécie de degeneração nas filosofias de Platão e Aristóteles. A própria filosofia deixou de ser uma disciplina separada e refugiou-se na religião, no neoplatonismo, nas religiões orientais e no cristianismo.

a. *Escolas Éticas*: Epicureanismo e estoicismo. Ver os artigos separados sobre *Escolas Filosóficas do Novo Testamento*, e sobre cada título em separado. Ver também o artigo sobre a *Ética*, onde se discute sobre essas duas escolas.

b. *Ceticismo*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Antes de Cristo temos a considerar Pirro de Elis, Timão, Argesilau, Carnéades, Clitômaco e Enisidemo, sobre os quais temos apresentado artigos separados. Quando as Academias de Platão e Aristóteles degeneraram, assumiram uma postura um tanto cética.

c. *O Ecleticismo*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. O ecleticismo é uma filosofia do bom senso, onde os bons elementos são escolhidos dentre vários sistemas e combinados para formarem uma síntese. O pensamento eclético debilitou o dogmatismo e encorajou o intelectualismo e o livre pensamento. Quando a Macedônia foi militarmente conquistada pelos romanos, a Grécia foi reduzida a uma província romana. Os romanos eram grandes pensadores ecléticos, e não pensadores originais.

4. A Filosofia Refugia-se na Religião (de 350 A.C. até o começo da era cristã). Esse período justapõe-se ao período anterior. Enfatizou-se aqui como, gradualmente, a filosofia deixou de ser uma disciplina distinta, tendo-se tornado serva de sistemas religiosos. À medida que foi declinando a cultura clássica, a filosofia foi-se transformando em um misticismo religioso. As especulações gregas vieram fundir-se às fés egípcia, caldaica, judaica e cristã. O principal sistema resultante dessa mistura foi o gnosticismo.

a. *No Judaísmo*. As filosofias de Aristóteles e Platão (sobretudo deste último), influenciaram o judaísmo. Filo (30 A.C. a 50 D.C.) tem sido comparado com Moisés a falar o grego, ou com Platão a falar o hebraico. Ver o artigo separado sobre ele, quanto a detalhes. Uma filosofia judaica grega floresceu em Alexandria. Foi naquela cidade que as Escrituras judaicas foram traduzidas para o grego, a versão intitulada Septuaginta (vide). Isso fez parte do processo de amalgamento.

b. *O Neopitagoreanismo* (vide) foi a tentativa para criar uma religião mundial com base na doutrina de Pitágoras (vide). Após a sua morte, a sua escola continuou propagando as suas idéias, embora, finalmente, ela tenha desaparecido de cena, ou se tenha ligado ao neoplatonismo. As sociedades secretas de Pitágoras, com seus mistérios, foram mantidas e encorajadas no mundo romano. Era um sistema que frisava o conhecimento divinamente revelado e a filosofia eclética.

c. *O Neoplatonismo* (vide) teve três representações principais: 1. *A Escola de Plotino*. Ver sobre Amônio Saco, Plotino e Porfírio. 2. *A Escola Síria*. Ver sobre *Jamblico*. 3. *A Escola Ateniense*. Ver sobre Plutarco, o Moço, e sobre Proclo. O neoplatonismo ensinava que Deus é a fonte originária de todas as coisas: Deus é corpo, mente, matéria e forma; a causa sem causa. Ele é o Único, excluindo toda pluralidade e diversidade; Ele contém todas as coisas e está acima do ser, acima de qualquer explicação. Dele emanam-se todas as coisas, em três estágios: em primeiro lugar, o pensamento, a mente, a inteligência. Em segundo lugar, a alma, inferior à mente, uma cópia do pensamento puro. Volve-se para o pensamento puro, por um lado, mas para a matéria, por outro lado. Essa é a alma do mundo, da qual as almas humanas individuais são uma parte. Em terceiro lugar, a mais inferior de todas as emanações é o corpo físico. Apesar de residir na pluralidade, tem o selo do Absoluto.

d. Confrontação e amalgamento com o cristianismo. Ver sobre o quinto ponto.

5. Confrontação e Amalgamento com o Cristianismo, a era primeira e patrística do cristianismo. Durante esse período, teve prosseguimento a filosofia eclética romana. Encontramos ali Cícero, o eclético, e também Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, que enfatizavam o estoicismo de maneira eclética modificada. O neoplatonismo prosseguiu durante esse período como um grande movimento.

a. *O voto contrário*. Os pais latinos da Igreja, Tertuliano, Arnóbio, Lactâncio e outros, rejeitavam a filosofia como um produto do paganismo.

b. *O voto favorável*. Os pais gregos da Igreja, Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Orígenes, e vários níveis de cristãos neoplatônicos, pensavam que

os melhores aspectos da filosofia grega agiam como um mestre escola, conduzindo os gentios a Cristo, tal como a lei mosaica fizera com os judeus. Esses usavam a filosofia grega como uma maneira de explicar as doutrinas cristãs. Platão parecia-lhes especialmente útil com essa finalidade. Qualquer pessoa que estude as idéias de Platão haverá de entender o porquê. Ele tem excelentes coisas a dizer, capazes de aclarar a maneira em que concebemos a religião. Alguns dos primeiros pais da Igreja supunham (sem dúvida de modo incorreto) que o próprio Platão sofrera a influência de idéias do Antigo Testamento.

6. A Filosofia Pré-Idade Média, Pré-Escolástica (350 — 900 D.C.). Agostinho (vide) foi a linha de separação entre a especulação patrística e a especulação escolástica. Agostinho foi o maior de todos os pais latinos da Igreja. Não houve igual a Agostinho, como filósofo teólogo, desde Paulo até Tomás de Aquino. O artigo geral acerca dele fornece detalhes sobre o seu pensamento. Além dele temos Boethius (vide), como um dos principais filósofos desse período. John Scotus Erigena foi o precursor do escolasticismo. Suas datas foram 800-877 D.C.

7. O Escolasticismo. Alguns datam os primórdios desse movimento já no século VII D.C., fazendo-o prolongar-se até o século XV D.C. Seja como for, chegou ao seu ponto culminante nos séculos XII e XIII. Temos oferecido um artigo separado sobre o assunto. Esse nome alude aos *homens de escola*, os mestres universitários, filhos da Igreja Católica Romana, que controlavam o sistema educacional da Europa, durante a Idade Média. O sistema estava alicerçado sobre o manuseio filosófico da fé cristã, destacando-se as idéias filosóficas de Platão e Aristóteles, mas, especialmente, a lógica e a metafísica do último deles. O maior filósofo desse período foi Tomás de Aquino. A filosofia dele continua sendo uma poderosa força tanto no seio da Igreja Católica Romana quanto no mundo filosófico. Os principais filósofos teólogos desse período foram Anselmo (1033-1109), Roscelino (1050-1122), Guilherme de Cjampeaux (1070-1121), Pedro Abelardo (1079-1142), Pedro Lombardo (cerca de 1164), Bernardo de Clairvaux (1091-1153), João de Salisbury (1115-1180), Alexandre de Hales (falecido em 1245), Alberto Magno (1193-1280), Tomás de Aquino (1225-1274), Boaventura (1121-1274), Rogério Bacon (1214-1294), João Duns Scotus (1226-1308). Ver os artigos separados sobre cada um desses homens.

8. Prelúdio para a Filosofia Moderna (1400-1500). O trabalho e o espírito das filosofias de Rogério Bacon, Duns Scotus e Guilherme de Occam possibilitaram o surgimento da filosofia moderna. Eles afirmavam que a filosofia deveria ser uma inquirição livre e independente, e não uma mera serva da teologia. Finalmente, isso chegou à plena fruição quando a filosofia foi capaz de repelir a reivindicação de autoridade da Igreja Católica Romana, tornando-se um campo independente de conhecimento e pesquisas. Tanto a filosofia quanto a política têm-se mostrado subservientes à teologia e à Igreja Católica Romana. Porém, com o tempo, o papado foi declinando em seu poder, e muitos escritores católicos romanos começaram a mostrar certa independência em seus pensamentos.

A Renascença (vide) e a Reforma Protestante (vide) lançaram os alicerces para um novo pensamento e para novas teorias e atividades políticas.

Nicolau Maquiavel (vide) (1469-1527), um diplomata italiano e a principal figura política da Itália, lutou por uma Itália independente, livre da dominação exercida pela Igreja Católica Romana nos campos da política, da ciência e da religião. Começaram a surgir novas teorias políticas. Assim, Hugo Grotius (1583-1645) promoveu a doutrina do absolutismo dos governantes, com base no direito divino dos reis, expressando isso mediante uma lei natural. Rousseau reagiu contra tal noção, algum tempo depois, tendo promovido os ideais da democracia. Jean Bodin (1530-1596) advogava a teoria que diz que o Estado repousa sobre a razão e a natureza humanas, dando grande importância à opinião popular. O absolutismo persistiu até o século XVIII. Porém, Althusius (1556-1638) exerceu influência sobre o mundo político ao lançar os alicerces para as monarquias e democracias constitucionais.

A Renascença (vide), dos séculos XIV a XVI, foi um período de reavivamento das letras e das artes na Europa, tendo atuado como um período de transição entre a Idade Média e a História Moderna. Um novo interesse pelos clássicos foi uma das questões predominantes durante esse período, e assim foi lançada a base para a ciência moderna.

A Reforma Protestante (século XVI) (vide), foi um rude golpe contra o monopólio da Igreja Católica Romana. Lutero e Calvino retrocederam à teologia e ao misticismo de Agostinho; Zwínglio foi marcantemente influenciado pelo neoplatonismo. Jacó Boehme (1575-1642) enfatizava o misticismo. Herberto de Cherbury (1583-1648) construiu uma filosofia da religião sobre a metafísica natural, e não sobre a metafísica sobrenatural. O *humanismo* (vide) ganhou terreno. O ceticismo e o empirismo foram ganhando poder. As filosofias naturais apareceram pela primeira vez na Itália (o berço da erudição, durante esse período), com Cadan e Telesio. A ciência obteve notável progresso diante dos estudos de homens como Leonardo da Vinci (1452-1519), Copérnico (1472-1543), Galileu (1564-1641), Kepler (1571-1630) e Newton (1642-1727). Ver os artigos separados sobre todos esses homens.

O *tomismo* (vide) tornou-se a posição filosófica oficial da Igreja Católica Romana, por determinação do papa Leão XIII (1767-1903), em parte a fim de fazer oposição ao naturalismo e ao ceticismo, que se impunham gradativamente.

9. A Filosofia Moderna. Giordano Bruno (1548-1600), um monge dominicano que nasceu perto de Nápoles, é considerado o pai da filosofia moderna. Ele fundamentou a sua filosofia sobre o neoplatonismo, mas levou em consideração as novas teorias científicas de Copérnico. Sua principal realização foi separar, finalmente, a filosofia da teologia. Visto que ele advogava uma espécie de panteísmo, identificando Deus com a natureza, foi acusado de heresia e queimado na fogueira, o que sucedeu em Roma, em 1600. Porém, seu pensamento influenciou Leibniz e Hegel, refletindo certos aspectos da cosmologia dos estóicos. Ver o artigo separado sobre *Giordano Bruno*.

Tomás Campanella (vide) (1568-1639) foi um importante filósofo desse período. Passou vinte e sete anos na prisão, por causa de suas idéias políticas. Ele advogava uma educação universal compulsória, com base na ciência e na matemática.

10. Períodos da Filosofia Moderna

a. *Empirismo inglês primitivo.* Francisco Bacon (1561-1626). Abandonou as especulações *a priori* e promoveu o empirismo e o método científico. Também fez oposição às antigas autoridades, como Aristóteles e os escolásticos, referindo-se aos *ídolos da*

mente, que aprisionam os homens. Ver o artigo separado sobre *Francisco Bacon*.

b. *Racionalismo continental*. Descartes (1596-1650) tem sido chamado por alguns de fundador da filosofia moderna. Foi um racionalista, um epistemologista e um metafísico dualista. Desenvolveu o *método cartesiano*, que consiste em deduções matemáticas generalizadas, com ênfase sobre a auto-observação. Ver o artigo separado sobre **Descartes**.

Benedito Spinoza (vide) foi um importante filósofo desse período. Suas datas foram 1632-1677. Ele combinava o neoplatonismo com os princípios da Renascença e do cartesianismo.

c. *Maiores desenvolvimentos*, no empirismo inglês, ocorreram em face da obra de John Locke (vide) (1632-1704). A sua idéia da *tabula rasa* (a mente humana é limpa como uma folha em branco, ao nascer) pôs a sua filosofia sobre o alicerce do empirismo e do método científico. Ele denunciava o conceito das *idéias inatas*, tendo desenvolvido uma complexa gnosiologia empírica. *George Barkeley* (vide), (1685-1753), o idealista, desenvolveu novas teorias do conhecimento. *David Hume* (vide) sacudiu o mundo da filosofia com o seu ardente *ceticismo*. Suas datas foram 1711-1776.

d. *O racionalismo alemão*. Ver sobre *Leibniz*. Ele foi matemático, filósofo, historiador e diplomata.

e. *A filosofia do iluminismo*. O movimento chamado Iluminação ou Iluminismo glorificava o conhecimento, a ciência, as artes, a civilização, o progresso e o humanismo. Ver o artigo separado sobre o *Iluminismo*. Tomás Paine, Guilherme Godwin, Leibniz, Wolff, Jean Jacques Rousseau, foram importantes figuras desse movimento, do ponto de vista da filosofia. Porém, Kant, Herder, Lessing e Schiller atacaram o racionalismo do movimento.

Emanuel Kant (vide) (1724-1804) exerceu uma imensa influência sobre o mundo da filosofia. Procurando acomodar-se ao ceticismo de Hume, ele o ultrapassou e desenvolveu o seu sistema das *proposições* (do conhecimento) e dos *postulados* (quanto à ética, à metafísica e à religião). Sua filosofia é complexa e muito abrangente em sua aplicação universal. Temos deixado essas questões serem consideradas no artigo separado sobre ele. Kant foi um *idealista*.

f. *Os sucessores de Kant* foram Fichte, Schelling, Schleiermacher e Hegel e, neles, encontramos novos desenvolvimentos do *idealismo alemão* (vide). Schleiermacher foi — o maior — de todos os idealistas religiosos de sua época. Hegel, por sua vez, foi o maior expositor do *idealismo absoluto*. Por sua vez, *Schopenhauer* deu ao mundo uma forma clássica do pessimismo, em sua filosofia da vontade.

g. *O positivismo* (vide) foi um resultado natural do empirismo. A metafísica foi completamente abandonada, e desenvolveu-se uma filosofia do método científico. Augusto Comte (1798-1857) estava interessado em reformar a sociedade e, por essa razão, trabalhou no tocante a uma ciência social positiva, tendo rejeitado o pensamento da Idade Média como primitivo. Seu sistema de conhecimento estava alicerçado sobre o conceito de que o conhecimento do homem ocorre em estágios, a começar pelo estágio teológico, ou estágio *antropomórfico* primitivo (infantil), passando daí para o estágio *metafísico*, de acordo com o qual os poderes ou entidades metafísicas substituem os seres humanos (tempo da adolescência) e terminando no estágio *positivo*, que abandona o «caminho» da teologia e enfatiza o «como» da lei da natureza. Dominam então a ciência natural e o método empírico. O artigo sobre *Augusto Comte* entra em maiores detalhes.

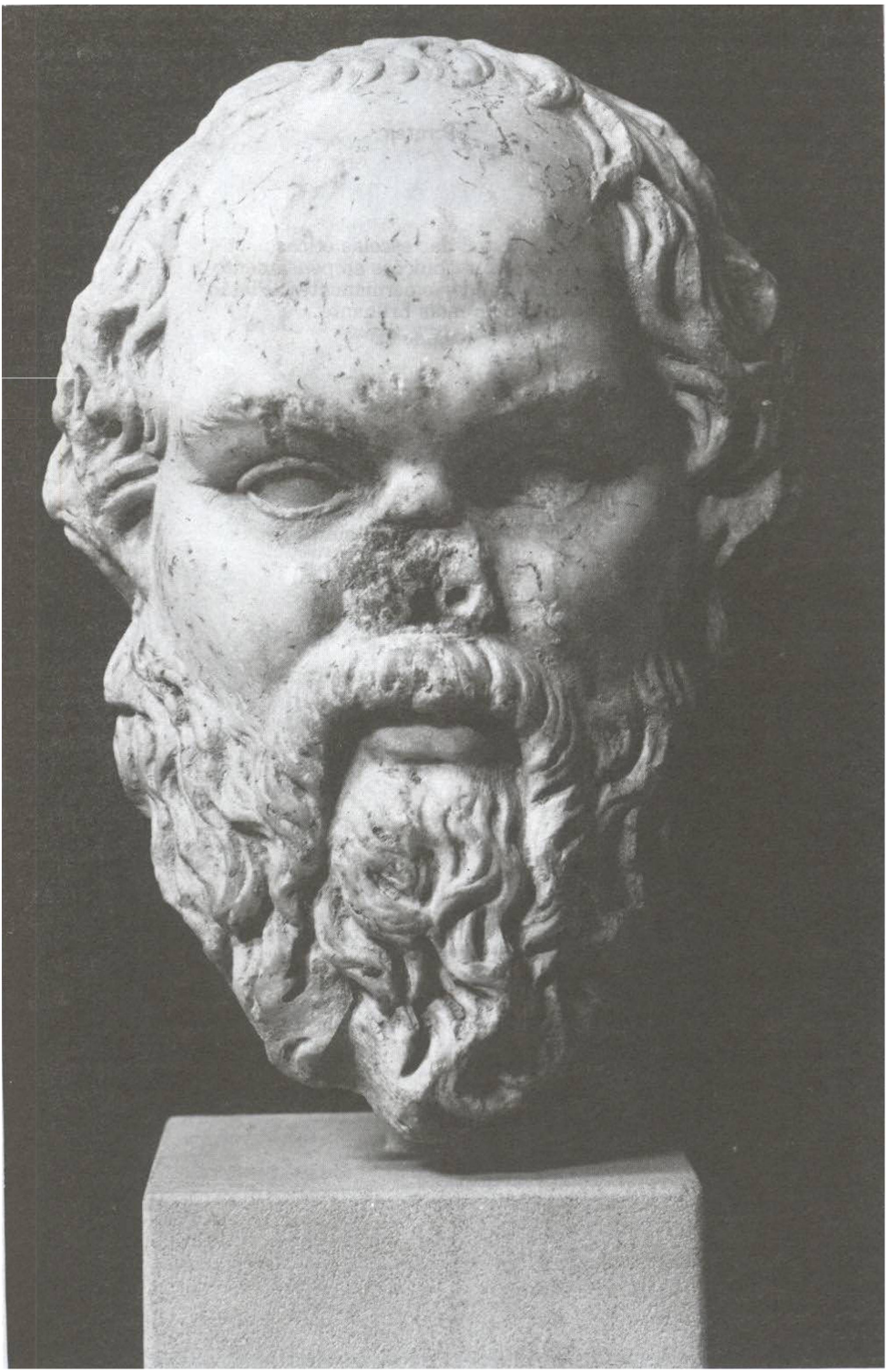
h. *O utilitarismo*. De acordo com esse sistema, a verdade é definida em termos de utilidade, e o prazer torna-se o alvo principal da atividade humana, sem importar qual o tipo de atividade. Ver os artigos separados sobre o *Utilitarismo*, sobre *Jeremias Bentham* (1748-1832), sobre *James Mill* (1773-1836), sobre *John Stuart Mill* (1806-1873). O utilitarismo esteve envolvido em muitas e variegadas reformas da sociedade, incluindo alterações fundamentais na lei.

i. A filosofia da evolução foi promovida por Charles Darwin (1809-1882). Ver os artigos sobre *Darwin* e sobre a *Evolução*. Herbert Spencer (1820-1903) trabalhou em quatro áreas das ciências: a biologia, a psicologia, a sociologia e a ética, e tem sido chamado de evolucionista cósmico. Ele promovia uma forma de agnosticismo (vide) que fazia o Absoluto tornar-se incapaz de ser conhecido.

j. *O novo idealismo* era o mesmo idealismo alemão transferido e adaptado para outros países. Na Inglaterra, importantes filósofos dessa escola foram Thomas Hill Green (1836-1882), Francis Herbert Bradley (1846-1924), Bernard Bosanque (1848-1923). Nos Estados Unidos da América do Norte, Josiah Royce (1855-1916) e Bordan Parker Bowne (1847-1910) mostraram-se proeminentes. Na Itália houve Rosmini-Sebati (1797-1855), Gilberti (1881-1952), Benedectto Croce (1866-1952), e Giovanni Gentile (1875-1944).

1. *O novo positivismo* foi desenvolvido por Ernesto Mach (1838-1916). Nele encontramos a equação entre a mente e o corpo. O método científico foi ainda mais desenvolvido. Richard Avenarius (1853-1896) seguia as idéias de Mach. Todas as categorias do intelecto humano eram concebidas como baseadas sobre a experimentação. O único método para obtenção do conhecimento estaria baseado sobre descrições por meio de proposições exatas, cientificamente determinadas. A metafísica foi por ele rejeitada, como se não tivesse significado para nós, simplesmente por não dispormos de meios para investigar tais assuntos.

m. *O pragmatismo*. De acordo com esse sistema, a verdade é definida em termos daquilo que funciona, que é prático, dependendo dos resultados das ações. Qualquer conceito de verdade absoluta, perfeita e imutável é abandonado. *Charles S. Peirce* (1839-1914) foi o formulador dos princípios do pragmatismo moderno. Uma definição de qualquer conceito reside na totalidade das ocorrências experimentais aplicadas à mesma. *William James* (vide) opunha-se ao racionalismo clássico e ao empirismo inglês tradicional. Ele incluía a fé religiosa em seu sistema, embora com base na praticalidade e utilidade dos seus conceitos. Seria prático e psicologicamente útil acreditar na existência de Deus e da alma. James foi um psicólogo que veio a crer no dualismo (a mente separada do corpo), em face de suas experimentações. Nos escritos de John Dewey (1859-1952) temos o pragmatismo como um instrumentalismo. O instrumentalismo é a idéia que diz que a cognição consiste em forjar os *instrumentos* ideais, que nos permitem equacionar qualquer situação dada. Não haveria finalidades, porquanto cada *fim* torna-se um novo *começo*, e a experimentação prossegue. As idéias seriam armas teleológicas da mente humana. As idéias são plásticas e devem a sua estabilidade às *funções* vitais a que servem. Outros filósofos pragmatistas de nomeada foram F.C.S. Schiller, A.W. Moore, J.E. Boodin e Hans Vaihinger.



Sócrates — 470-400 (200 D.C.)
Cortesia, Museum of Fine Arts, Boston

••• •••

Sócrates

Sócrates era o pai das escolas éticas gregas. Suas contribuições ao pensamento ético foram grandes e permanentes. Platão era seu discípulo mais brilhante.

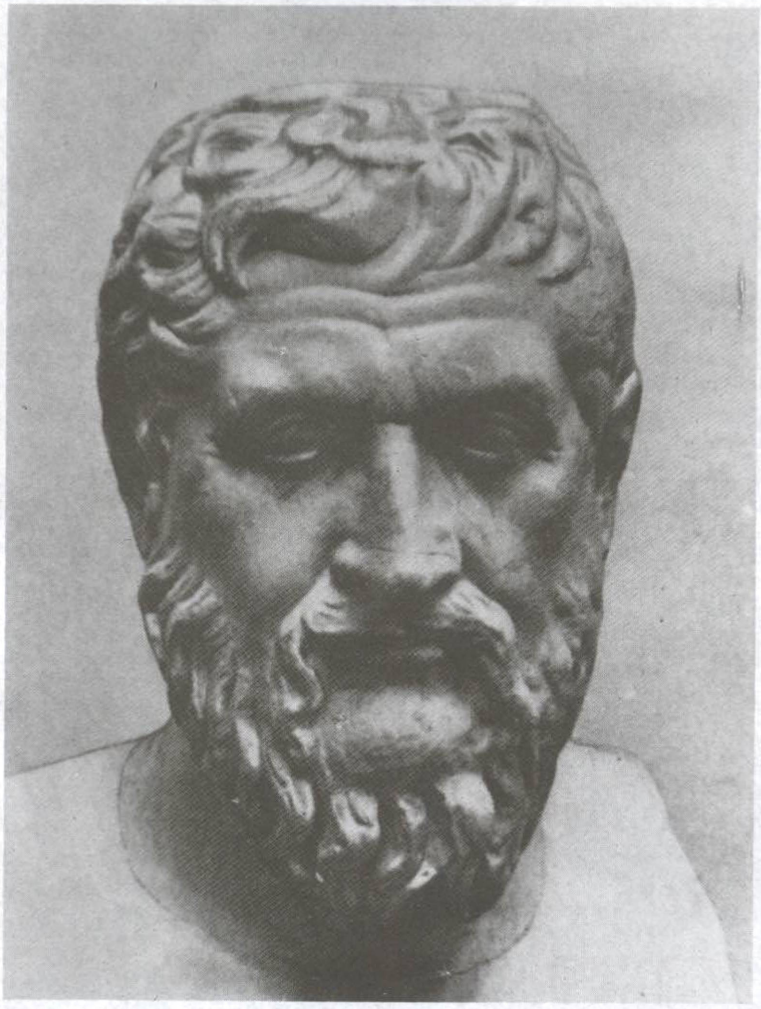
Sou cidadão, não da Grécia,
nem de Atenas, mas, sim,
— do mundo.
(em Plutarco, *De Exílio*)

Outros homens vivem para comer;
eu como para viver.
(em Plutarco, *Moralia*)

Querido Pã, e todos os deuses que assombram este lugar. Dai-me beleza de alma — e possam o homem exterior e o homem interior ser unidos e em harmonia.
(Sócrates)

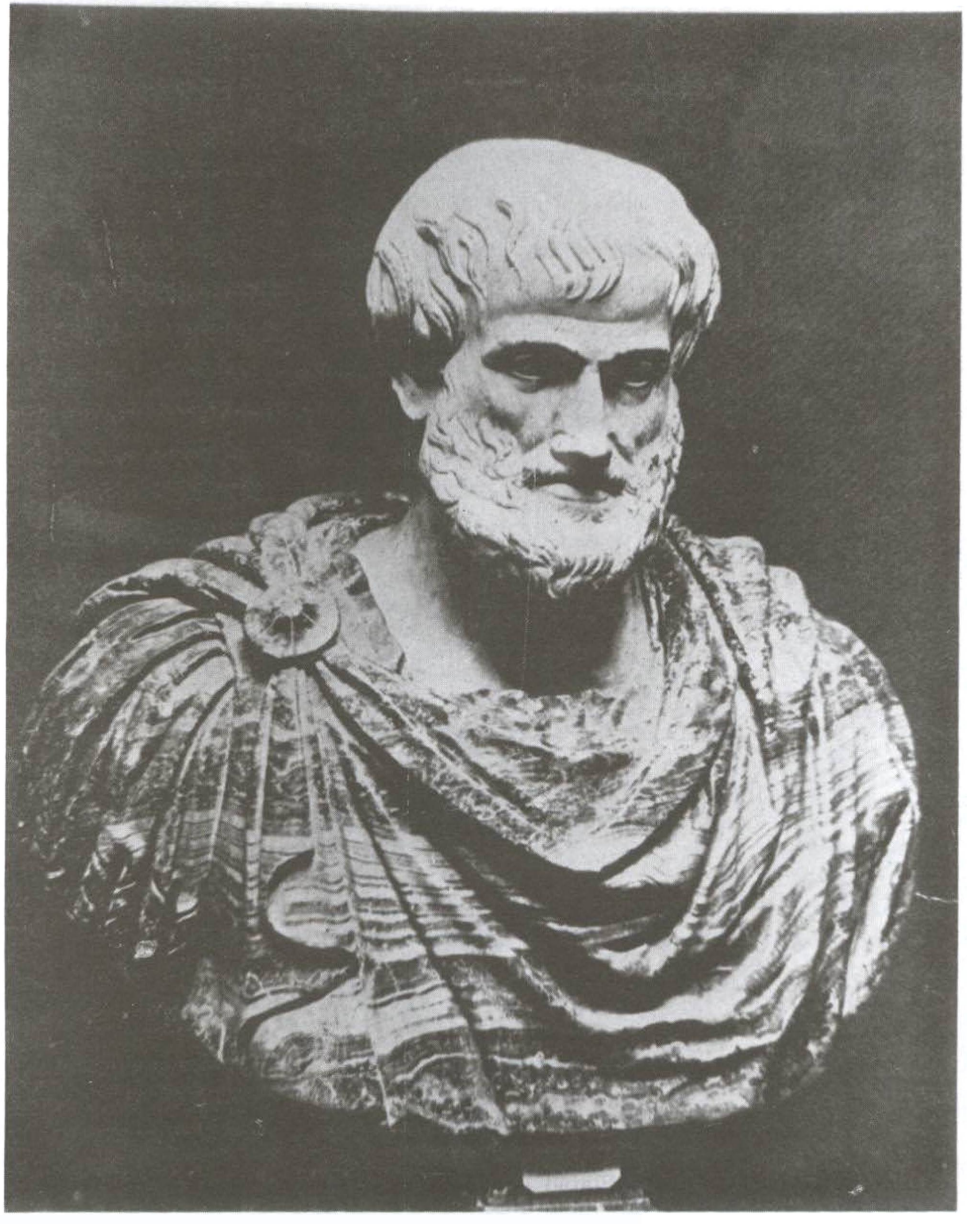
A mais bela música é a filosofia.
(Sócrates)

••• •••



Platão — 428-348 A.C.

Busto em Rockham Hall, University of Oxford
Cortesia, University of Oxford Press



Aristóteles — 384-322

Cópia romana de um original grego
Cortesia, Art Reference Bureau

•••

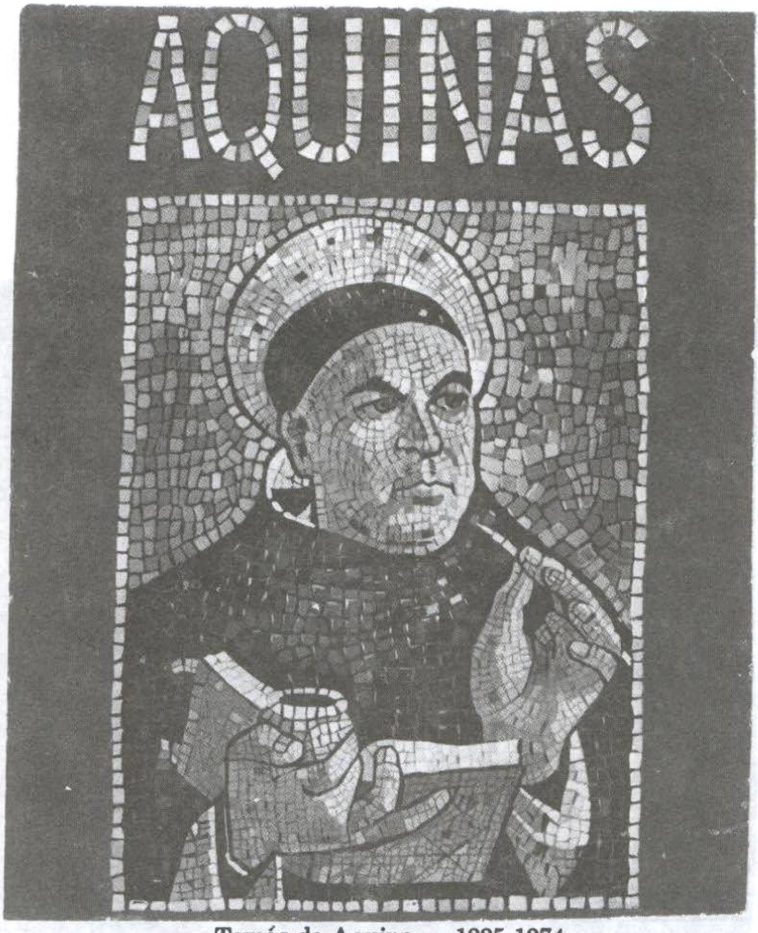
SANTO AGOSTINHO — 354-430

O elo que ligou o pensamento grego
e a filosofia escolástica
A maior figura na Igreja
desde o Apóstolo Paulo

••• •••



Acredito para que possa entender.
(Agostinho contra o ceticismo)
Dê-me caridade e continência —
mas não já-já.
(Agostinho no meio de sua
luta de consciência, antes
da sua conversão)
O que quer saber?
(eles perguntaram de mim)
Deus e a alma! (respondi)
Só isto? (retrucaram)
Só isto! (repliquei)
(Agostinho sobre os alvos da sua
busca de conhecer)
O Senhor tem perdoado e encoberto
os pecados do meu passado.
(Agostinho nas suas *Confissões*)



Tomás de Aquino — 1225-1274
— O Doutor Angélico



Emanuel Kant — 1714-1804

O que Tomás de Aquino representa para a filosofia católica romana, Emanuel Kant representa para a filosofia protestante.

•••

Homenagem ao Prof. Dr. Leonidas Hegenberg



Prof. Dr. Leonidas Hegenberg

Prof. Dr. Leonidas Hegenberg, o filósofo brasileiro que contribuiu, em obras originais e traduções, a maior quantidade de literatura filosófica, na língua portuguesa, de todos os tempos. Ver a homenagem ao Prof. Leonidas no lado reverso.

●●●

HOMENAGEM

●●● ●●●

ao *Professor Doutor Leonidas Hegenberg*

Encontrei-me, pela primeira vez, com Prof. Leonidas Hegenberg em 1968 quando visitei o ITA, São José dos Campos, onde ele era o chefe do Departamento de Humanidades. Ele me convidou para lecionar Filosofia da Religião, e assim começou uma longa e amável associação. No mesmo ano, por sua ajuda, comecei a lecionar História da Filosofia em outra faculdade e Filosofia e Inglês na Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá. Foi assim que fui estabelecido no ensino universitário no Brasil. Devo muito ao meu amigo, Leonidas, por ter me ajudado num momento crítico da minha carreira profissional.

Minha homenagem ao Prof. Leonidas é pessoal, mas também, profissional. Sua realização na literatura filosófica, em língua portuguesa, tem sido gigantesca.

* Escreveu 19 livros originais sobre Lógica, Gnosiologia e Filosofia da Ciência
* Traduziu 80 livros para o português.
* Publicou mais de 40 artigos em vários periódicos filosóficos no Brasil e no exterior.
* Contribuiu com mais de 500 notas, comentários e resenhas para diversos periódicos, sobretudo em «O Estado de São Paulo», «Revista Brasileira de Filosofia», «Ita-Humanidades» e «Convívio».
* Colaborou na escrita de diversas enciclopédias.
* Criou e editou (por 13 anos) a revista Ita-Humanidades, uma revista distribuída em mais de 40 países.

A ele faço esta homensagem, agradecendo sua amizade e reconhecendo seu trabalho profissional. É um filósofo *por excelência* a quem dediquei minha *magnum opus*, *O Novo Testamento Interpretado*.

Professor Doutor Leonidas Hegenberg é a maior figura literária no campo de filosofia, em língua portuguesa, de todos os tempos.

●●● ●●● ●●●

Oferecemos artigos separados sobre os filósofos mencionados por toda esta seção.

n. *Reavivamento do realismo*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Ver também sobre a posição oposta, o *Idealismo*. O realismo defende a idéia de que o mundo exterior é *real*, mesmo que nenhum agente o esteja percebendo. O *idealismo* supõe ou que o mundo é criação das nossas idéias, ou que aquilo que podemos saber a seu respeito (mesmo que seja uma entidade distinta) vem apenas através das nossas idéias. O neofomismo é um realismo católico romano. Na Alemanha, Granz Brentano (1838-1917), Alexius Meinong (1853-1920) e Edmund Husserl (1859-1938) foram importantes figuras do realismo. Husserl deu ao século XX uma de suas mais importantes doutrinas filosóficas, a *fenomenologia* (vide). A fenomenologia é a ciência de todos os *fenômenos*, os reais e os apenas aparentes. Na Inglaterra, os principais vultos do realismo foram G.E. Moore, Bertrand Russell, S. Alexander e Alfred North Whitehead, acerca dos quais oferecemos artigos separados. Nos Estados Unidos da América do Norte, também houve muitos **neo-realistas** como E.B. Holt, W.T. Marvin, W.P. Montague, R.B. Perry, W.B. Pitkin e E.G. Spaulding; e também houve realistas críticos, como D. Rake, A.O. Lovejoy, J.B. Pratte, A.K. Rogers, George Santayana, R.W. Sellars e C.A. Strong.

o. O *existencialismo* (vide) é representado por Kierkegaard, Heidegger, Sartre e outros, sobre os quais também oferecemos artigos separados.

p. *Os filósofos não-ocidentais*, como os hindus, chineses e japoneses, também merecem artigos separados nesta enciclopédia.

V. A Filosofia e a Fé Religiosa

As religiões, de modo geral, estão alicerçadas sobre a experiência mística. Um profeta recebe uma visão; discípulos reúnem-se em torno dele, como uma importante figura religiosa; seus discípulos registram suas visões e ensinamentos; livros sagrados desenvolvem-se a partir desses registros; forma-se uma organização (Igreja), a fim de preservar e promover aqueles ensinos. Tudo começa nas visões e no discernimento ou intuição do profeta. Por outro lado, a filosofia é basicamente uma inquirição racional e empírica, embora também possa incluir elementos místicos. Muitas pessoas religiosas opõem-se à filosofia e outras chegam mesmo a desprezá-la abertamente. Tal atitude é difícil de compreender. Deus é o criador do intelecto (razão) e é difícil imaginar que alguém seria um antiintelectual, ainda que não anele por enfatizar a intelectualidade humana. Ver o artigo sobre o *Antiintelectualismo*. Nesse artigo afirmo muitas coisas que as pessoas religiosas haverão de considerar com proveito.

1. Erros das pessoas religiosas, em seu raciocínio. Apesar de ser verdade que a **revelação**, uma subcategoria do *misticismo* (vide) é a fonte principal da verdade religiosa, outros modos de conhecimento, como a razão, a intuição e o empirismo são úteis, produzindo algo que deveríamos conhecer, mas que a revelação não esclarece. Antes de tudo, temos de interpretar a revelação, e isso requer o uso da razão. Em segundo lugar, nosso entendimento da revelação deve-se, em parte, à nossa intuição e discernimento. Em terceiro lugar, o terreno inteiro da ciência foi desenvolvido por meio do empirismo. Ali encontramos discernimentos quanto a questões de verdade de que precisamos, a fim de chegar a uma gnosiologia adequada. O conhecimento bíblico tem sido muito fomentado pelo avanço nos estudos da geologia, da arqueologia, da astronomia, da biologia e de outras ciências. A ignorância não tem qualquer valor, embora, em alguns círculos religiosos, ela tenha sido valorizada como se fosse uma virtude. O próprio Deus é o *Grande Intelecto*, sabendo tudo sobre todos os campos do conhecimento. Todas as ciências estão apenas descobrindo quais são os pensamentos de Deus, e a ciência é uma busca legítima. Nem todas as pessoas têm uma missão religiosa. Quando um cientista desempenha bem o seu papel e cumpre a sua missão, está servindo a Deus. A ciência tem aclarado certas idéias religiosas, forçando os religiosos a modificarem as suas idéias metafísicas. Certas noções teológicas têm sido abandonadas, por causa do avanço da ciência. Não mais cremos que a terra seja o centro do universo, e que ela esteja parada no espaço. Não mais seguimos a antiga cosmogonia dos hebreus (vide), segundo a qual a terra seria chata, boiando sobre a água, e sobre colunas, com um firmamento (ou taça invertida) por cima, separando águas de águas. Interpretações modernas têm fixado no papel essas idéias primitivas, mas é simplesmente melhor admitirmos que a ciência nos tem feito avançar além de algumas crenças teológicas existentes na antiga cultura dos hebreus, que transparecem na Bíblia em alguns lugares. Ver os artigos sobre a *Cosmogonia* e sobre a *Cosmologia*, onde essas questões são ilustradas. A ciência tem demonstrado a grande antiguidade da terra, especialmente através da *astronomia* (vide), e não mais falamos sobre um jovem globo terrestre, com não mais de seis mil anos de idade. Muito pelo contrário, sabemos que o sistema solar tem, pelo menos, dezesseis bilhões de anos de antiguidade, e que a terra tem entre quatro e cinco bilhões de anos.

2. A própria revelação não é perfeita. Nenhum método para se conhecer as coisas, que o homem conhece, está destituído de erros. Os homens, através dos seus *dogmas*, dizem-nos que a revelação é perfeita e completa. Porém, nem as próprias revelações bíblicas dizem tal coisa a seu respeito. Os homens têm um profundo desejo de conhecer os assuntos religiosos em termos absolutos. O que buscam é o *conforto mental*, valorizando o mesmo mais do que a busca autêntica pelo conhecimento. Consideremos o seguinte fator: quanto mais elevada for uma experiência mística, mais inefável será ela. Se quisermos entender certas revelações místicas teremos de reduzi-la a uma forma compatível com a mente humana. Isso significa que, desde o começo, aquilo que conhecemos deve ser adaptado segundo termos antropomórficos. Somente *Deus* realmente conhece a *teologia*. A teologia humana é limitada pela nossa pequenez humana, e falar em outro tom é tornar-se ridículo. Isso posto, não devemos exibir em demasia a nossa ignorância, afirmando que a revelação é completa e perfeita. Tudo quanto passa pela mente do homem e é adaptado à fraca intelectualidade humana, torna-se necessariamente incompleto e imperfeito. Sendo esse o caso, faríamos bem em deixar a luz brilhar de outras maneiras, procurando destacar o *como* e o *quê* dos nossos conhecimentos. A verdade é uma inquirição eterna, e não um acontecimento que nos vem de um golpe só. Isso não significa, entretanto, que não contamos com algumas verdades importantes. De fato, dispomos de verdades que formam o alicerce das nossas vidas, verdades pelas quais bem podemos viver e morrer.

3. Filosofia, serva da teologia. Apesar de ter sido bom que Giordano Bruno tenha dado nascimento à filosofia moderna, — que, por isso, tornou-se novamente uma disciplina distinta, a filosofia

continua servindo para aclarar o pensamento e as crenças religiosas. É óbvio que o teólogo que também é treinado na filosofia é um teólogo melhor do que se não tivesse recebido tal treinamento. Em primeiro lugar, tal teólogo entende as implicações da teologia bem melhor. Minha própria associação com teólogos e filósofos tem demonstrado isso para mim. De fato, posso afirmar com segurança que a melhor coisa que um teólogo pode fazer, a fim de ampliar os seus conhecimentos e a sua maneira de pensar, é estudar a filosofia. Quase todas as escolas teológicas reconhecem isso, requerendo alguma base filosófica para seus alunos de teologia. Além disso, por seus próprios direitos, inteiramente à parte de ser uma ajuda para a teologia, a filosofia tem-nos provido conhecimentos muito úteis. Consideremos os campos da ética, da metafísica e da gnosiologia. Quando a teologia não tem o respaldo da filosofia, mostra-se bastante fraca nesses campos. Não foi por mero acidente que, até o século XX (quando o empirismo assumiu tanta importância, através do surgimento da atitude científica), a maioria dos filósofos ou tem sido ministros ou filhos de ministros. É verdade que a filosofia tem suas corrupções e idéias más; mas outro tanto acontece no campo da teologia. Nada obtemos com a ignorância. A alma iluminada age melhor quando sabe quais opções pode tomar, e não sofre tanto quando se equivoca na busca do conhecimento.

4. A atitude e a filosofia do Novo Testamento. É verdade que Paulo, o rabino judeu, com sua mente repleta de visões e de elevadas buscas espirituais, não encontrou muito uso teórico para a filosofia, conforme se vê em I Cor. 1:18 ss. Por outro lado, os eruditos reconhecem o quanto ele dependia do estoicismo romano, em suas idéias éticas. Tarso era um centro dessa escola de pensamento e Paulo estava familiarizado com as suas máximas, muitas das quais ele usou direta ou indiretamente em suas epístolas. De certa feita, Paulo tentou atuar como filósofo e não obteve muito sucesso (ver Atos 17). Por outro lado, Justino Mártir conduziu muitos intelectuais a Cristo, usando uma abordagem filosófica da fé religiosa, pois supunha que a melhor porção da filosofia grega atuava como mestre-escola para conduzir os pagãos a Cristo, tal como a lei assim fazia no caso dos judeus. Os pais gregos da Igreja concordavam com essa atitude e sempre encontraram muito uso para a filosofia.

O único lugar no Novo Testamento onde a palavra «filosofia» é usada é em Colossenses 2:8, e onde Paulo mostra-se contrário em termos enfáticos. Porém, ali o apóstolo opunha-se às inúteis especulações do gnosticismo, e não à filosofia como um todo. O apóstolo dos gentios empregava o método filosófico quando procurava descortinar os princípios amplos e universais, em sua cosmologia, no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, em sua ética no sétimo capítulo de Romanos, e em sua filosofia da história, nos capítulos nono a décimo primeiro de Romanos. Essas passagens certamente vão além daquilo que se poderia esperar da parte de um rabino judeu, demonstrando que ele tinha uma ampla educação que, embora não fosse principalmente filosófica, *incluía* esse aspecto. Essa circunstância é legítima e pode ser imitada de modo seguro e com proveito. (AM BE E EP F MM P)

FILOSOFIA ANALÍTICA

Sob esse título, vários e diferentes programas filosóficos têm sido designados, notavelmente os de Bertrand Russell, G.E. Moore, os positivistas lógicos, Ludwig Wittgenstein e outros. O que eles têm em comum é que nenhum deles procura erigir um sistema metafísico que (como o de Bradley ou o de Leibniz) descreva o mundo diário «apenas como aparência», localizando a Realidade em outro modo de ser, totalmente diferente. Isso não equivale a dizer que nenhum filósofo analítico entra na questão da metafísica.

A *análise* de Russell foi projetada para revelar as estruturas lógicas que a linguagem normalmente oculta. G.E. Moore usou a palavra para indicar o esclarecimento sistemático de qualquer proposição. Tenho um corpo, o tempo é real, etc., mas não posso dizer como e por quê. A tarefa da análise consiste em explicar e em evitar tais declarações como «o tempo não é real», «o mundo é ilusório». No positivismo lógico, a análise tornou-se científica. A sua linguagem é empregada em descrições científicas e empíricas, agressivamente hostis à metafísica, intitulando tais proposições de destituídas de sentido. Ver o artigo sobre *o positivismo lógico*. Wittgenstein, em seus primeiros estágios, usou um tanto os métodos de Russell, promovendo uma análise reducionista, referindo-se à linguagem como uma «pintura» de fatos. Posteriormente, ele veio a crer que a linguagem não tem a única e simples função de descrever o mundo dos fatos. Antes, há muitas e irredutíveis funções da linguagem, servindo a uma multidão de diferentes propósitos humanos. A tarefa do analista consiste em identificar e discriminar essas funções. Muitos problemas filosóficos surgem do uso descuidado da linguagem, e ao analista cabe demonstrar isso.

Uma importante tarefa da filosofia analítica é descobrir o sentido de alguma pergunta. E então, mediante a análise, tentar provar a resposta, ou respostas. Determinadas perguntas não têm sentido, e não merecem ser filosoficamente investigadas. Outra de suas tarefas é a iluminação lógica dos pensamentos, a fim de evitar o que é fato e o que é desarrazoado. (C EP MM)

FILOSOFIA DA BIOLOGIA

De acordo com isso, a biologia é concebida segundo termos filosóficos. As três abordagens básicas têm sido o *reducionismo*, o *vitalismo* e a *biologia orgânica*. Ver os artigos separados, nesta enciclopédia sobre todas as três questões. O artigo sobre a *Biologia* oferece breves definições sobre esses termos, adicionando alguns poucos comentários sobre o problema em geral.

A doutrina platônica dos universais tem aplicações à filosofia da biologia. Platão supunha que existem entidades eternas, imutáveis e espirituais que obrigam as formas biológicas a serem o que são, visto que essas formas seriam cópias das realidades universais. O *conceptualismo* (vide) supõe que todas as coisas que existem emergem das idéias divinas.

FILOSOFIA DA CIÊNCIA

Esboço:

I. Definições e Caracterização Geral
II. Desenvolvimento Gradual
III. Debilidades da Filosofia da Ciência
IV. Contribuições da Filosofia da Ciência
V. Esboço da História da Filosofia da Ciência

I. Definições e Caracterização Geral

Trata-se do estudo filosófico da ciência, por meio do qual seus métodos, alvos e limitações são estabelecidos. A pesquisa científica organizada,

através do método empírico, tem desenvolvido a maior parte de nossos campos do conhecimento; e para algumas pessoas, essa parece ter sido a *única* maneira autêntica de buscar conhecimentos. A filosofia da ciência, pois, procura mostrar o que há de significativo e distintivo nas asserções feitas pelos cientistas; o que distingue as meras opiniões do conhecimento sólido; como distinguir a verdadeira ciência da pseudociência; quais são os verdadeiros métodos científicos; e até que ponto a ciência pode reivindicar possuir um conhecimento genuíno.

II. Desenvolvimento Gradual

Aristóteles tinha uma ingênua filosofia da ciência. Ele supunha que um juízo, juntamente com uma completa descrição, *seria* o conhecimento. Para exemplificar, suponhamos que eu fosse um zoólogo. Eis que capturo uma ave na floresta. Então chamo o pássaro por seu nome correto. Assim fazendo, terei emitido um juízo. Em seguida, passo a descrever a ave de todas as maneiras possíveis, incluindo a sua estrutura atômica, se é que tenho acesso a esse tipo de conhecimento (Aristóteles não tinha tal acesso). Quando minha descrição tornar-se absolutamente completa, segundo pensava Aristóteles, então terei atingido o pleno *conhecimento* sobre aquela ave. Essa maneira de pensar envolve muitas debilidades, que são descritas abaixo, na terceira seção.

Platão, por sua vez, negava que um mero juízo e uma completa descrição possam produzir o conhecimento. Ele salientava que esse processo depende da percepção dos sentidos, que será algo sempre parcial. Para ele, o conhecimento sempre deveria ser do real, do *universal* (vide), e não acerca dos particulares, dos objetos terrenos, meras cópias da realidade. Esse tipo de realismo, naturalmente, era rejeitado por Aristóteles, que sempre via o universal nos particulares, e não distinto dos mesmos.

Os sofistas, além de outros céticos, abandonaram a busca do conhecimento através da percepção dos sentidos, ou qualquer outro método. Os primeiros cientistas da era moderna assumiam a posição aristotélica sobre o conhecimento, supondo que as suas descobertas logo solucionariam os mistérios do Universo. Foi então que o conhecimento da complexa natureza do átomo começou a aflorar e esses muitos e profundos mistérios derrubaram por terra todas as teorias do conhecimento. Os cientistas, então, retrocederam para o ponto de vista do ceticismo e começaram a asseverar que devemos chamar de conhecimento àquilo que funciona, que é prático, que dá resultados, sem importar quantas teorias não resolvidas restem acerca da natureza da matéria ou do próprio universo. Kant afirmava que até mesmo aquilo que dizemos sobre algo já foi determinado pelas categorias da mente, pelo que poderia ser reflexo ou não da verdade objetiva. O resultado disso foi que o *positivismo lógico* (que é nossa atual filosofia da ciência; vide), permanece cético acerca de um conhecimento completo e perfeito, rejeitando a metafísica como destituída de sentido, e considerando como conhecimento somente àquilo que tem utilidade imediata.

III. Debilidades da Filosofia da Ciência

1. A ciência moderna tem sido reduzida ao método empírico, tachando de «sem sentido» às conclusões obtidas mediante outros métodos, como o racionalismo, a intuição e o misticismo. No entanto, o conhecimento sobre as verdades mais profundas, como aquelas que dizem respeito à alma, à ética, à cosmologia e a Deus, só pode ser obtido com maior proveito através desses outros métodos, embora não sejam exatos como a matemática. Ao depender somente do *empirismo* (vide), a ciência moderna tornou-se provincialista, parcial. Quando se lê os escritos dos filósofos científicos, vêem-se óbvios hiatos em seu conhecimento acerca do que está sucedendo em outros campos. Eles não dispõem de meios para examinar um homem como *Satya Sai Baba*, só para exemplificar. Se o leitor empregar tempo para ler algum bom artigo sobre ele, perceberá porque faço esta crítica. No tocante à alma, que, desde há muito, tem sido um de meus temas preferidos, sinto-me na obrigação de afirmar que muitos cientistas não têm tomado consciência do que se está desvendando no campo dos estudos sobre a alma, até mesmo no campo das investigações científicas. A abordagem atual é cética, negativa e, com freqüência, hostil a toda pesquisa espiritual, porquanto os cientistas são impelidos por uma modalidade peculiar de crença, uma mescla de ateísmo, empirismo e ceticismo. Naturalmente, estou generalizando, mas reconheço que há exceções. De fato, até parece que os cientistas pioneiros são exatamente aqueles que estão começando a dar-nos provas empíricas da existência da alma; e isso tem servido de valiosa contribuição para o aclaramento das idéias. Nessa busca, a ciência vai-se tornando paulatinamente mais religiosa, e a religião vai-se tornando mais científica! Ver o artigo sobre as *Experiências Perto da Morte*, quanto a uma abordagem científica acerca da alma. Além disso, no artigo intitulado *Imortalidade*, temos oferecido uma seção chamada *Abordagem Científica à Crença na Alma e em sua Sobrevivência ante a Morte Física*, que expõe uma abordagem científica geral acerca desse assunto. Nosso propósito, ao mencionar essas coisas, é mostrar que apesar de acusarmos a ciência de provincialista, temos consciência do fato de que os pioneiros no campo das ciências estão contribuindo decisivamente até mesmo no tocante ao conhecimento vinculado a importantíssimas questões religiosas.

2. A filosofia da ciência não demonstra o devido respeito por outros modos de se tomar conhecimento, como a razão (mesmo sem a experimentação), a intuição e o misticismo. O conhecimento também nos pode ser dado através desses métodos, atingindo informes que estão além da abordagem empírica. Ver o artigo sobre o *Misticismo*.

3. Apesar da ciência poder adotar legitimamente uma *metodologia atéia*, isto é, sem envolver Deus no quadro, a fim de tentar solucionar mistérios que, provavelmente poderão ser finalmente solucionados do ponto de vista natural, por via do empirismo, deve-se reconhecer a hostilidade de muitos cientistas a qualquer abordagem que não seja empírica, por causa de seu pronunciado ateísmo. Mas, algum dia, os cientistas terão de incluir fatores como Deus e a espiritualidade, em seus laboratórios. E assim, quando ultrapassarem o que para eles constitui uma grande barreira, terão obtido um significativo avanço.

4. Os cientistas, seguindo as idéias de seus próprios pioneiros, deveriam considerar com seriedade o conceito que a matéria é apenas secundária, de tal modo que, mesmo que seja plenamente descrita, não pode servir de base da existência. É provável que, por detrás da matéria, esteja a *mente*, e que, por detrás da mente, esteja a *Mente Absoluta* (Deus). Na verdade, conforme dizia Max Planck, o Universo é muito mais como uma idéia do que como uma grande máquina.

5. As tendências exibidas pelos cientistas por desencorajarem os juízos de valor mostram uma degradação, e não um avanço. A primeira de todas as ciências é precisamente a *ética*, que eles desprezam em suas investigações científicas.

6. Os positivistas lógicos apressam-se a classificar de *sem sentido* (se verdadeiro ou se falso, não sabemos dizer) a tudo aquilo que não é sondado pelos métodos científicos e empíricos. Isso não passa de um esnobismo no campo da gnosiologia; é não estudar as coisas com rigor filosófico. A maioria dos cientistas mantém-se inteiramente inconsciente do que está sendo descoberto em outros campos de investigação, especialmente nos campos da *parapsicologia* (vide) e do *misticismo* (vide).

7. A fim de existir, a ciência precisa depender da *invariabilidade*, visto que a menos que as experiências possam ser repetidas, de acordo com leis constantes, nada resultaria disso senão o caos. No entanto, a *teleologia* (vide) é uma importante proposição *metafísica*, pelo que deveria não ter sentido para os filósofos da ciência. Mas cabe-nos perguntar como é que existem leis invariáveis na natureza, a menos que alguma Força Mental tenha estabelecido tais leis. Porventura a teleologia seria resultado do mero acaso? Não são esses termos opostos, contraditórios? A fim de pensar ou especular de modo inteligente acerca da natureza (mesmo que não chegue a questões mais profundas, como a alma ou como Deus) o indivíduo precisa romper as cadeias do empirismo.

IV. Contribuições da Filosofia da Ciência

Se os cientistas não tivessem seguido tão teimosamente o seu empirismo, e sua fanática aplicação à técnicas de laboratório, não poderiam ter chegado aos fantásticos resultados que vemos atualmente. Todos os fanáticos tendem por mostrar-se unilaterais naquilo que pensam e fazem; mas, nessa intensidade, com freqüência obtêm melhores resultados do que outras pessoas. Muitos mistérios anteriores cederam diante dos métodos e da metodologia empíricos (mesmo que não da teoria empírica). O ateísmo, pois, tem servido de útil instrumento nas mãos dos cientistas. Ver o artigo separado sobre o *Ateísmo Metódico*. O *Positivismo Lógico* (vide) tem funcionado como um feixe de raio laser, para realizar as tarefas da ciência. Porém, precisamos lembrar que nem toda a luz está concentrada nos feixes de raio laser. Ver o artigo sobre a *Religião e a Ciência*. Em uma das seções desse artigo oferecemos comentários sobre a própria ciência, e o que os filósofos têm dito acerca da natureza da ciência. Muitos aspectos da filosofia da ciência são ali expostos. Uma das maiores realizações da ciência tem sido tornar obsoletas várias teorias teológicas, o que tem forçado os teólogos a fazerem as adaptações necessárias. Para exemplificar, sabemos agora que a terra não é o centro do Universo, e que ela se movimenta; que a criação (o Universo) é deveras antiqüíssima; que as antigas teorias sobre uma terra plana, sobre um firmamento, tipo taça invertida, sobre a terra a repousar sobre a água, mediante colunas, são conceitos falsos. Ver o artigo sobre a *Astronomia*, quanto a ilustrações. A controvérsia acerca da *evolução* (vide) continua.

V. Esboço da História da Filosofia da Ciência

1. Antigas idéias de Platão, de Aristóteles, dos sofistas e dos céticos têm sido discutidas sob a seção segunda deste artigo.

2. Os primeiros cientistas da era moderna tendiam por aceitar o ponto de vista aristotélico ingênuo.

3. *Francis Bacon* insistia quanto ao método indutivo nas pesquisas científicas. Equivocadamente, ele chamou Aristóteles de racionalista *a priori*; mas na realidade, ultrapassou a Aristóteles quanto à indução radical, que era o seu método preferido.

4. *Descartes* e *Leibniz* expressaram grandes reservas acerca do empirismo, porquanto sentiam que todas as verdades são verdades da razão. A dedução, através de princípios racionais, para eles era mais importante do que a indução.

5. *Locke* e *Hume* afirmavam que todo o conhecimento vem através da percepção dos sentidos, combatendo a noção das idéias inatas. Hume chegou a exagerar, quando criou o seu ceticismo radical; mas, ao assim fazer, influenciou toda a ciência a partir de sua época.

6. *Emanuel Kant* procurou reconciliar o racionalismo com o empirismo, insistindo, em primeiro lugar, que o racionalismo é correto, pois tudo quanto sabe e afirma emerge das categorias racionais da mente, mas que o conhecimento, no mundo prático de todos os dias, precisa ser empiricamente provado. Desse modo, ele presenteou o mundo filosófico com o conhecimento empírico *à priori*. No entanto, ele pode ter expressado apenas um idealismo subjetivo. Todavia, suas contribuições à teoria do conhecimento são óbvias.

7,8. *John Stuart Mill* e *William Whewell* especializaram-se no estudo da indução e do método empírico. Entretanto, Whewell, influenciado por Kant, interpretava a indução como uma *coligação*, ou seja, relacionando um fenômeno a uma hipótese, de tal modo que um fenômeno pudesse ser deduzido de uma hipótese.

9. O desenvolvimento do *convencionalismo* (vide), de acordo com o qual o conhecimento repousaria sobre uma convenção (ou uso) e não sobre o que é natural para o que é real, foi um passo importante ao longo do caminho para o moderno desenvolvimento da filosofia da ciência.

10. *Mach* considerava todos os conceitos científicos como sumários da percepção dos sentidos, tornando-se uma maneira de predizer experiências futuras.

11. *Poincaré* defendia o convencionalismo, supondo que todos os princípios da ciência seriam convencionais, mesmo que as leis não o sejam.

12. *Duhem* pensava que a tarefa da ciência consistia em descobrir a estrutura das relações entre as aparências.

13. *Pearson* asseverava que a ciência é descritiva, e que suas descrições estão alicerçadas sobre a percepção dos sentidos. A ciência, pois, não seria principalmente explicativa, e nem existe para chegar a verdades fixas.

14. O *pragmatismo* tem-se tornado um importante elemento da filosofia da ciência. C.S. Peirce desejava eliminar as declarações destituídas de sentido. Ele enfatizava a abdução como uma das três formas básicas de inferência, juntamente com a indução e a dedução. A abdução indica inferências meramente prováveis. Ver o artigo separado sobre a *Abdução*. O pragmatismo afirma que o valor da verdade e o significado de qualquer pensamento, ato ou conceito científico reside na praticabilidade e na utilidade, e não em sua exatidão teórica. O pragmatismo abandonou a teoria, substituindo-a inteiramente pela prática, por aquilo que parece viável ao homem.

James e Dewey continuaram a usar esse modo de pensar e influenciaram tanto a filosofia quanto a ciência.

15. *O atomismo lógico*. Wittgenstein chamava as verdades lógicas de *tautologias*. Complexas proposições emergem de proposições mais elementares, e as proposições mais elementares são quadros da realidade. Suas idéias influenciaram o desenvolvimento do chamado *Círculo de Viena* (vide).

16. *Bertrand Russell* desenvolveu as idéias de

Wittgenstein e apresentou o seu *atomismo lógico*. Para ele, o mundo constituir-se-ia de fatos atômicos, que podem ser representados por proposições elementares.

17. O *positivismo lógico* resulta do empirismo extremo. Ver o artigo separado a esse respeito. A assertiva básica é que somente experiências comprovadas em laboratório nos fornecem conhecimentos verdadeiros, mas que até mesmo esse tipo de conhecimento consiste apenas em taxas de probabilidade, que se tornam úteis na prática. Esse sistema é uma espécie de ceticismo científico.

18. O *operacionalismo* (vide) tomou por empréstimo elementos tanto do pragmatismo quanto do positivismo lógico. P.W. Bridgeman (vide) interpretava os significados ou as definições em termos de operações.

19. *Karl Popper* (vide) invocava a verificação como um modo eficaz de fazer investigações científicas. Ele enfatizava ainda mais o elemento da *falsibilidade*.

20. As *modernas filosofias da ciência* incorporam as idéias da indução, do ceticismo, do positivismo lógico, do pragmatismo, do operacionalismo e da falsibilidade. Mário Bunge advertiu-nos contra o mito da simplicidade. Ainda há muita coisa a ser dita acerca de todas as filosofias e de toda a ciência. Paul K. Feyerabend (vide) tem argumentado em favor da ênfase e da novidade, na produção de teorias e tem feito avisos contrários à uniformidade. Todos os campos de conhecimento conduzem-nos a coisas novas, e jamais as portas deveriam ser fechadas para novos desenvolvimentos. (AM E EP F P MM)

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Ver **Educação, Filosofia da.** Ver também sobre a **Educação Cristã.**

FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Essa expressão não deve ser confundida com *História da Filosofia* (ver sobre *Filosofia*, quarta seção). A *Filosofia da História* é o exame filosófico da história, na tentativa de verificar se é possível chegar-se a uma descrição filosófica da própria história. Por outra parte, a História da Filosofia acompanha as idéias filosóficas de maneira cronológica através da história.

Quanto a definições filosóficas da história, ver sobre *História, Definições Filosóficas da*. As definições filosóficas da história não apresentam, necessariamente, qualquer teoria sistemática quanto ao que está envolvido no processo histórico, pelo que aquele assunto deve ser distinguido do que apresentamos aqui.

Há uma boa diferença entre a história e a filosofia da história. A primeira estuda a história, sem tentar descobrir ali quaisquer padrões repetitivos ou qualquer desígnio ou lei normativa de qualquer espécie. Mas, sempre que alguém encontra alguma força orientadora, ou coisas que têm significado e se repetem, formando ciclos, então já estaremos tratando com a filosofia da história. Ou então, talvez a filosofia da história de alguém é que não existe tal coisa como esses padrões, mas a história seria destituída de desígnio por ser caótica. E, visto que aquele que assim faz já estará filosofando sobre a história, fazendo a respeito dela alguma forma de declaração filosófica, então estará, ao mesmo tempo, criando uma filosofia da história.

1. *A cultura judaica* tinha uma filosofia da história bem definida. Eles acreditavam que a história começou por um ato divino, tendo sido dirigida, teleologicamente, pelo próprio Deus. Contudo, a concepção da história deles era linear, — tivera um começo bem definido, uma força orientadora que se movia para um alvo específico, um alvo final predito por homens santos. Quanto a isso, Israel haveria de ser guia e mestra das nações, até atingir, finalmente, a sua futura era áurea, guiada segundo moldes teístas, quando surgir em cena o Messias, na glória de sua segunda vinda. Naturalmente, a teocracia de Israel misturava a Igreja com o Estado, em uma unidade indivisível.

2. *As religiões orientais e os estóicos* promoviam uma teoria da história diferente, a saber, uma *idéia circular*. Os estóicos acreditavam que o Logos manifestara-se através de grandes ciclos de tempo. Então uma grande conflagração teria assinalado o recolhimento do Logos ao seu estado original, depois que o Logos se cansara de suas emanações. Após certo tempo, indeterminado, o Logos haveria de emanar-se novamente, e isso iniciaria um novo ciclo. Entretanto, esses ciclos significariam que todas as coisas que estão acontecendo, já aconteceram e haverão de acontecer novamente. Isso posto, uma interminável repetição seria a grande característica da história. Uma versão religiosa do ponto de vista cíclico da história é aquela que afirma que o universo nasceu de Deus e está destinado à reabsorção final, — a partir do que haverá a repetição do mesmo processo. Ver sobre *Ramanuja*. A idéia platônica dos universais, que se manifestariam por meio dos particulares, — que, por sua vez, são reabsorvidos pelos universais, após muitos milhares de anos de reencarnações (no caso do homem) é uma variante dessa noção. Heráclito concebia a história do homem como se passasse por ciclos de progresso e declínio. Nos tempos modernos, Nietzsche propôs um ponto de vista cíclico da história, em sua doutrina da *recorrência eterna*. Sua idéia, portanto, é bastante parecida com o conceito dos estóicos, que falavam sobre a reabsorção de todas as coisas pela fonte emanadora original.

3. O *cristianismo* tornou a expressar a idéia que os hebreus faziam da história, excetuando que fazia tudo depender, para sua realização, do Messias, em seu primeiro evento, sem seu segundo evento (a *parousia*, vide), no milênio e no estado eterno, condições essas na direção das quais todas as coisas se estão movendo. A espiritualidade é injetada nessa filosofia da história, estando envolvida uma evolução espiritual. O homem físico, mortal, haverá de ser revestido da imortalidade. Sua alma irá sendo gradualmente espiritualizada (ver II Cor. 3:18), de tal maneira que, finalmente, haverá de participar da própria natureza do Filho (ver Rom. 8:29) e, em conseqüência, da natureza divina (ver Col. 2:10 e II Ped. 1:4). Essa filosofia da história é linear, mas segue uma direção que leva a um tipo de vida inteiramente diferente, na eternidade futura, com objetivos ainda bastante indefinidos, por enquanto, mas que se concretizarão quando os processos de redenção e de restauração se tiverem completado. A humanidade inteira é concebida como a dirigir-se a uma grande restauração (vide), que haverá de reverter completamente os efeitos da queda no pecado, o que constitui o mistério da vontade de Deus (Efé. 1:9,10). A idéia é similar à dos estóicos e de Platão, embora sem os grandes ciclos *repetidos*. Não obstante, o trecho de Efésios 1:9 mostra-nos que há ciclos envolvidos, embora cada um, *uma unidade em si mesma*, seja uma força que contribui para produzir a restauração final. — A história inteira seria teisticamente guiada — e determinada por esse alvo final. Nada estaria fora do plano ou da

vontade de Deus.

4. *Agostinho* é reconhecido como um importantíssimo filósofo da história. Ele retinha os aspectos essenciais da visão do cristianismo; mas em seu livro, *A Cidade de Deus*, ele fez da Igreja a força impulsionadora da história presente, em suas tentativas por converter o mundo pagão, o Estado. Visto tratar-se de um poder espiritual, a Igreja seria maior do que o Estado, e deveria dominá-lo. Isso posto, não haveria separação entre a Igreja e o Estado, e este último deveria ser dirigido pela primeira. Essa idéia, posto que não combine com a exposição de idéias da Bíblia Sagrada, exerceu tremenda influência durante a Idade Média, quando a Igreja e o Estado estiveram em constante conflito. Os ideais de Agostinho eram freqüentemente reiterados, e a Igreja procurava impor-se aos governos civis, até mesmo quando, na Europa fragmentada, houve a tentativa de reunificação naquilo que se chamou de *Santo Império Romano* (vide). Uma parte das realizações da reforma consistiu em produzir condições de modo a separar a Igreja do Estado, apesar de João Calvino, na prática real, ter dado continuação ao sonho de Agostinho, em sua experiência teocrática em Genebra.

Os pontos de vista de Agostinho não anteciparam a restauração referida em Efésios 1:9,10 e assim a Igreja Ocidental, como um todo, não promoveu esse aspecto da teologia. A sua *visão beatífica*, como o alvo da história do povo remido, preservava e explicava o ideal cristão da transformação do homem à imagem de Cristo, e a participação desse homem na natureza divina, que é o alvo da história no caso dos salvos.

O chamado Santo Império Romano foi fundado com base nos princípios da obra de Agostinho, *A Cidade de Deus* (*De Civitas Dei*), tendo dominado a cena política da Europa pelo espaço de mil anos. Visto que Agostinho escreveu com cuidado e boa exposição, sobre o assunto, com freqüência, ele é chamado de pai ou fundador da filosofia da história.

5. Os *filósofos franceses* (vide) criaram um ideal elaborado de utopia, na direção do qual, presumivelmente, a humanidade estaria marchando. O processo histórico teria começado na animalidade e, a partir dali, mediante estágios graduais, estaria avançando na direção do estado ideal, utópico. *Condorcet* (vide) pensava em dez estágios através dos quais a história estaria passando; e a nossa era presente seria a final!

6. *Vico* propôs uma espécie de filosofia da história em dois andares, onde as sociedades humanas passam por três estágios: o dos deuses, o dos heróis e o dos homens. Por detrás dos bastidores, um outro drama se vai desenrolando, onde a providência divina cuida para promover um ideal da história.

7. *Augusto Comte* (vide) supunha que três estágios de pensamento têm governado as idéias e os atos humanos: a. o pensamento teológico, no estado primitivo da humanidade; b. o pensamento metafísico, onde forças naturais dirigem os homens; e c. o pensamento científico, dominado pelo positivismo lógico e pelo método científico, libertando o homem de suas anteriores superstições.

8. *Hegel* via na história a força de uma tríade em operação, que controlaria todas as coisas, todos os movimentos da história, todos os campos de empreendimento, absolutamente tudo. Em primeiro lugar haveria a tese, então a antítese (a força contrária) e, então, haveria a síntese, um misto das duas condições anteriores. O Espírito Absoluto seria a força que existe por detrás de tudo. Esse Espírito teria o costume de pensar dessa maneira tríplice, fazendo todas as coisas acompanharem a sua maneira de pensar. O artigo sobre Comte fornece certo número de tríades, que ilustram a teoria.

9. *Marx e Engels* secularizaram a tríade hegeliana e fizeram dela o poder que estaria por detrás da força mais poderosa neste mundo, a economia. Eles reduziram o espírito de Hegel ao dinheiro. Tal desenvolvimento tem o nome de *materialismo dialético*. O ideal concebido ali operaria sobretudo no campo da luta de classes. O ideal a ser atingido é uma sociedade sem classes, e esse alvo seria absolutamente inevitável (determinismo). Os homens não poderiam fazer cessar o processo, mas apenas ajudá-lo ou tentar impedi-lo, em sua inexorável marcha. Por outra parte, a tradição profética revela-nos que o comunismo internacional encaminha-se para o fim, tendo, no máximo, cerca de cinqüenta anos de vida restantes. Forças superiores haverão de reduzi-lo a nada e, então, ver-se-á que o Espírito, na verdade, governa a matéria.

10. *Spengler* negava que se possa construir uma filosofia da história global. Cada sociedade teria de ser considerada segundo as suas próprias condições. Isso significaria que há pequenas filosofias da história em operação, aplicável somente a cada caso em particular. Todavia, haveria certos pontos de semelhança. Assim, cada sociedade passaria por um processo de nascimento, crescimento, maturidade, velhice e, finalmente, morte.

11. *Toynbee* seguia, em linhas gerais, a análise de Spengler, embora tenha modificado a sua teoria de declínio inevitável. Dentro das operações da história, ele descobriu vários elementos atuantes, como desafio e resposta, retirada e retorno, e uma minoria criativa que atuaria tendo em vista o bem da totalidade da humanidade.

12. O *dispensacionalismo* (vide) é uma filosofia cristã da história. Deus é visto como Alguém que atua através de sete distintas dispensações, em cada uma das quais experimenta uma nova idéia. Cada dispensação terminaria em fracasso, com exceção da última. Uma vez que a missão de Cristo terá então atingido os seus plenos propósitos, o resultado final será a salvação da alma humana. Esse estágio final seria *eterno*. O que terá lugar então dependerá dos pontos de vista teológicos de cada indivíduo. Em nossa cultura ocidental, a prevalecer esse sistema, a maioria dos homens terminaria em desastre; pois, de acordo com nossa herança religiosa, do cristianismo *ocidental*, não há lugar para a restauração final. A teologia *oriental*, todavia, tem uma doutrina mais sana. Ver o artigo sobre *Restauração*. (E EP F MM)

FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Ver sobre **Linguagem (Filosofia e)**; **Filosofia da Linguagem**.

FILOSOFIA DA RELIGIÃO

Esboço:

I. Definição e Caracterização Geral
II. Principais Assuntos Examinados
III. Valor Apologético

I. Definição e Caracterização Geral

Ver o artigo separado sobre a **Religião**, que inclui muitas definições da religião, por parte de sistemas, teólogos e filósofos. A filosofia, tal como a religião, como um sistema, começou como uma defesa das crenças religiosas, através do raciocínio filosófico. Assim, temos as provas racionais da existência da

alma e de Deus, como exemplos desse tipo de atividade. Porém, uma verdadeira filosofia da religião não é especificamente defensiva, e nem especificamente negativa. Antes, é a consideração de assuntos religiosos mediante a crítica analítica e a avaliação feitas pela filosofia. O propósito disso não é, em primeiro lugar, aceitar ou rejeitar as crenças religiosas e, sim, compreender e descrever as mesmas de forma mais exata e abrangente. «A filosofia da religião é o estudo lógico dos conceitos religiosos e dos conceitos, argumentos e expressões teológicos: o escrutínio de várias interpretações da experiência e das atividades religiosas. O filósofo que pratica a mesma não precisa dedicar-se à religião que estiver estudando... A filosofia da religião deve ser distinguida da *apologética*. Novamente, não é idêntica à *teologia natural*, visto que o filósofo da religião também pode ocupar-se na avaliação de alegadas revelações». (C)

II. Principais Assuntos Examinados

a. A natureza, a função e os valores da religião.

b. A validade das reivindicações religiosas e dos métodos de investigação. O problema da verificação das crenças religiosas. Ver o artigo separado sobre a *Verificação de Crenças Religiosas*.

c. A relação entre a ética e a religião. Ver sobre a *Ética*.

d. O problema do mal. Ver sobre o *Problema do Mal*.

e. A religião natural versus a religião sobrenatural. O problema da revelação, os seus modos e a sua validade.

f. A alma, sua existência, sua sobrevivência diante da morte biológica e o seu destino. Ver os artigos separados sobre *Alma* e *Imortalidade*.

g. A natureza e a existência de Deus. Ver o artigo separado sobre *Deus*.

h. A liberdade e o determinismo, ambos os assuntos merecem um artigo separado, nesta enciclopédia.

i. O misticismo (vide).

j. Os valores humanos; o humanismo.

l. Os credos, as organizações e os ritos religiosos, como também a atividade missionária.

m. A função religiosa como parte da sociedade. A religião é uma das instituições da sociedade.

n. A tradição profética: suas reivindicações, suas debilidades, sua validade, etc. Ver sobre *Profecia: A Tradição Profética e a Nossa Época*.

o. A natureza e a validade dos livros sagrados. As funções dos profetas. A autoridade da Igreja, que preserva a mensagem dos profetas.

p. A natureza da linguagem religiosa, suas fraquezas e sua validade.

III. Valor Apologético

Apesar da filosofia da religião não ser uma apologia, obviamente tem uma certa função apologética, perfeitamente legítima. Isso empresta razão e poder às crenças do indivíduo, mostrando que ser religioso é estar ocupado em uma atividade útil.

FILOSOFIA E A FÉ RELIGIOSA

I. O Uso Legítimo da Filosofia
II. A Atitude de Paulo
III. Definição: Uma História
IV. Referência Bíblica
V. Uso e Abuso da Filosofia

I. O Uso Legítimo da Filosofia

1. Vários dos pais gregos da igreja, pensavam que as filosofias mais nobres, como a de Platão, haviam servido como presentes de Deus aos povos gentílicos, tal como a lei fora uma dádiva divina aos israelitas, para guiá-los até Cristo. Essa atitude era compartilhada por muitos dos pais posteriores da igreja, gregos e latinos igualmente.

2. O próprio Paulo tentou a «abordagem filosófica» em Atenas, embora sem sucesso (ver Atos 17). Justino Mártir e outros obtiveram maior êxito com esse método, entre os intelectuais.

3. A maioria dos comentadores concorda em que Paulo não atacava indiscriminadamente toda e qualquer filosofia, mas tão-somente aquela modalidade proeminente na Ásia Menor, que passara a fazer parte do sistema gnóstico. Os cultos misteriosos mesclavam a filosofia com as artes mágicas, chamando-as de «nutrimentos gêmeos da alma». Tal mistura era repelente para Paulo.

4. A filosofia, tal como qualquer outro campo do conhecimento humano, envolve algum bem, — que nos pode tornar melhores pessoas e melhores ministros cristãos, contanto que sejamos criteriosos no que aceitar e no que repelir. Paulo sabia como rejeitar o prejudicial e acolher o que é bom. Muitos dos seus ensinamentos éticos são notavelmente similares aos do estoicismo. Os eruditos concordam em que ele tomou por empréstimo muitas das ilustrações e expressões que usou, daquele sistema. A cidade de Tarso foi um centro do estoicismo romano. E apesar das epístolas apócrifas de Paulo a Seneca, e de Seneca a Paulo, não serem autênticas, elas refletem a antiga observação sobre a similaridade dos autores, em seus princípios morais e seus modos de expressão.

5. *Nota do Tradutor*. Embora eu mesmo não me repute filósofo consumado, tenho feito minhas próprias observações acerca da utilidade ou não da filosofia, no campo do conhecimento bíblico. Se Cristo é a *luz* que ilumina a *todo* homem que vem a este mundo, parte desta iluminação deve ter sido dada na filosofia. — A utilidade desta se nota muito mais como organizadora do pensamento, do raciocínio. Embora não possa fornecer-nos as respostas para os mistérios da existência, que tanto atribulam o espírito das pessoas a eles sensíveis, pelo menos a filosofia é capaz de fornecer ao homem uma série de perguntas bem colocadas, que delimitam nossa incapacidade de encontrar-lhes a solução. «Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?» Ela principalmente indaga. A resposta tem de ser dada pela revelação divina. Sumariando: o espírito humano pergunta, o Espírito de Deus responde. Uma coisa é a filosofia, outra, a revelação bíblica!

«Paulo não se mostrava hostil contra toda e qualquer filosofia. Ele mesmo acabara de expor uma nobre declaração sobre a posição central de Cristo, no universo, utilizando-se de termos e conceitos da filosofia então corrente (ver Col. 1:15-20). O que ele repudia é qualquer filosofia que não leve em conta, com seriedade, a contribuição moral e religiosa da revelação cristã à compreensão sobre a vida». (Macleod, *in loc.*).

«Paulo não condena a filosofia e a sabedoria, mas somente essa falsa filosofia, falsamente chamada de sabedoria». (Robertson, *in loc.*).

«Assim como muitos têm erroneamente imaginado que a 'filosofia' é aqui condenada por Paulo, precisamos frisar o que ele indica por esse termo... à filosofia que nada seja senão a corrupção da doutrina espiritual... sob o termo 'filosofia'. Paulo meramente

condenou todas as doutrinas espárias... (Calvino, *in loc.*).

II. A Atitude de Paulo

«O apóstolo não queria condenar todas as artes e ciências, como se fossem inúteis e prejudiciais, tal como a filosofia natural em seus vários ramos, a ética, a lógica, a retórica, quando conservadas dentro dos devidos limites de seu lugar e esfera». (John Gill, *in loc.*).

«Existe uma 'filosofia' que exercita nobremente nossas faculdades do raciocínio e que promove profundamente a religião; tal estudo das obras de Deus, dirige-nos ao conhecimento de Deus e confirma a nossa fé nele. No entanto, há uma filosofia 'vã e enganadora', prejudicial à religião». (Matthew Henry, *in loc.*).

Um Pouco de Erudição

Um pouco de erudição é coisa perigosa;
Sorve fundo, ou não bebas da fonte de Pireu:
Ali sorvos pequenos intoxicam o cérebro,
E beber largamente nos faz voltar à sobriedade.
(Alexander Pope, 1688—1744)

Surpreendentemente, nenhum dos catorze comentários usados como base central deste artigo, condena a filosofia de forma geral; e vários deles chegam mesmo a elogiá-la, ao passo que observam que Paulo se opunha, neste ponto, ao «tipo de filosofia» corrente, então na Ásia Menor, e não à filosofia em geral.

III. Definição: Uma História

A filosofia, por definição básica, é a **história das idéias**. Damos grande importância ao conhecimento da «história dos acontecimentos políticos e sociais», a qual, via de regra, é somente uma crônica das guerras, sendo aquilo que normalmente chamamos de «história». Muito mais importante deve ser o conhecimento de algo sobre a história das idéias, ainda que rejeitemos a maior parte do que os homens têm pensado. O conhecimento daquilo que outros homens têm pensado ajuda-nos a entender e a definir melhor a doutrina cristã, a compreender o que nela está implícito, e como ela utrapassa o que é meramente humano.

É especialmente importante sabermos algo sobre a filosofia clássica, porquanto algumas doutrinas estão filosoficamente baseadas e são filosoficamente expressas, o que se evidencia, nas páginas do N.T., na epíst. aos Hebreus. (Ver o artigo sobre essa epístola, na seção, *Influência das idéias religiosas e filosóficas*). Há seiscentos anos de filosofia por detrás da doutrina do «Logos», em João 1:1. É importante conhecermos a filosofia, até mesmo aquela que se opõe ao pensamento cristão. Pois podemos resistir mais facilmente o inimigo, quando sabemos quais são os seus ataques e estratagemas.

IV. Referência Bíblica

Filosofia. No grego é **philosophia**, palavra usada exclusivamente em todo o N.T. em Col. 2:8. Esse vocábulo significa «amor à sabedoria». Nos nossos dias, entretanto, é usado para designar estudos sistemáticos e racionais, como a ética, a estética, a metafísica, a política, a lógica, a epistemologia (gnosiologia) e outros de tempos mais modernos, como a filosofia da ciência, a religião, a educação, a matemática, etc. Essa palavra foi usada pela primeira vez por Pitágoras, em 600 A.C., a fim de designar aqueles que «buscam a sabedoria», — em vez dos interesses usuais, como os esportes, os prazeres e as vantagens financeiras. Sócrates se utilizava de tal palavra para indicar os «pesquisadores da sabedoria». Platão afirmava que o termo «sábio» pode ser atribuído somente a Deus, mas que um homem pode ser um «pesquisador» da sabedoria, ou um «filósofo», um «amigo da sabedoria», o que é o sentido implícito no vocábulo.

A influência estóica é evidente nas Escrituras de Paulo. Portanto, a filosofia tinha uma parte na sua formação e no seu pensamento. O que é de algum valor não jogamos fora meramente porque existem maiores valores.

V. Uso e Abuso da Filosofia

1. O próprio Paulo tomou por empréstimo certo número de ilustrações e lições morais derivadas do estoicismo romano, e em razão disso há paralelos entre seus escritos e aqueles de Sêneca, o famoso filósofo estóico romano, contemporâneo do apóstolo dos gentios. Com base nessa circunstância é que surgiram as epístolas apócrifas de Paulo a Sêneca, e deste para aquele. Apesar de serem obras apócrifas, sua própria existência implica na similaridade de expressão (e pensamento moral) entre os dois homens.

2. A filosofia, entretanto, não conta com qualquer doutrina de redenção que possa ser substituta da salvação em Jesus Cristo, embora Platão tivesse antecipado certo número de doutrinas de elevado cunho espiritual que fazem parte do sistema cristão.

3. As objeções de Paulo às idéias dos filósofos, tão evidentes no primeiro capítulo de I Coríntios, estavam alicerçadas sobre o fato de que a porção intelectual da igreja de Corinto (provavelmente seguidores de Apolo) havia virtualmente abandonado a fé cristã (com sua mensagem central da cruz), substituindo-a por um mero sistema de sabedoria humana. Conjecturo que eles contavam com uma série de *mistérios*, em imitação às religiões misteriosas da época e também com uma mensagem filosófica — (com uma mescla de estoicismo e platonismo). Acima de tudo, orgulhavam-se de seus admiráveis poderes de oratória, no que imitavam aos sofistas. Muitos deles, sem dúvida, tinham recebido treinamento formal na arte de falar em público e de debater, as especialidades dos sofistas.

4. O relacionamento que porventura existia entre o cristianismo e a filosofia, e aquilo que os comentários bíblicos declaram a respeito, aparecem nos comentários sobre Col. 2:8 no NTI.

Paulo também queria que compreendêssemos que não pode haver substituto para a mensagem simples da cruz; porquanto é através da mesma que o homem é levado de volta a Deus, através da reconciliação que há em Cristo. Mui provavelmente ele levantava objeção contra as especulações filosóficas, que tendem por detratar da importância de Cristo, e não meramente contra as «apresentações de tipo filosófico» da mensagem cristã.

«A eloqüência e a erudição humanas com freqüência têm sido usadas com êxito na defesa dos pontos secundários do cristianismo; mas a simplicidade e a verdade são as que lhe têm preservado a cidadela». (Adam Clarke, *in loc.*).

Visto que o poder procede de Deus, e não do homem, isso pode ser percebido mais claramente quando o instrumento usado por Deus não é produto polido da sabedoria humana. Porém, para que isso realmente se verifique, é mister que se faça presente o poder real de Deus. A mera substituição de uma pregação erudita pela prédica inculta e ignorante não manifesta por si só, o poder de Deus; mas isso é tão-somente substituir a *sabedoria humana* pela «ignorância humana». E tal medida faria das igrejas evangélicas ainda mais enfadonhas, e não mais

poderosas. Por outro lado, quando o poder de Deus realmente se faz presente, não há necessidade alguma de revestir a pregação com a habilidade retórica. Mas, quando esse poder se ausenta, nem o discurso simples e ignorante (o que, para muitos parece ser um ponto de orgulho e ufania) e nem o discurso brilhante e retórico pode ter grande valia. Assim sendo, se o poder de Deus estiver presente, a maneira erudita de apresentar o evangelho não lhe servirá de empecilho; antes, tal como se vê nas próprias epístolas de Paulo, onde há passagens supremamente eloqüentes, esse brilhantismo pode ser usado para atingir certos níveis de pessoas, onde uma apresentação ignorante e inculta os repulsaria. O fato é que Paulo era homem de considerável eloqüência, o que transparece em suas epístolas; mas ele ignorava as técnicas dos retóricos ao expor a mensagem de Cristo. Evidentemente Apolo aplicava tais habilidades, posto que não era falso para com a mensagem do Senhor. Por isso mesmo, Apolo não é atingido aqui pelas críticas do apóstolo dos gentios, embora alguns daqueles que faziam de Apolo o seu modelo merecessem tais críticas.

Com a passagem geral que encontramos aqui no primeiro capítulo de I Cor., podemos confrontar a atitude declarada por Justino Mártir (150 D.C.), um dos primeiros dos chamados «pais da igreja», e que foi o principal apologista cristão de sua época. Ele fora um filósofo neoplatônico, bem como um mestre ambulante de algum prestígio. Justino Mártir afirmava que a filosofia o levara aos pés de Cristo, como se ele tivesse sido um aio, mais ou menos como a lei mosaica o fora para alguns judeus. (Ver Gál. 3:24,25). Aqueles que conhecem a filosofia platônica sabem que existem pontos de grande similaridade entre seus conceitos básicos e as idéias básicas do cristianismo, e que uma coisa pode realmente conduzir à outra. É interessante que Justino Mártir nunca se despiu inteiramente de sua capa de filósofo, tendo andado ao redor, procurando convencer as classes intelectuais a virem a Cristo, utilizando-se de seu método filosófico. No entanto, ao mesmo tempo, foi um dos maiores defensores do cristianismo. O valor de seu exemplo não deveria ser completamente olvidado por nós. Pode haver algum valor no mesmo.

Essa atitude de Justino Mártir foi compartilhada pelos pais alexandrinos da igreja, como Clemente e Orígenes, os quais pensavam que a filosofia grega os tinha preparado para o evangelho, sobretudo a filosofia platônica e estóica, tal como a lei mosaica preparara o caminho para tantos judeus. Justino Mártir foi um cristão supremamente dedicado a Cristo, que usou as habilidades inerentes à sua personalidade, bem como as capacidades que lhe foram conferidas por obra e graça do Espírito de Deus, a fim de fomentar a causa do reino de Deus. Não é provável que Paulo tivesse encontrado motivos para condená-lo por isso.

FILOSOFIA: ESCOLAS FILOSÓFICAS NO NOVO TESTAMENTO. Ver **Escolas Filosóficas no Novo Testamento.**

FILOSOFIA GREGA

Esboço:

I. Esboço da Filosofia Pré-Socrática
II. O Período Clássico
III. As Escolas de Ética
IV. As Academias de Platão e Aristóteles
V. O Ceticismo
VI. O Ecletismo Helenista e Romano
VII. O Neoplatonismo
VIII. Influências sobre o Cristianismo
IX. A Filosofia Grega como um Mestre-Escola

Declaração Introdutória

A filosofia ocidental teve início entre os gregos. A filosofia grega cabe entre 600 A.C. e 600 D.C., mas sobrevive de maneira muito ativa na maioria das culturas modernas. Quando alguém disse que Platão *é a filosofia*, em certo sentido exagerou; mas a declaração encerra uma força que não pode ser negada. Ver o artigo geral sobre a *Filosofia*. Durante o período grego da filosofia, quase todas as alternativas filosóficas foram manuseadas, conforme se faz atualmente, no mundo ocidental. Além disso, muitas teorias científicas, que obtiveram larga aceitação em tempos posteriores, foram propostas pela primeira vez pelos gregos. Entre elas devemos incluir a teoria atômica, a visão heliocêntrica do sistema solar e certa evolução orgânica. Talvez possamos dizer que o que os hebreus foram para o pensamento religioso, os gregos foram para o pensamento filosófico.

I. Esboço da Filosofia Pré-Socrática

1. *Filosofias Milesiana e Jônica* (século VI A.C.). Nesse ponto os filósofos procuravam entender a natureza básica da composição do Universo, especificamente da matéria, sugerindo algum dos quatro elementos, como a água (Tales), o ar (Anaxímenes) ou o *apeiron*, ou elemento indeterminado (Anaximandro). Essa atividade pode ter assumido certa forma de *pampsiquismo* (vide) e não de materialismo, se é que a declaração de Tales, de que «tudo está cheio de deuses» deve ser entendida literalmente (referindo-se a alguma força psíquica em todas as coisas), e não poeticamente, para indicar alguma força natural que permeie a todas as coisas.

2. *A Ética Pré-Socrática*. Ver o artigo sobre a *Ética*, segunda seção. Implicações éticas e declarações feitas por Pitágoras, Píndaro, Xenófanes, Anaximandro e Protágoras são discutidas naquele artigo.

3. *Os Pitagoreanos* (vide). As datas dessa escola de pensamento ficam entre 550 e 430 A.C. Todavia, as idéias ali ensinadas sobreviveram por vários séculos depois que essa escola terminou. Tal escola tinha características de uma seita religiosa, fazendo certos elementos das religiões orientais entrarem no sistema. Pitágoras (vide) tornou-se conhecido como uma figura santa e, aparentemente era dotado do poder de bilocação, mediante a projeção da psique. Essa escola tornou-se melhor conhecida por manusear a questão dos *números*. A cada coisa atribuía um número correspondente, que foi uma espécie de antigo discernimento atômico. A matemática, em certo sentido, tem a chave capaz de abrir a explicação da realidade. Platão incorporou essa idéia em seu próprio sistema de idéias. Pitágoras foi homem dotado do poder da palavra. Os seus discípulos costumavam dizer: «Ele mesmo disse isso», o que bastava para comprovar alguma questão.

4. *Heráclito* (vide) (fim do século VI A.C.). Ele acreditava que tudo se acha em estado de fluxo, pois toda a existência estaria em uma espécie de processo interminável, sempre se modificando. Dizia ele: *Panta rei*, «tudo flui». Muitos dizem que foi ele quem iniciou a doutrina do Logos, aquela sabedoria que controla o fluxo de todas as coisas. Ele pensava que o *fogo* era o elemento básico.

5. *Os Filósofos Eleáticos*. Parmênides (vide), Zeno de Eléa (vide) e talvez Xenófanes (vide) negavam o

fluxo postulado por Heráclito, vendo apenas uma natureza sem mudanças; onde as mudanças são ilusórias. Isso eles faziam com bases racionais, pensando que a razão ocupa posição suprema, e não a percepção dos sentidos. Ver sobre o *Racionalismo*. Essa escola floresceu na primeira metade do século V. A.C.

6. *A Discussão Sobre a Mudança e a Constância*. Foram feitas tentativas para definir o pluralismo e o atomismo. Empédocles (vide) pensava que a terra, o ar, o fogo e a água eram as raízes elementares que se combinam em diversas proporções para compor todas as substâncias. Anaxágoras (vide) falava sobre as *sementes* ou partículas que constituiriam as coisas, e introduziu o conceito da *nous*, ou mente, como a força controladora da natureza. Leucipo e Demócrito (ver os artigos sobre eles) introduziram a teoria atômica, afirmando que a natureza compõe-se de átomos e espaços vazios. Os átomos foram por eles definidos como de número infinito, impenetráveis e imutáveis, embora suas combinações pudessem explicar todas as modificações.

7. *Os Sofistas* (vide) abandonaram as especulações metafísicas e introduziram a gnosiologia e a ética relativas, fazendo do homem o padrão de todas as coisas. Ver sobre Protágoras, Hipias, Górgias e Trasímaco.

II. O Período Clássico

Todos os seis sistemas tradicionais da filosofia foram formulados pelos esforços combinados de Sócrates, Platão e Aristóteles. Temos artigos detalhados sobre esses três e um estudo especial sobre o sistema ético deles, no artigo intitulado *Ética*, seções III (Sócrates), V (Platão) e VI (*Aristóteles*). Ver o artigo sobre a *Filosofia*, quanto a uma descrição dos seis ramos da filosofia, na sua terceira seção. Sócrates foi, antes de tudo, um filósofo ético, que tinha certas qualidades próprias dos místicos religiosos, mas que não se interessava pela metafísica. Ele deixou suas marcas imortais sobre a ética. Platão, embora seu discípulo, ultrapassou ao seu mestre quanto ao escopo de interesses e criou um elaborado sistema de gnosiologia, metafísica, estética e política. Era homem de grande piedade pessoal, a ponto de ter sido chamado de Isaías grego. Em alguns de seus estudos antecipou a lógica. Mas foi Aristóteles, «o intelecto», quem adicionou a *lógica dedutiva*. O período clássico data de 450 a 321 A.C. Platão foi o maior cientista da era clássica.

III. As Escolas de Ética

No escritos de Platão há forte influência de Sócrates. Mas ele também foi o pai da ética, de tal modo que várias escolas foram criadas por seus discípulos, cada um afirmando-se o melhor intérprete do grande mestre. Daí surgiram as escolas do cinismo, do hedonismo, do epicurismo e do estoicismo. Damos um artigo separado sobre cada uma dessas escolas. Ver também o artigo sobre a *Ética*, em sua quarta seção. Pode-se dizer que esse período ocupou o tempo de 350 A.C. até o começo da era cristã. Ver o artigo separado sobre as *Escolas Filosóficas do Novo Testamento*, onde há um estudo mais detalhado sobre as escolas éticas, nesta enciclopédia. Ver os artigos separados sobre Zeno de Cítium, Marco Aurélio e Epicuro, quanto a outros detalhes sobre os movimentos éticos. Todas essas escolas propunham diferentes alvos para a vida humana, com diferentes tipos de conduta ideal. O período das especulações filosóficas terminou com Aristóteles, e então tornaram-se proeminentes a ética e o ceticismo. Naturalmente, esse período foi assinalado pela desintegração, tanto do poder militar grego (após Alexandre, o Grande) como do pensamento grego original.

IV. As Academias de Platão e Aristóteles

A academia de Platão foi a primeira universidade européia. Ver o artigo separado sobre a *Academia de Platão*. Continuou existindo até os dias de Antíoco, em 67 A.C., embora muito se tenha afastado da filosofia de Platão, tendo-se tornado, essencialmente, em uma agência de expressão do *ceticismo* (vide). Por outro lado, os pensamentos religiosos de Platão encontraram guarida no neoplatonismo (vide). A escola de Aristóteles, o Liceu (vide), também continuou funcionando até muito depois de sua morte. Continuou operando até os fins do primeiro século A.C., sob a direção de Andrônico de Rodes. A princípio foi organizada para promover a filosofia de Aristóteles e as ciências. Assumiu um colorido cético, tal como sucedera à academia de Platão, embora tivesse feito muitas contribuições à erudição quanto aos ideais da educação liberal.

V. O Ceticismo

No campo da filosofia, esse sistema foi organizado inicialmente por Pirro (vide), já na segunda metade do século IV A.C. A influência desse modo de pensar foi grande, exercendo efeitos sobre outras escolas. A base da moderna *ciência filosófica* (vide) é o ceticismo, a noção de que não há tal coisa como um conhecimento perfeito, final e sem erros. David Hume foi o cético mais proeminente do começo da era moderna, e a sua filosofia teve vasta influência sobre toda a filosofia que veio em seguida. Ver o artigo separado sobre o *Ceticismo*.

VI. O Ecletismo Helenista e Romano

Após o declínio dos grandes sistemas especulativos do período clássico, ficou faltando originalidade na filosofia, na esteira de um período de desintegração geral da sociedade grega. A principal tendência era os filósofos selecionarem itens que os agradavam, combinando-os em sistemas mistos. Ver o artigo separado sobre o *Ecletismo*. Os romanos não criaram qualquer nova filosofia. De fato, desde Aristóteles até Agostinho, nada de original apareceu na filosofia. Diferentes combinações foram efetuadas, produzindo novos sistemas; mas esses sistemas estavam apenas recombinando e reordenando idéias anteriores. O estudo de Agostinho quanto ao *tempo* antecipou a teoria da relatividade. Porém, já existia em forma germinal nas discussões de Platão sobre o mundo universal, em comparação com o mundo dos particulares (este mundo físico).

Na prática, os interesses dos romanos, em contraste com a teoria, levou à tendência geral ao ecletismo, perceptível desde o século III A.C. em diante. Ver os artigos separados sobre Cícero, Varro e Sêneca.

VII. O Neoplatonismo

O **Neoplatonismo** (vide) foi o esforço especulativo final da filosofia grega, entre os séculos III e VI D.C. Embora essas sejam as datas de um sistema formalizado, o neoplatonismo já havia sido antecipado pela academia de Platão, quando Xenócrates, que sucedeu ao sobrinho de Platão, Speusipo, como o líder da academia, identificou Deus com a unidade primária. E, naturalmente, Filo (vide) preparou o caminho para o sistema, tendo apresentado, por assim dizer, uma antiga afirmação do neoplatonismo. Foi uma tentativa para combinar todas as doutrinas filosóficas e religiosas em um único sistema, interpretando tudo do ponto de vista platônico. Quem fundou essa escola foi *Plotino* (vide). Exerceu tremen-

da influência sobre vários dos primeiros pais da Igreja, principalmente do lado grego, e continuou exercendo considerável poder sobre a Igreja da Idade Média.

VIII. Influências Sobre o Cristianismo

Edwin Hatch escreveu um livro intitulado **The Influence of Greek Ideas on Christianity**. Tinha cerca de trezentas e cinqüenta páginas. E, se podemos rejeitar algumas de suas afirmativas, mostra claramente que o cristianismo primitivo foi bastante influenciado pela cultura e pelas idéias gregas. Isso também é verdade — no tocante — ao judaísmo helenista. O cristianismo, pois, não se originou somente com base no Antigo Testamento. De fato, as doutrinas sobre a alma, sobre o mundo em dois níveis (conforme é enfatizado em Hebreus 8:5 e 9:23), etc., tiveram sua origem na filosofia grega, especialmente de Platão. A epístola aos Hebreus foi influenciada por Platão, através de Filo. Ver o artigo sobre Hebreus, seção sexta, quarto ponto, quanto a uma total declaração a respeito. Todos os estudiosos de filosofia e religião têm consciência da grande similaridade entre a ética dos estóicos romanos e os escritos de Paulo, quanto a muitos particulares. Mas também temos o conspícuo exemplo da doutrina do *Logos* (vide), iniciada por Heráclito. Passou pelo estoicismo e pelo neoplatonismo (mormente nos escritos de Filo), e terminou aparecendo em João 1:1 como um dos nomes do Filho encarnado de Deus. Ademais, não há que duvidar que a doutrina de *hades* (vide), tanto no judaísmo quanto no cristianismo, deveu-se, pelo menos em parte à sua formulação pelos gregos. Os primeiros pais da Igreja, especialmente aqueles do lado grego da Igreja, interpretavam a sua teologia do ponto de vista platônico. Essa atividade prosseguiu pela Idade Média, quando Aristóteles (o Filósofo) tornou-se a principal força interpretativa da teologia, especialmente dentro do tomismo (vide).

IX. A Filosofia Grega como um Mestre-Escola

Os pais gregos da Igreja davam muito importância aos estudos dos filósofos gregos, mormente Platão. De fato, alguns desses filósofos eram tidos em tão alta conta que vários teólogos especularam que o hades não poderia ser o lugar onde suas almas residiam. Mas, supondo que pelo fato de não terem sido cristãos também não poderiam estar no céu, suas especulações teológicas criaram um outro lugar, de glória secundária. Essa seria a glória dos filósofos gregos dotados de bons pensamentos, embora não fosse a glória dos remidos. É possível que o segundo capítulo da epístola aos Romanos tenha sido usado como base da idéia. Certamente que a doutrina da *restauração* (vide) antecipa níveis de glória secundária, a serem distinguidas da glória dos eleitos, que chegarão a participar da própria natureza divina (II Ped. 1:4). O trecho de Efé. 1:9,10, que fala sobre o mistério da vontade de Deus, antecipa a aplicação da missão de Cristo, em um nível secundário, no caso de todos os homens. Seja como for, os primeiros pais gregos da Igreja acreditavam que a melhor porção da filosofia grega atuou como um mestre-escola para conduzir os pagãos aos pés de Cristo (preparando o caminho para a sua mensagem), tal como a lei mosaica tivera essa função no caso dos judeus. Essa doutrina é razoável, até onde posso ver as coisas. Aqueles que lerem os escritos de Platão entenderão melhor a razão dessa atitude.

O Logos implanta as Suas sementes por toda a parte, segundo nos ensina a doutrina do *logoi spermatikoi*. A vontade de Deus é poderosa e ele encontra muitos meios para levar a mensagem espiritual até os homens. A melhor parte da filosofia grega, incluindo os escritos de Platão, embora não somente dele, enriquece a teologia, conforme posso afirmar com base em minha experiência pessoal. Acompanhar a doutrina de Platão sobre a alma, em seus diálogos, e ver como os argumentos racionais podem afirmar tanto a existência da alma como a sua sobrevivência ante a morte física, é uma aventura jubilosa. Coisa alguma, nem no Antigo e nem no Novo Testamentos, equipara-se aos escritos de Platão, quanto a esse particular. A ignorância dos fatos de nada adianta. Quando o conhecimento é recebido com humildade, sempre é vantajoso.

Acerca de qual deva ser a nossa atitude, como crentes que somos, para com a filosofia em geral, ver o artigo sobre a *Filosofia*, em sua quinta seção, *A Filosofia e a Fé Religiosa*. (AM BE E EP F MM P)

FILOSOFIA HELENISTA

Ver o artigo separado sobre o **Helenismo**. O historiador alemão, J.G. Droysen, no século XIX, inventou a expressão *era helenista*. Era usada para designar o período durante o qual a cultura greco-macedônia propagou-se dos Bálcãs para as terras que margeiam a bacia do mar Mediterrâneo, após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 A.C., e terminando com a ocupação final romana do último grande reinado grego, em cerca de 30 A.C. Entretanto, a *filosofia helenista* prosseguiu por um longo tempo após a sua morte política. Somente em 529 D.C., quando o imperador Justiniano tornou legítimas as antigas religiões e as antigas filosofias. Portanto, esse período perdurou por cerca de setecentos anos, do ponto de vista da filosofia.

Durante esse período, até cerca de 30 A.C., era grega a liderança política, além de muitas instituições na Ásia Menor, na Síria, na Mesopotâmia e no Egito, com bases na civilização macedônica. Naturalmente, isso incluía a filosofia. Com o fim do período clássico, dominado por Sócrates, Platão e Aristóteles, desenvolveram-se os tradicionais seis ramos da filosofia, e assim chegou ao fim a originalidade. Filósofos de menor envergadura (embora alguns deles importantes), continuaram salientando idéias que os três gigantes haviam proposto, embora o *ecletismo* (vide) fosse a tendência principal.

A Academia de Platão continuou; mas, sob a liderança de Carnéades de Cirene (cerca de 214-128 A.C.), tal academia tornou-se pronunciadamente cética, o que forçou o apodo *academia dos céticos*. Ver o artigo geral sobre a *Academia de Platão*. Carnéades, pois, atacou a gnosiologia dos estóicos, asseverando que não há como o homem conhecer o mundo dos fenômenos, exceto através dos sentidos. E, visto que os sentidos físicos são imperfeitos, e facilmente podem enganar-se, não haveria tal coisa como um conhecimento seguro. Até a existência dos fenômenos, segundo ele, seria admitida somente com base na teoria das probabilidades. Ver também o artigo sobre *Pirro*.

O *Liceu* (vide) de Aristóteles devotava-se às ciências e ao naturalismo, e seus melhores representantes finalmente, partiram para o museu de Alexandria, no Egito, famoso centro da erudição antiga.

Com base nas idéias de *Sócrates*, as escolas éticas do epicurismo, do hedonismo e do estoicismo se foram desenvolvendo. Há artigos separados, nesta enciclopédia, sobre essas escolas. Ver também sobre *Epicuro* e *Zeno de Cítium*, os principais filósofos da época. Epicuro tomou por empréstimo o atomismo dos mais antigos filósofos (ver sobre *Demócrito*), a fim de

prover seu sistema moral com alguns elementos naturalistas e com uma metafísica antideterminista. Ele tomava uma posição deísta, no tocante à teologia, porquanto não queria aceitar a idéia de deuses caprichosos e destrutivos a influenciarem os homens em sua busca da liberdade de expressão. Fazia do *prazer* mental (hedonismo) o alvo da conduta ideal. Entrementes, os estóicos tinham um sistema inteiramente determinista, com base no controle universal exercido pelo *Logos*. Para eles, a liberdade consistia em fazer o que o Logos requer, e sentir-se feliz com isso. «Apatia» era a sua palavra chave, porquanto a única maneira de manusear a dor seria ignorá-la. O estoicismo romano modificou isso para a *moderação*. Os estóicos apreciavam a metáfora do palco, onde a *Nous* (mente, Logos) determinaria a peça teatral, e onde cada indivíduo teria um papel a desempenhar. O homem seria forçado a aparecer neste mundo na capacidade determinada pela *Nous*, e teria a responsabilidade de desempenhar bem o seu papel, e não a de determinar o resultado do espetáculo. Ver o artigo separado sobre as *Escolas Filosóficas do Novo Testamento*.

Plutarco (350-433 A.C.) foi um importante filósofo desse período, tendo sido o primeiro líder da *Escola de Atenas* (vide). Ele detestava o epicurismo e não apreciava o estoicismo. No entanto, sentia-se atraído pelas idéias de Platão, Aristóteles e Pitágoras. A Escola de Atenas era a Academia de Platão que se tornou neoplatônica. Plutarco acreditava firmemente na liberdade da vontade e pensava que a comunhão com Deus pode ser obtida mediante ritos teúrgicos. Ver sobre a *Teurgia*.

Filo Judeu (vide) tentou ligar Platão ao judaísmo, tendo sido um dos precursores do sistema neoplatônico formal, que só surgiu mais tarde. Suas idéias exerceram alguma influência sobre o Novo Testamento, sobretudo quanto à doutrina do Logos e da visão mundial da epístola aos Hebreus (ver o artigo sobre essa epístola, seção sexta, quarto ponto).

Hermes Trimegisto foi uma importante figura no campo da filosofia e da literatura, nos séculos III e IV D.C. Seu nome significa Hermes Três Vezes Grandioso, como exaltação ao deus pagão Hermes. Seus escritos contêm um conglomerado de idéias de várias religiões e filosofias da época, principalmente de origem grega, fortemente influenciados por idéias platônicas. Ver o artigo acerca de *Hermes*.

Plotino (205-270 D.C.) foi um importante filósofo neoplatônico, que representa o período final da filosofia helenista, antes que o triunfo da Igreja cristã tivesse posto fim àquele período. Ele foi um filósofo egípcio romano, natural de Licópolis, no Egito. Em 245 D.C., fundou sua própria escola de filosofia, na cidade de Roma. Em certo sentido, os deuses pagãos teriam morrido com a ascensão de Constantino ao trono e sua conversão ao cristianismo. Mas seus funerais só terminaram na primeira porção do século VI D.C. Portanto, poderíamos datar o fim do período helenista da filosofia nesse tempo, ainda que, politicamente falando, isso tenha acontecido por ocasião do advento do domínio romano. Ver sobre *Plotino*, sobre o *Neoplatonismo* e sobre *Porfírio*. Alguns têm dito que aquele foi um período de decadência da filosofia (300 A.C. a 529 D.C.). Mas talvez seja melhor falarmos nesse período como *período de prata*, em contraste com a *era áurea* da glória filosófica da Grécia, desde Homero até Aristóteles.

O neoplatonismo e as fés mais antigas tinham-se tornado estéreis e incapazes de produzir resultados, pelo que acabaram entrando em estado de coma. Em 527 D.C., Justiniano tornou-se imperador do Império Romano do Oriente e, pouco depois, determinou que ser seguidor das fés antigas era uma ofensa criminal. Em 529 D.C., foram fechadas as chamadas escolas de Atenas, por decreto imperial. Os últimos filósofos neoplatônicos, entre os quais Damásio e Simplício, fugiram para a Pérsia, em busca de segurança. Porém, também não foram bem-acolhidos ali, pelo que acabaram voltando. Justiniano permitiu-lhes a residir nas terras do império, mas não permitiu que promovessem suas idéias. Ao falecerem, a religião e a filosofia gregas morreram juntamente com eles. Coisa alguma era capaz de fazer cessar o avanço do cristianismo. O Homem da Galiléia havia triunfado em todas as frentes. (AM E HP)

FILOSOFIA HINDU

Assim como é impossível separar o antigo judaísmo da religião, e ali encontrar um nicho separado para a filosofia, assim também a filosofia, tão viva no hinduísmo, estava intimamente ligada à fé religiosa da Índia. Ver o artigo geral sobre o *Hinduísmo*. A própria tradição indiana classifica as suas escolas de acordo com critérios religiosos, o que tende por obscurecer seus verdadeiros elementos filosóficos. Acresça-se a isso que, excetuando sua expressão moderna, que é mais científica, a filosofia hindu é irmã gêmea da fé religiosa hindu.

Não obstante, os filósofos, ao tentarem estabelecer uma espécie de classificação filosófica do hinduísmo, distinguem quatro períodos históricos no mesmo:

1. *Período Formativo*. A esse período pertencem os antigos hinos religiosos, compostos entre 1000 e 800 A.C., sendo mais textos ritualistas, que falam sobre os poderes que governam o universo, de mistura com uma mágica arcaica. Porém, na noção do *Brahman* (vide), essas muitas forças aparecem unidas, como expressões de um único princípio.

Nos mais antigos *Upanisadas*, de 800 A.C. em diante, encontramos os estudos sobre os estados da consciência e sobre certas formas de misticismo. Encontra-se nesse ponto uma diferença fundamental entre a matéria e o espírito, além do que é asseverada a natureza espiritual (*atman*) eterna, do ser humano. Ali o homem aparece preso à matéria, sujeito a experimentar uma longa série de renascimento (ver sobre a *Reencarnação*), na tentativa de libertar-se. Essa série de renascimentos recebe o nome de *samsara*. A liberação (*moksa*) é buscada mediante um desprendimento gradual, de tal modo que a *atman* finalmente pode fundir-se com o *brahman*.

O *pensamento budista* é a forma mais difícil de definir da filosofia hindu. Ver o artigo separado sobre o *Budismo*. O próprio Buda era, essencialmente, um filósofo moral, que não especulou nem sobre Deus e nem sobre a existência da alma. Entretanto, algumas escolas desse sistema vieram, finalmente, a desenvolver uma metafísica genuína, incluindo na mesma a idéia da divindade e da alma humana.

2. *Filosofia Realista ou da Natureza*. Temos ali uma análise filosófica do mundo exterior, que inclui a análise da linguagem e do pensamento. No seu estado primitivo, essa filosofia é representada nos ensinos de Vaisesika, Nyaya e dos jainos. Data de nada menos de 1000 A.C., e a sua atividade básica consistia na tentativa de reduzir as multiformes formas da natureza a alguns poucos fatores básicos. Categorias básicas, como substância e atributos, foram propostas, e também apareceram teorias atômicas. Desenvolveu-se uma espécie de lógica em Nyaya, como

também hermenêutica e exegese na Mimansa, de onde emergiram visões semicientíficas do mundo. A idéia das almas humanas como se fossem substâncias foi elaborada e foram propostos átomos eternos. Todavia, os budistas originais rejeitavam ambos esses conceitos. Em vez disso, foi proposto o *dharma*, que seria, a grosso modo, o estado ou reino inteiro da matéria, das emoções, dos pensamentos, etc., como que residindo em uma pessoa, mas não como uma entidade viva que continue a existir na encarnação seguinte. — Outro sentido disso seria a *ordem cósmica* e divina e seus elementos. Seja como for, o *dharma* seria um fator fundamental da existência, pertencente às categorias das substâncias, dos atributos e das ações, indiscriminadamente, cobrindo assim a extensão inteira da matéria, das emoções, etc.

Nas mãos de alguns filósofos hindus, as explicações sobre a natureza assumiram uma natureza mecanicista, atéia e materialista; e eles têm usado idéias mecanicistas com propósitos anti-religiosos. Porém, a tendência do hinduísmo sempre foi buscar alguma explicação mística e religiosa da natureza. A lei, ou *karma* (vide) tornou-se, nesse sistema, mais importante que as supostas leis naturais de cunho mecanicista.

3. *Filosofias Monísticas, Místicas e Ilusionísticas.* No budismo, alguns filósofos têm-se referido a todos os fenômenos como ilusórios. A consciência tem sido reputada por eles como algo absoluto, ao passo que o mundo material seria somente uma projeção ilusória daquela consciência. Em outras palavras, eles postulam uma espécie de *idealismo absoluto*. Na Vedanta, encontramos a síntese entre a *atman* e o *Brahman*, que teria produzido uma unidade ou monismo, como o alvo final de toda a existência. Os hindus descobrem textos de prova para tais noções nos hinos Upanisadas. Há uma espécie de filosofia da linguagem no conceito que diz que a pluralidade das palavras deriva-se da única palavra transcendental, *Brahman*. As idéias estéticas são definidas como experiências com a beleza, relacionadas à concretização do Brahman, quando a atman mescla-se com aquela realidade superior. Isso tem parelelo na Visão Beatífica do cristianismo.

4. *Idéias Teísticas.* A crença em uma divindade absoluta e pessoal pode ser datada já desde o século IV A.C. E essa crença reaparece no Bhagavad Gita, dos séculos III e II A.C. O período mais antigo foi caracterizado por declarações um tanto vagas sobre a relação entre um Ser Supremo, a alma humana e a matéria primeva. Após o estabelecimento da Vedanta monística, o teísmo hindu reagiu ao formular, sob o mesmo título, uma outra obra do mesmo título, Vedanta, que foi uma expressão sistemática e realmente filosófica do pensamento teísta. A primeira pessoa a fazer assim foi Ramanuma, já no século XII D.C. Essa tendência prosseguiu, paralelamente a outras idéias, mais antigas. Nos escritos de pensadores hindus como Aurobindo (1872-1950) e Vivekananda (1863-1902), o teísmo foi vigorosamente promovido.

FILOSOFIA, HISTÓRIA DA

Ver o artigo geral sobre a **Filosofia, seção quarta,** onde são discutidos os principais períodos históricos da filosofia. Em certo sentido, a filosofia consiste na *história das idéias*.

FILOSOFIA ISLÂMICA

No islamismo, a filosofia tem merecido a mesma posição e caráter que tem recebido no seio da Igreja Católica Romana. Em contraste com a antiga filosofia judaica (vide), e com a filosofia hindu (vide), tem havido uma genuína filosofia islâmica, ainda que, no caso da Igreja Católica Romana, a filosofia sirva, principalmente, para auxiliar à teologia.

Durante muitos séculos, a filosofia islâmica dependeu das idéias e da cultura gregas. É interessante observar que, com o declínio da Grécia, até o surgimento do escolasticismo (vide), os avanços nas ciências, na medicina, na matemática, na literatura e na filosofia devem ser creditados ao mundo árabe, embora eles se inspirassem inteiramente na antiga atividade dos gregos.

1. *Uma Fonte Originária Principal.* A cidade de Alexandria tornou-se o centro da atividade científica e filosófica do mundo helenista. Ali havia uma biblioteca que, a certa altura, atingiu um milhão de volumes, representando, virtualmente, toda a literatura conhecida do mundo antigo. Ver sobre *Alexandria, Biblioteca de.* Traduções árabes de parte desse grande acúmulo de material, tornaram-se a base da ciência e da filosofia islâmicas.

2. *Crescimento.* À medida que cresceu o interesse dos árabes pelas ciências e pela filosofia, manuscritos gregos foram sendo traduzidos para o árabe. Uma das principais tarefas dos eruditos alexandrinos consistiu em fornecer ao mundo árabe esses documentos antigos. Foi assim que, conforme alguns têm dito, Platão e Aristóteles começaram a falar o árabe. Floresceram nos países árabes escolas platônicas, neoplatônicas e aristotélicas. Os maiores filósofos islamitas surgiram entre os séculos IX e XII D.C., incluindo-se, entre eles, figuras como Alkindi, Al-Farabi, Avicena, Avanpace e Averróis, sobre os quais temos apresentado artigos separados. Al-Ghazzali procurou conservar a ortodoxia islâmica, bem como o misticismo não-filosófico e, assim fazendo, criticou vigorosamente a atividade filosófica do islamismo.

3. *A Europa dos séculos XII e XIII D.C.* muito se beneficiou com as atividades da filosofia islâmica, porquanto muito material registrado em árabe foi traduzido para o latim, ficando assim à disposição de filósofos que não falavam o árabe. Aristóteles tornou-se conhecido dessa maneira, por Alberto Magno e por Tomás de Aquino. E todos sabemos que foi com base nisso que se desenvolveu o escolasticismo (vide).

4. *Os Conflitos.* As especulações neoplatônicas criaram grande conflito com as idéias ortodoxas sobre Allah. Alguns islamitas rejeitavam a abordagem filosófica, enquanto que outros tentavam explicar Allah através dos conceitos de Platão, da mesma maneira que, no mundo cristão, os escritos de Platão tinham sido úteis para formar a teologia, sobretudo dos pais alexandrinos da Igreja.

A introdução do pensamento grego no islamismo separou os tradicionalistas dos progressistas, e ambos os lados tiveram de apelar para a dialética grega a fim de defenderem seus pontos de vista. Como sempre, disso resultaram perseguições, e até mesmo execuções. A escola de *Mutazilah*, que explicava as doutrinas do islamismo através de termos e idéias gregas, foi capaz de permanecer dentro do islamismo, embora tivesse sofrido períodos de perseguição. Alguns romperam com a organização religiosa, como Al-Razi (falecido em 923 D.C.), rejeitando as profecias e promovendo as idéias de Platão e o neoplatonismo. Ele foi anatematizado pela maioria dos islamitas ortodoxos.

Al Kindi (falecido após 866 D.C.) tentou harmonizar a filosofia com a religião, como se fosse uma espécie de Tomás de Aquino muçulmano. Seu sistema era eclético, tendo-se valido das idéias de Platão e de Aristóteles. *Al-Farabi* foi um verdadeiro neoplatonista islâmico, tendo identificado o Allah do islamismo com o Um de Plotino. *Al-Ahsari* foi outra figura similar a Tomás de Aquino dentro do islamismo. *Avicena* incluiu elementos de Platão, de Aristóteles e do misticismo, tendo sido atacado mediante vinte proposições diferentes pelo fundamentalista Al-Ghazzali, que exortou os fiéis a permanecerem em guarda.

Foi dessa maneira que se densenvolveu o misticismo islâmico, chamado sufismo (vide). Os *Ishraqi* produziram uma escola iluminista, cujo expositor mais bem conhecido foi Al-Surawardi (1155-1591). Sua mistura de idéias era, essencialmente, uma forma de neoplatonismo com outros conceitos místicos. Em certo sentido, o sufismo foi uma reação e um protesto contra o crescente poder do aristotelianismo dentro do islamismo. Averrôis foi o maior dos filósofos aristotelianos do islamismo (1126-1198). Acusou Al-Ghazzali de não compreender o que a sua escola estava procurando dizer, o que explicaria as suas inúmeras objeções. Porém, a influência de Averrôis foi maior fora do islamismo do que dentro do mesmo, quando quinze de seus trinta e oito comentários sobre os escritos de Aristóteles foram traduzidos para o latim, permitindo que as idéias de Aristóteles fossem examinadas pelos filósofos cristãos.

A invasão do Egito pelas tropas de Napoleão, em 1798, e os ideais da Revolução Francesa, produziram enormes choques culturais dentro do mundo islâmico e, como conseqüência, o declínio da atividade filosófica, embora não da atividade religiosa. Os modernos filósofos árabes que têm promovido o positivismo lógico, o existencialismo, etc., dificilmente podem ser tidos como bons representantes da filosofia islâmica.

FILOSOFIA JUDAICA

Esboço:

I. A Preocupação Final
II. Filosofia da História
III. A Filosofia do Livro
IV. O Problema do Mal
V. Os Tempos Helenistas
VI. Começo da Era Cristã
VII. A Cabala
VIII. Do Século X D.C. em Diante
IX. O Iluminismo
X. O Século XIX
XI. O Século XX
XII. Ética — a Grande Contribuição da Filosofia Judaica

I. A Preocupação Final

Talvez Israel tenha sido a única nação da história que tem sido essencialmente religiosa, acima de qualquer outra consideração, e cuja literatura, legislação e formas de governo têm sido inspiradas por Deus. Seja como for, sempre foi uma característica dos hebreus preocupar-se com questões finais. Mesmo que o pensamento dos hebreus tenha começado no *henoteísmo* (há muitos deuses, mas nós reconhecemos somente um Deus), não demorou para que eles adotassem o *monoteísmo* (vide). A doutrina da imortalidade, porém, só entrou no judaísmo bem posteriormente. No Pentateuco não há referências ou ensinos claros sobre a alma. Embora as leis mosaicas fossem complexas e obrigatórias, não há ali qualquer promessa de recompensa ou de punição eternas, circunstância essa que seria quase impossível de imaginar se ali houvesse qualquer doutrina da alma.

II. Filosofia da História

O Antigo Testamento representa uma filosofia da história. Desde o começo aparece Deus, como o criador de todas as coisas. É criado o homem e, dentre a humanidade, é escolhida uma nação que passa a servir de veículo da mensagem espiritual. Toda a sua história é teisticamente controlada. Sua história é linear, tendo tido um começo no tempo, e passando de um evento para outro, até chegar a um clímax, na exaltação dessa nação acima de todas as demais, mediante o cumprimento do reino messiânico prometido nas Escrituras Sagradas. O ponto final dessa história será uma espécie de era áurea, onde o conhecimento do Senhor propagar-se-á por todo o orbe, e uma utopia geral é concretizada.

III. A Filosofia do Livro

Vários povos antigos tinham livros sagrados, pelo que, quanto a esse particular, Israel não foi um caso isolado. A possessão de livros sagrados indica uma atitude filosófica. Isso significa que ali há fé no *teísmo* (vide), que há um Deus que revela a si mesmo e à sua vontade, e que ele está perto do profeta que é escolhido para guiar o povo. A própria Bíblia não apresenta nenhum sistema filosófico, — embora contenha certo número de conceitos filosóficos básicos. Conforme acabamos de afirmar, temos na Bíblia reflexos claros do teísmo e de uma filosofia da história. Além disso, no livro de Jó, encontramos um tratamento sobre o problema do mal, além de uma sabedoria popular filosófica nos livros de Provérbios e Eclesiastes, este último tendo sofrido alguma influência da cultura grega.

IV. O Problema do Mal

Nesta enciclopédia apresentamos um longo e detalhado artigo sobre esse problema, visto que se trata de um dos mais espinhosos problemas da filosofia e da teologia. Ver sobre o *Problema do Mal*. A grande questão é como pode haver tanto sofrimento aparentemente sem sentido, em face do fato de que há um Deus todo-poderoso, todo-bondoso e que tudo sabe. O livro de Jó aborda diretamente esse problema. Trata-se de uma abordagem profunda e altamente artística, mas muitos teólogos sentem-se perturbados ante algumas de suas conclusões. Nesse caso, o sofrimento ocorreu por causa de uma espécie de aposta entre Deus e Satanás. Deus queria provar que a perseverança de Jó derivava-se de seu amor a ele e de motivos apropriados e não somente por causa de sua prosperidade material. Os supostos consoladores de Jó, que então se apresentaram a ele, na realidade eram seus adversários, e salientaram o *problema do pecado* como a causa de seus sofrimentos. Jó negou isso peremptoriamente e, mui provavelmente, não erramos quando dizemos que ele estava correto em sua avaliação, ainda que, no fim do livro, quando Deus lhe exibiu a sua glória, Jó reconheceu seu próprio estado pecaminoso e miserável. Ver Jó 42:1-6. Jó termina arrependendo-se disso (vs. 6), embora isso não signifique que os seus consoladores molestos tivessem vencido na argumentação. Ele era um miserável pecador, o que se tornou evidente quando a glória de Deus foi revelada; mas, não fora *por causa disso* que Jó fora testado tão severamente. Antes, o teste serviu para que ficasse demonstrada a genuinidade de sua espiritualidade. Talvez a história da intromissão de Satanás, com que o livro começa, tenha servido somente de introdução literária, não

devendo ser levada por demais a sério no tocante ao problema do mal. Mas, talvez, também explique muita coisa que, de outra maneira não teria explicação.

No fim, Jó é grandemente abençoado, tendo recebido muito mais do que havia perdido. Ora, muitos teólogos sentem-se infelizes justamente com esse final feliz, porquanto isso dificilmente caracteriza o problema do mal. Para eles, parece que as tragédias gregas são muito mais realistas quanto a esse aspecto. Na vida real, um homem é esmagado diversas vezes, — é triturado, e, então, é pulverizado, para nunca mais soerguer-se. E o resto da história fica por conta do destino da alma, porquanto é inútil esperar o triunfo deste lado da existência. Geralmente, precisamos ter uma fé que não espere por reversões neste lado da vida. No entanto, às vezes é aqui mesmo que Deus nos abençoa. Pelo que agradecemos ao Senhor por essas bênçãos menores, mas muito apreciadas, que nos reivindicam a retidão que temos em Cristo. O livro de Jó, pois, termina com uma direta *intervenção divina*, para mostrar que Deus não esquece da causa de seus servos fiéis, termina com uma reversão após as mais negras condições.

Há um estranho detalhe no livro de Jó, notado por todos os estudiosos, que é o fato de que o mesmo nunca apela para a lei. Seria isso motivado pelo fato de que foi escrito antes da outorga da lei, sendo assim o mais antigo dos livros do Antigo Testamento? Ou teria sido porque foi escrito já no período helenista, sendo uma espécie de estudo filosófico, embora refletindo uma posição judaica ortodoxa? Ver o artigo sobre *Jó*.

V. Os Tempos Helenistas

As conquistas militares de Alexandre, o Grande, levaram a cultura grega a entrar em contacto direto com o judaísmo. As primeiras referências dos gregos aos judeus julgam-nos uma raça de filósofos, provavelmente, porque preocupavam-se com as questões últimas da vida, tal como o faziam os gregos. Mas, quando as idéias do helenismo entravam em choque com as idéias judaicas, isso produzia duas reações opostas. A ortodoxia estreita rejeitava todas as influências pagãs, e muitos chegaram mesmo a lamentar que a Bíblia hebraica tivesse sido traduzida para o grego , na Septuaginta (vide). Porém, outros judeus tentavam acomodar-se adaptando a religião hebraica à filosofia grega. Havia muitos elementos comuns, de tal modo que se podia chegar até a uma espécie de harmonia. O principal filósofo judeu, que procurou obter tal harmonização, foi Filo, um filósofo neoplatônico voltado para o Antigo Testamento. Ver o artigo separado sobre *Filo*. Josefo também nos forneceu alguns comentários filosóficos, embora tivesse sido, principalmente, um historiador dos judeus. Além disso, o livro canônico de Eclesiastes e certos livros apócrifos, como Sabedoria de Salomão e IV Macabeus demonstram interesses filosóficos nítidos.

VI. Começo da Era Cristã

Do século III D.C. em diante, houve centros do pensamento judaico que continuaram ensinando por vários séculos, nos países do Oriente de fala aramaica. A literatura do período, especialmente o *Talmude*, apresenta bem pouca filosofia sistemática; mas vários aspectos de sua teologia eram obviamente influenciados por idéias gregas e persas. Com o surgimento do *calão* islâmico (filosofia empregada para justificar as crenças religiosas), houve o ressurgimento da atividade filosófica. Entre os judeus, os *caraítas* (vide) revoltaram-se tanto contra a filosofia quanto contra as interpretações rabínicas. Eles datam dos séculos IX a XII D.C. e formavam uma espécie de movimento de retorno à Bíblia. Isso não fez cessar nem as interpretações rabínicas e nem as especulações filosóficas, mas levou os rabinos e os filósofos a buscarem melhores maneiras de defender seus pontos de vista e suas atividades.

VII. A Cabala

As datas para o desenvolvimento dessa tradição judaica são 500 a 1000 D.C. Ver sobre a *Cabala*. Isso consistia essencialmente no desenvolvimento das tradições místicas judaicas, com muita dose de especulação filosófica, que não fazia parte do judaísmo primitivo. Importantes cabalistas foram Moses Nahmanides, Ibn Gabirol e Yehudah Hallevi.

VIII. Do Século X D.C. em Diante

O calão dos islamitas, o neoplatonismo e o aristotelismo exerceram grande influência sobre os pensadores judaicos da Idade Média. As reivindicações e metodologias conflitantes da razão e da revelação foram discutidas, como também as provas da existência de Deus e os seus atributos, o determinismo divino em contraste com o livre-arbítrio humano, e as questões sobre a lei e a ética. O mais destacado filósofo judeu desse período foi Moses Maimônides, sobre quem damos um artigo separado. A Cabala foi uma atividade paralela a essa, onde florescia certa tradição mística. Hasdai Crescas e Isaac Abarbanel (1437-1508) pensavam que os filósofos judeus tinham ido longe demais na tentativa de identificarem Aristóteles com Moisés e expuseram o seu protesto. Quase toda essa atividade teve lugar em países islâmicos, ou então na Espanha. Nas terras cristãs, os judeus eram oprimidos, e não tinham liberdade para fazer funcionar suas escolas de investigação. Porém, na Itália da época da Renascença, houve alguma expressão nesse sentido, quando então surgiu Baruque Spinoza, na Holanda, no século XVII. Na Alemanha, o primeiro filósofo judeu de nota foi Mosés Mendelssohn (1629-1786). Após a sua época, filósofos judeus continuaram a participar, e mais livremente, da vida cultural européia.

IX. O Iluminismo

O judaísmo ortodoxo lutava para manter sua tradição e, por isso mesmo, com freqüência opôs-se aos desenvolvimentos do Iluminismo, sobretudo a sua tendência para enfatizar demasiadamente a ciência, rejeitando reivindicações religiosas. Por outra parte, alguns judeus abandonaram totalmente a sua fé, tendo sido arrebatados pela febre provocada pelo Iluminismo. Entre esses dois extremos, havia aqueles que faziam tentativas para harmonizar os mesmos, com alguma fragmentação no tocante ao judaísmo tradicional. Essa grande diversidade impossibilita-nos agora identificar certos aspectos da filosofia judaica da época. Simplesmente houve vários filósofos judeus, que promoviam sistemas diferentes.

X. O Século XIX

O idealismo alemão, dentro das teorias de Kant, de Schelling e de Hegbel influenciou os pensadores judeus. Nachman Krochmal (1785-1840), Salomão Formstecher (1808-1889), Samuel Hirsch (1815-1889) e Mortiz Lazarus (1824-1903) podem ser contados entre os tais. Krochmal foi pioneiro no estudo crítico das fontes históricas, com vistas a definir a essência do judaísmo. Isso preparou o caminho para a ciência do judaísmo (*Wissenschaft des Judentums*), promovida por Leopoldo Zuns (1794-1886) e Abraão Geiger (1810-1874). Como sempre, alguns se opuseram à invasão da filosofia, conclamando os judeus a

voltarem ao judaísmo, conforme o mesmo aparece na revelação do Antigo Testamento. S.L. Steinheim e S.D. Luzatto são contados entre esses homens.

O *sionismo*, uma nova filosofia política, surgiu no século XIX. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Filósofos judeus ativos nesse campo foram A.H. Ginsberg (1856-1927), A.D. Gordon (1856-1922). Por sua vez, A.I. Kook (1865-1935) e Martin Buber (1879-1965) misturaram o misticismo com essa filosofia.

XI. O Século XX

Hermann Cohen (1842-1918) desenvolveu um sistema de *idealismo* e exerceu profunda influência sobre o pensamento judaico. Leo Baeck (1873-1956), Buber e Franz Rosenzweig (1886-1929) desenvolveram alguns de seus pensamentos e o sionismo continuou sendo uma das principais forças entre os filósofos judeus. Buber e Rosenzweig também incorporaram em seu sistema certos elementos do existencialismo (vide).

O nazismo de Hitler destruiu grande parte da vida cultural judaica na Europa, assinalando o fim de uma época, incluindo todos os esforços para harmonizar o judaísmo com o idealismo alemão. Depois disso, a linguagem filosófica do judaísmo tornou-se predominantemente inglesa, e os Estados Unidos da América do Norte o lugar mais importante de expressão do judaísmo. Entrementes, os ideais preliminares do sionismo tiveram cumprimento, posto que parcial, no reavivamento da nação judaica, após a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1948. Um filósofo judeu de nomeada foi M.M. Kaplan, que combinou uma forma extremada de naturalismo com a manutenção das formas tradicionais da observância religiosa dos judeus. O existencialismo, porém, continuou exercendo alguma influência, como nos escritos de A.J. Heschel (1907-1972).

XII. Ética — A Grande Contribuição da Filosofia Judaica

Embora o Antigo Testamento não seja um manual de princípios éticos, em qualquer sentido formal, nenhuma outra obra escrita, excetuando talvez o Novo Testamento, tem exercido tão vasta influência sobre o pensamento ético do mundo. Essa influência tem envolvido tanto a ética individual quanto a ética social. O Antigo e o Novo Testamentos, juntamente com os códigos legais romanos, têm sido os mais decisivos fatores na formação das leis civis dos países da Europa e da América. Ver o artigo separado sobre a Ética do *Antigo Testamento*.

FILOSOFIA LINGÜÍSTICA

Esse é o estudo que assevera que o estudo cuidadoso de como a linguagem é usada, ensinada e aplicada aos discursos da vida diária pode iluminar e mesmo transformar ou dissolver problemas filosóficos de longa data. A base dessa suposição é que os próprios problemas originaram-se no uso frouxo da linguagem, mediante o que a ambigüidade, e mesmo a falsidade, penetraram — secretamente — na filosofia. Por esse motivo, pois, alguns filósofos têm dado muita atenção ao uso que fazemos da linguagem, em sua sintaxe, significado das palavras, ambigüidades, etc. Pelo seu lado positivo, podemos dizer que visto que a linguagem é o grande veículo da comunicação e o instrumento do conhecimento científico, por isso mesmo tal estudo produz, naturalmente, os seus frutos. Quanto a seu lado negativo, devemos afirmar que é uma ingenuidade supor que as grandes verdades, que com freqüência transcendem, parcial ou completamente, a linguagem do homem, possam ser descritas, de qualquer modo mais apto, simplesmente porque são expressas mediante uma linguagem aprimorada. O misticismo deixa claro que quanto mais profunda for uma verdade, mais inefável ela se torna. O que perscruta essas verdades é a iluminação espiritual, e não apenas a análise lingüística.

Os mais importantes expositores da filosofia lingüística têm sido Wittgenstein, J.L. Austin e Ryle (ver os artigos separados sobre esses três estudiosos).

FILOSOFIA PERENE

A expressão, no latim, é **philosophia perennis**, uma expressão cunhada por Steuchen, em 1540, para referir-se às *características comuns* da filosofia de sua época, a saber, o escolasticismo medieval. Tal expressão tem sido usada como sinônimo de *tomismo* (vide). Ainda há outros usos, a saber: 1. o que é comum na filosofia grega; 2. elementos válidos da história inteira da filosofia (Leibniz), que supunha que a sua própria filosofia seria uma continuação dessa tradição; 3. qualquer filosofia dotada de base adequada (Urban), referindo-se, especificamente, aos sistemas de Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino.

FILOSOFIA POLÍTICA

I. Definições e Caracterização Geral

A *política* é um dos seis ramos tradicionais da filosofia. Platão pode ser caracterizado como o pai da política, porquanto em sua filosofia, sobretudo em seu diálogo intitulado *República*, ele desenvolveu uma extensa teoria política. A filosofia política ocupa-se com a conduta ideal do Estado, como a ética das sociedades organizadas. Naturalmente, esse aspecto da filosofia estuda questões como formas de governo, seus ideais e alvos, as instituições que envolvem a propriedade, a família, os sistemas legais, a educação pública, as relações internacionais, a estrutura das classes, a religião, os direitos individuais e coletivos, os deveres individuais e coletivos, etc. E, quando alguém começa a filosofar sobre problemas assim, já está tratando da filosofia da política.

II. Origem

Dentro do período da filosofia clássica, de Sócrates, Platão e Aristóteles, encontramos o desenvolvimento dos tradicionais seis ramos da filosofia. Ver o artigo geral sobre a *Filosofia*, terceira seção. A *República*, de Platão, foi a primeira tentativa, até onde somos capazes de sondar, a tratar dos problemas dos ideais e da conduta do Estado. Quais leis e conceitos deveriam governar um estado justo, onde cada indivíduo tem uma tarefa apropriada a cumprir?

III. Idéias e Sistemas Específicos

1. *Platão*. Ele idealizava um Estado em que o sistema educacional haveria de ir separando gradualmente as classes em seus setores apropriados, cada um com a sua própria função e importância. Uma sociedade justa teria a mesma estrutura de uma alma justa. Os filósofos (encabeçados pelo *rei-filósofo*) seriam os governantes, correspondendo à *razão*, no homem. Todas as coisas seriam de propriedade comum, o que significa que o Estado ideal seria comunista. Haveria também os *guerreiros*, a classe dos corajosos (correspondentes à vontade, no homem), que formariam a segunda classe, oferecendo proteção e boa ordem, elementos necessários da sociedade. Seguir-se-ia a classe dos artesãos, negociantes, agricultores, etc., os produtores da sociedade, correspondentes aos apetites inferiores, no homem.

Cada indivíduo teria a sua ocupação, que contribuiria para o bem-estar total. O rei-filósofo seria produzido após um longo tempo de treinamento, separado de homens de menor envergadura, sendo não somente o mais poderoso, mas também o mais inteligente e justo dos homens. Suas idéias são encontradas, essencialmente, em seus diálogos, *República* e *Leis*. Este último trabalho modificou algumas idéias, expondo mais um ideal democrático, por meio da liberdade, impelido pela vontade moral.

2. *Aristóteles* fazia da família a unidade central do Estado, e não o indivíduo (conforme Platão fizera), e criticou o comunismo de Platão como um sistema prejudicial à família. Sua obra, *Política*, é uma análise de várias formas de governo. Ele opinava que nenhuma forma de governo é melhor que as demais, e que um governo misto, com uma constituição apropriada, seria o melhor que os homens são capazes de fazer neste mundo. Ele pensava que a monarquia, a aristocracia e a *politéia* (uma espécie de democracia), são as melhores variedades de governo. As suas respectivas deformações seriam a tirania, a oligarquia e a democracia popular. Ele parecia preferir a *politéia* como o melhor dentre esses três sistemas.

3. *O Estoicismo*. Esse sistema enfatizava a fraternidade universal dos homens. Cada indivíduo seria membro da *cosmópolis*, responsável diante da lei da razão, conforme ditada pelo todo-poderoso Logos. O governo e a lei dos romanos foram influenciados pelo ideal estóico do homem como um cidadão do mundo. Os governos que toleram leis que limitam os estrangeiros são contrários a esse ideal.

4. *Agostinho*. Ver o artigo separado sobre *Filosofia da História*, em seu quarto ponto, por detrás de suas idéias sobre a política. Para ele, a política envolvia o conflito entre o Estado pagão e a Igreja remida, o primeiro uma força temporal e falível, a outra uma força transcendental e eterna. A Igreja seria a mestra e a orientadora do Estado. A filosofia de Agostinho concebia uma espécie de semiteocracia.

5. *A Idade Média*. As idéias de Agostinho dominaram as relações entre a Igreja e o Estado por cerca de mil anos. Surgiu a doutrina das duas espadas: uma, a da Igreja, e a outra, a do Estado. Em outras palavras, haveria duas autoridades, lado a lado, embora a Igreja dominasse o Estado. Importante, durante esse período, foi a doutrina do direito divino dos reis (vide). Marsílio de Pádua (vide) assinalou um importante ponto na filosofia política, asseverando que o Estado é supremo quanto a questões seculares e que tanto a autoridade do Estado quanto a autoridade da Igreja repousam sobre o povo. Esses conceitos já apontavam na direção da separação entre a Igreja e o Estado e na direção da democracia.

6. *Maquiavel* (vide) proclamou a supremacia do Estado. O poder do Estado precisa ser preservado, por quaisquer meios necessários para tanto.

7. *Grótio* referia-se às leis naturais como a principal força governante no mundo, supondo que os homens reconhecem intuitivamente essas leis. As leis civis deveriam ser o reflexo das leis naturais. Existem princípios auto-evidentes que a *razão* reconhece e aprova.

8. *Hobbes* descreveu como os governos podem ser estruturados segundo linhas aristotélicas, expressando a monarquia, a aristocracia ou a democracia. Mas, uma vez instituídos, a tendência seria a eliminação dos direitos individuais, à medida que o Estado for-se tornando supremo. Ele enfatizava a existência e a prioridade das leis naturais. Ele acreditava que a monarquia é a melhor forma de governo, enquanto não se corrompe. — Se ela vier a corromper-se, então os homens deveriam buscar um novo contrato com as autoridades.

9. *Locke* pensava que qualquer contrato social, resultando em alguma forma de governo, deveria promover os direitos individuais, objetando até mesmo às monarquias benévolas, sempre que os direitos individuais forem limitados ou destruídos.

10. *Rousseau* misturava idéias de Hobbes e de Locke. Ele enfatizava o governo da vontade geral, que deveria ordenar a sociedade, e assim encorajava a democracia como a forma ideal de governo.

11. *Kant* enfatizava quão desejável é o império da lei universal, isto é, um governo mundial.

12. *Hegel* pensava que o Espírito Absoluto cria todos os movimentos e instituições políticas. A tese seria a família; a antítese seria a sociedade civil; e a síntese seria o Estado. Idealmente, esse Estado deveria ser constitucional, fiel às leis internacionais, que põem em vigor a marcha ideal da história do mundo. Passaríamos da monarquia para as funções executivas e legislativas do governo. O Estado seria a verdadeira finalidade do homem social. Tal tipo de governo estribar-se-ia sobre sua submissão aos interesses públicos, enfatizando os valores nacionais e internacionais e as tradições morais. A vontade social seria um reflexo da Vontade Universal. A forma mais elevada de governo seria a *monarquia constitucional*.

13. *Marx* construiu a sua teoria política sobre a tríade de Hegel, embora fizesse do dinheiro o fator preponderante, —em vez do espírito. Mediante uma série de choques de classes, e de tríades secundárias, chegaríamos à tríade do capitalismo-socialismo-comunismo, onde este último emergiria triunfante, afinal de contas. Ver o artigo separado sobre o *Comunismo*. Ele concebia um período de controle ditatorial como algo necessário para a produção de uma sociedade final destituída de classes.

14. *Maritain* argumentava em favor da democracia como a maneira mais provável de produzir um Estado ordeiro e feliz. E, paralelamente, enfatizava a visão política da Igreja, dizendo que o destino real do homem reside no espírito, nos mundos celestiais, e não neste mundo.

15. O *cristianismo*, como sistema, não apresenta qualquer filosofia política. Transfere todo o idealismo, nesse particular, para o futuro governo de Cristo, durante o milênio, embora existam cristãos verdadeiros que negam a realidade do governo milenar de Cristo. O judaísmo tinha a sua teocracia; e a fé cristã retém certos aspectos do mesmo, embora transferindo o Reino de Deus para os mundos celestiais. De fato, Jesus declarou: «O meu reino não é deste mundo... mas agora o meu reino não é daqui» (João 18:36). Visto que o cristianismo não tem qualquer reino terreno, segundo a nossa opinião, deve haver separação entre a Igreja e o Estado. Não obstante, reconhecemos que a Igreja oferece muitas diretrizes para a atividade política, segundo se vê nos pontos abaixo:

a. Em primeiro lugar, o homem é um ser espiritual, devendo ser tratado como tal. As teorias que deixam de lado essa dimensão e perseguem à Igreja, fechando suas escolas e outras instituições, são sistemas malignos, sem importar os pontos positivos que possam apresentar. As atividades espirituais dever-se-ia permitir larga margem de ação, sendo encorajadas pelo Estado, embora não diretamente promovidas pelo Estado.

b. A *liberdade religiosa* deveria ser garantida na constituição dos Estados, incluindo a liberdade de

crença, no tocante àquilo que alguém pensa ser correto, sem qualquer temor de retaliação, sem falarmos na liberdade de propagar a própria fé em particular e publicamente.

c. *Obras de caridade*, como também aquelas que promovem a segurança e o bem-estar dos cidadãos são princípios aprovados pela Bíblia. Tais coisas deveriam ser encorajadas pelo Estado.

d. Escolas religiosas de todos os tipos deveriam ter permissão para funcionar e propagar suas idéias. A educação encabeçada pelo Estado não deveria ser imposta sobre aqueles que querem receber uma educação religiosa. Por outro lado, as escolas dirigidas pela Igreja deveriam mostrar-se fiéis aos padrões mínimos de educação ditados pelo Estado. O direito de apelo e de mudanças deveria ser garantido.

FILOSOFIA RADICAL

Fichte tornou-se conhecido como um filósofo que raciocinava intensamente, ou seja, com o propósito de impor modificações. A *filosofia radical* foi um movimento iniciado na década de 1970, promovido por um jornal do mesmo nome. Esse periódico procurava transmitir a mensagem de que a filosofia deveria ser relevante, e não trivial. Os filósofos não deveriam ser meros intérpretes do mundo. Antes, deveriam ser fatores que impõem mudanças. Ver o artigo separado sobre *John Stuart Mill*. — Idêntica atitude deveria ser aplicada à teologia. Acima de tudo, a prática da lei do amor deveria ser a maneira de tornarmos eficaz e operante a nossa teologia. Acrescente-se a isso que deveríamos reconhecer que uma boa teoria (dogma) não é suficiente. A ortodoxia não basta. Deve haver experiências místicas que levem os homens a aquecer as mãos nas chamas da realidade última; deve haver a aplicação prática das nossas crenças; deve haver em nós uma vida transformada.

FILOSOFIA RUSSA

Nenhuma filosofia original tem sido produzida na Rússia. Portanto, a chamada filosofia russa é apenas a filosofia européia, tomada por empréstimo e adaptada. Até mesmo o marxismo, que atualmente domina a União Soviética, não foi uma criação russa.

Alguns Filósofos Russos Notáveis:

1. G.S. Skovoroda (1722-1794). Ele é conhecido como o primeiro filósofo russo. Ele sintetizou o cristianismo, o platonismo, o misticismo e o panteísmo.

2. A.N. Radischev (1749-1802). Foi o mais importante filósofo russo da iluminação, influenciado por Voltaire e por Rousseau. Era essencialmente um filósofo político, que criticava os males sociais da servidão, da censura e da aristocracia.

3. M. Bakunin (ver o artigo separado sobre ele). Foi o primeiro promotor da filosofia hegeliana, mas terminou sendo um anarquista.

4. Tolstoy (vide). — Criou uma espécie de filosofia ética que dependia de conceitos neotestamentários. Promoveu uma espécie de anarquia religiosa, não violenta.

5. V. Soloviev (vide). Misturava idéias de Hegel, o pampsiquismo e o panteísmo. Através dessa síntese, referia-se à história da humanidade, como se a mesma estivesse se movendo na direção de uma espécie de humanidade divina.

6. G.V. Plekhanov (vide). Foi um filósofo marxista, embora explicasse a matéria segundo termos fenomenológicos. Lenin classificou-o como um idealista, por causa dessa abordagem e, desse modo, criticou-o severamente.

7. N. O. Lossky falava sobre liberdade e sobre o Deus vivo, tendo desenvolvido uma certa filosofia alicerçada sobre esses conceitos.

8. V.I. Lenin (vide) foi um marxista ortodoxo, materialista e ateu. Ele defendia a teoria da *cópia exata* da percepção. Engels já havia ensinado que o mundo pode ser copiado com exatidão, no consciente. O processo dialético era por ele considerado como absolutamente determinante, pelo que a economia, e não Deus, é que controlaria este mundo, de acordo com a opinião de Lenin.

9. A.A. Bogdanov (vide) não aceitava as idéias nem de Lenin e nem de Plekhanov, referindo-se à matéria como uma *experiência coletiva*, além de interpretar a dialética segundo esses termos.

10. N. Berdyaev (vide), visto estar no exílio, sentiu-se livre para dizer o que pensava. Ele frisava a liberdade e a criatividade e promovia um relacionamento místico com o divino.

11. A corrente filosofia russa é apenas o marxismo, visto que nenhum filósofo seria ali contratado para ensinar em uma universidade soviética, a menos que fosse um marxista. Alguns afirmam que na Rússia há uma crescente apreciação das alternativas, especialmente no caso daqueles que têm participado da cultura russa através dos séculos. Ver o artigo separado sobre o *Marxismo*.

FILÓSOFOS NOVOS

Esse é o título dado a um grupo de filósofos sociais franceses, contrários ao estabelecimento, ao marxismo e às ideologias. Esse movimento veio à existência durante a década de 1970, como fruto das rebeldias e protestos de estudantes e operários. Esses filósofos e seus livros foram: André Glucksmann (*Strategy and Revolution in France*); Jean-Marie Benoist (*Marx is Dead*); Philippe Nemo (*The Structural Man*) e Bernard-Henry Lévy (*Barbarity With a Human Face*).

FIM ABRUPTO DE ATOS

Por que motivo o livro de Atos termina tão abruptamente? Abaixo damos as sugestões oferecidas pelos intérpretes:

1. Se o final do livro de Atos é *abrupto*, por outro lado foi feito com apurado gosto artístico e habilidade. E, afinal de contas, talvez tenha sido desígnio do autor deixar a sua obra escrita nesse ponto—Paulo triunfante, ainda que injustamente aprisionado.

2. Lucas *tinha conhecimento* de outros acontecimentos posteriores, e até mesmo da execução do apóstolo Paulo. Mas isso deve ter-lhe parecido por *demais doloroso*, como episódio a ser incluído em sua narrativa. Outrossim, publicar essa história, que seria equivalente a um comentário desfavorável a Roma, teria somente servido para agitar ainda mais as perseguições do governo romano, que já haviam começado contra os cristãos.

3. Outros estudiosos propõem que o livro de Atos deve ter sido escrito antes da data que geralmente lhe é atribuída, supondo que Lucas escreveu quando Paulo ainda se encontrava aprisionado; e, por isso mesmo, quaisquer acontecimentos posteriores ficaram, naturalmente, em branco. Essa explicação foi dada já nos tempos antigos por Jerônimo (*Sobre*

Homens Famosos, 7), como também por Harnack, nos tempos modernos (*The Date of Acts*), sendo seguida por muitos outros eruditos, incluindo A.T. Robertson. No entanto, essa data anterior para o livro de Atos não é muito provável. (Ver o item II do artigo sobre Atos, — onde a questão da data desse livro é discutida).

4. Ainda outros intérpretes duvidam que Lucas, o médico amado, tenha sido realmente o autor do livro de Atos, e simplesmente supõem que quem quer que tenha escrito esse livro *não dispunha* mais de qualquer fonte informativa que lhe permitisse dar continuidade à sua história, e assim, simplesmente, a interrompeu, onde terminavam os seus informes. Porém, ainda que assim tivesse sucedido, tal autor, sem dúvida alguma, poderia ter procurado outras fontes de informação, ou mesmo poderia ter criado um final favorável para o apóstolo Paulo. Mas, o mais poderoso argumento contra esta quarta posição é que a autoria lucana do livro de Atos é questão praticamente indiscutível, com o que concordam quase todos os estudiosos do assunto. (Ver o artigo sobre Atos, — em seu primeiro item, intitulado *Autoria*).

5. Outros eruditos supõem que aquele para quem foi dedicado tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos — Teófilo, bem como a comunidade cristã em geral — conhecia bem os fatos posteriores da vida de Paulo, e que, por isso mesmo, nada mais foi preciso ser narrado. Não obstante, se essa fosse a única razão para o término abrupto do livro de Atos, ficaria eliminada a razão artística, pois os crentes primitivos também sabiam de muitas outras coisas acerca desse apóstolo que não foram registradas. E assim, o autor sagrado teria sido mais completo em sua narrativa, a menos que tivesse outros motivos, ainda mais fortes, para deixar sua narrativa histórica truncada.

6. É provável que a suposição mais comum a respeito desse problema seja a que Lucas tivesse pensado em preparar um *terceiro volume* histórico, no qual incluiria o relato do julgamento e a exoneração de Paulo, além de sua *quarta* viagem missionária, à Espanha e outros lugares. Não sabemos dizer com certeza se essa teoria está ou não com a razão, ainda que muitos eruditos creiam nela. Esse terceiro volume, entretanto, não foi escrito, porquanto não há o menor traço de um volume dessa natureza, nem mesmo por parte de qualquer informe tradicional ou lendário, onde se verifica o hábito pernicioso de inventar coisas, quando para elas não há base alguma na realidade. No entanto, não é necessário supormos que um terceiro volume histórico tenha sido projetado por Lucas, para explicar o final abrupto do livro de Atos.

7. Parece melhor supormos que o desígnio do ator sagrado foi o de deixar a sua narrativa exatamente onde a deixou, por *motivos apologéticos*. Lucas não queria registrar acontecimentos de ordem narrativa, que só serviriam para irritar ainda mais as autoridades romanas. Tudo quanto quisera dizer, já tinha dito. Havia ele demonstrado que a igreja cristã se desenvolvia em todas as áreas do mundo civilizado daquela época. Havia mostrado quem era Cristo e no que consistia a sua igreja. Havia vindicado a Paulo e à sua causa. Nada mais tinha a dizer. Conforme escreveu McNeile (*St. Paul*, págs. 119 e 120): «A adição de qualquer informe sobre o apóstolo Paulo, de natureza pessoal, por mais interessante e importante que fosse, teria sido uma mancha literária de tal envergadura que Lucas não cometeria jamais, sendo um artista da pena como foi. Depois de haver planejado um esboço sobre a expansão do cristianismo (conf. Atos 1:8), ele não permitiria que a sua narrativa se transformasse em uma biografia, ainda que do próprio apóstolo Paulo». Contudo, essa resposta de McNeile não é perfeita, porquanto boa parte do livro de Atos é de natureza biográfica.

8. Como variação da segunda e da sétima dessas posições, poderíamos dizer que Lucas, o autor sagrado, já havia feito tudo quanto estava ao seu alcance para comprovar e fortalecer o seu alvo apologético *de conciliar* a opinião oficial de Roma, ao demonstrar que as autoridades romanas locais sempre foram coerentemente favoráveis para com o cristianismo, e que elas haviam antes protegido o apóstolo em vez de persegui-lo. Após ter edificado com tanto cuidado a sua tese, não haveria ele de arruinar tudo, dizendo como as coisas se azedaram, como Paulo fora novamente detido e executado. Pois Lucas esperava obter para o cristianismo a posição de *religião legal*, ante as autoridades romanas, privilégio esse de que o judaísmo já desfrutava. Lucas havia dito tudo quanto podia, a fim de cumprir o seu propósito, e não foi além disso. As posições sexta, sétima e oitava são as mais prováveis, ainda que nenhuma dessas idéias nos forneça uma explanação perfeita. A verdadeira resposta *só o próprio Lucas* nos poderia dar, e teremos que esperar até sermos capazes de conversar com ele a respeito de suas razões, que o levaram a terminar de modo abrupto o seu livro de Atos dos Apóstolos.

Crisóstomo oferece-nos uma estranha e curiosa explicação para esse término abrupto do livro de Atos, — que é tão interessante que não podemos deixar de fazer alusão à mesma. Diz ele: «Nesse ponto, o historiador põe ponto final em seu relato, deixando o leitor *sedento*, para que possa especular por si mesmo. Isso é feito até mesmo por escritores estranhos ao cristianismo. Pois saber de tudo deixa-nos preguiçosos e embotados». (*Homilias* sobre o livro de Atos LV).

Não se há de duvidar que podemos dizer acerca de Paulo, tal como foi dito no tocante a Sócrates, por seus amigos: «Tal...foi...o nosso amigo, um homem a quem todos quantos o conheceram em seus dias poderiam chamar de melhor e mais sábio e mais justo de todos os homens». (*Phaedo*, 118 A).

«Portanto, sejamos imitadores de Paulo, e tomemos a sua alma nobre e adamantina como nosso modelo, de tal modo que, seguindo em sua esteira, possamos velejar com segurança pelo oceano tempestuoso da vida, penetrando no porto tranqüilo da paz, e assim obtenhamos aquela salvação que Deus preparou para os que o amam, mediante a graça e o amor de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual vive e reina juntamente com o Pai e o Espírito Santo, em idêntica majestade e glória, bendito para sempre». (Crisóstomo, *Homilias*).

Penso Continuamente Naqueles que Foram Realmente Grandes

Penso continuamente naqueles que foram realmente grandes,
Que, desde o ventre, relembraram a história da alma,
Através dos corredores da luz, onde as horas são sóis,
Intermináveis e cantantes. Cuja amável ambição
Era que seus lábios, ainda que tocados pelo fogo,
Falassem do espírito, revestido em cântico, da cabeça aos pés.
E que ajuntaram ramos da fonte,
Os desejos que ornaram seus corpos como florescências.
O que é precioso jamais deve ser esquecido.
O deleite do sangue, tirado de fontes sem data,

A irromper nas rochas, em mundos anteriores à terra;
Para jamais negar seu prazer na simples luz matinal,
Nem sua grave exigência vespertina pelo amor.
Jamais permitirá que o tráfico diminua gradualmente
Em meio ao ruído, o florescimento do espírito.
Perto está a neve, perto o sol, nos campos mais altos.
Vede como esses nomes são embalados na erva ondulante,
E pelas nuvens brancas em exército,
E pelo sussurro do vento, no céu atento;
Os nomes daqueles que na vida lutaram pela vida,
Que usaram nos corações o centro do fogo,
Nascidos do sol, viajaram por um pouco em direção ao sol,
E deixaram o ar vívido assinado com sua honra.
(Stephan Spender, 1909 -)

Ó Capitão! meu Capitão! nossa temível viagem terminou,
O navio atravessou cada onda, o prêmio foi buscado e ganho...
(Walt Whitman)

FIM DO MUNDO

Ver o artigo geral sobre a *Tradição Profética e a Nossa Época*. Ver também sobre *Escatologia*.

Algumas traduções dizem «fim do mundo», em Mat. 13:39 e 24:13,14. Nossa versão portuguesa diz «consumação do século», na primeira referência, e «fim», na segunda referência. A tradição profética aguarda o tempo em que o mundo, conforme o conhecemos agora, chegará ao fim, com o início de um novo ciclo histórico. Mas o vulgo, tomando a expressão «fim do mundo» literalmente, sem entender o que está envolvido, pensa que o mundo terminará numa conflagração em que os homens nem mais terão onde habitar e que toda a vida terrena que conhecemos, se acabará repentinamente. Em tudo isso vai muito de superstição. Nas ocorrências passadas do cometa de Halley, nações inteiras esperaram o fim do mundo e os beatos tornaram-se mais religiosos do que nunca. A aproximação do ano 2000, de acordo com um grande número de pessoas crédulas, nos está levando ao fim da história da humanidade, como se fosse uma chama que se apaga. Este autor escreveu um livro sobre profecias, intitulado *Profecias Para o Nosso Tempo: Quarenta Anos Finais da Terra?* (Nova Época, SP, Brasil). Ali descrevemos as predições bíblicas e as dos místicos modernos que se têm manifestado sobre o assunto. Sugerimos ali que estamos dentro dos quarenta anos finais da nossa dispensação e que vastíssimas destruições, naturais e provocadas pelos homens, ocorrerão nos nossos próprios dias, antes que seja inaugurada a era milenar.

A tradição bíblica profética teve começo no Antigo Testamento. E o esboço que é dado no livro de Daniel, quanto aos tempos do fim, é seguido por outros escritores sagrados. Essa tradição teve prosseguimento durante o período intertestamentário, nos livros pseudepígrafos. Assim, quando chegamos aos tempos do Novo Testamento, um esboço escatológico geral já estava bem estabelecido. O Novo Testamento, por sua vez, acrescentou alguns detalhes, mormente no que tange ao *anticristo* (que vide) e à relação entre a Igreja cristã e esses acontecimentos que culminarão com a segunda vinda de Cristo. Ver sobre a *Parousia*.

Principais Idéias do Antigo Testamento:

1. Acontecimentos miraculosos e catastróficos assinalarão o fim de nossa era (Joel 2:30; Zac. 14:4).

2. As nações serão julgadas e aquelas que tiverem perseguido ou posto obstáculos no caminho de Israel serão objetos especiais da ira (Joel 3:9-12; Oba. 15,16; Zac. 14:12-15).

3. Israel será plenamente restaurada como nação e haverá a renovação de todas as coisas, uma nova harmonia e prosperidade (Osé. 2:22; Joel 3:18; Amós 9:11-15).

4. Algum dia será estabelecida a paz, política e em outros sentidos (Isa. 2:3,4; Miq. 4:3).

5. Algum dia, a natureza estará em paz (Isa. 65:23-25). Isso é importante porque, no presente, a própria natureza envolve uma ameaça mortal constante (terremotos, desastres naturais, enfermidades, morte física).

6. O poder de Deus generalizar-se-á neste mundo. Ele reinará aqui (Dan. 2:44).

7. Haverá a restauração ao estado de impecabilidade (Sof. 3:11-13; Zac. 14:20,21).

8. Haverá a ressurreição para a imortalidade (Dan. 12:2,3).

O exame de todas essas passagens e seu engaste cronológico revela que esse esboço não veio à tona somente porque uma derrotada nação de Israel ficou esperando dias melhores, após os exílios sofridos. A profecia, — em vez disso, resulta da confiança do homem na atuação de Deus na história e envolve uma previsão genuína e não apenas a expressão de belos desejos.

Principais Idéias do Novo Testamento:

1. Além das coisas alistadas acima, acerca das quais o Novo Testamento tece comentários, temos a idéia de que o aparecimento do Cristo trouxe modificações e coisas novas. O seu sacrifício pessoal foi a concretização do simbolismo do sistema sacrificial do Antigo Testamento (Heb. 9:26), eficaz para a solução definitiva do problema do pecado.

2. A pregação do evangelho, por assim dizer, já começou nos fins dos tempos, como um sinal dos mesmos (Mat. 24:14).

3. Faz-se a distinção entre os acontecimentos que introduzirão o milênio (que vide) dos acontecimentos que introduzirão a era eterna (Apo. 20:21).

4. A volta de Cristo assinalará o fim do antigo sistema (em que vivemos) e a introdução de um novo sistema. Mas o retorno de Cristo envolve uma série de eventos, que culminará com o retorno dele. E, quando Jesus voltar, do que resultará paralelamente o arrebatamento dos salvos, terá início uma série de acontecimentos preditos que terminará com a destruição do céu e da terra que agora existem, após o milênio. O artigo sobre a *Parousia* aborda essas questões. Ver Mat. 24:29,30; I Tes. 4; I Cor. 15.

5. O anticristo (que vide), que surgirá em cena alguns anos antes da volta de Cristo, será uma poderosa força maligna; mas estará servindo aos propósitos de Deus, posto que como uma força negativa (II Tes. 2).

6. O fim de nosso velho ciclo ocorrerá através de eventos catastróficos naturais, paralelamente a eventos produzidos pelos homens, em seu desvario. Ver II Ped. 3:7-10 e Apo. 21:1 quanto a declarações bem definidas sobre o fim desses acontecimentos.

7. O fim da presente dispensação não encerrará todos os planos divinos. Bem pelo contrário, o fim desta dispensação será o começo de uma nova era, da mesma maneira que a morte física, em certo sentido, é um nascimento. A *restauração* (que vide) encontra-se nos planos de Deus a longo prazo.

FINAL, JULGAMENTO

A mente humana não se sente bem diante da idéia de continuidade, de fluxo e progressão eternos, de *fins* que acabam sendo *novos começos*. Por conseguinte, através da literatura de muitas culturas diferentes, encontramos a idéia do juízo *final*, quando, presumivelmente, os destinos eternos serão inexoravelmente determinados. Ver o artigo geral sobre o Julgamento. O judaísmo também tinha o seu julgamento final. As formas dadas à idéia, que finalmente aparecem nas páginas do Novo Testamento (em lugares como o vigésimo capítulo do Apocalipse), foram desenvolvidas nas obras chamadas pseudepígrafas. Idéias de fogo eterno e de sofrimento contínuo e excruciante, são noções desenvolvidas naquela literatura, e que então são refletidas em certos trechos do Novo Testamento.

A investigação histórica parece indicar que é na religião dos persas que se pode encontrar a primeira clara declaração desse tipo de visão sobre o julgamento divino. Seja como for, facilmente podemos acompanhar o manuseio judaico cristão dessa questão. Quando surgiu o cristianismo, Jesus Cristo apareceu como o Juiz do julgamento final (Atos 17:31). O livro de Apocalipse (19:11 — 21:8) é que nos fornece a mais completa declaração cristã sobre o assunto. Essa perspectiva do julgamento tem servido de tema para muitas formas de arte, e também tem sido a base de um número incalculável de sermões. Com grande freqüência, a modificação dessa doutrina, conforme é vista na restauração prometida em Efésios 1:9,10 — que alude ao mistério da vontade de Deus, no que concerne ao destino final dos homens — é olvidada. Ou então é rejeitada, porquanto muitos anseiam por preservar esse antigo ponto de vista sobre o julgamento divino. Quanto a uma discussão completa a respeito, ver o artigo sobre a *Restauração*. Pessoalmente, acredito que o ensino do mistério da vontade de Deus (aquilo que Deus finalmente, fará) ultrapassa o ponto de vista antigo, pois confere esperança aos homens, emprestando um forte acento otimista à vida, e não pessimista. Isso parece ajustar-se melhor àquilo que deveríamos esperar como resultado da missão de Cristo, bem como àquele poder que reside nessa missão. O trecho de I Pedro 4:6 mostra-nos que o julgamento divino será remedial, e não meramente punitivo. O resultado lógico disso será a *restauração*, visto que o julgamento será um *meio* pelo qual o amor de Deus fará certas coisas pelos homens, que ele não poderia fazer de qualquer outra maneira.

FINALISMO

Essa é a doutrina que diz que o universo, bem como a vida em geral, está se esforçando em busca de *finalidades* ou *alvos*, ou seja, por propósitos definitivos. Existem duas formas dessa doutrina. Em primeiro lugar, os fins podem ser concebidos de antemão e fixados. Ou então, eles podem ser novos começos, ou fins criativos, que dão continuação ao processo da inquirição e do desenvolvimento. Alguns filósofos defendem ambas as idéias, combinadas em uma única forma de finalismo. Um dos sinônimos de «finalismo» é *teleologia* (que vede).

FINÉIAS

No hebraico, ao que parece, oráculo. Há quem pense que a origem dessa palavra é egípcia. Tem sido confirmada por descobertas arqueológicas da época do Novo Reino egípcio (séculos XVI a XII A.C.). Outros estudiosos pensam que o sentido dessa palavra ainda não foi determinado, e ainda outros pensam que quer dizer «boca de bronze». Esse é o nome de três personagens da Bíblia, a saber:

1. Um filho de Eleazar, neto de Aarão, o sumo sacerdote. Ver Êxo. 6:25; I Crô. 6:4,50; Esd. 7:5. Era homem zeloso e de ânimo quente. Os israelitas estavam acampados nas planícies de Moabe e lamentavam os pecados a que haviam sido seduzidos pelos midianitas. Um dos príncipes de Judá, de nome Zinri, levou uma mulher midianita, chamada Cozbi, à sua tenda. Finéias, naturalmente, compreendeu o intuito e, indignado, seguiu o casal. Entrou na tenda e traspassou a ambos com a sua lança (Núm. 25:7 *ss*). Esse ato de zelo espiritual chamou a atenção de Moisés, que outorgou a Finéias responsabilidades sacerdotais, na época em que Josué andou fazendo guerra contra os midianitas (Núm. 31:6 *ss*). Foi-lhe prometido que o sacerdócio permaneceria em sua família (Núm. 25:7-11), o que ocorreu em cerca de 1435 A.C.

Após a conquista do território de Canaã, quando os guerreiros das duas tribos e meia do além Jordão estabeleceram um altar não autorizado, Finéias esteve à testa da delegação ali enviada para denunciar aquelas tribos por tal ato. Porém, os representantes das tribos de Rúben, Gade e da meia-tribo de Manassés explicaram que o altar era apenas um memorial das vitórias de Israel e de sua dependência a Deus, e não um lugar onde seriam oferecidos sacrifícios. O esclarecimento foi aceito, e todos os envolvidos sentiram-se satisfeitos. Ver Jos. 22:5 *ss*. Quando da divisão da terra, ele recebeu uma porção de terras como sua propriedade particular, uma colina no monte Efraim que recebeu seu nome, a saber, Gibeá, pertencente a Finéias. Foi ali que Finéias sepultou a seu pai (Jos. 24:33). Aparentemente, ele era líder dos levitas coreítas (I Crô. 9:20). Após a morte de Eleazar, Finéias tornou-se sumo sacerdote (o terceiro da série). Após o ultrajante tratamento à concubina do levita viajante, em Gibeá de Benjamim, foi Finéias quem afirmou, corretamente, que dali resultaria o apropriado juízo divino (Juí. 20:28). Seus anos finais foram passados na obscuridade, até onde diz respeito à história bíblica registrada. Presumivelmente, foi sepultado na colina de Efraim, onde também havia sepultado seu pai (Jos. 24:33).

Símbolo. Finéias tem atraído os estudiosos da Bíblia como exemplo de um sacerdote levita devoto (Sal. 106:30,31). Sua vida de fé, com atos apropriados, lhe foi imputada «por justiça, de geração em geração, para sempre». Declaração parecida é feita acerca de Abraão, em Gênesis 15:6 e Romanos 4:3: «Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça».

2. Um levita, pai de Eleazar, que ajudou Meremote a pesar os vasos sagrados do templo (Esd. 8:2 e I Esdras 8:36), que viveu em torno de 458 A.C. O sentido da passagem bíblica mencionada, porém, pode ser que Eleazar era da *família* do Finéias original, visto que, no hebraico, o vocábulo *pai* pode ser usado para indicar um antepassado distante.

3. O segundo filho de Eli (I Sam. 1:3; 2:34; 4:4,11,17,18; 14:3). Esse Finéias foi morto, juntamente com seu irmão, pelos filisteus, quando estes capturaram a arca da aliança. Antes desse evento, esse homem já demonstrara o seu mau caráter e muito entristecera a seu pai.

Fora da narrativa bíblica, temos mais dois homens com o nome de Finéias. Assim, esse foi o nome do último sumo sacerdote, antes de Tito haver destruído

a cidade de Jerusalém, no ano 70 D.C. Ver Josefo, *Guerras* 4:3,8. Por semelhante modo, esse também foi o nome do último tesoureiro do templo de Jerusalém, o qual quando essa cidade caiu diante dos romanos, em 70 D.C., entregou alguns dos tesouros do templo aos invasores. Ver Josefo, *Guerras* 6:8,3.

FINITO

1. O Termo. A palavra portuguesa vem do latim *finis*, «fim», referindo-se a qualquer coisa que tenha fronteiras, fins ou limitações. Muitos filósofos defendem a tese de que não possuímos conceitos do infinito, visto que a nossa experiência, neste mundo, é sempre finita, limitada. Assim, o termo «infinito» significaria, na verdade, «grandíssimo», «muitíssimo», etc. Ademais, não podemos atribuir infinitude a coisa alguma, — exceto verbalmente. O finito é o nosso conceito básico, de tal modo que só pensamos em «infinito» quando não podemos ver o fim de qualquer tipo de série. Portanto, a palavra *infinito* alude à nossa incapacidade de compreender uma série, e não a natureza real dessa série. Alguns têm-se utilizado da palavra «infinito» a fim de se referirem à totalidade de alguma coisa, mas não é dessa maneira que, usualmente empregamos o vocábulo. Outros filósofos supõem que a finitude, em uma série ou em termos do ser, subentende um número ilimitado e, conseqüentemente, seria uma indicação da existência da infinitude. Essa maneira de pensar tem sido empregada por alguns pensadores a fim de tentar provar a existência de Deus, passando do finito para o infinito.

2. Na Teologia. Dentro dos conceitos teológicos, somente Deus é infinito. Todas as outras coisas e seres são limitados, ou seja, finitos. Isso posto, na linguagem teológica, «infinito» é um virtual sinônimo de deidade, ao passo que o termo «finito» representa a existência de todas as coisas criadas. Jesus Cristo, em sua humilhação (ver sobre a *kenosis*), assumiu um aspecto humano, finito, mas sem abandonar a sua infinitude. Naturalmente, ninguém é mais misterioso do que ele. «...pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens...» (Fil. 2:6,7).

3. O Deus Finito. a. Nem mesmo todos os cristãos têm defendido a idéia da infinitude de Deus. Alguns pensam que a existência do mal, no mundo, com o caos conseqüente, seria uma prova de que o próprio Deus é finito, pelo que não seria capaz de controlar as coisas de modo absoluto. Dessa circunstância é que teria tido origem o mal. b. O *dualismo* puro (que vede) subentende a existência de um Deus finito, porquanto o mal sempre teria existido, e Deus não teria sido capaz de vencê-lo. O zoroastrismo e o gnosticismo servem de exemplos dessa posição. Mas há outros sentidos em que pode ser dito que Deus é finito. Assim, se Deus já foi menor do que é agora, tendo avançado até à sua atual elevada estatura, e continuando a progredir ainda, conforme é ensinado pelo mormonismo, então Deus é apenas um ser finito, pois, de outra sorte, não poderíamos falar nesses termos. c. Alguns pensam que quando Deus, embora infinito em sua própria natureza, chegou a *auto-limitar-se*, como quando ele respeita o livro-arbítrio humano e permite que o homem aja conforme melhor lhe parece, então torna-se um ser finito. d. Todos os *sistemas politeístas* propõem deuses finitos, porquanto nenhum deles, a despeito de concebido como muito poderoso, é isolado em sua divindade. Talvez um deles seja concebido como o mais forte do grupo; mas, até mesmo esse compartilha com outros, de alguma maneira, de seu domínio e poder. e. Todas as doutrinas que supõem que Deus não é o único ser ou coisa que sempre existiu, como naquele sistema de idéias que pensa que a matéria sempre existiu, promovem a noção de um Deus finito. Nesse caso, Deus teria atuado como artesão e organizador das coisas, e não como criador delas, fazendo-as surgirem de sua própria energia. Sendo esse o caso, ele teria sido automaticamente limitado por alguma coisa fora dele mesmo. f. Kant sugeriu que o argumento teleológico pode dar a entender um Deus arquiteto finito, e não um Criador infinito. g. A tese do Espírito Absoluto de Hegel, de tese, antítese e síntese, mostraria que em Deus há um conflito, reduzindo—O ao nível dos seres finitos. h. Algumas formas de pragmatismo supõem que Deus é *primus inter pares*, e, conseqüentemente, finito. i. J.M.E. McTaggart rejeita a idéia de um Deus criador, supondo que tal tipo de Deus deve pressupor a existência do tempo, que ele rejeitava. Qualquer conceito de Deus, portanto, de acordo com o seu modo de pensar, é mais lógico se concebê-lo como um ser finito. j. H. Bergson negava que Deus pode ser responsabilizado pelo sofrimento dos homens; e, com base nisso, supunha que Deus não pode ser considerado infinito, pois, se Deus fosse tal, o sofrimento não existiria. Essa é apenas uma variante da idéia apresentada sob o ponto «a», acima, que tem em vista o problema geral do mal. l. Na religião natural, onde Deus é equiparado com as forças da natureza, o conceito de Deus é que ele é um ser finito. Porém, retrucamos a tudo isso que as limitações que os homens geralmente atribuem a Deus são, tão-somente, as limitações de suas próprias mentes finitas. Ver o artigo geral sobre o *Infinito*.

FINNEY, CHARLES GRANDISON

Suas datas foram 1792-1875. Foi um evangelista e teólogo norte-americano. Converteu-se em sua fase adulta, quando era advogado. Tornou-se mais conhecido por seus dramáticos métodos de reavivamento, conhecidos como o *banco dos ansiosos*, onde os pecadores meditam sobre sua situação diante de Deus e estremecem. Seus métodos pressupunham que o pecador tem a capacidade de corresponder afirmativamente ao apelo evangélico e às justas exigências morais de Deus. Quanto a detalhes sobre isso ver o artigo intitulado *Oberlin, Teologia de*. Ver também sobre *Taylorismo*.

FIO DE PRATA

A única alusão bíblica ao **fio de prata** fica em Eclesiastes 12:6,7: «...antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu». Temos aí várias declarações poéticas que apontam para a dissolução provocada pela morte física. Os intérpretes tem-se interessado especialmente pela referência ao «fio de prata». Isso é assim porque, uma experiência comum, dentro do processo da morte física, — é que a pessoa vê uma espécie de corda umbilical, que tem a aparência de filamentos de eletricidade, que vinculam o corpo material do homem à sua alma imaterial. Se esse fio for partido, o processo da morte torna-se irreversível.

Esse fio de prata também pode ser visto nos casos de *projeção da psique* (que vede). Podemos supor que

o fio de prata serve de canal de transmissão de energias vitais, da parte não-material do homem para a sua parte material. Por outro lado, não há certeza se a referência ao «fio de prata», em Eclesiastes 12:6, que algumas vezes é visto por ocasião da morte ou das projeções da psique, realmente diga respeito a esse fenômeno, que até a parapsicologia tem estudado com grande interesse. Alguns estudiosos supõem que, no livro de Eclesiastes, a alusão seja à coluna vertebral, ou à língua (que emudeceria por ocasião da morte), ou então, poeticamente, que seria uma alusão ao *vínculo* entre a alma e o corpo, sem qualquer alusão específica a qualquer poder ou energia literal. Mas, sem importar se a Bíblia refere-se ou não ao *fio de prata* que algumas pessoas têm visto, nos primeiros estágios da morte (ou que outras pessoas presentes podem ver, durante o processo da morte), esse «fio» sem dúvida é uma realidade. Ver o artigo geral sobre *Experiências Perto da Morte*. Na experiência da morte física, o ato de ver o fio de prata é apenas um dentre vários itens envolvidos. A ciência moderna está dando grande atenção a essa experiência. De fato, no momento, essa é a nossa maneira mais frutífera de tentar provar a existência da alma e a sua sobrevivência ante a morte física, do ponto de vista científico. Ver o artigo geral sobre a *Imortalidade*, que inclui um artigo sobre esse assunto, do ângulo dos homens de ciência. Ver também o artigo intitulado: *Abordagem Científica à Crença na Alma e em sua Sobrevivência ante a Morte Física*.

FIORETTI

Palavra italiana que significa «florezinhas». Refere-se à coletânia de relatos e lendas populares concernentes à vida e à obra de Francisco de Assis (que vede). Essas narrativas, em sua maioria, enfatizam a fé quase infantil desse homem, considerado um santo pela Igreja Católica Romana, e seu senso do sobrenatural. Há cinqüenta e três capítulos nessa obra, com quatro apêndices adicionados posteriormente. Ela foi escrita em cerca de 1328, e seu título completo é *Fioretti di S. Francesco d'Assisi*. Relatos como esses celebram as vidas extraordinárias de certas pessoas, que provavelmente andaram mais perto do Mestre do que outras, e cujas vidas e atitudes podem ser emuladas com proveito. Homens assim sempre serão objetos de lendas, nas quais a verdade aparece mesclada com as invenções humanas.

FIQH

Essa palavra indica a teologia autoritária e a lei do islamismo, alguma lei canônica desenvolvida por quatro escolas ortodoxas: a hanbolita, da Arábia; a hanifita, da Ásia Central; a maliquita, do Egito superior e do Norte da África; e a safiita do baixo Egito, da Índia, da Malaia e da Síria.

FIRMAMENTO

No hebraico **raqia**. Esse vocábulo aparece por dezessete vezes no Antigo Testamento: Gên. 1:6-8,14, 15,17,20; Sal. 19:1; 150:1; Eze. 1:22,23,25,26; 10:1 e Dan. 12:3.

O termo hebraico está ligado a uma forma verbal que significa «eles martelaram», como se alguém tivesse martelado metais. Dentro do contexto cosmológico, isso poderia subentender alguma suposta entidade, nos céus, com formato côncavo, como se fosse uma taça invertida. Contudo, as evidências em favor de tal idéia não são conclusivas, porém, o trecho de Gênesis 1:6 indica, definidamente, algum tipo de barreira *sólida* que separaria a massa de águas superiores da massa de águas inferiores. E, com base em outras fontes informativas, bíblicas e rabínicas, obtemos uma boa idéia do que os hebreus pensavam sobre a *cosmogonia*. Oferecemos um artigo sobre esse assunto. Ver também sobre *Astronomia*, onde temos exposto um gráfico que ilustra as antigas idéias dos hebreus quanto à natureza da criação. Finalmente, ver sobre a *Criação*. O que fica óbvio, em tudo isso é que, a despeito da atividade dos intérpretes, as referências bíblicas que incluem idéias sobre cosmogonia demonstram claramente que os hebreus, juntamente com todos os povos antigos, tinham idéias bastante cruas sobre a natureza do universo.

Quando os intérpretes dizem que o firmamento é um *espaço expandido*, onde se encontram os corpos celestes (objetos sólidos), mas que esse espaço é chamado de «firmamento» por ser considerado como algo durável, eles apelam para um truque, a fim de evitar de reconhecer que a Bíblia não é um livro escrito para ensinar ciência, pelo que nem sempre declara exatamente as questões da cosmologia. Nenhum livro existe que declare com exatidão esse assunto, visto que a nossa ignorância a respeito ainda é grande e o nosso conhecimento é bem diminuto. E a revelação bíblica não nos fez avançar muito nessa direção, mesmo porque não nos foi outorgada para ensinar-nos fatos científicos e, sim, para ensinar-nos como ajustar nosso relacionamento com Deus e com nossos semelhantes. Na verdade, porém, a nossa fé não depende desse tipo de conhecimento, sobre fatos científicos. Fazer a fé repousar sobre tais questões é convidar ao desastre. Contudo, a ciência nos apresenta outras e novas idéias, quanto a muitos campos do mundo material; todavia, não nos ensina coisa alguma sobre as origens. Sempre que os cientistas tentam falar sobre as origens, apenas especulam, pois a ciência não dispõe de meios para investigar como as coisas começaram, mas somente como elas são agora, que já foram criadas. Portanto, a ciência atua de modo completamente separado dos documentos espirituais, cujas declarações sobre assuntos científicos são apenas incidentais e, por muitas vezes, inexatas, refletindo conhecimento dos homens na época em que eles foram escritos (com raríssimas exceções, quando Deus quis revelar fatos científicos, embora não se referisse aos mesmos como tais).

Quanto a outras referências bíblicas sobre o *firmamento*, ver Eze. 1:22; Dan. 12:3; Êxo. 24:10; Apo. 4:6. A palavra hebraica *raqia*, traduzida geralmente por «firmamento», aparece por nove vezes no primeiro capítulo do livro de Gênesis. De conformidade com a cosmologia babilônica e hebraica, havia um *mar* acima do firmamento. E o firmamento separaria os céus da terra, numa espécie de universo em dois pisos. No trecho de Apocalipse 4:6, o vidente João viu um «mar» diante do trono de Deus, embora diferente daquele imediatamente acima do firmamento. O «mar» visto por João parecia feito de cristal, parecendo ser o soalho ou base que apoiava o trono de Deus. Há um empréstimo literário, em Apocalipse, do trecho de Eze. 1:22, que envolve o firmamento.

FIRMEZA

Ver o artigo geral sobre **Coragem**.

••• ••• •••

FIRMEZA NA FÉ

Há duas palavras gregas que nos convém estudar, dentro deste verbete, a saber: 1. *Stereoma*, «algo firme», sobre o que outra coisa pode repousar. Esse vocábulo ocorre somente por uma vez, em Col. 2:5, onde se lê: «...verificando... a firmeza da vossa fé em Cristo». Provavelmente temos aí uma metáfora de fundo militar. A fé, por assim dizer, apresenta uma *frente sólida*, que age como ponto de ataque e de defesa. 2. Em II Pedro 3:17 temos o termo *sterigmós*, «estabilidade», onde diz o texto sagrado: «...não suceda que... descaiais da vossa própria firmeza». Nossa estabilidade protege-nos do malefício e do ludíbrio que a iniqüidade de todos os tipos nos expõe.

Alguns Elementos:

1. A firmeza é exibida por Deus em todos os seus atos e promessas (Núm. 23:19; Tia. 1:17).

2. A verdadeira firmeza é promovida pela piedade (Jó 11:13-15).

3. A presença de Deus conosco promove a firmeza (Sal. 16:8), como também o faz a confiança nele (Sal. 26:1).

4. A firmeza é uma característica dos verdadeiros santos (João 8:31).

5. Devemos manifestar firmeza na obra prestada ao Senhor (I Cor. 15:58), continuando na doutrina dos apóstolos e na comunhão uns com os outros (Atos 2:42); como também na atitude de expectação (Heb. 3:6), apegando-nos àquilo que é bom (I Tes. 5:21) e resistindo até mesmo sob aflições (Rom. 8:35-37). Os ímpios, por sua vez, não demonstram firmeza espiritual (Sal. 78:8, 37).

FISCALISMO

Esse é o ensino de Círculo de Viena (vide), dos positivistas lógicos (vide), de que toda linguagem que envolve algum significado deve ser expressa em termos fisicalistas. Isso pressupõe que ninguém pode falar de modo inteligente sobre assuntos metafísicos, empregando termos que aludem a alegadas entidades imateriais. Os limites impostos pelos homens àquilo que eles podem conhecer, usualmente são limitações de suas próprias mentes, e não os limites genuínos da realidade.

FISICOFÍSICO

Um termo cunhado por Ducasse (vide, segundo ponto), em relação ao problema corpo-mente (vide). Há vários tipos de causas e efeitos, em suas relações. Um desses tipos é quando um objeto físico atua sobre outro objeto físico. Então temos uma questão fisicafísica. Outros tipos envolvem algo físico que atua sobre a parte mental; ou algo mental que atua sobre algo físico; ou ainda, algo mental que produz efeitos mentais. O artigo sobre Ducasse explica essas questões. Mas, o problema levantado (a interação entre a mente e o corpo físico) é um dos mais intricados problemas que a filosofia e a teologia têm tido de enfrentar, conforme se pode notar no artigo específico sobre corpo-mente.

FÍSICO-TEOLÓGICO (ARGUMENTO)

Esse é um nome alternativo para o **argumento teleológico** (vide), empregado por Emanual Kant (vide).

FISIOCRATAS

Esse foi o nome de uma escola francesa de economistas do século XVIII, encabeçada por François Quesnay (1694-1774). Eles acreditavam que a terra é a base da economia e das riquezas. Eles aplicavam o princípio do *laissez-faire* (no francês, *laissez*, «deixar» + *faire*, «fazer»), ou seja, o princípio do deixar só, às questões econômicas.

FISIÓLOGO

Nome dos tratados alegóricos sobre animais tanto reais quanto imaginários, aos quais se atribuem todos os tipos de qualidades fabulosas. Verdades morais e espirituais eram ilustradas por meio dessas estórias. A prática originou-se em Alexandria, e, então disseminou-se largamente por todo o Ocidente, tendo dado margem a volumosos *bestiários*, livros em prosa e poesia que ilustravam animais reais e fabulosos. Isso penetrou na escultura romanesca e gótica, onde os animais assumiam uma importância simbólica.

FISKE, JOHN

Suas datas foram 1842-1901. Foi um filósofo norte-americano. Nasceu em Hartford, estado de Connecticut. Educou-se em Harvard. Foi conferencista e bibliotecário em Harvard. Tornou-se melhor conhecido por sua defesa da teoria da evolução teísta. Ele acreditava que o poder que iniciou e sustenta o processo evolutivo é o poder de Deus, a sua inteligência, a sua orientação. «Um infinito e eterno Poder... manifesta-se em cada pulsação do universo». Nesse processo, ele via um avanço constante na direção da perfeição, moralmente e em outros sentidos. Outrossim, ele cria que as qualidades espirituais do homem, que o trouxeram desde o reino animal, até à participação no caráter moral de Deus, só podem ser explicadas por uma evolução constante e proposital, segundo a qual a evolução espiritual acompanha a evolução física. Em sua teologia imanente, ele concebia um reinado da alma humana, juntamente com Deus, que seria possuidora das qualidades tipicamente humanas: pessoais, morais e metafísicas. Ele supunha que esse processo evolutivo destina o homem à imortalidade pessoal.

Escritos. Outlines of Cosmic Philosophy; The Unseen World; Darwinism and other Essays; The Destiny of Man; The Idea of God; Through Nature to God; Life Everlasting.

FLABELLUM

Palavra latina que significa «leque», «abano». Era um abano essencialmente usado na Igreja Ortodoxa Oriental. Originalmente servia ao propósito prático de afastar os insetos dos elementos do sacrifício eucarístico. Com o tempo, porém, perdeu a sua finalidade original e transformou-se em mero ornamento, feito de metal, decorado com querubins de seis asas. Também passou a ser usado nas procissões religiosas. No Ocidente há algo semelhante. Nas funções papais solenes, de caráter não-litúrgico, grandes abanos, feitos com penas de avestruzes, acompanham a entrada do papa no local da cerimônia. O cerimonialismo é uma daquelas coisas para qual os homens apelam, quando lhes falta a espiritualidade autêntica. Essas coisas têm o intuito de impressionar os circunstantes. Na cristandade, como em todas as religiões antigas e modernas, há uma inegável tendência para o ritualismo. E então a religião não é mais uma questão do cultivo da piedade pessoal e, sim, uma questão de cerimônias solenes. Triste e inadequado substituto, que só serve para

agradar à vista, mas que não satisfaz às verdadeiras necessidades da alma.

FLACIUS, MATTHIAS

Nasceu em 1530 e faleceu em 1575. Foi um reformador luterano que se envolveu nas controvérsias religiosas de seus dias. Combatia tanto os católicos romanos quanto outros reformadores. Era um extremista, pelo que foi expulso da comunhão por mais de uma vez. Sua maior contribuição foi através da literatura, na qual se ocupou ativamente. Desmascarava tanto a história distorcida quanto a má exegese, nos escritos alheios.

FLAGELAÇÃO

Ver sobre **Crimes e Castigos**.

FLAGELANTES

Vem do termo latino *flagellum*, «açoite». As pessoas têm consciência de seus pecados, e algumas delas levam a questão a sério. E pensam que haverão de sentir-se melhor, e talvez até de merecer o perdão divino, se se castigarem fisicamente. Isso ocorria na civilização européia, principalmente no século XIII D.C., uma prática que se desenvolveu do autocastigo, mediante espancamento. As pessoas reuniam-se em grandes números, para praticarem a flagelação. E transformavam a prática em demonstrações públicas, com procissões solenes. A princípio, a prática começou de forma um tanto moderada; mas, com a passagem do tempo, foi-se tornando mais e mais radical, com todas as formas de abuso que se possa imaginar. Quando a coisa chegou a esse extremo, a prática, finalmente, recebeu a desaprovação das autoridades da Igreja Católica Romana, e alguns *flagelantes*, como eram chamadas as pessoas que adotavam esse tipo de autocastigo, foram perseguidos.

FLATUS VOCIS

No latim, «sopro da voz», ou, simplesmente, «sopro», ou seja, uma *mera palavra*, ou o *som da fala*. Roscelino (vide) afirmava que o universal é a mera palavra dita, o que equivale ao *nominalismo* (vide). O artigo geral sobre os *universais* fornece-nos vários pontos de vista atinentes a esse problema.

FLAUTA

Ver o artigo geral sobre *Música, Instrumentos Musicais*.

FLECHA

Ver o artigo geral sobre **Armas, Armadura**, quanto a uma descrição das armas antigas, bem como o seu sentido literal e metafórico nas Escrituras. O arco e a flecha eram uma arma crítica para os antigos, porquanto possibilitava o ataque a certa distância. Os arcos antigos tinham uma única curva; e, às vezes, duas. A corda usualmente era de nervo de boi, enquanto que as flechas eram feitas de canas ou de madeiras leves, armadas com pontas de metal. Algumas vezes o arco era feito de bronze (ver Sal. 18:34). Alguns arcos tinham grande tamanho (ver Zac. 9:10). A fim de ser posta a corda, a extremidade inferior era mantida firme com o pé, o que explica a expressão «armar o arco». Muitos povos antigos usavam o arco e a flecha, como os assírios, os elamitas, os egípcios, os filisteus, e, entre os israelitas, as tribos de Benjamim, Rúben, Gade e Manassés, cujos membros eram exímios atiradores com arco e flecha (ver I Crô. 5:18; 12:2; II Crô. 15:8). Os exércitos gregos e romanos também tinham seus arqueiros, que formavam as tropas leves.

Usos metafóricos. 1. A flecha indica calamidade, enfermidade e aflição (Jó 6:4; 34:6 e Deu. 32:23). 2. O relâmpago é a flecha de Deus (ver Sal. 18:14; 144:6 e Hab. 3:11). 3. Um perigo súbito e inevitável (Sal. 19:5). 4. A língua enganadora (ver Sal. 119:4). 5. Uma palavra ferina (ver Sal. 64:3). 6. Falso testemunho (ver Pro. 25:18). 7. Porém, em Sal. 127:4,5, simboliza crianças bem treinadas. Assim os filhos são instrumentos de poder e ação de um homem dotado de capacidade. 8. A flecha também pode falar da energia eficiente e irresistível da Palavra de Deus, nos lábios do Messias (ver Sal. 45:6 e Isa. 54:2). (ND S)

FLEGONTE

A palavra grega por detrás desse nome significa «queimadura». Ele foi um dos cristãos aos quais Paulo enviou saudações, conforme o registro de Romanos 16:14. Ver sobre Filólogo, uma outra figura do grupo, quanto à conjectura de que ali estamos manuseando uma epístola de saudações enviada à Ásia Menor (Éfeso), uma porção dos escritos paulinos que não foi enviada aos crentes de Roma. O pseudo-Hipólito assevera que ele foi um dos setenta discípulos especiais de Cristo, aludidos no décimo capítulo do evangelho de Lucas, e que se tornou bispo ou superintendente de Maratona. Porém, declarações desse naipe usualmente são apenas adições românticas ao texto, a fim de preencher espaços vazios em nosso conhecimento.

FLETCHER, JOSEPH

Nasceu em Newark, estado de Nova Jersey, nos Estados Unidos da América do Norte, em 1905. Educou-se na Universidade de West Virgínia, na Berkeley Divinity School, em Yale e em Londres, na Inglaterra. Também foi pastor evangélico.

Foi um filósofo moral, que se tornou bem conhecido por causa de sua discussão sobre a ética da situação (vide). Também foi professor de ética social da Episcopal Theological School, em Cambridge, estado de Massachussets. Tornou-se mesmo um expositor da ética da situação. Essa forma de ética ensina que não existem leis morais absolutas e que a correção ou erro de um ato é determinado pela situação particular prevalente, devido a motivos pragmáticos. Essa variedade de ética é uma forma de ética relativista. Ver o artigo geral sobre a *Ética*. Apesar de prática, a vida diária, com freqüência, é governada por fatores práticos e situacionais. Há coisas que, por si mesmas, inteiramente à parte de quaisquer situações e circunstâncias, são certas ou são erradas. Além disso, precisamos levar em conta as leis divinas, que não dependem de qualquer situação humana quanto à sua validade.

FLEWELLING, R.T.

Ver o artigo sobre o **Personalismo**, em seu nono ponto.

FLIEDNER, THEODOR

Suas datas foram 1800-1864. Foi o fundador do

diaconato feminino. Ele iniciou uma sociedade em uma prisão, para cuidar das necessidades dos prisioneiros que tivessem sido soltos das penitenciárias. Esse foi o começo da instituição Fliedner Kaiserwerth. Em 1836, ele fundou a casa das diaconisas, bem como todos os ramos de participação feminina nas igrejas evangélicas e também obras de caridade dirigidas pela Igreja, que encontraram expressão nesse tipo de labor. Ver o artigo separado sobre *Diaconisa*.

FLORA

O agregado de plantas indígenas de um país ou distrito, em distinção à *fauna*, que aponta para a vida animal ali existente. Nesta enciclopédia alistamos e discutimos, em separado, todas as formas de vida vegetal mencionadas na Bíblia. A *Lennean Society*, de Burlington House, em Londres, Inglaterra, provavelmente é a mais antiga sociedade do mundo a estudar a flora. Ela alista cento e onze ordens naturais de plantas. Naturalmente, há incontáveis subordens e famílias. Dessas cento e onze ordens, cinqüenta e quatro são mencionadas nas Escrituras, com mais algumas ordens extras, referidas nos livros apócrifos. Em forma de esboço, podemos afirmar que as plantas mencionadas incluem cereais, árvores frutíferas, legumes, cabaças, fibras, condimentos e aromatizantes, mas também drogas, bálsamos, madeiras de construção, arbustos, flores, canas, plantas daninhas, sementes, espinheiros, plantas venenosas, sebes e plantas as mais variegadas.

FLORESTA

No hebraico temos a considerar quatro palavras, — a saber:

1. *Choresh*, «floresta», «mato». Palavra hebraica empregada por uma só vez com esse sentido, em II Crô. 27:4.

2. *Yaar*, «floresta», «lugar espalhado». Esse termo hebraico ocorre por trinta e oito vezes com o sentido de «floresta», embora também signifique «madeira». Ver, por exemplo, I Sam. 22:5; I Reis 7:2; II Reis 19:23; II Crô. 9:16,20; Sal. 50:10; Isa. 9:18; 10:18,19,34; 21:13; 56:9; Jer. 5:6; 10:3; 46:23; Eze. 15:2,6; 39:10; Osé. 2:12; Amós 3:4; Miq. 3:13; Zac. 11:2.

3. *Yaarah*, «floresta», «lugar espalhado». Palavra hebraica que ocorre somente por uma vez, em Sal. 29:9.

4. *Pardes*, «paraíso». Termo hebraico derivado do persa, que é usado apenas por uma vez, em Nee. 2:8. Em nossa versão portuguesa temos a palavra «matas». Alguns estudiosos pensam que essa palavra também significava «jardim».

Na Palestina da antiguidade, as florestas cobriam vastas áreas. Porém, a dilapidação dos recursos naturais, por parte dos homens, tem deixado muitos lugares destituídos de árvores, onde antes havia grandes bosques naturais.

Usos Bíblicos:

1. **A floresta dos cedros do monte Líbano** (I Reis 7:2; II Reis 19:23; Osé. 14:5,6). Antigamente, foi uma extensa floresta. A floresta do Líbano era a mais vasta floresta que havia na Palestina. Salomão empregou cem mil madeireiros, os quais trabalharam durante cinqüenta e cinco anos a fim de proverem a madeira de cedro para o templo, para os palácios, para a casa do tesouro e, segundo presumimos, para outras edificações também. Milhões de metros de madeira flutuavam desde Tiro até Jope, que servia de porto para a cidade de Jerusalém. Essa floresta também era rica em pinheiros e sândalo. Supõe-se que ninguém pensou em impor ali um programa de conservação e restauração.

Há evidências de que antes de Israel ter entrado na Terra Prometida, grande parte da Síria e da Palestina era recoberta de florestas. No entanto, a ganância dos homens destruiu essas florestas, e também podemos supor que as modificações climáticas que houve ali também desempenharam sua parte nessa destruição. Antigamente havia uma floresta de tamareiras no vale do rio Jordão, desde o lago de Genezaré até o mar Morto. Josefo (37-95 D.C.) informa-nos de que mesmo em seus dias, uma floresta de tamareiras, perto de Jericó, cobria cerca de onze quilômetros de território. Havia florestas de carvalhos nas regiões montanhosas da Palestina. Um inseto que vivia nessa floresta produzia o corante escarlate que os israelitas usavam.

2. O nome *casa da floresta do Líbano*, em I Reis 7:2; 10:17,21 e II Crô. 9:16,20, refere-se a um lugar construído por Salomão, em Jerusalém ou nas proximidades. E a madeira para essa construção provinha das florestas de cedro do Líbano. Ou então, por causa de seu vasto número, aquelas árvores dispersas eram denominadas de uma floresta.

3. *A floresta dos carvalhos* dos montes de Basã era uma outra notável área recoberta de densa vegetação (Eze. 27:6).

4. Também havia uma floresta na área ocupada pelos homens de Efraim.

5. O bosque de Betel (II Reis 2:23,24) refere-se a uma área densamente arborizada, situada na ravina que descia até à planície de Jericó.

6. Lemos em I Samuel 14:25 que os israelitas passaram por uma floresta, quando perseguiam aos filisteus.

7. Também havia uma área coberta de florestas, no deserto de Zife, onde Davi se ocultou (I Sam. 23:15 ss).

8. Havia um bosque em Herete, no sul do território de Judá. Davi retirou-se para aquele lugar, a fim de escapar das intenções assassinas de Saul (I Sam. 22:5). Todavia, desconhece-se a localização exata desse bosque.

O arqueólogo W.F. Albright recolheu evidências de que, na Idade do Bronze Média (2000 — 1500 A.C.), grandes florestas cobriam boa parte da região montanhosa da terra de Canaã, que atualmente desapareceram inteiramente.

Usos Metafóricos:

1. Para denotar uma cidade, um reino ou um grande número de pessoas (Eze. 15:6).

2. Aqueles que estão maduros para o julgamento são ameaçados pela ira de Deus como um incêndio que destrói uma floresta (Isa. 10:17,18).

3. Uma floresta pode simbolizar *a falta de frutificação*, quando contrastada com áreas agrícolas, cultivadas (Isa. 29:17; 32:15; Jer. 26:18).

4. O exército assírio também chegou a ser chamado de «floresta», devido ao grande número de seus soldados (Isa. 10:18,19; 32:19). No entanto, a ira do Senhor era capaz de reduzi-los a nada, como um incêndio que se propaga.

5. Jerusalém foi chamada de «bosque do campo do Sul», em Eze. 20:46, porquanto ficava situada na parte sul da terra de Canaã. Os caldeus, quando a atacaram, marcharam na direção sul.

6. Uma árvore tem muitos símbolos, nos sonhos e



Joio — Mat. 13:25



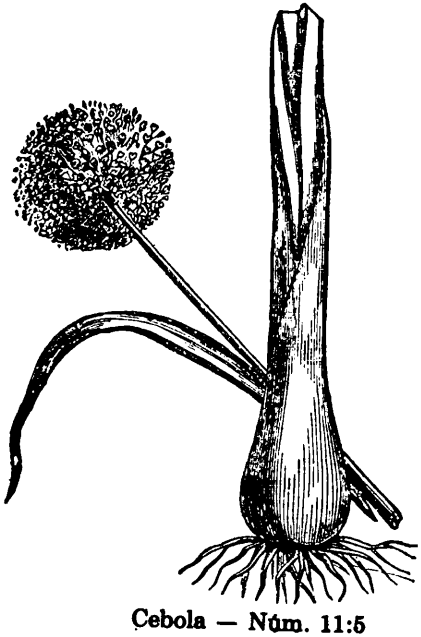
Mostarda — Mat. 13:31



Lilium Candidum — Cantares 2:16



Figueira — Lucas 19:4



Cebola — Núm. 11:5



Palmeira de Tâmaras — Sal. 92:12



Ébano — Eze. 27:15



Bolotas — Lucas 15:16



Planta do papiro — Êxo. 17:14



Bálsamo — Gên. 43:11



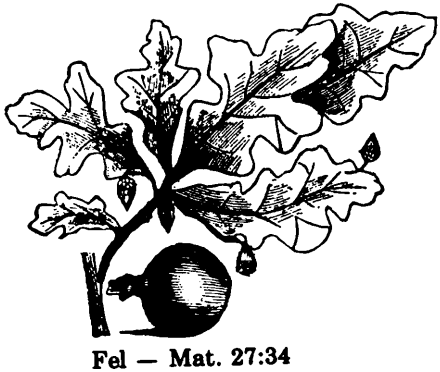
Endro — Mat. 23:23



Cominho — Mat. 23:23



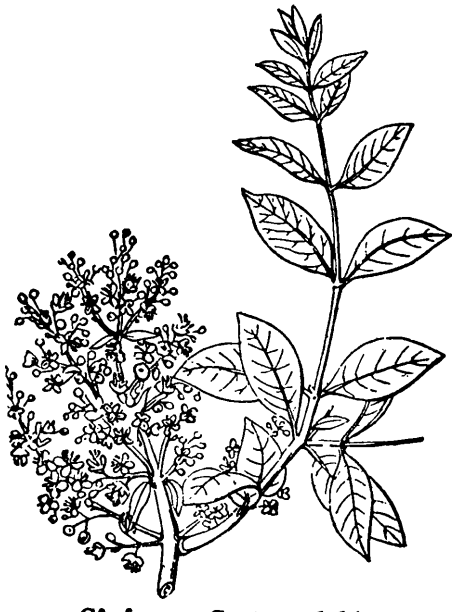
Mirra — Mat. 2:11



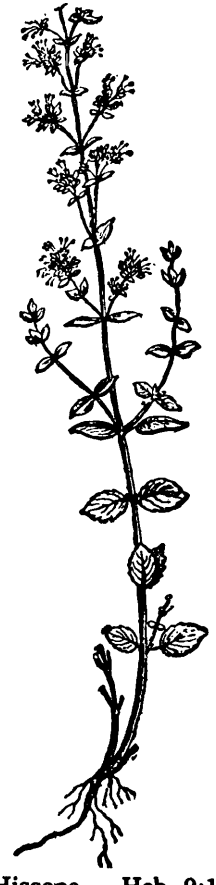
Fel — Mat. 27:34



Setim — Exo. 25:5



Cânfora — Cantares 1:14



Hissope — Heb. 9:19



Murta — Neem. 8:15



Arruda — Lucas 11:42

nas visões. Ela pode denotar a *árvore da vida*, a fonte da existência eterna, com suas qualidades muito variadas, como a complexidade de ramos que há em uma grande árvore. Uma árvore também pode ser um símbolo fálico, como o pinheiro e outras árvores do mesmo formato. Uma árvore desarraigada fala sobre conflito, derrota, impotência ou castração. Uma árvore também pode simbolizar a mãe de uma pessoa, a origem de sua vida física. Uma árvore firmemente arraigada pode simbolizar a perda da liberdade, mas também pode indicar firmeza. Uma árvore transplantada pode simbolizar mudanças, instabilidade ou falta de frutificação. A casca de uma árvore pode apontar para a proteção que uma pessoa busca contra o mundo ou contra algum perigo.

FLORILÉGIO

Essa palavra portuguesa vem do latim e equivale ao termo grego *Anthologia*, que se refere à coletânea ou extrato dos escritos de um autor ou autores, incluindo as citações notáveis, extraídas de seus escritos. Nos tempos cristãos antigos, essas obras substituíam os livros completos, que eram difíceis, se não mesmo impossíveis de obter. Um exemplo bem conhecido dessa atividade é a coletânea de extratos de Orígenes, por Basílio e Gregório Nazianzeno, cujo propósito era fornecer a essência do pensamento de Orígenes.

FLOURNOY, THEODORE

Suas datas foram 1854-1920. Foi professor de psicologia experimental na Universidade de Genebra, na Suíça. Foi um dos pioneiros no campo da psicologia religiosa. De 1901 a 1915, muitos de seus artigos apareceram nos *Archives de Psychologie*, e, através desse meio, acima de todos os outros, as suas idéias puderam ser ouvidas.

FLUDD, ROBERT

Suas datas foram 1574-1637. Era inglês, nascido em Milgate, em Kent. Foi médico, inventor e filósofo místico. Educou-se em Oxford. Deixou-se influenciar pelas idéias de Paracelso e pelo movimento rosacruz, que era um movimento recente, em seus dias. Ele concebia a existência como se fosse composta de um mundo arquétipo, com um macrocosmo e um microcosmo. O homem seria o microcosmo, relacionando-se ao macrocosmo e aos arquétipos divinos mediante uma certa correspondência simpática. Ele empregava textos bíblicos na tentativa de defender as suas idéias básicas. Também escreveu apologias em prol das doutrinas do movimento rosacruz. Além de seus escritos de natureza filosófica, ele foi médico e inventor. A lira automática foi um de seus mais importantes inventos.

FLUGEL, OTTO

Nasceu em 1842 e faleceu em 1921. Foi pastor em Wansleben, Alemanha. Foi um dos mais ativos entre os herbartianos (vide). Ele ensinava a doutrina de um Deus finito (ver o artigo sobre *Finito*, parte terceira, *O Deus Finito*). Para Flugel, as evidências parecem indicar que Deus não é verdadeiramente onipotente, porquanto haveria uma espécie de interdependência entre ele e a criação. A eternidade de Deus também seria limitada por meio de suas relações com o mundo. Somente os atributos morais de Deus seriam capazes de expressá-lo, sem qualquer condicionamento. A revelação cristã tem servido para preencher muitos hiatos em nosso conhecimento de Deus; mas Deus continuará sempre sendo o grande mistério, na direção do qual as definições serão sempre apenas aproximações, sem nunca atingirem, realmente, o seu propósito.

FLUXO

De acordo com o dicionário, um «fluxo» é um fluir constante, uma emissão ou movimento de alguma coisa. Na filosofia, essa palavra tem sido revestida de significações especiais. Heráclito dizia que ninguém pode pôr o pé por duas vezes, no mesmo rio, tendo proferido a famosa expressão grega: *Panta rei*, isto é, «tudo flui», ou «tudo está em estado de fluxo». Há muitas aplicações filosóficas dessa doutrina. Assim, tudo está em mutação constante, ou seja, está descendo para a decadência. Também não haveria valores ou entidades fixas. Também não haveria qualquer permanência ou eternidade.

Platão pensava que essas descrições ajustam-se ao nosso mundo físico, mas postulava o mundo imutável e perfeito dos *universais* (vide). Ao mundo das entidades físicas, em constante estado de fluxo, ele denominava de *particulares* (vide). No campo da teologia, encontramos uma óbvia aplicação dessa doutrina na afirmação do estado transitório de todas as coisas físicas e, conseqüentemente, a necessidade de buscarmos o mundo eterno e os seus valores. Diz Colossenses 3:2: «Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra...» Os homens que foram cegos pelo ceticismo e pelo materialismo são capazes de perceber somente o fluxo, a futilidade do levantamento e derrubada de autoridades e poderes, a desintegração da sociedade, o desânimo que cerca a mortalidade, com a sua pobreza, enfermidades e morte. Por essa razão, disse o autor da letra de certo hino evangélico: «Fica comigo, Tu que não mudas». Lemos em Hebreus 13:8: «Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre». Ver o artigo sobre *Heráclito*, quanto a uma discussão filosófica acerca da doutrina do *fluxo*.

FLUXO DE SANGUE

Ver o artigo intitulado **Enfermidades da Bíblia**.

FÓCIO

Foi patriarca de Constantinopla em 858—867 D.C. e, novamente, em 877-866 D.C. Foi o sucessor do deposto Inácio. Era o homem mais erudito de seu tempo. Foi um leigo que foi nomeado, e então consagrado patriarca de forma — não-canônica. Entrou em conflito com o papa Nicolau I, que se recusou a reconhecer a validade de sua nomeação. Em tudo isso havia medidas políticas, visto que Fócio recusara-se a atender ao pedido do papa para devolver a Ilíria e a Calábria à jurisdição papal. Por essa razão, o papa romano resolveu dar seu apoio ao deposto Inácio. E também excomungou Fócio. Este contra-atacou, afirmando que a supremacia de Roma era apenas uma questão de honra concedida, e não tinha qualquer legalidade eclesiástica, pelo que as decisões papais não precisavam ser respeitadas. Houve novos entreveros, incluindo severo conflito por causa da Bulgária, e o resultado final dessas lutas foi o cisma. Quando o imperador Basílio I subiu ao poder, ele resolveu a pendência depondo Fócio e restaurando Inácio à sua anterior posição. Porém, quando faleceu esse imperador (em 877 D.C.), Fócio reconquistou sua posição. Então o imperador Leão VI novamente o

depôs, em 886 D.C. Nessa oportunidade, a controvérsia ficou solucionada de modo permanente. Fócio foi enviado para o exílio. Portanto, temos aí uma triste história de conflitos eclesiásticos, por causa de poder político e de terras, com o resultado comum de ódio, divisões, deposições, contradeposições e exílio. Pelo menos, em meio a toda essa refrega, ninguém perdeu a vida.

FOGÃO

Ver sobre **Forno**.

FOGO

No hebraico há cinco palavras envolvidas e no grego, duas, a saber:

1. *Ur*, «luz», «fogo». Palavra hebraica usada por cinco vezes com o sentido de fogo: Isa. 24:15; 31:9; 44:16; 47:14; Eze. 5:2.

2. *Esh*, «fogo». Termo hebraico empregado por trezentas e sessenta e quatro vezes, desde Gên. 19:24 até Mal. 3:2, em trinta e quatro dos trinta e nove livros do Antigo Testamento. É a palavra hebraica mais comum para fogo, na Bíblia.

3. *Eshshah*, «fogo». Palavra hebraica e aramaica, usada por apenas duas vezes: Jer. 6:29 e Dan. 7:11.

4. *Beerah*, «fogo», «ardência». Palavra hebraica usada apenas por uma vez, em Êxo. 22:6, na segunda vez em que a palavra «fogo» aparece em nossa versão portuguesa, nesse versículo. Na primeira menção a «fogo», nesse versículo, é usado o termo hebraico mais comum, *esh*.

5. *Nur*, «fogo». Palavra aramaica usada somente no livro de Daniel (3:22, 24-27; 7:9). Aparece por sete vezes, ali.

6. *Pũr*, «fogo». Palavra grega que ocorre por setenta vezes. Alguns exemplos: Mat. 3:10-12; 7:19; Mar. 9:22,43,48 (citando Isa. 66:24); Atos 2:3,19 (citando Joel 3:3); Tia. 3:5; 5:3; I Ped. 1:7; Apo. 1:14; 2:18; 9:17,18; 13:13; 15:2; 21:8.

7. *Purá*, «fogueira», «pira». Palavra grega usada por duas vezes: Atos 28:2,3.

Esboço:

I. Usos Bíblicos Literais
II. Usos Militares
III. Punição Capital
IV. Usos e Regulamentos Religiosos
V. O Fogo Ligado à Idolatria
VI. A Presença Divina e as Teofanias
VII. Como Símbolo do Juízo Divino
VIII. Outros Usos Simbólicos

I. Usos Bíblicos Literais

Os antigos hebreus usavam o fogo para cozinhar, para aquecer ambientes e para servir de iluminação. Ver Gên. 18:6; Êxo. 12:9,39; Lev. 2:14; Isa. 47:14; João 18:25; Atos 28:2; Luc. 15:8; Mat. 5:15. Essas referências ilustram aqueles três empregos principais do fogo. Além desses usos mais comuns, o fogo também era empregado para processar minérios brutos. Uma vez que o metal fosse extraído do seu minério, era aquecido ao fogo até dissolver-se, a fim de ser moldado. Ver Eze. 22:18-20; Êxo. 32:24; Núm. 31:22 *ss* e Jer. 6:29.

Modos de Acender o Fogo. Havia aquele modo de produzir fogo brocando um pedaço de madeira, que, aquecido, acabava irrompendo em chamas. Esse método tem sido confirmado até nos hieróglifos egípcios. Também havia o método comum e universal de bater uma pederneira sobre pedaços de pirita de ferro, o que vinha acontecendo desde os tempos neolíticos. Não se deixava o fogo apagar, a fim de facilitar o seu uso, pois a produção do fogo constituía um pequeno problema. E em tempos ainda mais remotos, provavelmente o fogo era conseguido ao acaso, como quando a queda de um raio produzia chamas. E então era mister não deixar as chamas se apagarem.

II. Usos Militares

A crueldade dos homens levou-os a usar o fogo contra os seus inimigos. O fogo é muito eficaz para inflingir intensos sofrimentos, pondo um fim rápido a qualquer resistência. Tochas inflamadas eram lançadas contra as instalações do inimigo. Isso explica o uso de tochas no ataque de Gideão contra o acampamento dos midianitas, em Juízes 7:16. Cidades eram incendiadas e muitas pessoas pereciam em meio às chamas. A história mostra que muitas pessoas foram envolvidas nessa forma de destruição. No Antigo Testamento, podemos ler sobre os incêndios que destruíram Jericó (Jos. 6:24), Ai (Jos. 8:19), as aldeias dos benjamitas (Juí. 20:48); de Ziclague, pelos amalequitas (I Sam. 30:1); de Jazer, por Faraó (I Reis 9:16); do templo e dos palácios de Jerusalém, por parte de Nabucodonosor (II Reis 25:9). Era costume incendiar o equipamento militar do inimigo, e não meramente as suas instalações. Muitas fontes literárias da antiguidade falam sobre essas táticas, entre muitos povos. Por exemplo, Statius, Theb. 4:5,7; Strobaeus, *Serm.*, part 194; Michaelis, em *Symbol. Liter. Bremens*, 3,254.

III. Punição Capital

Os desvios sexuais eram punidos na fogueira (Lev. 20:14). Os corpos dos inimigos e dos criminosos eram consumidos na fogueira, uma vez que eles fossem mortos (Jos. 7:25). O trecho de Dan. 3:22,24 e seu contexto refere-se à punição capital pelo fogo, fora da cultura de Israel.

IV. Usos e Regulamentos Religiosos

Não era permitido acender fogo em dia de sábado, provavelmente como medida para impedir algum labor desnecessário, como o cozinhar (Êxo. 35:3; 16:23). Talvez para fins de aquecimento, braseiros eram acesos no dia anterior, que então eram mantidos a queimar. O fogo desempenhava um importante papel na adoração efetuada no tabernáculo e no templo de Jerusalém, onde os altares de incenso e das ofertas queimadas requeriam tal coisa. O fogo, no altar de Deus, era uma chama eterna (Lev. 6:13). Esse fogo era a fonte das chamas usadas no altar dos holocaustos. Não se podia usar fogo estranho (proveniente de qualquer outra fonte) (ver Lev. 10:1; Núm. 3:4; 26:61). No Antigo Testamento há mais de cem referências às estipulações que governavam as ofertas queimadas, concentradas principalmente nos livros de Levítico, Números e Deuteronômio. Em algumas raras ocasiões, chamas divinas consumidoras desceram sobre os sacrifícios postos sobre o altar, como nos casos de Aarão (Lev. 9:24); Davi (I Crô. 21:26); Salomão (II Crô. 7:1) e Elias (I Reis 18:38).

V. O Fogo Ligado à Idolatria

Nas culturas antigas era comum fazer sacrifícios humanos na fogueira. Moisés advertiu o povo de Israel a não imitar os cananeus, que praticavam tal abominação (Deu. 12:31; Lev. 18:21). Apesar disso, essa prática brutal algumas vezes chegou a ser usada em Israel (II Reis 16:3; 21:16; Isa. 30:33). Os templos e os ídolos dos povos conquistados eram queimados pelos vitoriosos; e, algumas vezes, Israel assim fez

(Deu. 7:5,25; 12:3; 13:16; Isa. 33:12).

VI. A Presença Divina e as Teofanias

As manifestações de Deus algumas vezes faziam-se acompanhar pelo fogo (Êxo. 3:2; 13:21,22; 19:18; Deu. 4:11). O fogo representava a presença do Senhor, bem como a sua glória (Eze. 1:4,13), a sua proteção (II Reis 6:17), a sua santidade (Deu. 4:24), os seus juízos (Zac. 13:9), a sua ira contra o pecado (Isa. 66:15,16); o seu Santo Espírito (Mat. 3:11; Atos 2:3). Também devemos levar em conta as chamas da sarça ardente, na experiência de Moisés, e da coluna de fogo, no deserto, que orientava o povo de Israel e representava a presença de Deus (Êxo. 3:2; 13:21; 19:18). A referência, em II Reis 1:9-12 e 2:11 às carruagens e cavalos de fogo, diz respeito à presença do Senhor, que se manifestou de modo súbito, em arrebatamento. A presença protetora de Deus evidenciou-se nos cavalos e nos carros de fogo, da experiência de Eliseu (II Reis 6:17).

VII. Como Símbolo do Juízo Divino

Há algumas referências ao fogo, no Antigo Testamento, no tocante à ira de Deus e ao juízo contra o pecado. Isso, sem dúvida, sugeriu a escritores sagrados posteriores que o juízo divino consiste em fogo literal. Assim, a ira de Deus é assemelhada ao fogo (Deu. 32:22; Jer. 4:4; 15:14; Eze. 22:21). Seu ciúme e sua ira consumiriam a terra inteira, como uma grande fogueira (Sof. 1:18). Sua ira derrama-se como fogo, na metáfora usada por Naum (1:6). Deus é comparado com um fogo devorador (Deu. 4:24). Em Gênesis 19:24, lemos que Deus destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra mediante fogo. Além disso, o fogo de Deus consumiu duzentos e cinqüenta levitas rebeldes, porquanto fizeram uma oferenda não autorizada (Núm. 16:35). Também é usada a linguagem metafórica que fala no verme que não morre e no fogo que não se apaga (Isa. 66:24), que se refere ao estado dos indivíduos lançados na Geena.

No *livros pseudepígrafos*, que foram escritos no período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos, temos o desenvolvimento do conceito de que um certo segmento do hades caracteriza-se pelas chamas constantes, como um lugar de juízo e de tormentos. Se alguém dedicar tempo a ler o livro de I Enoque, por exemplo, descobrirá ali abundantes evidências a esse respeito. Esse conceito, segundo muitos pensam, é extraveterotestamentário, embora possa ter sido sugerido pelos versículos acima alistados. O Novo Testamento, em alguns lugares, mormente no Apoc. cap. 20, relacionado à sua doutrina do lago do fogo, utilizou-se da idéia que aparece nos livros pseudepígrafos. Ver sobre o *Lago do Fogo*. Em Enoque 38:5 e 48:9, os ímpios são entregues por Deus nas mãos dos santos, na presença de quem eles queimam como a palha no fogo e afundam na *água* como se fossem pedaços de chumbo. Ver também Sibyll. 3.196-200; 252-253. No Enoque Eslavônico (II Enoque) encontramos um *rio de fogo*, no décimo capítulo.

Quanto a versículos neotestamentários, além daqueles já mencionados, ver Apo. 19:20; Mat. 3:12; 7:19; Mar. 9:43, que têm sido usados como textos de prova em favor de um inferno com chamas literais. Porém, deveríamos observar, em primeiro lugar, que essa doutrina foi tomada por empréstimo dos livros pseudepígrafos. E, em segundo lugar, que o julgamento dos crentes também terá lugar por meio do fogo (I Cor. 3:13 *ss*). Os intérpretes, entretanto, não pensam que, nesta última passagem, devamos pensar em chamas literais. Ademais, no mesmo trecho onde lemos sobre chamas eternas, também lemos sobre o verme que não morre, mas ninguém pensa que devemos entender o «verme» como algo literal (ver Mar. 9:44,46,48). Tentar atormentar uma alma imaterial mediante chamas literais seria como lançar pedras contra o sol. Ver o artigo geral sobre o *Julgamento*.

VIII. Outros Usos Simbólicos

Algumas vezes, as chamas do altar dos holocaustos eram chamadas, simplesmente, de *fogo* (Êxo. 19:18; Lev. 1:9; 2:3; 3:5,9). A presença de Deus, conforme já se viu na sexta seção, acima, é representada pelo fogo. O fogo também simboliza um amor intenso (Can. 8:6), mas também a língua injuriosa (Sal. 120:4; Pro. 16:27; Tia. 3:5), a impiedade (Isa. 9:18), a pureza, a majestade e o terrível aspecto de Deus (Deu. 4:24; Heb. 12:29; Isa. 10:17). O Messias submete o seu povo à prova como se fosse um fogo e destrói os seus inimigos da mesma maneira (Mal. 3:2; Eze. 8:2). O Espírito Santo é assemelhado ao fogo, porquanto ilumina, purifica, destrói o pecado e desperta o amor (Mat. 3:11; Atos 2:13; Isa. 4:4). Os anjos são como o fogo, puros, temíveis e velozes (Sal. 104:4). Os ímpios são perigosos como o fogo (Pro. 6:27). A Palavra de Deus assemelha-se ao fogo, porquanto submete a teste os estados e as condições das almas dos homens; ela aquece, suaviza e purifica, como também ameaça (Jer. 5:14 e 23:29).

FOGO INEXTINGÜÍVEL

Ver o artigo geral sobre **Fogo, seção sétima, e sobre** o *Lago do Fogo*. Durante o período intertestamental, através dos livros apócrifos e pseudepígrafos, o julgamento dos incrédulos veio a ser associado a um proposto fogo inextingüível. Esse conceito foi incorporado em alguns trechos, no Novo Testamento, conforme se lê em Ma 3:12: «...mas queimará a palha em fogo inextingüível».

FOGO, LAGO DO

Ver **Lago do Fogo.**

FOGO, SÍMBOLO DE

Ver também sobre **Fogo, seções VII e VIII.**

O símbolo do fogo é coerentemente associado nas Escrituras ao *dia do Senhor*, conforme verificamos na passagem de I Cor. 3:18, e esse dia é igualmente simbolizado por uma súbita explosão de luz e chamas ardentes, que se despejarão sobre a terra. (Ver os trechos de Mal. 3:1-3; 4:1; II Tes. 1:8 e 2:8). Embora Paulo certamente soubesse de determinada diferença entre o julgamento dos crentes e o julgamento do mundo incrédulo, usou ele praticamente os mesmos símbolos. A expressão *dia do Senhor*, embora envolva quase exatamente a idéia do julgamento, pode ser aplicada, de maneira mais ampla, a diversas ações divinas «decisivas», e não meramente ao segundo advento de Jesus Cristo, quando ele houver de aparecer como o grande Juiz que dirigirá o juízo final. Pois o vocábulo «dia» sugere tanto o aparecimento da luz, que expele as trevas e os seus males, como também sugere uma *nova dispensação*, um novo período em que Deus tratará com os homens de certa forma particular, o que, ao mesmo tempo, fará reverter e renovar o processo histórico. (Quanto à expressão «dia do Senhor», no que essa doutrina está vinculada ao segundo advento de Cristo, ver o artigo, *Dia do Senhor*). Ver igualmente I Cor. 1:8 quanto ao termo «dia», no NTI, naquilo em que o mesmo se

aplica ao segundo advento de Cristo e ao julgamento dos crentes, onde várias referências paralelas são sugeridas.

«O apóstolo Paulo não tencionava descrever os detalhes do segundo advento de Cristo; pelo contrário, declarava de maneira figurada aquilo que afirma, sem qualquer linguagem simbólica, em I Cor. 4:5, isto é, que por ocasião da grande crise do dia do Senhor será perscrutadoramente testado o valor real do trabalho de cada crente individual. Esse teste, pois, é simbolizado pelo apóstolo como o fogo do segundo advento, que envolverá o edifício inteiro reduzindo a cinzas todo o seu material inútil». (Robertson e Plummer, em I Cor. 3:13).

Existem outras interpretações acerca da passagem de I Cor. 3:13, conforme se vê na lista abaixo:

1. Conforme já tivemos ocasião de observar, vários exageros têm sido impingidos aos homens sobre essa passagem que descreve um certo «purgatório», um estado intermediário entre o céu e o inferno e a preparação para o céu dos eleitos. Essa dogmatização da idéia paulina deve ser rejeitada. Não obstante, o *fogo* aludido em I Cor. 3:13 seja um *expurgo* bem definido, tendo uma finalidade claramente *penal* e «disciplinar», e não meramente testadora. Portanto, se usarmos o vocábulo «purgatório», ou alguma outra expressão em seu lugar, ainda que tal vocábulo inclua muitas idéias prejudiciais, ainda assim estaremos descrevendo um conceito paulino. Na verdade, porém, esse julgamento terá lugar nos *lugares celestiais*, e não em algum estado intermediário. Naturalmente que alguém poderia postular o argumento de que isso ocorrerá em níveis inferiores dos lugares celestiais, como se esses níveis inferiores fossem, de fato, lugares *intermediários*. — Sem dúvida, assim será. Mas, mesmo confessando esta certeza, ainda estaremos dentro dos limites da teologia paulina, embora disponhamos de informações extremamente escassas sobre os *lugares celestiais*, acerca dos quais Paulo fez alusões. (Ver no NTI as notas expositivas sobre os «lugares celestiais» em João 14:6 e Efé. 2:6. Nessas passagens, o «fogo» aparece ligado ao segundo advento de Cristo, e não à morte física dos crentes).

2. Completamente errônea é aquela interpretação que vê, nessa passagem, apenas a destruição de Jerusalém e o ponto final das instituições judaicas.

3. Por igual modo, a palavra *fogo*, neste caso, não se refere à «purificação progressiva» da igreja, por toda a dispensação do N.T. Trata-se de uma referência definidamente escatológica, tendo conexões com o segundo advento de Jesus Cristo. Há aqui alusão a algum tempo futuro de julgamento dos crentes, o que Paulo esperava que ocorresse durante seu próprio período de vida terrena. (Ver I Cor. 15:51).

4. Outros intérpretes (como Calvino), fazem com que I Cor. 3:13 se prenda à propagação da mensagem pura do evangelho pela terra, como um dos efeitos da era da igreja. Essa interpretação é inconcebível aqui, por ser essencialmente não-escatológica.

5. A despeito do uso do símbolo do «fogo», o juízo geral da humanidade inteira não é focalizado aqui, como o *hades, etc.* Pois o julgamento aqui anunciado envolverá exclusivamente os crentes.

6. I Cor. 3:13 não nos encoraja a orar em favor dos mortos. Pois tais orações não fariam a menor diferença quanto ao que sucederá aos crentes, no seu julgamento. Alguns oram em favor dos mortos incrédulos com base na opinião de que o julgamento final será determinado não quando da morte do indivíduo, e, sim, quando da segunda vinda de Cristo. Talvez haja algum valor nessas orações, mas o N.T. faz completo silêncio sobre a questão. (Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades* quanto à missão de Cristo além-túmulo, e o que a mesma envolve). Entretanto, seja como for, é verdade que o julgamento é sempre situado para quando ocorrer a segunda vinda de Cristo, ou após o milênio, e jamais quando da morte física de cada pessoa.

FOICE

Há duas palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Chermesh*, «gancho colhedor», «foice». Essa palavra hebraica aparece por duas vezes: Deu. 16:9 e 23:25.

2. *Maggal*, «foice», «faca grande». Esse termo hebraico é usado por duas vezes, igualmente: Jer. 50:16 e Joel 3:13.

3. *Drépanon*, «foice», «gancho colhedor». Esse vocábulo grego é empregado por oito vezes, sete delas no livro de Apocalipse: Mar. 4:29; Apo. 14:14-19.

O termo é comum nos documentos escritos em hebraico e aramaico, pouco antes do início da era cristã. O uso que a palavra tem, no Novo Testamento, apresenta a foice à moda do profeta de Joel, ou seja, como instrumento da ira divina, mediante a qual Deus operará grandes transformações na terra e no universo.

FOLCLORE

O folclore é a ciência das tradições populares. Esse termo vem do inglês *folklore*. Folk significa «povo», ao passo que *lore* quer dizer «conhecimento popular», geralmente anedótico. Portanto, o *folclore* refere-se às estórias, superstições, canções e práticas que transmitem as idéias ou as aspirações de um povo. Os dados folclóricos são transmitidos principalmente de modo verbal, e não por meio de documentos escritos, até que os interessados, naturalmente, reduzam-nos a obras escritas para um estudo mais cuidadoso. Por detrás desse estudo encontra-se a crença de que as histórias e canções de um povo não refletem apenas as suas crendices, mas também incorporam certas verdades, embora ocultas por detrás de mitos. Ou então, essas estórias podem ser símbolos de verdades psicológicas ou espirituais. As estórias infantis, as baladas e as lendas sobre heróis e deuses exibem a mentalidade de um povo e, às vezes, revelam coisas que a literatura erudita, científica e sofisticada não é capaz de fazer.

O folclore também vincula-se à história das religiões. Assim, no período do cristianismo, muitas estórias (algumas delas fantásticas) vieram a ser incorporadas nas crônicas sobre os santos. A Bíblia mesma, como é natural, contém inúmeras alusões a costumes e rituais populares, a mágicas, a coisas puras e impuras. Por semelhante modo, o folclore está envolvido nas raízes da medicina, da agricultura e das forças cósmicas que controlam coisas que as pessoas consideram vitais, como as condições atmosféricas, as enfermidades, a vitalidade física, a fertilidade, etc. Esse campo do conhecimento humano é controlado pelo plantio das diversas culturas agrícolas, de conformidade com as fases da lua, e também influencia a administração de medicamentos naturais, baseados na flora medicamentosa. Outrossim, precisamos considerar todas as variedades de noções sobre o que dá sorte ou tira a sorte, sobre o que é

poderoso ou fraco, sobre o porquê os animais são o que são, quanto às suas características físicas, seus poderes, sua utilidade ao homem ou ao seu caráter daninho.

O estudo científico do folclore começou nos fins do século XVIII, em resultado do movimento do romantismo. Os eruditos têm procurado encontrar alguma forma de explicação ou definição sobre a natureza do folclore. Mas, tal como no caso de outras palavras muito significativas e abrangentes, o melhor que pode ser feito consiste em descrever os fenômenos, e não em defini-los. Jacob Grimm sugeriu que o folclore consistia apenas em mitos fragmentados. James Frazer, por sua vez, pensava que muito daquilo que agora nos parece irrelevante no folclore, tinha significado, para grupos específicos, quando estes ou aqueles dados surgiram, mas que desde então perderam o sentido, porque os grupos sociais foram modificados em seu caráter.

Há uma certa universalidade que cerca o folclore, como nas suas estórias a respeito de animais agradecidos, dispostos a ajudar o homem, ou acerca de animais de atitude precisamente contrária. Parte disso pode ser devido a empréstimos feitos de uma cultura para outra; mas, sem dúvida, muitos dos dados folclóricos surgiram de modo independente, como acontece também no caso de mitos. Essas estórias refletem necessidades e aspirações comuns a todos os seres humanos. Certamente que a teoria dos *arquétipos* de *Karl Jung* (ver o artigo sobre ele) está envolvida na questão do folclore.

FOLE

No hebraico, **mappuach**, vocábulo que aparece somente em Jer. 6:29, embora subentendido em Isa. 54:16 e Eze. 22:21, quando há menção a chamas. Os foles vêm desde a antiguidade remota, já sendo conhecidos no Egito e em outras antigas culturas. Eram usados na forja ou na fornalha, sendo operados à mão, ou com os pés. Eram feitos com peles de animais, de maneira a haver uma câmara de ar. Eram munidos na ponta com um tubo de bambu ou de metal. O combustível usado geralmente era a madeira. Simples abanos podiam fazer o mesmo trabalho dos foles; mas, o trabalho com metais, que precisava de mais poder, podia ser feito mais convenientemente com o auxílio de foles.

Foles têm sido encontrados em um túmulo perto de Tebas, com o nome inscrito de Tutmés III. Pequenos foles, operados à mão, eram usados em certos trabalhos com metais. A arte da metalurgia passou dos povos que habitavam na Anatólia para os semitas do Crescente Fértil. Ver o artigo sobre *Artes e Ofícios*. (ID ND UN)

FOME

A fome é um dos meios pelos quais Deus castiga os homens. Mas isso não significa que qualquer escassez já seja um castigo divino. Nosso mundo caótico envolve muitos elementos desagradáveis e misteriosos. Os trechos de Gên. 21:10; 26:1 e Atos 11:28 registram períodos de fome sem vincular aos mesmos qualquer significação espiritual. Não obstante, a fome está incluída no quadro da providência divina (Amós 4:6; Apo. 6:8). Faz parte da fé da maioria das religiões que Deus está por detrás das forças da natureza e é capaz de controlá-las; e também que, algumas vezes, ele causa ou permite que essas forças sejam destrutivas, com propósitos disciplinadores (I Reis 17:1; 18:17,18; Ageu 1:6,9-11; 2:16,17). O cavalo negro da morte, no sexto capítulo do Apocalipse, inclui os elementos da escassez e da fome. Ver o artigo separado sobre *Cavalos, os Quatro do Apocalipse*. Por outro lado, a fertilidade e a abundância estão associadas à divina aprovação (Isa. 4:2; 41:19; Osé. 2:21; Amós 8:13). Assim, encontramos estas duas fórmulas: obediência e prosperidade (Sal. 1:1-3; Pro. 3:7-10; Isa. 1:19), e desobediência e necessidade (Lev. 26:14-16). A experiência humana demonstra, como é óbvio, que nem sempre isso ocorre exatamente assim. Pois os ímpios também prosperam, e os piedosos são perseguidos e padecem necessidade.

1. *Períodos de Fome nas Escrituras*. Esses períodos envolveram as vidas de Abraão (Gên. 12:10); Isaque (Gên. 26:1); José (Gên. 41 —47); Rute (Rute 1:1); Davi (II Sam. 21:1); Elias (I Reis 17 e 18); Eliseu (II Reis 4:38; 6:24 — 7:20), Zedequias (II Reis 25:3); Cláudio, imperador romano (Atos 11:28; Josefo, *Anti.* 20:2,5).

2. *Fome Figurada*. O trecho de Amós 8:11 diz como haverá, algum dia futuro, a fome de ouvir as palavras do Senhor, em face da desobediência do povo de Israel.

3. *Fomes dos Tempos Modernos*. Entre as nações modernas, as fomes mais devastadoras têm sido aquelas da Índia e da China. Milhões de pessoas morreram nos períodos de alguns poucos anos de grandes fomes, em 1769-1770, 1836, 1863 e 1900 na Índia. Na China, fomes devastadoras tiveram lugar em 1877-1879 e 1920-1921. Calcula-se que na atualidade, não levando em consideração a recente fome que houve na Etiópia, cerca de doze mil pessoas morrem a cada dia, por motivo de inanição. Adicione-se a isso que muitos milhões de pessoas vivem em um constante estado de má nutrição e enfermidade crônicas, embora consigam manter-se vivos. Calcula-se que, de fato, mais da metade da população do mundo sofre de desnutrição.

As fomes são causadas por desastres naturais, como as inundações, os fracassos nas colheitas, as secas, a superpopulação, as técnicas agrícolas inadequadas. Segundo os conhecedores do assunto, é precisamente esta última causa que tem produzido a fome que tem havido, ultimamente, na Etiópia. O transporte maciço de alimentos, enviados aos países em necessidade, têm impedido muita miséria humana. A desnutrição, sobretudo quando envolve a falta de proteínas, produz a apatia, a perda dos cabelos, mudanças na pigmentação da pele, crescimento retardado das crianças, a inchação do fígado, anemia e endema geral. As pessoas mal-nutridas também mostram-se mais susceptíveis a todas as formas de enfermidade e a inteligência torna-se embotada, por causa de um cérebro mal-alimentado. De fato, no caso de infantes, danos cerebrais irreversíveis são o efeito mais comum da falta de nutrientes.

Obrigações Morais. A Igreja, o Estado e o próprio indivíduo têm a responsabilidade de ajudar aos necessitados. De todas as medidas, a mais eficaz é a boa instrução, que pode fazer desaparecer, a longo prazo, as causas da desnutrição.

FONSECA, PEDRO

Suas datas foram 1528-1599. Foi um filósofo português. Ficou conhecido como o Aristóteles português. Educou-se em Coimbra. Era um neo-escolástico, que escrevia em latim. Ingressou na Sociedade de Jesus aos vinte anos e completou seus estudos filosóficos e teológicos, tendo passado a maior parte de sua vida em Coimbra, como professor. Ele e alguns

poucos colegas produziram uma série de manuais, intitulados *Cursus Conimbricensis*. Pessoalmente, foi o autor de uma coleção de oito volumes sobre lógica, chamada *Institutionum Dialecticarum*, que passou por 34 impressões em 1625, e foi usada largamente por toda a Europa.

Apesar de ser, essencialmente, um tomista, ele mostrou independência de pensamento e de expressão quanto a muitas questões. Ele punha grande ênfase sobre a unidade do conceito formal do ser. No campo da gnosiologia, contrariamente a Tomás de Aquino, Fonseca assegurava que uma coisa singular é diretamente conhecida pelo intelecto humano. Também mostrou ser contrário a Tomás de Aquino ao negar que a matéria é o princípio da individualização dos corpos. Ele explicava essa individualização como algo devido a alguma diferença positiva (*differentia*), acrescentada à essência de alguma coisa, uma teoria que nos faz lembrar de Duns Scoto (vide).

FONTE

Há cinco palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Bayir*, «poço», «cisterna». Palavra hebraica usada por apenas uma vez, em Jer. 50:15.

2. *Mabbua*, «fonte». Termo hebraico empregado por três vezes no Antigo Testamento: Ecl. 12:6; Isa. 35:7 e 49:10.

3. *Mayan*, «fonte». Vocábulo hebraico usado por vinte e três vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 7:11; 8:12; Lev. 11:36; Jos. 15:9; I Reis 18:5; II Crô. 32:4; Sal. 74:15; 114:8; Pro. 5:16; 8:24; 25:26; Can. 4:12,15; Isa. 41:18; Osé. 13:15; Joel 3:18.

4. *Magor*, «fonte». Palavra hebraica que ocorre por dezoito vezes, conforme se vê, por exemplo, em Lev. 20:18; Sal. 36:9; Pro. 5:18; 13:14; 14:27; Jer. 2:13; 17:13; Osé. 13:15; Zac. 12:1.

5. *Ayin*, «olho», «olhos d'água», «fonte». Palavra hebraica que pode significar *manancial*; esta palavra é usada onze vezes com o sentido de *fonte*: Gên. 16:7; Núm. 33:9; Deu. 8:7; 33:28; I Sam. 29:1; II Crô. 32:3; Nee. 2:14; 3:15; 12:37; Pro. 8:28.

6. *Pegé*, «fonte», «origem». Palavra grega usada por onze vezes: Mar. 5:29; João 4:6,14; Tia. 3:11; Apo. 7:17; 8:10; 14:7; 16:4; 21:6.

Usos da Palavra. Pode estar em vista um lugar bem regado (Sal. 84:6), uma inundação da parte do mar (Gên. 7:11; 8:2), um manancial de água que jorre do subsolo (Ecl. 12:16; Isa. 35:7), uma cisterna ou fonte, ou mesmo qualquer escavação no solo onde possa ser encontrada água (Jer. 6:7), uma fonte que, na língua hebraica, pode ser usada como um mero prefixo, como no caso de En-Gedi (I Sam. 24:1), En-Rogel, que era uma fonte próxima de Jerusalém (II Sam. 17:17; I Reis 1:9), ou então com base na palavra para «escavar», embora também usada para indicar uma fonte (Pro. 25:26). No Novo Testamento só é usada uma palavra grega para indicar «fonte», ou seja, *pegé*.

Usos Figurados. Quinze usos figurados distintos: a. Deus é a fonte de nosso bem-estar espiritual e material (Sal. 36:9; Jer. 17:13). b. A graça divina é a fonte de nossos benefícios (Sal. 87:7). c. O Messias é a grande fonte das nossas bênçãos (Zac. 13:1). d. A graça de Deus assemelha-se a uma fonte (Isa. 41:18; Joel 3:18). e. Israel é a fonte de uma numerosa posteridade (Deu. 33:28). f. Uma boa esposa é uma fonte de bênçãos para um homem (Pro. 5:18). g. A sabedoria espiritual é uma fonte que refrigera aos justos (Pro. 16:22; 18:4). h. A Igreja é uma fonte (Can. 4:12; Isa. 58:11). i. A salvação é a fonte de todo o nosso bem-estar espiritual (Jer. 17:13). j. Uma fonte é um agente purificador (Zac. 13:1). l. A vida é simbolizada por uma fonte (Sal. 36:9). Nossa dependência a um bom suprimento de água é óbvia, se quisermos continuar vivos. Além disso, a alma precisa da água da vida.

Diz um certo hino:

Fonte Tu, de toda a bênção,
Vem o canto me inspirar.
Dons de Deus que nunca cessam
Quero em alto som louvar

Além disso: m. Os filhos são fontes, e a prole de Jacó aparece como a sua fonte, porquanto lhe serviam de meios de ajuda e conforto. No devido tempo, os filhos também tornam-se fontes para seus próprios filhos (Prov. 5:16; Deu. 33:28). n. As fontes e os mananciais denotam a prosperidade, bem como meios da prosperidade material (Osé. 13:5). o. Na adversidade, as fontes secam, do que resulta o deserto (Sal. 107:33). p. Nas visões e nos sonhos, a fonte representa a grande mãe, o gênero feminino, ou então alguma mulher em particular; mas também representa o *renascimento*, por intermédio do que uma pessoa torna-se uma nova criatura. Beber à beira de uma fonte pode indicar a participação na sabedoria e nas bênçãos espirituais; mas, em um nível físico, pode significar as atividades sexuais, visto que todos os *apetites* podem denotar as mesmas.

FONTE BATISMAL

No latim, **fons**, «fonte». Trata-se da pia que contém a água batismal, na Igreja Católica Romana. Na antiga Igreja cristã, usava-se um tanque. Mais tarde, esse tanque foi montado sobre um pedestal. Como respeito pelo rito batismal, essas pias com freqüência eram altamente decoradas, com grande luxo.

FONTE DO DRAGÃO

Esse era o nome de uma fonte ou poço que havia perto de Jerusalém, provavelmente no vale de Hinom. Neemias dirigiu-se até ali, certa noite, tendo passado pela Porta do Vale e chegando até à Porta do Monturo, quando desejou inspecionar as muralhas de Jerusalém, que haviam sido destruídas por um incêndio (ver Nee. 2:13). O local exato dessa fonte é desconhecido atualmente.

FONTE, PORTA DA

A porta da Fonte é mencionada em Nee. 2:14; 3:15 e 12:37. Era um dos portões de Jerusalém, localizado no lado suleste das muralhas, que foram reconstruídas depois do exílio babilônico. Aparentemente, ficava abaixo do Tanque de Siloé (vide), paralelamente ao vale do Cedrom. Era chamada desse modo porque esse portão dava acesso ao tanque de Siloé, também chamado de tanque do Rei.

FORASTEIROS

Forasteiros, I Ped. 1:1. O termo grego «parepidemeo» é o cognato verbal, que significa «residir por pouco tempo» em uma localidade. Assim, o substantivo «parepidemos» significa «exilado», «forasteiro». Isso indica que os crentes são «estrangeiros na terra», cujo intuito é ficar neste mundo apenas por um pouco, cujo lar real é os céus. (Ver I Ped. 2:11 onde Pedro, novamente, dá esse título aos crentes, juntamente com o termo *peregrinos*. Ver também

Heb. 11:9,13,14, onde a metáfora é igualmente empregada). O décimo quarto vs. deste capítulo mostra-nos que todos esses estrangeiros e peregrinos buscam o país celestial; e Paulo, em Fil. 3:20, mostra que o verdadeiro lar do crente é o mundo eterno e celestial.

FORCA

No hebraico, **ets**, «árvore», «madeiro». Essa palavra hebraica ocorre por trezentas e vinte e uma vezes no Antigo Testamento; mas, por oito vezes, aparece no livro de Ester com o sentido de «forca». Ver Est. 5:14; 6:4; 7:9,10; 8:7; 9:13,25. E somente no livro de Ester a palavra em pauta tem esse sentido.

Hamã, inimigo dos judeus, homem dotado de grande autoridade diante do monarca persa, havia mandado preparar uma forca, na esperança de poder enforcar nela a Mordecai, primo e pai de criação de Ester. Mas Deus fez as coisas correrem de tal modo que Hamã foi quem terminou sendo enforcado no seu próprio instrumento de execução capital. E Mordecai foi livrado da morte. Os eruditos não conseguem concordar entre si quanto à natureza exata desse instrumento de execução. A razão principal é que o termo hebraico é genérico, indicando «árvore», «madeiro». Em segundo lugar, a execução por enforcamento não era uma forma usual de execução na Pérsia, onde tiveram lugar os eventos historiados no livro de Ester. Parece melhor, em terceiro lugar, pensarmos em um «poste» ou «estaca», como tradução da palavra envolvida no livro de Ester. Isso indicaria a empalação (vide em *Crimes e Castigos*). Contudo, no Antigo e no Novo Testamentos encontramos casos de verdadeiro enforcamento, como o de Aitofel, em II Sam. 17:23, e o de Judas Iscariotes, em Mat. 27:5.

FORÇA DAS IDÉIAS

Ver sobre **Fouillée**.

FORÇA DE ISRAEL

Ver sobre **Deus**.

FORÇA DO PENSAMENTO

O filósofo francês, **Alfred Fouilée** (vide) argumentava em prol do livre-arbítrio humano com base no fato de que o homem é possuidor natural da chamada *força do pensamento*, que seria uma agência causal eficiente. As idéias tendem por concretizar-se. Mediante os estudos sobre a *telepatia* (vide), tem-se descoberto que os pensamentos podem ser transferidos de uma pessoa para outra, tornando-se agentes causadores de acontecimentos os mais diversos. Sabemos que os sonhos de uma pessoa podem ser criados ou influenciados pelos pensamentos de outrem. A hipnose é uma forma de influenciar os pensamentos alheios, o que pode ocorrer de modo verbal, não-verbal e através do simples pensamento. A telepatia também é uma função natural para o ser humano; mas também é um poder de seres inteligentes não-humanos, incluindo os anjos e os demônios. Portanto, o homem está sujeito à força do pensamento de várias ordens de seres. Visto que Deus é o Grande Intelecto, a maior força do pensamento que existe é a de Deus. Ver o artigo separado sobre *Formas de Pensamento*.

••• ••• •••

FORJAR

Esse verbo aparece em Salmos 119:69, dentro da frase «Os soberbos têm forjado mentiras contra mim...» Esse uso do verbo «forjar» está de acordo com a maneira de dizer em português. No entanto, no original hebraico o verbo usado significa outra coisa. Ali o verbo é *taphal*, «costurar». Na verdade, o verbo hebraico é usado por mais duas vezes, em Jó 14:17 e Jó 13:4. Nossa versão portuguesa diz, na primeira dessas passagens: «...e terias encoberto as minhas iniqüidades», quando a idéia é antes de costurar essas iniqüidades, como que dentro de um saco, referido na primeira metade desse versículo. E, na segunda dessas passagens, diz a nossa versão portuguesa: «Vós, porém, besuntais a verdade com mentiras...», quando a idéia é que os acusados costuravam verdades juntamente com mentiras.

Quanto à idéia de forjar, ver o artigo geral sobre *Metal, Metalurgia*. Ver também sobre *Artes e Ofícios*.

FORMA

Essa palavra portuguesa vem do termo latino *forma*, que provavelmente procede do verbo *ferire*, «bater». Seria o ato de dar formato a alguma coisa. O vocábulo grego por detrás dessa tradução é *eîdos*, de onde nos vem a palavra portuguesa «idéia». Os pensadores têm dito muitas coisas a respeito, a saber:

1. Nos escritos de *Platão*, a palavra grega *eîdos* é um possível sinônimo para os *universais* (vide). Nesse caso, «forma», «idéia» e «universais» seriam meros sinônimos. Oferecemos um extenso artigo sobre os *universais*. A forma ou universal é aquela entidade perfeita, eterna e imutável, copiada pelos *particulares*, ou seja, pelos objetos e entidades terrenos, mas que encontram consubstanciação na realidade dos universais.

2. Quanto a um *tratamento geral* pela filosofia, no tocante aos universais, temos o realismo radical (de Platão), o realismo moderado (de Aristóteles), o conceitualismo e o nominalismo. Há artigos separados, nesta enciclopédia, sobre todos esses quatro termos.

3. *Aristóteles*, em seu realismo moderado (o universal ou forma seria a *realidade*), não distinguia a forma do particular, exceto no caso de Deus, o Impulsionador Inabalável. Tudo o mais seria movido por esse impulsionador. Em um outro sentido, a palavra «forma» é usada para indicar o fator determinante intrínseco de qualquer ser. Quanto aos seres materiais, a forma é aquilo que especifica e determina as espécies diferentes. A forma seria mais real do que a matéria; mas, no caso dos objetos físicos, a forma não pode existir por si mesma, separada da matéria, pelo que seria menos real do que as substâncias individuais.

4. Para *Avicebron* (vide) a matéria não pode ser o princípio da individualização. A forma é que cumpriria essa função, pelo que seriam possíveis as substâncias espirituais individuais.

5. *Gilberto de Poitiers* pensava que as *formas nativas* são as causas das espécies e dos gêneros, e também que essas formas teriam tido sua origem na mente de Deus.

6. *Tomás de Aquino* seguia essencialmente as idéias de Aristóteles, quanto a essa doutrina. A forma classifica um ser dentro de um tipo ou classe definidos. As propriedades das coisas consistiriam em formas, ou aspectos de formas, como parte de sua essência. Além disso, há formas acidentais, coisas que

uma entidade qualquer possui como características, mas que não lhe são essenciais. A forma sensível é a forma dos objetos externos, separada da matéria, através da percepção dos sentidos. Os universais são formas que se derivam da percepção dos sentidos, e que se tornam inteligíveis mediante a razão. A causa formal é a essência ou natureza de uma coisa, aquilo que constitui o seu ser. As formas artificiais são objetos feitos pelo homem. Uma coisa tem uma forma física, mas também tem uma forma metafísica que determina o seu gênero. Também existem formas subsistentes, que podem existir separadas da matéria, conforme Tomás de Aquino.

7. *Duns Scoto* salientava a *quidditas* (esta coisa) das formas, que as tornam entidades individuais.

8. *Guilherme de Ockham* afirmava que a forma é a estrutura das porções materiais de uma entidade.

9. *Emanuel Kant* asseverava que a forma e a matéria são equiva entes em sua estrutura e conteúdo. A matéria seria identificada com as sensações, e a forma seria identificada com os conceitos que determinam as sensações. As suas *categorias* da intelecção (a maneira como a mente humana deve pensar, mediante conclusões *a priori*) eram formas puras do entendimento. O espaço e o tempo seriam duas dessas categorias. As categorias nos fariam pensar da maneira como pensamos; porém, não corresponderiam, necessariamente, à natureza mesma das coisas.

10. *Cassirer* pensava que a principal tarefa da filosofia consiste em acompanhar o desenvolvimento das formas simbólicas, em todas as áreas do pensamento.

FORMA, CRÍTICA BÍBLICA DA

Ver o artigo geral sobre **Crítica da Bíblia,** em seu quarto ponto, intitulado *Crítica da Forma.*

FORMA DE ÍDOLO

No hebraico, **semel**, uma palavra que aparece por cinco vezes no Antigo Testamento. Tem o sentido de «similitude», «semelhança», «figura». A expressão toda, «forma de ídolo», aparece em nossa versão portuguesa em Deu. 4:16: «...para que não vos corrompais, e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher...» Ver também II Crô. 33:7,15 e Eze. 8:3,5.

Um ídolo sempre é esculpido ou moldado segundo a semelhança de alguma coisa, como uma figura humana, um animal ou algum ente imaginário. Pode estar em pauta qualquer imagem fundida ou esculpida.

FORMA SENSÍVEL

A forma sensível é a forma dos objetos externos, separada da matéria, por meio da percepção dos sentidos, ou seja, aquilo que pensamos que experimentamos através de nossos sentidos físicos, com base em nosso contacto com o mundo exterior. Ver o artigo geral sobre *Forma*. Aprendemos com base na experiência, na razão, na intuição e nas experiências místicas, e daí deduzimos que tais formas com freqüência são ilusórias, e não a substância da vida e da existência.

FORMAL E FUNDAMENTAL, TEOLOGIA

A **Teologia Fundamental** é o estudo da teologia do ponto de vista da revelação cristã, com a ajuda da razão. Porém, quando incluímos a descrição sobre como a obra salvatícia de Deus realmente teve lugar na história, então já estamos entrando na teologia formal. Por igual modo, estudar um sistema de conceitos é estudar segundo o prisma da teologia fundamental; mas tentar relacionar isso a como tal coisa opera na experiência humana já é teologia formal. A história revela a *forma* assumida pelo plano de Deus. Se quisermos compreender a história do ato salvador, teremos de encaixar seus conceitos dentro do seu contexto histórico e prático. Somente dessa maneira poderemos produzir uma autêntica teologia dogmática. Não é suficiente acompanhar como o ato salvador tem operado (história pura). Essa história só pode ser entendida contra o pano de fundo dos conceitos da revelação cristã. Por conseguinte, tudo isso nos fornece uma dualidade em meio à unidade. A história da salvação começa no indivíduo, e então é vista em operação, quando segue o indivíduo que atua na sociedade. Isso posto, a história tem um aspecto individual e outro coletivo.

FORMALISMO

Esse termo é usado, dentro do vocabulário da ética, a fim de descrever o forte apego às observâncias escrupulosas quanto a regras externas. Os formalistas presumem que estão adquirindo méritos, bem como a capacidade de evitar o castigo merecido, através dessa estrita observância.

Os críticos desse tipo de ética frisam que o mesmo pode pôr em perigo a autonomia do espírito humano, dando preferência à letra que mata, — em vez de preferir o espírito que vivifica. Também debilita o anelo humano pela transformação do homem interior, que então se expressa mediante atos externalizados, visto que faz das regras o elemento todo-importante e todo-poderoso. A verdade, porém, é que um homem pode fazer coisas boas sem ser bondoso. Um indivíduo pode enfatizar a mera forma externa, ao mesmo tempo em que despreza o conteúdo real. Sobre isso falou Paulo, quando escreveu: «...tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes» (II Tim. 3:5). Emanuel Kant e a *ética deontológica* (vide) têm sido acusados desse erro; e os cristãos primitivos acusaram os judaizantes e os legalistas precisamente dessa perversão. Em tudo isso o que mais importa é a lei do amor. Se alguém é possuidor do verdadeiro amor, então estará cumprindo a lei (Rom. 13:8 *ss*). Para possuir o verdadeiro amor, o indivíduo precisa ter espiritualidade genuína. Se alguém possui essa espiritualidade, nunca terá de se preocupar demasiadamente com as regras do jogo.

FORMAS DE PENSAMENTO

Há alguma evidência em favor do ensino de que um pensamento, uma vez formado, assume uma espécie de existência distinta, podendo tornar-se uma espécie de ser elementar. Não sabemos dizer qual nível do ser uma entidade assim é capaz de atingir, e nem quanta inteligência pode haver em uma entidade dessa natureza. O que sabemos é que as pessoas podem ser influenciadas por formas de pensamento positivas ou negativas, que podem ser uma bênção ou um entrave. Mas, saber a posição metafísica de tais supostas entidades não é importante para a afirmação de que aquilo que nós pensamos é importante, e não meramente aquilo que fazemos.

É quase certo que alguns fenômenos atribuídos aos demônios deve-se a nada mais do que às próprias formas de pensamento do indivíduo, ou de outros

indivíduos, que se mostram influentes e prejudiciais. A fim de vencer às más influências das formas de pensamento negativo, precisamos dar atenção ao desenvolvimento espiritual, a fim de nos pormos fora do alcance dessas entidades negativas. O homem autenticamente espiritual não terá de enfrentar qualquer dificuldade com essas influências. A doutrina da forma de pensamento ensina-nos quão sério é aquilo em que pensamos. Vamo-nos transformando naquilo em que costumamos pensar. Ver Pro. 23:7: «Porque, como imagina em sua alma, assim ele é...»

FORMAS (IDÉIAS) PLATÔNICAS

Ver **Universais (Formas)**.

FORMAS DE VIDA

Esboço:

1. Considerações Filosóficas
2. Na Teologia
3. Considerações Atinentes ao Juízo, à Restauração e à Redenção

1. Considerações Filosóficas

Wittgenstein (vide; oitavo ponto) foi quem introduziu a expressão «formas de vida» dentro da filosofia, a qual foi extensamente usada por Peter Winch. As formas de vida concebidas por Wittgenstein eram importantes para a sua compreensão da linguagem, porquanto as via implícitas na mesma, incluindo a linguagem da matemática. Aqueles que falam um idioma qualquer concordam quanto a certas regras gramaticais a serem seguidas, pelo que todo aquele que fala um idioma participa, de certo modo, de uma forma de vida. Winch, por sua vez, usava a expressão em sentido ainda mais lato, aplicando-a à religião, à arte, à história, às ciências e aos estilos de vida — todas essas seriam formas de vida, cujas definições, critérios e visões da realidade seriam questões internas, e não externas apenas.

2. Na Teologia

A Bíblia ensina a existência de muitas formas de vida. As ordens angelicais devem representar ordens de diferentes tipos de criaturas angelicais. Ver Efé. 1:21. Há muitas *famílias* de seres, das quais Deus é o Pai (Efé. 3:15). A ciência nos tem familiarizado com a existência de muitas formas de vida física. Na verdade, essas formas são quase intermináveis. E é razoável pensarmos que existem, pelo menos, tantas formas de vida espiritual quantas são as formas de vida física. A ciência postula (e a ficção científica descreve) formas de vida, em universos físicos, acerca das quais nada sabemos. Essas formas de vida dependeriam de condições atmosféricas, físicas e de temperatura de corpo inteiramente diferentes daquelas condições com as quais estamos acostumados na terra. Os parapsicólogos aludem a *dimensões* de vida, em contraste com localidades dessas vidas. Ou seja, em um mesmo espaço, poderiam co-existir duas ou mais dimensões.

3. Considerações Atinentes ao Juízo, à Restauração e à Redenção

Sabemos que a salvação é uma evolução espiritual, através da qual a alma humana vai sendo gradual mas fantasticamente transformada, até que, finalmente, venha a participar da forma de vida de Deus, ou essência divina (II Cor. 3:18), moldada segundo a forma de vida do Filho (Rom. 8:29; ver também Col. 2:10 e II Ped. 1:4). Ver o artigo sobre *Divindade, Participação na, pelos Homens*. Suponho que os perdidos diversificar-se-ão em várias espécies espirituais, dependendo do seu próprio progresso (ou retrocesso?) espiritual. Isso significa que as almas *restauradas* (em contraste com as almas remidas) não participarão da forma de vida divina. Ver o artigo sobre a *Restauração*.

Não sabemos o que está acontecendo quanto à forma de vida angelical; mas pelo menos podemos supor que nenhuma forma de vida é estagnada. Portanto, toda espécie de transformação maravilhosa poderia estar sucedendo entre eles, sem que isso seja esclarecido pela nossa teologia. Seja como for, de certo ângulo, tudo quanto acontece aos seres inteligentes, em sua evolução espiritual, relaciona-se a formas de vida. Deus é a mais elevada forma de vida, e também é a fonte originária de todas as formas de vida. A salvação divina abre o caminho para a preparação de filhos reais da família divina. Há muitas outras famílias, entre as quais operam os propósitos de Deus. Podemos antecipar um tremendo resultado, coerente com o seu amor, poder e graça sem limites.

FORMIGA

A palavra hebraica significa **rastejante**. Ocorre em Pro. 6:6 e 30:25. Pertence à família *Himenóptera* (que significa asas membranosas), da qual há mais de mil espécies. As formigas aladas são o elo sexual da espécie, as demais são operárias e soldados assexuados, formando a esmagadora maioria. As formigas vivem em colônias de algumas poucas dúzias até aos milhões. Algumas são vegetarianas, outras carnívoras. Algumas vivem em árvores, e outras em formigueiros, escavados no solo. Algumas vivem independentes dos homens, mas outras são pestes domésticas.

Uso metafórico. Ver Pro. 6:6-8 e 30:35. O texto sugere a saúva, embora muitas espécies ajuntem seu mantimento durante o verão. Estão em foco previsão e prudência, paralelamente ao trabalho árduo, características essas que os homens fariam bem em imitar. Devemos fazer nosso trabalho com sabedoria, aproveitando as oportunidades, ou criando oportunidades para nosso bem-estar. A saúva, durante a primavera e o começo do verão coleta sementes provindas de uma vasta área, as quais são levadas ao formigueiro. Os talos são tirados e levados para fora do formigueiro, o que torna a entrada do formigueiro conspícua. O trabalho árduo e a previsão envolvidos na operação provêem a base de uma lição moral. O trecho de Pro. 30:25 aponta para a debilidade física das formigas; mas, a despeito disso, mostram que são diligentes.

Fatos concernentes às formigas: 1. Ajuntam vastas quantidades de grãos em seus formigueiros. 2. Localizam seus formigueiros *perto* de boas áreas de suprimento. 3. Comem suas provisões recolhidas durante os meses frios. 4. Encorajam certos outros insetos a recolherem e armazenarem os ovos das formigas, juntamente com seus próprios ovos, havendo nisso um fator adicional para a sobrevivência da espécie. Lições morais podem ser extraídas de cada um desses fatores. (FA S UN Z)

FORMOSA, PORTA Ver **Porta Formosa**

FÓRMULA DE CONCÓRDIA

Essa foi a última das confissões de fé escritas, publicada pelos luteranos alemães em 1577. Posteriormente, esse documento foi incorporado ao *Livro de Concórdia* (vide). O objetivo desse documento foi o de tentar harmonizar facções dissidentes, ao prover soluções para diversas disputas doutrinárias. Havia os

rígidos seguidores de Lutero, e os discípulos mais liberais de Melanchton. Os primeiros eram intitulados *gnésioluteranos*, e os outros, *filipistas* (ver os artigos a respeito).

A Fórmula de Concórdia valeu-se de várias outras declarações anteriores, como a Concórdia da Suábia, a Fórmula de Maulbronn, o Livro de Torgau, etc. Foi preparada por uma equipe de teólogos, dentre os quais os mais influentes foram Jacob Andrea e Martin Chamnitz (vide). Consiste em duas partes, uma breve *Epítome*, escrita por Andrea, e então a porção maior, chamada *Repetição e Declaração Sólidas*. Contém doze artigos sobre assuntos como o pecado, o livre-arbítrio, a justificação, as boas obras, a lei, o evangelho, a eucaristia, a cristologia, a descida de Cristo ao hades, a diáspora, a predestinação e as seitas. A obra procura seguir um meio-termo, evitando os pensamentos extremistas. Mas reafirma, essencialmente, a doutrina da Confissão de Augsburgo (vide). Foi apresentada aos príncipes luteranos e aos concílios das cidades para receber a adoção oficial. Foi obtida uma aceitação apenas limitada; mas, apesar disso, tornou-se um importante marco na história da teologia luterana. Na verdade, tornou-se um meio por intermédio do qual o *luteranismo* (vide) tem mantido a sua independência do *calvinismo* (vide).

FORNALHA

Neste verbete devemos levar em conta cinco palavras hebraicas e uma palavra grega, a saber:

1. *Attun*, «fornalha», «forno». Palavra aramaica que aparece por dez vezes, sempre no terceiro capítulo do livro de Daniel (vs. 6,11,15,17,19-23,26). Trata-se de um forno grande, com abertura no alto, usado para moldar coisas (Dan. 3:22,23). Ao nível do chão havia uma porta, por onde o metal era extraído (vs. 26). Esse tipo de fornalha era usado para infligir punição capital por parte dos persas (Jer. 29:22; Osé. 7:7; II Macabeus 7:5). Esse tipo de fornalha, usualmente, tinha forma de cúpula. Quando ali era queimado algum combustível, a fumaça ascendia sob a forma de uma coluna escura; e a destruição de Sodoma e Gomorra é comparada a isso (Gên. 19:28). E quando o Senhor Deus veio ao encontro dos israelitas, no monte Sinai, houve algum tipo de manifestação que se assemelhava à fumaça de uma fornalha, que ascendia (Êxo. 19:18).

2. *Kur*, «fornalha», «cadinho». Palavra hebraica que ocorre por nove vezes: Deu. 4:20; I Reis 8:51; Pro. 17:3; 27:21; Isa. 48:10; Jer. 11:4; Eze. 22:18,20,22. Essa era uma fornalha feita de pedra calcária, um forno para o fabrico de tijolos. Os hebreus conheciam o processo do refinamento, provavelmente uma técnica que aprenderam no Egito. Ver Pro. 17:3; 27:21; Eze. 22:18 *ss*, e Deu. 4:20.

3. *Tannur*, «forno». Esse vocábulo grego aparece por quinze vezes: Gên. 15:17; Nee. 3:11; 12:38; Isa. 31:9; Êxo. 8:3; Lev. 2:4; 7:9; 11:35; 26:26; Sal. 21:9; Lam. 5:10; Osé. 7:4,6,7; Mal. 4:1. Esse tipo de forno era cilíndrico, usado para propósitos domésticos, como o cozimento de pães. Era um fogão ou forno relativamente pequeno. Ver Gên. 15:17. Também é referido, com um nome grego, em Mat. 13:42; Apo. 1:15; 9:2. Os árabes modernos continuam usando tal utensílio de cozinha.

4. *Alil*, «fornalha». Palavra hebraica usada somente por uma vez, em Sal. 12:6.

5. *Káminos*, «fornalha». Termo grego empregado por quatro vezes: Mat. 13:42,50; Apo. 1:15; 9:2.

Fundição e Refinamento. Eram usadas fornalhas a fim de fundir o minério de ferro, para fundir e refinar o ouro, a prata, o cobre, o estanho e o chumbo. Certos tipos de fornalha eram usados para o fabrico de peças de cerâmica, tijolos, etc. A indústria da metalurgia estava florescendo por volta de 2000 A.C. e muitas instalações de mineração e fundição têm sido descobertas pela arqueologia, ao longo da margem da Arabah. Uma dessas instalações, bem grande, foi encontrada em Mene'iyyeh, cerca de trinta e quatro quilômetros ao norte do golfo de Ácaba. Uma outra foi encontrada em Khirbet en-Nahas, cerca de oitenta e quatro quilômetros mais ao norte. A maior de todas as minas de cobre do antigo Oriente Próximo foi descoberta em Tell el-Kheleifeh (Ezion-Geber, vide), na extremidade sul do wadi Arabah. Foi explorada no século X A.C., provavelmente por Salomão. Uma grande indústria desenvolveu-se em torno da exploração do cobre. Carvão vegetal era usado como combustível. Essa fundição continuava operando no século V A.C. Várias fundições têm sido encontradas na própria Palestina, entre as quais poderíamos mencionar Ain Shems, Tell Jemmeh, Tell Qasile, perto da moderna cidade de Tel Aviv.

Usos Figurados:

Quase todas as referências que há na Bíblia a fornalhas são figuradas:

1. O estado de provação é comparado com o calor e o refinamento em uma fornalha (Deu. 4:20; Isa. 48:11).

2. As promessas de Deus são dignas de confiança e são puras, sem defeito ou qualquer tipo de poluição, como se fosse a prata purificada por sete vezes em uma fornalha. As promessas de Deus, pois, são como a prata pura. Ver Sal. 12:6.

3. A natureza transitória do homem e a desintegração física na qual ele naturalmente cai, por causa da idade avançada, são comparadas a dias que estão sendo consumidos na fumaça e a ossos que estão sendo queimados em uma fornalha (Sal. 102:3).

4. O juízo divino é simbolizado por uma fornalha, em Mat. 13:42 e Apo. 9:2.

5. Cristo, que virá a fim de julgar, e que é glorioso e severo em suas maneiras, assemelha-se ao metal que foi refinado em uma fornalha. O bronze refinado é um metal duro, simbolizando o poder esmagador de Cristo, quando ele tiver de tratar com os seus inimigos (Apo. 1:13,15).

FORNICAÇÃO

Ver o artigo geral sobre os **vícios**, que inclui várias palavras que dizem respeito aos pecados de natureza sexual.

1. *Definição dos Dicionários*. Relações sexuais ilícitas entre pessoas solteiras. Nesse sentido, os fornicários (no grego, *pornoi*) devem ser distinguidos dos adúlteros (*moichoi*).

2. Quando a *porneia* e a *moicheia* são sinônimos? Relações sexuais entre uma pessoa solteira (de qualquer sexo) e uma pessoa casada, podem ser consideradas fornicação ou adultério. *Porneia* pode indicar qualquer tipo de imoralidade, razão pela qual envolve o adultério (*moicheia*), mais limitado. O trecho de Mateus 5:32 envolve esse uso mais amplo. Ver também Mat. 19:9.

3. Em I Coríntios 5:1, a palavra *porneia* é usada com o sentido geral de imoralidade, quando então indica todas as formas de desvio sexual.

4. O trecho de I Coríntios 7:2 diz, no grego, *diá tas porneias*, que pode ser entendido como tentações *à*

imoralidade, de qualquer tipo. Os crentes são exortados a fugirem desse tipo de pecado (I Cor. 6:18), visto que a íntima relação entre Deus e o seu povo assemelha-se ao vínculo matrimonial (Efé. 5:23-27). De fato, o termo «adultério» é freqüentemente usado na Bíblia, em sentido metafórico, para indicar a infidelidade do povo de Deus, um pecado particularmente abominado pelo Senhor (Osé. 6:10; Jer. 3:2,9; Apo. 2:12; 19:2). Todavia, a graça divina é capaz de encobrir todos esses pecados. Assim, até mesmo a prostituta Raabe veio a tornar-se ascendente de Jesus Cristo (Mat. 1:5; Heb. 11:31).

5. Paulo preparou sete listas de vícios; e, em cinco delas, a fornicação é incluída. Ver I Cor. 5:11; 6:9; Gál. 5:19; Efé. 5:3; Col. 3:15. E em cada uma dessas cinco listas é o pecado que figura em primeiro lugar. Os gregos e os romanos não consideravam muito grave o vício da fornicação, embora falassem severamente contra o adultério.

6. Jesus atribuía tanto a fornicação quanto o adultério à concupiscência dos olhos e à idéia da mente, fazendo dos mesmos pecados universais. Pois, quem não tem concupiscência pelo sexo oposto? Ver Mat. 5:28. Uma das preocupações de Jesus, em seus ensinos, era encarar o pecado em seu intuito, e não meramente em sua realização.

7. Paulo referiu-se a esse pecado como uma iniqüidade que impede o indivíduo de participar do reino de Deus (I Cor. 5:11).

8. Paulo dizia que esse é um pecado cometido contra o próprio corpo e, portanto, contra o Espírito Santo, o qual faz do corpo do crente um templo seu (I Cor. 6:18-20). Nas relações sexuais parece haver a mistura de energias espirituais vitais, de tal modo que os dois tornam-se um só. Como isso sucede é algo misterioso, indefinido. Por essa razão é que Paulo encarava com grande seriedade a relação sexual com uma prostituta. Pois ela, por assim dizer, substituía o Espírito Santo, corrompendo àquele que é membro do corpo de Cristo (I Cor. 6:15 *ss*). Aquele que está unido ao Senhor forma *um só espírito* com ele, o que fala a respeito de uma íntima comunhão mística com ele. Os místicos têm comentado acerca da qualidade espiritual do sexo, dando a entender que está envolvido algo de espiritual, e não meramente a união física de dois corpos.

9. A poligamia, naturalmente, não era classificada como fornicação ou como adultério. Era uma prática generalizada nos tempos bíblicos. Jesus, entretanto, referiu-se favoravelmente ao ideal de um homem e uma mulher (Mat. 19:4 *ss*).

FORNO

Há três palavras hebraicas e duas palavras gregas envolvidas no verbete:

1. *Kibshan*, «forno», «fornalha». Palavra hebraica usada por quatro vezes: Gên. 19:28; Êxo. 9:8,10; 19:18.

2. *Tannur*, «forno». Vocábulo hebraico empregado por quinze vezes. Por exemplo: Êxo. 8:3; Lev. 2:4; 26:26; Sal. 21:9; Osé. 7:4,6,7; Mal. 4:1; Gên. 15:7.

3. *Kur*, «fornalha», «crisol». Termo hebraico usado por nove vezes: Deu. 4:20; I Reis 8:51; Pro. 17:3; 27:21; Isa. 48:10; Jer. 11:4; Eze. 22:18,20,22.

4. *Káminos*, «forno». Palavra grega usada por quatro vezes: Mat. 13:42,50 e Apo. 1:15; 9:2.

5. *Klíbanos*, «forno». Palavra grega usada por duas vezes: Mat. 6:30 e Luc. 12:28.

Os fornos antigos eram usados para cozinhar, para assar, para queimar o óxido de cálcio, para fundir os minérios ou para o fabrico de peças de cerâmica. Usualmente, os fornos eram feitos de pedra calcária (ou outro tipo de rocha). Tinham forma oblonga, terminando em cúpula. Nessa cúpula havia uma abertura, por onde escapava a fumaça. Uma outra abertura, existente na parte inferior do forno, permitia a inserção de combustível. Os fornos antigos produziam muita fumaça, o que explica a descrição de Sodoma e Gomorra (Gên. 19:28) e a descrição do que sucedeu no monte Sinai, quando Deus veio ao encontro de Moisés (Êxo. 19:18), em cujos trechos há uma comparação com fornos.

Os fornos usados no fabrico do pão eram de formato diferente. Eram feitos mediante um buraco no solo, com cerca de sessenta centímetros de largura, onde era inserido um cilindro feito de cerâmica. Esse cilindro era aquecido, e a massa era então posta em seus lados aquecidos. Ver referências a fornos dessa natureza em Êxo. 8:1; Lev. 2:4; 7:9; 11:35 e 26:26. No trecho de Salmos 21:9 há uma ilustração figurada do julgamento e da ira de Deus, que queimam como uma fornalha ardente. Os sofrimentos experimentados pelos judeus, quando do cativeiro babilônico, são simbolizados pela figura de um forno, em Lamentações 5:10. O dia do julgamento divino é comparado a um forno, em Malaquias 4:1. Uma das torres das muralhas de Jerusalém era chamada «Torre dos Fornos» (Nee. 3:11; 12:38). O nome dessa torre devia-se ao fato de que, nas proximidades, havia fornos para o fabrico de pães e de tijolos.

O tipo de forno que, no Novo Testamento, chamado *klíbanos* (ver Mat. 6:30 e Luc. 12:28) era feito de cerâmica. Era uma jarra grande, usada para cozer o pão. Era aquecido pondo-se o combustível em seu interior. Quando já estava suficientemente quente, as brasas e cinzas eram aquecidas, e a massa era posta em seu interior. Ver os artigos separados sobre *Cozinha* e *Cozinheiro*.

FORNOS DE TIJOLOS

No hebraico, **malben**, palavra que aparece por apenas três vezes: II Sam. 12:31; Jer. 43:9 e Naum 3:14.

Entre os antigos israelitas, o modo usual de construção era fazê-las de tijolos de argila, com reforços, com a palha misturada à massa, uma técnica que eles aprenderam no Egito. Poucos tijolos queimados têm sido encontrados na Palestina. Porém, na época de Davi, provavelmente existiam fornos de tijolos, onde se fabricavam tijolos mais duros e permanentes (II Sam. 12:31). Esses fornos pareciam-se com os fornos de assar pães. Tijolos queimados, bem como fornos de tijolos, têm sido encontrados na Mesopotâmia, em grande abundância; porém, não ao longo dos rios Nilo e Jordão. As referências bíblicas a «fornos de tijolos» (no hebraico, *malben*), que se vêem em trechos como II Sam. 12:31; Jer. 43:9 e Naum 3:14, conforme pensam alguns intérpretes, não se refereriam, realmente a isso. Antes, seriam alusões aos *moldes* usados para fazer tijolos de argila, nada tendo a ver com fornos. Porém, a fornalha ardente de Daniel 3:6,11; 5:19-23, mui provavelmente era um forno de tijolos. Ver também Jer. 29:22. Através de uma carta babilônica, de cerca de 1800 A.C., sabemos que esses fornos de tijolos eram usados com a finalidade de punição capital. Salmos 21:9 provavelmente diz respeito a esse fato. Um forno para cozer peças de cerâmica foi encontrado em escavações feitas em Nipur, onde talvez tenham sido encontrados tijolos do tipo fabricado na Babilônia. (IB ND)

FORNOS, TORRE DOS

Essa torre é mencionada somente em Neemias 3:11 e 12:38. A expressão designa uma das torres da muralha média ou segunda, de Jerusalém, que ficava localizada no ângulo noroeste, perto da porta da Esquina. Ficava próxima da intersecção da presente rota da Via Dolorosa com a rua de Estêvão. Alguns pensam que ficava na rua dos Padeiros, mencionada em Jer. 37:21. Essa torre foi restaurada por Neemias, após o exílio na Babilônia (Nee. 3:11 e 12:38). O nome dessa rua provavelmente deveu-se à circunstância de que havia fornos de padeiros, naquela área.

FORQUILHA

No hebraico, **mizreh**. Esse vocábulo hebraico ocorre somente por duas vezes; em todo o Antigo Testamento: Isa. 30:24 e Jer. 15:7. Em nossa versão portuguesa, o termo hebraico é traduzido por «forquilha», em Isaías, mas por «pá», em Jeremias. Se, conforme a opinião de alguns estudiosos, está em vista a forquilha, um implemento agrícola com seis dentes, usado no ato de separar o grão de cereal de sua palha, então em ambos os trechos deveríamos ter a tradução «forquilha».

Outro tanto pode ser dito em relação ao termo grego *ptúon*, que aparece somente por duas vezes no Novo Testamento, em Mat. 3:12 e em Luc. 3:17. Nossa versão portuguesa traduz esse termo grego por «pá». No entanto, as maiores autoridades filológicas do grego dizem que devemos pensar em um instrumento dotado de dentes (sem importar quantos eles fossem), que era usado para separar o grão de cereal de sua palha. Ver também sobre *Garfo*.

FORRAGEM

Ver o artigo geral sobre a **Agricultura**. Cereais e gramíneas serviam de alimentos para os animais domésticos, e a produção dos mesmos era um dos grandes empreendimentos da agricultura antiga, tanto quanto da moderna. O termo hebraico *mispo* deriva-se de uma raiz que significa «misturar», «colher» (ver Gên. 24:25, 32; 42:27; 43:24; Juí. 19:19,21; Isa. 30:24). O termo «misturado», pois, indica uma mistura de grãos e ervas, juntamente com sal e ervas aromáticas. A mistura era então posta na água, para fermentar. Uma ração comum para os animais consistia em palha cortada misturada com cevada, trigo e outros cereais, formando uma espécie de feno. A cevada era o grão mais comumente usado na alimentação dos animais. Eram bolos feitos de feijões e cevada, com algumas tâmaras esmagadas e misturadas à massa.

FORTE, FORTIFICAÇÃO

Ver o artigo separado sobre **Cidade Cercada**.

Ficamos perplexos diante da selvageria e da brutalidade dos homens, que fazem de outros homens suas principais vítimas. Na verdade, em certo sentido, a história da humanidade é a história de matanças, torturas e barbaridades. Consideremos as vastas quantias que, em nossos dias, as nações estão gastando para se armarem e poderem matar aos seus semelhantes. A questão inteira ilustra a grande malignidade do espírito humano, como também a que ponto caiu a espiritualidade do ser humano. Atualmente, uma das principais maneiras de entreter, na televisão, no teatro, no cinema e na rua (na vida real) é a violência. Os criminosos confessam que sentem estranhos prazeres quando ferem e matam. Pessoas civilizadas, e até mesmo supostamente espirituais desfrutam de programas de televisão com base na violência. Tudo isso revela muito sobre a depravação do espírito humano.

Na antiguidade, toda cidade de qualquer tamanho ou qualidade dispunha de muralhas, fortificações, torres de vigia, terraplenos e portões fortificados — tudo a fim de fornecer proteção, não somente de ataques possíveis, mas de ataques inevitáveis da parte de inimigos que vinham para destruir, matar e estuprar. Os grandes épicos da história humana, como a Ilíada de Homero, ou a Odisséia, são histórias grandiosas de matanças e destruições. Lamentamos quando lemos o Antigo Testamento e percebemos o quanto o povo de Israel esteve envolvido em todo esse sangrento drama, ao mesmo tempo em que eles eram chamados de o povo de Deus. E, em certas ocasiões, Deus foi quem os enviou para destruírem e matarem.

Quando os espiões de Israel estiveram na terra de Canaã, observaram e então prestaram relatório sobre como as cidades dos cananeus eram pesadamente fortificadas e cercadas por grandes muralhas. Isso não impediu os israelitas. E, uma vez que as cidades cananéias foram conquistadas, elas foram cuidadosamente reparadas e refortificadas, porquanto uma guerra nunca põe fim às guerras. A arqueologia tem descoberto muralhas com 4,5 m a 6 m de espessura. E, com freqüência, as grandes cidades tinham muralhas dentro de muralhas. Na verdade, os homens temiam aos homens, e com todas as boas razões. Algumas dessas muralhas tinham até seis metros de altura. Muitas daquelas muralhas eram de pedra sólida. Além disso eram escavados fossos em torno delas, algumas vezes cheios de água, a fim de dificultar ao máximo a aproximação do inimigo dessas muralhas e, muito mais, serem elas derrubadas. Porém, os homens conseguiam realizar qualquer coisa, em seu desvairado desejo de matar e saquear.

Torres eram construídas nas esquinas das muralhas, permitindo que os defensores das cidades pudessem antecipar os ataques vindos de fora (II Crô. 14:7). Fortificações eram edificadas sobre as muralhas e por dentro delas, a fim de ajudarem na defesa. Os portões sempre foram pontos de fraqueza. Os ladrões costumam observar os hábitos de uma família. Quando as portas são deixadas abertas — o que, às vezes, só acontece depois de muitos dias — eles atacam. A mesma coisa sucedia na antiguidade. A maioria das cidades contava com mais de um portão nas muralhas que circundavam a área. Esses portões precisavam ser fortificados e guardados por homens armados. Os portões geralmente eram feitos de duas folhas, recobertas de bronze, para não serem atacados pelo fogo (Sal. 107:16; Isa. 45:2). E o suprimento de água de uma cidade também era um ponto vulnerável em sua defesa, pelo que tinham de ser construídos condutos subterrâneos; ou então a cidade precisava ser construída em redor de fontes de água, que não pudessem ser poluídas ou desviadas de fora dos portões.

A arqueologia muito tem feito para ilustrar o ponto, mediante suas escavações em Jericó e em outras localidades antigas. Em Jericó, o arqueólogo John Garstand localizou uma série de cidades muradas, uma acima da outra, nas cidades enumeradas A, B, C e D, que foram iniciadas em cerca de 3000 A.C. A cidade «D» foi aquela conquistada por Josué, em cerca de 1500 A.C. Ela contava com uma dupla muralha de tijolos. Primeiramente havia uma maciça muralha com 1,80 m de espessura. Então havia uma muralha interna, com o dobro dessa espessura. As

duas muralhas estavam distantes uma da outra entre três e quatro metros. Fortificações similares foram encontradas em Betel. Um elaborado sistema de fortificações protegia a cidade de Jerusalém, do tempo dos jebuseus, a qual, finalmente, foi conquistada por Davi.

Na época da monarquia, em Israel, foram construídas elaboradas fortificações pelos monarcas de Israel e de Judá, em muitos lugares. Saul fortificou Gibeá (Tell el-Ful?), um lugar cerca de seis quilômetros ao norte de Jerusalém. O local foi escavado em 1922-1923, por W.F. Albright. Tinha pelo menos duas muralhas e uma ladeira artificial, que dificultava muito a aproximação do inimigo. Também contava com moles de pedra, e uma grande escadaria de pedra, pela qual o inimigo precisava subir, tornando-se alvo fácil para os defensores da cidade.

Construções Egípcias. Os egípcios construíam grandes muralhas, torres e portões, o que tem sido amplamente ilustrado pelas descobertas arqueológicas, pelas pinturas tumulares, etc. Povos ainda mais antigos simplesmente amontoavam pedras, escavavam trincheiras e construíam torres, no esforço da defesa. Mais tarde, entretanto, a construção de muralhas passou a ser feita com grande técnica, mediante o uso de pedras e tijolos. Muitas trincheiras foram escavadas que, afinal, se mostraram inúteis como defesa.

Métodos de Ataque. Com tanta preparação defensiva, como poderia um inimigo atacar e conquistar com sucesso uma cidade? Antes de tudo, os fossos eram atulhados, ou então eram transpostos por pontes toscas. Grandes aterros eram feitos, para que os soldados pudessem subir até o alto das muralhas, porquanto algumas delas eram tão grossas que simplesmente não podiam ser derrubadas. Torres móveis, feitas de madeira, também eram feitas, para poupar tempo no ataque. Aríetes podiam abrir brechas em muralhas que não fossem espessas demais, ou que não fossem bem construídas. Uma vez que se fizesse uma brecha em uma muralha, ela perdia todo o seu valor como defesa. Os homens que operavam as máquinas para derrubar as muralhas eram protegidos por outros soldados, que procuravam conter os defensores das muralhas. Naturalmente, muitas vidas perdiam-se em ambos os lados da refrega, mas muitas perdas de vida não conseguem estacar a loucura dos homens.

Há poucas décadas atrás, um ditador russo disse ao presidente Kennedy, dos Estados Unidos da América, que a perda de alguns milhões de vidas russas não era um preço demasiadamente grande para pagar pelo triunfo do comunismo. Os homens não-regenerados sempre deram bem pouco valor à vida humana.

Mas, voltando aos métodos de ataque contra as antigas cidades muradas, escadas eram usadas para escalar muralhas acima, com pesadas perdas em forma de vidas. Eram desfechados ataques em vários pontos (e portões) ao mesmo tempo, a fim de enfraquecer a resistência dos defensores, encerrados dentro das muralhas. Catapultas eram feitas, capazes de lançar grandes pedras para dentro dos muros, matando assim a muitos. Tochas acesas eram lançadas para dentro da cidade. Chuvas de flechas e dardos crivavam as casas e as ruas das cidades sitiadas. — Os habitantes de algumas cidades cercadas padeciam muita fome e necessidade, pois as tropas não permitiam a saída e a entrada de quem quer que fosse. Esse método de sujeição pela fome era empregado quando as cidades eram fortes demais para serem subjugadas de outra maneira. Também eram cortados os suprimentos de água potável. A cidade de Samaria conseguiu resistir aos assírios durante dois anos, mas a combinação de vários métodos, finalmente, a derrotou.

O Terror que Então Tinha Lugar. Uma vez que uma cidade fosse capturada, então havia incêndios matanças, saques e violências sexuais. A história descreve como as forças de Nabucodonosor obliteraram muitas cidades da Judéia, incluindo a própria Jerusalém. Tudo isso contribuía para que as pessoas se tornassem muito religiosas, pois somente a alma entregue à proteção da divindade pode sentir-se segura em circunstâncias assim. No começo da era cristã, Tito imitou Nabucodonosor muito bem, destruindo a cidade de Jerusalém, no ano 70 D.C. No entanto, ele poupou cidades menores da Judéia.

Usos Metafóricos:

1. Um juiz ou soberano postava-se no portão principal da cidade a fim de ouvir as queixas ou resolver problemas do povo. Portanto, «sentar-se ao portão» era brandir o poder e a autoridade.

2. Deus é uma fortaleza para aqueles que estão em necessidade, para quem eles podem fugir em momentos de perigo (Sal. 18:2; Naum 1:7).

3. Perder a própria fortaleza é perder o poder ou autoridade, e entrar em período de debilidade (Isa. 17:3).

4. Derrubar uma fortaleza é derrotar e humilhar (Isa. 25:12).

5. A defesa de um homem bom está nas rochas dos montes, e isso refere-se à proteção divina (Isa. 33:16).

6. Deus serve de torre e fortaleza entre o seu povo, garantindo assim a proteção deles (Jer. 6:27). Diz o trecho de Sal. 91:1,2: «O que habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra do Onipotente, diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio».

FORTER, GEORGE BURMAN

Nasceu em 1858 e faleceu em 1918. Foi teólogo e filósofo. Educou-se no Shelton College, na Universidade da Virgínia Ocidental, no Rochester Theological Seminary e nas Universidades de Gottingen e Berlim, na Alemanha. Foi ordenado como ministro batista. Foi o pastor fundador da Primeira Igreja Batista de Saratoga Springs, estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América. Foi professor de filosofia na McMaster University e, também, na Universidade de Chicago, onde ensinava religião e filosofia. Sua carreira religiosa é uma história de peregrinação que partiu do supernaturalismo teísta e terminou no naturalismo emocional, ou humanismo religioso. Promovia a *idéia de Deus*, que, segundo ele declarava, seria intelectualmente destituída de objetivo, de validade ontológica, mas que seria útil para a sua forma pessoal de humanismo naturalista, como um ideal. Seja como for, ele se apegava firmemente aos valores humanos.

Escritos: *The Finality of the Christian Religion; The Function of Religion in Man's Struggle for Existence; Christianity in its Modern Expression*, além de outros títulos de menor importância e de muitos artigos.

FORTUNA NA RELIGIÃO GREGA E ROMANA

A palavra portuguesa «fortuna» vem de **fortuna**, no latim, derivado de *dero*, «levar», «carregar». O termo

grego é *tuche*, que vem de *tunchano*, «acontecer». Ver o artigo separado sobre *Sorte*. A Fortuna ou Sorte eram personificadas como deusas. E a importância do conceito assim personificado e deificado tornou-se um importante conceito no campo religioso, dos mitos e da filosofia. A deusa *Fortuna* era adorada em Praeneste, e era uma divindade oracular do *Destino* (vide). Praeneste também era chamada Primigênia, visto que era a filha primogênita de Zeus (Júpiter). Em seu ofício de deusa da pura chance, incluindo a idéia de caos, ela era conhecida como Fors Fortuna. Ver os artigos separados sobre *Fatalismo* e *Acaso*. A mente humana está dividida entre o temor do caos e a esperança do desígnio, o que figura com proeminência no *problema do mal* (vide).

Paulo admitiu a existência do princípio do caos, mas também reconheceu que o próprio caos tem um propósito, visto que força os homens a buscarem refúgio em Deus, o único que pode emprestar sentido e estabilidade às vidas dos homens (Rom. 8:20 *ss*). Ver também sobre *Teleologia*.

FORTUNATO

A raiz desse nome próprio é a palavra latina *fortunatus*, e o seu sentido é «bendito» ou «afortunado». Esse nome aparece tanto em papiros quanto em inscrições da época helenista. Esse era o nome de um discípulo de Cristo, que se mostrou ativo na igreja de Corinto, embora romano de nascimento. Ele visitou Paulo em Éfeso e, então, retornou, juntamente com Estéfanas e Acaico, levando a primeira epístola de Paulo aos Coríntios (I Cor. 7:1; 17:17), em cerca de 59 A.C. Ele e Acaico talvez pertencessem à casa de Estéfanas ou Cloé (I Cor. 16:15; 1:11). Há um Fortunato mencionado em I Clemente 65; que parece indicar que ele continuou vivendo por cerca de quarenta anos após a sua associação com Paulo. Porém, o nome Fortunato era muito comum, e não se pode ter certeza que se tratava do mesmo Fortunato referido em I Coríntios.

FÓRUM DE ÁPIO

Ver sobre **Ápio, Fórum.**

FOSSÁRIOS

Essa palavra vem do latim, **fossor**, «escavador». Tal vocábulo indica os escavadores de túmulos que, na cristandade dos séculos II e III D.C., chegaram a ser considerados profissionais e que, durante algum tempo, provavelmente eram contados como parte do clero menor. Eram pagos mediante as ofertas voluntárias retiradas do tesouro comum da Igreja. Porém, onde entra o dinheiro surgem também os abusos. Os fossários começaram a tornar-se cobiçosos organizando-se em corporações e exigindo maiores benefícios. Por isso mesmo, finalmente, foram dissolvidos como uma classe profissional.

FOSTER, FRANK HUGH

Suas datas foram 1861-1935. Foi educado nas Universidades de Harvard e Andover. Foi professor de teologia sistemática no Pacific Theological Seminary; e também foi professor de filosofia e história no Olivet College. Mostrou-se ativo participante do movimento de ortodoxia do calvinismo da Nova Inglaterra, tendo-se tornado um de seus principais historiadores.

FÓTIO Ver o artigo sobre **Fócio.**

FOUCHER, SIMON

Suas datas foram 1644-1696. Foi um filósofo francês, nascido em Dijon. Educou-se na Sorbonne. Tornou-se opositor de Malebranche e crítico de Descartes e Leibniz. Reavivou os argumentos céticos da Academia de Platão, e utilizou-os a fim de combater os seus oponentes. Apesar disso, ele acreditava que as doutrinas fundamentais da Igreja são auto-evidentes, sendo intuitivamente reconhecidas e aprovadas. Seu alvo intelectual era a reconciliação e a harmonização da religião com a filosofia. Ele tornou-se melhor conhecido por causa de suas obras, intituladas *Sobre a Sabedoria dos Antigos* e *Ensaios na Busca pela Verdade*.

FOUILLÉE, ALFRED

Suas datas foram 1838-1912. Foi um filósofo francês. Foi historiador de filosofia, especialmente das idéias de Sócrates e Platão. Desenvolveu um sistema filosófico ao qual chamou de *idealismo voluntarista*. Tornou-se melhor conhecido por seus argumentos em favor do livre-arbítrio humano (vide), com base no que ele chamava de *idée force* (força do pensamento), que ele pensava ser inerente ao homem. Para ele, a mente seria um poder criativo, que pode levar suas idéias à realização. Escreveu três livros: *A Evolução da Força do Pensamento; A Psicologia da Força do Pensamento* e *A Ética da Força do Pensamento*.

FOX, GEORGE

Suas datas foram 1624-1691. Foi um líder religioso, fundador da *Sociedade de Amigos* (vide), também conhecidos como os quacres. Nasceu em Fenny Drayton. Leicestershire, Inglaterra. — Era aprendiz de sapateiro, no começo de sua vida. Depois, trabalhou com gado e lã. — No início de sua vida adulta era um jovem espiritualmente inquieto e insatisfeito. Aos dezenove anos de idade, conforme ele mesmo disse, «por ordem de Deus», rompeu com todo o relacionamento de família e com seus amigos e iniciou um período de quatro anos de peregrinações. Esse período terminou com uma experiência mística, durante a qual ouviu uma voz que lhe dizia: «Há alguém, a saber, Cristo Jesus, que pode falar à tua condição».

Essa foi a sua primeira experiência com o que ele chamava de *Luz Interna*, um conceito que se tornou a motivação e o impulso básico de sua adoração religiosa. Ele afirmava que o contacto de Deus com os homens não vem através de igrejas, sacramentos ou quaisquer cerimônias ou ritos, mas somente por meio da Luz Interna ou Luz Interior.

Fox começou a pregar e seguiu-se uma carreira tumultuada. Foi encarcerado por oito vezes, sob a acusação de perturbar a ordem, de blasfêmia, de encabeçar reuniões proibidas por lei. Mas, em cada uma dessas oportunidades ele se defendia afirmando que estava «declarando a verdade». Terminado um desses períodos de encarceramento, ele caminhou descalço pelas ruas de Litchfield, clamando em altas vozes: «Ai da sangüinária cidade de Litchfield».

Fox não tinha qualquer intenção de formar uma nova denominação, mas, à proporção que os anos se foram passando, ele viu a necessidade de alguma forma de organização, a fim de preservar e propagar as suas idéias. Muitos discípulos foram feitos e pregadores foram enviados. Ele exercia maior influência sobre as pessoas de classe humilde. Margaret Fell, esposa do juiz Thomas Fell, foi uma

notável exceção. Ela levantava fundos para pagar as despesas dos ministros que viajavam e mantinha uma extensa correspondência com os mesmos. Diversas de suas filhas casaram-se com importantes homens do movimento. Em 1669, ela casou-se com o próprio George Fox, depois de haver enviuvado.

O movimento propagou-se por muitos países da Europa, sempre acompanhado por perseguições, até que chegou aos Estados Unidos da América do Norte, com sede no estado da Pennsylvania.

A morte de Fox, em 1691 assinalou o final da fase pioneira do quaquerismo. Ele deixou a fase ativa de sua liderança quando o movimento chegou a ter cinqüenta mil adeptos. O resto da história é contado em nosso artigo intitulado *Sociedade de Amigos*.

Idéias:

1. Não as Escrituras, mas o Espírito Santo, deve ser o poder pelo qual buscamos; não o Cristo externo, dos credos, mas o Cristo no íntimo, é que é o nosso alvo. Não uma adoração externa, nem igrejas, nem doutrinas e nem sacramentos, mas a Luz Interior, que é acendida pelo Espírito de Deus na consciência e na alma de todo ser humano — essa é a nossa grande necessidade. Há aquela experiência mediante a qual o Espírito de Cristo pode apossar-se subitamente de uma alma, e é nisso que consiste a vida espiritual.

2. Um relacionamento imediato com Deus é a grande necessidade humana (ver sobre o *Misticismo*).

3. Fox recusava-se a fazer juramentos, pegar em armas ou retirar o chapéu em deferência a qualquer homem. O pacifismo dos quacres reflete a doutrina da luz interior.

4. Espontaneidade na adoração religiosa. Qualquer pessoa, homem ou mulher, pode usar da palavra em uma reunião de crentes; mas, se ninguém sentir-se impulsionado a falar, então é melhor ficar sentado em silêncio.

5. O nome quacre (que vem do verbo inglês *to quake*, «tremer», «balançar») exprime o temor de Deus e o abalo que eles sentem na alma, em seus encontros místicos com a Luz Interior. O termo inglês *quaker* foi um apodo que estranhos deram ao movimento, em sentido pejorativo. Até hoje os próprios membros não usam essa palavra para designarem a si mesmos. Mas o termo também é derivado da constante admoestação de Fox aos seus seguidores e a outros: «Estremecei diante da Palavra do Senhor». De acordo com o Journal de George Fox, *Cent. Ed.* 1:4, foi o juiz Gervase Bennett, de Derby, na Grã Bretanha, quem primeiro lhes deu o apelido de *quakers*, porquanto Fox costumava exortar as pessoas a tremerem diante da Palavra de Deus. Isso ocorreu em 1650. Porém, a história mostra-nos que a expressão já vinha sendo usada antes mesmo disso.

6. Visto que eles frisavam a experiência pessoal, e não as Escrituras, não se tornaram famosos por sua ortodoxia. Sob a influência do evangelismo de grupos evangélicos, algumas porções do movimento vieram a tornar-se mais ortodoxas e evangélicas. Devido a esse e a outros fatores, o movimento acabou dividindo-se em facções, embora todos tenham retido sua distinção de atos humanitários e pacifistas, bem como a ênfase sobre a necessidade de algo mais do que pura ortodoxia para que os homens expressem devidamente a sua fé em Cristo.

Escritos. O *Journal* de George Fox era o veículo de sua expressão literária.

FOXE, JOHN

Suas datas foram 1516-1587. Escritor inglês das histórias dos mártires cristãos. Ele mesmo foi perseguido e exilado pela rainha Maria. Estando no continente europeu, exilado da Inglaterra, ele escreveu sua obra mais famosa, *Actes and Monuments of these Latter and Perillous Dayes*, atualmente intitulada *Foxe's Book of Martyrs*. Essa obra foi publicada pela primeira vez em 1563. Muitos casos de martírio de crentes, durante o reinado da rainha Maria (apelidada de Maria, a Sangüinária) estão contidos nessa obra. Ele tinha acesso aos registros oficiais, pelo que seus relatos são essencialmente fidedignos. Ele mesmo era um puritano convicto e firme, embora fosse indivíduo gentil, que advogava a moderação no trato com as controvérsias religiosas. Após a subida de Isabel ao trono da Inglaterra, Foxe foi ordenado ao sacerdócio, em 1560. Mas continuou um pregador sem partido, principalmente devido aos seus escrúpulos acerca de vestes sacerdotais e rituais. A rainha Isabel recompensou o seu livro sobre os mártires conferindo-lhe um posto em Salisbury. Posteriormente tornou-se cânone de Durham. Seu livro espalhou-se enormemente, e cópias do mesmo foram postas em todas as catedrais e em muitas igrejas paroquiais. — Em 1571, ele propôs codificar a lei canônica, que acabou sendo redigida por Cranmer e outros. Editou os evangelhos no anglo-saxônico, coligidos pelo arcebispo Parker, e publicou diversos sermões. Faleceu em Londres, a 18 de abril de 1587.

FRADE

Vem do latim, **frater**, «irmão», através do francês, *frere*. Esse termo designa qualquer membro das quatro ordens mendicantes originais da Igreja Católica Romana: os franciscanos, os dominicanos, os carmelitas e os agostinianos. O vocábulo deve ser distinguido de *monge*, porquanto o frade é um ministro do evangelho e faz trabalho pastoral, incluindo o ministério do ensino, ao passo que o monge é uma figura religiosa enclausurada, o qual, apenas ocasionalmente, desempenha algum serviço público. Os jesuítas, embora mendicantes, não são frades, mas clérigos regulares. Os agostinianos e carmelitas são chamados *frades brancos*; os dominicanos, *frades negros*; e os franciscanos, *frades cinzentos*, tudo isso por causa de suas vestimentas características. Temos provido artigos separados para cada um deles.

FRADES MENORES

Esse é um nome alternativo para a ordem dos franciscanos, a ordem mendicante da Igreja Católica Romana, fundada por Francisco de Assis, 1207-1209 (vide). Temos provido dois artigos separados, um sobre *Francisco de Assis (São)* e outro sobre os *Franciscanos*.

FRADES NEGROS

Um nome comumente aplicado aos frades dominicanos (ver o artigo), sobretudo na Inglaterra, por causa de sua capa negra e de seu capuz da mesma cor, que usam quando saem de seus mosteiros. (E)

FRALDAS

No hebraico, **shul**, palavra que aparece por onze vezes nas páginas do Antigo Testamento, como em Jer. 13:22,26; Lam. 1:9; Naum 3:5. Aparentemente a fralda era uma peça de pano que cobria a parte inferior do corpo e a sua remoção importava em opróbrio.

••• ••• •••

FRANCISCANOS

Quanto ao pano de fundo da ordem dos franciscanos, ver o artigo sobre *Francisco de Assis* (São).

A palavra *franciscanos*, conforme é modernamente usada, designa vários grupos e indivíduos da Igreja Católica Romana que professam viver de acordo com os ideais de Francisco de Assis. Ele fundou três ordens monásticas que descrevemos com detalhes no artigo sobre ele, sob o primeiro ponto —*Detalhes Dignos de Nota*. A primeira dessas ordens terminou por dividir-se em várias unidades (após várias controvérsias), principalmente, por causa das exigências muito duras da regra monástica originalmente adotada, chamada Ordem dos Frades Menores. E também houve a ordem chamada Frades Menores Convencionais e a ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

A segunda ordem é uma ordem de freiras encerradas em conventos, chamadas, popularmente, de Claretianas Pobres, seguindo o nome de Santa Clara. A terceira dessas ordens compõe-se, principalmente, de pessoas leigas. Os franciscanos constituem a mais numerosa ordem monástica da Igreja Católica Romana. Essa terceira ordem é a maior das ordens franciscanas, contando com mais de dois milhões de membros. Nada menos de noventa e oito santos católicos romanos e seis papas pertenceram à ordem dos franciscanos. As várias divisões são juridicamente distintas, embora tenham em comum o seu ideal de se esforçarem por cumprir os ideais de Francisco de Assis.

Os primeiros anos da história dos franciscanos caracterizaram-se por uma rígida pobreza e por um diligente labor em obras de caridade. Eles esmolavam a fim de se disciplinarem espiritualmente, e também a fim de obterem assim o seu sustento. Serviam às classes mais inferiores da sociedade, como os rejeitados, os leprosos e os que não tinham onde morar. Seu ministério social não era pretencioso e nem espetacular. Em seu ensino eles frisavam o arrependimento e a concórdia, e muitos deles criam no retorno iminente do reino de Deus, por meio da «parousia» (vide). Foi a extrema austeridade de suas vidas que, finalmente, provocou as divisões acima referidas.

FRANCISCO DE ASSIS (SÃO)

Nasceu em 1182 e faleceu em 1226. Foi o fundador espiritual dos *frades menores* (vide), também chamados *franciscanos*. Nasceu em Assisi, uma cidade de *Úmbria*, na Itália. Era filho de um próspero negociante de tecidos. Até certo ponto de sua vida, teve uma ativa vida social e comercial, e também serviu como militar. Porém, em 1203, ficou gravemente enfermo, o que alterou totalmente o curso de sua vida. Entre 1203 e 1209, ele passou muito tempo na solidão, orando e meditando. Fez uma peregrinação a Roma e ministrou a leprosos e párias da sociedade. Desistiu da fortuna que herdara de seu pai e começou sua missão entre os pobres sem o fardo das atividades e ambições mundanas. Foi um dos grandes exemplos de piedade da Igreja Católica Romana, por ser uma pessoa totalmente dedicada e sem egoísmo, que se perdia a si mesmo em obras de caridade, ao mesmo tempo em que atingia um nível de profunda piedade pessoal. É nesse ponto que a Igreja ocidental mais tem brilhado. Poucos protestantes e evangélicos têm atingido o nível de religiosidade de grandes vultos católicos romanos, sobretudo no campo da caridade. Visto que a lei do amor é a prova mesma da espiritualidade (ver I João 4:7 *ss*), todos deveríamos dar atenção a essa lição objetiva. Francisco de Assis conseguiu muitos discípulos, desde o começo de sua carreira, e o papa Inocente III sancionou entusiasmado a sua obra de pregação, caridade e ensino entre os pobres. Por toda a região da Úmbria, teve lugar um poderoso movimento religioso de reavivamento, confirmando a validade e o poder de Francisco de Assis, e do movimento franciscano, em seus primeiros passos.

Detalhes Dignos de Nota:

1. A ordem dos frades menores cresceu na Itália e em outros países. Em 1212, foi instituída a *Segunda Ordem de Freiras*, como uma unidade auxiliar do movimento. Já perto da morte de Francisco de Assis, veio à existência a *Terceira Ordem*, também chamada de *Irmãos e Irmãs da Penitência*. Essa ordem era constituída, quase exclusivamente, de leigos. Os homens e mulheres pertencentes à mesma dedicavam-se aos princípios e obras dos franciscanos, atuando como organizações auxiliares.

2. Francisco de Assis fez viagens missionárias à Palestina, entre 1212 e 1220, tendo pregado aos sarracenos e aos mouros.

3. Em 1224, Francisco de Assis teve uma poderosa experiência mística, incluindo uma visão, em resultado da qual apareceram-lhe *estigmas* (ver o artigo a esse respeito), que são marcas permanentes da cruz no corpo do indivíduo.

4. Francisco era homem dotado de constante alegria; e esse elemento de regozijo espiritual era enfatizado na ordem dos franciscanos. — Ele experimentava ondas de amor arrebatador, acerca das pessoas e da natureza, e tinha um profundo entusiasmo por ser pobre, de tal maneira que somente o que era espiritual era capaz de atrair-lhe a atenção.

5. A regra seguida pelos franciscanos era muito estrita, requerendo obediência, castidade e pobreza. Em 1220, Francisco resignou do cargo de cabeça da ordem dos franciscanos, porquanto havia quem não tolerasse as exigências da regra que ele pensava serem necessárias. Os desacordos prosseguiram e devido a isso surgiram várias sub-ordens, com seus próprios nomes, como Frades Menores Capuchinhos, Frades Menores Convencionais e, simplesmente, Frades Menores.

6. Francisco de Assis passou os seus últimos anos de vida em lugares remotos e solitários, na companhia de seus primeiros companheiros, assim retornando às suas raízes, conforme tão freqüentemente sucede na experiência humana. Faleceu em Porciúncula, uma pequena capela perto de Assisi, a 3 de outubro de 1226. Foi somente então que foi anunciado (pelo irmão Elias, superior geral da ordem) que Francisco de Assis havia recebido os estigmas, a 14 de setembro de 1224, em La Verna (Alverno). O irmão Leão, companheiro e confessor de Francisco, deixou uma narrativa escrita sobre o ocorrido. (AM E P)

FRANCISCO DE PAULA (SÃO)

Suas datas foram 1416-1507. Foi o fundador da ordem dos Frades Pequenos, moldada segundo a ordem dos franciscanos. Nasceu em Paola, na Calábria, sul da Itália. Viveu durante um ano com os frades franciscanos, quando tinha doze anos de idade. Passou a viver como um eremita. Fundou uma ordem de ermitões, os Eremitas de São Francisco de Assis, que posteriormente teve seu nome alterado para os Frades Pequenos ou Irmãos Menores.

Sendo homem de reconhecida piedade pessoal, foi enviado pelo papa Xisto IV para ser o assessor

espiritual do rei Luís XI, da França. O filho de Luís, Carlos VIII, construiu um lugar apropriado para os Frades Menores em Plessis, na França. Francisco continuou ali até à sua morte, a 2 de abril de 1507. Foi canonizado a 1º de maio de 1519, e sua festa é observada a 2 de abril. Em 1562, os calvinistas tocaram fogo em seu corpo, em um tolo ato de protesto. Os Frades Menores efetuam seu trabalho em paróquias, pregando e ensinando.

FRANCISCO DE SALES (SÃO)

Suas datas foram 1567-1622. Foi bispo de Genebra, na Suíça, diretor de almas. Foi o co-fundador da Congregação da Visitação, além de ter sido o autor de uma obra clássica devocional, chamada *Introdução à Vida Devota*. Foi uma obra de grande importância para a teologia ascética, até hoje considerada uma obra clássica a esse respeito. Ver o artigo geral sobre o *Ascetismo*. Foi bispo ecumenista e teólogo da Igreja, a quem o rei francês Henrique IV chamou de «ave rara, na verdade, um cavalheiro devoto e erudito, que desconhece a arte da lisonja... gentil, bondoso, humilde e profundamente piedoso». Seus sermões eram muito apreciados, nos quais transparecia constantemente o tema do amor de Deus. Henrique IV ofereceu-lhe uma ótima diocese na França, mas ele a rejeitou por não querer sair de Savóia, replicando: «Senhor, sou casado; minha esposa é uma mulher pobre, e não posso abandoná-la em troca de uma mulher mais rica», porquanto referia-se à sua própria diocese como sua esposa. Ele teve a coragem de entrar na protestante cidade de Genebra, procurando reconciliar Theodore Beze (sucessor de Calvino) à Igreja Católica Romana. Naturalmente, fracassou, mas afirmou: «O amor haverá de sacudir as muralhas de Genebra; haveremos de invadi-la por meio do amor». Isso exprimia muito bem o seu espírito; e foi esse espírito que o manteve em segurança, onde outros já haviam sido banidos ou executados, por discordarem da opinião da maioria.

Francisco de Sales sempre teve dificuldades físicas com uma circulação sangüínea insuficiente. Isso foi agravado posteriormente pela arteriosclerose, pressão sangüínea muito alta e hidropisia. Morreu em agonia, a 28 de dezembro de 1622, e foi sepultado no Convento da Visitação, em Annecy, a 28 de janeiro de 1623. Foi canonizado a 28 de dezembro de 1661. Sua festa é observada a 29 de janeiro. (AM E)

FRANCKE, AUGUST HERMANN

Suas datas foram 1663-1727. Foi um líder pietista alemão. Foi o fundador do orfanato e das escolas de Halle, que tomaram o seu nome. Foi, simultaneamente, pastor, professor e pioneiro no campo dos serviços sociais. Foi um fervoroso evangelista, erudito e administrador. Tornou-se conhecido porque encorajava às pessoas a estudarem a Bíblia e terem uma boa vida devocional. Seu trabalho na promoção de serviços e caridades sociais demonstrava quão prático era o seu cristianismo.

FRANK, FRANZ REINHOLD

Nasceu em 1827 e faleceu em 1894. Foi professor em Erlangen, Alemanha. Foi um notável teólogo luterano, que examinava e explanava a teologia do ponto de vista da ênfase pietista sobre o renascimento espiritual. Sua ortodoxia era enriquecida por um forte idealismo especulativo. Contribuiu para o pensamento teológico mediante uma aguda análise das idéias de Albrecht Ritschl (vide), um dos grandes teólogos alemães.

FRANK, SEBASTIAN

Suas datas foram 1499-1542. Nasceu em Donauworth, na Suábia, às margens do rio Danúbio. Freqüentou a Universidade de Ingolstadt, onde recebeu estudos sobre humanidades. Entrou então no Colégio Dominicano, associado à Universidade de Heidelberg. — Ali, em 1518, ouviu a defesa de Lutero. Tornou-se um padre católico romano. Posteriormente, converteu-se ao luteranismo. Ainda mais tarde, porém, tornou-se um livre pensador dentro da Reforma, aparecendo então como um campeão dos hereges protestantes. Algumas vezes, inteiramente sozinho, ele lutava contra toda a forma de autoridade eclesiástica e todo pensamento teológico que se afirmava ser possuidor da única verdadeira fé; e, por isso mesmo, era atacado por todos os lados. Lutero, com sua franqueza, às vezes, brutal, intitulou-o de «a boca do diabo», o que Frank, sem dúvida, recebeu como um cumprimento. Foi expulso de Strasbourg e de Ulm. Na Basiléia, Suíça, fundou uma gráfica a fim de continuar publicando as suas idéias.

Sebastian Frank foi um crítico destemido e um reformador social. Expunha os seus ensinos humanísticos e enfatizava a necessidade de experiências místicas como parte inerente da expressão cristã. Misturava com seu sistema as idéias de uma fé não cristã, de um misticismo pagão, na tentativa de obter universalização e enriquecimento. Em certos sentidos, ele antecipava certas atitudes do liberalismo teológico moderno. Seu principal esforço literário intitulava-se *Crônicas*.

Ênfase. Além das coisas acima mencionadas, é imprescindível mencionar que advogava o comunismo cristão, a tolerância religiosa, o pacifismo, a necessidade de encontrar Deus no próprio íntimo, e não meramente a aceitação da ortodoxia externa. A iluminação conferida pelo Espírito Santo era um importante tema de seu ensino. Em suma, Frank foi um profeta da religião espiritual, não sectarista, não institucionalizada. (AM E)

FRANZELIN, JOHN BAPTIST

Suas datas foram 1816-1886. Foi um jesuíta e cardeal austríaco. Foi professor em Roma, muito influente durante o Concílio do Vaticano (vide). Era um dos mais destacados teólogos católicos romanos de sua época.

FRAQUEZAS, GLORIANDO NAS

II Cor. 12:5: *Desse tal me gloriarei, mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas.*

A experiência que aconteceu a Paulo foi tão poderosa e dominadora, como se realmente não tivesse ocorrido com ele; é como se ele tivesse visto tudo do lado de fora de si mesmo. Tudo foi tão diferente das experiências ordinárias que Paulo até parecia um homem diferente; e, realmente, foi um Paulo diferente que experimentou tudo, por alguns breves momentos—ele foi arrebatado, desincorporado como um espírito puro, transformado, quiçá como o Senhor Jesus o foi na ocasião de sua transfiguração.

Portanto, Paulo se tornou homem muito abençoado e privilegiado, que ascendeu a cumes altaneiros da

experiência espiritual, como a maioria dos homens nem pode imaginar possível para o estado mortal. E quão acima de seus oponentes isso elevou Paulo, a despeito do abundante uso dos dons espirituais que talvez eles tivessem. No entanto, Paulo não podia jactar-se dessa experiência, não somente porque aconteceu com «um outro Paulo», mas igualmente porque qualquer vanglória macularia seu caráter tão sagrado. Paulo se vangloriara de todas as suas realizações terrenas, havendo certa legitimidade nessa jactância; mas não pôde jactar-se de uma visão como aquela que ele descreve aqui.

«Ele (o apóstolo dos gentios) fala como se houvesse dois Paulos, em um dos quais ele podia gloriar-se, embora não pudesse fazer outro tanto acerca do segundo. E, em certo sentido, havia realmente dois, pois, conforme Orígenes observou: 'Aquele que foi arrebatado ao terceiro céu e ouviu palavras indizíveis', foi um Paulo diferente daquele que declarou: 'De alguém assim me gloriarei...'» (Plummer, *in loc.*).

Salvo nas minhas fraquezas. Paulo retorna aqui ao tema de II Cor. 11:30. Suas fraquezas consistiam de suas debilidades tipicamente humanas, como suas enfermidades e fraqueza corporal, além de suas fraquezas naturais, como ocorre a todo o ser humano, em sua condição mortal. Consideremos a esse respeito, os pontos seguintes:

1. Essas fraquezas resguardavam o apóstolo de um orgulho e de uma exaltação anticristã: mantinham-no na humildade.

2. Essas fraquezas faziam toda a glória, devido seus feitos extraordinários, ser atribuída à fonte originária que tinha razão de recebê-la, a saber, Deus Pai e Deus Filho, que operam por intermédio do Espírito de Deus.

3. Essas fraquezas conservavam as coisas dentro de uma perspectiva apropriada para Paulo. Ele sempre teve que dar valor às realidades espirituais e à sua glória, não podendo jamais vangloriar-se na mera mortalidade e sua condição de debilidade, sem importar quão grande fosse qualquer experiência.

4. Essas fraquezas conservavam Paulo na humildade, como homem, o que permitia que o poder de Cristo repousasse sobre ele e o usasse qual instrumento. É Deus quem *dá graça* aos humildes, e, assim sendo, a graça de Cristo repousava sobre o apóstolo dos gentios. (Ver II Cor. 12: 7-10, onde esse tema é desenvolvido, mostrando qual foi o desenvolvimento espiritual do próprio Paulo).

Paulo encarava essa elevadíssima visão, portanto, com certo espírito de desprendimento, sabendo que não a merecia. Fora-lhe conferida por ser ele um ministro especial de Cristo, a fim de que se tornasse mais poderoso em sua alma e no serviço cristão. Não haveria Paulo de jactar-se por causa dela, mas continuaria a gloriar-se de suas fraquezas, porquanto nas suas debilidades a força de Jesus Cristo lhe fora demonstrada.

«Se pudermos compreender corretamente a questão, há quase uma tristeza estranha na distinção que o apóstolo assim traçou entre o antigo 'eu' de catorze anos atrás, com aquela abundância de revelações, e o novo 'eu' do presente, mais fraco e mais triste que o antigo, desgastado por cuidados e tristezas, pela pressa diária da vida e com suas ansiedades sempre crescentes. Então ele via com uma visão aberta; agora ele andava pela fé, e não pelo que via. Quase não podia mais reconhecer a sua própria identidade, e falou do homem que tivera então aquela capacidade de receber visões beatíficas como se fosse outra pessoa, quase como se tivesse morrido e desaparecido... Fé, esperança, amor, paz, justiça, estavam todos presentes ainda; mas desaparecera uma glória da terra, bem como a alegria daquele arrebatamento e êxtase jazia no passado remoto, para nunca mais retornar a este mundo». (Plumptre, *in loc.*).

FRATERNIDADE

Ver sobre **Irmandade.**

FRATERNIDADE (AMOR FRATERNAL)

No grego, **philadelphia**, palavra que figura em Rom. 12:10; I Tes. 4:9; Heb. 13:1; I Ped. 1:22; II Ped. 1:7. O termo denota nossa estima, respeito e simpatia, em relação àqueles que, espiritualmente falando, são nossos irmãos, a fim de que possamos ajudá-los, consolá-los e encorajá-los. Espiritualmente falando, eles estão relacionados conosco e com Cristo, pelo que merecem toda a nossa mais dedicada consideração (Rom. 12:10 e II Ped. 1:7).

Mediante uma definição mais ampla, nós deveríamos ampliar essa fraternidade e esse amor para abarcar a todos os homens, os quais, em Adão, são nossos irmãos. Jesus ilustrou graficamente essa verdade, na parábola do bom samaritano (Luc. 10:25-37). O amor é a prova mesma da espiritualidade de alguém (I João 4:7), bem como o cumprimento da lei inteira (Rom. 13:9). Ver o artigo sobre o *Amor*.

FRAUDE CONTRA O CONSUMIDOR

Esse tipo de fraude é um ato mediante o qual um vendedor engana ou rouba a seus compradores. Um negociante pode fazer uma propaganda falsa, vender produtos inferiores, que são apresentados como se fossem melhores do que são, vender enganando no peso das mercadorias, afirmar que certas máquinas ou aparelhos fazem mais do que realmente são capazes de fazer, enganar os compradores quanto à utilidade de algum produto, enganar os compradores quanto à manutenção futura das máquinas ou aparelhos vendidos, enganar quanto à segurança e bom estado de algum produto, etc. Para que o comércio seja bem-sucedido e progressista, deve haver uma contínua confiança entre o vendedor e o comprador. As fraudes contra os consumidores são condenadas no Antigo Testamento (ver Lev. 19:36; Deu. 25:13-16; Pro. 11:1; 16:11; 20:10; Amós 8:5 e Miq. 6:11).

Entretanto, também há as fraudes contra os comerciantes, que tomam a forma de fruto de mercadorias ou lubíbrio quando as mercadorias, aparelhos ou máquinas são apresentados para troca ou reparo. As legislações dos países procuram dificultar as fraudes contra os compradores e contra os vendedores, igualmente. Essas fraudes são tão comuns que os crentes podem ser tentados a apelarem para as mesmas, alegando muitas razões falsas. A Igreja de Cristo existe, entre outras coisas, para opor-se a todas as variedades de males morais, pelo que ela deveria manifestar-se acerca do erro das fraudes contra consumidores e vendedores.

FRAVASHI

De acordo com o zoroastrismo, é a porção eterna de uma pessoa justa, o seu anjo guardião, que luta nas fileiras dos anjos que protegem os seguidores piedosos do zoroastrismo. A palavra apareceu pela primeira vez no Avesta (vide), no «Yasna dos sete capítulos» (*Yasna*, caps. 35-42). Reaparece em *Yashts*, caps. 13

e 61. Fazendo parte eterna do indivíduo, o seu anjo guardião é similar à doutrina da **super-alma**, de acordo com a qual a verdadeira pessoa é uma elevada entidade angelical, ao passo que a alma humana é apenas uma manifestação dessa entidade, da mesma maneira que o corpo humano é apenas um veículo para ser usado pela alma, durante esta existência terrena.

FRAZER, JAMES GEORGE

Suas datas foram 1854-1941. Foi um eminente antropólogo, folclorista e investigador das sociedades primitivas e suas crenças. — Chegou a acreditar, conforme os seus estudos, que as crenças são, essencialmente, criação do comportamento humano, envolvidas no controle social. Assim, as superstições também realizariam um digno serviço, quando ajudam a controlar os temores e fortalecem o respeito pela autoridade, que proporciona uma sociedade mais bem ordeira. Noções como as de propriedade privada, casamento, moralidade sexual e respeito pela vida são instituições e conceitos que as crenças, até mesmo as crenças supersticiosas, são capazes de fortalecer.

Apesar dessas conclusões, sem dúvida, terem valor, não nos deveríamos olvidar que há evidências em favor da capacidade do homem de transcender aos seus próprios sistemas de crenças, recebendo uma genuína iluminação espiritual. Sempre será um erro conceber o homem como um ser solitário, que seria ou o beneficiado ou a vítima de suas próprias circunstâncias e de sua própria cultura. Antes, há uma dimensão mais elevada da vida, que influencia e controla o homem. As nossas mais excelentes crenças religiosas nos são dadas mediante a revelação, na qual a dimensão superior do homem é afetada positivamente pelo poder divino.

FREIOS DOS CAVALOS

Nem no Antigo Testamento hebraico e nem no Novo Testamento grego encontramos palavras que correspondam ao termo português «freio», quando pensamos em cavalos. As palavras hebraica e grega (respectivamente, *metheg* e *chalinós*) indicam o conjunto inteiro de arreios, para controlar a posição da cabeça desses animais de montaria. O termo hebraico é usado por quatro vezes (Sal. 32:9; II Reis 10:28; Pro. 26:3 e Isa. 37:29). O termo grego é usado por duas vezes apenas (Tia. 3:3 e Apo. 14:20). Nossa versão portuguesa usa a palavra «freios» em ambas essas passagens.

Os romanos chamavam de *frenum lupatum* a um freio dentado, que podia infligir dor em um cavalo relutante. O Museu Arqueológico Jordaniano exibe um freio de origem síria, pertencente ao segundo milênio A.C., com argolas munidas com espigões, voltados para dentro em cada extremidade, a fim de aguilhoar a boca do cavalo pelo lado de fora. Para efeito de comparação, ali é igualmente exibido um freio com junta, de fabricação antiga, mas parecido com os de fabricação moderna. Em muitos caso, em vez de freios, usava-se uma corda passada pelo nariz do cavalo, método esse também usado nos casos do camelo e da mula.

Usos Metafóricos. 1. Na epístola de Tiago (3:2 e contexto) a idéia é que a língua, apesar de ser um membro tão pequeno, à semelhança dos freios dos cavalos, é dotada de poderes que não conduzem com seu reduzido tamanho. 2. Em Apocalipse 14:20 a idéia é a da vastidão da matança, quando da batalha de Armagedom. O sangue se juntará até à altura geral das bocas dos cavalos, por uma extensão de cerca de duzentos quilômetros ao redor! Talvez haja um exagero tipicamente oriental, para efeito de ênfase. 3. O trecho de II Samuel 8:1 encerra um nome próprio, no original hebraico, *Metheg-ammah*, que incorpora a palavra hebraica que significa «arreios». Nossa versão portuguesa prefere traduzi-lo por «rédeas da metrópole». O nome talvez indicasse o poder de restrição que a cidade exercia sobre as regiões circunvizinhas e, talvez, sobre seus próprios cidadãos. (G IB NTI Z)

FRESSURA

Vem de um termo hebraico, **gereb**, que significa «dentro», «interno», indicando as vísceras de algum animal. Era palavra usada para indicar as partes internas do cordeiro pascal (Êxo. 12:9) ou de outros animais sacrificados nos holocaustos. Leis elaboradas governavam a maneira de preparar e usar as várias porções internas dos animais.

FREUD, SIGMUND

Esboço:

I. Idéias
II. Freud e a Religião
III. Freud e os Estudos no Campo dos Sonhos
IV. Freud e a Ética
V. Exílio, Coragem e Morte de Freud

Suas datas foram 1856-1950. Foi um médico psicólogo austríaco. Nasceu em Freiberg, na Morávia. É considerado o pai da neurologia. Foi o fundador da psicanálise. Educou-se em Viena, onde estudou medicina; também estudou em Paris. Fez estudos sobre os efeitos da hipnose sobre a histeria; e isso despertou o seu interesse no estudo da psique humana. Foi então nomeado professor extraordinário da Universidade de Viena.

A extensão que ele fazia das idéias sobre os desejos, crenças, etc., inconscientes, requereram e envolveram a introdução de um novo critério sobre as questões mentais. Esse novo critério desafiava a maneira cartesiana de pensar, que identificava a mente com a consciência. Por esse motivo, alguns pensam que o seu trabalho constituiu um esforço emancipatório, visto que ele levou o Id ao nível do Ego, por meio da análise, e assim abriu um mundo inteiramente novo, embora povoado por monstros assustadores. Entretanto, os teólogos bíblicos já haviam descrito os monstros da psique humana, ao descreverem a depravação moral e mental do gênero humano.

I. Idéias

1. Freud desenvolveu uma hipótese sobre a natureza humana (atualmente chamada *psicologia em profundidade*). A psicoterapia precisa levar em conta vários níveis da consciência humana. Os elementos da psique são o Id, o Ego e o Superego. Freud acrescentava esses três elementos aos conceitos do inconsciente. Este atua como um *censor*, um agente de repressão e sublimação. Importante, igualmente, é o conceito do imenso papel da sexualidade na vida e no pensamento humanos. Esses diversos elementos forneceram a Freud o arcabouço geral com base no qual ele constituiu as suas teorias e efetuava as suas análises.

2. *O Ego*. Essa palavra é latina, e significa «eu», apontando para o «próprio eu». Esse é o homem de todos os dias, o indivíduo dotado de consciência racional, em seus pensamentos, motivos e aspirações,

conforme Freud o compreendia, mesmo sem sondar outros aspectos do ser humano. Seria a consciência superficial do Id, desenvolvido como reação ao meio ambiente físico e social, o agregado de todos os atos e estados conscientes.

3. *O Id*. Essa é a palavra latina que significa *ele* (neutro), isto é, «a coisa». Mediante esse vocábulo, Freud referia-se à porção oculta e inacessível de nossa psique, que há dentro da mente inconsciente, independente do sentido da lógica, da realidade, conforme a conhecemos, mas antes, atuada por impulsos fundamentais, que procuram a satisfação das necessidades instintivas. Seria o reservatório da energia psíquica, ou *libido*, o que, na opinião de Freud, seria controlado essencialmente, embora não inteiramente, por desejos sexuais primitivos. O *Id* seria a fonte originária do fluxo do libido para dentro da psique humana. O *libido* seria os desejos instintivos que estariam por detrás de todas as atividades humanas, a repressão que leva a neuroses de diferentes tipos. Impulsos primitivos de todos os tipos, incluindo aquele da autopreservação, constituiriam o libido; porém, o impulso primitivo mais primário seria aquele de natureza sexual.

4. *O Superego*. Seria uma espécie de destilado das pressões e requisitos da sociedade, como fonte originária dos ideais e das normas morais, falsas ou verdadeiras. O *superego* seria quase inteiramente inconsciente, dominando o ego consciente. É ali que reside o consciente humano, atuando como crítica do indivíduo. No entanto, poderia manifestar-se de maneira essencialmente falsa, visto ser o resultado da presença e dos requisitos da sociedade, como conseqüência do treinamento, da educação, da religião, etc., e não, necessariamente, um reflexo da realidade, da verdade.

5. *O Conflito*. O *ego* figuraria preso entre os requisitos primitivos do *id* e as pressões do *superego*. O *ego* reagiria como uma espécie de força equilibradora, satisfazendo a alguns desejos, mas repelindo a outros, e sentindo uma grande culpa, se não estiver vivendo de acordo com as exigências do *superego*.

6. *Transigências*. Quando os requisitos do *id* variam muito do *superego*, então o *ego* (juntamente com o *superego*) livra-se disso reprimindo tudo para dentro da psique inconsciente. Esse ato repressivo é chamado de *censura*. As coisas reprimidas, embora perdidas da percepção consciente, influenciam as nossas vidas de maneira muito poderosa. Certos elementos da mesma são *sublimados* para canais frutíferos e aceitáveis. Porém, partindo dessa fonte de repressão, também surgem todas as modalidades de neuroses. Certos elementos reprimidos entram em nossos sonhos, de tal modo que o estudo de nossos sonhos é capaz de revelar as origens das nossas neuroses.

7. *A Psicanálise*. Esse é um processo mediante o qual os elementos reprimidos da psique são trazidos à superfície da mente consciente. Uma vez expostos à luz (segundo se espera), perdem seu poder sobre o indivíduo. As repressões mais perigosas são aquelas que envolvem os impulsos sexuais. Os complexos de Édipo e de Electra (ver os artigos separados a esse respeito) fazem parte do quadro. O primeiro desses complexos é o desejo sexual de um homem por sua própria mãe; e o segundo é o desejo sexual de uma mulher por seu próprio pai.

8. *A Maturidade*. Um homem atinge a maturidade quando é capaz de substituir todas as suas ilusões (mediante as quais obtém conforto mental) pelo princípio da realidade. Ao tornar-se maduro, um homem seria capaz de reconhecer a natureza das coisas, podendo também adaptar-se a elas, sem apelar para a criação de ilusões. A maturidade também consiste no *princípio do prazer*, que pode incluir todos os tipos de prazer, embora, para Freud, isso envolvesse, essencialmente o cumprimento dos impulsos sexuais.

9. *Os Dois Grandes Instintos da Vida*. O primeiro desses instintos seria o *Eros*, o *princípio do prazer*, orientado essencialmente para as questões sexuais. O segundo seria o *Thanatos*, o *instinto da morte*. A história da humanidade, de acordo com certo ponto de vista, seria o conflito entre esses dois instintos fundamentais.

II. Freud e a Religião

Freud não via qualquer coisa de sobrenatural a respeito da religião, tomando a respeito da mesma uma abordagem essencialmente positivista. A religião seria um meio para evitar a neurose. A religião teria promessas de consolo e solução para todas as variedades de problemas. Se um homem apelar para os recursos religiosos, haverá de receber um consolo ilusório, mesmo que tenha acabado de escapar da neurose individual, apenas para cair na neurose coletiva. A religião para ele, era a projeção da imagem paterna, com todas as suas proibições e orientações, para a idéia de Deus, Deus *Pai*. Transferindo a lealdade e obediência de um pai paterno para o Pai celeste, um homem seria capaz de receber, em seus anos maduros, o consolo que havia recebido em criança, sob a autoridade de seu pai biológico. Desse modo, seria capaz de prolongar a sua infância, quanto às condições e às atitudes, durante a sua vida adulta.

2. A *imortalidade* era definida por Freud como a regressão a um modo infantil de pensamento, por meio do que o consolo de uma suposta vida eterna seria obtido.

3. Freud antecipava o fim das religiões, uma vez que a humanidade chegasse a ultrapassar seus preconceitos, projeções e falsa maturidade infantis.

4. Deus seria uma criação do homem, uma projeção da imagem paterna; porém, quando um ser humano deixa de ser infantil, não mais precisa de um ilusório Pai celestial.

5. Freud olhava para a ciência como algo que produziria alterações no pensamento dos homens, eliminando a necessidade que ele tem da religião. Quanto a isso, ele ignorava completamente a necessidade que o ser humano tem da fé religiosa. Muita especulação entrava em seus estudos a respeito da religião.

6. *Contribuição de Freud*. Embora tão negativo e cético, Freud tinha algo a dizer quanto ao campo religioso. Em primeiro lugar, ele desmascarou os monstros e répteis da psique humana, como se ele fosse uma espécie de Calvino psicólogo, que quisesse mostrar o que o homem realmente é. Em outras palavras, de uma maneira não teológica, ele descreveu com eloqüência a depravação humana. Chegou mesmo ao extremo de dizer que até as crianças são altamente depravadas, com todos os tipos de impulsos detestáveis. Ora, os teólogos estão dizendo isso há muito tempo, com sua doutrina do pecado original. Acrescente-se a isso que Freud disse muitas verdades acerca da religião, dentro do contexto das neuroses. Em outras palavras, ele descreveu a religião neurótica e doentia em termos bem vívidos. Porém, o ponto de vista de Freud era unilateral, pois, visto que só estudava pessoas psicologicamente doentes, nunca deu a devida atenção à religião saudável.

Deveríamos adicionar aqui que as demonstrações feitas por Jung, acerca dos poderes psíquicos, na presença de Freud, fizeram este ficar visivelmente abalado, ao ponto de confessar que poderia crer «no próprio Senhor Deus». Mediante o estudo no campo dos sonhos, veio a crer nos fenômenos psíquicos; e podemos ter a certeza de que, em momentos de tranqüila reflexão, ele deve ter pensado que a *alma* estava envolvida de alguma maneira.

III. Freud e os Estudos no Campo dos Sonhos

Freud foi o pai dos estudos científicos sobre os sonhos, por meio de seu livro, *A Interpretação dos Sonhos*. Ver o artigo separado sobre os *Sonhos*, onde oferecemos noções sobre as suas idéias, quanto a esse campo. Escrevi um livro intitulado *Como Descobrir o Significado de seus Sonhos* (Nova Época, São Paulo), onde apresento um sumário de suas idéias a esse respeito.

IV. Freud e a Ética

Freud nasceu de um devoto pai judeu. Porém, foi uma babá católica romana quem lhe forneceu suas primeiras instruções religiosas. Com o tempo, o positivismo lógico de Comte (ver sobre o *Positivismo Lógico*) tomou conta da mente do jovem cientista. Freud revoltou-se e, como sinal disso, abriu o seu consultório de tratamento psiquiátrico em um domingo de páscoa. Dessa maneira, seu rompimento com o seu passado religioso foi completo. Reuniu em seu redor um brilhante grupo de jovens cientistas, como Jung, Adler, e Rank; porém, sua intolerância para com qualquer digressão de suas próprias teorias foi forçando, cada um deles, no devido tempo, a estabelecer a sua própria escola de psicoterapia. Freud veio a tornar-se muito antagônico para com qualquer forma de fé religiosa, conforme foi descrito acima, no segundo ponto deste artigo. Todavia, ele admitia que isso pertencia mais à sua filosofia pessoal do que às suas teorias relativas à psicanálise.

A ética de Freud estava inteiramente assentada sobre o homem. Suas idéias religiosas nunca lhe permitiram conceber que o que é certo poderia ter sido revelado por Deus. Ele assumia uma abordagem positivista, como já dissemos. Os padrões do homem residiriam essencialmente em seu *superego*, de onde partem repressões, nada tendo a ver, necessariamente, com a verdade. Os padrões morais seriam criações humanas; e uma consciência perturbada surgiria simplesmente porque não vivemos à altura dos ilusórios padrões estabelecidos pela sociedade.

V. Exílio, Coragem e Morte de Freud

As perseguições movidas pelos nazistas produziram uma profunda impressão sobre a obra de Freud. Seus amigos da Alemanha tiveram que fugir daquele país. Suas obras foram ali queimadas ou confiscadas. Em 1938, quando os nazistas invadiram a Áustria, confiscaram suas propriedades. Ele teve de fugir de seu país, e acabou indo residir em Londres, onde terminou a sua vida.

As perseguições dos nazistas contra os judeus despertaram dentro dele a sua herança judaica. Nos últimos cinco anos de sua vida, Freud escreveu um livro com o título de *Moisés e o Monoteísmo*, onde é possível ver o paralelismo entre o Egito e a Alemanha nazista, subjacente em alguns de seus pensamentos. Apesar de algumas das idéias ali expostas não poderem ser nem provadas e nem negadas, ao mesmo tempo em que transparecem muitas idéias não ortodoxas, pelo menos podemos perceber uma espécie de retorno à preocupação com a fé religiosa, no espírito de Sigmund Freud.

Coragem Pessoal. Freud foi atacado pelo câncer, tendo-se seguido uma longa e árdua batalha. Submeteu-se a várias intervenções cirúrgicas, sem qualquer resultado positivo. Aqueles que lhe eram íntimos puderam observar sua imensa fortaleza pessoal, que o capacitava a enfrentar todos os baques da vida. Ele continuou escrevendo, trabalhando e fazendo consultas e recebendo visitantes, enquanto que um homem de menor envergadura ter-se-ia deixado jazer inerte em um leito. De fato, ele continuou prestando os seus serviços profissionais até um mês antes de sua morte, que ocorreu em 1939.

Visto que a missão de Cristo inclui aquilo que vai além da morte biológica, conforme se aprende em trechos como I Pedro 4:6, temos razões para esperar que nenhum caso está inteiramente perdido e que, finalmente, em algum tempo, em alguma outra dimensão, a graça divina atingirá a todos os seres humanos como Sigmund Freud e que, em algum ponto, todos haverão de servir à verdade das realidades espirituais. Quando consideramos homens como Freud, apesar de discordarmos de muitas de suas conclusões, também devemos notar suas contribuições pessoais. E assim fazendo, sabemos que estavam servindo à verdade. E a verdade, afinal de contas, é Deus. Jamais deveríamos considerar uma alma humana somente dentro do contexto de uma única vida terrena. A função de Deus consiste em redimir e restaurar todas as coisas (ver Efé. 1:9,10; ver o artigo sobre a *Restauração*); e a vida, antes e depois do nascimento biológico, está envolvida nisso. Portanto, há um grandioso quadro que deveríamos levar em consideração, porquanto, em última análise, Deus não se desfaz de coisa alguma como inútil.

FRIES, JAKOB FRIEDRICH

Suas datas foram 1773-1843. Foi um filósofo alemão. Foi professor de filosofia em Jena, na Alemanha; e então em Heidelberg. Alterou a filosofia de Emanuel Kant injetando na mesma idéias platônicas e romanticistas. Ele negava a validade do agnosticismo metafísico de Kant, asseverando que a mente humana é capaz de apreender diretamente a realidade transcendental mediante o *Ahnung*, que tem sido traduzido como «sentimentos». A alma humana poderia sentir, com exatidão, a verdade mais elevada. A mente humana seria capaz de manter contacto direto com a realidade ideal.

Fries foi influenciado por *Fichte* (vide), além de terem pontos de vista semelhantes aos de *Schleiermacher* (vide), que, como ele, fora educado entre os morávios. No começo do século XX, em Goettingen, houve a fundação da escola neofriesiana. A filosofia de Fries enfatizava o autoconhecimento, que só é inteiramente proposto pela análise psicológica.

FRÍGIA

Atos 2:10: *a Frígia e a Panfília, o Egito e as partes da Líbia próximas a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos,*

Da Frígia. A Frígia era um país da Ásia, limitado com a Galácia ao norte, em parte, com a Licaônia, a Pisídia e a Migdônia ao sul, e com a Capadócia a oriente. (Ver *Plínio* 1:5, cap. 32). Compreendia a região que atualmente é a região centro-ocidental da Turquia. As principais cidades desse território, nos tempos neotestamentarios, eram Laodicéia, Hierápolis, Colossos, Antioquia da Pisídia e provavelmente, Icônio. Certamente eram membros judeus desses estados gregos que estavam de visita a Jerusalém,

segundo lemos em Atos 2:10. Nessa área é que se localizava o lendário (?) reino de Midas.

A província desse nome antes incluía a porção maior da península da Ásia Menor; mas, com o tempo, foi dividida em Frígia Maior e Frígia Menor. Os romanos dividiram-na em três fatias, a saber, a Frígia Salutaris, mais a leste, a Frígia Pacatiana, mais a oeste, e a Frígia Queimada (no grego, *Katekaumene*), no meio. Essa última fatia ficava em uma região vulcânica, o que lhe explica o nome.

Os frígios faziam parte do reino (lendário?) do rei Midas. Seja como for, a região acabou sob o domínio dos reis atálidas de Pérgamo e, em 116 A.C., a maior parte da área foi incorporada à província romana da Ásia. A parte mais ao oriente, a Frígia Galática, tornou-se parte da recém-criada província da Galácia, em 25 A.C.

Paulo atravessou a Frígia por duas vezes, no decurso de suas viagens missionárias. Nas páginas do Novo Testamento está em vista a Frígia Maior. Ali encontravam-se cidades como Antioquia da Pisídia (Atos 13:14), Colossos, Hierápolis, Icônio e Laodicéia, além de outras mencionadas no primeiro parágrafo, acima.

A Frígia foi um dos lugares para onde foram muitos judeus da diáspora (vide). Os monarcas selêucidas encorajavam os judeus a estabelecerem-se ali, visto que pensavam que eles serviam de influência estabilizadora. Cícero mencionou grandes impostos cobrados dos judeus ali residentes, e referiu-se especificamente a Laodicéia e Apaméia como lugares onde eles residiam (*Pro. Flacco* 28). As referências que há no Talmude, sobre esses judeus, indicam que, em muitas regiões, eles haviam abandonado o judaísmo tradicional. Judeus provenientes dali encontravam-se em Jerusalém, no dia de Pentecoste, por ocasião do nascimento histórico da Igreja (Atos 2:10). Entre eles havia convertidos ao cristianismo, sendo perfeitamente possível que, através deles, a igreja cristã local da área tenha sido fundada (Atos 2:41), embora sobre isso o Novo Testamento nunca se manifeste. Além disso, as primeiras atividades missionárias cristãs na região envolvem o apóstolo Paulo. O décimo quarto capítulo de Atos informa-nos sobre isso. Todavia, não há quaisquer evidências de que Paulo tenha visitado Colossos, Hierápolis e Laodicéia, cidades do vale do rio Lico, e parte da antiga Frígia. É possível que homens como Epafras (Col. 4:12) e Arquipo (Atos 4:17), membros da igreja cristã em Éfeso, tenham levado o evangelho àqueles lugares. Temos os ministérios de Filipe e do apóstolo João como a base histórica do estabelecimento da Igreja cristã naquele território, para onde foram escritas as sete cartas às igrejas da Ásia, no livro de Apocalipse. O trecho de I Pedro 1:1 mostra-nos que aquela área geral (a qual faz parte da Turquia moderna) contava com certo número de igrejas.

Papias e Apolinário eram bispos de Hierápolis, no século II D.C., havendo informes de que houve muitos mártires cristãos na Frígia, naquela época. Montano, o líder herege, levantou-se na Frígia perto do final do século II D.C. Ele falava sobre um grande e iminente derramamento do Espírito Santo, supondo que a Nova Jerusalém haveria de descer dos céus perto de Perpuz, na Frígia. Ele encabeçou uma espécie de movimento pentecostal, apocalíptico, e conseguiu um grande número de seguidores. Tertuliano foi o mais famoso dos convertidos de Montano. O movimento propagou-se pelo norte da África; mas, quando suas extravagantes promessas não se concretizavam, começou a desaparecer.

No século III D.C. houve um poderoso movimento cristão na Frígia, embora as perseguições também não tivessem cessado, mas antes, continuavam intensas. Eusébio conta que uma cidade inteira foi virtualmente destruída, na década do imperador Diocleciano, com grande matança, porquanto a população inteira da mesma era cristã (*Hist.* 8.11,1). Em tempos anteriores, no começo do século II D.C., Plínio conta-nos que a fé cristã tinha feito com que a província inteira ficasse quase completamente destituída de templos pagãos. O povo, em massa, abandonava os antigos caminhos pagãos, conferindo lealdade ao meio de vida cristão. Portanto, a informação dada por Eusébio deve ser considerada fidedigna. (FRI JON ND RAM Z)

FRIGIDEIRA

No hebraico, **marchesheth**, um vocábulo que aparece por somente duas vezes, no livro de Levítico (2:7,9). A frigideira era um vaso fundo, usado para cozinhar alimentos. Provavelmente era uma chaleira, embora verdadeiras frigideiras também fossem usadas. Seja como for, a referência bíblica ao utensílio deve indicar alguma espécie de chaleira ou caldeirão, onde se punham carnes para cozinhar. Provavelmente era um utensílio mais fundo que a «assadeira» (no hebraico, *machabath*; Lev. 2:5), usada para cozer pães. Ver o artigo geral sobre *Cozinhar, Cozinheiro*.

FROEBEL, FRIEDRICH WILHELM AUGUST

Suas datas foram 1782-1852. Foi filósofo e educador alemão. Nasceu em Oberweissbach. Era autodidata. Trabalhou na escola de Pestalozzi, em Iverdon. Estabeleceu escolas experimentais. Foi o pai do chamado jardim de infância, que fundou em 1837. Juntamente com Pestalozzi (vide) e Comênio (vide), ele pensava que a educação faz parte do processo natural da vida, que deve proceder de um impulso interno para conhecer e crescer. A função do professor consistiria em estimular essa tendência e esse desejo natural, produzindo assim uma ação voluntária. Tudo isso seria possível porque cada empreendimento intelectual, por parte do homem, como a língua, as ciências, a filosofia, etc., são desenvolvimentos naturais do espírito humano, o qual se expressa por meio do desenvolvimento de cada empreendimento humano. Suas obras principais intitulam-se *The Education of Man* e *Pedagogy for Kindergarten*.

FROHSCHAMMER, JACOB

Suas datas foram 1821-1893. Foi padre católico romano e filósofo. Foi professor de filosofia na Universidade de Munique, na Alemanha. Era ardente advogado da separação entre a filosofia e a teologia católicas romanas. Ele explicava o *acesso* ao conhecimento do mundo e a Deus como algo residente na *imaginação*. Através da imaginação, pois, o homem poderia chegar a entender a natureza divina, afirmando a própria relação pessoal com a divindade, evitando o panteísmo e vendo que o próprio mundo deriva-se da Imaginação Divina. O uso que ele fazia do termo «imaginação» parece-se muito com o que outros pensadores têm dito acerca da *intuição* (vide).

FROMMEL, GASTON

Nasceu em 1862 e faleceu em 1906. Foi um teólogo suíço que examinava e concebia a crença religiosa por

intermédio da consciência moral. Ele salientava esse elemento como aquele que dá respaldo à obrigação e ao dever, em lugar da liberdade, conforme outros têm pensado. Ele opunha-se tanto ao subjetivismo quanto ao relativismo, que tanto influenciavam os filósofos franceses de sua época.

FRONESIS

No grego, **phrónesis**, um vocábulo usado na filosofia para indicar a *sabedoria prática* em contraste com a *sabedoria teórica* (no grego, *sophía*). Na opinião de Aristóteles, a *phrónesis* ajuda-nos a descobrir o ponto de equilíbrio entre dois atos, um de excesso e outro de deficiência. Assim, para exemplificar, a *coragem* jaz entre a covardia e a temeridade; e a *temperança* fica entre a insensibilidade e a glutonaria. Na experiência diária, naturalmente, chegamos a reconhecer o que é caracterizado pela *phrónesis*; mas a razão, naturalmente, está envolvida em tudo isso. Por outro lado, a *sophía* combina a razão intuitiva com o conhecimento rigoroso sobre primeiras causas e princípios. A *sophía* envolve-nos na metafísica; e a *phrónesis* envolve-nos na vida diária, na vida ética.

FRUTO

Uma palavra hebraica principal é usada no Antigo Testamento, e uma palavra grega principal é usada no Novo Testamento. Mas há várias outras palavras hebraicas e uma palavra grega, com esse mesmo sentido, ou com idéia paralela:

1. *Peri*, «fruto», palavra hebraica usada por cerca de cento e quinze vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 1:11,12; 3:2; Êxo. 10:15; Lev. 19:23-25; Núm. 13:20; Deu. 1:25; II Reis 19:29,30; Nee. 9:36; Sal. 1:3; Pro. 1:31; Ecl. 2:5; Can. 2:3; Isa. 3:10; Jer. 2:7; Lam. 2:20; Eze. 17:8,9; Osé. 9:16; Joel 2:22; Amós 2:9; Miq. 6:7; Zac. 8:12; Mal. 3:11.

2. *Eb*, «fruto», palavra hebraica e aramaica, usada por quatro vezes: Can. 6:11; Dan. 4:12,14,21.

3. *Yebul*, «aumento», palavra hebraica usada por treze vezes, das quais três com o claro sentido de «fruto»: Deu. 11:17; Hab. 3:17; Ageu 1:10.

4. *Lechem*, «pão», «fruto». Com o sentido de fruto aparece de forma clara por uma vez, em Jer. 11:19.

5. *Meleah*, «plenitude», «fruto». Palavra hebraica usada por duas vezes: Deu. 22:9 e Núm. 18:27.

6. *Nib*, «declaração». Com o sentido metafórico de «fruto dos lábios», aparece por uma vez, em Mal. 1:12.

7. *Tebuah*, «renda», «fruto». Palavra hebraica empregada por quarenta e duas vezes, conforme se vê, por exemplo, em Êxo. 23:10; 25:3,15,16,21,22; Deu. 22:9; 33:14; Jos. 5:12; II Reis 8:6; Pro. 10:16.

8. *Tenubah*, «aumento», «fruto». Palavra hebraica usada por três vezes com o sentido de «fruto»: Juí. 9:11; Isa. 27:6; Lam. 4:9.

9. *Karpós*, «fruto», palavra grega que ocorre por sessenta e quatro vezes no Novo Testamento: Mat. 3:8,10; 7:16-20; 12:33; 13:8,26; 21:19,34,41,43; Mar. 4:7,8,29; 11:14; 12:2; Luc. 1:42; 3:8,9; 6:43,44; 8:8; 12:17; 13:6,7,9; 20:10; João 4:36; 12:24; 15:2,4,5,8, 16; Atos 2:30; Rom. 1:13; 6:21,22; 15;28; I Cor. 9:7; Gál. 5:22; Efé. 5:9; Fil. 1:11,22; 4:17; II Tim. 2:6; Heb. 12:11; 13:15; Tia. 3:17,18; 5:7,18; Apo. 22:2.

10. *Génnema*, «produção», «fruto». Palavra grega que aparece por quatro vezes: Mat. 3:7; 12:34; 23:33; Luc. 3:7.

Além dessas palavras gerais, havia termos especializados no hebraico, conforme se vê na lista abaixo:

1. *Qayits*, «fruto de verão», «primícias». Palavra usada por vinte vezes, segundo se vê, por exemplo, em Gên. 8:22; II Sam. 16:1,2; Sal. 32:4; Pro. 6:8; Isa. 16:9; Jer. 8:20; 48:32; Amós 3:15; 8:1,2; Miq. 7:1; Zac. 14:8.

2. *Dagan*, «trigo», palavra usada para indicar o produto do cultivo agrícola. Estão em foco os cereais em geral, como o trigo, a cevada, as lentilhas, etc., ou então fibras e outros plantios, como o linho, o algodão, a pimenta, o pimentão, e até mesmo, segundo pensam alguns estudiosos, o arroz. O termo aparece por trinta e nove vezes, conforme se vê, para exemplificar, em Gên. 27:28,37; Núm. 18:27; Deu. 7:13; 11:14; II Reis 18:32; II Crô. 31:5; Nee. 5:2,3,10,11; Sal. 4:7; Isa. 36:17; Lam. 2:12; Eze. 36:29; Osé. 2:8,9,22; Joel 1:10,17; 2:19; Ageu 1:11; Zac. 9:17.

3. *Tirosh*, «fruto da vinha», mas também palavra usada para indicar as uvas secas. A palavra é usada por trinta e oito vezes, conforme se vê, por exemplo. em Gên. 27:28,37; Núm. 18:12; Deu. 7:13; 11:14; 12:17; Juí. 9:13; II Reis 18:32; II Crô. 31:5; Nee. 5:11; 10:37,39; Sal. 4:7; Pro. 3:10; Isa. 24:7; 36:17; Jer. 31:12; Osé. 2:8,9,22; 4:11; Joel 1:10; Miq. 6:15; Ageu 1:11; Zac. 9:17. As uvas eram secas ao sol e preservadas em quantidade considerável (I Sam. 25:18; II Sam. 16:1; I Crô. 12:40; Osé. 3:1). As azeitonas eram consumidas ao natural, ou então eram espremidas para produção do azeite (Miq. 6:15).

4. *Yitshar*, «azeite». — Essa palavra hebraica também indicava frutos produzidos em pomar, como as tâmaras, as azeitonas, as romãs, as castanhas, etc., referindo-se àqueles frutos que podiam ser preservados para serem consumidos durante os meses quentes, em contraste com aqueles mencionados no primeiro ponto acima, *qayits*. A raiz da palavra *yitshar* significa «brilhante», «resplendente». É usada por vinte e duas vezes: Núm. 18:12; Deu. 7:13; 11:14; 12:17; 14:23; 18:4; 28:51; II Reis 18:32; II Crô. 31:5; 32:28; Nee. 5:11; 10:37,39; 13:5,12; Jer. 31:12; Osé. 2:8,22; Joel 1:10; 2:19,24; Ageu 1:11.

Preceitos Mosaicos sobre os Frutos. As árvores frutíferas eram consideradas imundas por três anos após o seu plantio. A produção do quarto ano pertencia ao Senhor. Somente do quinto ano em diante seus frutos podiam ser livremente consumidos pela população em geral. Isso impedia a colheita prematura e também a destruição das árvores, além de relembrar aos israelitas (no quarto ano após o plantio) que Deus é a origem de todos os frutos e benefícios colhidos pelos homens. Ver Deu. 20:19,20.

Variedade de Frutos. O clima diversificado da Palestina, devido aos desníveis topográficos, naturalmente permitia a produção de grande variedade de frutos. Os frutos mais comuns são a banana, a laranja e outras frutas cítricas, as tâmaras, as rosáceas em geral, o diospiro, a jujuba, as uvas, os figos, as azeitonas, as romãs, as amoras pretas, vários tipos de melão, o feijão, as amêndoas e as ameixas. As laranjas são ali produzidas por nada menos de seis meses a cada ano, e as uvas, quase por esse período. Os frutos plantados em jardim podem ser colhidos quase durante todos os meses do ano.

Usos Metafóricos:

1. **O Fruto do Espírito**, ou seja, virtudes e qualidades morais e espirituais, cultivadas pelo Espírito de Deus na personalidade do crente. Ver Gál. 5:22,23. Há um longo e detalhado artigo sobre o assunto, sob o título *Fruto do Espírito*.

2. *As promessas messiânicas*. Cristo é o fruto da terra (ver Isa. 4:2).

3. Os *doze frutos*, referidos em Apo. 22:2, referem-se à abundância e prosperidade que haverá no estado eterno, especificamente no caso das riquezas espirituais. Alguns aceitam a menção de forma literal, mas dificilmente isso concorda com a realidade futura. Esses frutos haverão de restaurar, no sentido espiritual, o perdido jardim do Éden.

4. Os *frutos do evangelho* são os próprios homens, quando se convertem do pecado e do paganismo; e também apontam para as obras que, subseqüentemente, eles chegam a produzir (ver Col. 1:6; Rom. 1:13).

5. Os *santos* são frutos recolhidos (ver Isa. 27:6; João 4:36) e produzem frutos de justiça (ver Mat. 7:18; 12:33; Gál. 5:22-24; Pro. 11:30; Fil. 1:11 e Tia. 3:18).

6. Os *filhos* são o fruto do ventre (ver Êxo. 21:22; Sal. 21:10; Osé. 9:16; Gên. 30:2; Deu. 7:13). Os filhos também são chamados frutos dos rins, referindo-se aos poderes reprodutivos do homem (Atos 2:30). Também são chamados frutos do corpo (ver Sal. 132:11; Miq. 6:7).

7. O *fruto do procedimento*, bom ou mau, é o resultado dos atos de cada indivíduo (ver Pro. 1:31; Isa. 3:10; Jer. 6:19).

8. O *fruto das próprias mãos* é o lucro, o ganho, ou a jactância (ver Isa. 10:12).

9. O *fruto da boca* são as palavras boas ou más de uma pessoa (ver Pro. 12:14; 18:20; Heb. 13:15).

10. Os *frutos bons* são as boas obras (Fil. 1:11), incluindo as contribuições caridosas (Rom. 15:28).

11. Os *frutos do arrependimento* são as evidências de que a pessoa se converteu ao Senhor (Mat. 3:8).

12. O *fruto dos ímpios* são as suas más obras (Mat. 7:16).

13. O *fruto para a morte* são as coisas malignas, que promovem a morte espiritual (Rom. 7:5,13; Tia. 1:15).

14. As *obras infrutuosas das trevas* são as obras más que os homens praticam, mediante as quais demonstram que pertencem ao reino das trevas; e essas obras, ao final, produzem malefícios para seus praticantes, em vez de benefícios (ver Efé. 5:11). Do ponto de vista espiritual, as obras de tais pessoas são infrutíferas, ou seja, não produzem bons resultados espirituais.

15. O *fruto produzido no devido tempo* consiste na prosperidade, material e espiritual (Pro. 1:3; Jer. 17:8).

16. *Símbolos nos Sonhos e nas Visões*. O fruto simboliza a realização do indivíduo, o «produto» de seus labores, materiais ou espirituais, os benefícios que ele recolhe de seus atos. O ato de florescer indica que alguém está prestes a realizar o seu potencial. Após a inflorescência vem o próprio fruto. Um fruto de formato alongado pode ser um símbolo fálico. Uma fruta pode representar a reprodução, em sentido literal. Os figos, as peras e outras frutas de formato similar podem representar os órgãos externos femininos. A maçã pode simbolizar a tentação. O ato de furtar maçãs pode indicar o desejo ou mesmo o ato de seduzir. O melão pode simbolizar a gravidez.

FRUTO DO ESPÍRITO

Esboço:

I. A Natureza do Fruto do Espírito
II. A Nova Lei e Seus Resultados
III. Os Frutos Alistados
IV. A Satisfação do Princípio de Lei

Gál. 5:22: *Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade.*

I. A Natureza do Fruto do Espírito

Fruto está no singular (embora existam **frutos** do Espírito), provavelmente por causa das *qualidades* morais alistadas aqui, e que se espera que o Espírito Santo implante no crente, como se *tudo* fosse uma *única notável virtude*, implantada de uma vez só. Todos os seus aspectos são apenas partes integrantes de um único desenvolvimento espiritual. Perfazem o *fruto do Espírito*, — por serem encarados como produção sua, como procedentes de sua pessoa, como algo divinamente produzido, e não apenas como qualidades morais.

Isso nos permite compreender, de imediato, que a vida *espiritual*, na totalidade de seu desenvolvimento, não consiste em resoluções morais e esforços humanos. Pelo contrário, o ser humano do crente vai sendo transformado segundo a *natureza divina* (ver Efé. 3:19). E esse processo de transformação moral está muito além da capacidade do homem mortal decaído. O alvo, por semelhante modo, é por demais elevado, e a vereda é por demais inclinada para o alto para que o homem possa atingi-la como uma realização *humana*. Não obstante, torna-se necessária a cooperação do livre-arbítrio humano, pois, de outro modo, *nada ocorrerá*. É necessário mesmo que o homem seja uma criatura possuidora de livre-arbítrio, e que aprenda a dar preferência *ao bem*, e não ao mal, porque o bem é bom, sendo aprovado por Deus. Somente uma criatura assim é digna de ser *transformada*, somente uma criatura assim pode tornar-se o que Jesus Cristo é, moral e metafisicamente falando. Ver Mat. 5:48 e Romanos 8:29.

Notemos que a palavra *fruto* é posta em *contraste* com o termo *obras*. O homem, por si mesmo, produzirá sempre «obras da carne», por serem seu fruto natural, humano. Porém, existem aqueles aspectos transcendentais do fruto espiritual, que não consistem de esforço humano, mas antes, que estão alicerçados sobre o amor, visto que o *amor* é a raiz de toda a ação moral elevada, o cumprimento de todas as exigências morais da lei. Uma obra, por conseguinte, consiste em algo que o ser humano *pode* fazer; mas o *fruto* é algo nascido por atuação do princípio divino, nele atuante. A palavra *fruto* é uma metáfora freqüente nas páginas do N.T., designando algum «resultado» santo, alguma manifestação moral na vida humana. Tal fruto, na realidade, pode ser bom ou mau; mas, nas páginas do N.T., quase sempre é bom. (Ver os trechos de Mat. 3:8; 7:16; João 5:36; 15:8; Rom. 1:13 e 6:21). Há, por semelhante modo, o «fruto *da luz*» (ver Efé. 5:9) e o «fruto *dos lábios*» (ver Heb. 13:15).

II. A Nova Lei e Seus Resultados

1. As exigências da antiga lei, foram retiradas de cima de nossos ombros. Sobre nós foram impostos os requisitos da nova lei, a lei do *Espírito*, gravada em nossos corações (ver Rom. 8:2).

2. Esse é o novo princípio de vida que nos confere um poder vivo, e não um código frio.

Como estamos sendo conduzidos?

Todos os frutos, por conseguinte, são:

1. Qualidades morais, divinamente implantadas, segundo a *nova lei*.

2. Essas qualidades morais são energias transformadoras que produzem a transformação metafísica dos seres humanos, para que adquiram a imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18).

3. O fruto é um meio de reproduzir aquilo que implanta o fruto; e assim os remidos se tornam membros da família divina, padronizados em seus seres de conformidade com a imagem divina de Cristo Jesus.

4. Esse processo está inteiramente fora do alcance da lei, de qualquer princípio legalista, mas requer comunhão real com o Espírito de Deus. A vida cristã, pois, é um processo místico, e não apenas um processo ético.

5. Todo o desenvolvimento espiritual, portanto, requer a realidade e a busca do Espírito, pois ele é a fonte de tudo. Não é suficiente «ler a Bíblia e orar». A experiência humana mostra-nos que isso não basta. Deve haver a inquirição pelo Espírito Santo, bem como a submissão a ele. Por sua vez, quando sua presença é real para nós, ele usará os meios da meditação, do estudo e da oração; tais meios, entretanto, são praticamente inúteis sem a sua presença. Podem modificar temporariamente o indivíduo, pela mera força mental e moral; mas essa modificação (independente do Espírito de Deus) não pode perdurar.

6. Tornar-se alguém gradativamente perfeito, mediante a implantação do «fruto do Espírito», significa vir a participar perfeitamente da «natureza moral positiva do próprio Deus», ver Rom. 3:21. A impecabilidade é apenas um aspecto primário da busca pela santidade. Os remidos precisam participar de todas as qualidades morais positivas de Deus, e essas qualidades envolvem o «fruto» do Espírito Santo. A possessão dessas propriedades morais serve de poder provocador mediante o que chegaremos a participar da natureza metafísica de Cristo. Isso porque a transformação moral leva à transformação metafísica.

O alistamento de vários aspectos do «fruto» do Espírito, após a lista dos vícios, é uma expansão da idéia de Gál. 5:7—o fato de que a carne e o Espírito são opostos entre si.

III. Os Frutos Alistados

A. Amor, no original grego, **agape**. Com razão essa qualidade do amor aparece logo no começo da lista das virtudes cristãs geradas pelo Espírito de Deus, por ser a fonte originária de todas as demais virtudes.

As Qualidades do Amor

1. O amor é o solo onde são cultivadas todas as demais virtudes espirituais—essa é a mensagem de Gál. 5:22. O décimo terceiro capítulo de I Coríntios ensina-nos a mesma verdade. O amor é o solo onde todos os dons espirituais são plantados e se desenvolvem. O amor é a fonte de toda a espiritualidade.

2. O amor é a prova mesma da espiritualidade; e tem início na regeneração (ver I João 4:7,8).

3. O amor é a principal característica da divina família. Governa todas as ações dentro dessa família, passando do Pai para o Filho, daí para os filhos, e dos filhos para outros filhos, dos filhos para o Filho, e finalmente, deste para o Pai, na ascensão mística da alma. (Ver João 14:21 e 15:10 quanto a esses princípios).

4. O amor consiste em querer para os outros aquilo que queremos para nós mesmos. É a dedicação ao próximo. É o dispêndio de tempo e de energias em favor do próximo, da mesma maneira que nós, voluntária e necessariamente, dispendemos tempo e energias conosco mesmos.

5. O amor inspira e vitaliza a fé (ver Gál. 5:6).

Modalidades do Amor

1. O amor próprio, que, embora não seja condenado nas Escrituras, deve estar sob controle, para que não termine como um insuportável egoísmo.

2. O amor de Deus, de Cristo, dos seres e das coisas celestiais, ou seja, o amor humano dirigido para essas coisas. Esse é o primeiro e o maior dos mandamentos (ver Mat. 22:37,38).

3. O amor de Deus pelo homem, que é a fonte de todo o bem-estar humano. (Ver o artigo sobre o *amor de Deus*). O amor de Deus pelo homem é base de todo amor do homem pelo homem, sendo também o elevado exemplo e padrão mediante o que o amor humano deve ser exercido.

4. Finalmente, há o amor do homem para com o seu semelhante. Esse é o tema expandido no décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios, sendo também essencialmente, o amor referido em Gál. 5:22 como um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo». Porém, o amor como fruto também precisa incluir o amor a Deus, porquanto, sem este, a vida espiritual não terá sentido e nem fruição. O vigésimo quinto capítulo do livro de Mateus mostra-nos que o amor ao próximo equivale ao amor a Cristo e a Deus Pai, no entanto, a maioria dos seres humanos, por enquanto, é incapaz de amar diretamente a Deus. Por essa razão, os homens precisam amar a Deus indiretamente, através de manifestações de gentileza e altruísmo para com outros. Somente a ascendência mística elevada da alma é que permite a um homem amar a Deus diretamente. O amor para com Cristo, naturalmente, também é amor para com Deus; e a esse ponto alguns crentes podem chegar. Esse tipo de amor está incluso no segundo mandamento. (Ver Mat. 22:39,40).

A Metáfora Baseada na Agricultura

1. O agricultor cultiva o solo. O vinhateiro cultiva a vinha. O objetivo desse labor é encorajar o desenvolvimento das plantas. Organismos vivos são os produtos obtidos. Estes podem ser saudáveis ou enfermiços. Aquele que se ocupa do cultivo das plantas, deve ter conhecimento daquilo que faz, pois os resultados dependem principalmente de suas habilidades.

2. As coisas cultivadas são entidades vivas. Por semelhante modo, dentro do cultivo do Espírito, são produzidas em nós as qualidades e os atributos do Deus vivo, e através dessas coisas é que vivemos. Conforme vamos vivendo, gradualmente vamos assumindo a forma de vida do próprio Deus, pois o produto que está sendo produzido é um *filho de Deus*, que será conduzido à glória (ver Heb. 2:10). Contemplemos como os eleitos compartilham da natureza *divina* (ver II Ped. 1:4 e Col. 2:10).

«*'Amor'*... Um desejo intenso de agradar a Deus e de fazer o bem à humanidade; a própria alma e o espírito de toda a verdadeira religião; o cumprimento da lei e aquilo que dá energia à fé». (Adam Clarke, *in loc.*).

B. Alegria. Trata-se de **felicidade** no Espírito. O grego é **chara**. E o termo «charis», traduzido em português por «graça», vem da mesma raiz. Trata-se daquela qualidade de vida que é graciosa e bondosa, caracterizada pela boa-vontade, generosa nas dádivas aos outros, resultante de um senso de bem-estar, sobretudo de bem-estar espiritual, por causa de uma correta relação com Deus; é o «regozijo» no Espírito Santo.

«A alegria envolve pensamentos suaves sobre Cristo, hinos e salmos melodiosos, louvores e ações de graças, com que os cristãos se instruem, inspiram e refrigeram a si mesmos. Deus não aprecia a dúvida e o

desânimo. Também abomina ele a doutrina ousada, o pensamento melancólico e tristonho. Deus gosta de corações animados. Não enviou seu Filho para encher-nos de tristeza, e, sim, a fim de alegrar os nossos corações. Por essa razão, os profetas, os apóstolos e o próprio Cristo exortam, sim, ordenam-nos que nos regozijemos e sejamos alegres... Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis aí te vem, o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta (ver Zac. 9:9). Paulo disse: 'Regozijai-vos sempre no Senhor'. Cristo disse: 'Regozijai-vos antes porque vossos nomes estão escritos nos céus'» (Lutero, *in loc.*, aludindo aos trechos de Fil. 4:4 e Luc. 10:20).

A alegria cristã, entretanto, não é uma emoção artificial. Antes, é uma ação do Espírito de Deus no espírito humano, para que este venha a conhecer que o Senhor Deus está em seu trono, e que tudo está sob seu controle neste mundo, até onde a sua experiência pessoal está envolvida. Essa alegria é a inspiradora da esperança e da coragem. É a confiança em Deus e a satisfação de estarmos vivos em Cristo. (Ver o tema «a alegria do Espírito Santo» nas notas expositivas no NTI sobre I Tes. 1:6; Rom. 5:2; 14:17; 15:13; Fil. 1:25; 4:4; I Ped. 1:9; I João 1:14). É essa alegria do Espírito, no coração e na expressão nossa para com nossos semelhantes, que está aqui em foco.

Há alegria em servirmos a Jesus
Caminhando eu em minha jornada,
Alegria que preenche o coração de louvores,
A cada hora do dia.

Há alegria em servirmos a Jesus,
Alegria que triunfa sobre a dor;
Enche minha alma de música celeste,
Até que me una ao alegre estribilho.

Há alegria em servirmos a Jesus,
Alegria em meio à mais negra noite,
Pois tenho aprendido o grande segredo,
E estou andando em plena luz.

(Oswald J. Smith)

C. Paz. (Ver o artigo sobre **Paz**). Deus é a fonte da verdadeira paz (ver Rom. 1:7 e 15:33), pois isso requer uma harmonia que não é possível sem o favor divino e sem o seu impulso. A queda do homem no pecado destruiu a paz, a paz com Deus, com outros homens, com o próprio ser, com a própria consciência. E assim se estabelece a alienação entre o indivíduo e Deus, entre o indivíduo e os outros homens, e entre o indivíduo e ele mesmo. Por conseguinte, a paz deve incluir a restauração. (Ver no NTI as notas expositivas a esse respeito em Rom. 5:1, onde se lê: «Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo»).

Foi por meio da instrumentalidade da cruz que Deus estabeleceu a paz (ver Col. 2:10). Portanto, a paz envolve muito mais do que uma tranqüilidade íntima, que prevalece a despeito das tempestades externas. Antes, trata-se de uma qualidade espiritual, de origem cósmica e pessoal, produzida pela reconciliação, pelo perdão dos pecados e pela conversão da alma e sua conseqüente transformação segundo a imagem de Cristo. Quando um homem qualquer abandona ao 'eu' e ao egoísmo, com as suas muitas manifestações, ficando corrigidas as suas relações espirituais com Deus, então a tranqüilidade e a paz divinas passam a ser a norma de sua vida. Assim, pois, a verdadeira paz tende para a tranqüilidade de consciência.

A paz conserva a mente e a alma crentes na confiança para com o Senhor, pois oferece as condições necessárias para que Deus acolha o homem. (Ver Fil. 4:7). Mediante essa paz, que nos é dada através da reconciliação com Deus, os homens podem viver em paz uns com os outros (ver Rom. 12:18).

«Pela época em que Paulo se preparava para imergir esse termo no Espírito de Cristo, duas correntes de significação fluiam do mesmo, mediante a versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã). Do grego se derivou a idéia de «harmonia», e do hebraico, o vocábulo desse idioma, «shalom». Este vocábulo hebraico expressava total bem-estar, 'prosperidade', 'sucesso' e 'sanidade', o que tornava uma pessoa qualquer *sã*, espiritual e materialmente, tornando a vida boa e o mundo seguro para a bondade. Isso exigia corretas relações com Deus e justiça entre os homens; e isso envolvia mais do que a liberdade das contendas». (Stamm, *in loc.*).

A paz é o contrário exato do ódio, da desavença, da contenda, do conflito, da inveja, dos excessos, de tudo o que são obras da carne. Produz uma tranqüilidade mental alicerçada nas corretas relações com Deus e com os homens, mediante a retidão e a reconciliação. «A paz é o primeiro fruto que se observa após o perdão dos pecados». (Adam Clarke, *in loc.*). Em suas manifestações na alma, por intermédio do Espírito Santo, a paz serve de grande consolador em qualquer e em todas as provações. No dizer de Fil. 4:7, é aquela «...paz de Deus, que excede todo o entendimento».

Oxalá que o mundo pudesse ouvi-lo falar,
A palavra de consolo que os homens buscam;
Para todos os humildes, e para os mansos,
Jesus sussurra paz.

(Della McChain Warren)

«Doce paz, o dom do amor de Deus». (P.P. Bilhorn).

D. Longanimidade. Podemos observar, em toda esta lista, que as qualidades mencionadas são, supremamente, qualidades morais de Deus. Disso consiste a participação nas «perfeições morais» de Deus, quando então nos tornaremos «santos como o Pai é santo», possuidores de toda a sua santidade *positiva*, então meramente tornando-nos impecáveis, o que indica apenas o começo do gigantesco progresso que nos conduzirá à santidade plena.

A *longanimidade* (no grego, *makrothumia*), quando é uma qualidade atribuída a Deus, significa que ele tolera pacientemente todas as iniqüidades do homem, não se deixando arrebatar por explosões de ira e furor, o que só poderia significar a destruição do homem. Nisso se manifesta o amor de Deus, como também a sua bondade e gentileza. Os homens cometem pecados, falhas, provocam desordens; mas Deus se mostra longânimo ante tais coisas, aplicando sua misericórdia, e não sua indignação justa. Ora, de nós, os crentes, é esperado que nossas relações com os outros homens se caracterizem pela longanimidade, do mesmo modo que Deus tem agido conosco (ver os trechos de II Cor. 6:6; Col. 1:11 e 3:12). (Quanto à *longanimidade* de Cristo para com os homens, ver I Tim. 1:16; quanto à «longanimidade de Deus para com os homens», ver Rom. 2:4; 9:22; I Ped. 3:20; II Ped. 3:9,15). «A longanimidade do Senhor nos é salvação». Não poderia mesmo haver salvação sem longanimidade divina; e isso mostra a imensa importância da longanimidade.

No dizer de Adam Clarke (*in loc*), a longanimidade consiste em «...suportar as fragilidades e provoca-

ções alheias, com base na consideração de que Deus se tem mostrado extremamente paciente conosco; pois, se Deus não tivesse agido assim conosco, teríamos sido imediatamente consumidos; suportando igualmente todas as tribulações e dificuldades da vida, sem murmurações e rebeldias; submetendo-nos alegremente a cada dispensação da providência de Deus, e assim derivando benefícios de cada ocorrência».

«A longanimidade é a paciência que nos permite subjugar a ira e o senso de contenda, tolerando as injúrias». (Matthew Henry, *in loc.*).

«Constância de alma, sob a provocação à alteração, tolerância, permanência ante o erro sofrido ou a conduta exasperadora, sem nos deixarmos arrastar pela ira e sem nos atirarmos à vindita... Portanto a paciência, persistência, constância... tolerância ante os erros sofridos, sem ira ou vindita... tolerância para com os indivíduos cuja conduta visa provocar-nos a ira». (Burton, *in loc.*).

E. Benignidade, no original grego, é **chrestotes**, que significa «gentileza», «bondade». Esse termo grego também indica «excelência de caráter», «honestidade». Deus é a sua fonte originária, e Cristo foi quem melhor exemplificou essa qualidade, passando a ser o nosso modelo, tal como no caso de todos os aspectos do fruto do Espírito Santo. O crente que possui essa qualidade é «gracioso», e «gentil», para com seus semelhantes, não se mostrando inflexível e exigente.

«Doçura de temperamento, sobretudo para com os inferiores, predispondo-nos a uma atitude afável e cortês, que nos deixa facilmente abordáveis, quando alguém nos magoa». (Matthew Henry, *in loc.*).

«Os seguidores do evangelho não devem ser inflexíveis e amargos, mas antes, — gentis, suaves, corteses e de fala mansa, o que deveria encorajar outros a buscarem sua companhia. A gentileza pode disfarçar as faltas alheias e encobri-las. A gentileza sempre se mostra alegre ao dar algo a outros. A gentileza pode dar-se bem até mesmo com pessoas ousadas e difíceis, segundo aquela antiga declaração pagã: 'precisas conhecer as maneiras de teus amigos, mas não deves odiá-los'. Nosso Salvador, Jesus Cristo, foi uma pessoa imensamente gentil, conforme os evangelhos o retratam. Acerca de Pedro, ficou registrado que ele chorava sempre que se lembrava da suave gentileza de Cristo em seus contactos diários com as pessoas». (Martinho Lutero, *in loc.*).

«É difícil dizer o quanto as mentes dos homens se deixam conciliar por maneiras gentis e por palavras suaves». (Cícero, *De Officiis*)

Pois o amor de Deus é mais amplo
Que a medida da mente humana,
É o coração do Eterno
É maravilhosamente gentil
(F.W. Faber)

F. Bondade, «retidão», «prosperidade», «gentileza», são outros sentidos possíveis do termo grego *agathosune*. O uso que Paulo faz desse termo, nos trechos de Rom. 15:14 e II Tes. 1:11, mostra-nos que o sentido geral por ele dado à palavra é «bondade», isto é, aquela qualidade de generosidade e de ação gentil para com outras pessoas, tudo se originando, naturalmente, de um caráter intimamente bondoso.

«Uma pessoa é bondosa quando se dispõe a ajudar àqueles que estão em necessidade». (Lutero, *in loc.*).

«O terreno palmilhado por um homem bom é santo». (Goethe, *Torquato Tasso*).

«Não existe homem tão bom que, ainda que se submetesse, em todos os seus pensamentos e ações, às leis, não merecesse ser enforcado por dez vezes durante a sua vida». (Michel de Montaigne).

«A bondade é uma forma especial de verdade e de beleza. É a verdade e a beleza no comportamento humano». (Harry Allen Overstreet).

«O homem bom é o seu próprio amigo». (Sófocles, *Oedipus Coloneus*).

«Sede bondosos, e não vos sentireis solitários». (Mark Twain).

Podemos observar a vida terrena inteira de Jesus de Nazaré, vivida em meio a atos de bondade para com outros. Ora, para que o crente se mostre supremamente bondoso, precisa contar com o auxílio divino; portanto, essa qualidade é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo.

G. Fidelidade, no original grego, é **pistis**, que pode significar tanto «confiança» quanto «fidelidade»; e ambas as facetas dessa virtude certamente procedem do Espírito de Deus, embora a *fé* seja o principal aspecto destacado aqui. O justo vive pela fé, e de fé em fé. A fé é posta em contraste com o princípio legalista, que não pode ser frutífero, antes, é *estéril*. (Ver o artigo sobre *fé*. Ver também os trechos de João 3:16; 20:29,30; Atos 16:31). Por conseguinte, a fé não consiste em: 1. um credo; 2. aceitação intelectual de um credo; e 3. um conjunto de doutrinas, conforme essa palavra ocasionalmente é usada. Antes, neste passo bíblico, indica a «confiança em Jesus Cristo», a fé evangélica. (Ver o trecho de Efé. 2:8,9 quanto ao fato, igualmente importante, de que a fé não é produto humano, mas ocorre através da operação divina). Por conseguinte, a fé consiste em confiança da alma em Cristo, resultante de uma experiência com ele. A alma passa a reconhecer a veracidade das realidades espirituais, por ter visto e experimentado tais coisas; e reconhece-as intuitivamente. Ora, quando isso é transmitido à mente consciente, diz-se que o indivíduo veio a *crer*.

A fé, de parceria com o arrependimento, forma a conversão. Mas a fé também é o princípio orientador e normativo da nova vida, e não meramente sua fonte originária. Por igual modo, a fé não é uma nova obra ou algum novo mérito. Pelo contrário, é a entrega da alma às mãos de Cristo, alicerçada sobre o conhecimento espiritual. Isso permite-nos ver quão distante é isso do conceito simples da crença em algum credo, conforme a fé tem sido reduzida em tantas denominações evangélicas hoje em dia. Posto que a fé, paralelamente ao arrependimento, perfaz a conversão, a fé é, realmente, o passo inicial da conversão. Mas isso só pode ocorrer mediante a operação do Espírito de Deus, ainda que se exija também a cooperação do livre-arbítrio humano. Mediante essa operação, a alma humana é levada a depender de Cristo, confiando nele e entregando-se a ele. Isso é fé.

Alguém pode crer em *certos fatos* acerca de Cristo; mas isso é, tão-somente, resultante da fé, e não a sua substância. A entrega da alma às mãos de Jesus Cristo, com a finalidade de ser transformada segundo a sua imagem, nisso é que consiste a fé. Por conseguinte, a fé é um princípio que permeia a vida espiritual inteira, sendo seu iniciador, seu guia, seu aperfeiçoador. É por isso que a Escritura diz: «O justo viverá da fé»; como também ensina ela que vivemos «...de fé em fé» (ver Rom. 1:17). Isso produz aquela «fidelidade» que seria preferível com tradução de «pistis» em Gál. 5:22, de conformidade com muitos estudiosos, a despeito do fato de que nenhuma fidelidade é possível sem o concurso da fé. Ambas essas idéias precisam ser incluídas neste passo bíblico, como um dos aspectos do fruto do Espírito de Deus. Ninguém pode fazer separação entre a fé e a

fidelidade, mas é de acordo com esta última qualidade que os homens agem honesta e beneficentemente para com outros. A fé distinta da fidelidade estaria, realmente, morta.

A fé é vitalizada pelo amor, pois, do contrário, não será a verdadeira fé sob hipótese alguma, conforme aprendemos no sexto versículo do quinto capítulo de Gálatas. A fé é criada, fortalecida e confirmada pela comunhão mística com Cristo, através do Espírito Santo. Portanto, será sempre um contacto divino com o homem. É mister que o indivíduo viva no Espírito para que possa, realmente, conhecer a fé. No caso de alguns crentes, a fé pode ser um *elevado dom espiritual*. Alguns crentes possuem uma confiança em Deus que outros crentes não têm; esses possuem uma fé extraordinariamente desenvolvida, a fim de que possam realizar determinadas missões. (Quanto a esse aspecto da «fé», ver I Cor. 12:9, ver também o artigo sobre *I Coríntios* que alista e descreve todos os dons espirituais). Mas uma verdadeira dependência da alma a Cristo, em qualquer grau, é um dos aspectos do fruto do Espírito, embora deva sempre surgir como algo paralelo à submissão do livre-arbítrio humano; pois, do contrário, não operará. A fé, pois, é uma entrega da alma a Cristo, a fidelidade a ele por causa dessa entrega, e, em seguida, fidelidade e ação honesta para com os outros homens.

«A fé não é simples crença. A crença é passiva. A fé é ativa. É uma visão que inevitavelmente passa à ação». (Edith Hamilton, *Witness to the Truth*).

«A fé é como o amor. Não pode ser forçada». (Arthur Schopenhauer).

«...andamos por fé, e não pelo que vemos» (II Cor. 5:7).

H. Mansidão, é tradução do vocábulo grego **prautes**, que significa «placidez», «modéstia», «gentileza», «cortesia», como traduções possíveis. Essa é a qualidade exaltada na terceira bem-aventurança, uma qualidade de caráter daqueles que haverão de herdar a terra (ver Mat. 5:5). No trecho de Mat. 11:29, vemos que Cristo se refere a si mesmo como aquele para quem os homens devem achegar-se e em quem devem confiar, para que ele lhes tire suas cargas, por ser ele manso e humilde de coração. Na passagem de Fil. 2:1-11, essa qualidade é associada à «mente de Cristo». Consiste em um espírito de mansidão e gentileza no trato com o próximo.

Para Aristóteles, essa característica era um «vício de deficiência», e não uma virtude; e essa parece ter sido a atitude da maioria dos antigos sistemas éticos. Naturalmente, essa qualidade não envolve a autodepreciação, conforme é o hábito de certos indivíduos, que pretendem imitar essa qualidade. E quiçá assim é que Aristóteles encarava tal qualidade, como uma autodepreciação. Trata-se de uma genuína falta de maldade e aspereza, de mistura com as qualidades da paciência e da gentileza. Trata-se de uma submissão do espírito humano para com Deus, e, em seguida, para com o homem. A mansidão é resultado da verdadeira humildade, por causa do reconhecimento do valor alheio, com a recusa de nos considerarmos superiores. Deus é a fonte dessa graça, e Cristo Jesus é o seu exemplo supremo, o que ele demonstrou em todo o seu modo de tratar os homens.

I. Domínio próprio. No grego é **egkrateia**, «autocontrole». Na passagem de I Cor. 7:9, essa palavra é usada em relação ao controle do impulso sexual; mas, em I Cor. 9:25, refere-se a toda a forma de autocontrole e autodisciplina que um atleta precisa exercer para ser bem-sucedido em suas tentativas de obter a coroa da vitória. Parece que Paulo se utiliza dessa palavra, neste contexto, dando a entender aquele autocontrole que obtém o domínio sobre os vícios alistados em Gál. 5:19-21. Para que seja vitorioso e obtenha a coroa, na luta contra o mal, o crente precisa de uma completa autodisciplina e de total autocontrole. Mas isso só pode ocorrer com a ajuda do *Espírito Santo*. Maior é aquele que se domina do que aquele que conquista uma cidade, no dizer de Pro. 16:32.

Os filósofos estóicos percebiam claramente a verdade expressa por essa virtude do domínio próprio. Eles procuravam fazer com que a razão dominasse a vida inteira, controlando as paixões e firmando a alma. Porém, o poder atuante do Espírito Santo, no íntimo do crente, é mais forte do que a razão humana, embora a razão seja um útil aliado e instrumento dessa habilidade que nos é propiciada pelo Espírito de Deus.

«Considero mais corajoso aquele que domina os seus próprios desejos do que aquele que conquista os seus inimigos; pois a vitória mais difícil é a vitória sobre o próprio *eu*». (Aristóteles, *Stobaeus: Florilegium*).

«Nenhum conflito é tão severo como o daquele que se esforça por subjugar a si mesmo». (Tomás à Kempis, *Imitação de Cristo*).

«Domina-te a ti mesmo. Enquanto não tiveres conseguido isso, serás apenas um escravo; porque será quase a mesma coisa que estar sujeito ao apetite alheio, ou estar sujeito às tuas próprias paixões». (Robert Burton, *Anatomy of Melancholy*).

Variante Textual. Alguns manuscritos antigos, como D(1)EFG, além de muitas versões latinas, acrescentam a palavra *agneia*, que significa «consagração» ou «castidade», a essa lista. Mas isso não representa autoridade textual suficiente para supormos que tal palavra fazia parte do texto original de Paulo. Se, porventura, fosse porção original, não haveria motivo por que teria sido omitida. Algum escriba ou escribas simplesmente expandiram a lista, conforme também se verifica na lista de vícios, que aparece pouco antes.

IV. A Satisfação do Princípio de Lei

Contra estas cousas não há lei. As leis são baixadas a fim de entravarem e eliminarem o mal; mas as virtudes dignas, como aquelas aqui alistadas, não são proibidas nem pela lei de Deus e nem pelas leis dos homens. Pelo contrário, as autoridades e as leis louvam o indivíduo agraciado por essas virtudes. A lei de Deus exige tais virtudes, longe de mostrar-se contra elas. No entanto, elas nos são oferecidas e implantadas, dentro do sistema da graça divina, através da fé, vitalizada pelo amor. A lei de Deus, pois, mostra-se em favor do virtuoso, e não contra ele; mas a lei de Deus não tem o poder de produzir essas virtudes no indivíduo. O «conhecimento» dessas virtudes não está fora do alcance da lei; mas o «perfazê-las» na experiência real, transcende ao poder do princípio legal. O apóstolo dos gentios já havia demonstrado que isso é uma verdade; e parece que isso faz parte do significado dessa expressão, ou pelo menos, parece que isso fica subentendido. O que é produzido pelo Espírito de Deus, dentro do sistema da graça divina, jamais poderia ser condenado pela lei de Deus. Pelo contrário, tal fruto será sempre elogiado pela lei, ordenado por ela.

FUGA (MÚSICA)

Essa palavra vem do latim, **fuga**, «vôo». O termo refere-se a uma forma de composição musical polifônica, usada principalmente na música instrumental, embora, ocasionalmente, também empregue

um coro de vozes, como é o caso da *Missa em B Menor*, de Bach. A fuga originou-se do motete (ver o artigo a respeito). Composições musicais breves, sem o acompanhamento de um coro de vozes polifônicas, com base em textos bíblicos latinos, usualmente de natureza litúrgica, eram fugas. O motete entrou em uso no século XIII D.C. Na *fuga*, já há a introdução de um tema musical. A princípio esse tema aparecia em uma parte; mas posteriormente, passou a ser harmonizado com várias vozes. Então, o tema reaparece por toda a composição. Essas composições musicais são legítimas, como desenvolvimento do ideal expresso em Colossenses 3:16: «...louvando a Deus, com salmos e hinos e cânticos espirituais, com gratidão, em vossos corações».

A música moderna que se executa nas igrejas evangélicas são peças sensuais, mais apropriadas para clubes noturnos, como a música tipo *rock and roll*. São perversões musicais, destrutivas para o espírito. Ver o artigo geral sobre a *Música*. Ver também o artigo sobre a *Arte*, que inclui as diversas teorias sobre a *Estética*, onde também há alguns comentários sobre a música.

FULBERT

Foi o fundador da **Escola de Chartres**. Era discípulo de Gerbert de Aurillac. Ver também sobre *Chartres*.

FULGURAÇÃO Ver **Leibnitz, Idéias**, ponto 3.

FULLER, MARGARET

Suas datas foram 1810-1850. Foi uma escritora e filósofa norte-americana. Nasceu em Cambridgeport, estado de Massachusetts e foi educada por seu próprio pai. Era uma menina de prodigiosa inteligência, capaz de ler o latim aos seis anos de idade, bem como todas as línguas européias, antes de atingir os vinte anos de idade. Suas primeiras atividades profissionais deram-se no campo do ensino de línguas. Porém, não demorou muito a interessar-se profundamente pela filosofia e pela religião, associando-se então aos transcendentalistas da Nova Inglaterra. Ver sobre *Transcendental* e sobre *Transcendentalismo*. Uma de suas tarefas era a publicação de *The Dial*, uma revista que promovia as causas desse movimento. Esteve vinculada a Emerson, a Channing, a Hawthorne e a outras figuras de renome, igualmente ativas no movimento transcendentalista. Foi apodada de «sacerdotisa do transcendentalismo». *Escritos: Collected Works; Life Without and Life Within*.

FUMAÇA

No hebraico há quatro palavras envolvidas e, no grego, uma, a saber:

1. *Keheh*, «fraco», «débil». Essa palavra ocorre somente em Isa. 42:3, onde a nossa versão portuguesa diz: «...nem apagará a torcida que fumega...»

2. *Ashan*, «fumaça». Palavra hebraica que aparece por vinte e cinco vezes, conforme se vê em Gên. 15:17; Êxo. 19:18; Jos. 8:20,21; Juí. 20:38,40; II Sam. 5:4; 9:18; Osé. 13:3; Joel 2:30; Naum 2:13.

3. *Ashan*, «esfumaçar». Palavra hebraica que aparece somente por duas vezes: Êxo. 20:18; Isa. 7:4.

4. *Qitor*, «vapor», «fumo». Vocábulo hebraico que ocorre por quatro vezes: Gên. 19:28; Sal. 119:83; Sal. 148:8.

5. *Kapnós*, «fumaça». Palavra grega que é usada por treze vezes: Atos 2:19 (citando Joel 3:3); Apo. 8:4; 9:2,3,17,18; 14:11; 15:8; 18:9,18 e 19:3.

A idéia de fumaça é usada de quatro maneiras diferentes nas páginas da Bíblia Sagrada, a saber:

1. Um símbolo visível da presença invisível de Deus, em uma de suas manifestações divinas. No caso do pacto estabelecido entre Deus e Abraão, enquanto este dormia, viu «...um fogareiro fumegante, e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços» (Gên. 15:17). Quando Moisés encontrou-se com Deus, no monte Sinai, «todo o monte Sinai fumegava» (Êxo. 19:18). Uma vez terminado, o templo de Jerusalém ficou cheio de fumaça, quando Isaías contemplou o Senhor em visão (Isa. 6:4) e então esse profeta predisse como segue: «Criará o Senhor, sobre todo o monte de Sião e sobre todas as suas assembléias uma nuvem de dia e fumo e resplendor de fogo chamejante de noite...» (Isaías 4:5). No livro de Apocalipse, a visão de João sobre a tenda do testemunho no céu mostra-nos que «o santuário se encheu de fumaça, procedente da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário» (Apo. 15:8). Embora não seja explicitamente afirmado, podemos supor que as referências às automanifestações divinas em passagens como Êxodo 3:2; 13:21; Núm. 10:34 e 14:14,—incluem também a presença de fumaça.

2. O fogo simbólico da ira de Deus é acompanhado por fumaça, segundo se lê em Salmos 18:8: «Das suas narinas subiu fumaça, e fogo devorador da sua boca; dele saíram brasas ardentes». Cf. Jó 41:20. Moisés advertiu contra a idolatria, dizendo: «O Senhor não lhe quererá perdoar; antes fumegará a ira e o seu zelo sobre o tal homem, e toda maldição escrita neste livro jazerá sobre ele...» (Deu. 29:20). E o salmista clamou: «Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto? (Sal. 74:1).

3. A fumaça dos sacrifícios e do incenso queimado é mencionada em trechos como Ezequiel 8:11 e Salmos 66:15. O vidente João viu a fumaça do incenso elevando-se até os céus. «...e da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, com as orações dos santos» (Apo. 8:4).

4. A fumaça também representa aquilo que é transitório, passageiro. Por exemplo, os inimigos (Sal. 37:20; 68:2); os idólatras (Osé. 13:3); os dias (Sal. 102:3); e os céus (Isa. 51:6). Ver também sobre o *Incenso*.

FUMAR

O ato de fumar consiste em aspirar a fumaça, geralmente produzida pela queima do tabaco. Aqueles que fumam charutos ou cachimbos, inalam a fumaça somente até à boca; mas os que fumam cigarros inalam a fumaça até os pulmões. Ora, os pulmões não dispõem de defesa contra a poluição assim produzida, daí resultando grandes depósitos de materiais que são cancerígenos, ou produtores de tumores malignos, ou cânceres.

Somente nos Estados Unidos da América do Norte são consumidos diariamente um bilhão e meio de cigarros. As pessoas que fumam estão inalando um alcalóide volátil e venenoso, quimicamente conhecido como C10H14N2. Farmacologicamente, essa droga é classificada como uma droga que afeta os centros nervosos, tão poderosa que, se fosse diretamente injetada no sangue, apenas uma gota, — causaria morte instantânea. Essa droga, popularmente batizada de *nicotina*, provoca um maior número de mortes, anualmente, do que a mais assustadora de todas as drogas potentes, a heroína. Nos Estados Unidos da América do Norte, a nicotina provoca nada menos de

trezentas e sessenta mil mortes anuais. Entre as emissões potencialmente mortais de um cigarro de tabaco, há pelo menos sete substâncias reconhecidamente cancerígenas, além de outras suspeitas dos mesmos maléficos efeitos. Em adição a isso, há entre quinze a vinte outros irritantes e venenos. O cianido de hidrogênio, por exemplo, um dos mais mortíferos venenos que se conhecem, está presente nos cigarros em concentrações mil vezes maiores do que aquilo que se considera seguro nos meios ambientes industriais.

Além de causar o câncer, o cigarro é acusado de causar batidas rápidas do coração, problemas de circulação, enfisema, a produção de rugas na pele, devido à privação de oxigênio, sem falarmos na morte do feto humano, ao ponto de que a principal causa do aborto é justamente o cigarro. Isso ocorre principalmente através da privação de oxigênio na corrente sangüínea. Acresça-se a isso que a principal causa dos tumores cerebrais é o cigarro. Se são necessários vinte anos para que um fumante acabe afetado por câncer do pulmão, os tumores cerebrais podem ser produzidos em um prazo admiravelmente curto.

Ademais, a fumaça do cigarro é *radioativa*. Aquele que fuma um maço de cigarros por dia, durante um ano, terá recebido radioatividade equivalente a centenas de chapas de raios-X. Um professor japonês, Kazuo Kubota, em um estudo que envolveu cento e onze adultos com mais de trinta anos de idade, demonstrou que o cigarro produz a senilidade prematura. Os produtos químicos existentes no tabaco aceleram o processo da arteriosclerose, o que, por sua vez, diminui o suprimento de sangue oxigenado para o cérebro. O resultado é alguma debilidade mental. O mesmo Dr. Kubota advertiu que os fumantes têm de enfrentar, inevitavelmente, sintomas de senilidade, mais cedo e mais profundos que os não-fumantes.

A duração média dos fumantes *moderados* é abreviada em cerca de oito anos, por causa do fumo.

Os Governos e seus Absurdos. Muitos governos, se por um lado gastam imensas somas em dinheiro procurando a cura do câncer, por outro lado subsidiam a cultura do tabaco e a indústria do fumo, a fim de garantirem maiores impostos, sobre a venda de cigarros. Alguns países têm baixado leis que banem da televisão qualquer propaganda do cigarro. O resultado é que, nesses países, como a Inglaterra e os Estados Unidos da América do Norte, o consumo de cigarros tem sido bastante diminuído. Mas as companhias que exploram a indústria do fumo, diante dessa perda, têm aumentado a sua propaganda nos países do chamado Terceiro Mundo, por meio do que contrabalançam as suas perdas, às expensas da saúde daquelas populações. E os governos desses países têm cooperado com a matança de seus próprios cidadãos, a fim de não perderem os gordos impostos recolhidos com a venda de cigarros.

Com base em trechos bíblicos como I Coríntios 3:16,17 e 6:19,20, nenhuma pessoa espiritualmente séria pode tornar-se fumante. Somos responsáveis pela boa saúde de nossos corpos físicos, a fim de que possam ser usados no cumprimento de nossas respectivas missões espirituais. A possessão e o uso do corpo físico é um sagrado depósito, que o uso do cigarro e de outros vícios, não deveria ser permitido violar.

FUNCIONALISMO, PSICOLOGIA FUNCIONAL

Ver sobre **Psicologia**, quinto ponto, e sobre **Psicologia, Escolas de**, sexto ponto.

••• ••• •••

FUNDA

Ver sobre **Armas e Armadura**.

FUNDAMENTALISMO

Ver o artigo separado sobre a **Crítica da Bíblia**. Sobre o *fundamentalismo*, consideremos os seis pontos abaixo:

1. *Como um movimento*, em contraste com o liberalismo, o fundamentalismo foi um protesto religioso e teológico de após-guerra. Recebeu seu nome dos títulos de uma série de livretos chamados *The Fundamentals: A Testimony of Truth* (doze volumes, 1910-1912).

Doutrinas fundamentais alistadas nessas obras: o nascimento virginal de Jesus Cristo; a sua ressurreição literal, física; a inerrância das Escrituras, quanto a seus manuscritos originais; a teoria substitucionária da expiação; a segunda vinda iminente e física de Cristo; o julgamento eterno dos perdidos.

3. *Uma estrita interpretação* dessas doutrinas não demorou a amargurar e dividir as denominações evangélicas. Com grande freqüência, a despeito do que pensamos sobre as próprias doutrinas, temos de reconhecer que os fundamentalistas tornaram-se culpados de um espírito contencioso. Do mesmo modo que a maldição do liberalismo é o *ceticismo*, assim também a maldição do fundamentalismo é o *espírito contencioso*. Alguém já disse, com certa razão: «Um fundamentalista é um evangélico que se zangou acerca de alguma coisa». Tenho conhecido pessoalmente alguns dos principais líderes do fundamentalismo. Posso testificar sobre a sinceridade deles; e, em muitos casos, acerca da piedade e do zelo pessoais deles. Porém, tenho visto muitas divisões, campanhas de ódio e conflitos por causa de pontos secundários (segundo minha estimativa). Conheço certa escola que se dividiu em torno do debate se os dias da criação foram seis dias literais, de vinte e quatro horas, ou não. Conheço um excelente professor, muito necessário na escola onde ensinava; mas, visto que acreditava no arrebatamento no meio da tribulação, foi despedido. Quem celebrou meu casamento foi um dos chamados «apóstolos da discórdia», homem de consideráveis habilidades e de profundas convicções, que realizou grandes serviços para a Igreja de sua época. Porém, controvérsias e conflitos desnecessários marcaram a sua carreira.

4. *Propósitos do movimento*. O fundamentalismo foi organizado para fazer oposição às tendências liberais nas escolas religiosas e nas igrejas evangélicas. Isso causou a divisão das principais denominações e, também, o surgimento de igrejas bíblicas desligadas de denominações.

O American Council of Christian Churches uniu novas e pequenas denominações que se tinham separado das denominações maiores e mais antigas. No nível internacional, formou-se o *International Council of Christian Churches*. Tipificando o que sucedia nas escolas e seminários foi o cisma liderado pelo professor John Gresham Machen (vide), que rompeu com o Princeton Theological Seminary, a fim de organizar o Westminister Seminary, em Filadélfia. Formou-se um novo grupo, denominado Bible Presbyterian Church, em oposição ao liberalismo do corpo protestante mais numeroso. Revistas como a *Christian Standard* opuseram-se à mais liberal *Christian Century*. Carl McIntire deu início ao seu *Christian Beacon*, jornal que, por muitos anos, tem apoiado e promovido a causa do fundamentalismo, com intermináveis ataques contra qualquer forma de liberalismo e comunismo que possa ser encontrado e

combatido.

5. *A doutrina.* O termo *fundamentalismo* é sinônimo de *conservatismo* estrito. Nesse sentido, algumas vezes é usado não somente para fazer oposição ao liberalismo, mas também a formas do evangelicalismo, que interpreta menos rigidamente, mais livremente. Homens como B.B. Warfield, James Orr, H.C.G. Moule e G. Campbell Morgan, em *The Fundamentals*, deram o nome a uma estrita interpretação literalista da Bíblia. Quando eu era estudante de certa escola teológica, tivemos um curso intitulado «História do Fundamentalismo», que acompanhava as raízes do fundamentalismo por todas as Escrituras Sagradas, com o intuito de mostrar que, sem importar o título usado, as figuras da Bíblia foram todas fundamentalistas, e que assim deveriam ser todos os crentes na Bíblia. Quanto ao tipo, o fundamentalismo é aparentado da teologia evangélica da época anterior à Iluminação, embora defira da mesma por rejeitar, deliberadamente, os métodos e conclusões da crítica bíblica histórica do período posterior à Iluminação. Os teólogos mais antigos não haviam tratado mais extensivamente as questões envolvidas naquele desenvolvimento, porquanto foram produto de eruditos dos séculos XIX e XX.

6. *Contribuições.* Além de alertar as pessoas sobre inúmeros erros que haviam entrado na cena religiosa, o movimento fundamentalista tem-se mostrado radicalmente anticomunista, exibindo a incompatibilidade básica entre aquele sistema político e os ideais e crenças cristãos. O movimento também tem-se mostrado intensamente evangelizador, promovendo as missões pátrias e no estrangeiro, com um zelo realmente admirável. Portanto, se nos sentimos forçados a mencionar os vícios que têm caracterizado alguns líderes e grupos fundamentalistas, também deveríamos relembrar suas contribuições. Afinal, estamos tratando com uma porção importante e vital da Igreja de Cristo. Meus amigos, há *outros* segmentos que também merecem o nosso respeito.

FUNDAMENTO

Ver os artigos separados sobre *Fundamento da Igreja, Cristo como; Fundamento da Igreja, Pedro como* e *Fundamento dos Apóstolos e Profetas.*

Esboço:

I. As Palavras Envolvidas
II. No Antigo Testamento
III. No Novo Testamento
IV. Usos Metafóricos

I. As Palavras Envolvidas

Há sete palavras hebraicas envolvidas, e duas gregas, a saber:

1. *Yasad*, «fundar», «fundamento». Essa palavra aparece por trinta e uma vezes com esse significado, como, por exemplo, em Êxo. 9:18; I Reis 7:10; II Crô. 31:7; Jó 38:4; Sal. 102:25; Isa. 48:13; Jos. 6:26; I Reis 5:17; Esd. 3:10; Zac. 4:9. Há duas formas variantes: *Yesod*, «fundamento», «fundo», usada por treze vezes, conforme se vê, por exemplo, em II Crô. 23:5; Jó 4:19; 22:16; Sal. 137:7; Pro. 10:25; Lam. 4:11; Eze. 13:14; 30:4; Miq. 1:6; Hab. 3:13. *Yesudah*, «fundamento», palavra que ocorre por apenas uma vez, em Sal. 87:1.

2. *Musad*, «alicerce», «fundamento». Esse termo hebraico figura por duas vezes: II Crô. 8:16 e Isa. 28:16. Há uma variante, *musadah*, que aparece por uma só vez, com o mesmo sentido: Eze. 41:8.

3. *Makon*, «base», «alicerce», «habitação», e que ocorre apenas por uma vez com o sentido de «fundamento»: Sal. 104:5.

4. *Shath*, «príncipe», «coluna», «fundamento», e que aparece por uma única vez com o sentido de «fundamento»: Sal. 11:3.

5. *Oshyoth*, «fundamentos». Palavra que aparece por apenas uma vez: Jer. 50:15.

6. *Ushshin*, «fundamentos». Esse termo ocorre por três vezes, e é de origem aramaica: Esd. 4:12; 5:16; 6:3.

7. *Mosadoth*, «fundamentos», «alicerces». Palavra hebraica que é usada por treze vezes: Deut. 32:22; II Sam. 22:8,16; Sal. 18:7,15; 82:5; Pro. 8:29; Isa. 25:18; 40:21; 58:12; Jer. 31:37; Miq. 6:2.

8. *Katabolé*, «alicerce», «fundamento». Vocábulo hebraico que figura por onze vezes: Mat. 13:35 (citando Sal. 78:2); 25:34; Luc. 11:50; João 17:24; Efé. 1:4; Heb. 4:3; 9:26; 11:11; I Ped. 1:20; Apo. 13:8 e 17:8.

9. *Themélios*, «alicerce», «pedra de alicerce», que aparece por dezesseis vezes: Luc. 6:48,49; 14:29; Atos 16:26; Rom. 15:20; I Cor. 3:10-12; Efé. 2:20; I Tim. 6:19; II Tim. 2:19; Heb. 6:1; 11:10; Apo. 21:14,19. O verbo correspondente, *themelióo*, «fundar», «alicerçar», ocorre por seis vezes: Mat. 7:25; Luc. 6:48; Efé. 3:18; Col. 1:23; Heb. 1:10 (citando Sal. 102:26) e I Ped. 5:10.

Algumas dessas palavras hebraicas e as duas palavras gregas são usadas na Bíblia tanto em sentido literal quanto em sentido figurado.

Desde os tempos mais antigos, os construtores reconheceram a necessidade de alicerces firmes para suas construções.

II. No Antigo Testamento

O termo hebraico **yasad**, «fixar», «fundamentar», «alicerçar» é usado nas Escrituras para indicar todo tipo de alicerce, como do altar (Êxo. 29:12), da terra (Sal. 24:2; Isa. 24:18), de edifícios (Jer. 50:15), do mundo habitado (Sal. 18:15), da cúpula dos céus (Amós 9:6), de Israel (Isa. 44:11), de Sião (Isa. 14:32), dos justos (Pro. 10:25) e do templo de Salomão (I Reis 5:17). Portanto, estão em foco, no uso dessa palavra, tanto alicerces literais quanto metafóricos.

Às vezes, um edifício era levantado sobre alguma superfície natural sólida, como uma rocha. Ou então pedras eram postas à superfície, com o propósito de servirem de alicerce. Porém, um alicerce verdadeiro era «assentado», isto é, posto sobre escavações feitas na terra (Isa. 28:16). Um alicerce era essencial para a durabilidade e fortaleza de uma parede ou muralha (Jer. 50:15). Os alicerces do templo de Salomão tinham as dimensões de quatro por cinco metros, utilizando blocos de pedra cuidadosamente talhados, conforme se aprende em I Reis 5:17; 6:37 e I Crô. 22:2. Os alicerces do segundo templo foram feitos em dois estágios. Primeiramente, nos dias de Ciro, rei da Pérsia, foi levantada uma muralha de retenção, para formar uma plataforma nivelada. Então o rei Dario permitiu que se enchesse de terra o lugar, como um terraço (Esd. 6:3). E, sobre o mesmo, foi lançado um outro alicerce (Esd. 3:10 e Zac. 4:9).

Nos países gentílicos antigos, havia uma prática de consagração dos alicerces de edifícios importantes com algum sacrifício humano, chamado de «pacto do limiar». Mas os arqueólogos, apesar de terem encontrado muitos esqueletos nessas edificações de povos gentílicos, nunca encontraram coisa similar nas construções dos israelitas. O trecho de I Reis 16:34, talvez, tenha em vista esse tão bárbaro costume, quando assevera que Hiel, o betelita (vide), edificou a Jericó, e «morreu-lhe Abirão, seu primogênito» e

então que «quando lhe pôs as portas morreu Segube, seu último, segundo a palavra do Senhor que falara por intermédio de Josué, filho de Num».

III. No Novo Testamento

Por nada menos de dez vezes a palavra grega *katabolé* é empregada no Novo Testamento para indicar os fundamentos do mundo. Como exemplos disso, ver Mat. 13:35 e Luc. 11:50. O vocábulo grego *themélios* (algo lançado) aparece por dezesseis vezes, usualmente em sentido figurado. Como exemplos disso, ver o fundamento que um homem usa para sobre o mesmo edificar a sua vida (Luc. 6:58), e também Cristo como o fundamento de sua Igreja (I Cor. 3:11). Cristo também é a principal pedra de esquina, ao mesmo tempo em que, de acordo com essa outra metáfora, os apóstolos são pedras que fazem parte do alicerce (Efé. 2:20 e Apo. 21:14,19). Não há nisso qualçuer contradição, porquanto Cristo é o único fundamento no tocante à salvação, mas os profetas e apóstolos fazem parte do alicerce sobre o qual a Igreja cristã está sendo erigida. Os judeus costumavam afirmar a mesma coisa acerca dos patriarcas israelitas, que serviram de alicerces da nação judaica. Outros usos neotestamentários da idéia de fundamento podem ser vistos na lista de usos metafóricos da palavra, logo abaixo.

IV. Usos Metafóricos

1. Fundamentos com o sentido de **origem** (ver Jó 4:19). O homem reside em uma casa de barro e a sua origem encontra-se no pó. Esse conceito tem paralelo na narrativa de Gên. 2:7 e 3:19.

2. Fundamento com o sentido de *começo*, como os fundamentos do mundo (ver Mat. 13:35; 25:34).

3. O Messias é o fundamento lançado em Sião (Isa. 28:16; I Cor. 3:11).

4. Os apóstolos e profetas do Novo Testamento fazem parte do alicerce da Igreja de Cristo (Efé. 2:20).

5. Pedro, juntamente com os demais apóstolos (Mat. 16:18 e 18:15-18), faz parte do alicerce da Igreja, como uma construção histórica, mas não no tocante à questão da salvação, que depende exclusivamente de Cristo.

6. Jesus Cristo é o único fundamento da Igreja, no tocante Àquele sobre quem construímos e em quem alicerçamos a nossa expectativa de salvação (I Cor. 3:11).

7. A fé cristã é o alicerce de nossa vida (II Tim. 2:19). Ver o trecho de Provérbios 10:25, que exprime idéia similar.

8. O homem sábio constrói sobre um alicerce de sabedoria e realização espirituais, evitando as areias das vicissitudes humanas, das falsas doutrinas, etc. (Luc. 6:48).

9. A cidade de Deus (composta por todos os remidos no sangue de Cristo) está alicerçada sobre a verdade e sobre o poder de Deus (Heb. 11:10).

10. Há alicerces sobre os quais se apóiam os pilares do céu, visto como montanhas, sobre os quais repousa a abóbada do firmamento (II Sam. 22:8). Alguns consideram poética esse tipo de linguagem; mas os antigos hebreus aparentemente acreditavam nessas coisas de maneira literal. Isso é amplamente ilustrado no artigo sobre a *Astronomia*, nesta enciclopédia.

FUNDAMENTO DA IGREJA, CRISTO COMO

Esboço:

I. Discussão Preliminar
II. Os Alicerces e o Grande Alicerce
III. O Unificador
IV. A Comunidade do Espírito

I. Discussão Preliminar

I Cor 3:11: *...ninguém pode lançar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo.*

Comenta C.T. Craig (*in loc.*), como segue: «A mudança de figura simbólica provoca a mudança de tom. O outro homem, que agora edificava, não é referido por nome. Nada havia de errado com o regar de Apolo no campo, mas sem dúvida alguns materiais defeituosos estavam sendo utilizados na construção. Deus havia comissionado Paulo mediante um ato de sua graça, que fizera dele um apóstolo. Ele era o «sábio construtor», que lançara o tipo certo de alicerce. Não podia mesmo haver *outro alicerce* para a Igreja além de Jesus Cristo. E por que razão isso precisava ser frisado para a comunidade cristã de Corinto? Será possível que o líder da facção que tinha por seu herói a figura de Cefas afirmasse que ele era a rocha sobre a qual estava edificada a *Igreja*? (Ver Mat. 16:18). Isso é perfeitamente possível. Esta passagem dá a impressão de que Paulo tinha em mente essa tradição e que ele resistia com todas as forças contra essa idéia. O próprio Paulo não edificava sobre alicerces lançados por outros homens (ver Rom. 15:20). Não obstante, não se opunha a tal prática por parte de outros, conforme verificamos em suas cordiais palavras a respeito de Apolo. O que atiçava a sua indignação era o *tipo* de trabalho que vinha sendo feito ali. Tal como havia feito oposição a Cefas, face a face (ver Gál. 2:11), assim também Paulo agora não hesitava em fazer oposição àqueles que aparentemente reivindicavam possuir a autoridade de Pedro em Corinto». (Ver o artigo sobre *Fundamento da Igreja, Pedro Como*).

Não há meios para sabermos exatamente à quem Paulo se referia com essas palavras, mas é bem possível que esteja em foco alguma pessoa em particular, como alicerce da igreja de Corinto; embora também seja possível que Paulo estivesse imaginando alguma «doutrina» ou sistema doutrinário desenvolvido em lugar do sistema cristão, centralizado em Jesus Cristo, como alicerce básico de todo o cristianismo. É possível que a tentativa, por parte do partido dos «intelectuais», no sentido de criar uma «nova sabedoria», com base no cristianismo fosse a *doutrina fundamental* contra a qual Paulo fazia objeção aqui. Mas também é possível que ele simplesmente quisesse enfatizar que somente Cristo pode ser o objeto de nossa adoração e serviço, o que significa que a elevação de outros homens, até o lugar que cabe exclusivamente a Cristo, atribuindo-lhes glória, em um espírito faccioso, na realidade seja equivalente a substituir Cristo por outros homens, como o alicerce da Igreja cristã. Este último pensamento parece mais provável, embora não saibamos como demonstrá-lo, porquanto a referência de Paulo na realidade não nos fornece qualquer idéia sobre o que ele queria dizer exatamente.

A única coisa que fica clara, entretanto, é que somente Jesus Cristo pode servir de base sobre a qual edificamos a nossa fé; somente sobre o Senhor pode uma vida remida ser construída, e somente tendo por centro a pessoa de Cristo é que se pode fundar uma comunidade cristã organizada. Por conseguinte, atribuir glória a qualquer outro é roubar o Senhor Jesus da posição fundamental que ele ocupa apropriadamente em sua Igreja. Através desse símbolo do alicerce, pois, Paulo quiçá estivesse tão-somente continuando seu ataque contra o espírito contencioso que havia na Igreja de Corinto, e não lançando um novo ataque contra algum partido diferente, como aquele que tinha por seu herói, a Cefas.

II. Os Alicerces e o Grande Alicerce

1. Os intérpretes têm posto I Cor. 3:11 em oposição ao trecho de Mat. 16:18; mas tal esforço é fútil, inútil e desnecessário. Pedro, em certo sentido, era uma figura fundamental para a igreja. Mas, em um sentido mais elevado, somente Jesus Cristo é o alicerce da Igreja.

2. Como poderia Pedro ser fundamental para a Igreja? Da mesma maneira que Abraão o foi para Israel. A teologia rabínica comum pensava que Abraão era fundamental para o judaísmo. Por semelhante modo, os apóstolos e profetas formam o alicerce da Igreja (ver Efé. 2:20). Mediante essa metáfora, a Igreja é apresentada como um edifício espiritual, um templo cujo alicerce, por assim dizer, é formado pelos apóstolos e profetas do N.T., pois o crescimento da Igreja dependia das atividades deles. Dentro dessa metáfora, Cristo não é o alicerce inteiro, mas antes, é a principal pedra angular. Ora, uma pedra angular não pode servir de alicerce inteiro. Isso comporia uma metáfora absurda. (Ver Efé. 2:20 e I Ped. 2:6 quanto a Cristo como esse elemento especial do alicerce, e não como o alicerce inteiro). A Igreja encarada pelo ângulo de seu desenvolvimento histórico, por estar alicerçada sobre os ensinamentos dos apóstolos e profetas do N.T., fundamenta-se sobre eles.

3. Mas, no que diz respeito à salvação, só pode haver um alicerce, a saber, Cristo. Ninguém pode alicerçar sua salvação, ou mesmo o desenvolvimento de sua missão espiritual, sobre qualquer homem. Somente Cristo serve como alicerce, estando, então, em foco um alicerce obviamente diferente daquele que é considerado no ponto dois. Cristo, encarado como o principal evangelista, pode ser tido como parte do alicerce da Igreja, a saber, seu mais importante elemento—a pedra angular. Porém, encarado como o Salvador, ele é o único alicerce em que se baseia um crente.

4. Paulo, ao pregar sobre o Salvador e sobre o Senhor, sobre quem devemos edificar as nossas vidas, falou a seu respeito como o único alicerce possível. Se ele *estivesse falando* a respeito do desenvolvimento *histórico* da Igreja, então poderia ter feito menção de outro tipo de alicerce, — que inclui os apóstolos e profetas. Oferecemos notas mais detalhadas acerca desses conceitos, em Mat. 16:18 e Efé. 2:20 no NTI.

5. A polêmica envolvia o seguinte: Visto que Cristo é o único alicerce, a adoração a figuras heróicas, no seio da Igreja, e o orgulho denominacional, são erros totalmente ilegítimos. A sabedoria e os esforços humanos não podem outorgar para nós qualquer alicerce autêntico na vida. Paulo adverte a seus críticos de Corinto e deixa entendido que eles edificavam a jactância humana e não sobre Cristo.

Com a finalidade de conciliarmos as várias passagens envolvidas nessa questão, poderíamos aceitar que, de uma maneira especial, não compartilhada por qualquer outro, Cristo é o fundamento da Igreja cristã. Então, examinando a passagem que ora comentamos, poderíamos dizer que Paulo quis dizer que Cristo é o alicerce básico de sua igreja em um sentido exclusivo. Assim sendo, somente sobre a pessoa de Cristo é que se poderia edificar uma vida cristã individual ou a vida da comunidade cristã em geral. Essa idéia certamente está com a razão, pois nenhum mero homem pode tomar tal posição. Porém, um *outro* sentido, no sentido *histórico*, pode-se dizer que outros fazem parte do alicerce da Igreja cristã. Assim é que a doutrina ensinada por Jesus Cristo foi transmitida através de vários indivíduos, sobretudo, através dos profetas (provavelmente estão em foco os profetas do N.T., em Efé. 2:20) e dos apóstolos. Sobre esses, pois, historicamente falando, é que a Igreja de Cristo foi edificada, porquanto foram os esforços evangelizadores desses homens que ergueram o cristianismo.

III. O Unificador

Nesse caso, o próprio **Jesus Cristo**, por ser o principal evangelista, é também a pedra angular, porquanto ele é o unificador de todo o esforço enviado, bem como o tema central da própria mensagem. Mais ou menos dessa maneira é que podemos reconciliar as diversas referências acerca do fundamento da Igreja; apesar de não podermos ter certeza absoluta se Paulo se sentiria satisfeito perante tal reconciliação. Por isso mesmo é que existem alguns estudiosos que nem procuram estabelecer reconciliação entre essas várias passagens neotestamentárias, simplesmente afirmando que diferentes pontos de vista sobre a questão existem nos escritos dos diversos escritores do Novo Testamento.

Após a destruição da cidade de Jerusalém, a autoridade visível da fé religiosa, que era o templo e o sinédrio, desapareceu. Foi necessário, portanto, estabelecer alguma nova autoridade central, algum novo fundamento e devem ter surgido diferentes soluções para esse problema, em diferentes seções da Igreja cristã. Dentro da literatura judaica, Abraão e os patriarcas são chamados de alicerce da congregação israelita. Portanto, não deveríamos ficar surpreendidos se, de certo modo, alguns homens também sejam chamados de fundamentos da Igreja cristã, a comunidade religiosa do novo pacto, pois isso seria tão-somente a reiteração de uma lógica consagrada pelo uso. Todavia, em seu zelo em favor de Cristo, Paulo poderia ter feito objeção a qualquer idéia dessa ordem, não sendo impossível que I Cor. 3:11 encerre exatamente tal objeção, a despeito do fato de que o cânon do N.T. finalmente, tenha incluído alusões a tais homens, os quais, em um sentido secundário, poderiam ser considerados como alicerces da Igreja cristã. (Ver o artigo sobre *Fundamento da Igreja, Pedro Como*).

Muitos intérpretes protestantes, através de truques de interpretação e de sofismas filosóficos, procuram tirar da passagem de Mat. 16:18 toda a alusão a Simão Pedro como o fundamento; mas muitos excelentes intérpretes, incluindo alguns dos melhores intérpretes protestantes, dizem que essa passagem fica sem sentido se Pedro não está em foco ali.

Deve-se notar, entretanto, que esse passo bíblico de Mat. 16:18 na realidade *não diz* qualquer coisa diferente que a tradição judaica dizia acerca de Abraão ou que o trecho de Efé. 2:20 declara especificamente, e com grande clareza, acerca dos profetas e apóstolos, isto é, que esses são peças fundamentais da Igreja de Cristo. Portanto, é inútil querer desvirtuar a passagem citada do evangelho de Mateus, pois encontraríamos a mesma dificuldade em Efé. 2:20, porquanto aquilo que é dito sobre Pedro, no evangelho de Mateus, é subseqüentemente dito sobre todos os outros apóstolos e sobre os profetas, na epístola aos Efésios. Nossa explicação, pois, deve seguir alguma linha que procure reconciliar a idéia que diz que Jesus Cristo é o alicerce exclusivo da Igreja, com a idéia que diz que certos indivíduos também são peças fundamentais da Igreja, ainda que em sentido *secundário*, conforme foi sugerido, mais acima. Essa interpretação é pelo menos possível, e certamente é superior a algum manuseio desonesto e sofista que somente torce as Escrituras.

O apóstolo Paulo queria que entendêssemos que só pode haver um alicerce—Cristo—porque substituí-lo

é pôr em risco a estrutura inteira do edifício espiritual da Igreja. Só existe um sobre o qual podemos construir nossas vidas, e sobre o qual pode ser edificada a vida da Igreja de Cristo, porquanto é por intermédio dele que nos é conferida a vida espiritual em todos os seus aspectos. A pessoa real de Cristo deve ser vista como esse fundamento, o qual não se compõe apenas de alguma doutrina a respeito dele. Porquanto é através dele que nos vem a vida, e não meramente através da crença em alguma doutrina em torno de sua figura. Considerando isso, somos levados a pensar sobre a intimidade ou comunhão mística com ele, através do seu santo Espírito. Nisso é que consiste verdadeiramente o caminho em que as pedras que são sobrepostas ao fundamento podem ser chamadas de «pedras vivas», conforme disse Cefas, em I Ped. 2:5-8. Essas «pedras vivas», portanto, é que chegam a compor a «casa espiritual». Ora, tudo isso pressupõe alguma transmissão real de vida; e somente o próprio Cristo, mediante o seu Espírito, pode fazer isso.

IV. A Comunidade do Espírito

Disso tudo se conclui que a fé não é uma confiança baseada em alguma mera doutrina acerca de Cristo, como também não é a aceitação de algum credo do qual ele aparece como figura central. A fé é parte integrante da comunicação do Espírito, o primeiro passo da regeneração, parte integrante da conversão; e tudo isso é resultado de uma operação divina sobre a alma. Quando Paulo lançou o fundamento, pois esse fundamento não consistia em sua pregação, mas a sua prédica conduzia Cristo aos corações humanos; e assim é que o fundamento foi posto por ele. E foi assim que a vida de Cristo era transmitida aos corações.

Quão silentemente, quão silentemente,
O maravilhoso dom é conferido!
Assim Deus confere aos corações humanos
As bênçãos de seus céus.
Nenhum ouvido ouvirá a sua vinda,
Mas neste mundo de pecado,
Onde as almas mansas o recebem, contudo,
O querido Cristo entra ali.
(Phillips Brooks).

Que foi posto. Essas palavras, no dizer de vários intérpretes, aludem ao plano divino e à ação de Deus Pai. E essa idéia certamente é verdadeira. O apóstolo Paulo, somente em um sentido bem secundário, através de seu ofício e ministério apostólico, em situações geográficas, lançara o fundamento que já havia sido determinado dentro do plano de Deus. (Com essa passagem se pode comparar I Ped. 2:5-8, onde a construção aparece sob a forma de uma «casa espiritual», composta de pedras vivas, e da qual Cristo é a principal pedra angular, idéia essa que também aparece em Efé. 2:20). Por conseguinte, essa deve ter sido uma metáfora comum entre os cristãos primitivos.

FUNDAMENTO DA IGREJA, PEDRO COMO

Mat. 16:18: *Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do hades não prevalecerão contra ela;*

Eu te digo. O termo *eu* é enfático aqui; Jesus enfatiza a declaração com a autoridade de sua própria pessoa. O Cristo tem autoridade para fazer tais declarações, e dificilmente outra pessoa a teria. E foi mediante a autoridade do Cristo, o Filho do homem e Filho do Deus vivo que Pedro recebeu esses altos privilégios.

Depois da destruição de Jerusalém e o fim do sinédrio, o problema de autoridade religiosa tornou-se crítico. A Igreja procurava estabelecer sua autoridade na ausência do velho poder eclesiástico. O evangelho de Mateus achou esse poder em Pedro e no voto da congregação (caps. 16 e 18). Outros (como o evangelho de João), acharam esse poder nos apóstolos (João 20:23).

Talvez não exista no N.T., na religião cristã e na história eclesiástica outra doutrina ou trecho bíblico que tenha dado margem a *tanta discussão*, abuso e atenção como este versículo. É uma *quaestio vexata* da teologia, que ocupa um dos primeiros lugares entre essas questões.

Apresentaremos de forma abreviada as principais interpretações sobre a «rocha» na qual está edificada a Igreja; há diversas outras interpretações, mas todas são meras variações destas: 1. A «pedra» sobre a qual a Igreja está edificada é Pedro. 2. A «pedra» é Cristo. 3. A «pedra» é a confissão de Pedro sobre Cristo, aquela confissão que revelou a identidade de Cristo. 4. A «pedra» é a própria revelação. A Igreja está edificada sobre essa revelação. 5. A «pedra» é a fé que procede da confissão, essa fé é a pedra sobre a qual a Igreja foi fundada.

Os argumentos em favor da **segunda interpretação** (Cristo é a *pedra*) são os seguintes: no grego há um jogo de palavras: Pedro é *petros* ou pedrinha, fragmento de uma rocha. Mas Cristo é a *pedra* maciça, sobre a qual está edificada a Igreja. Essa palavra, «petra», foi empregada por Homero ao aludir à rocha que Polifemo pôs à porta de sua caverna, rocha essa tão pesada que vinte e dois carroções não puderam removê-la. Homero também se utilizou dessa palavra para indicar a rocha que Polifemo atirou contra os navios de Ulisses, quando estes se afastavam em sua fuga. Essa rocha, ao bater na água, criou uma onda tão grande que fez os navios retornarem à margem. Assim também, Jesus falou de si mesmo quando disse «esta pedra»—Jesus é a rocha maciça. Se no aramaico não houve esse jogo de palavras, e foi usada uma única palavra para significar «petros» e «petra», no dizer dos defensores dessa interpretação, Jesus teria feito a diferença por um movimento da mão. Quando falou sobre Pedro, ao usar a palavra «petros», deve ter feito um gesto na direção do apóstolo; e quando falou sobre a *petra*, a rocha maciça que é ele mesmo, sobre quem a Igreja deveria ser edificada, deve ter feito um gesto que apontava para si mesmo. Além disso, esses intérpretes afirmam que o Espírito Santo, ao dar este trecho por inspiração, usou de duas palavras para evitar a idéia de que Pedro era a «pedra». Aqueles que assim interpretam se referem à passagem de I Cor. 3:11, que diz: «Porque ninguém pode lançar outro fundamento além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo». Alguns também se utilizam do trecho de I Ped. 2:4-9 para demonstrar a mesma coisa; mas esta última referência não parece conter essa idéia, e até mesmo parece ser contrária a ela, como o leitor pode verificar: «Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo...»

Os intérpretes que têm sustentado essa idéia, em qualquer de suas formas, são Jerônimo, Agostinho (em seus últimos anos), Anselmo, que, às vezes, também interpreta a «pedra» como se fosse uma alusão a Pedro, Chemnitz, Fabrício, Calovio, Wordsworth, J.A. Alexander. Essa interpretação tem sido a favorita entre o protestantismo, isto é, entre os

protestantes comuns, e não necessariamente entre os intérpretes protestantes.

Com relação à **terceira interpretação** (a «pedra» é a *confissão* de Pedro acerca de Cristo), vemos que dificilmente se adapta ao jogo de palavras que encontramos no grego. A interpretação natural do trecho é contrária a essa idéia. Os fatos também lhe são contrários, posto que as Escrituras dizem que a Igreja é edificada sobre os que fazem a confissão, e não sobre a própria confissão, segundo se vê em Efé. 2:20 e I Ped. 2:4-8. Aqueles que têm defendido essa interpretação têm sido: a maior parte dos pais da igreja, alguns papas, Lutero, Febrônio e outros. Mas nota-se que esses homens usualmente não eram coerentes em sua interpretação, porquanto às vezes se referiam à *pedra* como se fora a confissão, outras vezes como se fora a pessoa de Pedro, e, outras vezes, ainda, como se fora o próprio Jesus Cristo. Portanto, essa terceira interpretação não está escudada em autoridade sólida.

A **quarta interpretação** diz que a *pedra* é a *revelação*. A Igreja sempre está edificada sobre as verdades reveladas, tanto no passado, como no presente—e no futuro. Os argumentos contrários à terceira interpretação se aplicam a esta também; mas além disso nota-se que essa quarta interpretação não conta com a autoridade de qualquer intérprete notável.

A **quinta interpretação** afirma que a fé que procede da confissão, o tipo de fé praticada pelos homens, é que é o fundamento da Igreja. Em certo sentido, há alguma verdade nessa interpretação. É a verdade que prova que a Igreja não pode subsistir sem aquele tipo de fé demonstrada por Pedro, em Cristo Jesus e é nesse sentido que a fé forma a base da Igreja; mas a simples leitura do texto é suficiente para demonstrar que essa não era a idéia que Jesus tencionava apresentar. Os argumentos contra a terceira interpretação também podem ser aplicados a esta.

Voltemos, pois à **primeira interpretação** que diz que a pedra é Pedro. Há muitas variações dessa interpretação, das quais as seguintes são representativas:

1. De acordo com a doutrina da Igreja Católica Romana, o texto ensina que Pedro é a base ou fundamento da Igreja, separado dos demais apóstolos; e assim aparece a *primazia* de Pedro, no que fica *subentendida* a doutrina do papado. Portanto, a maior parte dos intérpretes católicos romanos, como Launoi, Dupin, e também alguns protestantes, com alguma variação na interpretação (Werenfels, Pfaff, Bengel e Crusius), apresentam essa interpretação. Tais intérpretes exageram o sentido do texto como qualquer leitor pode observar, se não for desviado por fortes preconceitos.

2. A «pedra» é Pedro, mas *não separado* dos outros apóstolos, e, provavelmente, também não separado dos membros da Igreja em geral. Peter Schaff (*in loc.*, em Lange) diz: «Pedro (representando os outros apóstolos), tendo confiado em Cristo e tendo-o confessado (devido a isso), é a *petra ecclesiae*. As outras idéias parecem ter sido criadas especialmente para evitar a interpretação duvidosa da Igreja romana, que tira do texto doutrinas que não se desenvolveram senão alguns séculos após ter sido feita a declaração simples deste texto. Entretanto, não é necessário que se criem interpretações errôneas para evitar outras errôneas. Ainda que esse texto cite Pedro como a pedra *Fundamental* da Igreja, não ensina coisa alguma que não possa ser encontrada em outros trechos bíblicos». De conformidade com a leitura simples do texto, é melhor aceitarmos a interpretação natural, entendendo aqui que Pedro é a «petra», mas no sentido que segue abaixo. Dificilmente o texto tem bom sentido se apresentarmos outra interpretação. Por que Jesus chamou Simão de *petros*, nesta oportunidade? Por que, no vs. 19, são mencionados poderes extraordinários que seriam dados a Pedro? Facilmente, Jesus poderia ter ensinado que Pedro é a pedra fundamental da Igreja, evitando chamá-lo de «petros»; a referência como existe perde todo o sentido se não a entendermos que Pedro seria a pedra fundamental da Igreja. É verdade que no original grego há um jogo de palavras com esses vocábulos, mas o sentido seria mais ou menos como esta paráfrase: «Tu és uma pedra, um pequeno e insignificante fragmento, mas eu mostrarei que grande coisa posso fazer de ti. Tu serás uma rocha maciça, rocha fundamental na minha Igreja, que brevemente começarei a edificar». Os escritos dos rabinos usam expressões como essas, isto é, indicam homens como pedras fundamentais da congregação de Deus. Por exemplo, esses escritos asseveram que Deus não pode edificar o seu mundo sobre o fundamento da geração de Enos, mas que em Abraão o Senhor encontrou tal qualidade de fundamento. E neste texto encontramos a mesma idéia.

Em confirmação dessa interpretação, consideremos os seguintes argumentos:

1. O uso da literatura rabínica, conforme já vimos.

2. O fato de que o jogo de palavras, no grego, realmente indica essa interpretação e não a elimina.

3. No idioma falado por Jesus, o aramaico, a palavra que ele usou para dar nome a Pedro era a mesma palavra que significa «pedra» ou fundamento da Igreja.

4. *As demais* interpretações existem principalmente para combater idéias consideradas falsas da Igreja Católica Romana; mas não se baseiam no próprio texto bíblico.

5. A mesma verdade é ensinada em Efé. 2:20: «Edificados sobre o fundamento *dos apóstolos e profetas*, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular». O texto mostra que esse edifício é a Igreja, a habitação de Deus no Espírito, a «família» de Deus (vs. 19). E a passagem de Apo. 21:14 indica a mesma idéia.

6. O testemunho do próprio Pedro, em I Ped. 2:4-6, também indica a mesma verdade: «Chegando-vos para ele, a pedra que vive...vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual...ponho em Sião uma principal pedra angular...». A pedra principal, angular é o símbolo de Cristo. Dificilmente a pedra angular pode conter uma referência ao fundamento *inteiro*.

7. Em sentido exclusivo, **somente Cristo** pode ser o fundamento de Igreja, e isso é o que se aprende em I Cor. 3:11, que diz: «Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo». O vs. 10 do mesmo capítulo mostra que o tema é Cristo como alicerce da vida cristã: «...segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele; porém cada um veja como edifica... Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha...» Essas coisas falam da *vida cristã como que edificada sobre Cristo*, em torno de sua pessoa, e, naturalmente, não pode haver outro fundamento *nesse sentido*. Porém, nos textos de Mat. 16 e de Efé. 2 (juntamente com outros), não está em foco essa questão, porquanto falam do grande edifício da igreja. Esse edifício, habitação de Deus, tem algumas

pedras fundamentais, a saber, os apóstolos, os profetas—todos os quais são como que pedras vivas. Nesse edifício Cristo é a pedra fundamental, angular.

8. Precisamos notar que aquilo que foi dito acerca de Pedro em Mat. cap. 16, *foi estendido* aos demais Apóstolos em Efé. 2:20, pelo que o texto de Mateus 16 não subentende a primazia *permanente* de Pedro, segundo ensina a Igreja Católica Romana. Dificilmente, portanto, há qualquer possibilidade de apoio às doutrinas romanistas sobre o papado. Essa interpretação romanista exagera o texto sagrado. Pedro, como pedra fundamental da Igreja, recebeu certos poderes de ofício. Na administração de seu ofício, tinha o poder de «proibir e permitir», conforme mostra o vs. 19. Mais tarde, esses poderes também foram dados aos outros apóstolos. Os demais apóstolos, tendo esses poderes em comum, também eram pedras fundamentais de Igreja (Efé. 2:20).

9. Pedro, no que diz respeito à porção judaica da Igreja, era fundamental no edifício da mesma, como se pode ver em Atos1:15; 2:14,37; 3:12; 4:8; 5:15,29; 9:34,40; 10:25,26; Gál. 1:18. Ele é a pedra fundamental no sentido bíblico, e não no sentido papista. Para transferir para Pedro ou para qualquer outro indivíduo as idéias de primazia e papado precisamos usar de grande preconceito, imaginação e *ginástica lógica*. Os privilégios e poderes que Jesus deu aqui a Pedro, posteriormente, foram conferidos também a todos os outros apóstolos, e até mesmo aos crentes comuns, como nos indica a referência em Mat. 18:17-19. Não há, nem nas Escrituras e nem na história eclesiástica, evidências que indiquem que, na Igreja primitiva, houvesse papado, ofício esse transferível a outros que também exercessem a autoridade e a posição que Jesus conferiu a Pedro. Esses ensinos procedem da tradição, e não das Escrituras. Contra essa interpretação romanista alinham-se os seguintes argumentos:

1. A doutrina do papado ignora o caráter do símbolo do fundamento, isto é, um fundamento deve ser posto de *uma vez só*, deve ser permanente, não pode ser renovado nem mudado continuamente, como sucede na sucessão papal.

2. Essa interpretação confunde *primazia de tempo* com superioridade permanente de ofício.

3. Essa interpretação confunde o apostolado, que era um ofício *intransferível*, válido somente no tempo de Jesus, com o desenvolvimento do episcopado pós-apostólico na Igreja, que só surgiu depois do tempo dos apóstolos.

4. Essa interpretação envolve o *não-reconhecimento* do ofício dos outros apóstolos, os quais também receberam os poderes e privilégios que foram dados a Pedro naquela ocasião. Eles também foram fundamentos da Igreja, isto é, formaram o alicerce da Igreja (ver Efé. 2:20).

5. Essa interpretação *contradiz* os próprios escritos de Pedro (I Ped. 2:5,6), que são contrários à idéia de um tipo de papado e que jamais podem indicar a existência de tal coisa.

6. Finalmente, podemos afirmar que essas doutrinas, como a do papado, a da extrema primazia de Pedro, só apareceram no dogma *posterior* da história eclesiástica, e não se alicerçam nas próprias Escrituras nem em qualquer precedente da Igreja primitiva. Não havia primazia do bispo de Roma sobre o bispo de Jerusalém, de Cesaréia ou de qualquer outra localidade. A primazia do bispo de Roma foi um desenvolvimento posterior.

As seguintes citações procuram esclarecer melhor o texto. Olshausen (**in loc.**): «Pedro, no seu novo caráter espiritual, aparece como o sustentáculo da grande obra de Cristo; o próprio Jesus é o criador da coisa em sua totalidade, mas Pedro é a primeira pedra do edifício». Meyer (*in loc.*) escreve: «Sobre nenhuma outra pedra, isto é, Pedro, que foi assim chamado por causa de sua fé firme e forte em Cristo». Alford (*in loc*) diz: «Pedro foi a primeira daquelas pedras fundamentais (Efé. 2:20 e Apo. 21:14) sobre as quais foi edificado o templo vivo de Deus; esse mesmo edifício teve começo no dia de Pentecoste, pela colocação de três mil pedras vivas sobre esse alicerce». D. Brown (*in loc.*) disse: «Não sobre o homem Barjonas; mas sobre o confessor de tal fé inspirada pelos céus».

Edificarei a minha Igreja. Ver o artigo sobre a Igreja. Esse vocábulo se deriva do grego, onde significa «chamados para fora», e se aplica a qualquer assembléia. Aqui encontramos a sua primeira ocorrência no N.T., embora Israel também tenha sido chamado de «igreja». A palavra grega «ekklesia» aparece 115 vezes no N.T., mas somente por três vezes nos evangelhos, e todas elas em Mateus (Mat. 16:18; 18:17, duas vezes). Esse fato, por si mesmo, demonstra que a idéia só se desenvolveu bem após a ressurreição de Jesus. Pouco a pouco a ênfase sobre o *«reino dos céus»* se transferiu para o ensino sobre a *igreja*. O reino literal, na terra, havia sido rejeitado; e por isso a Igreja foi edificada. O próprio nome «Igreja» era antigo, como se vê nas referências em Deut. 18:16; 23:2 e Sal. 22:26, mas a idéia de Igreja, conforme se encontra no N.T., era revolucionária e recente. A nota em Efé. 3:6 no NTI esclarece esse ponto. A referência aqui não indica somente a comunidade dos crentes, mas também implica em uma organização definida, visível—que de alguma maneira, cumpriria os objetivos e as idéias do «reino dos céus» na terra. A referência em Mat. 18:17 (e o texto seguinte) implicam mais claramente a idéia de uma organização, como a congregação judaica, embora separada do judaísmo.

Eis uma citação de Buttrick (*in loc.*), que concorda com a exposição deste versículo nesta enciclopédia, e que serve para ilustrá-la: «Aceitemos como *literalmente* verdadeiros esses versículos, conforme a Igreja Católica Romana dogmaticamente reivindica? Essa rocha se refere a Pedro ou **à fé de** Pedro? É perfeitamente claro que se refere a **Pedro**. A tentativa de alguns eruditos em argumentos à base do gênero feminino da palavra grega... certamente é mal-avisada, porquanto Cefas, o nome aramaico que Jesus usou, era certamente o apelido de Pedro, e no aramaico não há distinção de gênero. Portanto, essa 'rocha' significa Pedro como homem de fé ou Pedro escolhido como o *primeiro* de uma linhagem de bispos monárquicos? Certamente como homem de fé. Ambrósio assim ensinava (citado por F.W. Green, *Gospel According to Saint Matthew*, The Clarendon Bible, pág. 207). Até o próprio Cipriano (cerca de 246 D.C.) argumentou que Pedro foi escolhido somente para manifestar a *unidade* de Igreja».

FUNDAMENTO DOS APÓSTOLOS E PROFETAS

O fundamento dos apóstolos e profetas, Efé. 2:20. Esta porção do presente versículo tem ocasionado controvérsias intensas, havendo muitas interpretações a respeito de tais palavras. E tudo tem sido ocasionado pela suposta dificuldade da reconciliação desta passagem, com o trecho de I Cor. 3:11. Alguns estudiosos têm pensado que em face de Jesus Cristo ser ali chamado de «único fundamento», ninguém, em qualquer outro sentido, pode ser denominado de

«fundamento». Por isso mesmo, muitos estudiosos têm feito esforços vãos para mostrar que Cristo também é o fundamento dessa passagem, contradizendo assim o pensamento de que os apóstolos e profetas possam ser, em qualquer sentido, fundamento da igreja cristã. No entanto, essa posição extremada contradiz o uso rabínico comum, o qual não hesitava em chamar Abraão ou algum outro patriarca antigo de fundamento da fé e da comunidade judaicas. Abaixo oferecemos as diversas interpretações que têm sido expostas acerca do «fundamento»:

1. Alguns pensam que se trata do fundamento que *foi lançado*, isto é, *Cristo*. Porém, como pode Cristo ser, ao mesmo tempo, o alicerce e a principal pedra de esquina desse alicerce? Isso põe a ridículo a metáfora. Tal coisa simplesmente se desconhece em qualquer edificação.

2. Outros opinam que seria o *evangelho*, cujo tema é Cristo, esse seria o fundamento. Porém, apesar disso expressar certa verdade, dificilmente poderia tal coisa ser aplicada neste caso. Alguns eruditos assumem o mesmo ponto de vista quanto ao «fundamento» referido em Mat. 16:18; mas essa é outra opinião que labora em erro.

3. Existem eruditos que pensam estar em Efé. 2:20 o sentido possessivo, a saber, o alicerce *que pertence* aos apóstolos e profetas, que é *Cristo*. Cristo seria o alicerce tanto deles como nosso também. Naturalmente, isso é uma verdade, mas não é o que se deve destacar aqui, pois, uma vez mais, é impossível que o Senhor Jesus seja, ao mesmo tempo, o alicerce e a pedra de esquina.

4. Alguns acham que o fundamento é *revelação*, o assunto central da qual é Cristo.

5. Na realidade, esse «fundamento» se compõe dos próprios *apóstolos* e *profetas* (genitivo de aposição). Essa é a única interpretação que realmente faz sentido. O fundamento, neste caso, não pode ser a pessoa de Cristo, por ser ele apresentado como a pedra de esquina. *Nenhuma* pedra de esquina serve *igualmente* de alicerce. Além disso, visto que o templo se compõe de *pedras vivas*, o alicerce do templo dificilmente poderia ser uma «doutrina», o «evangelho» ou alguma «revelação», que não são pessoas, e que, portanto, não fazem parte de um templo vivo. Nenhuma outra interpretação teria sido apresentada não fora a suposta «necessidade dogmática» de fazer essa passagem reconciliar-se com o terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios.

Notemos que Pedro diz a mesma coisa, em I Ped. 2:4-6, onde Cristo é exibido como a principal pedra de esquina, eleita e preciosa. É quase certo, outrossim, que Pedro (em Mat. 16:18) é chamado de fundamento; e assim, o que ali é dito a respeito dele, aqui é dito a respeito de todos os apóstolos e profetas. Nada há de estranho nisso, porquanto a literatura rabínica falava da mesma maneira acerca dos grandes patriarcas judeus. (Ver o trecho de Apo. 21:14, onde os «nomes dos apóstolos» aparecem escritos nos «doze» alicerces à nova Jerusalém, o que certamente indica que eles serão os fundamentos daquela cidade (ver Mat. 16:18). Comparar a passagem de Efé. 2:20 com II Tim. 2:19, que diz: «Entretanto, o firme fundamento de Deus, permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem», —que certamente se refere aos «verdadeiros eleitos de Deus», os quais resistem a todas as tentações à infidelidade.

Não obstante, de maneira sem igual, Cristo é o único alicerce. Ele é o único sobre quem uma vida pode ser erigida; e é dessa maneira que a idéia de alicerce é usada no trecho de I Cor. 3:11. No entanto, quando está em foco a idéia de um templo feito de pedras vivas, pode haver «pedras fundamentais» nesse templo, sem que isso interfira na posição sem igual de Jesus Cristo. Outrossim, o fato de que ele aparece como a principal pedra de esquina, preserva sua posição sem-par, no templo místico.

Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular, Efé. 2:20. A idéia expressa aqui se estriba sobre as profecias messiânicas do A.T., concernentes a Cristo, que lhe atribuíam essa posição no templo vivo de Deus. (Ver Sal. 118:22 e Isa. 28:16). Além da presente passagem, os trechos de Ped. 2:6 e Atos 4:11, fazem referência a essa profecia. Cristo Jesus é aquela «pedra» que mantém unido o alicerce e que, ao mesmo tempo, sustenta as paredes, unindo-as ao alicerce, porquanto essa era a função da pedra de esquina.

Alguns intérpretes, entretanto, compreendem que o termo grego *akrogoniaios* (*pedra de esquina*) não indica a pedra do alicerce sobre a qual o edifício repousava, mas antes, a pedra colocada no alto do edifício, como sua coroa e sinal de estar completo. Assim é que a obra *Testamento de Salomão* (22:7) fala sobre a «grande pedra utilizando-se do mesmo vocábulo grego que aqui aparece que deveria ser posta no alto da esquina, para completar o templo de Deus». Se esse simbolismo tiver de ser preferido, então o templo é aqui representado como um produto terminado, do alicerce à pedra final. E, em Efé. 2:21, essa figura simbólica seria ainda ampliada, a fim de incluir a idéia de desenvolvimento, onde os crentes individuais se tornam parte do mesmo, desfrutando de progresso contínuo. A maioria dos intérpretes, contudo, prefere a idéia da principal pedra de esquina, posta no alicerce; e isso está mais de acordo com outras passagens bíblicas e com a idéia desta passagem, onde a pedra de esquina é mencionada juntamente com o alicerce, o que indica, segundo parece, sua íntima conexão, na forma de pedras de alicerce que «sustentam» a estrutura inteira. E isso pode ser comparado com Mat. 21:42, onde o Senhor Jesus relembrou aos oficiais religiosos do judaísmo que a pedra que fora rejeitada se tornara a «cabeça da esquina».

«A pedra 'akrogoniaios', neste caso, indica a pedra primária do alicerce, no ângulo da estrutura e mediante a qual o arquiteto fixava o padrão para as paredes principais e para as paredes cruzadas, em todo o edifício». (W.W. Loyd, em Efé. 2:20).

O fato de que Cristo é a principal pedra de esquina e que os apóstolos e os profetas perfazem o alicerce, mostra sua importância suprema e indispensável para a igreja, tanto naquilo que eram como naquilo que faziam. Porém, Cristo Jesus é quem dá por empréstimo o seu valor àqueles, o que significa que eram grandes somente por sua causa. Não obstante, os apóstolos e profetas são grandes, tal como todos os homens o são, uma vez que sejam transformados segundo a imagem de Cristo, já que participarão da sua própria natureza.

Profetas. Efé. 2:20. Também há controvérsias sobre o que esta palavra visa. Seriam 1. os profetas do A.T.? 2. os profetas do N.T.? ou 3. ambos? Bons intérpretes representam esses vários pontos de vista. A primitiva e ordinária interpretação dos pais da igreja é que estão aqui em foco os «profetas do A.T.» Isso está mais de acordo com o contexto geral, posto que a idéia inteira é que os gentios passaram a compartilhar dos privilégios da comunidade de Israel. Porém, a ordem das palavras, onde primeiramente são mencionados os «apóstolos», e depois os «profetas», talvez indique uma «ordem cronológica», o que significa que, nesse caso, os profetas aqui mencionados seriam aqueles do N.T. (Ver o artigo sobre os *Profetas do*

Novo Testamento). Na realidade, não dispomos de meios suficientes para dar solução a essa questão; mas, de conformidade com o contexto geral, parece melhor entendermos estarem em foco os profetas do A.T.

FUNDAMENTO, PORTA DO

A passagem de II Crônicas 23:5 é a única onde esse portão de Jerusalém é denominado dessa maneira, fazendo-o em conexão com a execução da usurpadora Atália (II Crô. 23:1-15). Também esse portão é chamado de «portão Sur» (vide), em II Reis 11:6. A Septuaginta, entretanto, chama-o de «portão dos caminhos». Alguns eruditos supõem que se trata da mesma «entrada dos cavalos» (II Crô. 23:15), que, mui provavelmente, era uma conexão entre o palácio real e o templo de Jerusalém. A tradição judaica afiança-nos que essa porta era chamada «do fundamento» porque ali é que os alicerces do santuário foram lançados pela primeira vez. Os judeus chamavam esse portão da cidade por nada menos de cinco designações diferentes.

FUNDIÇÃO

Ver sobre **Metais e Metalurgia.**

FUNERAIS

Ver o artigo sobre **Sepultamento, Costumes de.**

FUNG YU-LAN

Nasceu em 1895. Foi um filósofo chinês. Nasceu em Honã. Educou-se em Pequim e na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos da América do Norte. Tem ensinado nas Universidades de Pequim e Southwest Associated. Tem servido como deão em ambas essas universidades.

Idéias:

1. Ele aceita e ensina os quatro pontos fundamentais do confucionismo: o princípio, a força material, o *Tao* e o Grande Todo. Ver o artigo separado sobre o *Confucionismo*.

2. Visto que as coisas realmente existem, elas devem seguir certos princípios nativos à própria existência. Esses princípios são universais, reais, embora nem sempre factuais, ou seja, quando não estão incorporados.

3. O universo encontra-se em um processo de transformações constantes, renovando-se diariamente. Seria um fluxo evolutivo que serviria ao céu.

4. O alvo da vida é servir ao céu, onde estão os universais e as realidades superiores. Os estágios desse serviço são: a. a inocência, onde o indivíduo não tem consciência do que está fazendo, e nem com que propósito; b. um período utilitarista, autobeneficente; c. o serviço moral, mediante o qual o indivíduo beneficia à sociedade; d. uma esfera transcendental, quando o indivíduo torna-se um cidadão do céu, sendo então capaz de servir a princípios mais altos, chegando até a participar da vida divina.

Escritos. History of Chinese Philosophy; The New Rational Philosophy; China's Road to Freedom; A New Treatise of the Way; A New Treatise on the Nature of Man; The Spirit of Chinese Philosophy; A New Treatise on the Methodology of Metaphysics; a Short History of Chinese Philosophy.

••• ••• •••

FURTO

Ver sobre **Crimes e Punições.**

No hebraico, *ganab*, «furtar», vocábulo que ocorre por trinta e nove vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 30:33; 31:19,20,26,27,30,32,39; 44:8; Êxo. 20:15; Lev. 19:11; Deu. 5:19; 24:7; Jos. 7:11; II Sam. 19:41; II Reis 11:2; II Crô. 22:11; Jó 27:20; Pro. 6:30; 9:17; Jer. 7:9; 23:30; Osé. 4:2; Oba. 5; Zac. 5:3. No grego temos a palavra *klépto*, «furtar», usada por onze vezes: Mat. 6:19,20; 19:18 (citando Êxo. 20:13,15); 27:64; 28:13; Mar. 10:19; Luc. 18:20; João 10:10; Rom. 2:21; 13:9 (citando Êxo. 20:14,15); Efé. 4:28.

Furtar é um dos pecados humanos mais comuns. Algumas vezes os homens furtam por autêntica necessidade; mas, na maioria das vezes, furtam por motivo de sua preguiça, ou porque gostam mesmo de furtar, devido a uma atitude mental distorcida. Há pessoas que furtam quando não têm necessidade disso, porquanto querem enriquecer mais ainda, mesmo que já tenham o bastante. O ladrão apossa-se daquilo que não lhe pertence, que é propriedade de outrem. Esse furto pode ser de bens materiais, de afeições, de tempo, etc., através de meios ilegítimos. Existe o furto espiritual, não meramente de coisas materiais. Assim, pode-se furtar a fé de uma pessoa, como também sua moralidade, sua autoconfiança, seu auto-respeito, seus direitos e não apenas suas possessões.

1. O mandamento que proíbe o furto faz parte da legislação mosaica original. Ver sobre os *Dez Mandamentos*. O Antigo Testamento inclui proibições referentes ao furto, ao dano às propriedades e ao mau uso das propriedades ou objetos pertencentes ao próximo (ver Êxo. 21:33,34; 22:5,6; 22:4,7,9; 20:15; Gên. 31:31; II Sam. 23:21).

2. O furto é uma abominação (Jer. 7:9,10), sobretudo quando praticado contra os pobres (Pro. 22:22). Nesse aspecto está incluída a fraude (Lev. 19:13).

3. Não pagar salários justos é um furto (Lev. 19:13; Tia. 5:4).

4. O furto é um pecado que contamina os culpados (Mat. 15:20).

5. Os ímpios são inclinados ao furto (Sal. 119:61); a cobiça promove o furto (Amós 3:10).

6. Aqueles que consentem com o furto também tornam-se culpados (Jó 24:14; Oba. 5).

7. Geralmente quem furta também mata (Jer. 7:9; Osé. 4:2).

8. Paira uma maldição sobre o ladrão (Osé. 4:2,3; Mal. 3:5). O furto provoca a ira de Deus (Eze. 22:29,31).

9. O pecado do roubo é um daqueles vícios que exclui as pessoas do reino celestial (I Cor. 6:10).

10. Os tesouros celestes não estão sujeitos ao furto (Mat. 6:20).

11. Aqueles que se convertem à fé cristã não somente não deveriam mais furtar, como também deveriam suprir aos seus semelhantes o necessário, em atos de caridade (Efé. 4:28): «Aquele que furtava, não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado».

FUSO

Ver sobre **Fiação.**

FUSTIGAÇÃO

Ver sobre **Crimes e Castigos.**

FUTURO

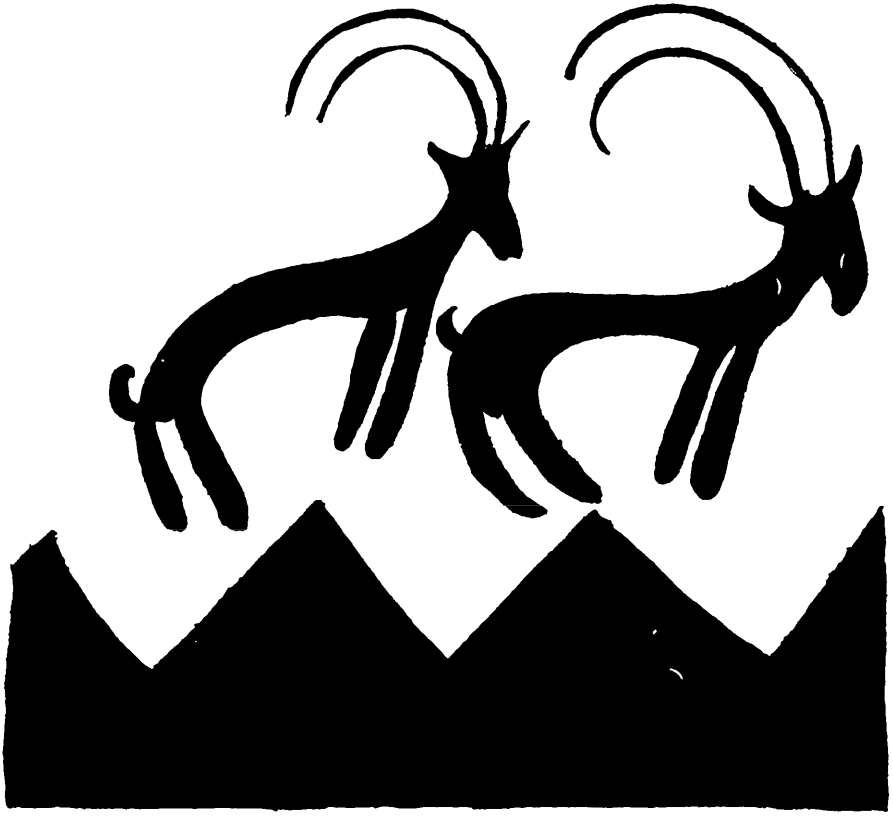
Ver os artigos sobre **Tempo e Espaço, Filosofia do** e também sobre *Espaço*. Ver também sobre *Profecia; Tradição da, e a Nossa Época*.

O futuro, juntamente com o passado e o presente, é uma das designações gerais, indicativas do tempo. O *determinismo* (vide) ensina que o conteúdo do futuro foi determinado de antemão, ao mesmo tempo em que o indeterminismo acredita que o futuro é livre e pode ser modificado por qualquer curso de ação que tome um rumo diferente no presente. Alguns filósofos têm asseverado que tanto o futuro quanto o passado podem ser alterados, dependendo da natureza do presente. Nesse caso, o passado estaria em um estado de fluidez, dependendo da natureza do presente. E, nesse caso, então, o nosso conceito do tempo precisa ser radicalmente revisado. De acordo com certas evidências, a *mecânica quantum* mostra que, algumas vezes, os efeitos podem surgir antes das causas. O problema do tempo está muito envolvido nos conceitos do determinismo e do livre-arbítrio (vide), como também na profecia.

De acordo com certos filósofos, o futuro já existe; mas, visto que está oculto de nossa percepção, parece jazer à frente, aguardando a seqüência dos acontecimentos. Se concebermos o passado, o presente e o futuro como uma estrada que se prolonga por certa distância, e supormos que podemos elevar-nos acima do nível da estrada, vendo-a assim em toda a sua extensão, então poderemos pensar que o passado, o presente e o futuro são um todo integrado; e também que as nossas designações de passado, presente e futuro são apenas conveniências e pontos de perspectiva, e não verdadeiras designações de tempo. Há um sentido em que o presente tanto é passado quanto é futuro. Se os ciclos se repetem, conforme ensinavam os estóicos, então o tempo é circular e repetitivo, e não linear. O hoje do presente é um passado e um futuro, um ponto do ciclo que pode ser experimentado em diferentes contextos.

FUTURO, VIDA DO

Ver o artigo sobre a *Imortalidade*. Ver também sobre *Escatologia; Profecia: Tradição da, e a Nossa Época; Vida Eterna* e *Julgamento*.



Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

Arte egípcia — 4000 A.C., antílopes